FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – FGV CPDOC

AMANDA DOS SANTOS LEMOS

DAS SENZALAS, AOS QUARTINHOS, DAS CASAS AOS ABRIGOS: REFLEXÕES SOBRE COMO ENVELHECEM AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NEGRAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Rio de Janeiro
2023

AMANDA DOS SANTOS LEMOS

DAS SENZALAS, AOS QUARTINHOS, DAS CASAS AOS ABRIGOS: REFLEXÕES SOBRE COMO ENVELHECEM AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NEGRAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Tese para obtenção do grau de doutora apresentada à Escola de Ciências Sociais

Área de concentração: Memória e cultura

Orientadora: Profa. Dra. Sílvia Monnerat

Rio de Janeiro
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas/FGV

Lemos, Amanda dos Santos

Das senzalas, aos quartinhos, das casas aos abrigos: reflexões sobre como envelhecem as trabalhadoras domésticas negras no Brasil contemporâneo / Amanda dos Santos Lemos. - 2023.

383 f.

Tese (doutorado) – Escola de Ciência Sociais da Fundação Getulio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.

Orientador: Sílvia Monnerat.

Inclui bibliografia.

1. Envelhecimento – Aspectos sociais. 2. Empregados domésticos. 3. Mulheres – Emprego - Brasil. 4. Negras. I. Barbosa, Silvia Monnerat. II. Escola de Ciência Sociais da Fundação Getulio Vargas. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. III. Título.

CDD – 331.481

Elaborada por Marcelle Costal de Castro dos Santos– CRB-7/016/20

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
DOUTORADO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL

AMANDA DOS SANTOS LEMOS

"DAS SENZALAS, AOS QUARTINHOS, DAS CASAS AOS ABRIGOS: REFLEXÕES SOBRE COMO ENVELHECEM AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NEGRAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO''.

TESE APRESENTADA AO CURSO DE DOUTORADO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTORA EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS.

DATA DA DEFESA: 09/10/2023

ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE DA COMISSÃO EXAMINADORA: PROFª SILVIA MONNERAT BARBOSA

<ASSINADO ELETRONICAMENTE>
PROFª SILVIA MONNERAT BARBOSA
ORIENTADORA

<ASSINADO ELETRONICAMENTE>
PROFª DÓRIS FIRMINO RABELO
MEMBRO EXTERNO

<ASSINADO ELETRONICAMENTE>
PROFª CAROLINA GONÇALVES ALVES
MEMBRO INTERNO

<ASSINADO ELETRONICAMENTE>
PROFª YNAÊ LOPES DOS SANTOS
MEMBRO EXTERNO

<ASSINADO ELETRONICAMENTE>
PROFº JOÃO MARCELO EHLERT MAIA
MEMBRO INTERNO

RIO DE JANEIRO, 09 DE OUTUBRO DE 2023.

<ASSINADO ELETRONICAMENTE>
PROFº CELSO CORRÊA PINTO DE CASTRO
DIRETOR

<ASSINADO ELETRONICAMENTE>
PROFº ANTONIO DE ARAUJO FREITAS JUNIOR
PRÓ-REITOR DE ENSINO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

D4Sign de35d961-f32c-4c33-9b4b-ae3f8573c7fc - Para confirmar as assinaturas acesse https://secure.d4sign.com.br/verificar
Documento assinado eletronicamente, conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.

Dedico esta tese ao amor da minha vida,

Maria Terezinha Lemos.

AGRADECIMENTOS

São tantos agradecimentos e sentimentos que não sei ao certo como começar, mas, acho que seguirei o protocolo. Dou início agradecendo a Deus e aos meus ancestrais que me trouxeram até aqui. Não foi fácil, mas, consegui(mos).

À FGV/CPDOC que aceitou aquele incipiente projeto de pesquisa no processo seletivo de 2018/2019, dando-me a oportunidade de chegar aqui.

À minha orientadora, amiga e parceira, *Profa. Dra. Sílvia Monnerat*, que não só orientou, como incentivou e me deu liberdade para escrever o trabalho que eu desejei. Maravilhosa, você foi incrível! Obrigada por tudo!

Aos professores que aceitaram e integraram minha Banca de Qualificação *Profa. Dra. Dóris Rabelo*, *Profa. Dra. Jurema Brites*, *Profa. Dra. Maria Elvira Dias* e *Prof. Dr. João Marcelo Maia*, suas ponderações ampliaram meu olhar sobre o objeto, me permitindo ir além e explorar ao máximo as respostas trazidas do campo.

À CAPES e a FAPERJ pela concessão das bolsas de incentivo que me deram a tranquilidade material necessária para investir todo tempo e energia na realização da pesquisa. Incentivar à pesquisa é investir no futuro.

Agradeço ainda, as instituições de acolhimento institucional por onde passei, como profissional, e que me permitiram encontrar mulheres tão fortes e histórias tão marcantes que originaram minha tese de doutorado. *Elisete, Norma* e *Ivone* obrigada! Sei que vocês não estão mais aqui, mas, suas histórias, suas vidas serão conhecidas por muitas pessoas e, espero, que possam transformar a forma como elas veem o trabalho doméstico remunerado.

Aproveito ainda, para agradecer nossas interlocutoras, que tão gentilmente, compartilharam histórias, dores e conquistas e que tornaram (de fato) possível a realização deste estudo. Este trabalho é para vocês, sobre vocês e feito com vocês! Espero que tenha feito jus a grandiosidade de suas histórias. Obrigada!

Finalmente, agradeço àqueles que estiveram nos bastidores, mantendo vivida a confiança de que seria possível.

À mulher preta mais fantástica que já passou pelo Ayer, minha mãe, *Maria Terezinha Lemos*, responsável pela pessoa que me tornei, pela minha vida acadêmica, por eu acreditar que poderia ser doutora. Uma pena você não estar aqui fisicamente para ver esse dia, mas, sem dúvida no Orun você está em festa. Para você sempre, sobre você desde sempre e com você para sempre...

Ao meu saudoso Jubileu, *João dos S. Lemos*, meu pai, que partiu de volta para o Orun no meio desse processo, mas, sei que esteve junto até o seu fim. Obrigada por financiar meus primeiros anos de ensino e por torcer por mim, ainda que do seu jeito.

A minha família, mas, especialmente aos meus tios queridos, *Paulo César* e *Aparecida Faustino*, ao meu amado afilhado *Renan Silvério* e sua esposa e queridíssima comadre *Lia Faustino*, vocês foram e são incríveis!!! Obrigada por tanto. Agora, poderei voltar a frequentar as reuniões de família...

Existe uma filosofia africana que chama Ubuntu e significa "minha existência conectada à do outro". Esse doutorado não é só meu, é de muita gente, de muitos que acreditaram, que torceram e que desejaram essa defesa tanto quanto eu. Minhas amigas, amigos, as famílias dos meus amigos e amigas, os amigos e amigas dos meus amigos e amigas, "*tudo, tudo, tudo que nós tem é nós*". OBRIGADA!!! Eu nem sei o que teria sido sem vocês. Gostaria de agradecer a todos, mas, especialmente, à minha irmã de vida *Geane Martins*, nos últimos 29 anos, nos tornamos muita coisa, inclusive, incentivadoras uma da outra. Obrigada por estar comigo no bom e no ruim, na prosperidade e na dificuldade, no 2º grau e no doutorado. Ao melhor amigo que o curso de Serviço Social me deu, *Sérgio Espínola*, luz e alegria pungente ao meu lado por todos esses anos. Obrigada amigo! É babado! A Profa. Dra. *Lobelia Faceira* e, toda a família Faceira. Profa. *Lobelia* foi minha professora na graduação e se tornou minha grande amiga, mas, mais que isso, sempre foi inspiração e motivação. Ah amiga, obrigada por tudo... Minhas amigas de infância, em ordem alfabética para não ter confusão, *Neilane Machado*, *Susana Ulrichsen* e *Thalita Medeiros*, obrigada por nossos cafés de senhoras, bálsamo para muitas dificuldades passadas, vocês são umas queridas. Minhas "irmãs cajazeiras" *Leiliane e Luciana Almeida*, obrigada pela amizade, companheirismo, partilha e torcida.

À *Anna Cristina Almeida*, *Daniela Araújo* e *Viviane Lima*, o tom da nossa pele nos aproximou e a amizade nos uniu. Foi uma honra passar por essa montanha russa de emoções com vocês. Vocês são as "*barbies pretas*" mais legais dessa FGV.

À minha psicóloga, Mirtes Lima, a psicóloga negra mais maravilhosa que a zona oeste do Rio de Janeiro conhece. Mirtes, mais querida, obrigada por cuidar tão bem de mim e da minha saúde mental. Às equipes de trabalho das quais faço parte e que sempre me apoiaram e torceram por esse momento: *Casa de Repouso Cantinho Quemuel*, *Instituto Dara* e *Universidade Cândido Mendes*, obrigada pela paciência e pelo incentivo, sempre presentes. E àqueles que já não tenho mais o convívio diário da rotina de trabalho, mas, que seguiram sendo companheiros/as e apoiaram a minha escolha, obrigada!

Por fim, agradeço às minhas queridas (ex)alunas. Seria injusto nomeá-las e correr o risco de esquecer alguém, pois nesses anos de docência, acumulei muito mais que experiência profissional, conquistei grandes amigas, que estão comigo na alegria e na tristeza e, que hoje celebram mais essa conquista.

Na rua me chamam de gostosa
E o gringo acha que eu nasci pra dar
No postal mais vendido em qualquer loja
Tô lá eu de costas contra o mar
Falam que meu cabelo é ruim
É bombril, toin-oin-oin, é pixaim
O olhar tipo porta de serviço
É um míssil invisível contra mim
Sou criola
Neguinha, mulata e muito mais, camará!
Minha história
É suada igual dança no Ilê
Ninguém vai me dizer o meu lugar
Sou Zezé, sou Leci
Mercedes Baptista, Ednanci
Aída, Ciata
Quelé, Mãe Beata e Aracy
Pele preta nessa terra
É bandeira de guerra porque eu vi
Se é Conceição ou Dandara
Pra matar preconceito, eu renasci
(Grupo Arruda)

RESUMO

O objeto desta tese é o envelhecimento de trabalhadoras domésticas negras. O ponto de partida para esta construção foi a experiência empírica em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), onde foi possível observar repetidos casos de trabalhadoras domésticas envelhecidas e deixadas na instituição pelas famílias empregadoras, tão logo perderam a capacidade laboral. Aquelas mulheres compartilhavam uma outra característica além do gênero, porém, a raça era comum a todas elas. Todas tinham a pele escura, o cabelo crespo, lábios e narizes largos. O envelhecimento humano é um processo natural e biológico, que os indivíduos vivenciam progressivamente, mas, a maneira como ele será experimentado depende de muitos outros fatores, sociais, culturais, políticos, econômicos e históricos. A questão é como esses fatores incidirão sobre esse processo e determinarão se a velhice será alcançada e sendo, como essa fase da vida será experimentada pelos indivíduos. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que a velhice no Brasil é feminina, mas, não negra. Pessoas negras ainda buscam o direito à velhice, já que muitos negros e negras morrem precocemente, pelos mais diferentes fatores, muitos deles, relacionados ao racismo institucional que impregna instituições e relações no nosso país. Um fato inquestionável, é que mulheres negras vivenciam, dá mais tenra idade à velhice, uma série de violações, humilhações e privações. Esse mesmo IBGE, aponta que mulheres negras seguem, ainda hoje, sendo maioria no trabalho doméstico remunerado, o que não pode ser considerado, exatamente, uma novidade, pois isso acontece desde o pós-abolição da escravidão negra, o que nos traz novamente ao nosso objeto. Assim como as "*mães pretas*" que serviam à Casa Grande, cuidando dos afazeres domésticos, das crianças e dos mais vulneráveis e ao final de extenuantes jornadas de trabalho, retornavam para as senzalas, muitas trabalhadoras domésticas hoje vivem em cubículos, que chamam de "*quartinho de empregada*", retornam esporadicamente para suas casas, em longos e sinuosos trajetos, passam a vida servindo e cuidando, algumas abdicam de suas próprias vidas pela dedicação a vida do outro e, quando se veem velhas, são obrigadas a retomarem vínculos que, muitas vezes, não existem mais por terem optado, conscientemente ou não, por sua "*quase da família*" e deverão então, seguir para terminar suas vidas em ILPIs. É a partir desse cenário que procuramos compreender como envelhecem as trabalhadoras domésticas negras no Brasil contemporâneo. Nesta tese tratamos do envelhecimento negro, de gênero, de raça e direitos, mas, prioritária e especialmente de histórias de vidas.

Palavras-chaves: Envelhecimento – Trabalho Doméstico Remunerado – Gênero – Raça – Classe Social – Geração

ABSTRACT

The subject of this thesis is the ageing of black domestic workers. The starting point for this construction was the empirical experience in Long Stay Institutions for the Elderly (ILPIs), where it was possible to observe repeated cases of aging domestic workers left in the institution by their employers' families as soon as they lost their ability to work. These women shared another characteristic apart from their gender, but their race was common to all of them. They all had dark skin, frizzy hair, wide lips and noses. Human ageing is a natural and biological process that individuals experience progressively, but the way in which it is experienced depends on many other social, cultural, political, economic and historical factors. The question is how these factors will affect this process and determine whether old age will be reached and, therefore, how this phase of life will be experienced by individuals. Data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) shows that old age in Brazil is female, but not black. Black people are still seeking the right to old age, as many black men and women die early due to a wide variety of factors, many of them related to the institutional racism that permeates institutions and relationships in our country. There is no question that black women experience a series of violations, humiliations and deprivations from an early age to old age. The same IBGE points out that black women are still the majority in paid domestic work, which can't exactly be considered a novelty, as this has been happening since the post-abolition of black slavery, which brings us back to our subject. Just like the "black mothers" who served the Casa Grande, taking care of the household chores, the children and the most vulnerable, and at the end of exhausting working hours, returned to the slave quarters, many domestic workers today live in cubicles, which they call "maid's quarters", returning sporadically to their homes, They spend their lives serving and caring, some give up their own lives to dedicate themselves to the lives of others and, when they get old, they are forced to re-establish links that often no longer exist because they have consciously or not opted for their "almost family" and must then go on to end their lives in ILPIs. It is against this backdrop that we seek to understand how black domestic workers age in contemporary Brazil. In this thesis we deal with black ageing, gender, race and rights, but primarily and especially with life stories.

Keywords: Ageing – Paid domestic work – Gender – Race – Social class – Generation

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Definições de envelhecimento ao longo do tempo (1959-2008)
Gráfico (IPEA) população residente, segundo sexo e os grupos de idade %
Índice de envelhecimento para o Brasil e o mundo: 1950-2100
Ondas do envelhecimento da população brasileira, grupos etários: 1950-2100
Perfil das entrevistadas
4 áreas de ação da década do envelhecimento saudável

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

CPF – Cadastro de Pessoa Física

COVID-19 – Corona Vírus Disease

CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social

CTPS – Carteira de Trabalho e Previdência Social

DETRAE – Divisão de Fiscalização para Erradicação do Trabalho Escravo

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

DNA – Ácido desoxirribonucleico

EPI – Equipamento de Proteção Individual

EUA – Estados Unidos da América

FENATRAD – Federação de Trabalhadoras Domésticas

FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

FGV – Fundação Getúlio Vargas

ILPI – Instituição de Longa Permanência para Idosos

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual e outras orientações sexuais

LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego

MPTE – Ministério Público do Trabalho e Emprego

PEC –Proposta de Emenda à Constituição

Pnad – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNAS – Políticas Nacional de Assistência Social

PT – Partido dos Trabalhadores

OIT – Organização Internacional do Trabalho

OMS – Organização Mundial de Saúde

RG – Registro Geral

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13
Sobre a motivação 15
O caminho metodológico 22
As senhoras da história 36
1. ENTRE O "*QUASE DA FAMÍLIA*" E O QUASE DA SENZALA: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO NO BRASIL PÓS ABOLIÇÃO 46
1.1.87 ANOS TRABALHANDO EM "CASA DE FAMÍLIA" – A VIDA DE *IVONE LARA* 48
1.2."MULHER PRETA NO BRASIL É NATURALMENTE COBRADORA DE ÔNIBUS, PUTA OU EMPREGADA" – 4 MILHÕES DE MULHERES NEGRAS NO TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO 75
2. DIVERSIDADE HUMANA E ENVELHECIMENTO: A VELHICE DE "ELISETE" 93
2.1. QUEM É VELHO E QUEM É IDOSO NA NOSSA SOCIEDADE? 97
3. DIREITOS FUNDAMENTAIS E DIREITOS TRABALHISTAS: A LUTA DE "*NORMA*" PELO DIREITO DE EXISTIR 129
3.1. UMA VIDA DE VIOLAÇÕES E OUTROS AGRAVANTES 130
3.2. COVID-19 E TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO – ESTIVEMOS NO MESMO MAR, MAS NÃO NO MESMO BARCO 148
4. OS RUMOS DO CUIDADO COMO TRABALHO E POLÍTICA PÚBLICA – SEGUIREMOS ACREDITANDO NO CUIDADO COMO CAROLINA 166
4.1. O LUGAR DO CUIDADO NA EXISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS: REFLEXÕES SOBRE AFETO E CUIDADO, INVISIBILIDADE E RENÚNCIA 168
4.2. POLÍTICAS PÚBLICAS DE CUIDADO E ASSISTÊNCIA PARA VELHICES PLURAIS .. 191
CONSIDERAÇÕES FINAIS 198
REFERÊNCIAS 207
ANEXOS 222
Anexo A e B - Roteiro de entrevistas
Anexo C - Compilado das entrevistas transcritas
Anexo D - Carta Manifesto das filhas e filhos de empregadas (os) domésticas (os) e diaristas
Anexo E - Manifesto por uma política nacional de cuidados que enfrente as desigualdades pautada no bem viver

INTRODUÇÃO

Mesmo depois de abolida a escravidão
Negra é a mão de quem faz a limpeza
Lavando a roupa encardida, esfregando o chão
Negra é a mão
É a mão da pureza
Chico Buarque

Falar sobre o trabalho doméstico, remunerado ou não, é recorrente em nossa sociedade, seja pela luta feminista, que busca igualdade entre homens e mulheres, seja pela luta trabalhista, que busca direitos e garantias para os/as trabalhadores/as domésticos/as, fato é que o trabalho doméstico é pauta. Embora seja um tema bastante discutido, somente mais recentemente as produções acadêmicas vem introduzindo o recorte racial ao debate, mas, ainda são poucas as produções que relacionam o trabalho doméstico com o recorte etário, especialmente, sobre a velhice.

Para nós, a questão étnico racial é central para analisarmos e compreendermos as contradições e aviltamentos, historicamente, presentes no trabalho doméstico remunerado, aquele que segue subalternizado e desvalorizado, mesmo sendo fundamental para manutenção dos processos de produção.

Partimos do entendimento que o trabalho doméstico remunerado é ocupação laboral formal e, portanto, deveria ser tratado como tal, no entanto, isso ainda não acontece. Mesmo com a tardia promulgação da Lei que regulamenta a profissão – a Lei Complementar nº 150, de 1º de jun. de 2015 – as trabalhadoras domésticas seguem lutando pelo reconhecimento e cumprimento dos direitos trabalhistas conquistados, visto que a classe dominante "tem a impressão que o governo está interferindo um pouco mais do que o tolerável na relação entre empregado e empregador no trabalho doméstico" (Leão, 2013).

Por trabalhadores/as domésticos/as entende-se:

> Considera-se empregado(a) doméstico(a) aquele(a) maior de 18 anos que presta serviços de natureza contínua (frequente, constante) e de finalidade não-lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas. Assim, o traço diferenciador do emprego doméstico é o caráter não-econômico da atividade exercida no âmbito residencial do(a) empregador(a). Nesses termos, integram a categoria os(as) seguintes trabalhadores(as): cozinheiro(a), governanta, babá, lavadeira, faxineiro(a), vigia, motorista particular, jardineiro(a), acompanhante de idosos(as), entre outras. O(a) caseiro(a) também é considerado(a) empregado(a) doméstico(a), quando o sítio ou local onde exerce a sua atividade não possui finalidade lucrativa. (Brasil, 2015).

O fato de ser exercido, esmagadoramente, por mulheres e essas mulheres serem, predominantemente negras, dá o tom para as discussões que seguirão este trabalho. Mesmo tendo

como objetivo verificar como essas mulheres, negras e trabalhadoras domésticas envelhecem, categorias como raça, racismo, gênero, sexismo, serão invocadas a todo momento, como categorias analíticas necessárias para dirimir as questões que determinaram a realização desta pesquisa e outras que se apresentaram durante sua realização.

Um ponto que merece destaque e mereceu nossa atenção máxima foi a pandemia causada pelo coronavírus e seu impacto no trabalho doméstico remunerado. Sem dúvidas, ninguém poderia imaginar uma pandemia de proporções globais em pleno século XXI, entretanto, mais inimaginável foi o que as trabalhadoras domésticas passaram. Talvez, não tão inimaginável quando percebemos o trabalho doméstico remunerado como descendente direto do trabalho escravo. Mas, talvez a pandemia tenha jogado luz sobre a máquina de moer gente que é o trabalho doméstico remunerado no Brasil contemporâneo. Bem verdade, a pandemia só escancarou a desvalorização e desproteção as quais os/as trabalhadores/as domésticas estão sujeitos/as no Brasil e, ampliou o debate sobre as situações de aviltamento e desrespeito que a categoria vivencia historicamente. A verdade é que "no meio da nossa sociedade existe um Brasil notado por poucos. Um Brasil formado por pessoas que, apesar de morar dentro de sua casa e fazer parte de seu dia a dia, vivem como se lá não estivessem."[1]

Assim, o objeto deste estudo é *o envelhecimento de trabalhadoras domésticas negras no Brasil contemporâneo.* Buscamos aqui, compreender como essas mulheres vivem e experimentam a velhice, como fatores estruturais, alheios a suas vontades, determinam seu envelhecimento e velhice, como o trabalho doméstico remunerado, atravessado por diferentes marcadores sociais, capitania suas vidas e a maneira como a velhice é vivenciada.

Esta tese é sobre essas mulheres e foi elaborada ouvindo essas mulheres, mas, não é para essas mulheres, esta tese é para aqueles que ainda não reconhecem a importância do trabalho doméstico para manutenção de suas vidas, para aqueles que não acreditam que o Brasil é um país racista e sexista, para aqueles que têm "uma moça que ajuda aqui em casa", é para os nossos amigos, colegas de trabalho, enfim, para a sociedade brasileira.

As páginas que se seguem trazem 4 anos de mergulho em um universo multifacetado, contraditório e cheio de (im)possibilidades, um compilado de histórias de vida que aconteceram no e para o trabalho doméstico remunerado, vidas tão inacreditáveis quanto reais, versões atualizadas de um dos capítulos mais tristes da humanidade, imprimindo resiliência e ancestralidade em suas trajetórias.

[1]Disponível em: Domésticas - 08/09/2023 - 19:00 - Sesc Paraná (sescpr.com.br). Acessado em 20 de nov. de 2018.

Sobre a motivação

Como dito, este é um trabalho sobre velhices, mas, também, é um trabalho sobre gênero, raça e histórias de vidas. Versa sobre vidas de pessoas que abdicaram de ser, de estar, de viver, para se dedicar ao cuidado do outro, muitas vezes, abdicando de cuidar de si e dos seus. É uma pesquisa sobre o *trabalho doméstico remunerado* e como suas trabalhadoras o viveram ou sobre o que ele trouxe para elas; sobre uma forma de trabalho desvalorizado, estigmatizado e servil. É sobre a história do Brasil e como os valores que fundamentaram nossa formação como sociedade/nação seguem vívidos e permeando as relações sociais e pessoais. É um estudo sobre mulheres negras e como elas sobrevivem ao *racismo*, ao *machismo*, ao *sexismo*, a *pobreza* e o *etarismo*[2]. É um trabalho sobre histórias de vida e sobre como essas vidas impactam outras vidas.

Eu pesquisadora, sou uma mulher negra, madura, assistente social[3], escolhi essa carreira por acreditar que a profissão me ajudaria a compreender as injustiças sociais que observava na adolescência. Passados 19 anos da minha formatura, cá estamos.

Assim como em Peirano (1995, p. 22), este trabalho parte da perspectiva de que "[...] a experiência de campo depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas dentro da disciplina, do contexto sócio-histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram, no dia a dia".

Das diferentes áreas de atuação e instituições por onde passei, a que mais me identifiquei e por mais tempo atuei, foi nas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), trabalhando com pessoas idosas[4], acolhidas nessas instituições.

As ILPIs "[...] são instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinadas ao domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar e em condições de liberdade, dignidade e cidadania"[5], trata-se de

[2] Todos esses termos serão mais bem explicados no momento oportuno.

[3] Conclui o curso de bacharel em Serviço Social, em 2004, pela Universidade Castelo Branco, universidade privada localizada na zona oeste, do município do Rio de Janeiro, para onde retornaria, posteriormente, na condição de professora do mesmo curso. Em 2010, obtive o grau de Mestre em Serviço Social, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Grandes insurgências, que me afastam da realidade das mulheres objeto da pesquisa, mas, que fizeram eu me reconhecer como um corpo racializado, em uma sociedade racista.

[4] Esclarecemos que: "foi sancionado o Projeto de Lei nº 3.646, de 2019, que altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 - Estatuto do Idoso, para substituir, em toda a Lei, as expressões 'idoso' e 'idosos' pelas expressões 'pessoa idosa' e 'pessoas idosas', respectivamente.
Segundo a justificativa do projeto de lei, o termo "pessoa" lembra a necessidade de combate à desumanização do envelhecimento. Essa terminologia reflete a luta dessas pessoas pelo direito à dignidade e à autonomia. (Disponível em: Lei altera o nome do Estatuto do Idoso para Estatuto da Pessoa Idosa — Secretaria-Geral (www.gov.br). Acessado em 20 de mai. de 2023).

[5] Dados disponíveis em: Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) — Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa (www.gov.br). Acessado em 20 de mai. de 2023.

equipamentos previstos pela Política Nacional de Assistência Social (PNAS), voltados para o acolhimento institucional de pessoas idosas.

A Tipificação dos Serviços Socioassistenciais, importante documento técnico, que descreve os serviços oferecidos pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS), resguardando os níveis de proteção e complexidade, previstos na PNAS, trata o acolhimento institucional de pessoas idosas, entendendo as ILPIs como abrigos institucionais que devem prestar o seguinte serviço:

> Acolhimento para idosos com 60 anos ou mais, de ambos os sexos, independentes e/ou com diversos graus de dependência. A natureza do acolhimento deverá ser provisória e, excepcionalmente, de longa permanência quando esgotadas todas as possibilidades de autossustento e convívio com os familiares. É previsto para idosos que não dispõem de condições para permanecer com a família, com vivência de situações de violência e negligência, em situação de rua e de abandono, com vínculos familiares fragilizados ou rompidos. Idosos com vínculo de parentesco ou afinidade – casais, irmãos, amigos etc., devem ser atendidos na mesma unidade. Preferencialmente, deve ser ofertado aos casais de idosos o compartilhamento do mesmo quarto. Idosos com deficiência devem ser incluídos nesse serviço, de modo a prevenir práticas segregacionistas e o isolamento desse segmento. O serviço de acolhimento institucional para idosos pode ser desenvolvido nas seguintes modalidades:
> 1. Atendimento em unidade residencial onde grupos de até 10 idosos são acolhidos. Deve contar com pessoal habilitado, treinado e supervisionado por equipe técnica capacitada para auxiliar nas atividades da vida diária;
> 2. Atendimento em unidade institucional com característica domiciliar que acolhe idosos com diferentes necessidades e graus de dependência. Deve assegurar a convivência com familiares, amigos e pessoas de referência de forma contínua, bem como o acesso às atividades culturais, educativas, lúdicas e de lazer na comunidade. A capacidade de atendimento das unidades deve seguir as normas da Vigilância Sanitária, devendo ser assegurado o atendimento de qualidade, personalizado, com até quatro idosos por quarto. (Brasil, 2009, p.46).

Ao longo de minha trajetória profissional, exerci funções em duas instituições públicas e, atualmente, em uma instituição privada. As duas primeiras são administradas pelo governo do Estado do Rio de Janeiro, o que de acordo com a legislação vigente é uma contradição, pois, esse tipo de equipamento deveria ser gerido pelo governo municipal.

A primeira, de grande porte, chegou a abrigar 300 pessoas idosas, simultaneamente, durante os 7 anos em que lá trabalhei. Fica localizada na zona norte da cidade, um território conflagrado, marcado pela violência urbana, incursões policiais e disputas entre grupos criminosos. Embora o clima de insegurança fosse presente e, em momentos de maior tensão a presença da criminalidade tenha sido palpável, nesse período, usuários ou funcionários nunca foram efetivamente ameaçados.

Já a segunda instituição, onde fiquei por mais 2 anos, era de pequeno porte, atendia 71 pessoas idosas, sem a possibilidade de novos ingressos, por determinação judicial. Ficava localizada numa região muito afastada da zona oeste da cidade, com características de cidades pequenas, isso tornava sua operação mais complexa, em função da localização geográfica da unidade. Mas,

independentemente, da localização ou do tamanho, o que se observava nas duas instituições *públicas* era um aglomerado de homens e mulheres, destituídos, despossuídos e desprestigiados, entregues as providências públicas para manutenção de suas vidas.

Já a instituição privada, onde trabalho como assistente social nos últimos 2 anos, acolhe os mesmos sujeitos desprestigiados, mas, não tão destituídos e despossuídos. Essa instituição também fica em um lugar distante do centro da cidade, em uma região rural, na zona oeste do município do Rio de Janeiro. Também é de pequeno porte, tem capacidade para atender 12 pessoas idosas de ambos os sexos, já tendo acolhido simultaneamente, 15 pessoas idosas. É possível observar nesse espaço, *privado*, que mesmo em se tratando de indivíduos desprestigiados social e afetivamente, são pessoas que preservam vínculos familiares e que conseguem, muito mais facilmente, acessar serviços e direitos, começando pelo próprio acolhimento institucional.

Nas instituições *públicas*, o público atendido é, majoritariamente, feminino, pobre, negro, tem baixa escolaridade, não possui referências familiares, vive com benefícios assistenciais e tem a vida marcada por perdas e desassistências[6]. Esse breve perfil, ratifica a constatação de que a velhice, no Brasil, é feminina, como trataremos no *2º capítulo* deste trabalho. Observamos também nesses espaços, que as mulheres institucionalizadas estão, física e mentalmente, mais fragilizadas[7], o que pode estar diretamente relacionado ao fato do cuidado ser histórica, cultural e socialmente, atribuído à figura feminina, o que muitas vezes, faz com que mulheres estejam sobrecarregadas em atribuições e responsabilidades com a família, negligenciando o autocuidado e chegando sozinhas a essa fase da vida.

Outro dado a se considerar é o fato de ser um público, majoritariamente negro, o que reforça a perspectiva de que essa população vive à margem da sociedade desde a abolição da escravidão, em 1888, que lhes concedeu "liberdade". Ter instituições públicas de acolhimento institucional, onde o público é predominantemente negro, reforça estereótipos e construções pejorativas em relação à essa população, considerando o preconceito com o qual a sociedade ainda

---

[6] Para detalhamento sobre o perfil da população acolhida, consultar Censo SUAS. Disponível em: https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirmps/portal-censo/.

[7] "Cabe destacar que a fragilidade pode se manifestar em indivíduos de todas as idades, incluindo os idosos. Porém, não deve ser entendida como sinônimo de velhice.
Embora não seja considerado um conceito novo, a fragilidade em idosos não possui definição consensual. Apenas recentemente, pesquisadores tentam elaborar uma definição conceitual e operacional para fragilidade, considerando tal conceito uma síndrome clínica relacionada, multidimensional, porém, distinta de incapacidade e de comorbidade.
Na perspectiva biológica, a maioria dos estudos define fragilidade em idosos como uma síndrome caracterizada por diminuição da capacidade de reserva homeostática do organismo e da resistência aos estressores, que resultam em declínios cumulativos em múltiplos sistemas fisiológicos, causando vulnerabilidade e desfechos clínicos adversos, tais como, alterações na massa corporal magra, da força, da resistência, do equilíbrio, da capacidade de marcha e do nível de atividade física". (Fernandes, et al., 2010).

vê instituições de acolhimento. No ideário social, esses são lugares que só abrigam "o que não presta". Eu mesma, como profissional da área, escutei essa afirmação diversas vezes, e amigos e familiares próximos.

Ainda assim, é preciso admitir que a condição profissional diferencia a presença no espaço institucional e a percepção que o outro tem sobre nós (profissionais). Uma ILPI é uma instituição total e é preciso estar lá para entender seu funcionamento, seu código moral, seus processos de socialização e a (re)significação. A rejeição do "mundo exterior" àqueles que se encontram institucionalizados, a vergonha por estar acolhido "naquele lugar", a postura de alguns profissionais em relação a regulação da vida do outro, a normatização da vida; é como viver/estar em uma sociedade paralela ou, parafraseando Castro (2011), é muito fácil perceber as "fronteiras simbólicas" construídas entorno dos que são "abrigados" e os "não abrigados".

> Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. [...] Uma disposição básica da sociedade moderna é que o indivíduo tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes coparticipantes, sob diferentes autoridades e sem um plano racional geral O aspecto central das instituições totais pode ser descrito como a ruptura das barreiras que comumente separam essas três atividades da vida. Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a sequência de atividades é imposta por cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição. (Goffman, 1974, p.11-17).

Trabalhar em uma ILPI tem suas peculiaridades. Lidamos com uma população que está SEMPRE na instituição, muitas vezes nossos atendimentos acontecem "em casa" (nos quartos, que são as moradias), quando existem e são presentes, conhecemos familiares e amigas/os de nossos/as usuários/as, participamos de todas as comemorações importantes e, também, do disciplinamento de suas rotinas e vidas. A verdade é que as instituições totais despersonificam e mortificam o sujeito, a partir do momento que ignoram suas individualidades e preferências, impondo a identidade e normatização institucional.

Observa-se que nas ILPIs, "os indivíduos internados têm, como parte de suas obrigações, uma participação visível nos momentos adequados às atividades do estabelecimento. Isso exige deles uma mobilização [...], além de certa submissão pessoal à atividade em questão" (Benelli, 2014, p.24). Um exemplo dessa mobilização a qual os sujeitos institucionalizados são submetidos, é o rígido controle de horário para a realização de atividades simples do dia a dia, como fazer as

refeições, tomar banho ou se recolher ao final do dia. Atividades corriqueiras são normatizadas, impondo restrições difíceis de serem assimiladas, especialmente, pelos/as recém-chegados/as.

Podemos estar nesses espaços – as ILPIS – como usuários ou profissionais, como bem salientou Goffman (1974), mas, seja na condição que for, seremos atingidos, objetiva e subjetivamente, por essa experiência. Não se passa ileso por um lugar como esse. Não é um trabalho fácil, lidar com a dor humana tão vívida e tão próxima, não é fácil, mas, é necessário que tenham profissionais habilitados para lidar com essas realidades e que trabalhem pela efetivação de direitos e pela humanização do espaço institucional.

Muitos dos sujeitos que estão nas instituições totais, como (outros) profissionais, usuários e/ou familiares, acreditam que o/a assistente social poderá resolver todo e qualquer problema apresentado. Mas, infelizmente, não temos esse poder, nem mesmo esse papel. Essa deveria ser a ocupação do Estado, buscando a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária, através de políticas públicas que viabilizassem o acesso à direitos humanos básicos e oportunizassem a melhoria na qualidade de vida dos indivíduos.

Estando em instituições totais, muito naturalmente, aquelas personagens e histórias tornam-se objeto de interesse e curiosidade científica, vide nossa (dos/as profissionais) inserção e observação constante no espaço institucional, a troca de experiências é contínua e genuína, motivando sempre uma busca continuada por respostas.

O fato do objeto desta pesquisa, ter sido concebido por uma mulher, que se reconhece como um sujeito negro e assistente social, torna-a uma *pesquisa militante*, comprometida com uma análise crítica da realidade e a publicização de fatos e comportamentos, desconhecidos ou ignorados por muitos, quiçá, em última instância, oferecer alternativas para superação das expressões da *Questão Social*[8] observadas durante a investigação.

> [...] o termo pesquisa militante busca designar esse amplo espaço de produção de conhecimento orientado para a ação transformadora que busca aliar a reflexão crítica e teórica com a prática nas lutas populares em um processo multidirecional, articulando intelectuais, pesquisadores, movimentos sociais, comunidades e organizações políticas, com os objetivos de fortalecer o protagonismo popular e de contribuir para a construção de uma sociedade justa e solidária, livre de todas as opressões e dominações. (Versiani; Jaumont, 2016, p.433).

Definir esta pesquisa como militante significa assumir um compromisso com a busca pela verdade, mesmo que esta seja dolorida e, com a mudança de percepções e comportamentos –

[8]Segundo Iamamoto (1983, p. 27), a *Questão Social* pode ser definida como: "O conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que têm uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos se mantém privada, monopolizada por uma parte da sociedade."

como já observamos ao revelar o teor dessa tese – a partir da exposição crítica da realidade, uma realidade próxima, mas, que se faz tão mascarada e encoberta.

Recentemente, Djamila Ribeiro (2017), popularizou o termo "*lugar de fala*", com lançamento de um livro que leva o mesmo nome. É na problematização do termo, que me localizo: como uma pesquisadora negra, numa sociedade racializada e que luta, diuturnamente, para não estar no lugar subalterno idealizado para corpos como o meu. Busco construir outra narrativa para as vivências do grupo social que faço parte. "Nada sobre nós, sem nós."

> Essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse a certos espaços. É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do feminist stand point: não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. (p.36-37).

Esse compromisso, associado a experiência acumulada nos anos de trabalho em ILPIs, fez com construíssemos este texto a partir das histórias conhecidas no processo de intervenção profissional, da assistente social. Durante a leitura desta tese, poderá ser observado que cada capítulo foi pensado e construído, a partir da biografia de uma mulher moradora e trabalhadora, de uma dessas ILPIs *públicas*, localizadas no município do Rio de Janeiro e geridas pelo governo do estado. Elas motivaram este trabalho e o protagonizam, como dito anteriormente, esta tese é sobre elas e para elas.

A condição profissional diferencia a presença no espaço institucional, de instituições como as ILPIs e, isso diz respeito a forma como vemos o outro e, também, como o outro nos vê, especialmente, quando nos assemelhamos a ele.

> Kilomba [Grada] sofistica a análise sobre a categoria do Outro quando afirma que mulheres negras, por serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca por serem uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade. (Ribeiro, 2017, p. 23-24).

O que criamos nesses espaços, são vínculos profundos e verdadeiros, constituídos a partir da escuta daquilo que nunca fora compartilhado, talvez nem percebido. Em alguns casos, é naquele espaço que o sujeito, *já velho*, será visto como um cidadão: com suas expectativas, angústias, aflições, medos, conquistas e frustações. Isso, nos parece, coloca os/as assistentes social como catalisadores de transformação, inclusive, tendo a oportunidade de transformar essa experiência em conhecimento científico.

É desse conjunto de vivências e do desejo de contribuir (de alguma maneira) com a transformação social, que vem o título que dá nome a esta tese, "**Das senzalas, aos quartinhos, aos**

abrigos e, talvez, para casa: reflexões sobre como envelhecem as trabalhadoras domésticas negras no Brasil contemporâneo." Este título é uma *metonímia*[9] que busca suscitar algumas reflexões, por exemplo: quantas mulheres negras seguem acorrentadas pelos valores escravocratas? Até que ponto a população negra alcançou a liberdade? Qual o significado do quartinho de empregada na sua casa?

> No período colonial, havia dois tipos de senzalas para os escravizados no Brasil. Uma, longe da casa-grande, destinada aos que trabalhavam na lavoura. A outra, mais próxima, ocupada pelos negros que cuidavam dos serviços domésticos. Após a abolição da escravatura, uma variação da senzala permaneceu na arquitetura das casas brasileiras, na forma de edículas onde dormiam os empregados fixos de uma família, desprovidos de qualquer amparo legal, recebendo salários exíguos, quando havia. Como a senzala, a edícula ficava do lado de fora da moradia principal.
> [...]
> 'Hoje, adulto, vejo tudo com mais clareza. O quarto de empregada é um espaço de senzala, onde você fica confinado para servir 24 horas.'
> [...]
> Além do espaço apertado e do mobiliário básico, há outros elementos que aproximam o 'quartinho' de seu ancestral escravocrata. 'A falta de ventilação e a pouca iluminação são parecidas, e esses quartos reproduzem o mesmo esquema de alcovas voltadas para a área de serviço, como nas senzalas', explica Trevisan. A procuradora Silvana da Silva, do Ministério Público do Trabalho do Rio de Janeiro (MPT-RJ), ressalta a precariedade em que vivem as empregadas: 'As condições de conforto e higiene são muito inferiores a qualquer outra parte da moradia. É um padrão que a gente vê ainda em muitos apartamentos e casas.' (Coelho, 2022, p.40-43-46).

Ainda sobre o título deste trabalho e as reflexões que pretendemos promover, gostaríamos de fazer os seguintes esclarecimentos: *1*. entendemos a *contemporaneidade*, como o período histórico que compreendido entre o pós-abolição da escravidão negra até a atualidade, uma interação entre passado e presente, capaz de contextualizar e significar o trabalho doméstico remunerado; *2*. a *senzala* aparece para nós de forma dicotômica, tanto como o lugar inóspito e doloroso, "[...] cubículos dos negros, [onde] jamais vi uma flor: *é que lá não existem nem esperanças nem recordações*" (Granato apud Slenes, 2011, p. 206, grifos nossos), quanto como o lugar de resistência à política escravista e ao classismo perpetuado por essa política.

Assim como Slenes (1999, p.142-143), percebemos a senzala também como reduto de preservação da cultura africana, como lugar para formação de laços afetivos e familiares da população negra escravizada e, por fim, como lugar de memórias e esperança, as memórias que pretendemos acessar.

---

[9]A **metonímia** é uma figura de linguagem ou de palavra caracterizada pela **substituição de um termo por outro**, havendo entre eles algum tipo de ligação. Desse modo, pode haver a substituição de parte pelo todo, qualidade pela espécie, singular pelo plural, matéria pelo objeto, indivíduo pela classe, autor pela obra, possuidor pelo possuído, lugar pelo produto, efeito pela causa, continente pelo conteúdo, instrumento pelo agente, coisa pela sua representação, inventor pelo invento e concreto pelo abstrato. (Dados disponíveis em: Metonímia: o que é, tipos, exemplos, exercícios - Português (portugues.com.br). Acessado em 21 de mai. de 2023. Grifos do original).

Outrossim, acreditamos que enquanto não houver uma mudança coletiva de consciência, as senzalas não deixarão de ser "lugares sem esperança e recordações", porque a senzala, como lugar de aprisionamento do outro na subalternidade e na dor, está no imaginário social, dentro de cada um de nós, (re)afirmado pela História colonial que nos é ensinada nos bancos das escolas. Senzalas, "quartinhos" ou ILPIs, são lugares que materializam o racismo e outras formas de discriminação, disfarçadas por discursos como o da "*democracia racial*", "*somos todos iguais*" ou mesmo da "*luta antirracista*", que insistem dizer ser a realidade brasileira.

O caminho metodológico

É importante assinalarmos os caminhos e escolhas metodológicas adotadas neste estudo, fundamentais para nortear nossos passos e seguirmos no caminho em busca das respostas que ocasionaram esta pesquisa. A pesquisa é um processo sistemático que objetiva a produção de conhecimento, ela "investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem" (Chizzotti, 2005, p.11), que é exatamente o que queremos, saber como trabalhadoras domésticas negras envelhecem e vivenciam suas velhices na sociedade brasileira contemporânea, de maneira, a trazer um outro olhar sobre essa realidade e as relações que se organizam a partir dessa modalidade ocupacional.

Nesse sentido, de acordo com os objetivos propostos, esta é uma *pesquisa explicativa*, que buscou entender o que estava acontecendo na realidade de trabalhadoras domésticas negras. Procuramos descrever de maneira detalhada, a realidade pesquisada. "É o tipo que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso, é o tipo mais complexo e delicado" (Gil, 2014, p. 08).

Para seguirmos esse caminho foi preciso escolher um conjunto de técnicas e instrumentos, além de um referencial teórico para iluminar esse processo.

> [...] a teoria é a reprodução, no plano do pensamento, do movimento real do objeto. Esta reprodução, porém, não é uma espécie de reflexo mecânico, com o pensamento espelhando a realidade tal como um espelho reflete a imagem que tem diante de si. Se assim fosse, o papel do sujeito que pesquisa, no processo do conhecimento, seria meramente passivo. (Netto, 2011, p.25)

Assim, incialmente, buscamos suporte em um referencial teórico crítico que fomentasse o questionamento todos os aspectos observados no fenômeno investigado e sustentasse nossas argumentações. A premissa fundamental foi nos apropriarmos do debate sobre trabalho doméstico remunerado e, da literatura que trata o tema com um viés racializado, além disso, buscamos a literatura que trata o envelhecimento humano e, o envelhecimento com o recorte racial. Para realização dessas leituras recorremos a *interseccionalidade* como uma ferramenta analítica, que nos

permitiu “entender a vida e o comportamento humano enraizados nas experiências e lutas de pessoas privadas de direitos” (Collins, 2020).

Em entrevista concedida ao projeto “ClickCiência”[10], da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), a própria Patrícia Hill Collins (2019), explica de maneira clara e objetiva o conceito de *interseccionalidade*:

> Interseccionalidade nos ajuda a entender toda as diferentes formas pelas quais raça, classe, gênero, sexualidade, idade, etnia, religião, afetam a vida de todas as pessoas. Esses sistemas são frequentemente invisíveis. Eles estão organizados em nossas instituições sociais, afetam nossas famílias, nossas comunidades, mas, não são visíveis para nós no cotidiano. O que a interseccionalidade faz é pegar um ou mais desses sistemas e dizer: eles estão interconectados.
> Então, se você tem algo como nós temos nos EUA, uma situação de separação familiar, há famílias que não podem ficar juntas, por uma ou outra razão, você poderia olhar para essa situação como uma questão de gênero ou como uma questão de raça ou como uma questão de classe, mas para entender a questão inteiramente, você tem de pensar como todas as três funcionam juntas. [...][11]

O uso desta ferramenta permitiu analisar como diferentes marcadores sociais e ideologias se conectam num processo histórico de opressão e dominação da população negra, mais, claramente de mulheres negras. “Tirar essas pautas da invisibilidade e um olhar interseccional mostram-se muito importante para que fujamos de análises simplistas ou para se romper com essa tentação de universalidade que exclui” (Ribeiro, 2017, p.26).

Marcadores sociais de diferença “são categorias que organizam os indivíduos a partir de alguns aspectos de diferenciação” (Zamboni, 2014). Trabalhamos com os marcadores sociais de diferença, que circulam a vida das trabalhadoras domésticas negras e atravessam o objeto estudado, como gênero, geração, classe social e velhice.

A propósito *raça* é um marcador de diferença capital neste estudo, pois entendemos, que a vida humana e as relações sociais são atravessadas pelo pertencimento racial, o que impacta na maneira como os indivíduos se colocarão no mundo. Por muito tempo, raça não foi um marcador incluindo (transversalmente) em diversos trabalhos e pesquisas acadêmicas, incluindo aqueles que se dedicaram ao trabalho doméstico e ao trabalho doméstico remunerado. Hoje, com a consolidação do

---

[10] “Click Ciência é um canal de divulgação científica produzido pelo Laboratório Aberto de Interatividade para Disseminação do Conhecimento Científico e Tecnológico da Universidade Federal de São Carlos (LAbI - UFSCar). O LAbI é um projeto parceiro do Centro de Desenvolvimento de Materiais Funcionais (CDMF) e conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O Canal apresenta diversas produções de divulgação científica, educação e cultura”. Disponível em: ClickCiência UFSCar - YouTube. Acessado em 09 de set. de 2022.

[11] Publicado em 31 de out. de 2019, no canal do YouTube do CLICKCiência, da UFSCar. Disponível em Bloco de Notas - Patricia Hill Collins - YouTube. Acessado em 09 de set. de 2022.

pensamento decolonial[12] e a ascensão de intelectuais negras, o marcador raça, passou a se apresentar como imprescindível na construção de distintos objetos de pesquisa.

> De acordo com teóricas feministas negras, a invisibilidade de raça em diversas pesquisas de diferentes temas não se trata de apenas uma opção, ou uma escolha metodológica, mas sim a consequência de um projeto social e histórico de poder racista que tem ampla influência acadêmica. As mulheres brancas e sua produção intelectual feminista estão em uma relação de poder em relação às mulheres negras, e não apenas em relação a produção intelectual das mulheres negras, mas também aos seus objetos de pesquisa. Essa dimensão é mais evidenciada quando pensamos segmentos do mercado de trabalho majoritariamente conformados por trabalhadoras negras, como no caso do emprego doméstico. Dessa forma, a tradição intelectual hegemônica oriunda do pensamento branco, eurocêntrico e neocolonialista, conduz até mesmo o pensamento feminista que se dispõe a romper com as desigualdades e opressões sociais causadas por tais tradições. (Porfírio, 2021, p.28).

> O fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Assim, os indivíduos da raça 'branca', foram decretados coletivamente superiores aos da raça 'negra' e 'amarela', em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e, consequentemente, mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e, consequentemente, considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e portanto a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação.
> Atualmente, o conceito de raça não tem validade no campo das ciências naturais, mas estabeleceu-se como um conceito das ciências sociais para estudar, debater e criticar as desigualdades existentes entre as raças na sociedade. (Munanga, 2003).

Buscamos ainda, a conceituação de outros marcadores e categorias que julgamos essenciais, para alcançarmos a real compreensão do objeto estudo, como por exemplo, a definição da categoria *trabalho doméstico*.

> Mencionado por Engels em A origem da família, da propriedade privada e do Estado, (caps.II e IX), por Bebel, Lenin, Trotski e outros como um dos fatores que contribuem para a opressão econômica das mulheres, afastando-as da produção social, o trabalho doméstico tornou-se uma categoria reconhecida do pensamento marxista com o moderno movimento feminista [...], depois que as feministas marxistas empenharam-se em estudar as bases materiais da opressão das mulheres sob o capitalismo. Os textos marxistas anteriores que analisavam a condição das mulheres haviam tendido a localizar a opressão econômica destas apenas na posição desvantajosa que ocupavam no mercado de trabalho em consequência de suas responsabilidades prioritárias no lar, ao passo que a própria FAMÍLIA era vista como uma instituição superestrutural, cujos efeitos eram principalmente ideológicos. A retomada do interesse pelo estudo do

[12] "O termo decolonial deriva de uma perspectiva teórica que estes autores expressam, fazendo referência às possibilidades de um pensamento crítico a partir dos subalternizados pela modernidade capitalista e, na esteira dessa perspectiva, a tentativa de construção de um projeto teórico voltado para o repensamento crítico e transdisciplinar, caracterizando-se também como força política para se contrapor às tendências acadêmicas dominantes de perspectiva eurocêntrica de construção do conhecimento histórico e social". (Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=0CDcQw7AJahcKEwjY9N-05J6BAxUAAAAAHQAAAAAQAw&url=https%3A%2F%2Fseer.ufu.br%2Findex.php%2Freveducpop%2Farticle%2Fdownload%2F50181%2F28415%2F221330&psig=AOvVaw0B7NXvPRbGmtK-tcq1BF1V&ust=1694391815797029&opi=89978449. Acessado em 23 de jan. de 2023).

> trabalho doméstico deveria, como uma de suas consequências, retificar essa posição um tanto contraditória, reconhecendo que o trabalho também se desenvolve dentro da família e que, na verdade, a forma mais significativa da divisão sexual do trabalho é a que se faz entre o trabalho doméstico dentro da família (realizado sobretudo pelas mulheres) e o trabalho assalariado pelo capital (realizado por ambos os sexos, mas predominantemente pelos homens). Ampliando o escopo do econômico para incluir a maior parte do trabalho feminino, esperava-se que o trabalho doméstico contribuísse para proporcionar uma explicação materialista da opressão das mulheres.
> [...] o **trabalho doméstico é responsável pela produção de valores de uso dentro do lar, para consumo direto dos membros da família do produtor, produção essa que contribui para a reprodução da força de trabalho**. Ao contrário do trabalho assalariado pelo capital, o trabalho doméstico está sujeito a uma pequena margem de divisão do trabalho, cooperação ou especialização. O debate centrou-se na definição de quais das categorias de Marx se aplicavam ao trabalho doméstico, seus produtos, suas relações de produção e seus trabalhadores. Em primeiro lugar, argumentou-se que o trabalho doméstico não é produção de mercadorias, portanto não produz valor e, a fortiori, não pode ser fonte de mais-valia. Essa argumentação pode fundamentar-se em duas razões. A primeira repousa no caráter específico da mercadoria força de trabalho, que, longe de ser uma mercadoria "como as outras" [...], difere de todas por não ser produzida por nenhum processo de trabalho: a força de trabalho é um atributo dos seres humanos vivos, que são mantidos (mas não produzidos) pelo seu próprio consumo de valores de uso, alguns dos quais produzidos pelo trabalho doméstico. O outro argumento contra a interpretação que vê a força de trabalho como produto do trabalho doméstico tem fundamento na disponibilidade no mercado de substitutos para grande parte do trabalho doméstico. Se a dona-de casa que faz pão está produzindo força de trabalho, por que não o padeiro que o produz para vender? Se fôssemos estender essa lógica a outros aspectos, a força de trabalho seria produto de muitas indústrias, e sua produção certamente não constituiria a diferencia específica do trabalho doméstico [...]. (Bottomore, 1998, p.601, grifos nossos).

Importante distinguirmos o conceito de trabalho doméstico e trabalho doméstico remunerado. Como visto na citação acima, o trabalho doméstico diz respeito às tarefas de cuidado – com o lar e a família – que culturalmente, nas sociedades capitalistas ocidentais, foi imposta às mulheres. Uma referência para estudos sobre trabalho doméstico, a autora Sílvia Federici (2019, p.40-42), faz a seguinte explicação:

> Eles dizem que é amor. Nós dizemos que é trabalho não remunerado. Eles chamam de frigidez. Nós chamamos de absenteísmo. Todo aborto é um acidente de trabalho. Tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade são condições de trabalho…
> Mas a homossexualidade é o controle da produção pelos trabalhadores, não o fim do trabalho. Mais sorrisos? Mais dinheiro. Nada será tão poderoso em destruir as virtudes de cura de um sorriso. Neuroses, suicídios, dessexualização: doenças ocupacionais da dona de casa.
> [...]
> É importante reconhecer que, quando falamos em trabalho doméstico, não estamos tratando de um trabalho como os outros, mas, sim, da manipulação mais disseminada e da violência mais sutil que o capitalismo já perpetuou contra qualquer setor da classe trabalhadora.
> É verdade que, sob o capitalismo, todo trabalhador é manipulado e explorado, e sua relação com o capital é totalmente mistificada. O salário dá a impressão de um negócio justo: você trabalha e é pago por isso, de forma que você e seu patrão ganham o que lhes é devido, quando, na realidade, o salário, em vez de ser o pagamento pelo trabalho que você realiza, oculta todo o trabalho não pago que resulta no lucro. Mas, pelo menos, o salário é uma forma de reconhecimento como trabalhador, sendo possível barganhar e lutar contra os termos e a quantidade desse salário. Ter um salário significa fazer parte de um contrato social, e não há dúvidas a respeito do seu

> significado: você não trabalha porque gosta, ou porque é algo que brota naturalmente dentro de você, mas porque é a única condição sob a qual você está autorizado a viver. Explorado da maneira que for, você não é esse trabalho.

Queremos deixar claro, que reconhecemos todas as contradições envolvidas no trabalho doméstico, mas, nos atemos ao trabalho doméstico remunerado, quando há para uma família, a possibilidade de terceirizar o serviço do cuidado – que nos levará a economia do cuidado, que será discutida no capítulo 4 – remunerando outra pessoa, quase sempre uma outra mulher, para executar as tarefas domésticas e de cuidados com os membros mais vulneráveis da família. Esse tipo de trabalho, se tornou atividade laboral de muitas mulheres, notadamente, das pobres, racializadas e com baixo nível de escolaridade.

> O trabalho doméstico remunerado é uma relação de trabalho na qual as mulheres, responsáveis pelo trabalho doméstico gratuito em suas casas, repassam para outras mulheres, através de um pagamento, suas atribuições domésticas e, dessa forma, estabelece-se uma subdivisão, baseada em relações sociais de classe e raça, no interior da divisão sexual e racial do trabalho. (Ávila; Ferreira, 2020).

Gostaríamos de retomar as falas de Silvia Federici (2019). De acordo com a autora, o *trabalho doméstico é o mais importante na sociedade capitalista*, porque é ele que dá origem aos trabalhadores. Gerar, parir, alimentar, reconfortar, recompor: o cuidado feminino fundou a organização capitalista, ao reproduzir a força de trabalho. A casa e a família seriam, nesse sentido, a "*fábrica das mulheres*". Mas, essa "fábrica" é vista como improdutiva e o trabalho exercido dentro dela também. O trabalho doméstico, mesmo remunerado, na sociedade capitalista, que mede a relevância de um trabalho pela sua capacidade de produzir mercadorias e gerar lucro, entende que o trabalho doméstico é um trabalho improdutivo.

> [...] A definição que Marx propõe para o trabalho produtivo parece bastante clara, e o conceito de trabalho improdutivo dela decorre como trabalho assalariado que não é produtivo. O trabalho produtivo é contratado pelo CAPITAL no processo de produção, com o objetivo de criar MAIS-VALIA. Como tal, o trabalho produtivo diz respeito apenas às relações sob as quais os trabalhadores são organizados, e não à natureza do processo de produção, nem à natureza do produto. Cantores de ópera, professores e pintores de parede, tanto quanto mecânicos de automóveis ou mineiros, podem ser empregados pelos capitalistas tendo em vista o lucro. É isso que determina se são trabalhadores produtivos ou improdutivos. Na época de Marx, a grande maioria dos trabalhadores improdutivos era constituída por empregados do comércio, empregados domésticos e funcionários administrativos do Estado. Os empregados do comércio são improdutivos, para Marx, porque não participam da produção, mesmo que suas atividades resultem em lucros comerciais para seus empregadores. (Bottomore, 1999, p.604)

Acreditamos que apresentar essas categorias neste preambulo, facilitará ao/a leitor/a, a compreensão de nossas escolhas e interpretações.

Bom, retornando ao método, ou seja, o "caminho para se chegar a um determinado fim", optamos pela *história oral*, com viés para histórias de vida[13]. "Sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma e sim um meio de conhecimento" (Alberti, 2005, p.27). Nossa escolha deve-se ao fato de o referido método permitir a realização de entrevistas, não apenas com um caráter pragmático de perguntas e resposta, mas, como um instrumento que favorece o acesso a depoimentos ricos em informações e que trazem uma multiplicidade de olhares sobre o tema abordado. O depoimento "respeita a sequência memorialística do depoente, valorizando seus silêncios e não ditos", e foi exatamente o que aconteceu nos encontros com as nossas interlocutoras. Em muitos momentos o roteiro previamente elaborado, foi deixado de lado e o diálogo seguiu respeitando as memórias e emoções que afloravam no momento e, esta pesquisadora se manteve na condição de ouvinte, apenas registrando tais lembranças.

> De modo geral, qualquer tema, desde que seja contemporâneo – isto é desde que ainda vivam aqueles que tem algo a dizer sobre ele –, é passível de ser investigado através da história oral. Contudo, como qualquer método, a história oral tem uma natureza específica que condiciona as perguntas que o entrevistador pode fazer. Em se tratando de uma forma de recuperação do passado conforme concebido pelos que o viveram, é fundamental que tal abordagem seja efetivamente relevante para a investigação que se pretende realizar.
> [...] Assim, uma pesquisa de história oral pressupõe sempre a pertinência da pergunta 'como os entrevistados viam e veem o tema em questão?'. Ou 'o que a narrativa dos que viveram ou presenciaram pode informar sobre o lugar que aquele tema ocupava (e ocupa) no contexto histórico e cultural dado?' (Alberti, 2005, p.29-30).

Compreender a história de vida e a demanda social trazidas por aquelas mulheres e, a partir disso, pensar uma intervenção qualificada, realmente eficiente, no sentindo de amenizar as expressões da Questão Social vivenciadas por elas, foi o que nos trouxe aqui. Compreender para intervir, levando luz àquele cenário que era tão inquietante e, por vezes, desumano. O ponto de similaridade entre aquelas histórias era a raça, o gênero e o trabalho doméstico, esse último capitaneando as histórias vivenciadas e relatadas. Perceber que aquelas mulheres semelhantes fisicamente, vivenciaram realidades tão adversas e distantes da minha, trouxe a urgência para compreender esse fenômeno de maneira mais profunda, para qualificar minha prática, enquanto assistente social e, também, para me compreender como mulher negra num mundo racializado.

---

[13] O método da história oral, em suas vertentes histórias de vida, narrativas, trajetórias de vida, requer o uso de fundamentos epistemológicos, isto é, o pesquisador deve orientar-se através de pressupostos que delimitam o entendimento sobre o uso dos procedimentos metodológicos em questão, que por sua vez definirão o caráter de investigação social.
A epistemologia possui uma função importante na pesquisa, pois estabelece as condições de objetividade dos conhecimentos científicos, dos modos de observação e experimentação. Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1987) advertem que é necessário submeter a prática científica a uma reflexão sobre a ciência que está sendo construída. Tal tarefa, propriamente epistemológica, consiste em descobrir na prática científica mesma, ameaçada sem cessar pelo erro, as condições pelas quais se pode discernir o verdadeiro do falso, na passagem de um conhecimento menos verdadeiro para um mais verdadeiro. (Gonçalves; Lisboa, 2007).

> Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos. De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem. É como se ela se pusesse se opondo, fosse o outro do homem, aquela que não é homem. (Ribeiro, 2017, p.22).

> As mulheres negras foram assim postas em vários discursos que deturpam nossa própria realidade: um debate sobre o racismo onde o sujeito é homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é a mulher branca; e um discurso sobre a classe onde 'raça' não tem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico, em teoria. É por causa dessa falta ideológica, argumenta Heidi Safia Mirza (1997) que as mulheres negras habitam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da 'raça' e do gênero, o chamado 'terceiro espaço'. Nós habitamos um tipo de vácuo de apagamento e contradição 'sustentado pela polarização do mundo em um lado negro e de outro lado, de mulheres.' (MIRZA, 1997: 4). Nós no meio. Este é, é claro, um dilema teórico sério, em que os conceitos de 'raça' e gênero se fundem estreitamente em um só. Tais narrativas separativas mantêm a invisibilidade das mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos. (Kilomba, 2012, p. 56 apud Ribeiro, 2017, p.22).

A escolha pela história oral, se justifica ainda no entendimento que esse método "se constitui como verdadeiro e eficiente instrumento de investigação quando o pesquisador atribuir um caráter científico a sua pesquisa" e por, desde o projeto de pesquisa, intuitivamente, termos cumprido as principais exigências metodológicas, "deve estar orientado por um conhecimento teórico prévio; a problemática da pesquisa deve estar inserida num projeto previamente formulado; as informações sobre o campo a ser pesquisado devem estar coletadas e o uso de instrumentos e técnicas de pesquisa definidos".

> Uma vez implantado o programa de história oral e definido seu projeto de pesquisa, a primeira atividade para a qual se devem voltar os pesquisadores é a investigação exaustiva do objeto de estudo, em fontes primárias e secundárias, com o objetivo de obter uma base firme de conhecimento do tema, que garanta a qualidade dos trabalhos subsequentes. É conhecendo e estudando o material disponível em arquivos, bibliotecas e outras instituições que os pesquisadores do programa estarão se preparando para desempenhar todas as atividades vinculadas à produção das entrevistas. Na história oral, a pesquisa e a documentação estão integradas de maneira especial, uma vez que é realizando uma pesquisa, em arquivos, bibliotecas etc., e com base em um projeto que se produzem entrevistas, as quais se transformarão em documentos, que, por sua vez, serão incorporados ao conjunto de fontes para novas pesquisas. A relação da história oral com arquivos e demais instituições de consulta a documentos é, portanto, bidirecional: enquanto se obtém, das fontes já existentes, material para a pesquisa e a realização de entrevistas, estas últimas tornar-se-ão novos documentos, enriquecendo e, muitas vezes, explicando aqueles aos quais se recorreu de início. (Alberti, 2005, p.81)

Outrossim, devemos lembrar que o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), que abriga a Escola de Ciências Sociais, da Fundação Getúlio Vargas (FGV)[14], e viabiliza a realização deste estudo, através do seu Programa de Pós-Graduação

[14] "Articulando pesquisa e documentação, o Programa de História Oral (PHO) da FGV CPDOC vem produzindo, desde 1975, um dos maiores acervos de entrevistas do Brasil. O programa conta com mais de 2400 entrevistas, correspondendo a cerca de 7600 horas de gravação, divididas em 150 projetos diferentes desenvolvidos por

stricto sensu, é referência nos estudos sobre História Oral, o que nos motiva e instrumentaliza, ainda mais, para a adoção da referida técnica.

Do ponto de vista da abordagem dada ao objeto e aos dados levantados, esta é uma *pesquisa qualitativa*. "A pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes" (Minayo, 2014). Tratar os dados de maneira qualitativa exigiu um amplo processo de pesquisa, considerando o contexto histórico, cultural e social em que o nosso objeto, estava inserido, mas, também possibilitou uma "confluência multidisciplinar", permitindo um olhar holístico sobre a realidade. De acordo com suas exigências e procedimentos metodológicos, realizamos um profundo trabalho de incursão no campo e levantamento de fontes[15].

> A pesquisa qualitativa tem sido resgatada nas ciências sociais por se considerar que ela abarca uma relação inseparável entre o pensamento e a base material, entre a ação de homens e mulheres enquanto sujeitos históricos e as determinações que os condicionam, entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos pesquisados. Esta forma de abordagem tem sido valorizada, uma vez que trabalha com o universo de significados, representações, crenças, valores, atitudes, aprofundando um lado não perceptível das relações sociais e permitindo a compreensão da realidade humana vivida socialmente. (Gonçalves; Lisboa, 2007).

Quanto aos instrumentos e técnicas empregados na seleção das fontes e coleta de dados, que "são meios de que se vale o pesquisador para 'apoderar-se da matéria' [...]" (Netto, 2011, p. 26), primeiramente, escolhemos a entrevista com um roteiro pré-estabelecido – Anexos A e B –, para nortear a comunicação, mas, que obedeceu a dinâmica do diálogo, como mencionado anteriormente. Foram realizadas 12 entrevistas – Anexo C –, com trabalhadoras domésticas negras, em exercício ou não da profissão, todas devidamente, registradas em áudio, com a o prévio esclarecimento e autorização das interlocutoras, como forma de assegurar que os depoimentos fossem

---

pesquisadores do CPDOC. Nossos projetos e depoimentos abrangem temas como elites políticas, cultura, esporte, ditadura, política externa, cinema documentário, memória das ciências sociais em língua portuguesa, entre outros. As entrevistas de história oral, para além de seu valor como fontes históricas, também se colocam como ponto de partida para uma série de produções do CPDOC: artigos e livros; documentários; material didático, workshop para professores, pesquisadores, cineastas e jornalistas etc.

A maior parte do acervo está aberta para consulta, ratificando o compromisso da FGV CPDOC com democratização do conhecimento. Esse acesso se dá de diversas maneiras, seja via áudio, pela transcrição ou no formato audiovisual". Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/acervo/historia-oral. Acessado em 01 de fev. de 2024.

[15] Fontes são recursos que reúnem informação, com aplicação de critérios confiáveis, de preferência revisada por pares, e que respondam a uma demanda informacional dos usuários. As fontes podem ser: ***Primárias*** - Fonte original criada no momento em que se estuda, proporcionam aos pesquisadores, publicar ou registrar primeiramente após um evento, 'informação direta sem mediação sobre o objeto de estudo'; ***Secundárias*** - Registros referenciais das fontes primárias sistematizados em base de dados, por exemplo; ***Terciárias*** - São fontes que referem-se aos conteúdos organizados para fins didáticos, para apoio à tomada de decisão, como as revisões sistemáticas de evidências científicas. Disponível em: https://bce.unb.br/wp-content/uploads/2020/03/Fontes-de-informacao-para-pesquisa-1.pdf. Acessado em 01 de fev. de 2024.

tratados apenas com referência às memórias, mantendo a fidelidade das experiências acessadas. As entrevistas aconteceram entre anos de 2019-2022.

> O roteiro geral de entrevistas deve ser elaborado com base no projeto e na pesquisa exaustiva sobre o tema. Sua função é dupla: promove a síntese das questões levantadas durante a pesquisa em fontes primárias e secundárias e constitui instrumento fundamental para orientar as atividades subsequentes, especialmente a elaboração dos roteiros individuais. O momento de elaboração do roteiro geral encerra a oportunidade de reunir e estruturar todos os pontos levantados durante a pesquisa, seguindo os objetivos estabelecidos no projeto. Nesse sentido, trata-se de um esforço de sistematizar os dados levantados até então e de articulá-los com as questões que impulsionam a pesquisa. (Alberti, 2005, p.77)

Ainda sobre as entrevistas, gostaríamos de compartilhar que elas acontecerem em muitos lugares: nas casas, na sede do sindicato, nos bosques da PUC/Rio, em ILPIs, nossas interlocutoras receberam a pesquisadora onde se sentiam mais à vontade, talvez confiantes para darem seus depoimentos. Foram longos encontros rodeados de emoção, admiração, afeto e lanches, muitos lanches. Quase todas se sentiram lisonjeadas em participar da pesquisa, segundo elas, foi uma honra para.

> O importante, nesse primeiro contato na relação de entrevista que irá se estabelecer, é, através do comportamento e da postura com relação ao entrevistado,
>
> a) tornar claro que seu depoimento é de grande relevância para a pesquisa e que haverá muita satisfação, da parte dos pesquisadores, em ouvi-lo;
>
> b) mostrar franqueza na descrição dos propósitos do trabalho e na condução das entrevistas. Não convém aos pesquisadores, sob pena de prejudicar tanto esta como outras relações com entrevistados, forjar uma imagem de si próprios e do programa que não corresponda à prática efetiva. Isto porque, se a entrevista seguir os rumos adequados a trabalhos deste gênero, haverá momentos em que será difícil sustentar uma imagem impostada, e o entrevistado poderá sentir-se ludibriado. Veremos adiante como é importante o fator confiança mútua para o enriquecimento do documento de história oral, e é preciso esforçar-se nesse sentido desde o primeiro contato com o entrevistado;
>
> c) evidenciar o respeito que se nutre pelo entrevistado, enquanto sujeito produtor de significados outros que os dos pesquisadores. Como são sua experiência e suas interpretações que se buscam em uma entrevista de história oral, é preciso mostrar ao entrevistado que não se tenciona modificar ou criticar sua forma de ver o mundo, suas crenças e opiniões. (Alberti, 2005, p.87).

A pandemia de COVID-19 abriu precedente para que pudéssemos realizar poucas entrevistas, 2 no total, de modo virtual, o campo de pesquisa "passa ser o ciberespaço, que é o cenário para interação dos grupos" (PEREIRA; MENDES, 2022, p. 200). A possibilidade de realizar as entrevistas no ciberespaço oportunizou a interação com interlocutoras de outros estados e regiões do país, trazendo mais representatividade ao estudo, mas, mostrando que as condições do trabalho doméstico são as mesmas em todos os cantos.

Realizamos também a pesquisa bibliográfica e documental, buscando na literatura conhecida e em documentos técnicos e institucionais informações e dados que fundamentação nossos argumentos. A pesquisa documental que se assemelha muito à pesquisa bibliográfica, a diferença

entre elas está na natureza das fontes. "[...], a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa[16]", já a bibliográfica "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos" (Gil, 2014, p. 51).

Os documentos consultados foram os elaborados no período em que atuei como assistentes social, nas ILPIs onde residiam as idosas que acaudilham os capítulos do trabalho, como por exemplo, diários de campo e relatórios sociais[17]. Buscamos também, reportagens jornalísticas veiculadas em jornais, revistas ou em canais de televisão; perfis nas redes sociais que tratam a questão do trabalho doméstico remunerado; lives transmitidas por canais da internet que debateram assuntos pertinentes ao objeto, entre outras.

> [...] sendo possível ressaltar que os artefatos digitais ganham cada vez mais espaço na produção cultural e também nas interações sociais, que passam a ocorrer pela mediação de máquinas em formatos digitais. De acordo com os autores, é possível destacar como exemplo o surgimento de formulários digitais, e-books, softwares, entre outros, que alavancaram as pesquisas por meio de tais aparatos tecnológicos. Além disso, a cada dia a quantidade de material, informações e dados armazenados nas redes virtuais se amplia. É fundamental repensar a maneira de lidarmos com a análise desse volume de informações. (Pereira; Mendes, 2022, p. 198).

Com relação à pesquisa bibliográfica, buscamos na literatura a bibliografia clássica sobre as várias temáticas abordadas, mas, buscamos também, outras epistemologias, que permitissem trabalhar numa perspectiva decolonial[18], categoria fundamental para pensadores/as contemporâneos/as que teorizam e problematizam as relações sociais, com um olhar crítico sobre a colonização, baseando-se em saberes periféricos e preteridos historicamente pela Academia e, que refletem as relações étnico raciais a partir de outras referências.

> Como resultado, os interesses, preocupações, predileções, neuroses, preconceitos, instituições sociais e categorias sociais de euro-americanos têm dominado a escrita da história humana. Um dos efeitos desse eurocentrismo é a racialização do conhecimento: a Europa é representada como fonte de conhecimento, e os europeus, como conhecedores. Na verdade, o privilégio de gênero masculino como uma parte

---

[16] Os documentos são artefatos padronizados, na medida em que ocorrem habitualmente em formatos particulares: anotações, relatos de caso, rascunhos, atestados de óbito, observações, diários, estatísticas, relatórios anuais, certificados, julgamentos, cartas ou opiniões de especialistas (Flick apud Wolff, 2013, p. 125).

[17] O **relatório social** é um documento específico do Assistente Social gerado após coleta de dados referentes a sua intervenção em determinada situação ou expressão da questão social. Sua finalidade pode ser utilizada para a elaboração de um laudo ou parecer social. Pode ser elaborado em todos os espaços ocupacionais onde encontra-se o Assistente Social, apresentando uma análise da situação e conclusões.
A elaboração do relatório social visa apresentar as atividades desenvolvidas pelo assistente social podendo ser referente a qualquer um dos instrumentos face a face: entrevista, visita domiciliar ou institucional, reunião, dentre outros. Trata-se de um instrumento que sistematiza de forma privilegiada a prática do assistente social. (Disponível em: https://blog.gesuas.com.br/o-que-e-relatorio-social-e-quais-sao-os-tipos/. Acessado em 01 de fev. de 2024).

[18] "Decolonialidade é um termo usado principalmente por um movimento latino-americano emergente que se concentra na compreensão da modernidade no contexto de uma forma de teoria crítica aplicada a estudos étnicos e, cada vez mais, também em estudos de gênero (BALLESTRIN, 2013)".

> essencial do ethos europeu está consagrado na cultura da modernidade. Este contexto global para a produção de conhecimento deve ser levado em conta em nossa busca para compreender as realidades africanas e de fato a condição humana. (Oyewùmí, 2004, p.01).

Infelizmente, durante o processo de levantamento das fontes, pudemos observar que muitas trabalhadoras domésticas, vivem em condições análogas à escravidão, isto é: sem remuneração, sem direitos trabalhistas ou proteção social, o que reforça a ideia de que o trabalho doméstico remunerado no Brasil, é feminino e negro.

> [...] há maior participação de mulheres negras na ocupação, com tendência de crescimento nos últimos anos. No quarto trimestre de 2022, as trabalhadoras negras representavam 67,3% do total de mulheres da categoria e as não negras, 32,7%. Em 2013, a participação de mulheres negras no trabalho doméstico feminino era de 63,9%, contra 36,1% de mulheres não negras. Na verdade, com exceção do período pandêmico, houve crescimento constante da proporção de mulheres negras e redução das não negras na atividade, no período analisado. (DIEESE, 2023).

Esses dados corroboram a relevância desse estudo, que mesmo se desenrolando no tempo presente, dialoga diretamente com o passado e aponta caminhos para pensarmos o futuro. O marco histórico que determina a perpetuação de mulheres negras no trabalho doméstico e outras características de nossa sociedade, sem dúvidas, é a *escravidão negra no Brasil*.

> Os escravos domésticos estavam nos engenhos de açúcar, nas regiões mineradoras, nas fazendas de café nos sítios e chácaras, nas charqueadas do sul, nas pequenas e grandes cidades. Onde quer que tenha havido escravidão, lá estavam os escravos domésticos, principalmente as mulheres, trabalhando na casa de seus senhores.
> As tarefas feitas pelos escravos domésticos eram muitas e podiam variar de acordo com a posição socioeconômica de seu proprietário. [...] Nessas casas [casas das famílias abastadas] era comum que cada escravo tivesse uma tarefa específica: havia as cozinheiras, as arrumadeiras, as copeiras, as lavadeiras, as passadeiras, as engomadeiras, os cocheiros e os meninos de recado. (Santos, 2017, p.198).

Entendemos esse momento histórico como a gênese da terceirização do trabalho doméstico no país. Partimos, então, de um recorte histórico, que remete ao período colonial e nos dá a oportunidade de compreender as características primárias dessa forma de trabalho, localizando os princípios e valores que o idealizaram e que, avivados e reforçados pela "elite do atraso"[19], o mantém subalternizado até os dias de hoje.

Deixamos claro os passos dados na direção de respondermos ao nosso objetivo geral, a saber: *analisar o envelhecimento de trabalhadoras domésticas negras na sociedade brasileira*

[19] Para Jessé Souza (2017), "a crise brasileira atual [referindo-se ao golpe de 2016, que levou a ascensão do Bolsonarismo] é também e antes de tudo uma crise de ideias. Existem ideias velhas que nos legaram o tema da corrupção na política como nosso grande problema nacional. Isso é falso, embora, como em toda mentira e em toda fraude, tenha seu pequeno grão de verdade. Nossa corrupção real, a grande fraude que impossibilita o resgate do Brasil esquecido e humilhado, está em outro lugar e é construída por outras forças. São essas forças, tornadas invisíveis para melhor exercerem o poder real, que o livro pretende desvelar. **Essa é a nossa elite do atraso**". (p.10, grifos nossos).

contemporânea; uma tarefa que envolve muitas camadas e um árduo exercício de buscar no passado as respostas para as inquietações do presente.

Por conta da vida peculiar dessas mulheres, envolvidas por um trabalho que, em muitos casos, exige dedicação integral, pensar como envelhecem e vivem a velhice é importante, pois é um momento que pode exigir, delas ressignificação e resiliência e, suporte de famílias e do Estado, e foi isso que buscamos compreender com a pesquisa. Entendemos que o conhecimento produzido é necessário para a construção de políticas de assistência e cuidado que de fato cumpram a promessa de "proteção e alteração da qualidade de vida do grupo familiar"[20].

Para fins de organização e mitigação do nosso objetivo maior, organizamos alguns objetivos específicos, que fomentaram a organização do texto e o direcionamento do texto. Entendemos, como uma tarefa essencial (1) *analisar como a escravidão contribuiu para manutenção de mulheres negras no exercício do trabalho doméstico remunerado*. Para cumprir tal tarefa, buscamos na literatura, obras que dão conta da formação sócio-histórica do país, ficando claro, porque as estatísticas informam que o trabalho doméstico remunerado é exercido majoritariamente por mulheres negras. O entendimento sobre essa relação entre passado e presente, nos leva diretamente, a (2) *compreender como diferentes marcadores sociais e ideologias se interseccionam num processo histórico de opressão e dominação de mulheres negras*, que seguem subalternizadas na base da pirâmide socioeconômica do país.

No projeto de pesquisa original não tínhamos essa preocupação, mas, com a chegada da pandemia de COVID-19 e a publicização de vários casos – *graves* – de violação de direitos de trabalhadoras domésticas, no exercício de suas funções, que nem deveriam estar acontecendo, entendemos que precisaríamos nos debruçar sobre (3) *analisar a luta das trabalhadoras domésticas pelo reconhecimento da profissão e pela efetivação de seus direitos* e (4) *identificar como a pandemia de COVID-19 atingiu o trabalho doméstico no Brasil.* Depois de tudo o que foi visto, não havia como não dedicarmos um espaço na pesquisa para essa tragédia global.

Surpreendentemente, uma questão muito presente no campo é a questão do *afeto* – *"*sentimento terno de afeição por pessoa ou animal; amizade"[21], e a constituição (ou não) de relações afetivas, para além das relações de trabalho, a partir desta percepção, buscamos (5) *examinar como se constituem as relações afetivas, a partir da relação de trabalho, na condição da empregada doméstica*, este objetivo nos leva ao próximo, que é muito presente na cultura brasileira, a empregada doméstica ser tratada como "*quase da família*". Não há como falar sobre trabalho doméstico

[20] Brasil, 1998.
[21] Disponível em: Oxford Languagesand Google - Portuguese | Oxford Languages (oup.com). Acessado em 01 de jul. de 2023.

remunerado, de maneira crítica, sem (6) *entender o que significa para as trabalhadoras domésticas, serem tratadas como "quase da família*".

Por fim, chegamos ao campo do envelhecimento humano, que será tratado atravessado pelos marcadores classe, raça e gênero e para essa tarefa propusemos (7) *estudar o envelhecimento humano, a partir da multiplicidade de fatores que incidem sobre o mesmo* e (8) *verificar se o exercício do trabalho doméstico impacta o envelhecimento do grupo estudado*.

Sobre nossas interlocutoras, inicialmente, acreditamos que encontraríamos essas mulheres, apenas institucionalizadas, porém, o desenvolvimento da pesquisa ampliou este universo. Percebemos que as mulheres que buscávamos estavam em qualquer lugar, "*das senzalas, aos quartinhos, das casas aos abrigos*". Passamos a buscar então, mulheres com o seguinte perfil: 1) trabalhadoras domésticas negras idosas, institucionalizadas; 2) trabalhadoras domésticas negras idosas, que vivem sozinhas ou com suas famílias; 3) trabalhadoras domésticas negras idosas, que continuam trabalhando; 4) mulheres negras maduras ou envelhescentes que se mantinham ou não no trabalhado doméstico remunerado. Mesmo com a ampliação do universo investigado, reafirmamos que este nasceu com mulheres, negras, idosas, institucionalizadas, trabalhar em ILPIs, foi "um recurso privilegiado para identificar e analisar lógicas de ação, para ser capaz de construir, um mapa mental que me daria acesso à cultura do outro" (Vital, 2015, p.22).

> A singularidade da história oral é ressaltada por Marre (1991), uma vez que não se consegue chegar ao geral através de uma diversidade de histórias de vida singulares sem dar a elas uma totalidade sintética, que por sua vez se forma a partir da singularidade de cada uma delas. 'Quando o indivíduo vivencia e relata sua trajetória, se identifica a um grupo social do qual ele é elemento constitutivo'. Cabe ao pesquisador reconstruir, em cada história de vida, a presença de relações básicas e complexas que dizem respeito às categorias sociedade, grupo e indivíduo, expressas na relação oral. São relações ligadas à estrutura social e grupal e ainda à ideia de rearranjo e reapropriação do social que o indivíduo faz como unidade singular de seu relato. (Marre, 1991, apud, Gonçalves; Lisboa, 2007).
>
> [...] na história de vida, a singularidade é reveladora de um certo vivido social [...]; isto não quer dizer que não se valorize o indivíduo [...], mas sim que ele é tomado como uma amostra da [sua] comunidade. Nesse sentido, o pesquisador ocupado em trabalhar com histórias de vida 'busca atingir a coletividade de que seu informante faz parte e o encara como representante da mesma [...] seu objetivo é captar o grupo, a sociedade de que ele é parte, busca encontrar a coletividade a partir do indivíduo. (Queiroz, 1987 apud Amaro, 2014, p.69).

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, não tivemos uma preocupação com a quantidade entrevistadas, pois cada depoimento seria um universo de significações. Nos detivemos ao perfil desenhado e iniciamos a busca por essas mulheres. Ao iniciar essa tarefa, aconteceu algo, minimamente, intrigante: todas as pessoas que sabiam do tema, reagiam da seguinte maneira: "- essa é a história da vida da minha avó!"; "- você tem que conversar com a minha mãe!"; "- eu fui trabalhadora doméstica por muitos anos..."; "- você tem que conversar com a 'fulana'! Ela trabalha

lá em casa agora, mas, já passou muita coisa.", e assim, começamos a definir a amostragem para realização das entrevistas. Além disso, as equipes de Serviço Social de algumas ILPIs, identificaram mulheres com esse perfil e viabilizaram esses encontros.

Utilizamos então, nesse mapeamento, a técnica *bola de neve:*

> A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise. (Vinuto, 2014, p.203).

E assim, através de uma cadeia de contatos e conhecidos, chegamos as nossas 12 interlocutoras. Praticamente, todas as mulheres indicadas e contatadas, prontamente aceitaram o convite para participar da pesquisa, o que também nos trouxe muita satisfação. Os depoimentos coletados então, foram analisados em conjunto com as demais fontes consultadas. Desse modo, eles estão dispostos nos capítulos que se seguem ancorando as análises e considerações feitas sobe o objeto.

Uma das histórias narradas no trabalho, a história de Ivone[22], foi acessada no campo, quando esta pesquisadora foi a uma ILPI *privada* entrevistar uma outra participante. O nível de interação dela, era pouco, não se encontrava lúcida e orientada em todas as vezes que estive na instituição, para acessarmos sua história, que não poderia deixar de ser narrada aqui, recorremos aos documentos institucionais (livro de atendimento, prontuário e relatórios sociais, os quais só pude acessar por ser assistente social), a interação com a assistente social da unidade e com a família empregadora. Pode parecer uma contradição, acessar a vida de uma mulher negra, a partir da fala de terceiros, mas, retornando ao compromisso assumido, a partir do entendimento que esta pesquisa é militante, não era possível deixar a história de Ivone de fora. Sua trajetória será tratada no 1º capítulo desta tese.

Ainda em relação às escolhas metodológicas feitas, para a construção e organização deste trabalho, gostaríamos de manifestar nosso posicionamento em relação a linguagem, entendida aqui como instrumento colonial de poder e reafirmação de uma hierarquização baseada na pseudo

[22] Nome fictício.

superioridade cis-heteronormativa-masculina-branca. Parafraseamos Grada Kilomba (2019 p.14), no aclamado livro "*Memórias da Plantação*", para justificar nosso posicionamento:

> [...] me parece obrigatório esclarecer o significado de uma série de terminologias que, quando escritas em português, revelam uma profunda falta de reflexão e teorização da história e heranças coloniais e patriarcais, tão presentes na língua portuguesa. [...] [...] a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana.

Portanto, sempre que necessário, demarcamos o gênero das palavras e, quando couber, optamos pela linguagem neutra, em respeito a diversidade humana. Gostaríamos de, novamente, citar Grada Kilomba (2019), para esclarecer as muitas notas de rodapé que aparecerão no texto e "*revelam o meu posicionamento como autora e ajudam à leitura e à reflexão [...]*" (Grifos nossos).

Desta maneira, a tese ficou organizada da seguinte maneira: no 1º capítulo, trazemos uma discussão sobre trabalho doméstico remunerado pós abolição da escravatura, a partir de seu atravessamento pelos marcadores raça, gênero e classe social; já no 2º capítulo, abordamos o envelhecimento e o envelhecimento negro, mais uma vez, considerando raça, um marcador determinante para a inserção dos sujeitos no mundo e, consequentemente, para vivência da velhice; no 3º capítulo retomamos o debate sobre o trabalho doméstico remunerado, mas agora, sob a perspectiva dos direitos, não somente direitos trabalhistas, sobretudo o direito a existência, que esteve severamente ameaçada durante a pandemia de COVID-19. Finalmente, o 4º e último capítulo, discute a *economia do cuidado*, entendendo que ela "torna possível questionar sobre como é gerada a distribuição de empregos, dos trabalhos, do tempo e da renda alocando a produção do bem-estar dos indivíduos no centro da análise das políticas: econômica, de renda e social" (Esquivel, 2011a apud Muller; Moser, 2022), e tratando aspectos subjetivos evolvidos no trabalho do cuidado, como o afeto.

Nosso desejo é apresentar um trabalho um trabalho acessível a todos, claro, com linguagem compreensível e notas de rodapé suficientes para dirimir possíveis dúvidas que caiam sobre o leitor. Afinal, todos conhecem uma trabalhadora doméstica, logo, gostaríamos de poder compartilhar esse texto com todos que conhecem uma trabalhadora doméstica, mas, prioritariamente, com as trabalhadoras domésticas, que movimentam diariamente a economia desse país.

As senhoras da história

Como dito anteriormente, este trabalho foi idealizado a partir das histórias acessadas ao longo de minha trajetória profissional e, assim seus capítulos foram desenhados, a partir das histórias de vida mais marcantes que conheci na condição de assistente social, exceto a contada no 1º

capítulo, que gira em torno da vida de *Ivone Lara*[23], uma (ex)trabalhadora doméstica, negra, institucionalizada em uma ILPI privada, que conheci no processo de imersão no campo, os demais capítulos, nascem dos processos de escuta e intervenção vividos pela assistente social.

Os 4 capítulos trabalhados contaram com 4 personagens centrais que emprestaram suas histórias para sistematizarmos os dados. Realizamos ao todo 12 entrevistas com mulheres negras, velhas[24] ou envelhescentes, heterossexuais ou bissexuais, incríveis e potentes, que tiveram suas trajetórias de vida atravessadas ou determinadas pelo trabalho doméstico remunerado. A reunião dessas histórias abriu um universo de significações e memórias que compartilhamos e deu a chance de outra mulher negra buscar o título de doutora. ***Ubuntu***! [25]

Das 12 mulheres que entrevistamos 5 estavam morando sozinhas; 5 moravam com familiares ou no mesmo terreno que seus familiares e 2 estavam institucionalizadas. Quanto a situação laboral, 3 seguiam exercendo o trabalho doméstico, outras 2 tinham outros trabalhos na ocasião da pesquisa, 6 estavam aposentadas por tempo de serviço e 1 tinha uma situação indefinida. Em relação à formação: 4 tinham nível superior completo e, destas, 2 estavam concluindo o mestrado, o que não significou, necessariamente, a saída do trabalho doméstico remunerado.

Para que todos/as os/as leitores/as possam conhecer um pouco mais nossas interlocutoras, tentamos descrevê-las na tabela que se segue. A fim de preservar suas identidades elas estão identificadas com nomes de mulheres negras que tiveram destaque na história do Brasil e do mundo, personagens históricas que reafirmam a força da mulher negra.

[23] Pseudônimo dado a interlocutora.
[24] Optamos pelo termo velhas para nos referirmos ao grupo estudado, ao longo do texto, esclarecemos tal escolha.
[25] "A palavra Ubuntu tem origem nos idiomas zulu e xhosa do sul do continente africano e tem como significado a humanidade para todos. Ser Ubuntu, ao contrário de uma visão positivista de autossuficiência, é acreditar numa humanidade comum e interdependente. O bem-estar e a felicidade individual estão intimamente ligados ao bem-estar e felicidade do outro." (Disponível em: Fundamentos (academialideresubuntu.org). Acessado em 01 de jul. de 2023.)

Entrevista	Codinome	Nascimento	Idade na Entrevista	Idade que iniciou no trabalho doméstico	Resumo História de Vida
Entrevistada 1	***Dandara de Palmares***	16/02/1937	82 anos	08 anos	D. Dandara me recebeu em sua casa com muita alegria e satisfação "*por poder contribuir com os meus estudos*". Se emocionou várias vezes, especialmente, nas passagens em que lembrava dos filhos pequenos e do marido, já falecido. Vive sozinha, em um pequeno apartamento, de sua propriedade, herança deixada pelo falecido marido, em um conjunto habitacional, localizado em uma área deflagrada na zona norte, do município do Rio de Janeiro. Cheguei até ela, através de uma de suas netas, que conheci no curso de Pós-Graduação. D. Dandara se orgulha de realizar todas as tarefas domésticas de sua casa. Goza de boa saúde, exceto, "pelas vistas". Diz que seus filhos e netos são presentes e gostariam de levá-la para morar com eles, mas, ela "não abre mão de sua independência." Ao término da entrevista, fez questão que eu lanchasse com ela e emendamos uma agradável conversa sobre a vida.
Entrevistada 2	***Tereza de Benguela***	03/01/1976	43 anos	12 anos	Conheci Tereza em um curso de extensão, realizado no próprio CPDOC. Quando falei sobre o objeto da minha pesquisa, Tereza logo se voluntariou para participar como informante. Vem de uma família de trabalhadoras domésticas, mãe, tias, irmãs. Sua mãe lutou para que ela e suas irmãs pudessem sair do trabalho doméstico. A certa altura da vida, conseguiu, foi trabalhar em banco, tornou-se gerente. À época do nosso encontro, havia deixado a carreira de bancária para trás para

					dedicar-se ao curso de Mestrado. Lembra com pesar sua passagem pelo trabalho doméstico. Ela e suas irmãs já não vivem mais essa realidade, todas tem nível superior e trabalham em suas áreas, apelam para que a mãe também deixe o trabalho doméstico remunerado, sem sucesso, "*não tem jeito*".
Entrevistada 3	***Maria Firmina***	23/03/1955	64 anos	10 ou 12 anos	D. Firmina é mãe de Tereza, foi muito querida em nosso encontro. Me recebeu na casa de uma de suas filhas, com um lanche digno da realeza. Tem uma vida marcada por perdas e situações de violência financeira e psicológica. Teve 6 filhos, 5 meninas e 1 menino, Na última gestação não teve apoio do marido, por isso, suas filhas começaram a trabalhar com ela, no trabalho doméstico, além de dividirem o cuidado da casa e dos irmãos mais novos. Se orgulha de ter formado todas as filhas e "*elas terem saído da casa de família*". Não aceita deixar de trabalhar. Hoje, mora com os filhos mais novos (2).
Entrevistada 4	***Antonieta de Barros***	20/04/1941	78 anos	20 e poucos anos	D. Antonieta era tia de uma das minhas amigas de infância, que tão logo soube do tema desta tese me disse: "*você tem que conversar com a minha tia 'Antonieta*'". D. Antonieta, foi muito simpática, mesmo já nos conhecendo, não tínhamos intimidade. Durante sua entrevista, era possível perceber que estava envaidecida por compartilhar sua história. Na época de sua entrevista, morava "de favor" em uma quitinete que fica na casa de uma de suas irmãs. Conversamos na varanda. Demonstrou muita tristeza ao reviver sua passagem por uma das casas em que trabalhou, "*sente muita*

					saudade de D. Helô", sua patroa. Acreditava, realmente, ser da família, mas, quando sua patroa faleceu retornou para a casa de parentes, ficou na casa de um, de outro, até que chegou na casa dessa irmã. Diz que se dá bem com a família, "*mas, não é a mesma coisa*", referindo-se aos 20 anos que trabalhou na casa de D. Helô. Faleceu recentemente em decorrência de um câncer agressivo no estomago.
Entrevistada 5	***D. Ivone Lara***	Ignorado	105 anos (?)	9 anos	"*D. Ivone Lara uma joia rara*", diz a letra da canção e a nossa D. Ivone, também é uma joia. Diferentemente, de nossas outras interlocutoras, D. Ivone estava em uma ILPI. A assistente social da casa em que estava acolhida, que nos apresentou, por assim dizer. Sua história de vida choca, choca o que o trabalho doméstico remunerado pode fazer com a vida de uma mulher negra. D. Ivone trabalhou por 87 anos para uma família. Quando nos vimos, estava acamada, algo lúcida. Nossa interação foi limitada, por conta de seu quadro, mas, acessamos sua história e não havia como excluí-la, pois, ela vai nos dizer muito sobre o trabalho doméstico remunerado, na sociedade brasileira. D. Ivone faleceu em 2022, de velhice.

Entrevistada 6	***Carolina de Jesus***	18/09/1933	86 anos	18 anos	D. Carolina é alegre, de bem com a vida, conta entusiasmada tudo o que viveu com a única família para quem trabalhou. Chegamos até ela através da mesma assistente social que nos apresentou D. Ivone, pois, ela costuma passar finais de semana ou curtos períodos na mesma ILPI onde vive Ivone. Ficou como "herança" para uma (das muitas) das crianças que criou. Está aposentada "*mas, ajuda a tomar conta das coisas*", vê de fato aquelas pessoas como sua família, embora, tenha irmãos e sobrinhos com quem mantém contato. Mora com a filha que não gerou, mas, ela (a filha) "*não está sabendo lidar com essa herança*". Na época de sua entrevista, sua "filha", estava procurando uma outra instituição para deixá-la definitivamente, já que essa onde nos encontramos era "muito cara", ela mesmo confidenciou. D. Carolina não sabia desse plano. Entre os anos de 2021/2022 foi institucionalizada em uma ILPI no município em Petrópolis. Faleceu em 2023, não sabemos a causa morte.
Entrevistada 7	***Laudelina de Campos***	20/06/1933	86 anos	09 anos	D. Laudelina é uma força da natureza. Está concluindo o 2º curso superior, primeiro fez Serviço Social, agora está concluindo Pedagogia. Já tem duas especializações e não pretende parar. Lutou do lado de D. Laudelina de Campos, pelo reconhecimento dos direitos das trabalhadoras domésticas, participou da fundação do sindicato das domésticas do Rio de Janeiro e da associação de moradores, da comunidade onde mora. Aliás, ela ainda mora na mesma comunidade até hoje, com filhos, netos e seu marido.

					Um colega professor, participante de movimentos sociais, nos aproximou, disse que não havia como falar de trabalho doméstico, sem conversar com D. Laudelina. E ele estava certo. Se aposentou como doméstica, mas, iniciou sua vida laborativa em uma fazenda, acompanhando a mãe, em sua cidade natal. Mesmo com os estudos, nunca deixou o trabalho doméstico e a luta de suas trabalhadoras.
Entrevistada 8	***Jovelina Pérola Negra***	--	27 anos	12 anos	Jovelina é uma mulher negra, LGBTQIAP+, jovem, à época de sua entrevista contava com 27 anos, morava em São Paulo. É uma influenciadora digital que compartilha suas experiências como babá e mulher negra nas redes sociais. Abre espaço também, para que outras trabalhadoras, majoritariamente negras, também compartilhem suas vivências no trabalho doméstico. Mesmo ela sendo uma mulher jovem, acompanhar seu trabalho nas redes sociais tornou-se uma das mais ricas fontes de consulta para pensarmos o significado do trabalho doméstico na vida de mulheres negras. Então, excepcionalmente, a entrevistamos como forma, não só de enriquecer nossa análise com seu depoimento, mas, de dialogarmos com alguém que problematiza o trabalho doméstico de dentro dele.

Entrevistada 9	***Tia Ciata***	20/03/1944	77 anos	16 anos	Tia Ciata teve quase todas as irmãs no trabalho doméstico, mas, ela não, "*seu pai a poupou*", ela e sua irmã, sendo as filhas mais novas de uma prole de 14 irmãos, não entraram no trabalho doméstico remunerado. Isso aconteceu, posteriormente, por escolha sua. Mas, o trabalho doméstico sempre foi presente na sua vida, pois além de acompanhar a rotina das irmãs e da mãe, lavadeira, precisava ajudar no cuidado da casa, dos irmãos, do pai e também na lavagem de roupa da mãe. Tia Ciata é uma pessoa próxima à minha família, que resolveu "contribuir com os meus estudos". Sua experiência no trabalho doméstica não é vasta, pois, logo "foi procurar coisa melhor", mas, reúne histórias de toda uma família de domésticas.
Entrevistada 10	***Marli Pereira Soares***	07/07/1968	54 anos	14 anos	D. Marli me recebeu no sindicato, depois de eu ter assistido uma palestra sua e ter conseguido seu telefone com uma colega de curso. Sua história com trabalho doméstico é diferente. De família de trabalhadoras domésticas, tinha aversão a este, mas, sua mãe a levou para trabalhar "*em casa de família porque ela não queria estudar*". Mesmo relutando contra o destino, abraçou o trabalho doméstico e seguiu a linhagem da família, tonando-se sindicalista, das mais aguerridas. Trabalha incansavelmente, pela categoria. Hoje trabalha como diarista, pois, "*já tem muitos problemas de saúde e os compromissos no sindicato*". Estava presidente de um sindicato de trabalhadores domésticos, localizado em um dos municípios da Baixada Fluminense, do Rio de Janeiro.

					Sua entrevista foi incrível, acabei conversando com outras trabalhadoras que estavam no sindicato, foi uma tarde de muito calor e aprendizado.
Entrevistada 11	***Esperança Garcia***	07/04/1958	64 anos	10 anos	Participando de um GT sobre trabalhado doméstico, em um Seminário sobre gênero, recebi o contato de D. Esperança e a recomendação que eu não deixasse de contatá-la. E assim fizemos. D. esperança muito atenciosamente nos atendeu e concedeu sua entrevista. É sindicalista, já esteve na presidência de um sindicato de trabalhadores domésticos na Bahia. Segue sindicalista e lutando pelo reconhecimento dos direitos dos trabalhadores domésticos. De poucas palavras, trouxe para o trabalho, mas, uma contribuição para pensarmos os contextos regionais.
Entrevistada 12	***Anastácia***	30/01/1975	47 anos	13 anos	Anastácia é um exemplo de resiliência, dedicação e força. Trabalhamos juntas em uma ILPI pública, posteriormente, ela foi minha aluna no curso de Serviço Social. Em sua trajetória profissional, migrou do trabalho doméstico remunerado para o trabalho como cuidadora de idosos e depois da saúde mental. Hoje é assistente social. Envolvida em movimentos sociais, luta pelo reconhecimento da profissão de cuidador/a, ainda tratada como ocupação. Excelente profissional é também uma excelente e aguerrida defensora dos direitos das/os cuidadoras/es. Com o trabalho doméstico criou 3 filhos, comprou a casa, onde mora hoje. Mas, esse trabalho não lhe garantiu apenas sobrevivência, mas, trouxe-lhe também muitas recordações amargas.

Esperamos que o/a leitor/a possa acessar a essas trajetórias e compreender os processos de vida e envelhecimento experimentado por essas mulheres, bem como, a maneira como o trabalho doméstico remunerado e seus agentes impactam suas vidas.

1. ENTRE O "*QUASE DA FAMÍLIA*" E O QUASE DA SENZALA: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO NO BRASIL PÓS ABOLIÇÃO

A menina preta que mora em nós
sabe o porquê quis ter o olho azul.
Carla Akotirene

O filme brasileiro "*Que horas ela volta*?", lançado em 2015, conta a história da nordestina "Val", trabalhadora doméstica que deixa a filha em sua cidade natal e vai para São Paulo trabalhar como empregada folguista para uma família rica. A trama acontece quando sua filha vem ao seu encontro para tentar vestibular para a maior universidade do país, tal como o filho da patroa, expondo todas as camadas de preconceito, que o trabalho doméstico remunerado pode trazer para suas trabalhadoras e suas famílias. Obviamente, por tratar-se de uma obra de ficção, há aspectos romantizados, mas, talvez pela primeira vez, uma obra ficcional nacional expõe as contradições sociais que estão, historicamente, enraizadas no trabalho doméstico remunerado.

Após o aclamado filme de Anna Muylaert (diretora e roteirista do longa), ganhar as telas e a crítica, outras produções foram lançadas tratando o assunto, talvez não de maneira tão visceral quanto o primeiro, mas, seguiram dando visibilidade à questão do trabalho doméstico remunerado e demonstrando que a sociedade brasileira, nos devaneios da "elite do atraso", tem um fetiche por esse tipo de ocupação. A possibilidade de terceirizar o cuidado e ter alguém para servir é um desejo perseguido por muitas famílias.

> [...] Minha mãe, após meu pai abandonar a ela e a seus 06 filhos foi morar com aminha avó e para nos sustentar ela e minha avó trabalhavam de empregadas domésticas. Em 1989 na cidade de Goiânia, minha mãe trabalhava em uma casa e eu com 09 anos, ia para ajudá-la. Nessa casa havia uma menina que contava com seus 09 anos também e ao fim do dia, quando encerrava meus afazeres ela me chamava para brincar e a brincadeira era bem parecida com a minha rotina de doméstica infantil. Eu era a empregada dela na brincadeira de casinha, de forma 'lúdica' ela me chamava de escrava. Dizia: você é minha escrava, vá buscar água... na minha inocência não via nada de mal nesse comportamento a época... [...] é lamentável, pois muitas vezes aceitamos certos aspectos em uma relação seja ela de trabalho ou qualquer outra por sentirmos que não merecemos nada além do desprezo, humilhação... (Preta-rara, 2019, p.67-68).

Os resquícios da escravidão, quando a servidão era permitida e fazia parte do modo de vida, ainda ecoam na nossa sociabilidade e, ter um trabalhador doméstico disponível para servir e atender caprichos materializa isso.

> O trabalho executado pelos empregados domésticos não constitui apenas relação externa de compra e venda de força de trabalho, **mas também modo de vida**. O trabalho doméstico é uma responsabilidade da mulher, culturalmente definida do ponto de vista social como dona de casa, mãe ou esposa. Esse trabalho dirigido para as atividades de consumo familiar, é um serviço pessoal para o qual cada mulher

> internaliza a ideologia de servir aos outros, maridos e filhos. O trabalho realizado para sua própria família é visto pela sociedade como uma situação natural, pois não tem remuneração e é condicionado por relações afetivas entre a mulher e os demais membros familiares, gratuito e fora do mercado. Quando uma mulher contrata uma terceira para executar essas tarefas, isto é, prestar tais serviços para uma família diferente da sua, esse trabalho doméstico converte-se em 'serviço doméstico remunerado'. Esse trabalho da empregada doméstica herda socialmente o estigma de desvalorização que acompanha essas atividades. Patroas e empregadas domésticas participam de uma relação de identidade mediada pela lógica de servir aos outros como algo natural [Léon (1989)], embora essa relação trabalhista tenha dois efeitos contraditórios: de um lado, a questão de classe e, de outro, a identidade de gênero que é estabelecida entre as mulheres.5 Essa questão também envolve um problema de status na sociedade, pois **a utilização de empregadas domésticas confere uma certa posição à mulher dona-de-casa, independente da renda familiar**. (MELO, 1998, p.02-03. Grifos nossos).

O trabalho doméstico é uma questão na sociedade brasileira, seu caráter servil, "improdutivo" e desprestigiado e sua descendência direta do trabalho desempenhado pelas escravas domésticas, fazem com que esse seja "um bolsão de ocupação para a mão-de-obra feminina no Brasil, porque constitui culturalmente o lugar da mulher e a execução dessas tarefas não exige nenhuma qualificação" (Melo, 1998), tornando-se ocupação, quase naturalizada para mulheres negras.

Os números mostram que cerca de 65% das trabalhadoras domésticas no país hoje, são ***mulheres negras***. Quando comparamos as condições de trabalho e vida de trabalhadora domésticas negras e não negras, observamos que o 2º grupo goza de melhores[26].

Os números sinalizam que é importante analisar o trabalho doméstico remunerado no Brasil contemporâneo de maneira racializada, já que raça e gênero, e poderíamos acrescentar classe, estão intimamente ligados à profissão e, seguimos acreditando que a explicação para essas disparidades está na "formação deste Brasil de hoje que foi feita com muito trabalho e violência [...]" (Santos, 2017, p.164).

Mesmo a abolição da escravidão tendo sido proclamada há 135 anos a população negra segue acorrentada pelo racismo, que mantém essas pessoas em ocupações de menor prestígio social e remuneração, como no caso das domésticas. Outros valores que fundamentaram nossa formação social – como patriarcado, sexismo, machismo – corroboram com essa involução da sociedade. Não é coincidência o fato de o trabalho doméstico remunerado ter sido reconhecido e regulamentado como profissão, apenas no ano de 2015, sob fortes protestos da elite brasileira. Não é coincidência que recorrentemente tenhamos notícias sobre mulheres negras, trabalhadoras domésticas, sendo resgatadas pelos auditores fiscais do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e o Ministério Público do Trabalho e Emprego (MPTE), em situações análogas à escravidão e os próprios órgãos fiscalizadores enfatizam que se trata de "um trabalho significante como qualquer outro, contudo,

[26] Disponível em: revista.pdf (ipea.gov.br). Acessado em 01 de jul. de 2023.

embora as evoluções legislativas concedendo alguns direitos a estes trabalhadores, até recentemente eles permaneceram laborando sem reais direitos trabalhistas". (Silva, 2015).

> A magnitude do 'serviço doméstico' assim como o sentido e as práticas que marcam essa relação de trabalho, como afirmado anteriormente, remonta ao período colonial. Caio Prado Júnior (1999), ao analisar a importância do trabalho servil na economia colonial, distingue dois setores importantes com 'caracteres e consequências distintas' na formação da vida social brasileira, quais sejam, 'o das atividades produtivas propriamente e as do serviço doméstico'. Ressalta o autor que, embora a importância econômica do primeiro seja inegavelmente maior, o segundo não pode ser subestimado, por duas razões: 'não só ele é numericamente volumoso... como é grande a participação que tem na vida social e a influência que sobre ela exerce. Nesse sentido, e excluído o elemento econômico, ele ultrapassa mesmo largamente o papel do outro setor'. (Prado, 1999, p. 278, apud, Ávila; Ferreira, 2020).

As telas dos cinemas, as redes sociais ou o noticiário não deixam dúvidas quanto à série de violências e violações que são cometidas contra as domésticas no espaço privado do lar, o que torna a situação mais crítica e dramática, pois, muitas vezes relações trabalhistas e pessoais se confundem, tornando mais difícil, o reconhecimento e identificação de abusos. Micro violências que estão naturalizadas no cotidiano familiar.

O minúsculo e insalubre ***quarto de empregada***[27], produto da arquitetura brasileira, mantém viva a lembrança da senzala, segrega e imprime o *lugar* destinado às mulheres negras na nossa sociedade. A intersecção entre raça, classe e gênero dão a ótica de nossas críticas, buscando analisar e compreender como a escravidão contribuiu para manutenção de mulheres negras no exercício do trabalho doméstico remunerado e como diferentes marcadores sociais e ideologias se interseccionam num processo histórico de opressão e dominação de mulheres negras.

1.1. 87 ANOS TRABALHANDO EM "CASA DE FAMÍLIA" – A VIDA DE *IVONE LARA*

Diferentemente das outras histórias de vida que resultaram no projeto de pesquisa e na organização dos capítulos desta tese, acessemos a história de Ivone já no processo de pesquisa do Doutorado. Gostaríamos de iniciar as reflexões sobre o que, de fato, significa o trabalho doméstico remunerado no Brasil pós-abolição da escravidão, portanto, livre da escravização de pessoas negras,

[27] Durante a história da arquitetura brasileira, esse espaço inseriu-se nos programas de necessidades das habitações voltadas aos segmentos médios e de elite, sendo derivada no período da colonização, passando por mudanças desprivilegiadas de localização no interior da residência unifamiliar – nos fundos ou no quintal, no porão, no sótão ou separada do restante da edificação sob a forma de edícula – sempre vinculada e próxima à área de serviço enquanto determinador da identificação funcional e social. Desde a fase conceitual do projeto arquitetônico, este ambiente costuma ser hierarquizado espacialmente, além de possuir atributos desfavoráveis, para não dizer mínimos ou abaixo deles, em relação às dimensões espaciais, à circulação interna, à inserção de janelas, aos aspectos ambientais (ventilação, iluminação e acústica), afora a grande possibilidade de dividir o espaço com o depósito da residência ou com os equipamentos de trabalho (sobreposição de atividades). (Morais; Maia, 2008, p.324).

a partir da história de vida dela, por entender que sua vida pode ser impensável num país democrático e livre. Sua história parece um roteiro de filme (de terror), mas, não há nada de ficcional nela, pelo contrário, ela é real, verificada, documentada e aconteceu no nosso tempo. O mais triste é que, infelizmente, não deve ser a única.

Antes de retratar a história de vida de Ivone é preciso registrar que casos como esse acontecem, porque são legitimados pelo racismo, o mesmo racismo que possibilitou a escravização de pessoas negras e a expansão do capitalismo.

> Movimentos e pessoas negras há anos debatem o racismo como estrutura fundante das relações sociais, criando desigualdades e abismos. O racismo é, portanto, **um sistema de opressão que nega direitos**, e não um simples ato da vontade de um indivíduo. (Ribeiro, 2019, p. 12, grifos nossos).

O fato de sermos um país que foi colonizado e que imprime um capitalismo periférico, sedimentado em valores escravocratas e servis, que vão além da necessidade exploratória características do capital, revela muito do perfil da "elite do atraso", que insiste em manter serviçais em suas residências e tratá-los como parte de suas propriedades e de como o trabalho doméstico remunerado é percebido pela sociedade. Baseado nos escritos de Frantz Fanon, Carvalho (2019), diz que a colonização imprime marcas nas relações entre colonizados e colonizadores que perduram nessas sociedades. Para Fanon, forma-se no colonizado um complexo de inferioridade, legitimado pelos sistemas de opressão estabelecidos, e nascido em sob duas raízes: "a econômica e a interiorização ou 'epidermização' da inferioridade. O homem negro deseja embranquecer sua pele e ter uma esposa loira. A mulher negra alisa o cabelo e sonha com um homem branco."

O pensamento de Fanon (Carvalho, 2019), reforça o ideário social que cria e institucionaliza lugares e posições para os indivíduos, assegurando a subalternidade como o lugar destinado para pessoas negras. Os grupos subalternos, a medida em que não possuem ainda uma unidade política concreta e orgânica que lhes permita assumir o poder, têm dificuldades em construir uma unidade ideológica que lhes garanta uma solidez organizativa. A ausência de uma unidade política se expressa como 'ausência de iniciativa histórica', de modo que a 'desagregação é mais grave' e deve ser 'mais forte que a luta para se libertar dos princípios impostos e não propostos autonomamente, para se alcançar uma consciência histórica autônoma' (Schlesener, 2016, p. 139.)

> [...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo 'normal' com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre 'pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição'. (Almeida, 2019, p.50).

É esse racismo, estrutural e estruturante de relações sociais e trabalhistas, um dos fatores preponderantes, para que o trabalho doméstico remunerado se mantenha desvalorizado. A visão de que ele é improdutivo (não produz nenhuma mercadoria) e o fato de nessa organização social, ser "imposto" às mulheres, faz com que ele se torne um dos destinos, socialmente definido, para mulheres negras. Esse mesmo racismo ainda permite que relações de trabalho se tornem relações de exploração, dominação e expropriação, como na época da escravidão.

> Discursos institucionais e legais a respeito do que é ser empregada doméstica, podemos dizer que são mulheres que trabalham em casas de outras pessoas e famílias com a finalidade de exercer as atividades domésticas do cuidado com a casa, como limpeza, organização, cuidado de jardins, da preparação de alimentos e refeições; e do cuidado de crianças e idosos; além de outras possíveis atividades. O que qualifica a empregada doméstica (ou trabalhadora doméstica) em relação aos demais trabalhadores é o fato dela trabalhar especificamente em domicílios particulares. (Ilo, 2013, apud Naves, 2014, p. 83).

> [...] discursos que dizem respeito **ao sentido social ou à construção social a respeito do que é ser empregada doméstica no Brasil**, as 'Pretas' são as mulheres que têm como suas antecessoras na história brasileira as escravas domésticas, mulheres negras que, no período escravocrata, eram escolhidas para servir à família dos senhores de engenho dentro de suas próprias residências. Cuidavam da casa e dos filhos, algumas vezes até amamentavam os filhos das senhoras. Trouxeram as personagens históricas das mães pretas e das amas de leite. (Teixeira, Carrieri, Naves, apud Naves, 2014, p.84, grifos do original).

Este preambulo foi uma tentativa de encontrar justificativas para o injustificável.

Aos 11 anos de idade, Ivone, uma menina negra mineira, foi levada para trabalhar em uma fazenda em Araxá (MG), juntamente, com seus demais parentes. Por lá, trabalhou até completar 12 anos de idade, quando a jovem filha de sua "*sinhá*"[28], que morava no Rio de Janeiro, engravidou e precisava de alguém para lhe "*ajudar*" nos cuidados com o bebê que estava a caminho. "Era comum que as portuguesas tivessem filhos muito cedo, ainda muito jovens, necessitando de *ajuda*. As esposas dos senhores de engenho se casavam aos 13, 14 anos de idade [...]." (Teixeira, 2021, p. 26, grifos nossos).

Não se sabe em que condições, Ivone foi trazida para o Rio de Janeiro para "*ajudar*" a "*sinhazinha*", mas Ivone foi mais uma criança, designada para cuidar de outra criança. Os anos passaram e Ivone seguiu trabalhando na casa dessa família. Não há relatos que deem conta de seu

---

[28] "Forma de tratamento com que os escravos designavam a senhora ou patroa; siá, sá, sinha, sinhara." (Disponível em: Oxford Languagesand Google - Portuguese | Oxford Languages (oup.com). Acessado em 21 de fevereiro de 2023).
"Lá estava encenada a base da família cristã onde a mulher branca exerceu um papel fundamental, o de sinhá. [...] O colonialismo está presente em todos os âmbitos de nossa vida, conseguimos senti-lo. O trauma do passado se torna vivo no presente, fazendo com que qualquer espaço de tensão racial se torne uma colônia metafórica. De repente, 'patrões' se tornam sinhás/senhores simbólicas/os e negras/os através do insulto e da humilhação tornam-se escravizadas/os figurativas/os" (LÔBO apud KILOMBA, 2021. Disponível em: Com quantas Sinhás se fez um Brasil? - Mundo Negro. Acessado em 04 de mar. de 2023.)

retorno para casa, ainda que a passeio ou de férias, retornou apenas acompanhando os patrões à fazenda da família, quando estes estavam de férias ou a passeio. Parece não ter tido oportunidade de constituir sua própria família. A filha da criança que foi criada por ela, conta que Ivone não tinha costume de sair, passear, não tinha amigos/as, vivia ali dentro espaço do trabalho, a "*casa de família*".

Quando estava com estimados 98 anos, sim estimados, porque quando chegou ao Rio de Janeiro, Ivone não tinha qualquer documento de identificação, então, não era possível precisar a sua idade, começou a ficar amuada, prostada, passava a maior parte do tempo na cama, até que um dia ela não levantou mais e desenvolveu uma atrofia severa nos membros, não há diagnóstico de qualquer doença degenerativa ou neurológica, apenas seus membros se retraíram, impedindo sua movimentação.

A criança que ela criou tentou cuidá-la, mas, com a idade já avançada e algumas doenças presentes, não conseguiu. A filha da "sinhá" então, já adulta, a colocou em uma Casa Geriátrica, uma ILPI, de médio padrão na Zona Norte, do Rio de Janeiro. Ivone chegou à instituição com um quadro de atrofia de membros inferiores e superiores, sem documentação de identificação civil, desorientada no tempo e no espaço, acamada.

Trabalhou para esta família por supostos, 87 anos, não se aposentou, nem documentos pessoais tinha, nunca recebeu salário, nunca recebeu 13º salário, nunca tirou férias, nunca frequentou a escola. No início de seu acolhimento, a filha que não saiu de suas entranhas, a visitava, mas, com o agravamento de seu quadro de saúde, foi levada para a casa de veraneio da família em Paquetá (RJ), não voltou a visitar sua "*mãe preta*", como eram chamadas as escravizadas que cuidavam das crianças brancas como filhos.

> A expressão 'mãe preta' é tradicional. Vem do período em que as escravas negras amamentavam os filhos das mulheres brancas. Para servirem às brancas, eram requisitos que as mucamas fossem bonitas e limpas. Dada a importância social da 'mãe preta' e ao significado simbólico de sua figura, nos anos de 1920 o movimento negro paulista, liderado pelo jornalista José Correia Leite, diretor de *O Clarin d'Alvorada*[29], iniciou uma campanha para que fosse erguido um monumento em homenagem às mulheres que foram duplamente mães. 'Por um lado, cumprindo a missão ditada pela natureza; por outro, obedecendo às imposições do duro regime da escravidão', [...].[30]

[29] "Dentre os jornais da imprensa negra paulista, O Clarim da Alvorada, periódico mensal fundado na cidade de São Paulo em 1924 por Jayme de Aguiar e José Correia Leite, pode ser apontado como o mais importante. Esse protagonismo se dá por duas razões: Primeiro devido à sua longevidade. De publicação mensal, O Clarim da Alvorada circulou de forma praticamente ininterrupta durante seus oito anos de existência, o que é considerado uma produção de fôlego no contexto da imprensa negra. Em segundo lugar, O Clarim da Alvorada se destaca pelo conteúdo de suas páginas, uma vez que o jornal ganhou notoriedade por abordar questões relacionadas à marginalização da população negra, denunciando seu estado de exclusão e elaborando propostas para a superação desse quadro." (Disponível em: 1600109480_ARQUIVO_7e61e4fa3599d43c5e37b820d8f97c53.pdf (anpuh.org). Acessado em: 21 de fevereiro de 2023).

[30] 28 de setembro - Dia da Gratidão à Mãe Preta. Disponível em: 28 de setembro - Dia da Gratidão à Mãe Preta - Unesp - Centro de Documentação e Memória da UNESP - Reitoria. Acessado em 21 de fevereiro de 2023.

Quando na citação acima, é dito que o tal monumento "era uma homenagem às mulheres que foram duplamente mães", precisamos lembrar que muitas vezes as negras escravizadas tinham seus filhos recém nascidos arrancados de seus braços ou deixados para morrerem de fome para que pudessem servir como *amas de leite*[31] para os herdeiros dos senhores de engenho, assumindo compulsoriamente a maternidade dessas crianças, ou como no caso de Ivone, tendo sua vida roubada de si, para "*ajudar*" na criação de um filho que não era seu, mas, que lhe foi destinado. Ivone, como muitas outras mulheres, passaram a vida "obedecendo às imposições do duro regime de escravidão", que permanece no ideário da classe dominante, ressentida pelo reconhecimento formal do trabalho doméstico como trabalho e, consequente, regularização.

> Vale destacar duas tarefas dadas às escravas [domésticas]: as mucamas e ama de leite. As mucamas eram escravas moças que auxiliavam nos serviços caseiros e pessoais de suas senhoras, muitas vezes servindo como 'damas de companhia'.
> Já as amas de leite eram usadas por muitas senhoras brasileiras que não queriam ou não podiam amamentar seus filhos recém-nascidos. Por isso, elas compravam ou alugavam escravas que ainda tivessem leite materno para amamentar seus filhos. Essa prática foi muito comum no Brasil e muitas vezes essas amas de leite se transformavam em babás das crianças que haviam amamentado, acompanhando toda a sua infância. (Santos, 2017, p.198).

Além da passagem. na nossa própria história. das "amas de leite", podemos ainda associar a figura da "*mãe preta*", atribuída às escravizadas negras no Brasil, a figura da "*mammy*", apresentada por Patrícia Hill Collins (2019), que descreve às escravizadas negras norte americanas que, assim como aconteceu no Brasil, deram origem as trabalhadoras domésticas remuneradas naquele país. Mulheres negras, dóceis, obedientes, fiéis a seus empregadores brancos, aos quais servem com amor e zelo, criando suas crianças, renunciando as suas próprias histórias para cumprir tal tarefa. A mulher negra doméstica, domesticada, que anula sua vida pessoal para ser incorporada, como um apêndice, à história do outro, à família do outro, tornando-se mãe, compulsória e involuntariamente, dos filhos que não gerou e não optou em tê-los é a figura idealizada para os corpos negros femininos, é a personagem que trará ordem e tranquilidade para os lares brancos, enquanto eles, os brancos e brancas, saem para "conquistar o mundo".

> A figura da mammy permitiu que os senhores e senhoras de escravizados controlassem a narrativa do sistema escravista significando-o a partir de um sistema paternalista em que escravizadores e escravizados constituíam relações de afeto e

[31] "De acordo com a historiadora, a atuação de amas de leite é antiga. Presente na metrópole portuguesa, a prática foi trazida para o Brasil no período colonial. Nessa época, mulheres escravizadas grávidas e paridas eram alugadas gerando renda aos senhores. Mulheres livres e imigrantes recém-chegadas, por sua vez, também conseguiam o sustento como nutrizes.
'A princípio, a ama foi identificada como uma forma de suprir os desejos ou necessidades de mães que se opunham ao aleitamento ou estavam impedidas de realizá-lo. [A] atividade [era] exercida pela mulher escravizada que, por vezes, permanecia no seio familiar como ama seca, obtendo o lugar de 'mãe preta', explica Caroline em sua dissertação". (Disponível em: Agência Fiocruz de Notícias. Acessado em 05 de jul. de 2023).

> cuidado. A mammy é a trabalhadora doméstica, escravizada ou liberta, obediente e fiel à família à branca a qual serve com amor e zelo. Frequentemente é retratada enquanto uma mulher negra gorda, de pele retinta, que não tem um companheiro e nem ao mesmo uma sexualidade. A mammy é solitária, não tem uma história própria, o que facilita uma série de narrativas mitificadas, criadas pelo grupo dominante. A mammy, sem família, sem parceiro sexual, sem afeto, tem tempo o suficiente para cuidar da casa e das crianças dos brancos, em troca de afeto limitado dessas crianças. (BUENO, 2019, p.85).

Ainda durante o ano de 2019, Patrícia Hill Collins, concedeu entrevista a um grupo de intelectuais feministas, reunidas pelo editor da revista acadêmica "Tempo Social", do Departamento de Sociologia, da Universidade de São Paulo (USP), que nos ajudou a compreender melhor a figura da mammy:

> A imagem de controle da 'Mammy' sorridente, a cuidar de seus filhos brancos como se seus fossem, obscurece o descuido a que estão sujeitos os seus filhos negros enquanto ela tem que deixá-los para ir trabalhar. A marca do bom serviço é o cuidado prestado, ou seja, exprimir emoções de forma a convencer seu ou sua superior de que realmente o/a ama. Mas o trabalho emocional no exercício do cuidado traz também embutido um elemento de resistência – é o sorriso que desaparece no rosto da garçonete quando, ao fim do jantar, o cliente deixa uma gorjeta insignificante; ou as histórias que as trabalhadoras domésticas negras compartilham sobre seus empregadores quando estão em suas próprias cozinhas. (Guimarães; Acciari 2021, p.305-306).

A fala de Collins (2021), traz mais um elemento para nossa análise, que é o "trabalho emocional", o qual trataremos no capítulo 4 deste trabalho. No momento, observarmos, mais uma vez, como o trabalho doméstico remunerado está diretamente relacionado com a escravidão, como mulheres negras estão "predestinadas" a esse lugar desde esse período e como as sociedades perpetuam valores racistas, machistas e sexistas. "A colonização euro cristã promoveu e incutiu nas nossas mentes e corpos toda a racionalidade colonial que implica diretamente na forma como as relações sociais se constituíram nessa nação de gente preta dominada por homens brancos" (Cruz, 2020, p.27).

> [...] Só criei os filhos dos outros, não tive tempo pra mim não. Eu comecei pelos irmãos, porque minha mãe ficou viúva cedo com 6 filhos. [...] eu era a 2ª, mas ajudei a criar meus irmãos e fui começando trabalhando, trabalhando, nunca fui de farra, nunca fui de nada. (*Laudelina*, 86 anos).

> Mamãe sempre lavou roupa pra fora, nós erámos muitos... Minhas irmãs mais velhas todas foram trabalhar em casa de família. Papai mesmo que arrumava emprego para elas. A única filha de papai que não foi trabalhar foi a fulana [nome da irmã], porque ela tinha uns problemas. Aí ela ficou ajudando a mamãe a tomar conta dos filhos menores, eu e meus irmãos. (*Tia Ciata*, 77 anos).

> Morava com eles! E depois que ela [a patroa] ficou doente, é que eu fiquei um pouco mais presa.
> [...] Então, foi o tempo que eu fiquei mais presa. Que às vezes eu saía, quando eu saía ela ficava chorando. Aí, eu ficava com pena, voltava.
> [...] igual criança. Era chato, eu ficava com medo de alguém pegar ela, derrubar e o médico só ficava recomendando. Que se ela quebrasse um osso, não tinha como...

> Ela ficou uns oito, ou dez anos... No começo não foi tão terrível, mas o final foi. (*Carolina*, 86 anos).

A "mãe preta" Ivone, faleceu em 2022, com estimados 108 anos, dos quais 87, foram dedicados ao cuidado do outro, sem remuneração, sem descanso, vivendo do que lhe era dado, abdicando de ser, de existir. Ivone foi escravizada, mesmo tendo (supostamente) nascido 26 anos após a proclamação da abolição da escravidão no Brasil.

A história de vida de Ivone imprime o que Patrícia Hill Collins (2019) chamou de *imagens de controle*, "utilizadas como justificativa das opressões de raça, gênero e classe sobre essas mulheres; assim como uma forma de objetificar o grupo e manter relações de superioridade e inferioridade" (p. 139), e que mantém a figura da "mammy" viva, permitindo que ainda tenhamos "Ivones" na sociedade contemporânea. "A imagem da mammy sustenta a lógica de fixação das mulheres negras no trabalho doméstico, naturalizando essa função à cor das mulheres que a desempenham" (Bueno, 2019, p. 83).

Durante o período pós-escravidão, a maioria das mulheres negras que não enfrentava a dureza do trabalho no campo, se viam obrigadas a executar serviços domésticos. Sua situação, assim como a de suas irmãs, que eram meeiras ou operárias encarceradas, trazia o familiar selo da escravização. Aliás, a própria escravidão havia sido chamada com eufemismo, de 'instituição doméstica' e as escravas eram designadas pelo termo 'serviçais domésticas'. Aos olhos dos ex-proprietários de escravizados, 'serviço doméstico' devia ser uma expressão polida para uma ocupação vil que não estava nem a meio passo de distância da escravidão. (Davis, 2016, p.98).

Infelizmente, a abolição da escravatura, não significou a descolonização de pensamentos e atitudes ou a melhoria das condições de vida para a população negra no país. Para Josélia Mendonça (2015) "[...] não houve, nem depois da abolição, uma lei que assegurasse condições mínimas de cidadania, como acesso à escola, moradia e saúde. A preocupação que havia era como controlar e disciplinar essa população."[32]

Na verdade, a abolição foi malfeita, sem qualquer planejamento que previsse a inclusão dos recém libertos na sociedade, abarcando a oferta de trabalho remunerado para essa população; "o ex-escravo é jogado dentro de uma ordem social competitiva, como dito por Florestan Fernandes, que ele não conhecia e para qual ele não havia sido preparado. (Souza, 2017, p. 47).

> A abolição da escravatura representou inicialmente uma transição para os negros da condição de escravizados formais para a de escravizados informais. Jogados à própria sorte, eles acabavam mantendo relações de trabalho com seus antigos senhores, pois não encontravam outras oportunidades de sustento por conta da cor da pele e das

[32] Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/08/31/lei-dos-sexagenarios-completa130-anos. Acessado em jun. de 2019.

> características fenotípicas que socialmente representavam as marcas de uma categoria social inferior. (Conceição apud Teixeira, 2021, p. 32).

Observa-se que as mulheres negras escravizadas recém libertas também precisam ser inseridas no mercado de trabalho livre, pois, além de já terem sido inseridas no mundo do trabalho, via escravização, pós-abolição elas precisam se sustentar e sustentar os seus, o que já demarca a diferença de perspectiva e objetivos de vidas entre mulheres negras e mulheres não negras, já que o segundo grupo está lutando, por muitos direitos, entre outros, pelo direito de estarem, como os homens brancos, no mercado de trabalho. A fala de nossas interlocutoras, exemplificam como o trabalho é introduzido de maneira precoce, até os dias de hoje, na vida de mulheres negras:

> Com oito anos [começou a trabalhar como doméstica].
> [Aí, a senhora trabalhou até o casamento, que foi com 21?]
> É, eu casei-me. Aí eu trabalhei em fábrica, trabalhei em hospital...
> Trabalhei aqui... Em 81, trabalhei aqui, numa fábrica que tinha aqui. E assim, sempre trabalhando, só fiquei em casa 12 anos, porque meus filhos foram nascendo logo, um atrás do outro...
> [Na época foi um pouco difícil?]
> O quê, minha filha? Marido ganhando pouco. (*Dandara*, 82 anos)

> Significou a sobrevivência durante muito tempo [sobre o trabalho doméstico exercido quase por todas as mulheres da família] foi a única fonte de renda que a gente tinha, por causa dessa ausência da cobertura deles não olharem a trabalhadora doméstica como ser humano. Então, eu acho que, foi muito duro os períodos de maternidade da minha mãe, porque toda vez que a minha mãe ficava grávida, a gente sabia que seria um longo período de privação absoluta, porque ela não tinha nenhum tipo de cobertura. (*Tereza*, 43 anos).

Vemos que a ideia de desumanização e animalização de corpos negros, que justificou a escravidão, seguiu promovendo a sociabilidade burguesa e, atravessando a vida dessa população. O 14 de maio – 1º dia após a proclamação da Lei Áurea[33] – que deveria vir com dignidade, trabalho, moradia e respeito, para os agora ex-escravizados, não aconteceu.

A assinatura da Lei Áurea apenas acabou com o cativeiro no Brasil, não trouxe para os ex-escravizados e seus descendentes, condições concretas para viver essa tal liberdade. Desse modo, depois das festas e comemorações que se seguiram por todo o país, por conta da abolição, grande parte dos negros libertos se perguntou: 'e agora, o que fazer?' (Santos, 2017, p.415).

---

[33]A lei n. 3.353, de 13 de maio de 1888, talvez seja o mais breve e famoso ato legal da história do Brasil. Mais conhecida como Lei Áurea, possui apenas dois artigos: "Art. 1º É declarada extinta, desde a data desta Lei, a escravidão no Brasil.
Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário."
Esses poucos artigos, porém, puseram fim a quase quatro séculos de escravidão no Brasil. Apesar de as pressões para a extinção do trabalho cativo datarem do início do século XIX, o Império brasileiro adiou a abolição do trabalho servil por quase 80 anos. Enquanto as nações estrangeiras, sobretudo a Inglaterra, condenavam a escravidão e parte da elite nacional a considerava uma instituição bárbara e atrasada, havia uma grande resistência à abolição por parte, sobretudo, da classe senhorial e escravista. (Disponível em: Lei Áurea (an.gov.br). Acessado em 05 de jul. de 2023).

> Apenas a mulher negra, devido à especialização em serviços domésticos, encontrou uma situação um pouco menos desfavorável nesse período de transição. A população estrangeira não visava esse tipo de serviço, pelo menos em igual monta. Em grande medida, essa circunstância explica a 'matrifocalidade' das famílias negras e pobres de qualquer cor, onde apenas a mulher representa uma referência econômica e social de estabilidade. Também nesse aspecto o país pouco mudou desde então. (Souza, 2017, p. 48).

Observem a fala de Souza (2017), "apenas a mulher negra, devido à especialização em serviços domésticos, encontrou uma situação um pouco menos desfavorável nesse período de transição", a empregada doméstica é uma instituição, arraigada na formação sócio-histórica do país, visitar o nosso passado escravista é a chave de resposta para muitos dos nossos questionamentos.

No período que vai da abolição da escravidão ao fim da segunda guerra mundial, acabou canalizando na figura da trabalhadora doméstica grande parte dos medos sociais que caracterizavam aqueles tempos, na mesma medida em que essa população foi o alvo privilegiado de estratégias que buscavam responder a esses medos. O crescimento explosivo das principais cidades do país, São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente, trouxe consigo os espectros das chamadas 'classes perigosas', portadoras de ameaças à propriedade privada, à segurança, à saúde e à moral das camadas 'distintas' e bem estabelecidas na sociedade (Ferla, 2011, p.01). Sem sombra de dúvidas, a população negra desponta como, potencialmente, a mais violenta, já que desde a abolição "[...] grande parte dos agricultores alegou que a recente luta pela abolição da escravidão havia tornado os negros muito revoltosos" (Santos, 2017, p.256).

Retomemos a vida de nossa personagem, *Ivone.* Sua vida laborativa se iniciou aos 11 anos de idade, talvez menos, nunca saberemos, fato é que quando vai trabalhar na fazenda, ainda era uma criança – aliás, das 12 entrevistadas, 7 dessas mulheres, iniciaram no trabalho doméstico remunerado com 12 anos de idade ou menos, caracterizando assim *trabalho infantil*[34] – o que parece ser a realidade de muitas meninas negras, que vão trabalhar "*em casas de famílias*", sob a justificativa de ajudar financeiramente a família ou "ter mais oportunidades", ainda na 2ª infância.

Há nessa empregabilidade, se é que podemos chamar assim, uma (re)afirmação da perversidade característica da escravidão, que extrapola a expropriação do corpo e da vida do outro. Nas falas ou no material sobre trabalho doméstico remunerado é possível perceber, que há por parte da classe dominante, uma necessidade pela servidão, que vem acompanhada de repetidas situações humilhantes. Muitas vezes, essas meninas são levadas de suas famílias, que vivem em condições de

[34]Trabalho infantil é toda forma de trabalho realizado por crianças e adolescentes abaixo da idade mínima permitida, de acordo com a legislação de cada país. No Brasil, o trabalho é proibido para quem ainda não completou 16 anos, como regra geral. Quando realizado na condição de aprendiz, é permitido a partir dos 14 anos. Se for trabalho noturno, perigoso, insalubre ou atividades da lista TIP (piores formas de trabalho infantil), a proibição se estende aos 18 anos incompletos. (Disponível em: O que é trabalho infantil? (livredetrabalhoinfantil.org.br). Acessado em 05 de jul. de 2023).

miséria absoluta, com a promessa de terem uma vida melhor, acesso a escola ou de poderem contribuir financeiramente para manutenção de seus lares. Entretanto, as promessas nunca se cumprem e as relações se tornam abusivas e exploratórias. Muitas das histórias ouvidas e lidas se iniciam dessa maneira, resquícios dos tempos de escravidão e da ausência do Estado que segue não garantindo condições dignas de vida para a grande maioria da população negra, perpetuando valores controversos e a manutenção de negros e negras na subalternidade.

> Eu já sofri tanto nas mãos dessas infelizes que desenvolvi algumas teorias a respeito do assunto.
> 1- Esse assistencialismo brasileiro acabou com a dignidade do pobre. Eles agora querem viver de bolsa família e similares. Ninguém quer trabalhar. Associado a isso a impunidade que leva a todos quererem se dar bem, ferrando o outro.
> 2- DNA – acredito que elas tragam no DNA memórias dos tempos de escravidão. Elas adoram patroa que discrimina, paga mal, obriga a trabalhar muito e desrespeita seus direitos não assinando suas carteiras.
> Eu moro no interior e aqui aparece cada figura que trabalhou 10 anos ou mais numa casa sem ter carteira assinada e recebendo meio salário. Eu não entendo!!! Como fica??? Patroas que fazem elas comerem comida de empregada, horário extenso etc. elas ficam 10 anos!!! Nós pagamos tudo, assinamos carteira e elas não ficam! Eu quero com certeza escrever um livro. (Texeira apud Teixeira, 2021, p.187).

> Após ter sido resgatada da casa do desembargador catarinense Jorge Luiz de Borba, mulher com deficiência auditiva aprende Libras para contar a própria história. Ela foi submetida a trabalho doméstico análogo à escravidão por 37 anos.
> A vítima foi resgatada na última terça-feira (6/6). O caso chegou às autoridades a partir de uma denúncia anônima em novembro do ano passado. A partir disso, trabalhadores que serviram à família do desembargador em diferentes períodos prestaram depoimentos que deram maior peso à suspeita inicial.
> [...] teve acesso ao conteúdo do que disseram essas testemunhas. Uma delas, uma cuidadora, relatou que a mulher resgatada fazia refeições com os funcionários, apenas depois dos patrões, e dormia em um quartinho da casa. Pontuou ainda que os cachorros da casa eram mais bem tratados do que a funcionária e que a mulher era uma 'escravinha' da família. Outra testemunha classificou a vítima como uma 'mucama'.[35]

Por essas e outras questões, o trabalho doméstico remunerado não pode ser visto "como qualquer outra" ocupação laborativa, ele não é para todos, nos repetimos em dizer que o trabalho doméstico remunerado é baluarte da escravidão negra, o ideário social brasileiro, vê as pessoas negras ainda no lugar da servidão, mesmo quando ascendem social e economicamente são lembradas de onde vieram.

Se pensarmos nas meninas negras levadas ao trabalho doméstico na infância, vemos como ele rouba a oportunidade do sujeito ser, se realizar, existir plenamente, como roubou a existência de Ivone e de tantas outras mulheres como nossa interlocutora *Dandara* (82 anos), que com olhar perdido, confidenciou: "*o meu sonho mesmo era ser médica, eu queria estudar*".

[35] Disponível em: Ex-funcionária de desembargador diz que doméstica era "escravinha" | Metrópoles (metropoles.com). Acessado em 05 de jul. de 2023.

Assim, como esse lugar imposto, o trabalho doméstico acaba se tornando uma possibilidade para meninas negras muito precocemente, como forma de acessar melhores condições de vida para si e para os seus, tornando a saíde desse lugar mais difícil:

> A minha mãe, ela trabalhou por muitos anos pra uma família, no interior de Minas. Não era no centro da cidade, era numa fazenda. E nessa fazenda... Essa família tinha vários filhos, não me lembro o número, e ela criou os filhos desses patrões.
> E nascemos lá. Eu e meus irmãos nascemos lá. A minha mãe foi mãe de onze filhos e só teve o prazer de criar dois: eu e meu irmão. Entendeu? Então, minha mãe nos criou nessa fazenda.
> Certo? Então, ela criou os filhos desses patrões, nessa fazenda. Ela trabalhou muitos anos dentro dessa fazenda, trabalhando... Depois quando o meu irmão, quando os meus irmãos mais velhos cresceram, ficaram adolescentes, ela passou a trabalhar pra essa mesma família, pra essa mesma família, mas na lavoura. Na lavoura de café, capinando, roçando, trabalhando. Ela era mãe e pai. Então, por que ela fez esse trabalho mais pesado? Porque era uma forma de ganhar um pouco melhor pro nosso sustento.
> E como a mulher era sempre malvista, de todas as formas, né? Ela pra evitar comentários e tudo mais, ela levava o meu irmão, adolescente, para trabalhar junto com ela, pra acompanhá-la, que ela trabalhava junto com os homens. Ela foi trabalhar na lavoura, num espaço que era de homens.
> Como o espaço era de homens, o salário era maior. Um pouquinho melhor.
> Então, pra ela conquistar esse valor maior de salário, ela levava o meu irmão pra trabalhar com ela pra que ele fosse... Forma de respeito, pra ser respeitada.
> E aí, ela trabalhou lá por muitos anos, e quando esses meus irmãos morreram, ela decidiu se mudar pra cidade. Rua, mudar pra rua. Decidiu mudar pra rua. Lá em Minas mesmo. Mas ela se mudou pra cidade, mas ela continuou trabalhando nas lavouras. Já não mais com esse mesmo patrão, mas pra vários outros patrões. Certo? Mas esse patrão que ela trabalhou, criou os filhos e tal, ela tinha um vínculo muito grande com essa família. Uma vida! Uma vida. E a filha, eles adoeceram. Eles adoeceram com hanseníase, que na época era, esses anos todos atrás, mais de 50 anos atrás... 60, sei lá. Ela era uma doença que tinha que se afastar da cidade. E eles foram afastados da cidade por esse motivo, né? E minha mãe já estava fora deles, mesmo, né? E os filhos foram morar na cidade também.
> Filho não morava mais na fazenda. Não sei nem o que foi feito da fazenda. E os filhos foram morar na cidade. E, quando ela foi pra cidade, eu tinha nove anos de idade, foi quando os meus irmãos morreram, né, aí ela me colocou pra trabalhar na casa de uma dessas... crias! [filhos dos patrões da mãe]
> Dessas crias dela. Ele que era o cria dela. Tive que cuidar de duas crianças. Uma de dois anos e um bebê. A princípio, eram só as crianças.
> Lavava, passava, cuidava dessas crianças. Só não cozinhava.
> Depois eu passei a fazer também tipo um serviço da casa, que eu fazia nessa, nessa casa, não era o serviço pesado da casa, mas era tanto quanto. Por quê? Ele tinha uma loja, né? E ele, quando a noite, ele deixava a loja a maior bagunça. Eu tinha que arrumar pela noite. Como assim? A minha mãe quando ela me coloca com essa família...
> Eu fui a primeira pessoa da minha família a entrar num grupo escolar. Então, ela não sabia o formato do A. Mas quando me coloca nessa família, já estava na cidade, sempre que ela ia vendo criança, vendo criança, indo e voltando da escola, não sei, ela exigiu que eu estudasse.
> Entendeu? Então, o que eu fazia? Eu estudava na parte de manhã, eu levantava muito cedo, pra preparar todo esse espaço de trabalho dele, pra quando ele levantasse era só pra abrir a loja e tá tudo pronto.
> Entendeu? E cuidar dessas duas crianças. Eu trabalhei nessa família por dois anos. (*Laudelina*, 84 anos).

> Eu vim do... A minha mãe colocou a gente num colégio interno. A gente foi para um colégio interno. Lá eles tinham muita boa vontade, mas pouca condição, não tinha

> essa visão de hoje. Então, para eles, ajuda para eles, era colher essas crianças que não tinham pais, de mães solteiras dar a comida. E um estudo muito... precário, fraco, né lá?! Na maioria das vezes, não eram nem professoras formadas mesmo.
> Então, eu fiquei lá, acho que de 11a 18 anos. Aí, quando eu saí de lá, que houve uma situação lá, então ele resolveu pegar as meninas mais velhas e devolveu para as famílias. Então, eu fui devolvida para casa. E aí, eu encontrei uma miséria pior, maior e fiquei muito decepcionada porque a minha mãe havia falado que todo esse sacrifício seria para poder a gente ter uma vida melhor. E quando eu voltei, nem casa nós tínhamos. Tínhamos nada. Então, se eu, eu só estudei até a quarta série lá, que eu já fui para lá, entrei com 11 anos, mas eu não sabia ler. Eu não sabia ler. Então, é, que a gente não frequentava escola, não tinha essas coisas. E aí, eu me vi na necessidade de ir trabalhar. A única coisa que tinha era o trabalho doméstico. Aí, dali que eu comecei. (*Firmina*, 64 anos).

> Vim do interior de Amargosa com 10 anos, indicada por uma amiga do meu avô, para casa de uma senhora amiga dele para brincar com os filhos dela, com promessas de que iria me colocar na escola, porém nada disso aconteceu. (*Esperança Garcia*, 64 anos).

> Comecei a trabalhar com oito anos. É... eu fui como companhia para uma senhora idosa. Né? Mas eu fazia...Arrumava aquelas casas antigas, doze andares, né, doze cômodos... e era assim. Aquelas casa na Tijuca[36].
> É... aquela gente da Tijuca é ruim. (*Dandara*, 82 anos).

Assim como aconteceu com parte de nossas interlocutoras, sempre com a expectativa de "terem uma vida melhor", muitas meninas brasileiras ingressam na vida laboral pelo trabalho doméstico, ainda na infância. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), "em 2015, 88,7% das(os) trabalhadoras(es) domésticas(os) entre 10 e 17 anos no Brasil eram meninas e 71% eram negras(os)".[37]

> Minha infância foi com meus avós maternos na minha cidade natal, Santo Eduardo (13° distrito de Campos). Minha mãe veio trabalhar no Rio quando completei cinco anos. Aos 13 anos, presenciei todas as dificuldades que meus avós tinham em manter a casa mesmo com ajuda mensal que minha mãe enviava. Minha avó era diabética, passou por duas cirurgias de catarata e acabou perdendo parte da sua visão, naquela época não tinha o risco cirúrgico. Enfim devido todas essas privações, queria ter as minhas coisas, poder me arrumar como minhas amigas que tinham pais e uma vida pouco melhor. Minha vó ficou muito triste quando minha mãe foi me buscar, mas sempre que podíamos íamos vê-la. Aos 13 anos surgiu uma oportunidade de trabalhar como auxiliar de serviço doméstico e babá de três meninas, foi quando comecei a trabalhar com trabalho doméstico. (*Anastácia*, 47 anos).

> Iniciei no trabalho doméstico aos 17 anos, mas sem grandes surpresas, afinal tenho 6 irmãs que já está na função há muito tempo, além da minha vó, mãe, tias e primas que também desempenharam ou desempenham a função ainda hoje.
> Comecei trabalhar profissionalmente aos 17 anos como babá, mas ao 12 já cuidava de vizinhos, de maneira informal. (*Jovelina*, 27 anos).

> Eu era muito criança, muito infantil mesmo, entendeu? É... Sempre gostei muito, eu sempre gostei, eu sempre muito feminina, entendeu? E eu sempre gostei muito de brincar de boneca. As minhas bonecas era a minha mãe que fazia... (*Laudelina*, 84 anos).

[36] Tijuca é um bairro tradicional, de classe média, localizado na zona norte do município do Rio de Janeiro.
[37] Op Cit.

> Ah, é verdade... é verdade. Eu acho... Eu nunca pensei em me casar. Casar, nem ter... Sabe? Eu sempre falava: 'Ai, meu Deus do céu! Se eu pudesse estudar...' Só que eu tinha a minha mãe, Lena. Eu fui viver com ela, eu já tinha7, 8 anos. [...] Por aí, assim. Não me lembro bem. [...]. Aí comecei, é, a trabalhar pra ajudar.
> Entendeu? Então não tinha condições, né? Era uma pessoa muito pobre. (*Dandara*, 82 anos).

Ainda sobre o trabalho doméstico remunerado ser descendente direto do trabalho escravo, gostaríamos de deixar algumas notícias, veiculadas recentemente na mídia, que denunciam a realidade do trabalho doméstico remunerado e de suas trabalhadoras negras no país.

> Uma mulher foi condenada na Justiça do Trabalho **por manter uma empregada doméstica trabalhando por mais de 35 anos sem receber remuneração na Bahia**. Ao MPT [Ministério Público do Trabalho], a empregada doméstica informou que o trabalho era trocado pela moradia, alimentação e vestuário. Com o resgate, ela chegou a receber seis parcelas de seguro-desemprego, mas, **por 'falta de experiência em viver sozinha', voltou para a residência por meados de 2018**.[38] (Grifos nossos).

> Depois de viver por 38 anos em condições análogas à escravidão, uma mulher em Patos de Minas foi resgatada pelo Ministério Público do Trabalho (MPT) e Polícia Federal. Neste domingo (20/12/20), o Fantástico [programa de televisão] contou a história de Madalena Gordiano, que trabalhou desde os 8 anos na casa da família Milagres Rigueira, na cidade do Alto Paranaíba. [...] Segundo apurado pela reportagem**, a diarista, que é negra e não terminou os estudos, morava na casa dos patrões, não tinha registro em carteira, nem salário-mínimo garantido ou descanso semanal remunerado**. Conforme o auditor fiscal do trabalho, Humberto Moteiro Camasmie, ela dormia em um quarto pequeno e sem janelas. 'Era um quarto com menos de 3 metros de comprimento por 2 de largura, abafado e sem ventilação'. **A diarista trabalhou primeiro para a matriarca da família e depois para o filho, que é professor universitário.**[39] (Grifos nossos).

> Uma idosa de 63 anos **foi resgatada em situação análoga à escravidão na casa de uma família na Abolição**, Zona Norte do Rio de Janeiro. **A mulher trabalhava como empregada doméstica há 41 anos sem receber salário e sem direito a férias**.
> Ela foi resgatada na última segunda-feira (25/01/2021) por agentes de diversos órgãos federais na Operação Resgate, de combate ao trabalho escravo. **Quando não estava trabalhando na casa, a idosa catava latinhas na rua, mas o dinheiro que ela conseguia era recolhido pelos patrões**. Em depoimento, a vítima contou que nasceu em São Paulo e **que trabalhava para a família desde os 22 anos de idade**. (Grifos nossos).[40]

> A polícia fez um resgate de uma idosa de 75 anos, **75 anos, uma vida inteira vivida numa condição que se diz análoga à escravidão** [...]. O ano é 2021, mas, para a D. Maria das Graças Souza Rodrigues de 75 anos, parece que não. Ela foi encontrada assim, com a roupa suja, esfarrapada e com uma sacola no pé. Quem descobriu a situação da idosa foram os vizinhos. [...] D. Maria nasceu no Maranhão, ela veio para o Rio de Janeiro, na década de 60, chegou nessa casa em Guaratiba, na Zona Oeste, para trabalhar. [...] Segundo a polícia, **D. Maria vivia em condição análoga à escravidão e em cárcere privado**. [...] Ela [D. Maria] se encontrava em condições extremamente degradantes, trajando trapos, sem calçados. Ela se encontra nessa situação já a bastante tempo e a sua família a procura desde 1969. **O que essa senhora**

[38] Disponível em: Empregadora é condenada por manter mulher em trabalho doméstico análogo à escravidão por 35 anos na Bahia | Bahia | G1 (globo.com). Acessado em 11 de jun. de 2020.
[39] Disponível em: Diarista é resgatada do convívio de família em Patos de Minas onde viveu em condições análogas à escravidão por 38 anos | Triângulo Mineiro | G1 (globo.com). Acessado em 11 de fev. de 2021.
[40] Disponível em: Idosa é resgatada em situação análoga à escravidão no Rio; patrões não pagaram salário por 41 anos, diz força-tarefa | Rio de Janeiro | G1 (globo.com). Acessado em 11 de fev. de 2021.

> **vivia, inclusive, dividindo o local onde ela dormia com cães, com diversas fezes em cima do colchão, que vivia ali sob essa condição de empregada doméstica, sem receber salários e trabalhando única e exclusivamente para receber a sua pensão, que ela mesmo declara que não tinha conhecimento que tinha esse direito**.
> Na delegacia ela tomou banho, trocou de roupa e a polícia conseguiu encontrar parentes que agora vão levar D. Maria de volta para casa. [...]. (Grifos nossos).[41]

> Marcelle Oliveira, é uma mulher que compartilha seu tempo entre faxinas e uma confeitaria, onde faz doces sob encomenda. Aos seus 34 anos, ela teve uma experiência desagradável enquanto realizava uma faxina em um apartamento em Ipanema, na zona sul do Rio de Janeiro.
> A mulher foi impedida de usar o micro-ondas da casa onde trabalhava para esquentar sua própria marmita e decidiu abandonar a faxina na hora do almoço. Marcelle desabafou em suas redes sociais: 'Estou indo para casa. Larguei a faxina pra lá! Não poder esquentar meu almoço? Que isso, gente? Diarista ou faxineira é ser humano igual a vocês. Não adianta ser doutor e não ter educação e respeito pelos outros'. A postagem viralizou, e a diarista se pronunciou novamente: 'Quem faz trabalho doméstico ou trabalha com atendimento público sabe como é. Nós que fazemos trabalho doméstico não somos menos humanos do que aqueles que possuem diploma. Todos os profissionais, independentemente da área de atuação, merecem reconhecimento e respeito. Se vocês precisam do nosso trabalho, é porque ele é essencial'.[42]

> Uma idosa de 90 anos que trabalhava como doméstica em uma casa no Grajaú, na Zona Norte do Rio, foi resgatada por uma força-tarefa que envolve o Ministério do Trabalho e Emprego, o Ministério Público do Trabalho e Emprego e agentes da Polícia Federal. O resgate aconteceu no dia 22 de agosto [2023], após uma denúncia anônima.
> Segundo os órgãos envolvidos, a vítima é a trabalhadora doméstica mais idosa encontrada em condição de trabalho análogo à escravidão no Brasil. Ela não tinha nenhum vínculo trabalhista registrado.
> A idosa, que não teve o nome divulgado, trabalhava para a família há 50 anos, e como empregada doméstica há 16 anos. Ela também cuidava de outra idosa, de mais de 100 anos, que é mãe da sua antiga empregadora.
> A idosa dormia em um sofá, caso precisasse se levantar de madrugada para cuidar da mulher de 100 anos. Ela usava um pequeno banheiro localizado na parte externa da casa.
> Ela trabalhava, de acordo com a fiscalização**, em condições análogas à escravidão, com direito a jornada exaustiva**, e não voltava para sua própria casa desde dezembro de 2022.[43] (Grifos no original).

Por questões de tempo e conteúdo, paramos com o compartilhamento, mas, poderíamos citar muitas outras notícias envolvendo degradação, expropriação, submissão, servidão e escravização no trabalho doméstico contemporâneo, novos casos são denunciados continuadamente, é assustador. Nessas notícias, rostos, nomes, identidades não são mostrados, mas, o corpo resgatado, que ilustram as notícias e submetido a essas condições, análogas à escravidão, é sempre o corpo negro.

---

[41] Disponível em: http://tvbrasil.ebc.com.br/. Acessado em abr. de 2021.
[42] Disponível em: PROBLEMATIZADORAS no Instagram: "Marcelle Oliveira, é uma mulher que compartilha seu tempo entre faxinas e uma confeitaria, onde faz doces sob encomenda. Aos seus 34 anos…". Acessado em 02 de mar. de 2023.
[43] Disponível em: Idosa de 90 anos é resgatada em condições análogas à escravidão em casa na Zona Norte do Rio | Rio de Janeiro | G1 (globo.com) Idosa de 90 anos é resgatada em condições análogas à escravidão em casa na Zona Norte do Rio | Rio de Janeiro | G1 (globo.com). Acessado em 08 de set. de 2023.

De acordo com a Lei No. 10.803, de 11 de dezembro de 2003, que alterou o Art. 49 do Código Penal Brasileiro – Lei No. 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – o ***crime*** de trabalho análogo a escravidão, é caracterizado da seguinte maneira:

> Art. 1º O art. 149 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, passa a vigorar com a seguinte redação: Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto:
> Pena - reclusão, de dois a oito anos, e multa, além da pena correspondente à violência.
> § 1º Nas mesmas penas incorre quem:
> I – cerceia o uso de qualquer meio de transporte por parte do trabalhador, com o fim de retê-lo no local de trabalho;
> II – mantém vigilância ostensiva no local de trabalho ou se apodera de documentos ou objetos pessoais do trabalhador, com o fim de retê-lo no local de trabalho.
> § 2º A pena é aumentada de metade, se o crime é cometido:
> I – contra criança ou adolescente;
> II – **por motivo de preconceito de raça, cor, etnia, religião ou origem**. (NR) (Brasil, 2003, grifos nossos).

As notícias citadas envolvem graves violações, todas sofridas por mulheres negras e cometidas por "*cidadãos de bem*"[44], famílias de conduta social considerada, até então, ilibada, mas, que mantém mulher idosa de 90 anos como empregada doméstica.

Propomos agora, um exercício, uma reflexão: vamos imaginar essas mesmas situações acontecendo a mulheres brancas. É difícil, na verdade, é difícil imaginar que coisas como essas acontecem ainda hoje, mas, elas acontecem, podem estar acontecendo agora, do lado da sua casa, protagonizadas por pessoas "normais", "muitos patrões e patroas acreditam mesmo que a empregada é como se fosse da família deles, prova disso é que não permitem que elas criem a própria família. O trabalho análogo a escravidão está aí para ilustrar isso! É tão da nossa família que isso já basta!"[45]

---

[44] "O 'cidadão de bem' virou um produto quase comercial na política e na consciência social. Os políticos utilizam porque todo eleitor se considera um cidadão de bem. É um conceito aberto e agrega a todos: sempre nos consideramos um cidadão ao lado dos valores positivos em oposição aos canalhas, ladrões, corruptos etc. Os políticos fazem uso comercial com intenção de voto", afirmou o historiador Leandro Karnal, professor da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).
[...] na visão de Egon Rangel, professor de análise do discurso do Departamento de Linguística da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), "separam-se os campos do 'eu-nós' e dos 'outros' como dois campos opostos, do bem e do mal; definem-se as características positivas do primeiro por oposição às negativas do segundo, sem, contudo, especificar no que consiste o bem a que a expressão se refere; não se diz quem está de um lado e quem está do outro.
Karnal define os seguidores do conceito como arrogantes: "A 'pessoa de bem' é a pior invenção da espécie humana. Em primeiro lugar, porque ela é arrogante, ela não pertence à humanidade. Ela aponta o dedo, cumpre aquele papel que Jesus denuncia nos fariseus: olham um cisco no olho do outro, mas não olham uma trave que está no seu', afirmou o historiador em palestra recente". (Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=0CAIQw7AJahcKEwiwwdaqzP__AhUAAAAAHQAAAAAQAw&url=http%3A%2F%2Fnoticias.uol.com.br%2Fpolitica%2Feleicoes%2F2018%2Fnoticias%2F2018%2F09%2F08%2Fo-que-esta-por-tras-do-termo-cidadao-de-bem-usado-pelos-presidenciaveis.htm&psig=AOvVaw2etyf5O9zEgqUGnkxo48cX&ust=1688921974959543&opi=89978449. Acessado em 05 de jul. de 2023.)

[45]Disponível em: Ela é só a babá (@elaesoababa) • Fotos e vídeos do Instagram. Acessado em 08 de abr. de 2023.

Dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) dão conta que apenas no ano de 2023, 918 trabalhadores em condições semelhantes à de escravidão foram resgatados, "uma alta de 124% em relação ao volume dos primeiros três meses de 2022".[46] De acordo com Italyar Medina, procurador do Ministério Público do Trabalho (MPT), "a maior parte dos resgates de 2021 foi feita de lavouras de café, no meio rural, e dos setores de construção civil e **trabalho doméstico**, no meio urbano" (grifos nossos). O trabalho análogo à escravidão pode estar presente em qualquer setor, no meio urbano ou rural.[47]

Sobre às vítimas de trabalho análogo a escravidão no trabalho doméstico, há uma maior dificuldade de identificação dos casos, por conta da privacidade e inviolabilidade do lar, que é o lugar onde tudo acontece, "geralmente a denúncia não é feita pela vítima, é alguém que está fora e observa, então checar essa informação é extremamente importante[48]". Em 2019, ano de início de realização deste levantamento, o MPT recebeu **1.213 denúncias sobre situações de trabalho escravo**, desse total, 14 casos eram de trabalhadoras domésticas, que foram resgatadas pelos órgãos fiscais.[49] O chamado 'trabalho análogo ao de escravo', verificado no presente, apresenta diferenças da escravidão colonial, mesmo assim, ambas afrontam a dignidade da pessoa humana, estando em total desacordo com o princípio de valorização social do trabalho. (Villatore; Peron, 2014, p.09-10).

Ainda que tenhamos uma parte deste trabalho dedicada a repercussão da pandemia de COVID-19 no trabalho doméstico remunerado, consideramos importe registrar aqui o quanto o caos ocasionado pela doença, reforçou as práticas escravistas com trabalhadoras domésticas. As notícias sobre a situação das domésticas e o cerceamento de suas liberdades se acumularam, juntamente, com o número de óbitos ocasionados pela doença no país.

Só a título de exemplificação e registro, em abril de 2021, um jornal do estado da Bahia – Correio 24 Horas – publicou reportagem que trazia o seguinte título: "*Empregadas são obrigadas a ficar na casa dos patrões 'enquanto a pandemia durar'*" e trouxe dados assustadores sobre o que muitas trabalhadoras domésticas viveram naquele estado, durante o auge da pandemia de COVID-19.

No imaginário da "elite do atraso", as trabalhadoras representavam o risco de contaminação, justamente, por morarem nas periferias e utilizarem – o precário e insalubre – transporte público para chegarem até seus distantes locais de trabalho. O órgão representativo da

---

[46] Dados disponíveis em: Brasil resgatou 918 vítimas de trabalho escravo em 2023, recorde para um 1º trimestre em 15 anos | Trabalho e Carreira | G1 (globo.com). Acessado em 18 de abril de 2023.
[47] Disponível em: Saiba reconhecer e denunciar trabalho análogo à escravidão - Geledés (geledes.org.br). Acessado em 18 de abr. de 2023.
[48] Op Cit.
[49] Disponível em: Brasil teve mais de mil pessoas resgatadas do trabalho escravo em 2019 | Agência Brasil (ebc.com.br). Acessado em 11 de fev. de 2021.

categoria na Bahia, informou que no período entre 2020 e 2021, já haviam sido contabilizados "*28 pedidos de socorro*", entretanto, "ainda há [havia] muitos casos não descobertos" e "ofuscados pelo medo das trabalhadoras de denunciar". São mulheres pobres, majoritariamente negras, que se veem obrigadas a escolher entre liberdade e sobrevivência.

> Aila* não saiu da casa dos patrões por quase um ano. Eles queriam se proteger do coronavírus e o preço foi a liberdade dela, empregada doméstica que ficou privada da própria vida desde março do ano passado até fevereiro deste ano. Ela reclamava, era livre. 'Mas é para o bem de todos', respondia a patroa. Aila* precisava do salário. Foi ficando naquele cárcere, por necessidade. Aila* não saiu da casa dos patrões por quase um ano. Eles queriam se proteger do coronavírus e o preço foi a liberdade dela, empregada doméstica que ficou privada da própria vida desde março do ano passado até fevereiro deste ano. Ela reclamava, era livre. 'Mas é para o bem de todos', respondia a patroa. Aila* precisava do salário. Foi ficando naquele cárcere, por necessidade.[50]

Finalizando as discussões sobre o trabalho análogo a escravidão, quando os dados são analisados pelo recorte de gênero, a Divisão de Fiscalização para Erradicação do Trabalho Escravo (DETRAE), do MTE, apresenta levantamento feito nos últimos 20 anos que dão conta que "2.488 mulheres foram resgatadas de condições análogas à escravidão no Brasil. [...] O número é 5% do total de trabalhadores resgatados na série histórica".[51]

> A Divisão de Fiscalização para Erradicação do Trabalho Escravo analisou o perfil social das mulheres resgatadas desde 2003, que mostra que **64% se declararam pretas ou pardas**, 22% brancas, 11% de raça amarela e 3% indígenas. Em relação naturalidade, 37% nasceram na região Nordeste. Sendo que 15% nasceram no Maranhão, 15% em Minas Gerais, 12% na Bahia, 10% no Pará e 10% em São Paulo. Quanto a região de residência, 31% residiam no Sudeste no momento do resgate, sendo que a UF com maior residência das resgatadas foi o Pará (17%), seguido de Minas Gerais (16%), Bahia (11%), São Paulo (11%) e Maranhão (10%).
> Com relação a faixa etária, a maioria (55%) possuía entre 30 e 59 anos no momento do resgate, sendo que 40% possuíam entre 18 e 29 anos, 4% eram menores de 18 anos, 1% eram maiores de 60 anos. No que se refere à escolaridade, 37% possuíam até o 5º ano incompleto, 18% haviam estudado do 6º ao 9º incompletos e 18% eram analfabetas.
> Verificou-se que a principal ocupação das trabalhadoras quando da ação fiscal de resgate foi a de trabalhadora agropecuária em geral (50%), **seguida de cozinheira em geral (8%)**, trabalhadora da cultura do café (7%), trabalhadora volante da agricultura (6%) e trabalhadora da pecuária (5%).[52] (Grifos nossos)[53].

Tais eventos e estatísticas precisam despertar a atenção para questões estruturais de nossa sociedade, questões fundamentais para compreendermos o significado econômico, político e social do trabalho doméstico remunerado ao longo de nossa história e que trarão luz para a análise

---

[50] Disponível em: Empregadas são obrigadas a ficar na casa dos patrões 'enquanto a pandemia durar' - Jornal Correio (correio24horas.com.br). Acessado em 11 de abr. de 2021.
[51] Disponível em: Pretas e pardas, do Norte e do Nordeste: dados inéditos traçam perfil de mulheres submetidas à escravidão contemporânea | Trabalho e Carreira | G1 (globo.com). Acessado em 18 de abr. de 2023.
[52] Op Cit.
[53] Op Cit.

dessas notícias. Como “cidadãos de bem”, pessoas comuns, se sentem confortáveis para cometer o crime de manter outro indivíduo em trabalho análogo a escravidão dentro do ambiente privado do seu lar? Raça e classe social parecem conceitos autoexplicáveis para essa questão.

A partir do momento que os indivíduos são diferenciados e hierarquizados, classismo e racismo estabelecem as relações e a maneira como o outro será visto e o seu lugar na sociedade, ainda assim, o racismo funciona como justificativa para esse tipo de violação, visto que o racismo legitima a desumanização e inferioridade de pessoas não brancas, por seus traços fenótipos e características étnicas. Diariamente, somos bombardeados com eventos que ratificam essa ideia e, nesse contexto, ocupações de menor prestígio econômico e social estarão reservadas para esse grupo racializado.

> [...] a escravidão é uma relação composta de dois sujeitos: o escravizado e seu proprietário. Na América portuguesa, era comum que o dono do escravizado fosse chamado de senhor (a) de escravo, uma expressão que revela um jogo de poder no qual os dois ocupavam posições antagônicas, em que um é dono do outro.
> Sendo assim, o contrário de ser escravizado não era ser livre, mas proprietário de escravizados. Essa constatação é fundamental para entender não só os diversos sentidos de liberdade que existiram durante a vigência da escravidão, como também para compreender que ser proprietário era estar o mais longe possível da chance de ser escravizado. Ou seja, era o lugar de maior prestígio social e o que garantia mais segurança. (Santos, 2022, p.67).

Podemos entender, que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e, que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (Almeida, 2019, p.32).

A crueldade do racismo rouba qualquer dignidade de pessoas racializadas, diminui em muito as possibilidades de transposição das barreiras e correntes culturais e sociais que aprisionam essas pessoas em realidades tão adversas. Essas amarras históricas, exigem sempre resiliência e força, levando essa população a um esgotamento, físico, emocional e espiritual, impensável por quem não tem seu corpo racializado.

Seguindo o pensamento de Octávio Ianni (2011), para quem a construção de uma categoria é um processo de constituição de uma explicação que se torna fundamental no processo de compreensão e interpretação da realidade, é preciso pensar essa categoria – raça – em sua totalidade, considerando aspectos históricos, econômicos, políticos e sociais que se coadunam, na formatação dessa categoria:

> A construção da categoria é, a meu ver, um desfecho, é a síntese da proposta de Marx, isto é, como se explica cientificamente um acontecimento, como se constrói a explicação. Na medida em que a explicação se sintetiza na categoria que poderíamos traduzir em ‘conceito’, numa lei, então a construção da categoria é por assim dizer, o núcleo, o desfecho da reflexão dialética; explicar dialeticamente e construir a

> categoria ou as categorias que resultam da reflexão sobre o acontecimento que está sendo pesquisado. (p.397).

A partir desta perspectiva, buscamos fazer uma análise em sua totalidade, coletivamente, um complexo e extenuante exercício, porém, necessário para o alcance dos objetivos propostos. Partimos da análise da categoria raça, entendida como fundamental, para as interpretações de sua associação ao trabalho doméstico.

> Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem nada de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria étnico-semântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etino-semântico, político-ideológico e não biológico. Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou 'raças sociais' que se reproduzem e se mantêm os racismos populares. (Munanga, 2003).

A palavra raça vem do latim *ratio*, que "significa sorte, categoria, espécie". Segundo Munanga (2003) é em 1684 que o francês François Bernier usa a categoria raça, em seu sentido moderno, ou seja, para classificar a "diversidade humana em grupos fisicamente contrastados" ou atribuindo a cada um desses grupos o pertencimento a uma raça diferente. Na sequência, ainda na França, a relação entre raça e classe social passa ser bem próxima, onde há conotação de que as raças consideradas inferiores, também são as mais pobres e, automaticamente, as servis.

> Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época, pois utilizado pela nobreza local que se identificava com os Francos, de origem germânica em oposição ao Gauleses, população local identificada com a Plebe. Não apenas os Francos se consideravam como uma raça distinta dos Gauleses, mais do que isso, eles se consideravam dotados de sangue 'puro', insinuando suas habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir, administrar e dominar os Gauleses, que segundo pensavam, podiam até ser escravizados. (Munanga, 2003).

Ainda de acordo com Munanga (2003), nas relações sociais estabelecidas na França dos Séculos XVI/XVII é possível observar como, o conceito de "raças puras" adotado pela Botânica para classificar as plantas, passa a ser usado para classificar os sujeitos e, assim, legitimar as relações de dominação e opressão que surgem entre as classes sociais da época, nobreza e plebe. Percebe-se que não estamos falando de diferentes organismos celulares, mas, de indivíduos de uma mesma espécie, porém, múltiplos e diversificados.

> Por que então, classificar a diversidade humana em raças diferentes? A variabilidade humana é um fato empírico incontestável que, como tal merece uma explicação científica. Os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento. É neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido. Infelizmente, desembocaram numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racialismo. (Munanga, 2003).

Hoje entendemos a categoria raça como um marcador social de diferença entre os indivíduos, uma categoria sociológica, que funciona como um hierarquizador dos sujeitos, para nós, funcionam como "[...] uma ferramenta teórico-conceitual para análises de sistemas e categorias de classificação que organizam a vida social, possibilitando a compreensão dos sistemas de desigualdade e produção de assimetrias" (Melo; Malfitano; Lopes, 2020, p.1065-1066).

> Algumas construções da diferença, como o racismo, postulam fronteiras fixas e imutáveis entre grupos tidos como inerentemente diferentes. Outras construções podem apresentar a diferença como relacional, contingente e variável. Em outras palavras, a diferença não é sempre um marcador de hierarquia e opressão. Portanto, é uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política (Brah, 2006 apud Melo; Malfitano; Lopes, 2020, p. 1066).

De uma maneira ou de outra, a categoria ou o marcador raça sempre esteve presente atendendo aos interesses e determinações sociais e de produção de cada momento histórico, e assim segue, atualizando-se e articulando-se à novas necessidades históricas, funcionando como mecanismo de validação para a hierarquização social.

> [...] No linguajar comum, quando falamos de uma raça, queremos denotar um grupo de pessoas que têm em comum algumas características corporais e talvez também mentais. Os brancos, com a pele clara, os cabelos lisos ou ondulados e narizes afilados, são uma raça claramente distinta dos negros, com a pele escura. Cabelos crespos e narizes achatados. Em relação a esses traços, as duas raças são fundamentalmente distintas. Não tão definidas é a distinção entre tipos asiáticos orientais e europeus, porque ocorrem formas de transição entre indivíduos brancos normais, tais como rostos achatados, cabelos negros lisos e formato dos olhos parecidos com os tipos asiáticos orientais; inversamente, traços de tipo europeu são encontrados entre asiáticos orientais. (Boas, 1931, p.68).

A análise feita por Franz Boas (1931), reforça a afirmativa que "raça é uma ideia, não um fato". (Painter apud Morrison, 2019, p. 16). Vemos claramente, a busca de subterfúgios para diferenciar os indivíduos e, a partir daí, atos que evolvam a subjugação, a dominação e a exploração do outro, estarão autorizados por essa ideia de superioridade. Vemos ainda, que para sustentar a construção da categoria raça, é preciso encontrar outras ideias que lhe deem legitimidade e, permitam a manutenção da infraestrutura dessa sociedade.

> Muitas, se não a maioria, das descrições textuais/literárias de raça oscilam entre dissimuladas, nuançadas e pseud. cientificamente 'provadas'. E todas elas possuem justificativas e pretensões de certeza e destinadas a sustentar a dominação. (Morrison, 2019, p.23).

> [...] a questão racial revela, de forma particularmente evidente, nuançada e estridente, como funciona a fábrica da sociedade, compreendendo identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, cooperação e hierarquização, dominação e alienação. (Ianni, 2004, p.21).

A partir do momento que os racistas buscam fundamentação racional[54] para a racialização, dá-se a legitimidade ao sistema de hierarquização, dominação e exploração de homens sobre outros homens, fundamental à expansão, desenvolvimento e consolidação do capitalismo.

> [...] a história do mundo moderno é também a história da questão racial, um dos dilemas da modernidade. Ao lado de outros dilemas, também fundamentais, como as guerras religiosas, as desigualdades masculino-feminino, o contraponto natureza e sociedade e as contradições de classes sociais, a questão racial revela-se um desafio permanente, tanto para indivíduos e coletividades como para cientistas sociais, filósofos e artistas. Uns e outros, com frequência, são desafiados a viver situações e/ou interpretá-las, sem alcançar sua explicação ou mesmo resolvê-las. São muitas e recorrentes as tensões e contradições polarizadas em termos de preconceitos, xenofobias, etnicismos, segregacionismos ou racismos; multiplicadas ou reiteradas no curso dos anos, décadas e séculos, nos diferentes países. (Ianni, 2004, p.21).

Ianni (2004), atribui ao processo de expansão capitalista, o confronto com o diferente e, consequentemente, a urgência em classificar e hierarquizar os indivíduos criando as condições ideais para a colonização desses povos "recém-descobertos". Em certa medida, o debate relativo ao 'choque de civilizações' implica xenofobia, etnicismo e racismo. Ao hierarquizar as 'civilizações', também povos, nações, nacionalidades e etnias, é evidente que se promove a classificação, entre positiva, negativa, neutra ou indefinida, de uns e de outros. (Ianni, 2004, p.21).

O (re)conhecimento de novos povos abre os caminhos para a consolidação da categoria raça, porém, as bases de sustentação do argumento que existem várias raças de uma mesma espécie são extremamente frágeis. Boas (1931), advertia que "se desejamos adotar uma atitude sensata, é necessário separar claramente os aspectos biológicos e psicológicos das implicações sociais e econômicas da questão". (p.67).

É preciso que se entenda que as diferenças observadas através dos fenótipos dizem respeito a diferenças genéticas e hereditárias e não a diferenças biológicas, como no reino das plantas. O que, posteriormente, ficou conhecido como racismo científico ou biológico[55], nada mais é do que

[54] As discussões em torno da diferenciação dos homens, iniciam no Antigo Testamento, na bíblia.

[55] O surgimento do racismo científico no século XIX e seus respectivos desdobramentos na política e na sociedade do período têm sido assunto amplamente debatido entre os historiadores, sociólogos e antropólogos. Sobrepondo-se aos dogmas religiosos reinantes até então, as teorias raciais deram status científico às desigualdades entre os seres humanos e por meio do conceito de 'raça' puderam classificar a humanidade, fazendo uso de sofisticadas

uma tentativa de justificar o racismo, a partir da ciência, tendo assim, a legitimidade necessária para as realizações das barbáries humanitárias causadas pelos processos de colonização.

Boas (1931), chama atenção à necessidade de considerarmos as condições sociais, políticas e econômicas para avaliarmos o desenvolvimento dos indivíduos, porque esses sim, são elementos determinantes no desenvolvimento humano. Qualquer outra justificativa, que desconsidere esses elementos, será leviana.

> A esse respeito, discordo de sir Arthur Keith, a quem atribuiu a afirmação, [...] 'a natureza implantou em vocês a antipatia e o preconceito raciais para cumprir sua própria finalidade – o aperfeiçoamento da humanidade por meio de diferenciação racial'. Eu o desafio a provar que a antipatia racial é 'implantada pela natureza', e não o efeito de causas sociais atuantes em todo grupo social fechado, não importando se ele seja racialmente heterogêneo ou homogêneo. (Boas, 1931, p.85).

Retomando o pensamento de Ianni (2011), concordamos com a ideia de que a categoria raça atendeu, perfeitamente, as necessidades de expansão do capital e do domínio da elite burguesa europeia, assegurando a possibilidade de escravização dos considerados "inferiores", barateando os custos da produção e aumentando a margem de lucratividade.

> [...] racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo à qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas. (Munanga, 2003).

Ao tratarmos a situação específica do Brasil, país periférico, colônia de exploração, arraigado nos valores patriarcais, racistas, misóginos e xenofóbicos que viabilizaram a expansão marítima e a dominação cristã europeia sobre o mundo, temos um processo de formação sócio-histórica comandada por homens, brancos, cis-hetero-sexuais, "conquistadores natos", designados por Deus e, do outro lado, os indígenas, desprezados e dizimados pelos conquistadores e os negros capturados, sequestrados na África e trazidos para o cativeiro do outro lado do Atlântico, homens e mulheres, desumanizados e bestializados, supostamente, amaldiçoados por Deus e condenados pelo divino a uma vida de servidão e privações. "Não importa quão fraco é o argumento em favor da pureza racial possa ser, **nós compreendemos seu apelo social em nossa sociedade**" (Boas, 1931, p.85, grifos nossos).

---

taxonomias (apud Schwarcz, 1993). (Santos, Raquel Amorim dos; Silva, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e. Racismo científico no Brasil pós-escravatura. In: **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 12, n. 25, set/dez de 2017. p.438-454. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/11956/pdf. Acessado em 01 de fev. de 2021).

Mesmo nesse cenário, dominado pelo racismo, que estrutura a sociedade brasileira e as relações sociais, vemos nascer o factoide da "democracia racial"[56]-[57], exaltada e exportada por famosos pensadores nacionais como *Gilberto Freyre*.

Temos aqui, a concepção de uma sociedade que demoniza a diversidade humana e deposita essa aversão ao diferente no racismo, entre outras formas de discriminação, que se torna o nosso modus operandi, encoberto pela dita "democracia racial".

Gostaríamos aqui, de fazer um (extenso) parênteses sobre a obra de *Gilberto Freyre*. Reconhecemos a relevância de sua produção para análise da formação social e cultural do país, reconhecemos que ele abriu caminhos para as discussões sobre relações étnico raciais e as particularidades da realidade brasileira, mas, reconhecemos também, que não se pode fazer sua leitura, sem analisá-la criticamente. Há que se registrar ainda que, são as obras de sua juventude – Casa Grande & Senzala (1933), Sobrados e Mucambos (1936) e Nordeste (1937) – que fazem surgir a ideia da "democracia racial" e da convivência plena e solidária entre as diferenças raças e etnias em terras brasileiras.

> Sua mais conhecida obra, lançada em 1933, Casa-grande & Senzala, foi responsável por uma pequena, mas, significativa revolução: era a primeira vez que se dizia que a mestiçagem não era um problema, nem o mulato era menos inteligente do que os indivíduos tidos como 'puros'. Para Freyre, isso tudo era uma espécie de vantagem da civilização brasileira. Estava armada uma polêmica, ainda hoje viva e interessante.[58]

> Quando a modernidade europeia chega ao Brasil de navio, na esteira da troca de mercadorias, seus valores não são uma mera mercadoria de consumo. Afinal seriam esses valores que iriam presidir a institucionalização incipiente de formas extremamente eficazes de condução da vida cotidiana: o estado e o mercado capitalistas. Estado e mercado pressupõem uma revolução social, econômica, valorativa e moral de grandes proporções. Os papéis sociais se modificam radicalmente. O que antes era aceito como definindo os papéis sociais de mulher, homem, filho e pai se transformam, como Freyre mostra com maestria. A noção de tempo, a condução da vida cotidiana, a economia afetiva necessária para o aprendizado dos novos ofícios e profissões é completamente diferente da que imperava anteriormente. O que é tido como bonito, como bom, como legítimo de ser perseguido na vida, a noção de sucesso e de boa vida muda radicalmente. Muda, enfim, a configuração valorativa da sociedade como um todo. (Souza, 2000, p.93).

---

[56] [...] erigiu-se no Brasil o conceito de democracia racial; segundo esta, pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência. [...] A existência dessa pretendida igualdade racial constitui o 'maior motivo de orgulho nacional' [...]. devemos compreender democracia racial como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid na África do Sul, mas, eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país. (Nascimento, 1978, p.41-92).

[57] A palavra democracia é formada por dois vocábulos gregos: demos significa povo e kracia significa governo, autoridade. A democracia é uma concepção específica de relação entre governantes e governados. Diferenciasse de outras modalidades de relações de poder, como a monarquia, em que um governa sobre todos, e a oligarquia, em que poucos governam sobre todos. Na democracia, o governo é exercido por muitos. Isso significa que, nesse modelo político, o poder sobre decisões de interesse coletivo é distribuído de maneira equitativa entre os cidadãos, que também podem julgar o processo de tomada de decisão e os seus resultados. (Disponível em: https://www.preparaenem.com/politica/democracia.htm. Acessado em 06 de dez. de 2020).

[58] Disponível em: https://super.abril.com.br/historia/o-pensador-do-brasil/. Acessado em 25 de abr. de 2021.

Gilberto de Mello Freyre (1900-1987) foi um sociólogo, historiador e ensaísta pernambucano, pertencente a elite recifense, fundamental para as discussões para as análises sobre a formação social brasileira. Seu livro "Casa Grande & Senzala" é considerado "uma das obras mais representativa sobre a formação da sociedade brasileira". Filho de um professor de Economia Política e juiz e de uma "*típica senhora da elite local*", sua "família não tinha mais o dinheiro das gerações anteriores, mas dispunha de vasta e poderosa parentela." Aos 17 anos parte rumo aos Estados Unidos da América (EUA), para graduar-se e especializar-se. Prolonga sua estadia nos EUA e realiza o mestrado em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais, na Universidade Columbia, em Nova York, obtendo o título de mestre com a tese intitulada "Vida Social no Brasil de Meados do Século XIX". Foi orientando do professor Franz Boas, "de quem recebeu grande influência intelectual" e a quem já citamos neste texto[59].

De volta ao Brasil, lecionou Sociologia, na Escola Normal de Pernambuco. "Pela primeira vez se ministrava regularmente essa disciplina em uma escola no Brasil". Durante a Revolução de 1930, seguiu para Portugal em exílio com o governador de Recife, nessa passagem, ficou um período viajando pela Europa e EUA, "ministrando aulas, como professor visitante, em diversas universidades". Quando retorna ao Recife firma-se como professor de Sociologia na Universidade do Distrito Federal. Em 1946, elege-se depurado federal, por Pernambuco, participando da elaboração da Constituição de 1946. Não tendo se reeleito em 1949, retorna ao Recife onde seguiu "a pesquisar, escrever e participar de seminários. Realizou frequentes viagens a outros Estados e ao exterior a convite de diversas instituições. Sua viagem à Índia e à África Portuguesa, resultou no livro Aventura e Rotina".[60]

É importante compreendermos o lugar de fala do autor, para que possamos fazer uma análise crítica e justa de suas contribuições. A análise social que Freyre faz do processo de ocidentalização do Brasil e da formação de sua sociedade, parte de uma vivência patriarcal, agregada por outros elementos como os bastardos, os mucambos, os escravos, da lavoura, dentro da hierarquia social, que claramente, não contemplam as experiências de vida de pessoas negras. No entanto sua análise, contempla, a singularidade da formação social e cultural brasileira, tão miscigenada e inesperada. Em sua análise sobre as relações sociais iniciadas na escravização negra, Gilberto Freyre romantiza essa narrativa, naturalizando a opressão e o sadismo operados pelos senhores feudais, legitimados pelos valores do processo de ocidentalização – o racimo, a heteronormatividade, o machismo, o sexismo e a fé cristã – transvestindo as violências em afeto, normatizando a

[59] Dados disponíveis em: https://super.abril.com.br/historia/o-pensador-do-brasil/. Acessado em 25 de abr. de 2021.
[60] Disponível em https://www.ebiografia.com/gilberto_freyre/. Acessado em 25 de abr. de 2021.

subalternização da mulher em relação ao homem, contando uma história a partir de sua inserção na elite oligárquica do Recife, pós abolição.

> Em Freyre, a lógica da assimilação/imitação dos valores individualistas ocidentais vai, de certa forma, substituir na nascente sociedade urbana brasileira o princípio personalista hierarquizador operante na sociedade escravocrata colonial. Ao invés da oposição senhor/escravo, passa a ser determinante a filiação do indivíduo ou grupo aos novos valores ocidentalizantes, especialmente do individualismo, como fica claro na nova possibilidade de alcançar projeção social por meio do conhecimento, como vimos, a forma burguesa e individualista por excelência, dada sua independência em relação a critérios descritivos de estamento e raça e sua determinação interna, envolvendo necessariamente os elementos de vontade e responsabilidade individual. A assimilação dos valores da modernidade individualista ocidental não é, portanto, dominado por valores personalistas como pressupõe a interpretação da sociologia de um Brasil meramente ocidentalizado, para inglês ver. Ela seria o próprio veículo que preside toda a hierarquia social e suas subdivisões. [...] (Souza, 2000, p.99).

Em uma pesquisa como essa, que tem um recorte temporal e busca respostas na história social do país, não é possível não "chamar" Gilberto Freyre para o debate, mas é importante fazer isso com a criticidade necessária. A construção dessa pseudo "democracia racial", vendeu ao mundo a ideia de que o Brasil era um "paraíso racial", onde todas as raças e etnias existiam e coexistiam em harmonia, com acesso as mesmas oportunidades de desenvolvimento, o que é facilmente desmentido pelas estatísticas oficiais.

Por conta da disseminação dessa ideia, o Brasil era para o mundo um grande "laboratório para questões raciais", com isso, em 1950 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), realizou pesquisas aqui com o objetivo de compreender como essa integração se dava, em perspectivas de tratamento igualitário entre os diferentes.

> A origem deste projeto estava associada à agenda antirracista formulada pela Unesco no final dos anos 1940 sob o impacto do racismo e da Segunda Guerra Mundial. O Brasil – considerado uma espécie de 'laboratório' – desfrutava àquela época de uma imagem positiva em termos de relações inter-raciais, se comparado com os Estados Unidos e com a África do Sul. O objetivo do projeto era 'determinar os fatores econômicos, sociais, políticos, culturais e psicológicos favoráveis ou desfavoráveis à existência de relações harmoniosas entre raças e grupos étnicos'. Entre os diversos locais de pesquisa estava obviamente a Bahia, onde existia uma longa tradição de estudos sobre o negro, e a cidade de Salvador, que apresentava forte presença e influência da cultura africana. [...]. O projeto Unesco produziu um amplo inventário sobre o preconceito e a discriminação racial no Brasil que evidenciou uma forte correlação entre cor ou raça e status socioeconômico.[61]

Fátima Lima (2018) chama de "ficção racial – esse grande delírio", a ideia da "democracia racial|", que é justamente "o delírio fóbico que é a invenção das raças, em particular da raça negra", mecanismo que legitima a desumanização de pessoas negras e, automaticamente

[61]Dados disponíveis em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/SegundoGoverno/QuestaoRacial. Acessado em 01 de fev. 2021.

converte-se em "espinha dorsal da bio-necropolítica[62], em contextos brasileiros", ainda submersos à logica colonial. A autora pontua, acertadamente, que:

> [...] para enfrentar as questões raciais e as práticas racistas nos contextos brasileiros, precisamos tomar como tarefa urgente a necessidade de desmantelarmos por completo o mito da democracia racial e ideia de cordialidade como elementos modeladores das relações sócio raciais no Brasil. (Lima, 2018, p.26).

Essas e outras características da formação sócio-histórica brasileira, levam a uma situação racial mascarada e perigosa, visto que o racismo é estrutural e institucionalizado, mas, desmentido e desacreditado por falácias como "*somos todos iguais*" e "*todas as vidas importam*", fazendo com que os dramas vivenciados por pessoas negras sejam silenciados, apagados ou mesmo diminuídos.

Jessé Souza (2009), em seu livro "*A ralé brasileira*", faz uma análise sobre a vida de trabalhadores domésticos no país. Mesmo não tendo um recorte racial em sua análise, o autor traz importantes contribuições sobre as condições de vida desse segmento profissional, identificando que a miséria que assola parte da população brasileira, não é apenas material, se estende à maneira como essas pessoas se relacionam entre si e com o mundo. Obviamente, essas condições de vida e reprodução serão agravadas pelo pertencimento étnico racial.

Essa miséria de todo um modo de vida, que inclui, mas não se esgota, na falta de dinheiro, equivale muitas vezes também à ausência de critérios de reconhecimento social que erigem a dignidade humana das crianças e dos mais frágeis em geral, para além da sua utilidade (ou inutilidade) mais imediata para o trabalho. Assim, nas melhores situações, tão logo essas meninas sejam julgadas aptas a contribuir, o que acontece muito precocemente, lá pelos 8 anos de idade, elas ficarão responsáveis pelos serviços domésticos, pelo cuidado com os mais novos, pelo preparo dos alimentos e, até mesmo, a lida na lavoura [...] (Souza, 2009, p.129).

A intersecção entre raça, gênero e classe, reforçada pelos valores coloniais e pelas consequências históricas de uma abolição não planejada, impõem uma urgência pela sobrevivência pessoal e coletiva às famílias negras, o que empurra essas meninas para o trabalho doméstico. Segundo Creuza Oliveira, no período que esteve presidenta da Federação de Trabalhadoras Domésticas (FENATRAD), "mulheres negras vão mais cedo para o mercado de trabalho, não

[62] O processo de colonização e neocolonização e, consequentemente o extermínio das populações indígenas, dos povos autóctones e o sequestro e escravização dos povos de Áfricas passam a ser o centro do debate bionecropolítico. Nesses devires, a vida (a bios) precisa ser tomada de uma perspectiva racializada, levada ao máximo de sua importância, produzindo movimentos de vergonha, culpa, reparação e desinvestindo a máxima que 'nem todos os crimes produzem coisas sagradas'. (apud Mbembe). (SILVA, 2018, p.26).

conseguem estudar e são mães mais jovens. Toda essa conjuntura faz com que elas se sujeitem a condições mais precárias", analisou ela[63].

> [...] a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais. A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos. (Akotirene, p. 37, 2019).

Há um perfil nas redes sociais chamado @elaesoababa[64], dedicado ao compartilhamento de experiências vividas por uma jovem babá negra e ouras trabalhadoras domésticas que compartilha seus depoimentos. Dentre os muitos relatos que envolvem abusos e desmandos praticado por patrões e patroas, contra suas empregadas, um chama atenção por apontar essa barreira (invisível) que impede que o trabalho doméstico seja entendido tal como é, um *trabalho*: "teu chefe lá na empresa que você trabalha, te chama de 'a moça que trabalha lá na minha empresa, a moça que me ajuda?'. Se trabalho doméstico é como qualquer emprego, porque essa insistência em colocar a função como 'favor/ajuda'?"[65]

Claramente, a ideia de que o trabalho doméstico remunerado não é trabalho, é qualquer coisa, é uma "ajuda", favorece as práticas que violam a legislação, o corpo e a subjetividade do outro, no caso, suas trabalhadoras, invisibilizando e silenciando as mulheres que dependem dele para viver, como exemplifica a vida de *Ivone*.

> Algumas vezes, no entanto, é o próprio trabalho que invisibiliza o indivíduo, não apenas por um comportamento normopático (estratégia mais sofisticada de controle e poder, mas também por mecanismos mais concretos e cotidianos de dominação, como acontece com o trabalho doméstico [...]. (Naves, 2014, p.xv).

O somatório dessas posturas, associadas as humilhações cotidianas, as situações de servidão, as rotinas extenuantes de trabalho e os salários irrisórios dão o tom do trabalho doméstico remunerado na sociedade brasileira contemporânea,

> [...] desde a abolição da escravatura, a casa grande segue sendo beneficiada. Usufruíram da força de trabalho de um povo negro traficado do continente africano, e não lhes deram nada em troca, a não ser essa pseudoliberdade, condenando o povo negro à mais absoluta miséria, condenando o povo negro a mais absoluta miséria. (Pereira, 2000 apud Teixeira, 2021).

Retomando a vida de Ivone, ela foi apenas mais uma vítima do racismo que segue condicionando mulheres negras a lugares subalternos, como é o caso do trabalho doméstico

---

[63] Dados disponíveis em: http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/03/trabalho-domestico-e-a-ocupacao de-5-9-milhoes-de-brasileiras. Acessado em 19 de jun. 2019.
[64] Disponível em: Ela é só a babá (@elaesoababa) • Fotos e vídeos do Instagram.
[65] Disponível em: https://www.instagram.com/elaesoababa/. Acessado em 12 de abr. de 2021.

remunerado. Ser a mammy ou a "mãe preta", de acordo com o estereótipo construído histórica e socialmente, deveria ser o lugar de destaque almejado pelas negras. Fica claro que a vida de trabalhadoras domésticas é atravessada por uma série de dificuldades materiais e imateriais, que podem comprometer seu *bem viver*[66], quiçá sua existência e, automaticamente, seu envelhecimento. Pensar as condições de vida e, especialmente, as condições de trabalho – direitos trabalhistas, Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e seus deslocamentos pelas cidades – é fundamental para que, enquanto sociedade, reconheçamos a relevância do trabalho doméstico remunerado e prezemos pela vida e velhice de seus/as trabalhadores/as.

1.2. "MULHER PRETA NO BRASIL É NATURALMENTE COBRADORA DE ÔNIBUS, PUTA OU EMPREGADA" – 4 MILHÕES DE MULHERES NEGRAS NO TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO

O Brasil foi um país colonizado e como tal, carrega na sua estrutura e nas relações sociais as marcas desse processo, marcas que reforçam os valores que alicerçaram – racismo, machismo, sexismo, classismo, entre outros – o processo de colonização e, consequentemente, nossa formação sócio-histórica. Esses valores, herança histórica da colonização, mantém até hoje, homens e mulheres negros periféricos e cativos de um processo de exploração e expropriação, que parece insuperável.

> O passado que nos domina não é a continuidade com o Portugal pré-moderno que nos legaria a corrupção só do Estado, como o culturalismo dominante até hoje entre nós nos diz. Nosso passado intocado até hoje, precisamente por seu esquecimento, é o do escravismo. Do escravismo nós herdamos o desprezo e o ódio covarde pelas classes populares, que tornariam impossível uma sociedade minimamente igualitária como a europeia. (Souza, 2017, p. 151).

Ser um país colonizado e, ainda hoje, subdesenvolvido, traz consequências políticas, econômicas e sociais, que acirram e acentuam as desigualdades entre as classes sociais, o que expõem os sujeitos colonizados, que terão suas identidades e subjetividades afetadas, em um processo que reforça discriminações e/ou os afastam de sua pertença étnico racial. "A colônia produziu muito mais que cativos[67]", produziu um modo de vida e formas de nos relacionarmos uns com os outros.

> [...] a tendência dos humanos de separar aqueles que não pertencem ao nosso clã e julgá-los como inimigos, como vulneráveis e deficientes que necessitam ser

[66] "'**Bem Viver**' é um nome novo usado para conceitualizar a cosmovisão de comunidades tradicionais que se organizavam a partir do coletivo. É um modo de vida que abarca a relação entre as pessoas, a natureza e o modelo econômico em sociedades que não tinham no capitalismo o modo possível de se organizar." (Usina de Valores, out. de 2018. Disponível em: Homepage - Usina de Valores. Acessado em 31 de jul. de 2022.)

[67] Parte da letra da música "Mulheres Negras", de Yzalú. Disponível em: Mulheres Negras - Yzalú - VAGALUME. Acessado em 19 de abr. de 2023.

> controlados, tem uma longa história que não se limita ao mundo animal nem ao homem pré-histórico. A raça tem sido um parâmetro de diferenciação constante, assim como a riqueza, a classe e o gênero, todos relacionados ao poder e a necessidade de controle. (Morrison, 2019, p.23-24).

O padrão das relações sociais no Brasil, condiciona a imagem de mulheres negras à promiscuidade ou a pobreza absoluta e isso não é "caso isolado" ou algo que passe desapercebido pela sociedade. Gilberto Velho (2012), em texto escrito em "homenagem" a "Deja", uma das empregadas domésticas que passaram por sua vida/casa, faz a seguinte descrição:

> Durante 35 anos Dejanira trabalhou em minha casa como empregada doméstica. Em 1973, tinha 36 anos. Eu tinha dez anos menos do que ela e era casado. Deja, como era conhecida, fora indicada por afins de minha mulher. Era, como se diz, 'cozinheira de forno e fogão', solteira e não tinha filhos. Negra, sua família era de pequenos agricultores do interior fluminense que, em sua maioria, migrara para o Rio, a partir dos anos 1950. Irmãs e primas suas também trabalhavam como domésticas para amigos e conhecidos meus. [...]
> Os anos foram passando e nós envelhecemos. Deja, que já tinha uma aposentadoria do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), retirou-se do serviço cansada e com problemas de saúde. [...] Impossível substituí-la à altura, nem de longe. Cecília, uma moça que a ajudava nos últimos anos, ficou algum tempo como efetiva. Branca, originária da Baixada Fluminense, com pouco mais de 40 anos. Completara o segundo grau enquanto Deja só tinha estudado no antigo curso primário, ambas em escolas públicas. A substituta, Cecília, não dormia em minha casa. Tinha marido, aliás taxista que me atendia, e um filho de uns oito anos adotado pelo casal. Cecília trabalhava três dias na semana. Não cozinhava mal, lia receitas, mas tinha outras ambições e projetos. Já trabalhara no comércio e em salão de beleza. **Não era uma empregada doméstica por vocação ou opção**. (p.13-14, grifos nossos).

Gilberto Velho é um dos maiores antropólogos no Brasil e para ele uma mulher branca "não é empregada doméstica por vocação ou opção". Seriam as mulheres negras, empregadas domésticas por vocação, por opção? Ou seria justamente o contrário, as negras são empurradas para o trabalho doméstico por falta de opção e por não reconhecimento e oportunidade de mostrarem suas vocações?

Parece claro, para nós, como a sociedade lê os corpos de mulheres negras e define os papéis sociais que lhes cabem, sempre em lugares subalternizantes e inferiores, de menos valia, legitimando a fala de Lélia Gonzales (1984), "mulher preta no Brasil é naturalmente cobradora de ônibus, puta ou *empregada*". (Grifos nossos).

Quando destaca que: "Enquanto Deja correspondia plenamente ao papel mais tradicional de empregada doméstica, Cecília via essa atividade como passageira e tinha claramente um projeto, [...], de atingir objetivos de ascensão e reconhecimento [...]" (Velho, 2012, p.03), Gilberto verbaliza os valores afiançados pela "elite do atraso". Observe-se que Velho (2012), fala do trabalho doméstico remunerado de seu lugar de fala, enquanto homem, hetero, branco, renomado professor universitário, morador da zona sul do Rio de Janeiro, "realizou tal artigo baseado nas suas concepções e lugar social de patrão em relação às suas empregadas" (Porfírio, 2021, p.113).

Entre muitas experiências – com trabalhadoras domésticas – narradas por ele, temos Cecília, a trabalhadora doméstica branca que tem projetos de vida, ao contrário de Deja, a negra. Talvez, Deja, realmente não tivesse projetos de vida a longo prazo, pois, pessoas negras, geralmente, têm a urgência da sobrevivência, no presente, como projeto de vida. As condições, materiais e sociais, de vida, assim como as oportunidades para negras e não negras não são iguais, mesmo quando estas pertencem a uma mesma classe social.

> No que se refere às dificuldades, aparece como lacuna uma interpretação do trabalho doméstico remunerado que tivesse as análises de raça, gênero e classe como relações sociais de diferença e de desigualdade de forma coextensiva. Ainda é preciso buscar outras fontes bibliográficas que possibilitem dar consequência analítica à questão da raça; para tanto a teoria feminista negra, [...], agora ganha um maior espaço, entendimento e instrumentalização, tanto para a compreensão do porquê da carência de análises sobre emprego doméstico nas perspectiva racial, quanto do próprio emprego doméstico como um lócus de análise sobre a subalternidade, dominação e exploração da mulher negra, além da estigmatização da profissão como um 'trabalho de preta'. (Porfírio, 2021, p.28).

No processo de constituição do sistema-mundo moderno/colonial, raça e trabalho foram associados, constituindo e mantendo uma divisão racial do trabalho[68] desde os tempos coloniais até o presente. Raça e trabalho foram acrescentados às já existentes divisões sexuais do trabalho[69].

Assim, no contexto do capitalismo moderno/colonial eurocentrado, passou-se a constituir uma divisão racial e sexual do trabalho, em que inicialmente os europeus e seus descendentes recebiam salários, enquanto o colonizado – partícipe da divisão do trabalho como escravo, trabalhador, meio de produção e mercadoria, não lhe cabendo nem mesmo o recebimento de

---

[68]"A divisão racial do trabalho é uma categoria fundamental para analisar o racismo estrutural no mercado de trabalho assalariado. Porém, para analisar a divisão racial do trabalho, como uma categoria de análise da atualidade, é importante compreender o seu processo histórico. Esse esforço teórico requer uma análise crítica da complexa dinâmica do escravismo moderno e do processo de transformação de seres humanos em sujeitos escravizados. [...]
[...] A análise crítica das contradições do escravismo possibilita compreender a unidade matriz do modo de produção escravista, ou seja, o sujeito escravizado. Dessa forma, o sujeito escravizado era, ao mesmo tempo, trabalhador, instrumento de produção de mercadorias e mercadoria. Portanto, esse é o nó inicial para analisar a divisão racial do trabalho no Brasil, não como uma questão anacrônica, mas como uma fundamentação histórica de um problema atual". (Alves, 2022, p.214-2015)

[69]Interpretações biológicas buscaram legitimar a divisão sexual do trabalho, argumentando que a distinção entre trabalho masculino e feminino seria consequência de fatores inerentes à 'natureza' dos homens e das mulheres. O homem, idealizado como provedor da família, foi designado para o trabalho da produção e a mulher, designada para o trabalho de reprodução, ocorrendo uma separação entre o público (masculino) e o privado (feminino). As delimitações de espaço laboral masculino e feminino, entretanto, não são fixas, pois sociedades e épocas diferenciadas podem ter concepções distintas daquilo que é mais 'apropriado' para homens e mulheres. Essa divisão, na realidade, também não se concretiza de forma homogênea, pois tanto homens quanto mulheres podem desempenhar tarefas ligadas à reprodução da vida ou ao setor produtivo. Não obstante, a masculinização e a feminização de tarefas são construídas e associadas às representações sociais do masculino e do feminino, respectivamente. Dessa forma, atividades masculinas lembram atributos como força física, raciocínio lógico, habilidade em comando, entre outras características 'masculinas'; assim como atividades femininas lembram atributos como paciência, atenção, destreza ou minúcia, entre outras características 'femininas'. (Disponível em: DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO: a sua constante reprodução (pucsp.br). Acessado em 21 de jul. de 2023).

salários. De qualquer forma, raça, trabalho e sexo apresentaram-se como naturalmente associados, o que tem sido até o momento, excepcionalmente, bem-sucedido para o capital (Quijano, 2005).

Esse mesmo contexto favorece a perpetuação das características mais vis do trabalho doméstico remunerado, como ilustrado na fala de Tamis Porfírio (2021, p.16), "[....] a atual realidade do trabalho doméstico remunerado, estampada nos dados estatísticos, é reflexo direto de uma história escravista e colonial que, interpretada em números, também demonstrava uma imensa desigualdade de gênero, raça e classe".

Compreender o trabalho doméstico remunerado, como esse trabalho desvalorizado na sociedade capitalista, diz muito sobre sua vinculação com o período de expansão marítima e o genocídio e escravização de povos pelo mundo, na verdade, ele segue os mesmos moldes coloniais, com viés de servidão, exploração e expropriação do corpo do outro, o corpo de mulheres negras. Daí a importância de racializarmos o debate sobre trabalho doméstico, pois, ele ainda se apresenta como destino de muitas mulheres não brancas, especialmente, na América Latina. Como disse Sueli Carneiro "o trabalho doméstico ainda é, desde a escravidão negra no Brasil, o lugar que a sociedade racista destinou como ocupação prioritária das mulheres negras" (2011, p.28).

Quando associamos raça e gênero, a situação fica ainda mais sensível, dois marcadores de diferenciação que se interseccionam, vulnerabilizam e expõem ainda mais, mulheres negras a situações de expropriação e exploração, como é o caso do trabalho doméstico remunerado. A categoria gênero entra nessa conversa como fator de sexualização da raça ou a racialização do gênero, que afeta muito, especialmente, mulheres negras.

> Eu compreendo a hierarquia dicotômica entre o humano e o não humano como a dicotomia central da modernidade colonial. Começando com a colonização das Américas e do Caribe, uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano foi imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental. Ela veio acompanhada por outras distinções hierárquicas dicotômicas, incluindo aquela entre homens e mulheres. Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/ agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês. (Lugones, 2014, p.936).

Os dados oficiais corroboram a ideia de vulnerabilidade associada aos marcadores raça e gênero, explanando a origem e os fundamentos do trabalho doméstico remunerado no país:

> Além de ser um ofício feminino, outra característica marcante do trabalho doméstico no Brasil é que ele está relacionado ao nosso passado escravocrata. Nesse sentido, há maior participação de mulheres negras na ocupação, com tendência de crescimento

> nos últimos anos. No quarto trimestre de 2022, as trabalhadoras negras representavam 67,3% do total de mulheres da categoria e as não negras, 32,7%. Em 2013, a participação de mulheres negras no trabalho doméstico feminino era de 63,9%, contra 36,1% de mulheres não negras. Na verdade, com exceção do período pandêmico, houve crescimento constante da proporção de mulheres negras e redução das não negras na atividade, no período analisado. (DIESSE, 2023).

A literatura remete o debate mais recente sobre gênero às feministas estadunidenses e às Ciências Sociais, mesmo que anteriormente, já existissem produções que estabeleciam distinções entre homens e mulheres, a partir da categoria gênero. Margareth Mead (1935) e Joan Scott (1989), referências nos estudos de gênero, fazem um importante regate histórico sobre os usos e definições da categoria gênero:

> Qualquer discussão acerca da posição da mulher, do seu caráter e do temperamento, da sua escravização ou emancipação, obscurece a questão básica; o reconhecimento de que a trama cultural por trás das relações humanas é o modo como os papéis dos dois sexos são concebidos e de que o menino em crescimento é formado para uma ênfase local e especial tão inexoravelmente como o é a menina em crescimento. (Mead, 1935, p.23).

> O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as 'construções sociais' – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. Apesar do fato dos(as) pesquisadores(as) reconhecerem as relações entre o sexo e (o que os sociólogos da família chamaram) 'os papéis sexuais', estes(as) não colocam entre os dois uma relação simples ou direta. O uso do 'gênero' coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade. (Scott, 1989, p.07).

Essas são definição clássicas, tradicionais sobre gênero. Mas, julgamos ser importante para a compreensão de nosso objeto nos aproximarmos de outras perspectivas – decoloniais[70] – de análise e compreensão da categoria gênero, análises que privilegiam a questão racial e até mesmo a categoria classe, em seus estudos. "Se mulher e negro são termos para categorias homogêneas, atomizadas e separáveis, então sua intersecção mostra-nos a ausência das mulheres negras – e não sua presença". (Lugones, 2014, p.935)

> Muitos estudiosos têm criticado o gênero como um conceito universal e têm mostrado a medida em que ele é particular a políticas de mulheres anglófonas/americanas e brancas, especialmente nos Estados Unidos. Talvez a crítica mais importante de articulações feministas de gênero é aquela feita por uma série de estudiosas afro-americanas que insistem que nos Estados Unidos de forma alguma o gênero pode ser considerado fora da raça e da classe. Esta posição levou à insistência sobre as diferenças entre as mulheres e a necessidade de teorizar múltiplas formas de opressão, particularmente sobre as quais as desigualdades de raça, gênero e as desigualdades de

[70] "Decolonialidade é um termo usado principalmente por um movimento latino-americano emergente que se concentra na compreensão da modernidade no contexto de uma forma de teoria crítica aplicada a estudos étnicos e, cada vez mais, também em estudos de gênero". (Ballestrin, 2013).

> classe são evidentes. Fora dos Estados Unidos, as discussões centraram-se sobre a necessidade de atentar-se ao imperialismo, à colonização e outras formas locais e globais de estratificação, que emprestam peso à afirmação de que o gênero não pode ser abstraído do contexto social e outros sistemas de hierarquia. (Oyěwùmí, 2004, p.03).

Gostaríamos de trazer ainda, uma citação de uma jovem autora brasileira, com quem compartilhamos a ideia sobre a importância de nos aproximarmos de autores decoloniais para entendermos o universo das mulheres aqui estudadas:

> Quando falarmos em esfacelamento ou aniquilamento do feminino não necessariamente temos que nos remeter aos primórdios antigos, pois exemplos modernos não nos faltam, mas, a questão é mostrarmos como uma tradição ocidentalizada e colonizada continua a influenciar e a operar nos tempos atuais, principalmente em se tratando de mulheres, estrangeiros, deficientes e pobres. Por isso nossa reflexão vai de encontro com um processo 'decolonial', ou seja, de transgressão, de luta contínua de um padrão de poder opressor e desigual. (Alves, 2019, p.75).

Feitos esses esclarecimentos, trazemos para o debate as contribuições da professora nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí[71] (2004), referência para os estudos de gênero a partir da experiência de África e de mulheres negras da sociedade Yoruba[72]. Oyèrónkẹ apresenta uma análise da categoria

---

[71] "Cientista social, teórica e feminista nigeriana. Nasceu em Ògbọ́mọ̀ṣọ́, cidade situada no atual Estado de Oyó, na República da Nigéria. Pertence a uma importante linhagem yoruba. [...]
Oyèronké completou o estudo primário e secundário em Ògbọ́mọ̀ṣó, realizou o curso superior de Sociologia na Universidade de Ibadan e obteve o Doutorado em Sociologia na Universidade da California, onde defendeu a tese *Mothers not women: making anafrican sense of western gender discourses* (Mães e não mulheres: criando um sentido africano para os discursos de gênero ocidentais) (1993). Este trabalho veio depois a ser publicado com o título *The invention of women; making anafrican sense of western gender discourses* (A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero) (1997), livro que lhe rendeu o prêmio da *American Sociological Association* (Associação Americana de Sociologia) e se distinguiu como finalista ao Prêmio Herskovitts da *African Studies Association* (Associação dos Estudos Africanos).
A obra de Oyèronké Oyèwúmi propõe uma crítica pós-colonial e feminista do predomínio ocidental nos Estudos Africanos, a partir de uma argumentação de cunho epistemológico. Com base em trabalho interdisciplinar, ela argumenta, com base em evidências linguísticas e etnográficas que antes da colonização britânica, a sociedade yoruba-oyó do sudoeste da Nigéria não organizava os papeis sociais a partir de hierarquias sexuais, corporais e de gênero, e sim pela senioridade. Ela sustenta que a tradução dos termos *obìnrin* e *ọkùnrin*, correspondem, respectivamente, a mulher/fêmea e homem/macho, já carrega em si mesmas a divisão ocidental da percepção dos modos de organização social baseada no gênero; o mesmo acontecendo com a tradução de *aya* e *ọkọ* para 'esposa' e 'marido', que também supõem tal distinção. No contexto yoruba, seria a idade cronológica relativa, e não o tipo sexuado de corpo, a responsável pela distribuição dos lugares de prestígio na sociedade.
Na construção de seu argumento, nota que a percepção ocidental, introduzida durante o período colonial, organiza a lógica cultural em torno do sentido da visão, que identifica pelo olhar lugares sociais destinados a determinados tipos de corpos, o que não aconteceria nas sociedades yorubas, onde maior importância tende a ser dada ao sentido da audição. Tal centralidade conferida ao corpo na perspectiva ocidental acaba por ser projetada nas formas de organização social, naturalizando em termos de uma biologia os discursos sociais e produzindo paradigmas etnocentrados segundo critérios de hierarquia e subordinação. Nas cosmologias e instituições africanas, haveria distinção anatômica dos corpos sem diferença social. Esta seria conferida pela estrutura da linhagem familiar, tanto pela posição etária quanto pela origem social.
[...] Oyèronké leciona Sociologia na Universidade de Stony Brook, no Estado de Nova Iorque. [...]." (Disponível em: Oyèrónké Oyèwùmí (1957) – Biografias de Mulheres Africanas (ufrgs.br). Acessado em 21 de jul. de 2023).

[72] "Situados originalmente nos territórios das atuais repúblicas da Nigéria, Togo e Benin, os povos pertencentes à comunidade étnico-linguística yorùbá compartilharam traços culturais, políticos e sociais comuns desde o século VIII da era cristã até o presente. Organizados em torno de cidades-estados e formações estatais de maior ou menor

gênero fluída, compatível com a realidade daquela cultura onde a família não é generificada ou nuclear, com atribuições claras de papéis e funções a partir da ideia de gênero como na família ocidental moderna.

> Estes exemplos africanos apresentam vários desafios aos universalismos injustificados de discursos de gênero feministas. A partir dos casos apresentados, torna-se óbvio que estas categorias sociais africanas são fluidas. Elas não se baseiam no tipo de corpo, e o posicionamento é altamente situacional. Além disso, a linguagem do casamento, que é utilizada para classificação social, frequentemente não é, a princípio, sobre gênero, como interpretações feministas da ideologia e organização familiar poderiam sugerir. Em outro momento, argumentei que o idioma casamento/família em muitas culturas africanas é uma maneira de descrever relações patrono/cliente, que pouco têm a ver com a natureza dos corpos humanos. Análises e interpretação de África devem começar a partir de África. Significados e interpretações devem derivar da organização social e das relações sociais, prestando muita atenção aos contextos culturais e locais específicos. (Oyěwùmí, 2004, p.09).

É importante entendermos gênero a partir de outra perspectiva, fora da figura mítica construída pela tradição judaico-cristã ocidental, afastada da feminilidade e candura associadas às mulheres brancas, pois, as negras não compartilham dessas qualificações, é preciso pensarmos o gênero interseccionado pela raça, que aliás se sobrepõem a qualquer outro marcador, já que as experiências de sujeitos racializados, são determinados por sua pertença racial. “A consequência semântica da colonialidade do gênero é que ‘mulher colonizada’ é uma categoria vazia: nenhuma mulher é colonizada; nenhuma fêmea colonizada é mulher”. (Lugones, 2014, p.939)

> [...] a ideologia da feminilidade não funcionava para as mulheres negras. Elas eram vistas como instrumentos de reprodução. Existiam para aumentar a renda econômica do seu proprietário. Eram obrigadas a trabalhar tanto quanto os homens negros, no mesmo peso de força, com isso elas adquiriram ‘características consideradas tabus pela ideologia da feminilidade do século XIX’ [...]. Com isso, criou- se a ideia de que ‘mulheres negras são fortes e aguentam tudo’, mas na verdade, mulheres negras são sobreviventes, e que lutavam ‘por si mesmas, suas famílias e seu povo’ [...]. (Souza apud Davis, 2018).

A ideia/modelo eurocêntrico, capitalista, difundida pelo mundo a partir de um processo de ocidentalização, estabelece um padrão de feminilidade que não cabe para todas as mulheres, configurando o marcador gênero, como mais um instrumento de dominação e opressão. O binômio gênero/mulher concebido a partir dessa perspectiva heteronormativa burguesa não comporta a realidade de mulheres *não* brancas, logo essas outras mulheres estarão em outro lugar, longe do cuidado, do afeto ou das lutas por igualdade e, pensar esse não lugar, nos ajuda a compreender os números do trabalho doméstico remunerado, pois, estar fora desses padrões, acaba por reforçar a objetificação apregoada pelo racismo, trazendo a desfeminização dessas mulheres. “A principal

---

influência política, foram parcialmente afetados por sucessivos processos de dispersão promovidos pelo tráfico transatlântico de cativos, sendo levados em situação de diáspora para as Américas a partir do século XVI.” (Disponível em: HISTÓRIA E CULTURA DAS ANTIGAS SOCIEDADES YORÙBÁ: SÉCULOS VIII-XVIII - NEABI UFRGS. Acessado em 21 de abr. de 2023).

diferença do feminismo negro é que ele incluiu o racismo. Há coisas que só afetam mulheres negras".[73]

Maria Lugones (2014), propõem uma outra forma de pensarmos a categoria gênero dentro da colonialidade, que vem ao encontro dessa ideação ocidental sobre a categoria gênero, já que nesta não cabe todas as fêmeas:

> A colonialidade do gênero permite-me compreender a opressão como uma interação complexa de sistemas econômicos, racializantes e engendrados, na qual cada pessoa no encontro colonial pode ser vista como um ser vivo, histórico, plenamente caracterizado. Como tal, quero compreender aquele/a que resiste como oprimido/a pela construção colonizadora do lócus fraturado. Mas a colonialidade do gênero esconde aquele/a que resiste como um/uma nativo/a, plenamente informado/a, de comunidades que sofrem ataques cataclísmicos. Assim, a colonialidade do gênero é só um ingrediente ativo na história de quem resiste. Ao enfocar naquele/a que resiste situado/a na diferença colonial, minha intenção é revelar o que se torna eclipsado. [...] O sistema de gênero é não só hierárquica, mas racialmente diferenciado, e a diferenciação racial nega humanidade e, portanto, gênero às colonizadas. (p.941-942).

Em 1851, Sojourner Truth, mulher, negra, estadunidense, nascida no cativeiro em 1797 e que alcançou a liberdade em 1826, tornando-se ativista pelos direitos das mulheres negras, proferiu na Women's Rights Convention, realizada em Akron, Ohio – EUA, um discurso sobre gênero, que foi imortalizado, justamente, por trazer para o centro do debate, o que é ser mulher negra em sociedades colonizadas e racistas, como a estadunidense, a brasileira e tantas outras mundo afora. Disse Sojourner:

> Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?
> Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso… [alguém da audiência sussurra, "intelecto"). É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, por que você me impediria de completar a minha medida?[74]

---

[73] Fala de Chimamanda Ngozi Adichie, em entrevista concedida à Revista Marie Claire Brasil, em Nov/22. Disponível em: Instituto Luiz Gama no Instagram: "A escritora nigeriana ChimamandaNgoziAdichie — feminista e ativista antirracista celebrada no mundo todo e a autora de obras como…". Acessado em 09 de nov. de 2022.

[74]Esse discurso foi proferido como uma intervenção na Women'sRights Convention, nos Estados Unidos, em 1851. Em uma reunião de clérigos onde se discutiam os direitos da mulher, Sojourner levantou-se para falar após ouvir de pastores presentes que mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens, porque seriam frágeis, intelectualmente débeis, porque Jesus foi um homem e não uma mulher e porque, por fim, a primeira mulher fora uma pecadora. (Disponível em: *E não sou uma mulher? – Sojourner Truth (geledes.org.br)*. *Acessado em 30 de abr. de 2021).*

Seu discurso lúcido e realístico acrescenta elementos as discussões sobre a categoria gênero, a partir da vivência de mulheres racializadas, mostrando como "essa categoria sexual imposta ao corpo sexuado", envolve também raça e o quanto mulheres negras, mesmo tendo seus corpos hiper sexualizados, não gozam do mesmo status e benefícios de mulheres brancas. "Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, [...]. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens [...]!", disse a mulher negra. Na análise de Lugones (2014), a resposta colonial a Sojouner Truth é, obviamente, "não" (p.939), ela não poderia ser considerada uma mulher.

Gênero pode até ser uma construção sociocultural para diferenciar e (mais uma vez) hierarquizar os indivíduos, a partir do desenho de uma personagem inferior a imagem do homem, soberano, já que na construção ocidental e capitalista de sociedade "a mulher nasce pronta para um único desfecho: exercer seu papel de submissão ao homem; não há outras possibilidades e outros caminhos, já está tudo demarcado" (Alves, 2019, p. 77). Essa personagem pensada a partir dos padrões judaico-cristão, eurocêntricos, cis-hetero-normativos e patriarcais cria uma a figura feminina associada a fragilidade, a candura, a necessidade de cuidado e proteção, a maternidade e ao modelo de família nuclear[75], naturalmente dependente da figura masculina, que nessa configuração pode ser o marido, o pai ou o irmão. "Segundo Davis, 'a julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias'" (Davis, 2016 apud, Souza 2018).

"Não é fácil ser mulher"[76], dizem mulheres brancas e, concordamos que nas sociedades modernas é difícil ser mulher, seja pelo sexismo, pelo machismo, pelo patriarcado ou pelo próprio sistema capitalista, o fato é que a vida para pessoas que exercem a identidade de gênero feminina é mais complexa, entretanto, nos parece muito mais difícil ser mulher negra e pobre, que é o perfil predominante no trabalho doméstico remunerado estudado aqui. Na intersecção desses marcadores haverá uma complexificação da vida, agravadas pelas necessidades materiais prementes de sobrevivência individual e coletiva, que gritam em suas vidas desde a mais tenra idade, empurrando-

[75]"[...] o sistema de família nuclear, que é uma forma especificamente europeia, e ainda é a fonte original de muitos dos conceitos que são usados universalmente na pesquisa de gênero. [...] A família nuclear é uma família generificada por excelência. Como uma casa unifamiliar, é centrada em uma mulher subordinada, um marido patriarcal, e as filhas e filhos. A estrutura da família, concebida como tendo uma unidade conjugal no centro, presta-se à promoção do gênero como categoria natural e inevitável, porque dentro desta família não existem categorias transversais desprovidas dela. Em uma família generificada, encabeçada pelo macho e com dois genitores, o homem chefe é concebido como ganhador do pão, e o feminino está associado ao doméstico e ao cuidado." Oyèrónké Oyěwùmí, 2004. (Disponível em oyèrónké_oyěwùmí_-_conceitualizando_o_gênero._os_fundamentos_eurocêntrico_dos_conceitos_feministas_e_o_desafio_das_epistemologias_africanas.pdf (weebly.com). Acessado em 01 de abr. de 2023).

[76] Disponível em: https://vos.social/voos-literarios/nao-e-facil-ser-mulher-mas-gente-segue-na-luta/. Acessado em 05 de mai. de 2020.

as precocemente para as oportunidades de ganhos materiais disponíveis, que exigem pouca ou nenhuma qualificação e a oferta é sempre grande – empregada, faxineira, diarista, babá – especialmente, porque há muitas oportunidades para que a legislação trabalhista seja burlada:

> [...] Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais alto nível de opressão […] Enquanto empregada doméstica, sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da 'inferioridade' que lhe seriam peculiares. Tudo isso acrescido pelo problema da dupla jornada, que ela, mais do que ninguém, tem que enfrentar. (Gonzalez, 1982, p.97).

A citação de Lélia Gonzalez (1982), assegura-nos a possibilidade de fazermos coro com Lugones (2014) e questionarmos a universalidade da ideia do que é ser mulher.

> O trabalho doméstico remunerado é uma relação de trabalho na qual as mulheres, responsáveis pelo trabalho doméstico gratuito em suas casas, repassam para outras mulheres, através de um pagamento, suas atribuições domésticas e, dessa forma, estabelece-se uma subdivisão, baseada em relações sociais de classe e raça, no interior da divisão sexual e racial do trabalho. (Ávila; Ferreira, 2020).

Pensando ainda as sobreposições e os processos de dominação, dentro do universo feminino ou das mulheres, existirão aquelas que terão a possibilidade de contar com o apoio de outras mulheres para lidarem com aquilo que as sociedades ocidentais-capitalistas convencionaram atribuir como seu dever exclusivo, o *cuidado*[77] (o qual tratamos no 4º capítulo deste trabalho), terceirizando assim sua responsabilidade e se colocando, hierarquicamente, acima de outra mulher.

Retornamos ao ponto inicial, os valores formativos da nossa sociedade e a intersecção entre diferentes marcadores, faz com que o trabalho doméstico remunerado siga sendo visto como um destino para mulheres negras, sua "por vocação". Sobre essa destinação para a vida de mulheres negras, uma de nossas interlocutoras, que à época da realização da entrevista, já não estava mais no trabalho doméstico, compartilhou conosco sua experiência pessoal, ao ser questionada se acreditava que, de alguma maneira, mulheres negras eram levadas ao trabalho doméstico remunerado:

---

[77] Com o termo 'cuidado' nos referimos a todas as atividades que regeneram diariamente e geracionalmente o bem-estar físico e emocional das pessoas.
O cuidado engloba as tarefas diárias de gestão e sustentação da vida, como a manutenção do lar, o cuidado dos familiares, a educação dos filhos e o autocuidado.
O cuidado corta a vida de todos. E todas as pessoas, em todos os momentos da vida, precisam de cuidados.
O cuidado é essencial para todas as pessoas no seu dia a dia. Dependendo de fatores como idade, estado de saúde, condições físicas ou circunstâncias, as pessoas exigem uma quantidade diferente de cuidados e são mais ou menos capazes de fornecê-los a terceiros. Assim, uma pessoa requer cuidados para adquirir sua autonomia quando passa por sua infância, então provavelmente já na idade adulta ela deve cuidar das novas gerações e talvez em sua velhice ela precise de cuidados novamente. Portanto, o cuidado, além de acompanhar o ciclo de vida das pessoas e ser um fator-chave do desenvolvimento pessoal, é também um componente essencial da reprodução da sociedade, permitindo a manutenção da vida e o funcionamento das atividades como um todo. Disponível em: Sistemas de Cuidados Abrangentes e Financiamento Perguntas e Respostas | ONU Mulheres – América Latina e Caribe (unwomen.org). Acessado em 23 de abr. de 2023.

> Acredito... Acredito que é, até um certo tempo, quase que inevitável um caminho natural. Quase. A educação, eu acho que rompeu um pouco desse ciclo. Apresentou um caminho, uma brecha, uma pequena saída. Mas, fora do serviço doméstico, e aí já se deparando com o racismo, que também está dentro das empresas, elas não... As mulheres negras, ou meninas negras não vão avançar muito. Com certeza, uma possibilidade de sair do emprego doméstico sim, totalmente. Mas não esperem grandes coisas dentro das empresas, porque parece que é esse o nosso lugar, é, e... Você passa a vida, eu passei 17 anos: 'Você é funcionária? Não, você é terceirizada, né?' – 'Não, sou funcionária'. – 'Não, mas tu é funcionária mesmo? Funcionária mesmo do Bradesco, ou de outra empresa?' – 'Não, do Bradesco. – Sério?'. Então assim, parece que você está reservado um lugar para você, e se a pessoa te ver sem a vassoura na mão, é sem... Foi sempre um espanto todo.
> É. 'Ih, caraca! Uma negra, mas cadê a vassoura? Não é da copa, não é? Então, você é terceirizada?'. E uma dificuldade muito grande de mobilidade, de ascender, apesar da escolaridade. Apesar de você ser escolarizada. Então, essa é, ainda é, uma barreira. Mas esse ciclo de você ir, automaticamente, para o serviço doméstico, né? E, até porque, veio o, o, esses serviços de limpeza, de caixa de supermercado, que, que não exige muita escolaridade, absorveu um pouco dessa massa, apesar de, de pagar um pouco, mas absorveu. Conheci várias meninas com o fundamental incompleto que já tinham passado pelo serviço doméstico e diziam: 'Deus me 'free' de voltar!'. Mas estavam lá, trabalhavam na empresa, com carteira assinada, um salário-mínimo, mas tinham seus direitos resguardados. (*Tereza*, 43 anos).

Na nossa sociedade, estruturalmente racista, não importará se a negra ascende social e economicamente, seus fenótipos a manterão acorrentada às amarras invisíveis do racismo, direcionando-a, quase que automaticamente, para lugares sociais subalternos e trabalhos desprestigiados, como o trabalho doméstico. As falas a seguir, depoimentos de nossas interlocutoras, reforçam essa perspectiva:

> Dizer que me deu oportunidade [trabalho doméstico] seria acreditar que há algo por ser grata, e de verdade não há.
> Pago minhas contas, porém sei que sou muito mais que o que faço, tenho capacidade para ir além, todavia, estou sendo mantida em um espaço que diariamente digo que não me gosta, e principalmente um espaço que luto muito para sair, mas que me engole, a sociedade racista é o copo de água que empurra essa realidade na minha garganta e faz descer. (*Jovelina*, 27 anos).

> O trabalho doméstico me privou de oportunidades porque trabalhávamos mais de oito horas por dia, sem horário de almoço, com um extremo cansaço físico e mental. A oportunidade de ter algum direito garantido veio depois da PEC das domésticas que garantia direitos como outros trabalhadores, quando minha patroa começou pagar o FGTS que consegui mais tarde comprar meu apartamento pelo financiamento da caixa no primeiro governo Lula. (*Anastácia*, 47 anos).

> [...] na maioria das casas que fui trabalhar os empregadores só queria empregada que não estudasse e isso me privou de ir para a escola, fato que me prejudicou até hoje pois não desenvolvi aprendizagem. (*Esperança Garcia*, 64 anos).

As variáveis que empurram mulheres negras para o trabalho doméstico remunerado, são históricas. Estudos mostram que as políticas de cotas raciais em universidades, podem ser eficientes para reduzir, ainda que lentamente, as disparidades sociais que separam o lugar ocupado por pessoas negras e pessoas não negras, entretanto, nossa sociedade tem um longo caminho pela frente, parafraseando Vilma Piedade (2017), no Brasil "*a faxina tem cor*".

A situação de mulheres negras na sociedade brasileira, é nuançada por pontos bem peculiares, denunciados pelas próprias, uma vez inseridas no movimento negro brasileiro[78], lá pela década de 1970, ao perceberem que havia questões específicas, oriundas da intersecção entre raça e gênero que não estavam na pauta de discussões. “Os interesses cristalizados produziram convicções escravocratas arraigadas e mantêm estereótipos que ultrapassam os limites do simbólico e têm incidência sobre os demais aspectos das relações sociais”. (Santos, 2009).

A destinação de mulheres negras ao trabalho doméstico remunerado é algo tão normalizado e naturalizado na sociedade brasileira, que gostaríamos de registrar um episódio racista e classista envolvendo um concurso de beleza. Em 2017, o concurso que – supostamente – elege a mulher mais bonita do país, o Miss Brasil Be Emotion[79], consagrou como a mais bela do país a jovem negra *Monalysa Alcântara*. Na época a Miss Brasil foi execrada com uma série de ofensas racistas, no país em que o maior contingente populacional é de mulheres negras. Antes da vitória de Monalisa, no ano e 2016 a vencedora foi *Raíssa Santana*, mulher negra também.

O concurso de beleza mais importante do país, que acontece oficialmente desde 1954, elegeu apenas uma miss negra, antes da aclamação de Raissa e Monalysa, Deise Nunes, eleita em 1986. Em 69 anos de realização, o Miss Brasil elegeu apenas 3 misses negras, Deise, Raíssa e Monalisa, como justificar esse ranking no país de maioria negra? Esses números, traduzem objetivamente, nosso argumento, o mesmo de Lélia Gonzales, “mulher preta no Brasil é naturalmente cobradora de ônibus, puta ou empregada”. Uma mulher negra não cabe no lugar da miss, o lugar da candura, do encantamento, dos contos de fada[80]. As ofensas proferidas contra a piauiense Monalisa Alcantara, confirmam isso, gostaríamos de reproduzir uma em especial, que chama atenção pela especificidade; “Credooooooo! A miss Piauí tem cara de ***empregadinha***, cara comum, não tem perfil

[78] Um ano após a abolição da escravatura, foi proclamada a República no Brasil, em 1889. O novo sistema político, entretanto, não assegurou profícuos ganhos materiais ou simbólicos para a população negra. Ao contrário, esta, segundo Andrews, foi marginalizada, seja politicamente em decorrência das limitações da República no que se refere ao sufrágio e as outras formas de participação política; seja social e psicologicamente, em face das doutrinas do racismo científico e da ‘teoria do branqueamento’; seja ainda economicamente, devido às preferências em termos de emprego em favor dos imigrantes europeus.
Para reverter esse quadro de marginalização no alvorecer da República, os libertos, ex-escravos e seus descendentes instituíram os movimentos de mobilização racial negra no Brasil, criando inicialmente dezenas de grupos (grêmios, clubes ou associações) em alguns estados da nação. (Domingues, 2007).

[79] Poderíamos fazer vários comentários e considerações a respeito desse tipo de evento, porém, não é nosso objetivo aqui.

[80] No último sábado (19/08/17) aconteceu a 63ª edição do prêmio Miss Brasil. O concurso contou com uma vencedora negra pelo segundo ano consecutivo, embora ela seja apenas a terceira desde sua inauguração, em 1954. Esses dados são alarmantes e abrem espaço para discutir a representatividade negra em concursos de beleza, dada a predominância do padrão branco e eurocêntrico. [...] Alguns dos ataques mencionavam a Miss Rio Grande do Sul, manifestando aborrecimento pôr a gaúcha ter perdido a disputa. Internautas protestaram no Twitter, afirmando que a brasilidade também era branca, e questionando a capacidade intelectual de Monalysa. (Dados disponíveis em: Monalysa Alcântara: Miss Brasil 2017 sofre comentários racistas na Internet | CLAUDIA (abril.com.br). Acessado em 05 de ago. de 2017).

de miss, não era pra tá aí",[81] "[...] nosso lugar tá dado, posto na sociedade. É estrutural. – Mulher preta é pobre; mulher pobre é preta, com baixa escolaridade, ocupando a base da pirâmide no mercado de trabalho, pelo menos na sua maioria" (Piedade, 2017).

> A racialização dos corpos no Brasil é herança de um intenso processo de colonização europeu que antecede a construção da sociedade brasileira. A desumanização dos povos africanos, o genocídio e a catequização indígena nas Américas moldaram modos de vida e os corpos ao longo dos anos. Os modos de vida e as corporeidades que foram e são atravessados pelos padrões ocidentais, europeus e cristãos, e constituídos a partir destes processos de hierarquização dos povos por conta da cor da pele, cultura, sexualidade, gênero. (Ambrósio, 2020, p.75-76).

As sociedades capitalistas não reconhecem a importância do trabalho de cuidado, o trabalho doméstico, a manutenção dos afazeres domésticos e o trato com os mais vulneráveis, cria condições objetivas e subjetivas para que outros/as trabalhadores/as estejam no mercado produzindo, ampliando a margem de lucros do capital, enquanto aqueles lidos como improdutivos, mantém casas limpas e organizadas, crianças e idosos cuidados e famílias alimentadas. Mas, a falta de reconhecimento e prestígio social, bem como, a crença em sua improdutividade, vivificam seu elo com a escravidão.

A falta de prestígio social, as condições precárias de trabalho, a violação de direitos trabalhista e o exercício predominante por mulheres racializadas, se repete por outros países de economia capitalista. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) apresenta dados que traduzem em números o quanto o trabalho doméstico remunerado é desprestigiado, pelo mundo:

> - Existem 67 milhões de trabalhadoras(es) domésticas(os) adultas(os) no mundo, segundo estimativas da OIT para 2013.
> - Deste número, 80% ou 55 milhões são mulheres.
> - A América Latina e o Caribe contam com 18 milhões de trabalhadoras(es) domésticas(os), dos quais 88% são mulheres.
> - O trabalho doméstico representa 27% da ocupação feminina na região.
> - O trabalho doméstico é uma das ocupações com níveis de remuneração mais baixos no mundo, com médias de salário abaixo da metade do salário médio no mercado de trabalho.
> - Cerca de 90% das(os) trabalhadoras(es) domésticas(os) não têm acesso à seguridade social.[82]

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2019, anteriores a pandemia de COVID-19, apontavam que no "trimestre encerrado em fevereiro de 2019, havia 6,2 milhões de trabalhadores domésticos, sendo 92% mulheres e 66% negras"[83], algo em torno de 4

---

[81] Disponível em: https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/internautas-causam-polemica-dizendo-quemiss-brasil-2017-so-ganhou-por-ser-negra-103015/. Acessado em 28 de fev. de 2021.
[82] Dados disponíveis em: Trabalho Doméstico (OIT Brasilia) (ilo.org). Acessado em 23 de abr. de 2023.
[83] Disponível em: Pandemia torna mais vulneráveis trabalhadoras domésticas, concluem debatedores - Notícias - Portal da Câmara dos Deputados (camara.leg.br). Acessado em 23 de abr. de 2023.

milhões de mulheres negras, que se mantinham no trabalho doméstico remunerado como forma de manutenção de sua existência e reprodução. Para nós, esses números confirmam todos os argumentos apresentados até aqui, o trabalho doméstico remunerado no Brasil tem gênero, classe social e cor, não há como desassociar esses marcadores de sua análise, nem há como ler esses números, sem associá-los ao passado colonial do país e ao seu presente racista.

> Nota-se que além das origens históricas escravocratas, que construíram práticas sexistas e racistas que fundamentaram as relações sociais e de trabalho das domésticas, há uma apropriação capitalista de tais práticas no âmbito institucional, societal e econômico que torna o negro exército industrial de reserva e, na pior das hipóteses, massa marginal [...]. diante desse quadro, para a população negra no Brasil, às mulheres pobres e sem qualificação profissional o trabalho doméstico se torna uma possibilidade dentro de poucas em um contexto de pós-reestruturação produtiva em que o setor de serviços tem cada vez mais demanda e que é cada vez mais necessária a delegação do trabalho doméstico. (Porfírio, 2021, p.71).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), nos aproxima dos números atuais do trabalho doméstico remunerado, no Brasil após a COVID-19.

> Dados da Pnad Contínua, do IBGE, revelam que, entre o 4o trimestre de 2019 e o 4o trimestre de 2021, o número de ocupados no Brasil passou de 95,5 milhões para 95,7 milhões. No mesmo período, a população ocupada em trabalhos domésticos diminuiu de 6,2 milhões para 5,7 milhões.[84]
>
> No quarto trimestre de 2013, a categoria era composta por 93,5% de mulheres e 6,5% de homens. Ao final de 2022, as mulheres representavam 91,4% da força de trabalho empregada no setor, enquanto os homens respondiam por 8,6%. Houve, portanto, pequeno crescimento na proporção de homens empregados na atividade, em nove anos, com destaque para o período pós-pandemia. (DIEESE, 2023).

Dados mais recentes do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) (2023) dão conta do panorama do trabalho doméstico remunerado após a COVID-19 e após 10 anos da Lei 150/2015, conhecida como “PEC das Domésticas”.

> No quarto trimestre de 2022, as trabalhadoras negras representavam 67,3% do total de mulheres da categoria e as não negras, 32,7%. Em 2013, a participação de mulheres negras no trabalho doméstico feminino era de 63,9%, contra 36,1% de mulheres não negras. Na verdade, com exceção do período pandêmico, houve crescimento constante da proporção de mulheres negras e redução das não negras na atividade, no período analisado. (DIEESE, 2023).

A pandemia causada pelo novo coronavírus provocou algumas mudanças no cenário do trabalho doméstico no Brasil, o que não representou melhorias ou diminuição no número de mulheres negras ocupadas nessa função. O IBGE aponta que em 2022, havia 5,6 milhões de empregados domésticos no país, dos quais, cerca de 4,2 milhões estavam trabalhando na

[84] Dados disponíveis em: TRABALHO-DOMÉSTICO-2022 (dieese.org.br). Acessado em 23 de abr. de 2023.

informalidade, ou seja, sem as garantias que o registro em carteira oferece[85] e o DIEESE dá conta que 67,3% do contingente de trabalhadoras domésticas no país, segue sendo de mulheres negras.

Especialistas ressaltam que esse "é um dos percentuais mais altos já registrados pela pesquisa de emprego do IBGE [sobre a informalidade], só fica um pouco atrás do terceiro trimestre do ano passado [2021], quando bateu recorde." Já Anne Posthuma, diretora do Centro Interamericano para El Desarrollo Del Conocimiento em La Formación Profesional (Cinterfor), da OIT, no Brasil, informou que "em um cálculo recente da OIT revelou uma taxa de informalidade superior a 70% na América Latina, onde a perda desse emprego chega a 20% e a recuperação situa-se em 1%".[86]

> [...] 77,5% das mulheres empregadas no trabalho doméstico operam na informalidade e sua renda é igual ou inferior a 50% da média de todas as pessoas ocupadas. Há uma clara desvalorização desse tipo de trabalho. É urgente promover mudanças na cultura patriarcal das nossas sociedades, para que sejam sociedades verdadeiramente solidárias.[87]

Os agravos causados pela pandemia, foram tratados mais a frente, no 3º capítulo, no momento, podemos verificar que a pandemia impactou, momentaneamente, o trabalho doméstico remunerado no país, mas, analisando a situação das negras, vemos que a pandemia não alterou a realidade do segmento, diga-se de passagem, nem mesmo a regulamentação da profissão, instituída pela Lei 150 de 2015, já que temos "um dos percentuais mais altos já registrados pela pesquisa de emprego do IBGE" sobre a informalidade no emprego doméstico.

A lição que aprendemos é que "raça foi o principal marcador que determinou quem realizaria o serviço doméstico em épocas de Brasil colonial e que até os dias de hoje faz com que a mulher negra seja tachada de empregada, servil e subalterna" (Porfírio, 2021, p.28). Raça é o marcador determinante para que o lugar socialmente projetado para mulheres negras seja o trabalho doméstico remunerado, um lugar ainda encoberto pela sombra da escravização e outras maneiras degradantes e servis de subjugar o trabalhador. Questionamos nossas interlocutoras, sobre o que o trabalho doméstico significava para elas e, observamos, que as respostas não condizem com o imaginário social:

> Tudo, foi dele que tirei meu sustento, dos meus filhos e da minha família. Quando meus filhos nasceram foi muito difícil conciliar o trabalho, fiquei uns meses em casa, mas depois não aguentei ficar passando e vendo meus filhos passarem por privações pois só o salário do meu companheiro na época não dava para manter a casa. (*Anastácia*, 47 anos).

---

[85] Disponível em: pnadc_202205_quadroSintetico.pdf (ibge.gov.br). Acessado em 23 de fev. de 2023.
[86] Disponível em: Webinar debate livro sobre trabalho doméstico e de cuidados familiares - Ipea. Acessado em 23 de abr. de 2023.
[87] OnuMujeres – América Latina e Caribe. Disponível em: Sistemas de Cuidados Abrangentes e Financiamento Perguntas e Respostas | ONU Mulheres – América Latina e Caribe (unwomen.org). Acessado em 23 de abr. de 2023.

> Olha, pra te explicar assim... É uma coisa honesta, não é? Você não, não, não... pior é trabalhar em lugares como, agora não sei, mas na época tinha muitos trabalhos, as meninas tinha trabalho no rádio, quem tinha um corpo. Mas isso nunca me atraiu, nunca mesmo. (*Dandara*, 82 anos).

> Ó, naquele momento ali, de falta de tudo que nós tínhamos, de roupa, de alimentação, no momento, foi a tábua de salvação. Toda essa, essas coisas contrárias, essas coisas ruins, mas era o que garantia o sustento, era que eu tinha um salário. É que eu pude comprar roupa, sapato, é que eu podia ajudar em casa. A minha mãe, a... Meus avós... Aí, foi isso aí. (*Firmina*, 64 anos).

> Trabalho doméstico para mim significa, perpetuação de um ideal escravagista, significa manutenção e modernização da escravidão. Pois se pegarmos dados de pesquisas, quem desenvolve essa função numa maioria esmagadora, são mulheres negras, nada muito diferente do que se passava no Brasil colonial. (*Jovelina*, 27 anos).

> Com a raça só não. Tem relação com aquele, que o trabalho doméstico vem lá da senzala, da casa grande. Com certeza tem raça, classe, gênero... Tem tudo a ver por que... Botaram isso na nossa cabeça, entendeu? Que nós somos trabalhadoras domésticas a gente tem que servir. Para desconstruir isso é só muita luta. Porque acha que vem lá e tem que continuar. E muita elite branca que fazer isso com a gente, né? Que humilhar, quer ofender!
> E se a gente não se impor, se a gente não se impor... fica assim mesmo, querendo passar por cima da gente porque somos negras, porque somos pobres. Mulheres... e ainda trabalhadoras domésticas, né? (*Marli*, 54 anos).

> É um trabalho como outro qualquer, porém não é valorizado como as demais categorias. (*Esperança*, 64 anos).

Parece-nos claro, que nenhuma dessas mulheres escolheu o trabalho doméstico remunerado como ocupação principal por vocação, as condições materiais para sobrevivência, ou melhor, a falta de condições de vida, a necessidade objetiva, que as empurrou para o trabalho doméstico.

O racismo e toda a estrutura social estavam à espera delas para confirmar o destino projetado social e historicamente, “mulher preta, naturalmente, é doméstica”. O trabalho doméstico representou ou representa para essas mulheres sobrevivência e, essa é uma das faces mais cruéis da pobreza, aquela que rouba sonhos e oportunidades, privando pessoas de serem e o fazerem o que realmente desejam. Não concidentemente, pessoas negras são pobres, uma situação que se agrava pelo racismo, que mesmo que essas pessoas ascendam econômica e socialmente, ele estará lá para lembrá-las de quem são e que esse lugar não foi reservado para elas.

Nosso objetivo com este trabalho era, justamente, dar visibilidade a trajetória de trabalhadoras domésticas entendendo como raça, gênero, classe lhes atravessa na vida, no envelhecimento e na velhice. Saímos entendendo que o trabalho doméstico remunerado é muito mais que uma ocupação, é um lugar, para onde mulheres negras são enviadas inadvertidamente, e precisam fazer um esforço hercúleo para evitá-lo ou sair dele, assim mesmo, ele – o lugar da subalternidade – estará sempre à espreita dessas mulheres.

Entretanto, quando uma mulher negra consegue sair desse lugar todas as mulheres negras comemoram e sentem representadas, isso é a *dororidade*[88], conceito cunhado por Vilma Piedade e, experimentado por esta pesquisadora, na incursão pelo campo.

> [...] me preocupo não é falar bonito, não. É até bom você ter concordância, isso tudo, que na nossa categoria isso é complicado. Que na nossa categoria, a maioria 80 por cento é (inaudível) semianalfabeta. Mas eu me preocupo de passar o recado pra elas, entendeu? Que elas me...
> Se espelhem em mim... se espelhem em mim e bota pulso quando for falar com o patrão, quando for negociar um emprego, um trabalho, entendeu? Minha preocupação é empoderar elas mesma! Eu quero ver elas assim, sabe? Se assumindo, entendeu? Sou trabalhadora doméstica, sou uma mulher negra, moro em comunidade, mas posso ser o que eu quiser. Se eu quiser ser uma deputada, como Benedita da Silva. Se eu quiser ser doutora... Nossa, quando eu vejo aquelas mulheres negras lá... 'doutora'... Ah, eu fico muito feliz! A mulher tem que ser o que ela quiser, independente da cor, ou da sua classe social. (*Marli*, 54 anos).

O exercício do trabalho doméstico na velhice foi narrado por Gilberto Velho (2012), em seu texto sobre sua experiência com empregadas domésticas, "Deja aposentou-se, definitivamente, em 2007, com **72 anos**. É dez anos mais velha do que eu" (p.18, grifos nossos), e isso é dito naturalmente, com um certo tom de parabenização, quando sabemos que a classe dominante se aposenta muito antes ou quando fazem a escolha por continuarem trabalhando até mais velhos, será em atividades que não lhes exijam tanto fisicamente.

Buscamos aqui compreender mais detalhadamente, com o respaldo científico cabível, algo que é muito facilmente observado na vida cotidiana, a relação sócio-histórica entre trabalho doméstico remunerado, raça, gênero e classe social. Observar que mulheres negras são mais presentes em cargos subalternos e invisíveis e ausentes em posições de poder e liderança é pouco para compreender o que realmente isso significa. Para compreender os dados que veem desta observação empírica e se confirmam nas estatísticas oficiais é preciso estudar nossa formação social, os aspectos mais fundamentais da nossa constituição enquanto Nação, buscar outras perspectivas epistemológicas que viabilizem outra visão de homem e mundo e que nos instrumentalize para apurarmos as verdades postas na frieza dos números. Esse foi o exercício que tentamos fazer aqui, buscamos compreender como a vida de mulheres negras é atravessada, tão naturalmente, pelo trabalho doméstico remunerado

[88][...] "dororidade" é a cumplicidade entre mulheres negras, pois existe dor que só as mulheres negras reconhecem, por isso a sororidade não alcança toda a experiência vivida pelas mulheres negras em seu existir histórico.
Vilma espreme o conceito da sororidade, palavra derivada do termo em latim 'sóror', que significa irmã. A sororidade que significa uma relação de solidariedade, cumplicidade e cuidado entre mulheres, segundo ela, não dá conta das vicissitudes das mulheres negras.
A nossa sociedade não consegue absorver de modo natural a presença dos corpos negros femininos fora dos lugares cultural e historicamente destinados para elas, e sua dor é completamente invisibilizada. As mães e mulheres que vivenciam a perda ou encarceramento dos seus filhos, maridos, irmãos ou companheiros, que sofrem as agruras afã violência obstétrica, são um bom exemplo disso. (Disponível em:
A dororidade e a dor que só as mulheres negras reconhecem (geledes.org.br). Acessado em 21 de jul. de 2023).

e como todos os marcadores sociais de diferença, abrem passagem para que isso continue acontecendo. A escravidão figura como antagonistas dessas mulheres, pois, sua sombra segue perseguindo-as e mantendo-as nesse lugar.

Acreditamos ter conseguido problematizar o objeto de estudo e abrir o caminho para seguirmos pensando como essas mulheres negras e domésticas, envelhecem e vivem suas velhices, pois, assim, como "Deja" muitas mulheres negras têm seu envelhecimento comprometido pelas suas condições de vida, que as obriga a trabalhar até não aguentarem mais, muitas não têm nem tempo para "aproveitar a vida". Uma vida tão marcada por desigualdades e dedicada ao trabalho doméstico, pode levar a uma velhice frágil, solitária, difícil e é sobre essas múltiplas velhices que trataremos a seguir, pensando o envelhecimento, não como algo natural, mas, como resultado de um processo de vida.

2. DIVERSIDADE HUMANA E ENVELHECIMENTO: A VELHICE DE “ELISETE”

Ai! Barracão
Pendurado no morro
Vem pedindo socorro
A cidade a teus pés
Ai!
Barracão
Tua voz eu escuto
Não te esqueço um minuto
Por que sei quem tu és
Barracão de zinco,
Tradição do meu país
Barracão de zinco
Pobre é, tão infeliz
Vamos embora meu povo
Ai! barracão...

Começar este capítulo com a letra da música “*Barracão de zinco*” é uma forma de homenagear todas as trabalhadoras domésticas envelhecidas, que conheci no exercício da minha profissão e que viveram toda uma vida, dependuradas em encostas e morros, em seus “barracões de zinco” e, mesmo assim, contribuíram para o desenvolvimento desse país e de seus trabalhadores e representantes.

Envelhecer é um processo natural, porém, será influenciado por fatores ambientais, sociais, culturais e econômicos, que agem sobre a vida do indivíduo desde o seu nascimento e impactam na velhice, ditando o modo como essa fase da vida será experimentada. Dessa forma, o envelhecimento não transcorrerá da mesma maneira entre trabalhadores e não trabalhadores, entre homens e mulheres, entre negros e não negros, pois, ele está condicionado aos fatores já mencionados e que não são vivenciados em similaridades por todos. “As pessoas mais velhas se tiverem boa saúde, estabilidade financeira e afetiva, podem ser tão felizes quanto as mais novas” (Goldenberg, 2017).

Vejam a citação anterior, “se tiverem boa saúde, estabilidade financeira e afetiva”, pessoas velhas, poderão “ser tão felizes quanto as mais novas”, a questão, para nós, é que muitas pessoas mais velhas, não tiveram acesso a “boa saúde, estabilidade financeira e afetiva” ao longo da vida, seria uma grande utopia que gozassem dessa condição na velhice.

Então, parece-nos lógico que se, um indivíduo não goza de boas condições de vida, ao longo da sua existência, não gozará de boas condições de vida na velhice, caso alcance essa fase, afastando-os, mais uma vez, de “serem tão felizes quanto”. Quando pensamos nas condições de trabalho de trabalhadores domésticos remunerados, no tipo de atividades que desempenham, no tempo de permanência diária nos transportes públicos, nas condições de vida, da maioria de suas

trabalhadoras e nas micro agressões[89] sofridas cotidianamente, entre outras coisas, é difícil imaginar como essas mulheres alcançaram a velhice e, caso consigam, como terão boa saúde física, mental e financeira para viverem uma boa velhice.

> A velhice é a dimensão existencial de se estar velho, considerada um resultado do processo de envelhecimento. É uma etapa da vida que compreende características específicas dos sujeitos, para além das características biológicas. Ela está envolvida com as condições sociais, econômicas, culturais da população, o que contribuem para que se haja diferentes e desiguais velhices. (Freitas *et al*, 2010).

Assim, como os estudos sobre trabalho doméstico remunerado são atravessados pelos marcadores raça e gênero, os estudos sobre envelhecimento, também devem ser, pois, muitas vezes esses marcadores determinam o curso de vida e, consequentemente, o envelhecimento da população. É fundamental, que possamos pensar o envelhecimento, a partir da perspectiva existencial de diferentes grupos sociais, como única medida possível, para criar condições para que possam gozar de uma boa velhice. Em palestra proferida em jul. de 2019[90], a jornalista especialista em economia, *Flávia Oliveira*, mencionou como os indicadores sociais afetam na construção da autoestima e de identidades positivas da população negra. Tais indicadores demonstram o quanto a população negra permanece subalternizada, dominada e inferiorizada[91], como os negros/as ocupam os postos de trabalhos mais subalternos, recebem salários mais baixos, são as maiores vítimas de violência, inclusive homicídios e vivem em condições mais insalubres e perigosas.

> Eu consegui sair do trabalho de doméstica aos 33 anos com a morte da minha patroa, mas fiquei fazendo congelados pra fora, faxinas para depois trabalhar como cuidadora de idosos.
> Minha saúde foi afetada por minhas varizes de carregar muito peso e horas em pé. (*Anastácia*, 47 anos).

---

[89] As micro agressões, termo usado pela primeira vez pelo psiquiatra Chester Pierce, em 1970, para definir mecanismos de ataque de grupos opressores, podem atingir membros de qualquer grupo marginalizado, mas acontece especialmente com pessoas negras.
Para compreender melhor o termo, conversamos com o professor da Unoeste Guarujá e psiquiatra Rondinelli Salvador Silva, que explicou que existem três tipos de ***micro agressões***: ***micro ataques***, ***micro insultos*** e ***micro invalidações***. Todas impactam diretamente na saúde mental da população negra.
'No caso do micro ataque encontramos ofensas raciais como apelidos ou expressões verbais e não verbais negativas. O micro insulto é uma forma de insensibilidade ou assumir inferioridade racial da pessoa negra, por exemplo, ao minimizar a importância de episódios de racismo ou em negar o horror causado pela escravidão', explica.
'Por último, as micro invalidações aparecem como uma forma de questionar a capacidade das pessoas em realizar algumas tarefas ou mesmo em assumir que os problemas em um dado contexto estão associados a pessoas de pele escura', [...]. (Disponível em: (33) Pesquisador: ausência de formação antirracista impacta bem-estar da população negra no trabalho | LinkedIn. Acessado em 05 de mai. de 2023. Grifos nossos.)

[90] Mesa "Anastácias redivivas – o feminismo negro. em meio a tempestade, apresentada durante a FLIP/FLUP, realizada nos pilotis do Museu de Arte do Rio (MAR), em 15 de jul. de 2019.

[91] Para maiores informações consultar o *Atlas Brasil*, disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/consulta/. Ou o Censo Brasil, realizado em 2010, disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/.

> Entendeu? São casos assim que a gente fica apavorada. Aqui vinha uma senhorinha, muito idosa, que ela ganhava 50 reais... por mês. Que pra reverter esse caso...
> [Como que vive?] Não sei! Para reverter esse caso, nós tivemos muito trabalho. A advogada teve muito trabalho pra reverter esse caso pra ela conseguir todos os direitos. E você, ainda corre o risco de pegar um juiz que é patrão...
> [E não ver problema nenhum nisso]
> [...] Não. 'Não, vamos dar a metade' [pondera o juiz]. Entendeu? (*Marli*, 54 anos).

Viver a velhice com dignidade significa ter acesso a bens e serviços, ter qualidade de vida e bem viver, ter sua identidade reconhecida e respeitada, com o atendimento de suas necessidades pessoais, tendo sua condição humana reconhecida e respeitada, afastando-se de estigmas sociais que persegue pessoas mais velhas.

Não queremos nos repetir, mas, não há como não relacionar envelhecimento a raça e ao racismo, que mais uma vez, acompanham pessoas negras em qualquer fase da vida[92]. Parece ser mais fácil envelhecer sendo branco/a, hetero e burguês/as, as condições econômicas e sociais desse grupo, favorecerão o encontro da felicidade mencionada por Goldenberg (2017). Sem dúvidas, será desse grupo que virão os "belos/as velhos/as", denominados pela mesma autora.

> [...] a 'bela velhice' não é um caminho apenas para celebridades. A 'bela velhice' é o resultado natural de um 'belo projeto de vida', que pode ser construído desde muito cedo, ou mesmo tardiamente, por cada um de nós. A beleza da velhice está, exatamente, na sua singularidade, nas pequenas e grandes escolhas que cada indivíduo faz ao buscar concretizar o seu projeto de vida. (Goldenberg, 2017, p.11).

Gostaríamos de compartilhar os exemplos de "belos velhos", mencionados pela autora: "No Brasil, temos vários exemplos de 'belos velhos': Caetano Veloso, Gilberto Gil, Ney Matogrosso, Chico Buarque, Marieta Severo, Rita Lee, entre outros. *Duvido que alguém consiga enxergar neles, que já chegaram ou estão chegando aos 70 anos, um retrato negativo do envelhecimento*" (Goldenberg, 2017, p.08, grifos nossos).

Lendo essa passagem, voltamos a vida de *D. Ivone Lara*[93], que teve sua história retratada no 1º capítulo deste trabalho. Sua vida e sua velhice são um retrato negativo, não só do envelhecimento, mas, de como a nossa sociedade é. Sua velhice mostra como a sociedade brasileira contemporânea é desigual e como o racismo, que a estrutura, é máquina de moer pessoas negras.

---

[92] Família denuncia racismo após idoso ser falsamente acusado de furto em hospital. Brasil de Fato | Porto Alegre | 21 de abril de 2020.
Sua esposa, ao ver as agressões ao marido e depois de pedir ajuda aos gritos, sofreu uma parada cardíaca e faleceu. Na madrugada desse sábado (18), enquanto o vigilante Everaldo da Silva Fonseca, de 62 anos, acompanhava a sua esposa, Maria Gonçalves Lopes, no Hospital Dom João Backer, em Gravataí (RS), foi falsamente acusado de furtar um celular por uma pessoa que trabalha na instituição e agredido pela equipe de segurança.
Sua esposa, ao ver as agressões ao marido e depois de pedir ajuda aos gritos, sofreu uma parada cardíaca e faleceu. Maria Gonçalves, estava internada para tratar de problemas no fígado. Segundo familiares o casal estava junto há mais de 30 anos. (Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2020/04/21/familia-denuncia-racismo-apos-idoso-ser-falsamente-acusado-de-furto-em-hospital. Acessado em 01 de fev. de 2024.)

[93] Nome fictício.

Mesmo tendo vivido muitos anos, mais de 100, D. Ivone não pode usufruir de sua velhice, pois, parte foi mantendo sua rotina de trabalho e parte estando acamada, restrita ao leito de uma ILPI. Seria essa uma "feia velhice"?

Ivone, assim como a maioria de nossas entrevistadas, não se parece com os "belos velhos", citados por Goldenberg (2017), e não teve oportunidade de desenhar um projeto de vida que contemplasse a felicidade, a plenitude e uma boa velhice. A urgência da sobrevivência e da superação das adversidades cotidianas, impõem um imediatismo à vida de grande parte da população negra, deixando óbvio que o envelhecimento não será dádiva, ou mesmo um direito usufruído por todos/as.

> A diversidade das capacidades e necessidades de saúde dos adultos maiores não é aleatória, e sim advinda de eventos que ocorrem ao longo de todo o curso da vida e frequentemente são modificáveis, ressaltando a importância do enfoque de ciclo de vida para se entender o processo de envelhecimento. Embora a maior parte dos adultos maiores apresente múltiplos problemas de saúde com o passar do tempo, a idade avançada não implica em dependência. (ONU, 2015, grifos do original).

O corpo periférico, feminino, homossexual, negro, gordo, deficiente não conhece aceitação, acolhimento, admiração ou afeto, dizem as estatísticas e as pessoas que são assim, porque seus corpos são apontados como inadequados. Ao envelhecer suas características físicas e pessoais, sua orientação sexual ou a maneira como se inserem no mundo, não mudará, de outro lado, a sociedade também não. Na verdade, na velhice assumirão mais uma face negativada pelos padrões sociais, as rugas, cabelos brancos, o declínio físico e cognitivo, as limitações impostas pela ação do tempo. A sobrecarga física e mental, advinda de uma vida de discriminações, privações e não acesso a espaços e direitos, serão sentidas com mais intensidade na velhice, quando esses corpos já estarão cansados de serem o que são para o outro, não para si.

Pensar o envelhecimento, buscar tecnologias que permitam uma velhice tranquila, longeva e digna já é uma realidade, justamente, porque o grupo dominante conquistou a dádiva de viver por mais tempo e, portanto, busca viver bem. De outro lado, os grupos minorizados seguem lutando pelo direito a existência e caso consigam sobreviver, é preciso que tenham alguma tranquilidade para envelhecer. O capítulo que se segue, dedica-se a pensarmos o envelhecimento humano, atravessado, pelos marcadores de diferenças e valores sociais que marcam a vida contemporânea. Nossa proposta é estudar o envelhecimento humano, a partir da multiplicidade de fatores que incidem sobre o mesmo e verificar se o exercício do trabalho doméstico impacta o envelhecimento. Nossa referência para este exercício foram as trabalhadoras domésticas negras, aquelas que estão institucionalizadas, aquelas que voltaram para casa, aquelas que construíram uma outra vida, que vieram "das senzalas, dos quartinhos, das casas e abrigos".

2.1. QUEM É VELHO E QUEM É IDOSO NA NOSSA SOCIEDADE?

A música "Barracão de Zinco" foi imortalizada na voz da cantora brasileira Elizete Cardoso[94], mas, eu a conheci na voz de outra "*Elizete"*[95], uma idosa institucionalizada em uma ILPI pública, de grande porte, localizada em um bairro da zona norte, do município do Rio de Janeiro, que foi, por *necessidade*, empregada doméstica e cantora por *vocação*.

Elizete não faltava a nenhuma das oficinas de cognição e memória, realizadas pela equipe de Psicologia. Todas às 4as feiras, pontualmente às 10h, ela se dirigia ao Centro de Convivência da instituição para participar da atividade. Era destaque em todas as festas e eventos realizados na instituição, nossa cantora, apesar de em todas as suas "apresentações", cantar uma mesma canção, *"Barracão de Zinco"*.

Era uma mulher de poucas palavras e mau humor constante, dizia que tinha sofrido uma grande desilusão amorosa, mas nunca nos contou ao certo o que lhe aconteceu. Negra, alta, esguia, semblante carregado por uma sobriedade e abatido pela doença pulmonar que lhe consumia. Não tinha muitas "amigas" na unidade em que morava, era mais próxima da equipe. Dizia que "não gostava daquelas mulheres", era muito elegante; mesmo acometida pela tuberculose não largou o vício no cigarro. Vício sustentado com o dinheiro de sua aposentadoria por tempo de serviço.

Trabalhou por mais de 30 anos em uma mesma "*casa de família*", criou os filhos dessa família, perdeu os vínculos com sua família de origem[96], dedicou-se ao cuidado do outro. Nos seus dias de folga, costumava cantar em bailes e outras atividades recreativas. Quando perdeu sua capacidade laboral, em função da idade avançada e da tuberculose, foi deixada no abrigo por seus empregadores, que a visitavam muito esporadicamente. Assim mesmo, os escassos dias de visita eram os mais felizes para ela.

---

[94] Elizete Moreira Cardoso (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1920 – Idem, 1990). Cantora. Conhecida como "Divina", Elizeth Cardoso é considerada uma das maiores cantoras da música popular brasileira (MPB). Sua trajetória é marcada por um momento de convergência de dois movimentos: a chamada Era de Ouro do rádio e a invenção da bossa nova.
Constrói sua formação musical "de ouvido", acompanhando, na infância, as serestas do pai, o bloco carnavalesco da mãe e as reuniões de músicos na casa de Tia Ciata. [...]
A sensibilidade musical de Elizeth Cardoso deixa à música popular brasileira uma obra expressiva. Pode-se dizer que sua importância se define por uma versatilidade observada tanto em sua voz, cuja amplitude lhe permite cantar samba e música clássica com o mesmo êxito, quanto em sua facilidade em transitar por diferentes gêneros musicais e cativar diferentes públicos. Com essa versatilidade, Elizeth Cardoso representa a ponte entre tradição e modernidade, consolidando-se como uma das maiores intérpretes da MPB. (Disponível em: Elizeth Cardoso | Enciclopédia Itaú Cultural (itaucultural.org.br). Acessado em 01 de mai. de 2023.)

[95] Nome fictício.

[96] Entendemos por família de origem, a família onde o indivíduo nasce, surge da união única entre dois adultos, que leva a uma linha de descendência. "Em outras palavras, os pais e seus filhos. Esse tipo de família é composto pelos subsistemas conjugal, paternal, filhos e irmãos".

A história de Elizete não difere da história de muitas das mulheres acolhidas naquele lugar, o que nos leva a pensar a velhice de outra maneira, ou melhor, pensar um outras velhices. Velhices reais, sofridas, duras, como foi a vida de Elizete, de Ivone e de tantas outras mulheres negras, que vivem do trabalho doméstico e outros serviços subalternos. Ao entoar os versos "*aí barracão, pendurado no morro, e pedindo socorro*...", Elizete canta passagens da vida da população negra brasileira, periférica, pobre, sem acesso a serviços, bens e direitos, pendurada, marginalizada por seus traços fenótipos, pela história de seu povo, que se vê obrigada a recorrer a trabalhos que exigem pouca ou nenhuma qualificação, como o trabalho doméstico, para não morrer de fome.

Mais uma vez, lembramos que o marcador racial de diferença, determina a inserção dos sujeitos no mundo, logo, é importante pensar o envelhecimento atravessado por ele. O marcador raça nos faz lembrar que somos diversos, os seres humanos são múltiplos, diferentes em costumes, características e comportamentos, logo, com o envelhecimento não seria diferente, a diversidade estará presente na velhice, mesmo porque, idade é um indicador de diferença.

> A humanidade sempre teve reações variadas pelas diferenças que percebiam entre si e os vários povos com os quais tinham contato. Guerreiros; viajantes; comerciantes; e lendas relatavam a seus pares, desde a mais remota antiguidade, as exoticidades dos demais. As reações eram e são variadas: desde o medo e a repulsa, até a curiosidade e o apreço (Mair, 1965; Laraia, 1986; Maggie, 1996).
> Aspectos culturais e físicos imediatamente perceptíveis da singularidade dos 'outros', como vestimentas; ornamentos corporais; estatura; cor da pele, cabelos e olhos; e língua, ressaltavam a singularidade mais aparente. Os 'costumes' mais estranhos, porém, sobressaiam aos que tinham a oportunidade de passar um certo tempo maior entre os 'estrangeiros' e outras diferenças mais profundas entre os povos só poderiam ser apreendidas por um olhar mais detalhado: historiadores como Heródoto são tidos, por alguns, como os primeiros 'antropólogos', por se preocuparem com a organização das sociedades que descrevia, e não somente com os acontecimentos históricos, buscando assim uma razão, uma causalidade para os eventos (Mair, op. cit.).
> *As explicações sobre a diversidade humana sempre ressaltaram com mais ênfase os aspectos negativos dos 'outros', tendo como parâmetro as características positivas, físicas e culturais, dos povos sob cujo ponto de vista se pensava a diferença*. Chega-se até a negar a qualidade de 'humano' aos demais povos. Alguns exemplos: entre os povos indígenas brasileiros, a autodesignação, a rigor, enfatiza as qualidades de 'seres humanos'; 'gente'; 'povo de Deus' de cada povo. E para os demais restam termos, no mínimo, desagradáveis, como 'os agressivos selvagens'; 'os comedores de carne de mamíferos ou de cobra' ou outra característica repulsiva. Já nos primeiros séculos da colonização luso-espanhola, o estatuto de 'seres com alma' chegou a ser negado aos habitantes tradicionais das Américas, sendo objeto de discussões acirradas no âmbito da Igreja Católica.[97] (Grifos nossos).

Mesmo sendo um termo polissêmico, tratado por diferentes áreas do Conhecimento, é importante, entendermos que assim como somos diversos, enquanto seres humanos, também seremos diversos enquanto velhos. Existirão, portanto, diferentes formas de viver a velhice, seja do ponto de vista social, cultural, biológico ou psicológico, a velhice será tão diversa quanto a humanidade.

---

[97] "Diversidade Humana", Cibele Verani (NESPISI/ENSP/Fiocruz). Disponível em: http://www.dbbm.fiocruz.br/ghente/ciencia/diversidade/. Acessado em 01 de fev. de 2024.

Antes de seguirmos na argumentação teórica que embasa nossas análises sobre o envelhecimento, gostaríamos que fazer um esclarecimento, quanto nossa opção em tratar as pessoas maiores de 60 anos[98] como velhos e/ou velhas, que é uma escolha teórica, consciente e, principalmente, respeitosa. *"É importante pontuar que existe uma diferença no uso dos termos envelhecimento, idoso, velhice e terceira idade".*[99]

> Velho na percepção dos 'envelhecidos' das camadas médias e superiores está associada à pobreza, à dependência e à incapacidade, *o que implica que o velho é sempre o outro*. Já a noção de 'terceira idade' torna-se sinônimo dos "jovens velhos", os aposentados dinâmicos que se inserem em atividades sociais, culturais e esportivas. Idoso, por sua vez, é a designação dos 'velhos respeitados'. A expressão 'idoso' designa uma categoria social, no sentido de uma corporação, *o que implica o desaparecimento do sujeito, sua história pessoal e suas particularidades*. Além disso, uma vez que é considerada apenas como categoria social 'o idoso é alguém que existiu no passado, que realizou o seu percurso psicossocial e que apenas espera o momento fatídico para sair inteiramente da cena do mundo'. Logo, podemos então considerar o envelhecimento como um processo, a velhice como uma etapa da vida, e idoso como o resultado e sujeito destes [...]. (Birman 1995, p.23 apud Manzaro, 2014, grifos nossos*).*

Esta é uma pesquisa que trata da história de vida e das experiências de pessoas velhas, portanto, assim elas serão chamadas. A ideia de que ser velho é ruim, que significa não ter "utilidade", decorre desse padrão civilizatório euro-capitalista, que valoriza o novo e o agora, o imediatismo que corrobora o consumismo característico da Modernidade, em detrimento de experiências, coisas e pessoas antigas, velhas ou passadas. Se queremos pensar de uma maneira decolonial, devemos adotar o termo – ainda que controverso nesta ordem social – que contempla a maneira como interpretamos a vida de nossas interlocutoras. "Que é ser velho? Pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem." (Bosi, 1994, p.18).

Feito este esclarecimento, retomemos as discussões em torno de diversidade e envelhecimento.

Outro marcador de diferença, importante para nossa análise, é o pertencimento de classe e, no caso, estamos tratando o envelhecimento de trabalhadoras domésticas negras, oriundas da classe trabalhadora, de uma sociedade de capitalismo periférico, que vive de seu trabalho e que, ao longo da vida e mais sensivelmente na velhice, demanda atenção do Estado, através de políticas públicas. A realidade vivenciada pelos trabalhadores brasileiros nos faz questionar se dessa classe social sairão "belos velhos", especialmente, do nicho da economia do cuidado, onde majoritariamente, estão as negras. "O envelhecer é uma experiência formada pela sobreposição de

---

[98] De acordo com o Estatuto da Pessoa Idosa (Lei nº 10.741/2003), "é considerada pessoa idosa o cidadão com idade igual ou superior a 60 anos. Entre os direitos garantidos". (Brasil, 2003).

[99] Disponível em: Envelhecimento: idoso, velhice ou terceira idade? - Portal do Envelhecimento. Acessado em 06 de mai. de 2023.

aspectos biopsicológicos e culturais, com os marcadores de gênero, classe e raça cumprindo um papel decisivo no processo" (Vieira *et al.*, 2023, p.20).

Elizete foi levada à ILPI quando se viu velha, improdutiva, fragilizada. A velhice é mais uma fase da vida, onde talvez, estejamos menos autônomos e mais debilitados, o que pode ocasionar dependência física, emocional ou financeira. Ao longo do envelhecimento, vamos nos afastando, progressivamente, de elementos que foram fundamentais para formação de nossa identidade, como o trabalho ou os ciclos sociais onde nos inserimos, precisaremos lidar com a perspectiva da proximidade da finitude da vida, a perda de pessoas queridas e outros aspectos comuns nesse momento de vida.

> A velhice deve ser compreendida em sua totalidade porque é, simultaneamente, um fenômeno biológico com consequências psicológicas, considerando que certos comportamentos são apontados como características da velhice. Como todas as situações humanas, a velhice tem uma dimensão existencial, que modifica a relação da pessoa com o tempo, gerando mudanças em suas relações com o mundo e com sua própria história. Assim, a velhice *não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; também como um fato cultural*. (Freitas *et al*, 2010, p.408, grifos do original).

Gostaríamos de retornar à citação de Freitas (*et al*, 2010), que chama a atenção para o fato de a velhice *também ser tratada como um fato cultural*. Observamos que o valor dado a velhice, a maneira como ela é lida pela sociedade e como pessoas mais velhas serão tratadas, é uma questão cultural, que irá variar de acordo com os costumes e o momento histórico de cada sociedade, que irá atribuir a velhice valor ou não.

Faremos aqui um parêntese importante para continuidade dessa discussão. Um modo de produção[100] organiza uma sociedade, a fundamenta e determina a maneira como ela será erguida e organizada. O preceito fundamental da *sociedade capitalista* são as relações entre produção e consumo de mercadoria, que levam a acumulação de capital, que é o objetivo do capitalismo. Essa sociedade, será uma sociedade dividida por classes sociais; de um lado teremos a classe que detém os meios de produção e, portanto, acumulará a riqueza produzida – a burguesia ou classe dominante, e de outro a classe que produzirá as mercadorias, a riqueza – o proletariado ou classe trabalhadora, mas, o fato de produzir não significa que os trabalhadores acessarão a riqueza que produzem. A partir

[100]***Modo de Produção***: Na produção social de sua vida, os homens estabelecem determinadas relações necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase do desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade – a base real sobre a qual se ergue a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material determina o caráter geral do processo da vida social, política e espiritual (…). Em um certo estágio de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em conflito com as relações de produção existentes, ou – o que não é senão a sua expressão jurídica – com as relações de propriedade dentro das quais se desenvolveram até ali. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, essas relações se convertem em obstáculos a elas. Abre-se então uma época de revolução social. (Marx apud Bottomore, 1998, p.422).

da definição desses papéis, todas as relações, a cultura, os valores sociais e a percepção sobre a velhice, serão estabelecidas, uma vez que, há a consolidação do capitalismo, enquanto modo de produção, um novo modo de vida vai surgindo e se moldando.

Ressaltamos que é a partir do advento do modo de produção capitalista[101] (nos referimos aqui a 1ª Revolução Industrial, ocorrida na Europa Ocidental, a partir de 1760, século XVIII) que as idades cronológicas são tão bem demarcadas e a ideia da velhice tão explicitada, inclusive, para fins de auxílio e intervenção do Estado, no caso daqueles que já não conseguem mais prover seu sustento. "A noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam espécie estrangeira [...]" (Bosi, 1994, p.81).

Nessa atualização no modo de se relacionar, a ideia das idades cronológicas "institucionalizam o curso da vida", o objetivo é deixar claro a fase da vida/idade que os indivíduos deverão acessar "novas" instituições sociais, a saber: instituições de educação, sistema produtivo (trabalho) e as políticas públicas, observa-se que tais instituições giram em torno do trabalho. A idade funciona como "prazo de validade", para determinar o tempo de uso da mercadoria força de trabalho[102] e a serventia daquele trabalhador.

> As formas como a vida é periodizada e a definição das práticas relacionadas a cada período apresentam também variações, de acordo com os grupos sociais no interior de uma mesma sociedade.
> [...]
> Os recortes de idades e a definição de práticas legítimas associadas a cada etapa da vida não são, portanto, consequências de uma evolução científica marcada por formas cada vez mais precisas de estabelecer parâmetros no desenvolvimento biológico humano. Como ressalta Bourdieu (1983), no texto 'A 'juventude' é apenas uma palavra', a manipulação das categorias de idade envolve uma verdadeira luta política, na qual está em jogo a redefinição dos poderes ligados a grupos sociais distintos em diferentes momentos do ciclo da vida. (Debert, 1998, p.10-11).

[101] O desenvolvimento do capitalismo é caracterizado por várias etapas, caracterizada pela primeira, segunda e terceira revolução industrial. Cada uma está relacionada ao grau de amadurecimento do capitalismo. Podemos citar como exemplo dessas mudanças, quando o produtor passa a se submeter às regras impostas pelos grandes empreendedores, principais representantes do sistema capitalista.
A fase inicial do capitalismo se deu na Inglaterra, na segunda metade do século XVI e início do século XVII, quando o capital começou a penetrar na produção em escala considerável. Mas o momento decisivo para o capitalismo ocorreu na Inglaterra com a Revolução Industrial do final do século XVIII e início do século XIX, sendo este o momento mais decisivo no desenvolvimento econômico e social desde a idade média. (Dobb, 1965 apud Correia, 2007, p.130-131).

[102]Força de trabalho é a capacidade de realizar trabalho útil que aumenta o VALOR das mercadorias. É a sua força de trabalho que os operários vendem aos capitalistas em troca de um salário em dinheiro. A força de trabalho deve ser diferenciada do trabalho, que é o próprio exercício efetivo da capacidade produtiva humana de alterar o valor de uso das mercadorias e de acrescentar-lhes valor. Os produtos do trabalho podem ser comprados e vendidos como mercadorias. É impossível, porém, dar um sentido exato à ideia de compra e venda do próprio trabalho enquanto atividade produtiva. O produtor que não pode vender o seu produto de trabalho deve vender a sua capacidade de trabalhar, comprometendo-se a exercer o trabalho no interesse e sob a direção do comprador, em troca de uma soma de dinheiro, ou seja, do salário. (BOTTOMORE, 2001, p.253).

Quando finalmente o capitalismo chega ao Brasil, na década de 1930, com Getúlio Vargas, suas características fundamentais prevaleceram, mas, estiveram associadas às peculiaridades e a história do país, marcada por *388 anos de escravização de negros e indígenas*. Naquele momento, o Brasil não se tornou apenas mais uma nação capitalista, mas, uma nação de capitalismo tardio[103], periférico, erguida a partir da expropriação do corpo negro e da prática continuada de violências contra essa população.

> É sabido que o processo de desenvolvimento capitalista brasileiro constituiu-se assentado direta e indiretamente na atuação do Estado, sobretudo pela natureza das formações sociais ambientadas na tradição autoritária e de transição tardia. [...]
> A transição da sociedade agrária-escravista, no último quartel do século XIX, introduziu as bases materiais do Estado capitalista no Brasil.
> Contudo, foi depois dos acontecimentos da década de 1930 que se constituiu um aparato moderno, em simultâneo com as particularidades da revolução burguesa desencadeadora do projeto de industrialização nacional. Sem passado feudal, conforme a experiência europeia, a constituição do Estado capitalista no Brasil perseguiu o caminho liberal tradicional, com a centralização das funções de justiça, coletoria de tributos e defesa territorial. Mas a trajetória de longo prazo do perfil do Estado no capitalismo brasileiro encontra-se permeada de singularidades quando comparada aos países do centro dinâmico mundial. Como nação periférica e de longeva sociedade agrária, sua industrialização tardia tendeu a limitar-se a pouco mais de meio século de existência. Atualmente, esse capitalismo tardio vive a transição para os serviços e uma nova dependência do comércio externo de produtos primários. Cabe, assim, identificar os determinantes da dinâmica nas políticas públicas no país. (Pochmann, 2017, p.311).

Mesmo no capitalismo periférico, a ideologia do capital neoliberal, permanece invisibilizando e apagando memórias e histórias da classe trabalhadora, especialmente, dos trabalhadores e trabalhadoras envelhecidos/as, considerando que já não terão na velhice a mesma capacidade produtiva de outrora, diretamente associada ao papel social que é idealizado por os sujeitos dessa classe.

> Essa datação cronológica funciona como definidora do papel social do indivíduo na família e na sociedade, precisando o momento em que ele deverá ser introduzido no sistema escolar e no mercado de trabalho; determinando o momento em que ele deverá ser contemplado por políticas sociais específicas, datando também, a idade para assunção da responsabilidade civil diante das legislações vigentes. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p.04).

Há por parte do sistema (produtivo e estatal) um esforço em regular a vida dos sujeitos e direcioná-la ao mundo do trabalho, desde sua entrada, preparada pelo sistema educacional, até sua

[103] "(...) O capitalismo tardio refere as origens da industrialização brasileira à diversificação da economia cafeeira e ao transbordamento do capital cafeeiro pelos vários segmentos da economia regional paulista. O fundamental no trabalho, no entanto, é a caracterização das etapas do desenvolvimento econômico brasileiro, que se baseia em dois elementos: por um lado, em uma revisão da noção de industrialização, entendida como um processo de implantação de 'forças produtivas capitalistas'; por outro, em uma peculiar caracterização das 'forças produtivas especificamente capitalistas', que as associa à montagem de um setor interno de bens de produção. [...] a trajetória do desenvolvimento econômico brasileiro seria a de constituição de 'forças produtivas especificamente capitalistas', no sentido aludido. (MELLO, 1991, p.41).

saída, amparada pelo sistema de políticas públicas, reforçando não por acaso, que as pessoas idosas (no caso, os trabalhadores) estarão mais vulneráveis na fase final da vida, necessitando de amparo.

Já em sociedades não capitalistas, como algumas sociedades africanas, a Yoruba por exemplo, a velhice é considerada uma *dádiva*. Nessa sociedade, o velho é naturalmente uma autoridade a ser reconhecida e reverenciada em vida. Aos velhos, cabe guardar a memória da comunidade e compartilhar seus conhecimentos com os mais novos, tendo nesse meio social papel de destaque e relevância. Poder envelhecer representa ser agraciado com sabedoria e poder.

> '*Quando morre um africano idoso é como se se queimasse uma biblioteca*'. É com estas palavras que o poeta do Mali, Amadou Hampaté-Bâ, resume o valor atribuído ao velho na sociedade tradicional africana, cuja principal função é transmitir, oralmente, às demais gerações, a cultura e a sabedoria popular vividas no seio de cada comunidade. Nesse sentido, os idosos configuram-se como guardiões da memória e tudo que por eles é contado, deveria ser avidamente ouvido e preservado com muito zelo pelos mais jovens. Assim, o ancião é símbolo de autoridade e ocupa um lugar bem definido dentro de sua categoria social: repassar a sabedoria dos antepassados e perpetuar a cultura.[104] (Grifos nossos).

Se pensarmos a nossa realidade, a realidade da sociedade brasileira, a velhice não é vista como uma dádiva, mas como um peso, há um custo econômico e social na velhice. Melhor dizendo, teremos uma valorização da velhice, associada ao pertencimento de classe. Teremos os "belos velhos", citados por Miriam Goldemberg (2017), pessoas maiores de 60 anos de idade que seguem belas, ativas e produtivas, nessa sociedade de capitalismo tardio e periférico. Por outro lado, teremos pessoas maiores de 60 anos, oriundas da classe trabalhadora, que podem até seguir produtivas, porque a política previdenciária exige que trabalhem até a beira da morte para terem direito ao misero benefício previdenciário, quase sempre insuficiente para atendimento das necessidades mais básicas. Trabalhadores e trabalhadoras que depois de anos dedicados ao trabalho já não gozam de boa saúde e dependem da sucateada política pública de saúde e do suporte familiar para se manterem vivos. Teremos ainda um grupo de pessoas mais velhas, dependente política de Assistência Social e do recebimento do Benefício de Prestação Continuada (BPC)[105], para acessarem o mínimo necessário para sobrevivem.

---

[104] Disponível em: Modalidade_1datahora_09_06_2014_16_17_45_idinscrito_892_9342df0289e81767a18b979ebeff59af.pdf (editorarealize.com.br). Acessado em 05 de mai. de 2023.

[105] O Benefício de Prestação Continuada – BPC, previsto na Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS, é a garantia de um salário-mínimo por mês ao idoso com idade igual ou superior a 65 anos ou à pessoa com deficiência de qualquer idade. No caso da pessoa com deficiência, esta condição tem de ser capaz de lhe causar impedimentos de natureza física, mental, intelectual ou sensorial de longo prazo (com efeitos por pelo menos 2 anos), que a impossibilite de participar de forma plena e efetiva na sociedade, em igualdade de condições com as demais pessoas.

O BPC não é aposentadoria. Para ter direito a ele, não é preciso ter contribuído para o INSS. Diferente dos benefícios previdenciários, o BPC não paga 13º salário e não deixa pensão por morte.

> Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobrevier. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si mas somente para o outro. E este outro é um opressor.
> Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros. (Bosi, 1994, p.18-19).

Nossa sociedade não valoriza a velhice. Nossa sociedade valorizará aqueles lidos culturalmente como idosos/as, pessoas mais velhas, que se mantém economicamente produtivas, socialmente úteis e esteticamente aceitáveis. Os demais, tornam-se descartáveis, suas lembranças apagáveis, trabalhadores/as velhos/as serão rejeitados pela imediaticidade das relações e pelos interesses produtivos que movem as relações.

> Em nossa cultura, a velhice e o tema do envelhecimento são marcados por estereótipos e preconceitos, que vão desde as ideias de incapacidade, inutilidade até a exclusão de espaços públicos, das formas de convívio e do exercício de atividades profissionais (Uchôa, 2022; Debert; Pulhez, 2017 apud Vieira, 2023). Entre estes estereótipos, temos as percepções de 'peso social', decadência, inutilidade e decrepitude, que compõem alguns dos principais estigmas que afetam esta população. (Guimarães, 1997; Motta, 1999; Minayo; Coimbra, 2002 apud Vieira, 2023).

Embora seja um exercício complexo, nunca se falou tanto sobre envelhecimento. O Brasil e o mundo se debruçam sobre estudos e debatem o envelhecimento humano, afinal a sociedade moderna, com a ampliação da Ciência & Tecnologia, teve muitas conquistas, inclusive, o aumento da expectativa de vida. O envelhecimento tornou-se um objetivo perseguido e conquistado, ao longo do desenvolvimento histórico da sociedade capitalista e conceituado nos diferentes estágios desse processo, reproduzindo em conceitos o momento histórico por qual a sociedade passava. Com o intuito de pensarmos a evolução do conceito, associada ao desenvolvimento do modo de produção capitalista, trazemos para este texto um quadro conceitual elaborado por Dardengo; Mafra (2018, p.11-14), que reflete o entendimento histórico sobre o envelhecimento/velhice nessa sociedade.

Para ter direito ao BPC, é necessário que a renda por pessoa do grupo familiar seja igual ou menor que 1/4 do salário-mínimo (Como calcular a renda *per capita* familiar).
Além da renda de acordo com o requisito estabelecido, as pessoas com deficiência também passam por avaliação médica e social no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).
O beneficiário do BPC, assim como sua família, deve estar inscrito no Cadastro Único. Isso deve ser feito antes mesmo de o benefício ser solicitado. Sem isso, ele não pode ter acesso ao BPC. (Disponível em: https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/assistencia-social/beneficios-assistenciais/beneficio-assistencial-ao-idoso-e-a-pessoa-com-deficiencia-bpc. Acessado em 05 de mai. de 2023).

Quadro 01 – Definições de envelhecimento ao longo do tempo (1959-2008)

ENVELHECIMENTO		
ANO	AUTOR	CONCEITO
1959	WOLTERECK	[...] "todas as transformações que ocorrem em todos os organismos no curso do seu desenvolvimento normal e nas diferentes formas de atividades que o acompanham. [...] o termo envelhecimento abrange toda a vida, desde o nascimento até a morte, e é usado para descrever uma sequência cronológica ou um período definido de tempo" (WOLTERECK, 1959, p. 05).
1975	AMÂNCIO; CAVALCANTI	"O envelhecimento representa uma etapa do desenvolvimento individual, cuja característica principal é a acentuada perda da capacidade de adaptação" (AMÂNCIO; CAVALCANTI, 1975, p. 01)
1989	MAGALHÃES	"Em cada sociedade e na mesma sociedade, em momentos históricos diferentes, a velhice e o envelhecimento ganham especificidades, papéis e significados distintos em função do meio ser rural ou urbano, da classe social, do grupo profissional e de parentesco, da cultura, da ideologia dominante, do poder econômico e político que influenciam o ciclo de vida e o percurso de cada indivíduo, do nascimento à morte" (MAGALHÃES, 1989, p. 13).
1995	FRAIMAN	"O envelhecer não é somente um 'momento' na vida de um indivíduo, mas um 'processo' extremamente complexo e pouco conhecido, com implicações tanto para quem o vivencia como para a sociedade que o suporta ou assiste a ele" (FRAIMAN, 1995, p. 19).
1996	BOBBIO	"O envelhecimento é um fenômeno natural, complexo, pluridimensional, revestido por perdas e aquisições individuais e coletivas. A velhice, última etapa desse processo, não é uma cisão em relação à vida precedente, mas uma continuação da juventude, da maturidade que podem ter sido vividas de diversas maneiras" (BOBBIO 1996, p. 25).
1996	HAYFLICK	"O envelhecimento não é a simples passagem do tempo, mas as manifestações biológicas que ocorrem no organismo durante o transcorrer deste espaço temporal". O envelhecimento cronológico é apenas uma convenção, não existindo nenhuma influência do tempo sobre o organismo (HAYFLICK, 1996, p.04). (Continua)
1997	BRÊTAS	"O envelhecimento é um fenômeno natural, com início no período da fecundação e término com a morte. O processo de envelhecimento é entendido como o processo de vida, que contém a fase da velhice, mas não se esgota nela. [...] "O processo de envelhecimento contém a fase da velhice, mas não somente ela, visto que a qualidade de vida e o próprio processo de envelhecimento se encontra ligado aos fatores sociais e econômicos" (BRÊTAS, 2006).
1998	LANGEVIN	O envelhecimento é "uma construção feita de passagens obrigatórias, que delimitam e orientam a dinâmica do processo" (LANGEVIN, 1998. p. 14).
1998	COSTA	"Envelhecimento: processo evolutivo, um ato contínuo, isto é, sem interrupção, que acontece a partir do nascimento do indivíduo até o momento de sua morte [...] é o processo constante de transformação" (COSTA, 1998, p.26).
1999	NERI; CACHIONE	"O modo de envelhecer depende de como o curso de vida de cada pessoa, grupo etário e geração é estruturado pela influência constante e interativa de suas circunstâncias histórico-culturais, da incidência de diferentes patologias durante o processo de desenvolvimento e envelhecimento, de fatores genéticos e do ambiente ecológico" (NERI; CACHIONE, 1999, p. 121).
1999	ERMINDA	O envelhecimento se configura como um "processo de diminuição orgânica e funcional, não decorrente de doença, acontecendo inevitavelmente com o passar do tempo" (ERMINDA, 1999, p. 43).

2001	BIRREN; SCHAIE; SCHROOTS (1996 apud NERI, 2001)	O envelhecimento é "um fenômeno universal, que atinge a todos os seres humanos pós-reprodutivos, por força de mecanismos genéticos típicos da espécie. É progressivo, ou seja, afeta gradual ou cumulativamente todo o organismo, sendo, portanto, um processo fisiológico" (NERI, 2001, p. 32).
2002	PAPALÉO NETTO	"[...] O envelhecimento é um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte" (PAPALÉO NETTO, 2002, p. 10).
2002	UCHÔA *et al.*	"Envelhecimento não é um processo homogêneo. Cada pessoa vivencia esta fase da vida de forma diferente, considerando sua história particular e todos os aspectos estruturais relacionados à vida dela: classe social, gênero, etnia" (UCHÔA et al., 2002, p. 14).
2004	COLL *et al.*	O envelhecimento "caracteriza-se pelas mudanças morfológicas e funcionais resultantes das transformações a que o organismo se submete ao longo da vida" (COLL et al., 2004, p. 372).
2004	BRITO; LITVOC	"O envelhecimento é um fenômeno que atinge todos os seres humanos, sendo caracterizado como um processo dinâmico, progressivo e irreversível, ligados intimamente a fatores biológicos, psíquicos e sociais" (BRITO; LITVOC, 2004, p. 82).
2005	KERTZMAN	"O envelhecimento é um processo que inscreve na temporalidade do indivíduo, do início ao fim da vida, processo este composto por perdas e ganhos [...]" (KERTZMAN, 2005, p. 34)
2005	ARGIMON; STEIN	"O envelhecimento é um processo em que, para cada pessoa, as mudanças físicas, comportamentais e sociais desenvolvem-se em ritmos diferentes, sendo a idade cronológica apenas um dos aspectos, entre outros, que podem ou não afetar o bem-estar do idoso" (ARGIMON; STEIN, 2005, p. 71).
2007	SOUZA et al.	Conceitua o envelhecimento como "um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas, que determinam perda progressiva da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos, que terminam por levá-lo à morte" (SOUZA et al.; 2007, p. 12).
2007	SALGADO	O envelhecimento é "um processo multidimensional que resulta da interação de fatores biológicos, psicoemocionais e socioculturais. Executando a razão biológica que tem caráter processual e universal, os demais fatores são composições individuais e sociais, resultado de visões e oportunidades que cada sociedade atribui aos seus idosos". "O envelhecimento também pode ser uma consequência da nossa sociedade, e que, além dos fatores biológico, cronológico e psicológico, o meio e as condições em que se vive influenciam no processo de envelhecimento e na forma com que se chega à velhice. Assim, o processo de envelhecimento é influenciado também pela sociedade e pelo indivíduo" (SALGADO, 2007, p. 68).
2008	DUARTE	O envelhecimento é um processo natural de todo o ser humano, e apresenta as seguintes características: "[...] é universal, por ser natural, não depende da vontade do indivíduo, todo ser nasce, desenvolve-se, cresce, envelhece e morre. É irreversível, apesar de todo o avanço da medicina [...] nada impede o inexorável fenômeno, nem o faz reverter" (DUARTE, 2008).
2008	SCHNEIDER; IRIGARAY	"O envelhecimento possui determinantes intrínsecos e extrínsecos, apresentando uma complexidade de variáveis relacionadas aos aspectos biológicos, psicológicos, intelectuais, sociais, econômicos e funcionais. Não é algo determinado pela idade cronológica, mas é consequência das experiências passadas, da forma como se vive e se administra a própria vida no presente e de expectativas futuras. É uma integração entre as

		vivências pessoais e o contexto social e cultural em determinada época" (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 586).
2008	ARALDI	"Para entender o processo de envelhecimento é necessário ter uma compreensão da totalidade e da complexidade do ser humano, pois cada aspecto seja biológico, cultural ou social não estão desconectados" (ARALDI, 2008, p. 16).

Fonte: Dardengo; Mafra, 2018.

Dentre as definições dadas ao envelhecimento, mapeadas por Dardengo; Mafra (2018), nos identificamos com a definição apresentada por Schneider; Irigaray (2018), que trazem um entendimento sobre o envelhecimento combinado à fatores não naturais e que são determinantes para a maneira como o sujeito viverá a velhice. O entendimento necessário para compreendermos o envelhecimento das trabalhadoras das trabalhadoras domésticas negras, localizadas na sociedade capitalista contemporânea.

> A etapa da vida caracterizada como velhice, com suas peculiaridades, só pode ser compreendida a partir da relação que se estabelece entre os diferentes aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Essa interação institui-se de acordo com as condições da cultura na qual o indivíduo está inserido. Condições históricas, políticas, econômicas, geográficas e culturais produzem diferentes representações sociais da velhice e também do idoso. Há uma correspondência entre a concepção de velhice presente em uma sociedade e as atitudes frente às pessoas que estão envelhecendo. (Schneider; Irigaray, 2018, p.585).

Ao acessarmos o pensamento de Scheineider; Irigaray (2018), quando mencionam que "condições históricas, políticas, econômicas, geográficas e culturais produziram diferentes representações da velhice", automaticamente, pensamos nas condições de vida de pessoas negras e ao seu processo de envelhecimento. O envelhecer é edificado dialeticamente, a partir, de situações objetivas e históricas, condições e circunstâncias concretas que perpassam a vida dos sujeitos e, pessoas negras tem a existência atravessada pela racialização de seus corpos.

> [...] o paradigma proposto aos velhos, de como a velhice deve ser vivida, está longe de ser concretizada, visto que as contradições das classes sociais expressam a realidade das velhices que podem ser vividas, dado as condições objetivas de vida dessa classe que vive sob a exploração capitalista, como bem nos recorda Haddad. (2016 apud Costa *et al,* 2018, p.13).

> Generalizar para a velhice o que pode ser vivido por apenas uma minoria de velhos é avançar o 'sinal vermelho' do semáforo da Ciência. Não levando em conta as condições objetivas de trabalho na sociedade capitalista, suas representações fazem parte do mundo da pseud. concreticidade. (Haddad, 2016, p. 77).

A luta da população negra pelo direito a um envelhecimento digno é longa – como a de mulheres negras –, e começa ainda na escravidão, em 1885, com a promulgação da *Lei do Sexagenário*. "A lei n. 3.270, de 28 de setembro de 1885, também conhecida como Lei Saraiva-Cotegipe ou Lei dos Sexagenários, determinou a libertação dos escravos com mais de 60 anos", e é

fruto do *movimento abolicionista*[106], chegando ao Brasil a partir da década de 1870 e, alcançando algumas "benfeitorias" para os/as negros/as escravizados/as.

A *Lei do Sexagenário*, assim como outras legislações que antecederam a *Lei Aurea*[107], determinava a libertação de negros/as escravizados/as a partir dos 60 anos de idade. "mediante a prestação de serviços como forma de indenização. Além disso, a lei estabeleceu diversos aspectos relativos à manumissão de cativos, definiu uma nova matrícula e novas regulamentações para o fundo de emancipação."[108]

O grande questionamento que fica da, esdrúxula, *Lei do Sexagenário* é: qual pessoa negra escravizada atingiria a idade de 60 anos, diante de uma vida tão miserável quanto a dos escravizados, marcada por jornadas infindáveis de trabalho, todo tipo de privação e humilhação e o sofrimento contínuo de violências e castigos corporais? É uma lástima, que o marco histórico legal de tratativa do envelhecimento negro seja esse. Essa famigerada legislação, ainda estipulava que escravizados/as beneficiados por essa lei, trabalhassem por mais 3 anos, após terem completado os 60 anos, ***gratuitamente***, como forma de ressarcir qualquer prejuízo que seu senhor pudesse ter por conta de sua "libertação".

Embora essa ideia de continuar trabalhando, mesmo depois da alforria por idade, pareça absurda, em muito ela se assemelha a realidade dos trabalhadores e trabalhadoras negras de hoje, que precisam continuar trabalhando após os 60 anos e depois de conseguirem a aposentadoria, visto os valores irrisórios dos benefícios pagos pela Previdência Social. Mesmo após longos e intensos anos de trabalho, não lhes é garantido o direito de "aproveitar a vida".

A situação de nossas interlocutoras difere um pouco nesse sentido, pois, as mais velhas conseguiram se aposentar e, hoje vivem de seus benefícios e do auxílio da família. Entretanto, as preocupações da velhice, não giram em torno de "aproveitar a vida", são diferentes. A título de ilustrar

---

[106]"O movimento abolicionista era formado por diversos setores da sociedade, tais como cocheiros, ferroviários, médicos, engenheiros, advogados, jangadeiros, jornalistas, funcionários públicos, professores, imigrantes, negros e mulatos, entre outros.
O movimento organizava-se através de grêmios, clubes, jornais, associações, conferências, debates, distribuição de panfletos, publicação de livros, artigos e petições a favor da abolição.
O papel das mulheres na luta pela abolição foi de extrema importância, pois foi responsável pela criação de associações emancipadoras e abolicionistas, promovendo quermesses, angariando fundos, organizando conferências em favor da abolição.
Por fim, o movimento ganhou força em razão do crescimento das instituições culturais, como escolas, jornais, editoras, livrarias e da ideia de progresso. Além do desenvolvimento do capitalismo. (Disponível em: O que foi o movimento abolicionista brasileiro? | Politize!. Acessado em 05 de mai. de 2023).

[107]A lei n. 3.353, de 13 de maio de 1888, talvez seja o mais breve e famoso ato legal da história do Brasil. Mais conhecida como Lei Áurea, possui apenas dois artigos: 'Art. 1º É declarada extinta, desde a data desta Lei, a escravidão no Brasil; Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário'.
Esses poucos artigos, porém, puseram fim a quase quatro séculos de escravidão no Brasil. Apesar de as pressões para a extinção do trabalho cativo datarem do início do século XIX, o Império brasileiro adiou a abolição do trabalho servil por quase 80 anos.(Disponível em: Lei Áurea (an.gov.br). Acessado em: 17 de mai. de 2023.)

[108] Disponível em: Lei Áurea (an.gov.br). Acessado em 17 de mai. de 2023.

como transcorre o envelhecimento entre mulheres negras e não negras, gostaríamos de compartilhar duas falas, colhidas nas fontes investigadas. A primeira fala é de uma mulher de 45 anos, professora, que, repentinamente, se deu conta de seu envelhecimento; sua fala foi usada como exemplo em palestra proferida pela profa. Miriam Goldenberg, para o Programa TEDx[109]. Já a segunda fala, foi publicada na rede social do projeto @euempregadadomestica[110] e foi vivenciada por uma mulher negra, que havia deixado o trabalho doméstico remunerado.

> Como disse uma professora de 45 anos. Ela dizendo: a minha maior crise foi quando eu fiz 40 anos. Entrei em pânico por estar ficando velha. Não sei se faço cirurgia plástica, botox, preenchimento. Não sei se eu posso continuar usando minissaia e biquini. Tenho medo que me chamem de velha ridícula. Eu estou na fase será que eu posso? Sou uma mulher invisível, uma mulher transparente.
>
> O trabalho doméstico me deixou vários traumas psicológicos e no corpo também devido o uso de produto de limpeza forte diariamente.
> Limpando hoje a minha casa eu percebi que consigo acordar cedo e ficar sem comer nada o dia todo e sentir fome lá pras 17h, porque era o horário que eu já estava acabando as faxinas aí comia algo rápido ou a marmita que eu levava de casa.
> Hoje não sendo mais doméstica, meu corpo se adaptou a uma realidade do passado.

As falas dessas duas desconhecidas, mulheres comuns, que vivem realidades distintas, trazem para a velhice preocupações e comportamentos distintos, associados a seus processos de vida, que obviamente, foram determinados pelos marcadores já mencionados anteriormente. Vemos, que raça e classe se fundem aqui, não só como indicadores de diversidade ou marcadores de diferença, mas, como os tais fatores extenuantes – ao envelhecimento – se aplicarão ao envelhecimento e a vivência da velhice. E esse é o nosso ponto.

Acreditamos ser importante, trazer essas falas tão distintas, mas, tão próximas, para compararmos e nos certificarmos de não homogeneizar as velhices, as mulheres e os processos. Ao mesmo tempo, nos aproximamos mais da gama de significações que envolve/envolveram o envelhecimento de nossas interlocutoras. As domésticas levarão para velhice os hábitos, as memórias e a postura adquirida ao longo de sua vida laborativa. D. Dandara (*82 anos*), por exemplo, nos contou orgulhosa, em sua entrevista, que ainda lavava sua cozinha, "jogava água até embaixo da geladeira", quando pergunto assustada como ela conseguia, ela apenas sorri orgulhosa.

---

[109]É um programa que foi criado para ajudar comunidades, organizações e indivíduos para acender a conversa e a conexão através de eventos com experiência TED-like. Em eventos TEDx, a combinação de apresentadores ao vivo e de TED Talks acendem conversas e conexões em nível regional. Disponível em: O que é TEDx? | TEDxPelotas (ufpel.edu.br). Acessado em 01 de mai. de 2023.
O TEDx da profa. Míriam Goldenberg, citado no texto, está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CRos__CXTUo. Acessado em mai. de 2019.

[110] Disponível em Eu Empregada Doméstica no Instagram: "O trampo de doméstica é pesado demais! #PretaRara". Acessado em 15 de mai. de 2019.

Esse encontro, entre mulheres negras, de uma mesma classe social, mas, com idades tão distantes, chamou-nos atenção para um outro marcador de diferença, a *geração*. Eu, pesquisadora, no auge dos meus 40 anos penso ser inconcebível alguém com seus 80 e poucos anos, lavar uma cozinha, cuidar de uma casa, D. Dandara ao contrário vê isso como uma vitória. "As fronteiras que separam as gerações não são claramente definidas, não podem deixar de ser ambíguas e atravessadas e, definitivamente não podem ser ignoradas" (Bauman, 2007, p. 373 apud Feixa; Lecarddi, 2010, p. 186).

> [...], as gerações podem ser consideradas o resultado de descontinuidades históricas e, portanto, de mudanças. Em outras palavras: o que forma uma geração não é uma data de nascimento comum – a 'demarcação geracional' é algo 'apenas potencial' (Mannheim, 1952) – mas é a parte do processo histórico que jovens da mesma idade-classe de fato compartilham (a geração atual). Há dois componentes centrais nesta partilha (do qual surge o 'laço geracional'): por um lado, a presença de eventos que quebram a continuidade histórica e demarcam o 'antes' e o 'depois' na vida coletiva; de outro, o fato que estas descontinuidades são experienciadas pelos membros de um grupo etário em uma conexão constitutiva particular, quando o processo de socialização não foi concluído, pelo menos no seu período crucial, e os esquemas utilizados para interpretar a realidade não são ainda totalmente rígidos ou – como coloca Mannheim – quando essas experiências históricas são 'primeiras impressões' ou 'experiências juvenis'. Na 'unidade geracional', por seu turno, elaboram-se vínculos de diferentes maneiras e formas de acordo com os grupos concretos aos quais seus membros pertencem. Através do conceito de geração, os longos tempos da história são fixados em relação aos tempos da existência humana e entrelaçados com a mudança social. (Feixa; Lecarddi, 2010, p.189-190).

Percebam como o tempo nos afasta em percepções e sentidos atribuídos a uma mesma situação. Possivelmente, a geração depois da minha fará uma outra leitura dessa realidade, atribuindo-lhe um outro sentindo, e assim, a sociedade evoluiu e muda, como mudam os sujeitos e as relações.

Pensar a categoria geração, abriu um precedente para entendermos, por exemplo, certas falas de nossas interlocutoras mais velhas, diante de situações que no nosso contexto sócio-histórico são inadmissíveis, uma aceitação que vai além do atendimento das necessidades materiais, diz respeito aos costumes de um tempo e o ao processo de socialização, o que me causa estranheza, poderia, perfeitamente, ser aceito por minha mãe, por exemplo. "As gerações jovens vivem estes valores hedonistas em uma forma paroxística. Contudo, através de um processo de contaminação, é o corpo social que acaba sendo afetado (Maffesoli, 2007 apud Feixa; Lecarddi, 2010, p. 186).

De fato, poder dialogar com mulheres mais velhas, de uma outra geração foi um encontro, oportuno não só para analisar o trabalho doméstico remunerado, a partir do recorte racial, mas, para confrontar valores, sentimentos e opiniões sobre a forma como vemos o mundo, um exercício que combina passado, presente e futuro, que fala do Brasil de hoje, de ontem e do amanhã, pois, combina as percepções de diferentes gerações.

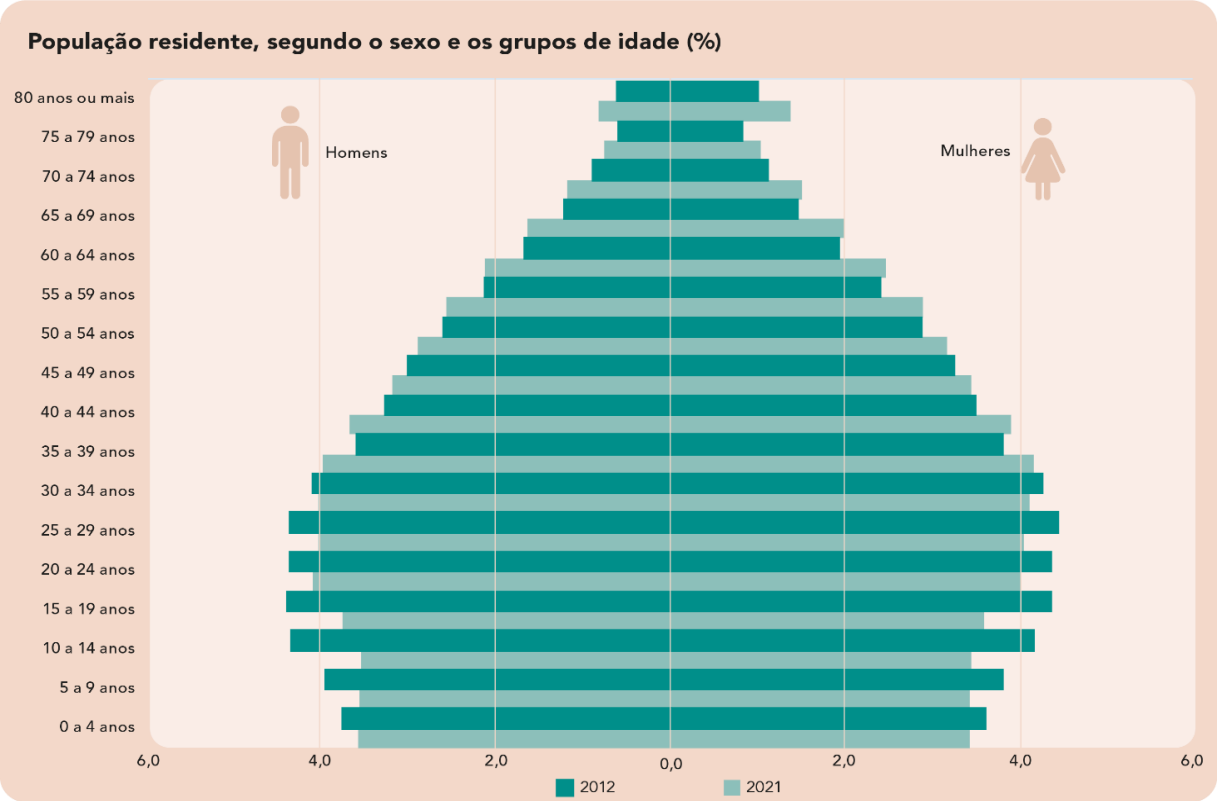
> Sociologicamente, portanto, as gerações não surgem da cadência temporal estabelecida por uma sucessão de gerações biológicas. Em outras palavras: não há padronização do tempo para medir ou prognosticar seu ritmo. Do ponto de vista sociológico, uma geração pode ter dez anos, ou como aconteceu nas sociedades pré-modernas, vários séculos. Pode incluir uma pluralidade de gerações biográficas ou, como na história de muitas sociedades tradicionais, apresentar apenas uma geração sociológica. Elas cessam quando novos e grandes eventos históricos – ou, mais frequentemente, quando lentos e não catastróficos processos econômicos, políticos e de natureza cultural – tornam o sistema anterior e as experiências sociais a ela relacionadas sem significado. (Feixa; Lecarddi, 2010, p.191).

Mas, um quesito que causa repulsa e indignação em todas as mulheres envolvidas nesta pesquisa, é o racismo, que nossas interlocutoras e as depoentes das fontes consultadas vivenciaram no exercício de suas funções. Essa sensação inexplicável, de ser vítima de racismo comove qualquer geração.

Voltando à velhice, no Brasil, ela é *feminina* e *branca*, um dado fácil de ser compreendido se considerarmos as condições de vida as quais a população negra é historicamente submetida. “Existem vidas que são mais duras e, por isso, duram menos", envelhecer ainda não é uma conquista de todos, existem populações que ainda buscam alcançar esse direito, “o Brasil é negro, mas o envelhecimento é branco”[111].

> [...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as ‘mulheres desregradas’ deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (hooks, 1995, p. 469).

[111]Disponível em: O Brasil é negro, mas o envelhecimento é branco - Portal do Envelhecimento. Acessado em 15 de mai. de 2023.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012/2021.
Nota: Para o período 2012-2019, acumulado de primeiras visitas. Para 2020 e 2021, acumulado de quintas visitas.

A essa predominância de mulheres velhas, chamamos de "*feminização da velhice*".

> *A feminização do envelhecimento trata do fenômeno em que há 'maior proporção de mulheres que de homens na população idosa, especialmente em idades mais avançadas',* ou seja, tende a ser caracterizado pelo 'fruto dos amplos diferenciais no volume de idosos por sexo' e pelo fato de que o envelhecimento se mostra mais longo entre as mulheres, visto que elas sobrevivem por mais tempo (Moreira, 1998 apud Cepellos, 2022, grifos no original).

Ressaltamos que, a feminização da velhice é mais do que um aspecto quantitativo, onde o número de mulheres é maior do que o número de homens velhos, mesmo porque, mulheres enfrentam, cotidianamente, uma série de dificuldades que são impostas pelo universo masculino e, ainda assim, provam que não são o sexo mais frágil, sobrevivendo e envelhecendo. A feminização "é um fenômeno complexo e multifacetado, [...], na medida em que *ela pode englobar*, também, *as desigualdades enfrentadas pelas mulheres ao longo do processo de envelhecimento no contexto de trabalho*" (Cepellos, 2022, grifos nossos).

O fato da velhice no Brasil ser branca e feminina, reforça a necessidade de pensarmos a diversidade do envelhecimento e a situação de mulheres como *Elizete*, que tem a velhice a culminância de um processo de vida marcado pelas desassistências. "Recusamo-nos não a reconhecer a complexidade, mas sim a colocar como farinha do mesmo saco envelhecimento, doença, privação, dependência, tristeza e frustração" (Minayo; Coimbra Jr., 2011, p.13).

Segundo o IBGE, a expectativa de vida para um brasileiro nascido em 2023,

> [...] em geral ficou em 75,5 anos. Ou seja, é esperado que um bebê nascido no ano passado viva, em média, até esta idade. A expectativa de vida registrada para as mulheres foi de 79 anos enquanto a dos homens foi de 72.
> A expectativa apresentada agora é maior do que as dos anos iniciais da pandemia de covid-19. Antes da crise, em 2019, a esperança de vida geral era de 76,2 anos. Em 2020, caiu para 74,8 anos e, no ano seguinte, para 72,8 anos.[112]

Ressalta-se que ***não*** são considerados nessa estimativa, o quesito raça e cor[113] e os impactos causados pela crise de mortalidade vivenciada pelo Brasil nos anos de 2020 e 2021, ocasionada pela pandemia de COVID-19. Para os pesquisadores do IBGE, "para que os efeitos observados da pandemia de covid-19 estejam refletidos nas Tábuas de Mortalidade, é necessária alteração metodológica com relação à forma como o instituto vem calculando suas Tábuas". [114-115]

Embora as mulheres negras tenham uma expectativa de vida maior que homens negros, quando entram na faixa etária de 50 anos – ou seja, na fase anterior a velhice – observa-se um declínio no número de negras envelhescentes. Entendemos que a crueldade do racismo, diminui as possibilidades de transição pelas fases de vida, as adversidades que marcam suas histórias, trazem consequências, e uma delas é a impossibilidade de envelhecer.

> Responda rápido: **quantos idosos negros você conhece ou simplesmente vê pelas ruas, no supermercado, no shopping center ou mesmo em instituições de longa permanência de idosos**? É provável que sua resposta encontre explicação em estatísticas oficiais muito pouco conhecidas no Brasil: os idosos negros representam apenas 7,9% das pessoas com mais de 60 anos do País – pardos representam 35,3% e brancos 55,1%, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Eles vivem menos: segundo o mesmo IBGE, a expectativa de vida da população negra é de 67,5 anos, enquanto da branca é de 73. A maior parte dos óbitos neonatais, no Brasil, é de crianças negras (pretas e pardas) e essa população também sofre mais com a violência durante a juventude, somando 70% das vítimas de

---

[112]Dados disponíveis em: Nota sobre as Tábuas Completas de Mortalidade 2021 e a pandemia de Covid-19 | IBGE. Acessado em 01 de mai. de 2023.

[113] "O quesito cor ou raça é uma classificação usada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) desde 2020 para denominação étnica ou racial das pessoas no Brasil. Essa classificação inclui os termos: preta, parda, amarela, indígena ou branca. Cada uma dessas categorias é autoatribuída, ou seja, a própria pessoa se autodefine como pertencente a algum desses termos". Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/642501/Manual_quesito_cor_raca_etnia_SF.pdf?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=Page%206-,O%20que%20%C3%A9%20o%20Quesito%20Cor%2Fra%C3%A7a%3F,%2C%20amarela%2C%20ind%C3%ADgena%20ou%20branca. Acessado em 10 de set. de 2023.

[114]As Tábuas Completas de Mortalidade são publicadas pelo IBGE desde 1999, em cumprimento ao Decreto Presidencial nº 3.266, de 29 de novembro daquele ano. Essas tábuas são provenientes de uma projeção que tem como ponto de partida os dados censitários, as informações disponíveis sobre os registros de óbitos e o conhecimento acerca da Transição Demográfica e Epidemiológica da população do país ao longo do tempo.
Adotada pelo instituto em 1991, essa metodologia é recomendada pelos organismos de cooperação internacional e reconhecida pelos usuários dos nossos dados demográficos, como órgãos públicos e instituições acadêmicas. (Disponível em Nota sobre as Tábuas Completas de Mortalidade 2021 e a pandemia de Covid-19 | IBGE. Acessado em 01 de mai. de 2023.)

[115] Dados disponíveis em: link https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/11/25/expectativa-de-vida-no-brasil-sobe-para-77-anos-diz-ibge.ghtml. Acessado em 01 de mai. de 2023.

> homicídio. Ou seja, conseguir envelhecer nesse cenário é uma vitória. 'A população negra não tem o direito de envelhecer no Brasil', constata a terapeuta ocupacional e mestre em gerontologia Vanessa Idargo Mutchnik[116]. (grifos nossos).

As diferentes formas de discriminação e preconceito, enfrentadas ao longo da vida por grupos sociais minoritários, como pessoas negras, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual e outras orientações sexuais (LGBTQIA+), indígenas, populações periféricas e marginalizadas, sem dúvidas, impactam nos processos vivenciados, incluindo o envelhecimento. Muitos não alcançarão a velhice, vítimas de violências, doenças (tratáveis) ou pelo cometimento do suicídio, o fato é que a "bela velhice" ou a "melhor idade", ideias propagadas na atualidade, não são acessíveis para todos. Por outro lado, envelhecer pode não estar no horizonte desses grupos, que tem a sobrevivência no presente como única preocupação, dízimos isso, impactadas pela fala de nossa interlocutora Tereza (*43 anos*), que admitiu nunca ter pensado na velhice das domésticas, "eu sempre percebi múltiplos impactos, mas eu nunca tinha olhado por esse viés do envelhecimento, que eu acho que, ao final das contas, após anos de dedicação para uma família, sobrava muito pouco, né?".

Para nós a fala de Tereza é impactante porque imprime o quanto o trabalho doméstico remunerado rouba de suas trabalhadoras e impede que elas tenham projetos de vida, como viver a "melhor idade". Vejam, Tereza foi doméstica, vem de uma família de domésticas, mas, nunca parou para pensar sobre o envelhecimento, talvez porque as mulheres de sua família não tiveram tempo de viver aquela velhice idealizada socialmente, em que você se aposenta, cuida dos netos (papel destinado às avós) e faz algum trabalho manual no seu tempo ocioso. Na velhice dessas mulheres não cabe o ócio, não cabe tempo para viver a velhice.

Trazer a história de vida de Elizete, nos deu o impulso necessário para pensar o envelhecimento atravessado por essas tantas expressões da Questão Social e por tantos marcadores de diferença. Ficou claro que a forma como se vive a vida determinará o seu envelhecimento e a maneira que você viverá a velhice. Talvez, Tereza esteja certa, e de fato sobre muito pouco tempo de vida para as trabalhadoras doméstica, que nem se dão conta de seu envelhecimento por estarem ocupadas com o cuidado do outro, talvez essas mulheres só encontrem na velhice, o vazio deixado pela falta do trabalho, que lhes formou como pessoa, talvez a velhice não chegue para elas. Revisitando a história de Elizete não há como não pensar nas desigualdades e injustiças sociais e no nosso próprio envelhecimento. Será que algum dia, todos viveremos a "melhor idade"? Seguiremos refletindo sobre as particularidades do envelhecimento da população negra e de suas trabalhadoras domésticas.

---

[116](Dados disponíveis em: https://noticias.grupomulheresdobrasil.org.br/sao-paulo/somos-desiguais-ate-noenvelhecer/. Acessado em 17 de abril de 2021.)

2.2. O RETRATO DO ENVELHECIMENTO E DO ENVELHECIMENTO NEGRO NO BRASIL: FATORES DEMOGRÁFICOS, SOCIAIS, POLÍTICOS, ECONÔMICOS E HISTÓRICOS

Sociedades, governos, cientistas, profissionais de saúde etc., se dedicaram histórica e continuamente, ao desenvolvimento da Ciência & Tecnologia, buscando recursos que assegurassem melhores condições de vida à população e com isso, aumentasse a expectativa e a qualidade de vida. Venceram, o envelhecimento populacional é uma conquista da humanidade. "Chegar à velhice, que antigamente era privilégio de poucas pessoas, hoje é comum, mesmo em países subdesenvolvidos. Porém, esta conquista se transformou em um dos grandes desafios para o século XXI" (Dardengo; Mafra, 2018, p.02).

> O envelhecimento populacional é um fenômeno recente na história da humanidade, sendo acompanhado de significativas transformações demográficas, biológicas, sociais, econômicas e comportamentais. **Em demografia, entende-se por envelhecimento populacional o processo de crescimento da população idosa conforme sua participação relativa no total da população**. Desse modo, um dos indicadores que melhor avaliam o envelhecimento demográfico é a razão entre a população idosa e a população jovem, ou seja, a proporção de pessoas de 60 anos ou mais por 100 pessoas de 0 a 14 anos e adquire maneiras e ritmos diferenciados para cada pessoa, país, costume, região. (Dardengo; Mafra, 2018, p.10, grifos nossos).
>
> Atualmente, o Brasil se encontra na categoria de envelhecimento moderado, em que as taxas de fecundidade e mortalidade estão em queda. Esta etapa mantém uma proporção importante de jovens, mas a população idosa começa a aumentar. Em cerca de 20 anos, a população brasileira será considerada envelhecida.[117]

A sociedade brasileira vigora entre as sociedades que projetam tornar-se uma sociedade envelhecida em cerca de 20 anos, o que demonstra uma mudança no perfil demográfico e a consolidação de conquistas importantes para manutenção da saúde e do bem viver.

Índice de Envelhecimento (IE) para o Brasil e o mundo: 1950-2100

Anos	Mundo			Brasil		
	IE 60 e +	IE 65 e +	IE 80 e +	IE 60 e +	IE 65 e +	IE 80 e +
1950	23,2	14,8	1,6	11,7	7,2	0,7
2000	33,0	22,8	3,9	26,5	17,5	2,7
2020	52,9	36,7	7,3	67,8	46,3	9,4
2050	101,2	75,3	20,7	203,2	157,0	46,4
2100	161,7	129,4	46,4	308,8	262,5	120,3

UN/Pop Division: World Population Prospects 2019 https://population.un.org/wpp2019/

[117] Disponível em: UNFPA Brasil | Envelhecimento populacional. Acessado em 15 de mai. de 2023.

De acordo com o Estatuto da Pessoa Idosa – Lei No. 10.741, de 1º de outubro de 2003, é considerada pessoa idosa o/a cidadão/ã com idade igual ou superior a 60 anos. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005), a velhice se inicia aos 65 anos nos países desenvolvidos e aos 60 anos nos países em desenvolvimento. Dados da Pnad Contínua, divulgados pelo IBGE, em jul. de 2022, dão conta que "pessoas com 60 anos ou mais representam 14,7% da população residente no Brasil em 2021. Em números absolutos, são 31,23 milhões de pessoas"[118].

São muitas pessoas envelhecidas, uma nova realidade que Estado e a sociedade precisarão entender e se especializar para atender. No início, a velhice era compreendida a partir de princípios biológicos e fisiológicos, estando associada à deterioração do corpo; apenas no século XIX a velhice é caracterizada como etapa da vida, assinalada pela decadência e pela ausência de papéis sociais. (Debert, 1999 apud Dardengo; Mafra, 2018, p.09).

No entanto, na atualidade, há um movimento de afastar a ideia de velhice como um fato biológico, buscando compreendê-la também por um outro viés. A Antropologia, por exemplo, passa a olhar para o envelhecimento e a velhice, ratificando o quanto o "envelhecimento da população mundial é um fenômeno novo".

> As formas pelas quais a vida é periodizada, as categorias de idade presentes em uma sociedade e o caráter dos grupos etários nela constituídos são, do ponto de vista da Antropologia, um material privilegiado para pensarmos na produção e reprodução da vida social. O estudo dessas dimensões é parte fundamental das etnografias preocupadas em dar conta dos tipos de organização social, das formas de controle de recursos políticos e da especificidade das representações culturais. (Debert, 1998, p.07).

O aumento da população idosa pelo mundo intensifica a necessidade de governos, sociedades e instituições ampliarem as discussões e os compromissos para assegurar condições dignas para a velhice. Um exemplo das preocupações com adultos maiores é o estabelecimento da "Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030)".

> A Década do Envelhecimento Saudável 2021-2030, declarada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em dezembro de 2020, é a principal estratégia para construir uma sociedade para todas as idades. Esta iniciativa global reúne os esforços dos governos, da sociedade civil, das agências internacionais, das equipas profissionais, da academia, dos meios de comunicação social e do setor privado para melhorar a vida das pessoas idosas, das suas famílias e das suas comunidades. Baseia-se em orientações anteriores, como a Estratégia Global e o Plano de Ação da Organização Mundial da Saúde sobre Envelhecimento e Saúde 2016-2020, a Declaração Política e o Plano de Ação das Nações Unidas de Madri sobre o Envelhecimento e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da **Agenda 2030 das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável**. (grifos do original).[119]

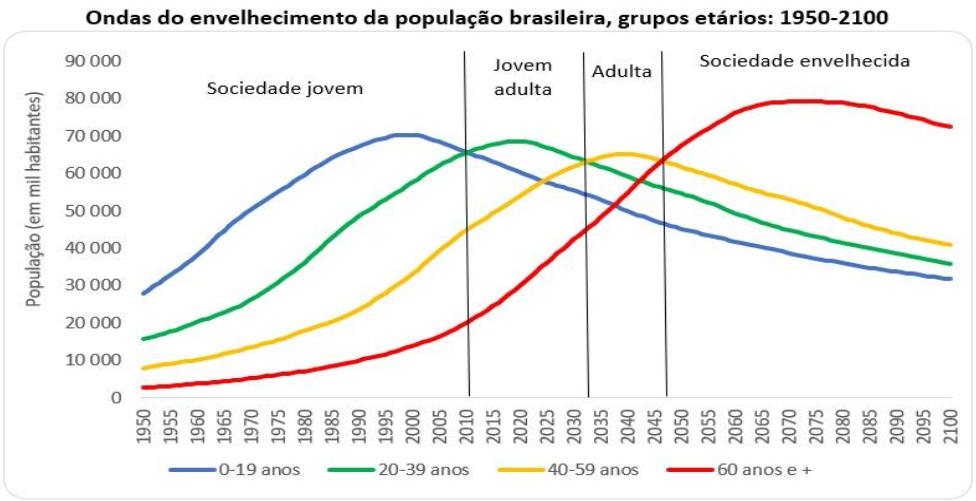
[118] Disponível em: Contingente de idosos residentes no Brasil aumenta 39,8% em 9 anos | Agência Brasil (ebc.com.br). Acessado em 15 de mai. de 2023.
[119] Disponível em: Década do Envelhecimento Saudável nas Américas (2021-2030) - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde (paho.org). Acessado em 01 de mai. de 2023.

Fonte: Organização Panamericana da Saúde.

Iniciativas como a instituição da Década do Envelhecimento Saudável, demonstram a preocupação das nações em assegurar condições dignas de vida para a população idosa, percebe-se que a preocupação se estende a diferentes áreas da vida moderna, a saber: cultura, sociedade, assistência e saúde, parecem capitanear a iniciativa. Ainda assim, nesse desenho, sentimos falta de recortes mais específicos como raça e gênero, pois não é possível homogeneizar a velhice e esses são marcadores importantes para entender as diversas velhices.

Retomando os dados sobre as especificidades do envelhecimento populacional brasileiro, as estatísticas e projeções do IBGE apontam que o Brasil está passando por uma transição demográfica, "as maiores taxas de reduções no contingente populacional foram estimadas para os grupos que compreendiam as pessoas de 10 a 13 anos e de 14 a 17 anos de idade", em contrapartida, "a população de pessoas com mais de 60 anos aumentou de 2% a 12% entre 1960 e 2014 e duplicou-se em apenas 34 anos – 6% em 1980 e 12% em 2014", no momento, "o grupo etário que mais cresce no Brasil é o de pessoas com 80 anos ou mais".[120]

Ondas do envelhecimento da população brasileira, grupos etários: 1950-2100



Fonte: UN/ESA World Population Prospects 2019 https://population.un.org/wpp/

[120] Dados disponíveis em Contingente de idosos residentes no Brasil aumenta 39,8% em 9 anos | Agência Brasil (ebc.com.br). Acessados em 15 de mai. de 2023.

> [...] as principais causas para essa tendência de envelhecimento seriam o menor número de nascimentos a cada ano, ou seja, a queda da taxa de fecundidade, além do aumento da expectativa de vida do brasileiro. Segundo as Tábuas Completas de Mortalidade, do IBGE, quem nasceu no Brasil em 2017 pode chegar, em média, a 76 anos de vida. Na projeção, quem nascer em 2060 poderá chegar a 81 anos. Desde 1940, a expectativa já aumentou 30,5 anos.[121]

Sobre a distribuição territorial das pessoas maiores de 60 anos no país, "há uma concentração na região Sudeste (16,6%) e no Sul (16,2%)". "Por outro lado, apenas 9,9% dos residentes do Norte são idosos. Na comparação com 2012, a participação da população idosa cresceu em todas as grandes regiões". Quando olhamos para os estados, os números apontam que há um maior agrupamento de pessoas idosas no Rio de Janeiro (19,1%) e no Rio Grande do Sul (18,6%), em contrapartida, "Roraima tem a menor participação desse grupo etário em sua população (7,7%)".[122]

Quanto a distribuição de pessoas idosas por gênero, como mencionado anteriormente, "cerca de 14% das mulheres brasileiras têm mais de 60 anos, ao passo que 11,9% dos homens estão no mesmo grupo etário", o envelhecimento no Brasil é feminino[123].

A feminização da velhice é um fenômeno interessante, comprova que – por múltiplos fatores – mulheres vivem mais que homens, mesmo que culturalmente a mulher fique responsável pelo cuidado de todos os membros da família, especialmente, dos homens e seja também, cotidianamente, vítima de micro violências, ela sobrevive e, consegue chegar a velhice. Esse fenômeno e suas causas, explicam também, porque muitas instituições de acolhimento institucional abrigam mais mulheres do que homens.

> A mulher sofre diversas violências que causam danos durante toda a sua vida. A sociedade machista 'assina uma carta de permissão' para que isso ocorra, e apesar das lutas constantes e incansáveis das feministas, assim como de várias organizações, pelos direitos universais, infelizmente ainda são muito presentes as violências sofridas pelas mulheres: mutilações genitais, feminicídios, agressões psicológicas e morais, financeira, e várias outras. (Santos, 2017, p. 34 apud Souza, 2018).

O debate sobre a feminização da velhice, não apresenta, necessariamente um recorte racial, mas, é possível antevermos que as condições de vida experimentadas por mulheres negras, não favorecem um envelhecimento saudável, quiçá o envelhecimento. Muitos são os fatores embutidos no racismo, que estrutura nossa sociedade, que ameaçam e comprometem a saúde e a vida de pessoas

---

[121] Disponível em: IBGE | Censo Agro 2017 | Idosos indicam caminhos para uma melhor idade. Acessado em 15 de mai. de 2023.

[122] Disponível em: IBGE: com 14,7% de idosos, população brasileira está mais velha - Nacional - Estado de Minas. Acessado em 15 de mai. de 2023.

[123] "A estimativa da ONU para 2040 aponta um número de 23,99 milhões de homens e 30,19 milhões de mulheres, uma diferença de 6,2 milhões de mulheres em relação à população idosa masculina. A razão de sexo deve cair para 79 homens para cada 100 mulheres entre a população idosa. Ou seja, nos próximos anos vai crescer o excedente de mulheres em cada grupo etário do topo da pirâmide." (Disponível em: As mulheres e o envelhecimento populacional no Brasil (ecodebate.com.br). Acessado em 15 de mai. de 2023.)

negras, especialmente, mulheres que são afetadas ainda pela questão de gênero, fazendo com que a luta pela sobrevivência seja mais árdua. “Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas, o velho não tem armas [...]” (Bosi, 1994, p.81).

> Portanto, quando se analisa o processo histórico [...], e há um real entendimento sobre a perversidade que o povo negro enfrentou ao longo da história, é possível entender o motivo pelo qual a mulher negra sofre e sofrerá muito mais em seu processo de envelhecimento do que as mulheres não negras. Pois, ao envelhecer, as mulheres negras continuam sofrendo machismo por ser mulher, continuam sofrendo racismo, e nessa nova fase de sua vida, sofre também gerontofobia [etarismo]. E essa mulher negra, que é categorizada como uma mulher ‘forte e [que] aguenta tudo’, passa a sofrer uma gerontofobia muito intensa, pois, ela terá que enfrentar o seu processo de envelhecimento como uma mulher que continua sendo ‘forte e [que] aguenta tudo’. (Souza, 2018).

Ainda em relação a feminização da velhice, Cepellos (2022), faz um apontamento importante, trazendo o mercado de trabalho e a necessidade que essas mulheres têm, de se manterem trabalhando mesmo em idades avançadas. Vimos isso acontecer com nossas interlocutoras, embora algumas tenham conseguido se aposentar, mas, trabalharam por muito tempo.

> A feminização do envelhecimento interessa ao contexto das organizações na medida em que muitas mulheres adentram ou permanecem no mercado de trabalho durante o processo de envelhecimento (Nascimento & Rabêlo, 2008). No entanto, não se deve desconsiderar as condições nas quais as mulheres atuam profissionalmente. Dados apresentados por Felix (2016) mostram que o emprego formal já pode cair para as mulheres a partir de 25 anos. Entre 45 e 49 anos, aproximadamente, 28% das mulheres possuem um emprego formal, depois dos 55 anos a taxa estaciona em 20% e, depois dos 60 anos, menos de 10% empregam-se em regime CLT.

Cepellos (2022), fala ainda sobre a dificuldade que mulheres envelhescentes encontram para ingressar ou manter-se no mercado de trabalho formal, o que não acontece com as trabalhadoras domésticas. O trabalho doméstico é tão desprestigiado e sua legislação tão desrespeitada que mulheres negras mais velhas não têm dificuldades em se manter ou conseguir emprego como domésticas, algumas patroas até preferem por conta de ciúmes dos maridos.

> Você gostaria de trabalhar 30 anos e depois, e depois você perder suas forças, a sua empresa falasse “tchau, muito obrigada”? Que nem isso a gente recebe, então... (*Tereza, 43 anos*).

> Eu quando fui para a casa dela [empregadora], a menina mais velha tinha quatro anos e a mais nova, dois. Deixei as duas na faculdade. Certo? Foi muitos anos de trabalho. Muitos anos! Parece que foram 23 anos de trabalho. [Aí, a senhora saiu aposentada?] Não, eu saí aposentada porque eu me aposentei, eu me atrasei muito a me aposentar. (*Laudelina, 86 anos*).

> [o que a senhora acha desse trabalho?] Pra mim é ótimo. Pra mim ótimo que eu já tô acostumada, faço o que quero, quem conta, quem toma conta de tudo sou eu. Quem toma conta de tudo sou eu.
> [Mas dona Carolina, a senhora agora tem que descansar...]

> Mas eu durmo de tarde. [...] Chega de tarde, eu deito lá no meu quarto, que o meu quarto é separado, sozinho, com a minha televisão, ligo a minha televisão, fico lá... Quem quiser se virar, que se vire. É assim. (*Carolina, 86 anos*).

Cada vez que analisamos o binômio envelhecimento x trabalho doméstico remunerado, mas, a fala de Tereza faz sentido. Nenhum trabalhador imagina trabalhar por 30 anos em uma empresa e sair sem receber nada, nem mesmo uma menção de gratidão pelos serviços prestados, mas, as domésticas sim, elas vivenciam isso. Elisete conseguiu seu benefício previdenciário por tempo de serviço, mas, terminou institucionalizada, sozinha, velha. Cada vez faz mais sentido a ideia de que não se pode homogeneizar o envelhecimento, nem mesmo das trabalhadoras domésticas. Observamos, que as situações cotidianas imposta pela "condição da empregada doméstica", podem trazer agravos para o envelhecimento e determinar como a velhice será vivida, mas, mesmo assim, cada sujeito terá uma vivência, as marcas do trabalho doméstico estarão presentes, mas, cada velhice será única.

Nos parece oportuno, explorarmos a questão racial, relacionada ao envelhecimento, a partir deste ponto. Dados da Pnad Contínua, dão conta que "desde 2015 a maior parte da população residente no país se declara parda", sem dúvidas, isso foi um marco, a população se autodeclarar e se reconhecer como parda/negra. "Em 10 anos, a população preta cresceu 32,4% e a parda, 10,8%, ambas com aumento superior ao da população total do país (7,6%). Já a população branca ficou estável". Já entre 2012 e 2021, "a participação da população que se declara branca registrou queda de 46,3% para 43,0%. No mesmo período, houve crescimento da participação das pessoas autodeclaradas pretas, que passaram de 7,4% para 9,1%, e pardas, de 45,6% para 47,0%".[124]

Entretanto, o fato de termos uma população, predominantemente, parda/negra, não significa que teremos mais pessoas idosas, da mesma raça e cor. Para a população negra sobreviver é o desafio, "**chegar ao envelhecimento sendo negro é uma conquista. Os serviços de saúde não estão preparados para atender esse grupo**"[125] (grifos no original).

> Os grupos raciais diferem no que diz respeito às características epidemiológicas, demográficas, socioeconômicas, acesso a serviços, dentre outros. Dados do Censo 2010 indicam que os pretos e pardos estão em maior proporção no grupo de pessoas abaixo de 40 anos; já os brancos têm maior proporção entre os idosos – maiores de 65 anos e, principalmente, maiores de 80 anos de idade – o que provavelmente está ligado às diferenças de condições de vida e acesso a cuidados de saúde, bem como à participação desigual na distribuição de renda. Os rendimentos médios mensais dos brancos (R$ 1.538) e amarelos (R$ 1.574) se aproximam do dobro do valor relativo aos grupos de pretos (R$ 834), pardos (R$ 845) ou indígenas (R$ 735).

[124] Disponível em: (IBGE: com 14,7% de idosos, população brasileira está mais velha - Nacional - Estado de Minas). Acessado em 15 de mai. de 2023.

[125] Alexandre da Silva, atualmente, Secretário Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa; Doutor em Saúde Pública; Especialista em Envelhecimento Humano, em entrevista à Leila Menezes, Jornal Metrópolis. Publicado em 29 de set. de 2018, atualizado em 26 de jun. de 2019. Disponível em: População negra enfrenta desafios para garantir longevidade | Metrópoles (metropoles.com). Acessado em 18 de mai. de 2023.

> Com relação à associação entre raça e saúde, a realidade é muito concreta, corroborada por pesquisas em nível nacional que atestam desigualdades sofridas pelos negros em relação a desfechos de saúde. A prevalência de doenças crônicas autorreferidas foi significativamente maior nas pessoas negras quando comparadas às brancas (apud Barros *et al.*, 2006). Indivíduos da raça negra também compõem o grupo predominante de casos de violência notificados pelos serviços públicos de emergência no Brasil. Enquanto em brancos a população atendida por violência foi de 26,2%, em negros este percentual foi de 69,7% (apud Mascarenhas *et al.*, 2009). Cenário desfavorável para a raça negra também é observado para mortalidade materna cuja razão de mortalidade materna foi sete vezes maior quando comparadas às brancas (apud Morse et al, 2011). (Ministério da Saúde de Brasil, 2010).[126]

A verdade é que talvez, ainda hoje, nem a sociedade, nem o Estado estejam aptos a incluir e atender às necessidades e particularidades da população negra, muitas inclusive, herança da escravização de seus ancestrais, o que claramente, torna-se um obstáculo para o envelhecimento desse grupo.

> A violência reduz a expectativa de vida de homens pretos e pardos em 1,73 ano, segundo cálculo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). O valor é mais do que o dobro do impacto visto em homens brancos. De acordo com o estudo, negros correm 8% mais riscos de se tornarem vítimas de homicídio, ainda que nas mesmas condições de escolaridade e características socioeconômicas.[127]

Há que se considerar ainda, todos os determinantes sociais[128] incidentes ao longo das vidas dessas pessoas, tornando muitas vezes, a sobrevivência um desafio diário. "Índices verificados na Pnad, 2012, demonstra que as pessoas negras, com idade acima de 65 anos, correspondem a 43,5% da população, enquanto a branca é de 55,3%. Este dado demonstra que a maioria das pessoas que adentram a velhice são brancas" (Rabelo *et al*, 2018, p.199).

Os dados oficiais já dão conta que, no geral, pessoas negras morrem mais cedo e mulheres negras são mais vítimas de violências ao longo da vida[129], confirmando a *necropolítica*, que ameaça a população negra, como explicado por Achile Mbembe (2018, p.60).

---

[126]"A nova composição racial brasileira segundo o Censo 2010". Disponível em: https://dssbr.ensp.fiocruz.br/a-nova-composicao-racial-brasileira-segundo-o-censo-2010/. Acessado em 18 de mai. de 2023.

[127]"Uma chance de envelhecer: os desafios para garantir longevidade à população negra." Jornal Metrópolis. Publicado em 29 de set. de 2018, atualizado em 26 de jun. de 2019. Disponível em: População negra enfrenta desafios para garantir longevidade | Metrópoles (metropoles.com). Acessado em 18 de mai. de 2023.

[128]De acordo com definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), os determinantes sociais da saúde estão relacionados às condições em que uma pessoa vive e trabalha. Também podem ser considerados os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e fatores de risco à população, tais como moradia, alimentação, escolaridade, renda e emprego. (Disponível em: Determinantes sociais - SUS: O que são? Leia mais no PenseSUS | Fiocruz. Acessado em 19 de mai. de 2023).

[129] "No Atlas da Violência 2019, verificamos a continuidade do processo de aprofundamento da desigualdade racial nos indicadores de violência letal no Brasil, já apontado em outras edições." O Atlas da Violência 2019 evidencia que as pessoas negras – jovens, homens e mulheres – são as maiores vítimas de violência no país. (Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf. Acessado em 03 de jun. de 2019).

> [...] formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror. Tentei demonstrar que a noção de biopoder é insuficiente para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte. Além disso, propus a noção de necropolítica e de necropoder para dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, as armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar "mundos de morte", formas únicas e novas de existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de "mortos-vivos". Sublinhei igualmente algumas das topografias recalcadas de crueldade (plantation e colônia, em particular) e sugeri que o necropoder embaralha as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, mártir e liberdade.

De outro lado estão as pré-disposições genéticas para o desenvolvimento de determinados problemas de saúde[130], que são negligenciados pelo precário sistema de saúde pública, "questões relacionadas a emprego, educação, renda e lugar de moradia ajudam a entender apenas 20% da diferença no número de mortes entre negros e brancos. O racismo explica o restante."[131]

> Nos dados sobre expectativa de vida da população brasileira, está lá: 75,8 anos, segundo o IBGE. Mas ele não é real para toda a população. **Essa média camufla a desigualdade racial entre negros e brancos**. Os primeiros vivem seis anos menos do que os últimos. O estudo Relatório Anual das Desigualdades Sociais, do Núcleo de Estudos da População, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), indica que brancos vivem em média 73 anos; negros, 67. Apesar de publicado em 2011, ainda há diferença na expectativa de vida.
> As provas disso são os números de homicídios e de **problemas de saúde evitáveis**. No país, 70% das vítimas de assassinatos são negras, segundo dados de 2017 do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Em relação a enfermidades como infecções sexualmente transmissíveis, hanseníase e tuberculose, elas são mais frequentes na população negra do que na branca, mostra relatório da ONU (Organização das Nações Unidas) divulgado neste ano.[132] (grifos nossos).

Às vezes, sentimos que estamos nos repetindo, mas, infelizmente, não há outro caminho. Observem como os dados estatísticos apresentados pela citação anterior demonstram que

---

[130]A hipertensão continua sendo o principal fator causador de acidentes vasculares cerebrais (AVCs) no mundo. A boa notícia é que, nos últimos 20 anos, essa participação vem sendo gradativamente reduzida, graças ao desenvolvimento de novas drogas e tratamentos, entre outras medidas preventivas, que concorreram para o maior controle da pressão arterial entre a população em geral. Ocorre, porém, que esse impacto positivo não alcançou de forma simétrica brancos e negros. O ganho foi mais significativo entre os primeiros que entre os segundos.
[...] O que explicaria tal situação? Segundo Nadruz, a medicina ainda não tem uma resposta definitiva para a questão, mas dispõe de alguns dados que fornecem pistas sobre a diferença de performance entre as etnias. 'A literatura médica tem registrado há um bom tempo que os negros apresentam níveis de pressão arterial mais altos e têm maior dificuldade para controlá-los. Isso ocorre inclusive entre as pessoas que são submetidas a tratamentos contínuos com medicações anti-hipertensivas. Uma explicação para essa situação pode estar no fator genético. Entretanto, não podemos deixar de considerar outras possíveis variáveis, como as condições socioeconômicas dos afrodescendentes, que tendem a ser inferiores às da população branca', pondera o professor da FCM-Unicamp. (Disponível em: Hipertensão é mais persistente entre negros, aponta estudo | Unicamp. Acessado em 10 de mai. de 2023.).
[131]"Uma chance de envelhecer: os desafios para garantir longevidade à população negra". Jornal Metrópolis. Publicado em 29 de set. de 2018, atualizado em 26 de jun. de 2019. Disponível em: População negra enfrenta desafios para garantir longevidade | Metrópoles (metropoles.com). Acessado em 18 de mai. de 2023.
[132]Disponível em: https://institutomongeralaegon.org/saude-e-bem-estar/desigualdade-racial. Acessado em 03 de jun. de 2019.

pessoas negras vivem menos, portanto, o envelhecimento ainda é algo a ser conquistado, na verdade o direito a vida, ainda precisa ser assegurado. Vejam que são doenças, violências, desigualdades econômicas e sociais, tudo isso atravessa a vida de pessoas negras, comprometendo o bem viver de todos, porque o racismo tem efeitos psíquicos severos em pessoas negras, independentemente de qualquer outro marcador.

No caso das trabalhadoras domésticas a situação se torna mais complexa, pelo lugar subalterno que o trabalho doméstico está e por suas características servis, que muitas vezes afasta sua trabalhadora de sua vida privada, de suas famílias, seu meio social, de oportunidades, que repercutiram na sua velhice.

> Normalmente a prioridade é o trabalho, pois infelizmente sai da casa da minha mãe muito cedo, aos 14 anos. E em um determinado momento não tinha com quem contar, aluguel e contas eram unicamente responsabilidades minhas, não tinha muito tempo para diversão ou socialização.
> A diversão era, e é, pagar contar, e conseguir deixar o aluguel menos atrasado possível.
> Como ficou a relação com a sua família, seus filhos, seus pais?
> A relação não foi muito diferente, pois como eu disse anteriormente, trabalho doméstico não foi novidade para mim, tampouco para eles. Viemos de um ciclo, de uma hereditariedade que não determina outros espaços para nós. (*Jovelina*, 27 anos).

> E eu sempre tinha prestado a atenção neste impacto na família, mas nunca tinha prestado a atenção no envelhecimento dessa pessoa. Porque... A história da tia [...], né mãe? A tia [...] saiu muito cedo, ela teve um relacionamento muito violento, abusivo, esse esposo dela foi encarcerado por um bom tempo, é, nem sei se o que ele fez foi tão grave, mas você conhece a justiça, no nosso país, ainda mais se tratando de pessoas pretas e pobres. Então, ele ficou muito tempo...
> Eu nem, tenho até medo de cavoucar, para procurar saber. Sei que ele ficou muitos anos, essa minha tia saiu para trabalhar, Nova Iguaçu e Zona Norte sempre pagou muito pouco e exigiu muito.
> E acho que ela foi trabalhar na Zona Sul. A dona Cristina é Zona Sul? Dona Cristina... Aquela, é, patroa dela. Trabalhava na Zona Sul, tinha duas filhas que ela deixou aos cuidados de uma irmã e ela vinha de 15 em 15 dias em casa. Quinze em 15 dias... E aí, ela trabalhava, e aí nesse 15 em 15 dias que ela vinha, era um sábado já de tarde, minha tia era muito jovem, muito bonita, e esse sábado ela saía, no domingo ela dormia, porque no domingo mesmo ela tinha que voltar.
> Ela trabalhou para essa senhora, acho que por nove anos, deixou as filhas pequenas, voltou, as filhas estavam adolescentes e essa relação de trabalho terminou porque a minha tia não quis mentir para encobrir a patroa. Numa situação lá de divórcio e ela demitiu a minha tia sem um direito, como você sabe...
> A minha tia voltou para casa e encontrou as filhas já adolescentes. E o impacto era a questão da autoridade, que a minha tia não tinha nenhuma. Essas meninas foram incrivelmente prejudicadas na escola, porque a irmã da minha tia, que não é a minha tia, (risos) poupava as filhas dela e sobrecarregava as filhas da minha tia.
> Né? Então, a minha tia encontrou essa dificuldade. Então, esse, então eu sempre olhei esse impacto muito na família. E na minha própria, que a minha mãe, é uma vida de trabalho, eu como irmã mais velha, nesse, auxiliando com o cuidado com os menores. Então, reunião de escola, que eu não entendia nada do que a professora falava, assim, né? A professora das minhas irmãs caçulas. Menores deixava por último, e eram sempre situações assim: de reprovação, de nota baixa, de desempenho aquém do esperado... E eu, com 11, 12 anos, eu não tinha a menor noção do que estava se passando ali e eu... Então, esse impacto é muito forte, então a minha mãe sempre teve que estar cuidando de outras famílias para que a gente tivesse o mínimo. Né? E eu

> nunca tinha imaginado na, na velhice, porque a nossa família é uma família de empregadas e conseguiram... A tia [...] conseguiu se aposentar e a minha avó foi para a varrição, minha avó é analfabeta, mas não sei que estalo que deu, ela falou: 'Eu vou para a varrição'. E conseguiu se aposentar também. Então, não ficaram, é...
> Desamparadas, de todo. Mas tem sim um impacto muito considerável na família. Assim, na família... Aí, a minha tia veio, pegou as minhas primas adolescentes e ela teve que lidar com inúmeras coisas que ela já tinha perdido completamente. Né, mãe? À mão assim completamente... E eu sinto que essa ausência nunca foi suprida. Minhas primas, elas têm alguma... Ai, alguma coisa mal resolvida, sentimentalmente, né, por causa dessa ausência aí de quase dez anos, de ver a minha tia duas vezes no mês... (*Tereza*, 43 anos).

Uma das nossas interlocutoras, *a única* do grupo que acreditava na falácia do "quase da família", me relatou que "eles falavam isso. Falavam que eu era da família. É da família. Poxa, que beleza!" (*Antonieta*, 78 anos); no entanto, quando sua patroa faleceu, ela foi dispensada e precisou retornar para casa, passou a viver uma vida vazia, saudosa, pois, não reconhecia mais naquele espaço ou mesmo como parte de sua família (irmãs, sobrinhos/as e outros parentes).

> Me levava pro teatro. Naquela época, a Claudia Raia, no 'Saia da Raia', no 'Caia da Raia', sei lá, eu ia pro teatro com ela assistir Claudia Raia, puxa... Eu passeava muito. Com a dona Helô também fui ver no Canecão o Ney Matogrosso com dona Helô e seu Fernando. Depois me levaram, no, no, na Mangueira. Seu Fernando fazia revista lá na Mangueira, aí já tinha a mesa dele lá, preparado, esperando a gente, lá na Mangueira. Nós fomos no samba lá na Mangueira. Ih! Só tu vendo, minha filha, muito bom!
> Eu aproveitei. Graças a Deus! Eu sinto falta por causa disso...
> Que hoje em dia não saio tanto... Quanto tava trabalhando, minha filha. Não saio mais, que Deus sabe... E sempre a gente ia. Às vezes, dia de sexta feira, eu tava me arrumando pra vir embora, aí ela: "Maria [nome fictício], vamos almoçar primeiro, vamos, vamos almoçar, depois, então, você pega o ônibus pra ir embora, que você tem que ver sua mãe'. Que ela que 'tem que ver sua mãe', ficava a semana sem ver sua mãe. Aí a gente ia almoçar, depois ela me botava no ônibus, vinha me embora... (*Antonieta*, 78 anos).

Sua velhice é triste, quando ela nos deu esse depoimento foi possível observar um vazio na sua fala, no seu olhar, vazio ocasionado pela falta do trabalho e de D. Helô, a patroa. A relação com o trabalho torna-se simbiótica, a falta dele culmina com a velhice, marcada por outras perdas, intensificando as dificuldades experimentadas nessa fase.

> Então, foi o tempo que eu fiquei mais presa. Que às vezes eu saía, quando eu saía ela ficava chorando. Aí, eu ficava com pena, voltava.
> [...] igual criança. Era chato, eu ficava com medo de alguém pegar ela, derrubar e o médico só ficava recomendando. Que se ela quebrasse um osso, não tinha como. (*Carolina*, 86 anos).

Sem dúvidas, a associação entre raça x gênero x trabalho doméstico traga mais desafios para o envelhecimento e a velhice. Quando pensado como um direito, o envelhecimento vai se distanciando do horizonte dessas mulheres, *Elizete* a protagonista deste capítulo, por exemplo, não o via como direito, mas, como um martírio, que representava múltiplas perdas em sua vida, pensar na

vida sem o trabalho que lhe conferia pertencimento, status, utilidade, pensar em estar em uma instituição sem sua família e sem sua "quase família", pensar no amor não vivido, que lhe corroía o coração, convier com a doença e com as limitações ocasionadas por seu agravamento, era pesado, era nítido. (Re)organizar suas vidas para além do trabalho, um trabalho que se mistura à existência, é difícil, especialmente, para aquelas que seguem acreditando na falácia do "*quase da família*".

Não é possível, desconsiderar que essas situações foram experimentadas pelos corpos negros, são as "mães pretas" que vivem esses dessabores, o esquecimento e a solidão. Essas mulheres foram/são atravessadas pelos marcadores raça, gênero, classe social por toda a sua existência, não há como envelhecer bem, percebemos, cada uma de nossas interlocutoras traz uma marca, sejam velhas ou envelhescentes, estivessem em casa ou em instituições, o trabalho doméstico as marcou e se apresentava em suas velhices, fosse no comportamento, nas lembranças alegres e tristes, fosse nas doenças, não há como sair ileso dessa experiência, "viver mais, não é sinônimo de viver melhor."

> Os resultados aqui analisados, confirmando a hipótese de partida, **evidenciaram um cenário mais favorável ao envelhecimento entre idosos de cor branca em comparação com aqueles de cor parda ou preta no tocante aos indicadores sociodemográficos**, de condições de saúde e de uso e acesso a serviços de saúde. (Silva, *et al*, 2019, grifos nossos).

Nosso estudo não fez uma comparação entre diferentes grupos raciais, mas, todas as evidências observadas no campo e dados coletados, nos levam a ratificar a afirmativa de Silva (*et al*, 2019), o cenário para o envelhecimento negro é desolador.

A trama da sociedade ocidental moderna é emaranhada em diferentes marcadores socais, que criam lugares sociais e fronteiras entre corpos/sujeitos. Um dos marcadores mais expressivos e determinantes nas relações sociais constituídos dentro do atual modo de produção, é raça, que oportuniza o racismo e a racialização do outro, levando a relações hierarquizadas, mediadas pelo medo, pela repulsa e, muitas vezes, pela violência.

> A experiência do racismo tem efeito negativo na qualidade de vida e não se resume a respostas provenientes de interações entre indivíduos, mas está profundamente condicionada por fatores estruturais. Devido a práticas discriminatórias com base na raça, os idosos negros têm questões únicas que precisam ser enfrentadas na velhice. Isso se refere à múltipla desvantagem proveniente das desigualdades econômicas, sociais e históricas, além dos encargos adicionais de viver numa sociedade em que a igualdade racial permanece um mito. (Rabelo *et al*, 2018, p.195).

E aí está a importância de racializar o debate sobre o envelhecimento humano, visto que a população negra está mais sujeita, num geral, a sofrer com as múltiplas expressões da Questão Social, que se traduzem nas piores condições de vida, o que traz agravos para suas velhices, caso consigam alcançar essa fase da vida.

> A análise da variável racial no envelhecimento apresenta uma realidade dramática para idosos negros de baixa escolaridade, que recebem os menores salários e são frequentemente excluídos do mercado de trabalho formal, entre outros aspectos que apontam desigualdades (Silva, 2019. Batista, Proença & Silva. 2019). Em termos populacionais, estima-se que a população idosa no Brasil é de 32 milhões, sendo este grupo composto por 48% de idosos negros (Silva, 2021). A dinâmica de preconceito e discriminação que atinge os idosos, de modo geral, é reforçada pelas desigualdades raciais que incidem nessa parcela da população. O racismo estrutural e institucional acarreta processos de exclusão social e leva à ausência de direitos sociais básicos ao longo da vida, além de instituir barreiras de acesso para sujeitos negros que desejam alcançar determinados espaços, direitos e posições sociais (Moura *et al*, 2023; Gonçalves, 2017 apud Vieria, *et al*, 2023, p.11).

Perceber a velhice com um olhar racializado, nos auxilia a compreender como o racismo traz agravos objetivos e subjetivos para a população negra de maneira ininterrupta e, ratifica como o envelhecimento não pode ser homogeneizado. O marcador social de diferença raça – "[...] deve-se lembrar que 'raça' e 'cor' são construções socais e resultado da identificação de si e do outro" (IBGE) –, certamente, trará outras particularidades ao envelhecer, talvez se torne fator impeditivo para que os sujeitos racializados cheguem a essa fase da vida, mas, somente despertando esse olhar racializado, poderemos enxergar o impacto das inequidades vivenciadas pela população negra no envelhecimento.

> Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas. (Almeida, 2019, p.24-25).

Retomando a realidade específica das trabalhadoras domésticas, negras e idosas, o que acontece hoje em relação a chegada à velhice, é: 1) A ausência de proteção assistencial previdenciária, já que, majoritariamente, o trabalho doméstico remunerado é exercido na informalidade, desprotegido, o que não assegura o direito previdenciário para suas trabalhadoras mais velhas; 2) A perda ou ausência de referências e/ou vínculos familiares, que levam à velhices solitárias e desvalidas, visto a falta de uma rede de apoio e afeto que possa acolher essas mulheres, nessa fase da vida. Quando ainda há referência familiar e elas retornam para seu convívio, não há mais, em diversos casos, identificação e pertencimento e, talvez, também não haja mais tempo ou vontade de reconstruir esses laços; 3) Algumas queixas de saúde, agravadas e função da sobrecarga no trabalho; 4) Marcas deixadas pelas práticas racistas e humilhantes vivenciadas nas "casas de família", sem dúvidas.

A saída da vida laborativa, que deveria ser um momento de comemoração, poderá ser mais um martírio na vida dessas mulheres, a falta de acesso aos serviços públicos de saúde, a falta de um fundo patrimonial (já que muitas trabalharam em troca de moradia e comida), uma vida

preenchida pelo cuidado e serventia ao outro, a anulação do seu próprio eu, em função da tarefa do cuidar do outro.

> [...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas 'só corpo, sem mente'. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as 'mulheres desregradas' deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (hooks, 1995, p. 469).

Quando se é negro, poucas são as expectativas, as desigualdades econômicas e a desproteção social se perpetuam e seguem ameaçando a qualidade de vida e o bem viver dessas pessoas, que muitas vezes buscam, apenas, "uma chance de envelhecer", superando muitos desafios para alcançar a longevidade.

> Muito, muito, muito, porque eu só ando cansada! Eu sinto muitas dores nas minhas articulações. É... Sinto muita dor nas costa, na coluna. Eu sinto, é... Muito cansaço mental, de um tempo pra cá eu tenho sentido dificuldade de guardar as coisas, de lembrar das coisas. A gente não dorme, a gente cochila, tira aquele cochilinho, porque o idoso não pode ficar sozinho, a gente trabalha 24 horas. Então quando a gente pode dar aquele cochilo, aquela pressão que a gente precisa tomar conta, de se acontecer alguma coisa, a gente que é responsável, né? Então, realmente, o nosso envelhecimento, a mente e o corpo envelhece muito rápido com isso. (*Anastácia*, 47 anos).

Obviamente, uma vida marcada pela dor não poderá ser mudada repentinamente. Mulheres negras, desde sempre, são as maiores vítimas de violências, objetivas e subjetivas, desde sempre, estão no mundo do trabalho e são vistas como "fortes", daí "ao se analisar o processo histórico que o povo negro enfrentou ao longo da história, é possível entender o motivo pelo qual a mulher negra sofre e sofrerá muito mais em seu processo de envelhecimento do que as mulheres não negras" (Souza, 2018).

As mais velhas retratadas aqui, que lidaram com a pobreza, o machismo, o sexismo, o racismo ao longo da vida, precisam enfrentar também agora a *etarismo*[133] e, ainda assim, deverão se manter fortes lutando incessantemente por sua existência, pois além de não contarem com uma vasta rede de apoio, muitas vezes, seguem sendo arrimo de suas famílias.

Sendo uma pessoa racializada, tornar-se velho, é o maior ato de resistência que se pode ter. No caso das mulheres, negras e velhas, elas são resistência e poesia, que servem de inspiração

[133] "O etarismo surge quando a idade é usada para categorizar e dividir as pessoas por atributos que causam danos, desvantagens ou injustiças, e minam a solidariedade intergeracional.
Esse preconceito prejudica a saúde, o bem-estar e constitui um grande obstáculo à formulação de políticas e ações eficazes para o envelhecimento saudável, como foi reconhecido pelos Estados-Membros da Organização Mundial da Saúde (OMS) na Estratégia Global e no Plano de Ação Sobre Envelhecimento e Saúde, e na Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030)". (Disponível em: https://sbgg.org.br/oms-relatorio-mundial-sobre-o-idadismo-etarismo/. Acessado em 12 de jun. de 2022).

para seguirmos. Continuar pensando e problematizando a velhice e o envelhecimento é necessário para que, enquanto sociedade, estejamos aptos a buscar melhores condições de vida para essa fase, para que possamos pleitear políticas públicas adequadas as necessidades de nicho populacional e para mantenhamos as expectativas de vida em alta. Nesse sentido, raça, assim como gênero, é marcador essencial para nortear as reflexões, políticas e pesquisas sobre envelhecimento.

No próximo capítulo, veremos como pessoas racializadas podem passar toda a vida na indigência, pois muitas, não são documentadas, o que impede que acessem outros direitos civis e sociais. A não existência de documentos de identificação pessoal é um problema grave que ainda compromete a cidadania de milhões de pessoas no país.

3. DIREITOS FUNDAMENTAIS E DIREITOS TRABALHISTAS: A LUTA DE "*NORMA*" PELO DIREITO DE EXISTIR

Terça feira 2 de junho de dois mil e vinte
Vinte e nove graus Celsius
Céu claro
Sai pra trabalhar a empregada
Mesmo no meio da pandemia
E por isso ela leva pela mão
Miguel, cinco anos
Nome de anjo
Miguel Otávio
(Adriana Calcanhoto)

Esta pesquisa que, como já foi dito, se constrói a partir da perspectiva *militante*[134]-[135]e se efetivou "por meio de um processo dialético que incluiu a interação entre a teoria e a prática para a produção do saber científico [...] e a vivência dos lugares pesquisados"[136]. Este é um capítulo que aborda questões latentes ao campo e que precisam ser vistas e tratadas, com urgência, pelo Estado e pela sociedade.

Trabalhadores/as domésticos/as, antes de qualquer coisa, são sujeitos de direitos, cidadãos e que, portanto, precisam ter seus direitos resguardados, respeitados e efetivados, no entanto, não é o que vemos.

O universo do trabalho doméstico remunerado é marcado pela não efetivação e violação dos direitos. Não estamos falando apenas de direitos trabalhistas, mas, de direitos fundamentais, civis, políticos, sociais, muitos são os casos de trabalhadores/as domésticos/as que não tem sequer documento de identificação pessoal, demonstrando uma sucessão de violações, já que um indivíduo que não tem registro civil, não terá, por exemplo, conta bancária, logo, como poderá receber seu salário? Na verdade, um indivíduo sem registro civil não existe para o Estado, é um indigente em

[134]As justificativas para essa escolha, encontram-se na Introdução deste trabalho.
[135]"[...] Nesse sentido, militância seria o compromisso ético e político com a mudança social e que, por isso, possui posicionamentos e atuações proativas em várias áreas da vida, como a profissional e a acadêmica, envolvendo a inserção em espaços coletivos de discussão, articulação e mobilização com objetivo de viabilizar e potencializar lutas políticas que representem a construção de uma sociedade mais justa e igualitária [...]". Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=0CAIQw7AJahcKEwiY1sqk9KSAAxUAAAAAHQAAAAAQAw&url=https%3A%2F%2F01605361568100806079.googlegroups.com%2Fattach%2Fed9ee06f91f669fe%2FArtigo%2520Pesquisa%2520Militante%2520BRINGEL%2520e%2520VERSIANI.pdf%3Fpart%3D4%26vt%3DANaJVrEtNGARI7eakFq9E8gwBchESgU-rdK43WqNtXu-S1xhAv0Shi6lIARzWlbYYNqql2CzttmgeC_zr9wtPzIv_RojirdhkwAF627Ch2bd4rJ1DIN95M4&psig=AOvVaw1yfXAJzOAGRjTaERtwLmYu&ust=1690204062204915&opi=89978449. Acessado em 20 de jul. de 2023.
[136]Op Cit.

vida. Nos questionamos como o Estado permite no séc. XXI que ainda tenhamos cidadãos não documentados, inexistentes perante as leis?

Nossa militância está em buscar contribuir, de alguma maneira, para superação dessas pequenas violações, que muitas vezes, começam ou são reforçadas no interior das "*casas de famílias*", que aceitam a/o trabalhador/a sem documentos de identificação, pré-dispondo de uma relação de abuso, justamente, porque o trabalho doméstico remunerado é um tipo de trabalho "que se constitui em uma esfera alheia ao espaço da organização e/ou empresa tradicionais" (Naves, 2014, p. xv), facilitando a continuidade de determinadas práticas negligentes e clandestinas.

Pensando nos processos de violações de direitos a que a população negra e as trabalhadoras domésticas estão historicamente submetidas, reportaremos também neste capítulo um acontecimento que atravessou a História Moderna, o mundo e a realização desta pesquisa: a pandemia causada pelo novo coronavírus, que colocou em evidência todos os desmandos e o desrespeito aos direitos conquistados pelos/as trabalhadores/as domésticos/as. A pandemia de COVID-19 jogou luz a desgraça social que é o trabalho doméstico remunerado no Brasil.

Está evidente que para falarmos sobre trabalho doméstico remunerado no Brasil contemporâneo é preciso visitar os princípios da sociedade de Moderna, bem como, a formação sócio-histórica brasileira, reafirmando que as análises feitas em relação ao objeto estudo, são atravessadas pelos marcadores raça, gênero e classe social, não teria sido possível avançarmos na análise, sem este reafirmamos esse entendimento, porque na maioria absoluta dos casos reportados, são as mulheres negras que têm seus direitos e corpos violados.

Assim, este é um capítulo dedicado a regatar e analisar a luta das trabalhadoras domésticas pelo reconhecimento da profissão e pela efetivação de seus direitos e, também, a identificar como a pandemia de COVID-19 atingiu o trabalho doméstico no Brasil. É um capítulo delicado, talvez o mais sensível desta tese, as histórias reproduzidas aqui para ilustrar e fundamentar nossos argumentos, infelizmente, são reais e aconteceram com pessoas negras. A violência que aqueles corpos sofreram atingiram não só a eles, mas a toda pessoa negra que têm consciência racial e sabe que o mesmo pode acontecer a ela ou aos seus, a qualquer momento, porque esse é o desejo social para os nossos corpos. Não são casos isolados, é projeto político.

3.1. UMA VIDA DE VIOLAÇÕES E OUTROS AGRAVANTES

Norma, era uma idosa que estava vivendo em situação de rua e chegou à instituição através da equipe de abordagem de um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), que lhe ofereceu atendimento e acolhimento e ela aceitou.

Foi levada a uma instituição de acolhimento institucional para pessoas adultas, mas, por conta de sua idade, logo foi transferida para a ILPI. Na verdade, sua idade era apenas suposta pela parte da equipe, já que não havia documentos para comprovação.

Verborrágica, falava incessantemente coisas indecifráveis. Norma era negra, magra, pequena, sempre com um lenço protegendo os cabelos. Carregava consigo um saco enorme, pesadíssimo, onde deixava tudo o que tinha, de alimentos a roupas. A psicóloga fazia longas abordagens para que ela deixasse o tal saco, mas, nunca teve sucesso, dizia que tinha "medo de perdê-lo novamente", ali estavam suas riquezas. Mesmo num constante quadro de agitação e verborragia era muito amorosa, nos chamava com os nomes que queria, eu por exemplo, fui batizada como Arlete, mas suas abordagens eram sempre muito afetuosas. Geralmente, nos atendimentos sociais, perguntava por várias pessoas, como se as conhecêssemos também, provavelmente, pessoas que fizeram parte de sua história, mas não conseguia explicar quem eram ou como poderíamos encontrá-las. Nunca recebeu visitas.

Norma tinha uma demanda específica e urgente para o Serviço Social. Não possuía documentação de identificação pessoal, portanto, não poderíamos requerer nenhum benefício assistencial, como o BPC e nem solicitar sua inclusão na rede de atendimentos. A chamávamos de Norma, porque ela se apresentou assim, mas, não tínhamos qualquer garantia que fosse de fato seu nome. Recuperar seus documentos ou providenciar seu registro tardio[137] era uma prioridade, para que assim tivesse outros aspectos da sua vida regularizados.

Mesmo não tendo uma dicção muito articulada e compreensível, em seu discurso repetido, era possível compreender que em algum momento da vida, havia vivido no Largo do Soldado, localizado no município de Magé e que lá, tinha trabalhado em uma "*casa de família*", tendo cuidado de 2 crianças, vivendo por lá muito tempo. Não conseguia explicar como saiu dessa casa, por onde teria passado e como chegou às ruas.

Durante sua estada na ILPI, vivia pedindo folhas de papel aos/as técnicos/as. Essas folhas se tornavam várias cartas. Nunca saberemos a quem se destinavam ou seu conteúdo, pois ela não nos permitia acessá-las, não eram para nenhum de nós, dizia, mas eram importantes, porque a acompanhavam junto com suas preciosidades.

---

[137] "A ação judicial de registro tardio, nada mais é do que um pedido ao juiz para que ele mande o cartório registar o evento (nascimento ou casamento) tardiamente, ou seja, anos após o fato ter ocorrido, de modo a reconstruir, sob o ponto de vista jurídico, o ato que não foi registrado no passado". (Dados disponíveis em: https://www.jusbrasil.com.br/artigos/acao-de-registro-tardio-o-que-e-como-funciona-quanto-custa-quanto-tempo-demora/535329736#:~:text=O%20QUE%20%C3%89%3A%20A%20a%C3%A7%C3%A3o,n%C3%A3o%20foi%20registrado%20no%20passado. Acessado em 03 de mai. de 2023).

Vivia como indigente, não existia oficialmente. Os documentos podem facilitar ou prejudicar a vida dos indivíduos. Como nos ensinou Mariza Peirano (2006):

> [...] para que serve um documento? Tecnicamente, documentos facilitam o ato de contar, somar, agregar a população (e, assim, taxar a riqueza e controlar a produção), ao mesmo tempo tem que identificar o indivíduo – para fins de conceder direitos e exigir deveres. Assimilar, tanto elementos particulares/individuais quanto o conhecimento sobre a coletividade – esses dois componentes indissociáveis do 'fato moderno' – conciliam-se no documento e nos 'papeis'. Reconhecidos e regulados, os papéis estabelecem o indivíduo como único e particular e produzem, no mundo moderno, um máximo de singularização e uma individualização idealmente absoluta. O documento, assim, legaliza e oficializa o cidadão e o torna visível, passível de controle e legítimo para o Estado; o documento faz o cidadão em termo performativos e obrigatórios. Essa obrigatoriedade legal de possuir documento naturalmente tem seu lado inverso: o de remover, despossuir, negar e esvaziar o reconhecimento social do indivíduo que não possui o documento exigido em determinados contextos. (p.26-27).

Sem ter muitas informações para avançar no caso, um dia a equipe interdisciplinar se reuniu e decidiu levar Norma ao tal Largo do Soldado, na esperança de descobrir qualquer informação sobre sua vida pregressa. Para surpresa, Norma não só apontou corretamente o caminho como chegou à casa onde trabalhou por anos. Lá encontramos a menina que Norma havia criado, naquela época já uma mulher adulta. Em um encontro frio, sem qualquer emoção, trocaram poucas palavras. Perguntamos pela existência de parentes e pela documentação pessoal. A moça logo respondeu que não sabia da existência de familiares, mas que tinha sim algum documento dela, entretanto, só seu irmão, também criado por Norma, saberia dizer onde encontrar, que este estava trabalhando, mas tão logo chegasse, pediria os documentos e nos enviaria pelos Correios. Retornamos à instituição comemorando, havíamos conseguido encontrar os documentos necessários para restituir a cidadania de Norma.

> Cidadania é a capacidade conquistada por alguns indivíduos, ou (no caso de uma democracia efetiva) por todos os indivíduos, de se apropriarem dos bens socialmente criados, de atualizarem todas as potencialidades de realização humana aberta pela vida social em cada contexto historicamente determinado. (Coutinho, 1999, p.02).

Restituir a documentação de identificação civil de um indivíduo é fundamental para que, na ordem democrática, ele seja reconhecido como sujeito de direitos e acesse os bens e serviços ofertados por esta sociedade. No entanto, recuperar documentação pessoal de pessoas adultas, pode se tornar um processo longo, burocrático e sem resolução, visto a inabilidade de pessoas mais velhas prestarem informações sobre seus registros.

> O Registro Civil de Nascimento é crucial para o acesso aos direitos da cidadania, é um direito garantido pela Constituição Federal de 1988 e pelo Código Civil (lei nº 10.406/02), em que, nos artigos 2º, 9º e 16º define que a personalidade civil começa quando nasce, com nome, prenome e sobrenome. É um direito de todos, e deve ser feito logo após o nascimento, é ele que garante ao indivíduo cidadania e o acesso a seus direitos civis e políticos. (Silva; Coelho, 2015, p.07).

Observa-se, claramente, a violação de direitos como uma prerrogativa para a vida de determinados sujeitos. Muitas pessoas "perderam" seu registro de nascimento e seus documentos de identificação. Algumas pessoas mais velhas, nem mesmo o tiraram, pois, não havia rigor na lei que obrigasse os genitores a efetivá-lo e nem todos nasciam em hospitais e casas de saúde. Não ter o registro civil torna esse indivíduo um indigente para o Estado, o que impedirá que acesse direitos. Mas, para o trabalho doméstico remunerado ser reconhecido como cidadão ou sujeito de direitos não parece ser um requisito, como aconteceu com Ivone, história retratada no 1º capítulo deste trabalho, observa-se uma recorrência nesse tipo de situação.

O tempo passou e os documentos não chegaram. Fizemos então contato com a mulher, a menina do Largo do Soldado, para saber o que havia acontecido. Em nossa breve ligação, respondeu que não enviaria os documentos, porque seu irmão advertiu que caso Norma recuperasse seus documentos poderia acionar a justiça contra a família, para reivindicar seus direitos trabalhistas[138].

Apesar de absurda, a história de Norma é real e exemplifica duas coisas: como as relações advindas do trabalho doméstico remunerado facilitam a expropriação do corpo (e da vida) do outro e como direitos podem ser violados e suprimidos pela ausência de rigor, por parte do Estado, em zelar por eles.

Nossa estrutura social, esconde e, muitas vezes, é conivente com milhares de casos como o de Norma Brasil a fora, os pilares de nossa formação sócio-histórica, apagam, invisibilizam e silenciam essas pessoas, favorecendo o cometimento dessas violências. O lugar social ocupado pelo trabalho doméstico remunerado e por suas agentes profissionais pode ser medido nessa história, as consequências de seu desprestígio e desvalorização limitam acesso a espaços, a bens, serviços e direitos. Norma, por exemplo, antes de chegar a ILPI, estava em situação de rua. A filósofa *negra* Sueli Carneiro (2019), associa a ausência de mulheres negras nas instâncias de poder à manutenção de suas vidas na vulnerabilidade e subserviência.

> As mulheres negras estão ausente de todas as estruturas de poder da sociedade. Elas são absolutamente minoritárias em espaços de decisão. É uma condição de subordinação e de subalternização social que precisa ter as causas e as razões discutidas.[139]

Tivemos a oportunidade de entrevistar trabalhadoras domésticas sindicalistas, como fundadoras, presidentes e conselheiras de sindicatos e de outras instituições comprometidas com a defesa dos direitos dos/as trabalhadores/as domésticos/as. Os sindicatos, como fóruns privilegiados

---

[138] A título de esclarecimento, quando todas as alternativas conhecidas para regularização da situação cível de Norma foram esgotadas, requeremos a intervenção do Ministério Público do Rio de Janeiro, para emissão de registo tardio.

[139] Disponível em: https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2009/08/mulher-negra-nao-tem-espaco-nas-politicas-publicas-do-pais-diz-ativista/. Acessado em 17 de nov. de 2021.

de discussões sobre direitos, reportam situações de violação que surpreendem as sindicalistas e personificam a percepção de Sueli Caneiro (2019)[140], sobre as consequências de não termos mulheres negras em instâncias de poder.

> Olha, é tanta, tanta coisa absurda que você vê [no sindicato de empregados domésticos]. A dona Lourdes, ela já quase apanhou de um patrão, porque o patrão quase ia avançar na trabalhadora, quando eles vêm fazer acordo. Vinham fazer acordo, alguns tempos atrás...
> [...] dentro do sindicato, junto com a advogado dele.
> Aí ele veio em cima, veio em cima da trabalhadora, e... a minha mãe, eu puxei ela, né? Aí ela foi na frente assim e ele recuou, quer dizer. Aí ela: 'O senhor sabe que eu posso chamar a polícia pro senhor, o senhor sabe, né?'. Aí o advogado apavorado: 'Não, não! A senhora me desculpa, me desculpa, me descontrolei, me perdoa. – Tudo bem, mas o senhor se controla, porque eu posso chamar a polícia'. (*Marli Pereira*, 54 anos)

> O mínimo é garantido. Então, assim, conversando com essa, essa menina, ela me disse o seguinte: ela trabalhava por dez nessa família, tá? Ela tem um pedacinho de terra, que é o meeiro, né? Tem um pedacinho de terra. Trabalhava a semana toda, na casa dessa família, e aos domingos ela ia para a roça para cuidar desse pedacinho de terra dela. Então, não tem descanso, né?
> E aí, eu perguntei o quanto ela ganhava, é... Acho que era a metade do salário-mínimo da época.
> Bem, bem pouco. Bem pouco. E eu perguntei: 'mas minha filha, você só ganha isso?' – Ah! Mas tá muito bom! Tá muito, ela disse... Entendeu?
> Ela disse: 'Tá muito bom, porque eu ainda cuido da minha terrinha'. Eu digo: 'Gente...' (*Laudelina,* 86 anos)

Nessas falas, é possível observar ainda, que nem mesmo no sindicato da categoria, – espaços de proteção e defesa dos direitos da classe trabalhadora – essas mulheres são respeitadas como seres humanos, cidadãs ou sujeitos de direitos, reivindicar direitos assegurados, pode ser considerado pelos empregadores e opressores um ato de insubordinação, já que muitos pensam que as domésticas deveriam ter gratidão pela oportunidade concedida, como se não fosse uma relação trabalhista. Parece que esse grupo não tem direito a ter direitos, sendo as trabalhadoras tratadas como "*cidadãs de segunda classe*", parafraseando o título do livro da autora nigeriana Buchi Emecheta (1974). Para a autora, uma cidadã de segunda classe é sistematicamente discriminada – pela raça, gênero, classe social etc. – dentro do Estado e de suas instituições, apesar da manutenção do seu status de cidadã. "Estava aprendendo a desconfiar de tudo que era bonito e puro. Essas coisas eram para os brancos, e não para os negros". Observa-se que, a partir do racismo estrutural, a população negra vai desenvolvendo uma autoimagem destorcida e baixa autoestima, não se vendo como merecedora de coisas boas, ou mesmo de direitos, se colocando no lugar de segunda classe.

[140]Op Cit.

> [...] eu não queria! Eu falava: 'Não, vou ser trabalhadora doméstica, só por enquanto'. E tinha vergonha, como a maioria tendo vergonha de ser trabalhadora doméstica. Passei um bom período tendo vergonha de ser trabalhadora doméstica. Eu falava assim: 'Eu só tô, mas não sou trabalhadora doméstica! (*Marli, 54 anos*).
>
> Vim do interior [...], para casa de uma senhora amiga [...] para brincar com os filhos dela, com promessas de que iria me colocar na escola... (*Esperança, 64 anos*).

Vejam que a própria doméstica, não ê o trabalho doméstico remunerado como "um trabalho como outro qualquer", envergonha-se, acredita que não é uma coisa boa. A própria estrutura social se encarrega de inferiorizar essas mulheres, colocá-las e mantê-las no lugar subalterno e negar-lhes direitos, mesmo o direito mais primário, que é o direito a brincar[141].

Há uma subversão de valores, valores que levam o negro a odiar o próprio negro e querer afastar-se "do que é ruim", negando sua própria origem.

> Seu Fernando, então! Uma vez, me lembro como se fosse hoje. Meu patrão, não sei pra onde nós fomos, **tinha um rapaz bem preto**, bem pretinho, gostou de mim, sabe? Aí, eu: 'Ah, eu não quero **aquilo**, não, nem sei quê'. Aí ele: "Você tem preconceito de cor, *Antonieta*? (risos) O que é isso, *Antonieta*?'. Eu falei: "Não, seu Fernando! Não é nada disso, não, que eu também não sou branca!'. (risos) 'Não, não é isso, não. Eu porque não gostei, seu Fernando. Ah, não é nada, não. Não é porque ele é preto, porque eu também não sou branca!' – eu pra ele. Aí, ele riu tanto e eu também ri, ah, mas era uma graça! Era tão bom! (som de muxoxo)
> A gente se divertia, sair assim, na Mangueira [Escola de Samba]. O dia em que nós fomos na Mangueira, uma porção de **neguinho** pra cima de mim. (risos)
> [Mas a senhora não ficou com ninguém?]
> Não! Não fiquei, não. Não fiquei com ninguém.
> Sei lá, não sei. Não gostei, não. Eu falei: 'Ah, é samba. Esse negócio de samba...' (*Antonieta*, 78 anos).

Trouxemos esse depoimento para o texto, com o intuito de exemplificar como o racismo estrutural cria ideias que afastam negros de negros e, de sua negrite e como a negritude passa a ser repelida numa construção social em que pessoas negras "não merecem coisas boas." Fazemos então uma relação com os direitos, que como "coisas boas", são negados, violados ou interrompidos quando estamos falando de pessoas negras ou "cidadãos de segunda classe", aos negros somente às coisas ruins, o que ficará comprovado com os casos registrados aqui.

Com o nascimento do Estado de Direito, "que tem origem na Idade Média, como forma de contenção do poder absoluto"[142], o indivíduo passa a ter, em relação ao Estado, não só direitos

---

[141] O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei No 8.069, de 13 de jul. de 1990 –, assegura em seu Art. 16, a criança e ao adolescente, o direito de "brincar, práticas esportes e divertir-se."

[142] A ideia de Estado de Direito, que tem origem na Idade Média, como forma de contenção do poder absoluto, ressurgiu nas últimas décadas como um ideal extremamente poderoso para todos aqueles que lutam contra o autoritarismo e o totalitarismo, transformando-se num dos principais pilares do regime democrático. Para os defensores de direitos humanos, o Estado de Direito é visto como uma ferramenta indispensável para evitar a discriminação e o uso arbitrário da força. [...] Do outro lado do espectro político, até mesmo os marxistas, que viam antigamente o Estado de Direito como um mero instrumento superestrutural, voltado à manutenção do poder das elites, começaram a vê-lo como um 'bem humano incondicional'. (Oscar Vieira, 2017. Disponível em: Estado de Direito (pucsp.br). Acessado em 07 de jul. de 2023).

privados, mas também direitos públicos, "O Estado Democrático de Direito, fenômeno característico da modernidade, é fruto de um processo histórico que envolveu transformações sociais, econômicas e culturais" (Vilhena, 2017). Em resumo, o Estado de Direito é do povo e para o povo, que tem no Estado, o responsável por resguardar sua dignidade humana, assegurando condições dignas para o convívio social.

> Considerados como membros de uma sociedade que deve ser mantida, existem leis na relação entre aqueles que governam e aqueles que são governados; é o DIREITO POLÍTICO. Elas existem ainda na relação que todos os cidadãos possuem entre si; e é o DIREITO CIVIL. O direito das gentes está naturalmente baseado neste princípio: que as diversas nações devem fazer umas às outras, na paz, o maior bem e, na guerra, o menor mal possível, sem prejudicar seus verdadeiros interesses. O objetivo da guerra é a vitória; o da vitória, a conquista; o da conquista, a conservação. Deste princípio e do anterior devem derivar todas as leis que formam o direito das gentes. Todas as nações possuem um direito das gentes; e até mesmo os iroqueses, que comem seus prisioneiros, possuem um. Enviam e recebem embaixadas; conhecem direitos da guerra e da paz: o mal consiste em que este direito das gentes não está baseado nos princípios verdadeiros. Além do direito das gentes, que diz respeito a todas as sociedades, existe um direito político. (Montesquieu, 2000, p.10-11).

Dentre as definições clássicas dadas para significar o Estado Democrático de Direitos, a obra de Montesquieu (2000), deixa claro que para que haja democracia, o "direito das gentes"[143], é preciso haver igualdade entre os homens, leis que assegurem esses direitos e limitem poderes, caso contrário, a democracia estará ameaçada "pois sendo todos tão iguais, logo se sentirão em condições de comandar, e ninguém aceitará submeter-se a outrem. Todos desejarão o comando e nenhum comando será acatado" (Gomes, 2012, p.06).

Para manutenção do Estado Democrático de Direito, além de igualdade, é necessário que haja liberdade, especialmente, política. "A liberdade é o direito de fazer tudo que as leis permitem; e se um cidadão pudesse fazer o que elas proíbem ele já não teria liberdade, porque os outros também teriam este poder" (Montesquieu, 1996, p.166 apud Gomes, 2012, p.06).

Já falamos sobre racismo, machismo e outras formas de preconceito, nos capítulos anteriores deste trabalho, discriminações experimentadas cotidiana e intensamente por mulheres negras, mas, infelizmente, à medida que vamos nos aprofundando no processo de análise, observamos que muitas das violações experimentadas por esse grupo, se alicerçam nesses valores, por isso, estamos sempre voltando a esse ponto.

---

[143] "Essas duas espécies de estado de guerra levam ao estabelecimento das leis entre os homens. Considerados como habitantes de um planeta tão grande que é necessário haver diferentes povos, eles possuem leis na relação que esses povos mantêm entre si; esse é o direito das gentes. Considerados enquanto vivendo numa sociedade que deve ser mantida, possuem leis na relação que os que governam mantêm com os que são governados; esse é o direito político. E também possuem leis na relação que todos os cidadãos mantêm entre si; e esse é o direito civil." (Montesquieu, 2000).

Para exercer os direitos civis – "direito à liberdade, à propriedade e à igualdade perante a lei"[144] – os sujeitos precisarão ser tratados com igualdade perante a lei e terem acesso as oportunidades, para que de fato, possam gozar esses direitos. Porém, em aula ministrada, em 22 de setembro de 2020, no curso de extensão[145] "*Raça, Gênero, Democracia e Participação Política no Brasil*", promovido pela Escola do Parlamento de São Paulo e o Geledés Instituto da Mulher Negra, a professora e filósofa Sueli Carneiro afirmou que "*enquanto houver racismo e machismo não haverá democracia*". Racismo e machismo são valores (estruturantes e estruturais) que limitam liberdades e diferenciam os sujeitos, tornando-os *cidadãos de segunda classe* o que, automaticamente, comprometem o acesso e gozo de direitos e serviços historicamente conquistados e, efetivados pelo Estado Democrático.

O fato de não ter documentos de identificação pessoal, fez com que, oficialmente, *Norma não existisse* para o Estado, para a sociedade, para ninguém, além da equipe que lhe atendia e tentava incessantemente assegurar-lhe a cidadania. A ela foi negado o direito de existir e, consequentemente, todos os demais direitos conhecidos.

> Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos [...]. (Brasil, 1988).

O registro civil de nascimento é o primeiro ato da vida civil do sujeito, esse ato que fará com que esse sujeito seja reconhecido como cidadão, tornando-se parte da sociedade e recebendo o alvará para acessar os direitos constitucionalmente garantidos. Sem essa licença, o sujeito torna-se, automaticamente, um indigente, sem acesso a direitos e recursos institucionais de suprir suas necessidades.

Vejam que somente neste trabalho, identificamos 2 casos de ***mulheres negras***, indocumentadas: *Ivone* e *Norma*[146], ambas mulheres mais velhas, que nasceram em um tempo que a exigência de realização de registro de nascidos vivos eram escassez e, também o conhecimento de famílias mais pobres. Vejam como a realidade muda de uma geração para outra. Hoje os genitores são obrigados e registrarem seus filhos ao saírem da maternidade, um passo importante, em direção

[144] Disponível em: SciELO - Brasil - Direitos no Brasil: necessidade de um choque de cidadania Direitos no Brasil: necessidade de um choque de cidadania. Acessado em 27 de mai. de 2023.).
[145] Maiores informações sobre o curso estão disponíveis em: Raça, Gênero, Democracia e Participação Política no Brasil (saopaulo.sp.leg.br).
[146] Histórias de vida contadas nos capítulos 1 e 3, respectivamente, desta tese. Tratam-se de nomes fictícios.

ao pleno exercício da cidadania. Outrossim, ficamos nos questionando por que sempre com pessoas negras.

> Quem não tem registro de nascimento não pode tirar nenhum outro documento, não vota, não tem emprego formal, conta em banco ou bens em seu nome. Só consegue atendimento médico de emergência e não pode ser incluído em políticas sociais. O acesso à educação é limitado, pois as escolas exigem documentação para matricular crianças. (Escóssia, 2021, p.15).

A "a ausência de pedaços de papel que atestem um mínimo de dignidade", compromete a cidadania, entendida aqui como: "*status* concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade. Todos aqueles que possuem o status são iguais com respeito aos direitos e obrigações pertinentes ao *status*" (Marshall, 2002, p.24). Segundo Escóssia (2021, p. 18), ainda hoje no Brasil, documentos são a porta de entrada para as políticas públicas e projetos sociais, logo, esses sujeitos invisíveis, serão duplamente castigados por não terem como cumprir tal exigência. "[...] a cidadania brasileira, tecnicamente, é universal e oferece direitos a toda a população, mas é de fato desigual na distribuição desses direitos". (Escóssia, 2021, p.17).

Há nessa situação consequências objetivas, que limitam as possibilidades de existir, mas, há também, consequências subjetivas. "Cidadãos de segunda classe" sabem que são considerados inferiores, sentem que tem menor valor diante da sociedade, porque têm clareza que não são visíveis, é como se não existissem.

> A vergonha é um sentimento recorrente entre as pessoas indocumentadas, diz a juíza Raquel Chrispino, que há 15 anos trabalha com essa população e é coordenadora do programa de Erradicação do Sub-registro do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. 'A pessoa se sente culpada por não ter documentos, é como se ela fosse um ser humano de quinta categoria.'[147]

Vejamos, Ivone e Norma, e um conjunto de cidadãos que não possuem documentação de identificação pessoal – por diferentes motivos –, são sujeitos que vivem a "margens do Estado[148], já que uma vez que, não existem, não são alcançados por políticas públicas, não conhecidos pelo Estado. Essa será uma vida ainda mais difícil, porque ela é inexistente. Na verdade, esses sujeitos

[147]Reportagem "Invisíveis no Brasil, sem documento e dignidade: 'Eu nem no mundo existo', de Joana Oliveira, publicada em 28 de nov. de 2021, no jornal "El país". Disponível em: Invisíveis no Brasil, sem documento e dignidade: "Eu nem no mundo existo" | Atualidade | EL PAÍS Brasil (elpais.com). Acessado em 27 de mai. de 2023.

[148] "Margens do Estado, a partir do conceito proposto por Das e Poole (2004:10), são comumente entendidas como: (1) 'periferias' onde vivem pessoas consideradas 'insuficientemente socializadas' de acordo com a ordem e as leis vigentes, que etnógrafos têm analisado interrogando os modos utilizados pelo Estado para, por meio da força ou do convencimento, ou de ambos, enquadrar esses sujeitos no arcabouço estatal; (2) lugares onde direitos podem ser violados mais facilmente, e cujos habitantes são muitas vezes ilegíveis pelo Estado; os documentos adquirem papel fundamental, já que tornam tais pessoas legíveis por esse mesmo Estado; (3) um espaço localizado entre 'corpos, lei e disciplina', isto é, não necessariamente um espaço geográfico, mas um conjunto de articulações e relações." (ESCÓSSIA(Escóssia, 2021, p.47).

vivem as práticas, lugares e linguagens em espaços que parecem estar nos limites do funcionamento regulamentado do Estado-nação". (Escóssia, 2021, p.14).

Em muitos casos, viver do trabalho doméstico remunerado, é estar nesse "limite do funcionamento regulamentado" do Estado e da sociedade e, ter um corpo racializado, aciona um mecanismo social e imaginário que autoriza e naturaliza o cometimento dessas violações. Gostaríamos de trazer o relato feito por Escóssia (2021):

> Um exemplo claro da *urgência de legalidade* aconteceu com a doméstica Maria da Conceição, de 52 anos, que veio de Pernambuco para o Rio há cerca de 30 anos, já sem documentação. Maria é uma das personagens mais marcantes da minha pesquisa, e tive a oportunidade de entrevistá-la várias vezes ao longo do trabalho. Já falei de Maria neste capítulo ao analisar a forma como a pessoa sem documentos fala de si, pois é dela a frase: 'Eu me sinto um cachorro. Sou uma pessoa que não existe'. [...] Maria sempre trabalhou como diarista, sem carteira assinada nem documento algum. Teve companheiros, tem filhas e netas. Nunca votou e não sabe ler nem escrever. Construiu sua existência nas margens do Estado, sem legibilidade diante dele. Conseguiu comprar um barraco na região de São Gonçalo, município da região Metropolitana do Rio. Há mais ou menos 15 anos começou a sentir um caroço na mama esquerda, mas, sem documentos, conseguiu apenas tratamento de emergência na rede pública de sua cidade. Em setembro de 2016, quando a conheci, o caroço tinha crescido e alcançava o tamanho de uma laranja, projetando-se para fora do corpo. No posto médico, o caso foi diagnosticado como um tumor maligno que precisava ser operado, mas tanto o tratamento quimioterápico quanto a cirurgia só poderiam ser feitos caso ela apresentasse documentos. (p.51-52, grifos do original).

Maria terá passado por quantas "*casas de família*" na condição de indigente sem que qualquer contratante soubesse de sua situação ou lhe orientasse para que pudesse buscar o *status* de cidadã? O descaso com que essas mulheres são tratadas só poderá ser compreendido a partir de uma leitura racializada de suas realidades, que lhes atravessa corpos e existências.

> [...] a exclusão documental brasileira tem causas estruturais, que começam na falta de integração dos sistemas burocráticos, como os cartórios, que realizam as certidões de nascimento, e as secretarias estaduais de Segurança Pública, responsáveis pelo RG e CPF. Outras causas são o abandono paterno, quase endêmico no país, racismo e machismo. 'Conheci uma mulher que não foi registrada porque o pai disse que não tinha filha 'muito preta' e outra cujo progenitor só registrava os filhos homens, porque 'mulher não precisa disso'', [...].[149]

A nível individual, a violação dos direitos de mulheres que vivem do trabalho doméstico remunerado, vai acontecendo dessa maneira, nas sutis exigências e condicionalidades para exercício da cidadania. A nível coletivo, quando pensamos o coletivo dos trabalhadores domésticos, a violação se inicia no não reconhecimento da profissão e, consequente, não concessão de direitos trabalhistas para a categoria, o que culminou com um longa e intensa luta por direitos.

[149] Reportagem "Invisíveis no Brasil, sem documento e dignidade: 'Eu nem no mundo existo', de Joana Oliveira, publicada em 28 de nov. de 2021, no jornal "El país". Disponível em: Invisíveis no Brasil, sem documento e dignidade: "Eu nem no mundo existo" | Atualidade | EL PAÍS Brasil (elpais.com). Acessado em 27 de mai. de 2023.

Quando analisamos, rapidamente, a trajetória da legislação trabalhista brasileira, temos "em 27 de fevereiro de 1941 o Decreto-Lei nº 3.078 conceituou de forma simples os trabalhadores domésticos e disciplinou a locação dos seus serviços."[150] Já em 1943, a promulgação da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), sem dúvida, uma conquista sem precedentes para o conjunto dos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros/as. No novo ordenamento jurídico, ficam assegurados direitos como férias remuneradas, horas extras e 13º salário aos trabalhadores e trabalhadoras brasileiras e a confirmação da Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS)[151], que conferia um outro status social ao/a trabalhador/a, lido como formal.

Nessa ocasião, trabalhadores/as domésticos/as não foram incluídos, como categoria profissional a ser protegida por tal legislação, mantendo o trabalho doméstico no rastro da escravidão, do desprestigio social e da desproteção. Certamente, o fato de ser, historicamente, exercido por mulheres e, em grande parte negras, tenha contribuído para sua não inclusão, além do prevalecimento da lógica que "não é trabalho, é apenas uma ajuda". "Em que pese todas as leis e a busca de melhores condições de trabalho, o trabalhador doméstico permaneceu até recentemente desfavorecido e discriminado, com vedação de muitos direitos à categoria persistindo, ainda, resíduos da época da escravidão"[152].

> A escravidão foi abolida, mas o trabalhador doméstico continuou sem qualquer regulamentação de suas atividades, estando à mercê de abusos por partes de seus empregadores.
> Assim, em 1916, o Código Civil disciplinou contratos trabalhistas ligados à locação de serviços dos empregados, inclusive domésticos e, em 30 de julho de 1923, foi aprovado o Decreto nº 16.107, que regulamentou a locação desses serviços e trouxe dispositivos que visavam atender as necessidades e interesses desses trabalhadores.[153]

O processo para que a profissão fosse regulamentada e seus/as trabalhadores/as acessassem direitos trabalhistas, foi arrastado, marcado por muitos embates. Só foi possível avançar (ainda que lentamente) graças a mobilização de aguerridas e incansáveis mulheres negras, como *D.*

---

[150] Op Cit.

[151] "Instituída pelo Decreto nº 21.175, de 21 de março de 1932 e posteriormente regulamentada pelo Decreto nº. 22.035, de 29 de outubro de 1932" a Carteira de Trabalho e Previdência Social tornou-se documento obrigatório para toda pessoa que venha a prestar algum tipo de serviço a outra pessoa, seja na indústria, no comércio, na agricultura, na pecuária ou mesmo de natureza doméstica. A Carteira de Trabalho e Previdência Social é hoje, por suas anotações, um dos únicos documentos a reproduzir com tempestividade a vida funcional do trabalhador. Assim, garante o acesso a alguns dos principais direitos trabalhistas, como seguro-desemprego, benefícios previdenciários e FGTS". (Disponível em: Evolução do emprego com carteira de trabalho assinada (ibge.gov.br). Acessado em 23 de fev. de 2023).

[152] Op Cit.

[153] Disponível em: Trabalho Doméstico no Brasil: Os avanços trazidos pela Lei Complementar 150/15 | Jusbrasil. Acessado em 27 de mai. de 2023.

Laudelina de Campos de Mello[154], fundadora do 1º sindicato da categoria no Brasil, em 1936. A trajetória de vida de D. Laudelina se confunde com a luta de trabalhadoras domésticas por direitos.

> O movimento por direitos começou na década de 1930, com a mineira LAUDELINA DE CAMPOS MELO. Neta de escravos, fundou a Associação das Trabalhadoras Domésticas em Santos (SP).
> Na década de 60, em plena Ditadura Militar, Laudelina inaugurou a Associação Profissional Beneficente das Empregadas Domésticas.
> Em 1972, Laudelina foi fundamental na elaboração de um projeto de lei que formalizou o reconhecimento do trabalho doméstico na legislação trabalhista.
> Depois de muita mobilização, a Constituição de 1988 passou a contar com um conjunto mínimo de direitos para trabalhadoras domésticas, além da sindicalização da categoria.
> Laudelina inspirou toda uma geração que passou a lutar por mais direitos.
> Ela morreu em 1991, aos 86 anos, mas sua semente germinou por todo o Brasil, em forma de sindicatos, que passaram a buscar o reconhecimento profissional da categoria. [...]
> Entre 2012 e 2015, foi criada uma comissão em Brasília para discutir a PEC das Domésticas. A lei foi aprovada, mas, nem tudo era consenso. Por exemplo: a Lei Complementar 150 não protege as diaristas[155].

No processo de mapeamento e localização de nossas interlocutoras, encontramos uma trabalhadora doméstica aposentada, sindicalista, que conheceu e interagiu com D. Laudelina, por isso inclusive, a identificamos como *Laudelina,* memória viva da luta histórica das domésticas pelo acesso a direitos e condições mínimas de trabalho.

> Certo? E eu vi tanta, assim, como é que eu posso dizer? As mesmas coisas, assim, mais ou menos, que eu tinha que lutar, enquanto trabalhadora doméstica por dignidade, por respeito, por direito, eu via acontecer ali. Entendeu?
> É, para lutar. Por isso o luto é a minha categoria.
> Questão democrática comigo é uma coisa que ela é tudo! Reuni a categoria, né? A diretoria para discutir, porque quando assumi o sindicato, a gente começou muito a articular com a América Latina. Com todos os, com vários países da América Latina. Entende? (*Laudelina,* 86 anos).

Outras participantes da pesquisa, também são ou foram sindicalistas, seus depoimentos são densos e críticos em relação a realidade – absurda – que é vivenciada pelas trabalhadoras domésticas. Suas histórias de vida, assim como a de D. Laudelina, a original, se confundem com a luta por direitos da categoria. Nos impressionou como a luta dessas mulheres é constante, e como elas

---

[154]**Laudelina de Campos Melo** foi defensora dos direitos das mulheres e empregadas domésticas. Nascida em Poços de Caldas (MG), em 1904, perdeu o pai e teve de largar os estudos e trabalhar como empregada doméstica, com apenas 7 anos de idade, para cuidar dos cinco irmãos mais novos. Com 18 anos, mudou-se para Santos (SP), onde casou-se e, junto ao marido, participava da agremiação Saudade de Campinas, um grupo de valorização da cultura negra. Em 1936, Laudelina se filiou ao Partido Comunista Brasileiro e fundou a primeira Associação de Trabalhadoras Domésticas no Brasil. Separou-se do marido em 1938, mas se envolveu cada vez mais com movimentos políticos de esquerda, militando também na Frente Negra Brasileira. Anos depois, mudou-se para Campinas, onde integrou o Movimento Negro de Campinas e protestava contra o racismo. [...]. (Arraes, 2017, p.83, grifos do original).

[155] Disponível em: Themis - Gênero, Justiça e DH (@themis.org.br) • Fotos e vídeos do Instagram. Acessado em 23 de fev. de 2023.

não se cansam, levam o compromisso com a categoria como projeto de vida, fazem isso com muita dedicação e amor. Nossa entrevistada *Marli*, por exemplo, é filha e neta de trabalhadoras domésticas. Sua mãe e avó, participaram da fundação e presidiram um dos sindicatos da categoria, aqui no estado do Rio de Janeiro, em um município da Baixada Fluminense mais especificamente. Parece que quem sai aos seus, não degenera.

> No momento estou presidenta do sindicato [...]. Já são dois mandato. Oito anos, oito não. Quatro, cinco, seis, sete anos... Quatro, cinco, seis, sete anos. Tem muito mais! Eu praticamente fui nascida aqui dentro. Assumi bem depois! E... sou também da Federação... Da FENATRAD, Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas. No momento, eu tô secretária de ata.
> Então, eu sou filha de sindicalista, né? Eu praticamente fui nascida aqui dentro do sindicato. Mas não queria ser doméstica, né? (*Marli Pereira*, 54 anos).

Importante considerarmos que a realidade na qual essas mulheres estão inseridas, levam-nas, pelo menos algumas, a assumirem seu papel como sujeito político[156], aquele incansável e contestador diante das desigualdades, buscando reconhecimento de seu trabalho, a partir do asseguramento de condições dignas para exercício de suas funções, de uma tratativa igualitária em relação aos demais trabalhadores.

No ano de 1972, mesmo com a supressão de tantos direitos, inclusive do direito à liberdade, impostas pela Ditadura Militar, os trabalhadores domésticos tiveram uma vitória "algumas poucas prerrogativas e proteções a estes trabalhadores [...] com a Lei nº 5.859/72, que trouxe alguns direitos como benefícios e serviços da previdência social, férias anuais com o adicional de 1/3 e carteira de trabalho, vale transporte[157]", mas, ainda não foram reconhecidos como categoria profissional.

Nos anos que se seguem o país está embalado na luta pela sua redemocratização e para que o Estado conceda direitos e benefícios aos cidadãos; o movimento das trabalhadoras domésticas segue lutando pelo reconhecimento da categoria profissional e pela completa inclusão desses/as trabalhadores/as na legislação trabalhista.

A aclamada Constituição Federal de 1988, conhecida como "*Constituição Cidadã*", justamente, por privilegiar direitos sociais, estabelece algumas concessões aos trabalhadores domésticos, a saber:

> [...] alguns direitos, previstos em nove dos trinta e quatro incisos do Art. 7º: salário-mínimo (IV), irredutibilidade de salário (VI), 13º salário com base na remuneração integral (VIII), repouso semanal remunerado (XV), férias anuais remuneradas com um terço a mais (XVII), licença maternidade (XVIII), licença paternidade (XIX),

---

156 "[...] o sujeito político é aquele que, reconhecido em sua diferença e singularidade, exerce sua participação cidadã em contextos públicos na defesa de direitos das particularidades das diferenças culturais e de minorias". (Silveira, Stralen, 2017, p.942).

157 Disponível em: Trabalho Doméstico no Brasil: Os avanços trazidos pela Lei Complementar 150/15 | Jusbrasil. Acessado em 27 de maio de 2023.

> aviso prévio (XXI), aposentadoria por idade, tempo de contribuição e invalidez (XXIV)[158].

Observe-se que os/as trabalhadores/as domésticos/as ainda não foram equiparados ao conjunto dos trabalhadores brasileiros, protegidos desde 1943, pela promulgação da CLT. Em 2001, foi promulgada a Lei nº10.208, que facultava à categoria o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e o seguro-desemprego, mas, como medida facultativa. Obviamente, poucos empregadores aderiram a decisão.

> O primeiro real grande avanço veio com a Lei nº 11.324/2006, que agregou à categoria direito a descanso semanal remunerado aos domingos e feriados, pagamento em dobro do trabalho em feriados civis e religiosos, trinta dias corridos de férias, garantia de emprego à gestante desde a confirmação da gravidez até cinco meses após o parto e vedou descontos no salário do empregado por fornecimento de alimentação, higiene, vestuário e moradia".[159]

Foram 72 anos de luta, até que o trabalho doméstico fosse regulamentado como profissão, o que aconteceu com a promulgação da Lei Complementar nº 150, de 1º de junho de 2015, reconhecendo-o como atividade laborativa formal e estendendo ao conjunto dos trabalhadores domésticos todos os direitos trabalhistas, já conquistados e assegurados por outras categorias profissionais desde a promulgação da CLT. Porém, mesmo com a promulgação da Lei 150/15, a batalha das domésticas segue, agora pelo reconhecimento e efetivação da lei, pois, as estatísticas mostram que menos de 1/3 da categoria tem suas carteiras de trabalho assinadas, o que lhes daria a segurança mínima para o exercício profissional.

O descumprimento da lei ou pelo menos a intenção de empregadores descumprirem com suas obrigações, enquanto patrões, fica explicita nos anúncios de vagas para trabalhadoras domésticas.

> Preciso urgente de uma doméstica que saiba cozinhar muito bem, limpa zelosa e organizada.
> Folga quinzenal.
> Na casa tem a babá que cuida do meu filho autista. E no fim de semana que ela folgue, você assume.
>
> Vaga de doméstica para trabalho no ParkWay, próximo a Águas Claras (DF). O serviço é para cozinhar e cuidar das roupas, lavar e passar. Na casa tem outra secretária que cuida da limpeza.
> Ter boa referência. Pegar 1 ônibus só. Moro no Park Way, próxima a Águas Claras.
> Salário R$ 1.500,00 + passagens. De 2ª a 6ª feira, das 07 às 17horas com 1 horas de almoço e sábado das 07 às 13 horas.[160]

---

[158]Op Cit.
[159]Op Cit.
[160] Anúncios publicados no perfil do Instagram @elaesoababa. Disponível em: Ela é só a babá (@elaesoababa) | Instagram. Acessado em 07 de julho de 2023.

A não concessão de direitos trabalhistas, aos trabalhadores domésticos por tanto tempo, bem como, a resistência por parte da elite em cumprir a legislação, pagando os direitos desses trabalhadores, diz muito sobre o caráter escravista que o trabalho doméstico remunerado ainda guarda em si, mesmo o Estado brasileiro demonstrando interesse em dirimir as desigualdades históricas e estender direitos à categoria, a "*elite do atraso*", segue resistente, de outro lado, o movimento das trabalhadoras domésticas segue aguerrido, pressionando o Estado e a sociedade para que a categoria seja respeitada e tratada como trabalhadores que são.

> [...] um casal muito muito rico, tem duas empregadas há uns 15 anos, que dormem no emprego. Quando veio a PEC [das domésticas], a dona da casa – que não suporta a ideia de ter um livro de ponto em casa, e ao mesmo tempo ter o direito de pedir um chá às 10h da noite –, fez as contas com o contador, soube o quanto custaria pagar as horas extras, e chamou as duas para conversar.
> Nenhuma delas queria virar diarista, pois estavam gostando do emprego e tinham, cada uma, seu quarto confortável, ar-condicionado, televisão; foi combinado, então um bom aumento. Os principais direitos elas já tinham, foi acrescentado o FGTS, e como nenhuma das duas pretendia ter filhos, os auxílios creche e maternidade estavam fora da questão.
> O que o empregador não aceitava era se sentir vigiada pelo Grande Irmão, de George Orwell, a cada vez que pedisse um chá às 10h da noite. As partes se acertaram, mas talvez estejam vivendo na ilegalidade. (Leão, 2013)

Só gostaríamos de destacar que o texto acima foi retirado de uma coluna de um grande jornal, escrita por uma famosa socialite brasileira, que reproduz a opinião da elite, sobre a garantia de direitos trabalhistas para as trabalhadoras domésticas.

Os esforços empreendidos pela categoria para reconhecimento de seus direitos, renderam a ratificação, por parte do Brasil, da Convenção 189, da Organização Internacional do Trabalho (OIT) 189, sobre o trabalho doméstico. A Convenção 189 é um importante tratado internacional que estabelece padrões de proteção específicos ao trabalho doméstico remunerado[161]. Tal documento, "estabelece os princípios e direitos básicos e exige que os Estados tomem um

[161] A Conferência Geral da Organização Internacional do Trabalho, Convocada em Genebra pelo Conselho de Administração da Organização Internacional do Trabalho, reunida nesta cidade no dia 1º de junho de 2011 em sua 100ª Reunião; Consciente do comprometimento da Organização Internacional do Trabalho de promover o trabalho decente para todos por meio do alcance dos objetivos da Declaração da OIT sobre os Princípios e Direitos Fundamentais no Trabalho e da Declaração da OIT sobre Justiça Social para uma Globalização Equitativa; Reconhecendo a contribuição significativa dos trabalhadores domésticos para a economia global, que inclui o aumento das possibilidades de trabalho remunerado para as trabalhadoras e trabalhadores com responsabilidades familiares, o aumento da capacidade de cuidado das pessoas de idade avançada, das crianças e das pessoas com deficiência, e um aporte substancial das transferências de renda em cada país e entre os países; Considerando que o trabalho doméstico continua sendo subvalorizado e invisível e é executado principalmente por mulheres e meninas, muitas das quais são migrantes ou membros de comunidades desfavorecidas e, portanto, particularmente vulneráveis à discriminação em relação às condições de emprego e trabalho, bem como outros abusos de direitos humanos; Considerando também que, em países em desenvolvimento, que historicamente têm escassas oportunidades de emprego formal, os trabalhadores domésticos constituem uma proporção significativa da força de trabalho nacional e permanecem entre os mais marginalizados; e Recordando que convenções e recomendações internacionais do trabalho se aplicam a todos os trabalhadores, inclusive trabalhadores domésticos, a não ser que se disponha o contrário; [...]. (OIT, 2011).

conjunto de medidas para tornar o trabalho digno uma realidade para os(as) trabalhadores(as) domésticos(as)" (OIT, 2011).

> **Artigo 3**
> 1. Todo Membro deverá adotar medidas para assegurar a promoção e a proteção efetivas dos direitos humanos de todos os trabalhadores domésticos, em conformidade com as disposições da presente Convenção.
> 2. Todo Membro deverá, no que diz respeito aos trabalhadores domésticos, adotar medidas previstas na presente Convenção para respeitar, promover e tornar realidade os princípios e direitos fundamentais no trabalho, a saber: (a) a liberdade de associação e a liberdade sindical e o reconhecimento efetivo do direito à negociação coletiva; (b) a eliminação de todas as formas de trabalho forçado ou obrigatório; (c) a erradicação efetiva do trabalho infantil; e (d) a eliminação da discriminação em matéria de emprego e ocupação.
> 3. Ao adotar medidas para assegurar que os trabalhadores domésticos e os empregadores dos trabalhadores domésticos usufruam da liberdade sindical, da liberdade de associação e do reconhecimento efetivo do direito à negociação coletiva, os Membros deverão proteger o direito dos trabalhadores domésticos e dos empregadores dos trabalhadores domésticos de constituir organizações, federações e confederações, que julguem pertinentes, e, a partir da condição de observar os estatutos destas organizações, afiliar-se às mesmas.
>
> **Artigo 4**
> 1. Todo Membro deverá estabelecer uma idade mínima para os trabalhadores domésticos, em consonância com as disposições da Convenção sobre a Idade Mínima, 1973 (nº 138), e a Convenção sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil, 1999 (nº 182), idade que não poderá ser inferior à idade mínima estabelecida na legislação nacional para os trabalhadores em geral.
> 2. Todo Membro deverá adotar medidas para assegurar que o trabalho realizado por trabalhadores domésticos menores de 18 anos e com idade superior à idade mínima para emprego não os impeça ou interfira em sua educação obrigatória, nem comprometa suas oportunidades para acessar o ensino superior ou uma formação profissional.
>
> **Artigo 5**
> Todo Membro deverá adotar medidas para assegurar que os trabalhadores domésticos gozem de uma proteção efetiva contra todas as formas de abuso, assédio e violência.
>
> **Artigo 6**
> Todo Membro deverá adotar medidas para assegurar que trabalhadores domésticos, como os trabalhadores em geral, usufruam de condições equitativas de emprego e condições de trabalho decente, assim como, se residem no domicílio onde trabalham, assegurar condições de vida decentes que respeitem sua privacidade. (OIT, 2011)

Um país ratificar uma Convenção Internacional como esta, significa que "seu governo assume formalmente o compromisso de cumprir todas as obrigações que decorrem da Convenção, e de apresentar periodicamente à OIT um relatório com as medidas que adotou nesse sentido" (OIT, 2011).

O Brasil assumiu o compromisso público, com a proteção do trabalho doméstico remunerado e de seus/as trabalhadores/as em 2018, 7 anos após a divulgação do tratado e 3 anos após a promulgação da Lei 150/15, torando-se signatário da Convenção 189.

> [...] o Brasil passa a ser o 25º Estado Membro da OIT e o 14º Estado membro da região das Américas a ratificar a Convenção.
> A ratificação da Convenção nº 189 representa um passo importante que apoia uma série de medidas tomadas pelo Governo brasileiro para fornecer proteções fundamentais aos trabalhadores domésticos. Essas medidas incluem a adoção de uma emenda constitucional em abril de 2013, que estabeleceu uma semana de trabalho de no máximo 44 horas. Além disso, a adoção da Lei Complementar nº 150 de 1º de junho de 2015 proibiu o trabalho doméstico para menores de 18 anos e instituiu a jornada de trabalho de no máximo oito horas por dia, o direito a férias remuneradas, a multa por demissão injustificada e o acesso à proteção social, entre outras coisas.
> O instrumento formal de ratificação foi depositado durante uma reunião com o Diretor-Geral da OIT, Guy Ryder, na sede da OIT em Genebra, na Suíça. Esta ratificação também representa um passo importante para o reconhecimento da contribuição das trabalhadoras e trabalhadores domésticos para a economia moderna.[162]

"A efetiva implementação destas proteções, bem como dos artigos da C189, permanece como um desafio importante" (Phóstuma, 2021, p.27) e, essa é uma jornada de avanços e retrocessos, onde os valores coloniais vencem a disputa pelo cumprimento de deveres e, fazem com que a sociedade siga negligenciando os direitos trabalhistas da categoria, já o Estado, segue ineficiente no papel do fiscalizador. Mesmo com todo esse aparato legal, organizações de representação das domésticas apontam que ***75% delas vivem na informalidade***, ou seja, ganhando menos que o mínimo e, mantendo-se, mais vulneráveis"[163](grifos no original).

> Eu estava dentro de um banco privado [nessa época a entrevistada era gerente em um banco privado] onde eu via elas [as funcionárias] reclamando de 4 meses de licença maternidade, sendo que minha mãe tinha que voltar em 10 dias. E elas reclamando sobre licença maternidade [falando sobre a PEC das domésticas] chorando, enquanto minha mãe tinha que espremer o leite na pia e elas contra isso? Então minha mãe não é uma mulher igual a elas? Que diferença tinha? Minha mãe foi trabalhar em Saquarema cozinhar para 30 pessoas. Meu irmão nasceu em janeiro, minha mãe foi em fevereiro passar 10 dias em Saquarema... tinha que espremer o peito na pia, sem qualquer cobertura previdenciária, sem licença a nada, e eu vendo aquelas mulheres reclamando de licença maternidade que o tempo era curto, enquanto elas apoiando que uma doméstica não tenha tempo nenhum? (*Tereza de Benguela*, 43 anos).

Parte da solução desse problema, é ter mulheres negras, trabalhadoras domésticas ou não, em espaços de poder, espaços onde é possível pautar, elaborar e implementar políticas públicas, por exemplo. Nesse processo incessante de busca por participação política, representação e efetivação de direitos, o estado de São Paulo, elegeu em 2022, a 1ª deputada estadual trabalhadora doméstica, V. Ex.ª Sra. Ediane Maria (PSOL), "negra, LGBT e mãe solo de quatro filhos, Ediane veio do sertão

---

[162] Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_616754/lang--pt/index.htm. Acessado em 10 de jul. de 2023.

[163] Dados disponíveis na reportagem publicada pelo jornal Correio 24 horas. Disponível em: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/empregadas-sao-obrigadas-a-ficar-na-casa-dos-patroes-enquantoa-pandemia-durar/. Acessado em 11 de abr. de 2021.

de Pernambuco para o estado de São Paulo quando tinha 18 anos, há quase duas décadas. Na capital paulista, começou a trabalhar como empregada doméstica."[164]

> Já senti na pele o que é ser apenas uma máquina de trabalho e não um ser humano. A vida de uma doméstica é uma vida de "nãos". Não pode ter sentimentos, não pode sorrir, não pode ter registro em carteira, não pode comer as mesmas comidas dos patrões e não pode se ausentar do trabalho mesmo em uma epidemia mundial e com recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS)!
> Preta Rara, rapper e ex-empregada doméstica que me honrou com a sua presença no dia do lançamento da Frente Parlamentar pela Valorização do Trabalho Doméstico e de Cuidados, que presido, falou sobre o livro que escreveu, onde afirma que a senzala moderna é o quartinho da empregada. Se a senzala moderna é o quartinho da empregada, as denúncias de trabalho análogo à escravidão não só escancararam as condições subumanas que muitas trabalhadoras domésticas têm que se sujeitar para sobreviver, como também evidenciou o sistema de escravidão moderna. 135 anos se passaram, mas as condições de trabalho de muitas mulheres negras são as mesmas. A profissão de Doméstica é um resquício do período colonial. A mulher preta continua com a roupa para lavar, com a casa para limpar, com os filhos dos patrões para cuidar, mas sem a carteira assinada. Somos mais de 90% de trabalhadoras domésticas, mas três em cada quatro estão sem registro em carteira; sem direitos trabalhistas assegurados. (Deputada Ediane Maria, 2023).[165]

Ediene Maria é contemporânea, mas, "nossos passos vêm de longe", não podemos deixar de mencionar a deputada federal, pelo PT, Benedita da Silva. Mulher negra, periférica, vinda da favela carioca Chapéu Mangueira (localizada na zona sul da cidade), na adolescência ajudava sua mãe lavadeira com as lavagens e entrega de roupas, tornou-se auxiliar de enfermagem e assistente social. Foi deputada federal pela primeira vez em 1987, foi governadora do Rio de Janeiro, senadora e ministra da Assistência e Promoção Social[166]. Sempre esteve ao lado das trabalhadoras domésticas na luta por direitos, especialmente, na promulgação da Constituição de 1988.

Direitos, de todas as naturezas e gerações, sempre serão frutos de um árduo processo de mobilização e luta dos sujeitos, comumente, oriundos da classe trabalhadora. É importante pensarmos o que a conquista desses direitos representa para a classe dominante e para manutenção do seu status, a fim de compreendermos por que são tão resistentes a concessão deles. De outro lado, é fácil percebermos por que os direitos e proteções concedidas ao conjunto dos trabalhadores é tão importante: poder trabalhar com dignidade é extensão de uma vida digna.

Voltando à vida de Norma, que passou anos na indigência, talvez sem nem se dar conta do quão grave era esta situação, ressaltamos que ter direitos assegurados viabiliza uma vida digna, lhe confere algum status e posição dentro da sociedade, ainda que seja em 2ª ou 5ª classe. Não ter

---

[164] Dados disponíveis em: SP terá, pela primeira vez na história, trabalhadora doméstica como deputada estadual | Eleições 2022 em São Paulo | G1 (globo.com). Acessado em 27 de mai. de 2023.
[165] "A trabalhadora doméstica e a falsa abolição, a falsa proteção e o falso cuidado", publicado em 13 de mai. de 2023, Ediane Maria. Disponível em: A trabalhadora doméstica e a falsa abolição, a falsa proteção e o falso cuidado (midianinja.org). Acessado em 27 de mai. de 2023.
[166] Disponível em: https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/benedita-sousa-da-silva. Acessado em 01 de set. de 2023.

acesso a direitos fundamentais, escancara a porta – já aberta pelo racismo –, para o cometimento de violações. Essas violações alimentam um sistema de exclusão, apagamento e invisibilidade da existência e do sofrimento desses sujeitos, diminuindo as possibilidades de superação das situações de exclusão e vulnerabilidade vividas.

O que observamos entre nossas interlocutoras e na imersão no universo, é que mulheres negras e, sobretudo, trabalhadoras domésticas negras, estão mais suscetíveis a esses processos de violação de direitos, que são perpetuados pelas recorrentes falhas do Estado brasileiro em não cumprir ou fazer cumprir sua legislação, culpabilizando o sujeito por sua condição marginal. Devemos estar atentos a essa simbiótica relação entre direitos e deveres, não só dos sujeitos, não só dos racializados, mas, também, do Estado, para que, de fato, possamos viver um Estado Democrático de Direito.

Na esteira das discussões deste capítulo, analisaremos os impactos que a pandemia de COVID-19 causou ao trabalho doméstico remunerado e ao conjunto de seus/as trabalhadores/as e o quanto o cenário desconhecido e desesperador provocado pela doença, reforçou a prática das elites de violarem os direitos trabalhistas do segmento, acrescentando a violação de direitos humanos também.

3.2. COVID-19 E TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO – ESTIVEMOS NO MESMO MAR, MAS NÃO NO MESMO BARCO

Quando o processo de realização dessa pesquisa iniciou, em março de 2019, nenhum de nós poderia imaginar o que estaria por vir. Uma pandemia global e letal que ceifou milhares de vidas, impôs medidas (até então inimagináveis) e escancarou todas as contradições e mazelas vivenciadas na sociedade capitalista contemporânea. Assim, de assalto, esse trabalho foi atravessado pela pandemia de COVID-19 e não poderíamos seguir sua elaboração, sem problematizarmos os reflexos da pandemia sobre trabalho doméstico remunerado e na vida de suas trabalhadoras.

Em março 11 de março de 2020, Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), "declarou que a organização elevou o estado da contaminação à pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus".[167-168]Embora o Coronavírus, responsável por

[167] Disponível em: Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus - Notícia - UNA-SUS (unasus.gov.br). Acessado em 10 de jul. de 2023.

[168]Os coronavírus causam infecções respiratórias em seres humanos e em animais. Geralmente, são doenças respiratórias leves a moderadas, semelhantes a um resfriado comum. Já o novo coronavírus é uma nova cepa do vírus (2019-nCoV) que foi notificada em humanos pela primeira vez na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China. (Disponível em: https://portal.fiocruz.br/pergunta/o-que-e-o-novo-coronavirus. Acessado em 05 de jun. de 2020.)

causar a doença, já fosse conhecido e tratável, essa nova variação se mostrou agressiva e, naquele momento, autoridades sanitárias desconheciam uma forma eficiente de combate àquele mal.

A medida que o vírus ia se espalhando pelo mundo, além da tragédia sanitária, as mazelas sociais, econômicas e culturais foram se intensificando e consolidando a previsão que se anunciava, diante do caos eminente: "Não é preciso dizer que os mais vulneráveis sempre serão mais atingidos — isso independe de uma pandemia. São questões estruturais" (Ribeiro, 2020).

Como já esperado, a população mais vulnerável foi a que mais sofreu com os efeitos nefastos da pandemia, sem recursos, sem acesso e com direitos fundamentais violados e, não concidentemente, há décadas sabemos, que pessoas negras, estão entre os mais vulneráveis[169], efeito de uma abolição da escravidão malfeita.

> A assinatura da Lei Áurea apenas acabava com o cativeiro no Brasil, mas não propunha nem oferecia alternativas para milhares de ex-escravos que tinham obtido a liberdade, muito menos para seus descendentes. Desse modo, depois das festas e comemorações que se seguiram por todo o Brasil, grande parte dos negros libertos se perguntou: 'e agora, o que fazer'? (Santos, 2017, p.415).

A maioria dessas pessoas não teve (e continua não tendo) o mesmo privilégio que eu, uma mulher negra tive, de poder ficar em casa isolada, com água potável, alimentação balanceada, álcool em gel, luz e acesso à internet, pelo contrário, grande parte da população negra, especialmente as mulheres, estava lidando com o risco de contágio eminente, mantendo suas rotinas de trabalho e sua fonte de renda e sustento.

Diante do cenário inédito e nefasto, algumas autoridades apreçaram-se em tomar medidas para contenção do contágio e, adotaram estratégias de enfrentamento a doença, outras no entanto, fizeram tudo o que podiam para dificultar tais providências, boicotando as recomendações de isolamento social – indicada por médicos e cientistas –, dificultando o processo de aquisição de vacinas ou ainda negando a assistência material necessária para que os mais vulneráveis pudessem se proteger, tudo sob a alegação que era preciso proteger a economia, o mercado e os postos de trabalho, mesmo que isso pudesse significar o sacrifício de milhares de vidas e o sofrimento de milhões de famílias brasileiras.

De acordo com o *Ministério da Saúde*, do início da pandemia em março de 2020, até 16 de fevereiro 2024 (data da última revisão desta tese), **709.765** brasileiros/as perderam a vida para COVID-19[170].

---

[169] Para maiores informações ver o artigo "Bairros da periferia de SP com mais negros acumulam mais mortes por Covid-19", disponível em: https://almapreta.com/editorias/realidade/bairros-da-periferia-de-sp-com-mais-negrosacumulam-mais-mortes-por-covid-19. Acessado em 25 de jun. de 2020.

[170] Dados disponíveis em: https://covid.saude.gov.br/. Acessado em 18 de fev. de 2024.

> O cenário político pandêmico é diferente nas diversas regiões do país e do mundo, pois a forma de sociedades e governos lidarem com as medidas de enfrentamento à COVID-19 não foi linear. Um exemplo foi o deboche do presidente da República, no Brasil, sobre a gravidade da pandemia considerando-a uma 'gripezinha', denotando uma espécie de malthusianismo social e demonstrando que a política de governo é uma práxis neofascista. Importante destacar que as ações advindas do governo Bolsonaro podem ser caracterizadas de diferentes formas. Embora a melhor conceituação ainda esteja em debate, e terá de incorporar o modo de ação do governo na pandemia, defini-lo como neofascista ou protofascista é uma aproximação razoável. Nesta caracterização, é importante considerar que a linha que separa a civilização da barbárie foi rompida quando empresários, acionistas da bolsa de valores e governo se posicionaram pelo imediato fim da quarentena, a despeito das consequências para a vida humana. (Lole *et al*, 2020, p.07).

Desde o momento em que OMS declarou que o mundo estava vivendo uma pandemia[171], especialistas e pesquisadores já demonstraram preocupação com o país, por suas dimensões continentais e pelo número de pessoas morando em condições precárias e insalubres.

> Eu acho que nós vamos ter um número muito grande de mortes, vamos ter um impacto na economia enorme, uma duração prolongada. [...]
> Agora é que nós vamos pagar o preço por essa desigualdade social com a qual nós convivemos por décadas e décadas, aceitando como uma coisa praticamente natural. Agora vem a conta a pagar. Porque é a primeira vez que nós vamos ter a epidemia se disseminando em larga escala em um país de dimensões continentais e com tanta desigualdade. (Dr. Drauzio Varella).[172]

Essa "preocupação" carrega em si uma perspectiva higienista, em que os pobres e periféricos são vistos como vetores de doenças e, potencialmente, uma ameaça à ordem e às classes dominantes, como à época do *Movimento Higienista Brasileiro*[173]. Tal como evidenciou:

---

[171]Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou hoje (11 de mar. de 2020.) que a organização elevou o estado da contaminação à pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2).
A mudança de classificação não se deve à gravidade da doença, e sim à disseminação geográfica rápida que o Covid-19 tem apresentado. "A OMS tem tratado da disseminação [do Covid-19] em uma escala de tempo muito curta, e estamos muito preocupados com os níveis alarmantes de contaminação e, também, de falta de ação [dos governos]", afirmou Adhanom no painel que trata das atualizações diárias sobre a doença. (Disponível em: https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus. Acessado em 02 de out. de 2021).

[172] Entrevista dada pelo Dr. Drauzio Varella, à BBC Brasil, em março de 2020. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52329579. Acessado em 02 de out. de 2021.

[173] O movimento higienista, criado pela elite médica ao longo do século XVIII, passou a assumir uma posição cada vez mais importante em estruturas administrativas, como técnica geral de saúde, e tomando cada vez mais espaços na política, assim como nas esferas econômicas e sociais. A função de higienista, mais que seus prestígios de terapia asseguram uma posição politicamente privilegiada no século XVIII, antes de sê-la econômica, e socialmente aceita no século XIX como afirma Foucault (2006).
A Medicina social socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto produção e força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não opera simplesmente pela consciência ou pela biologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica. (FOUCAULT, 2006).
Além disso, com o Higienismo os estereótipos do gênero feminino eram reforçados pelas linhas teóricas do movimento juntamente com programas criados pelo positivismo. Estes programas estavam ligados até mesmo a formações do "ser doméstica", que atribuíam à mulher responsabilidade do cuidado dos maridos operários, do filho e do lar. Estas responsabilidades das mulheres do lar isentavam a classe no poder das circunstâncias que

“as populações pobres seriam ‘acusadas de atrasadas, inferiores e pestilentas, essas populações seriam perseguidas na ocupação que faziam das ruas, mas sobretudo ficariam fustigadas em suas habitações’” (Marins, 1998, p.133 apud Júnior, 2007).

No cenário das desigualdades sociais é preciso pensar sobre marcadores sociais que as tornam mais densas e discrepantes entre diferentes seguimentos populacionais. Ao falarmos sobre desigualdades sociais, devemos pensar como marcadores de diferença como raça, gênero, geração se interseccionam tornando grupos específicos mais vulneráveis a todo tipo de catástrofe, incluindo-se aí, às sanitárias, com as quais já convivem historicamente.

Não levou muito tempo para as estatísticas, mundo afora, apontassem que o vírus era mais letal entre grupos de pessoas negras do que entre os não negros, como acontece, na cidade de São Paulo.

> Os pretos moradores da cidade de São Paulo têm uma chance 62% maior de morrer por Covid-19 do que os brancos. Os pardos têm 23% mais risco. Os dados são resultado de uma análise científica das mortes registradas na cidade até 17 de abril, uma parceria entre o grupo de cientistas Observatório Covid-19 e a Prefeitura de São Paulo.
> Brasilândia, na Zona Norte de São Paulo, continua sendo o distrito com maior número absoluto de mortos em São Paulo, segundo o mapa da Prefeitura. O bairro passou de 54 para 81 mortes por Coronavírus confirmadas ou suspeitas. Crescimento de 39% em apenas sete dias. Por grupo de 100 mil habitantes, a Brasilândia tem 28,7 mortes.[174]

Sabendo que o trabalho doméstico remunerado é exercido no Brasil majoritariamente por mulheres negras, já era previsível que esse grupo fosse mais acometido ou sofresse com as formas mais graves da doença, mas, o que aconteceu, superou a previsão dos mais descrentes.

Segundo o IBGE[175], através da Pnad Contínua, entre o “4º trimestre de 2019 e o 4º trimestre de 2020 [...] a população ocupada em trabalhos domésticos [...] também viu as oportunidades diminuírem, de 6,4 milhões, em 2019 para 4,9 milhões, ano passado – apenas 26,7% com carteira assinada. O salário médio era de R$ 925”, demonstrando que a pandemia diminuiu em cerca de 1,5 milhão o número de postos de trabalho para empregadas domésticas mensalistas ou diaristas, empurrando-as ainda mais para informalidade, agravando as condições de vida já

---

viviam as famílias, culpando assim a mulher ou a própria família por qualquer descontrole familiar. A preocupação com determinar um papel para a mulher estava sustentada pelo pensamento de que ela era a geradora dos “filhos da pátria” (SOARES, 1994), ou seja, o futuro da nação. (Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/download/2175-8042.2018v30n54p160/37041/197903#:~:text=No%20Brasil%2C%20o%20movimento%20higienista,maior%20riqueza%20de%20um%20pa%C3%ADs. Acessado em 01 de mai. de 2022).

[174] Dados disponíveis em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/28/pretos-tem-62percent-mais-chance-de-morrer-por-covid-19-em-sao-paulo-do-que-brancos.ghtml. Acessado em 09 de jun. de 2020.

[175] Dados disponíveis em: https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html#:~:text=DIEESE%20%2D%20outras%20publica%C3%A7%C3%B5es%20%2D%20Gr%C3%A1fico%20%2D,dom%C3%A9stico%20no%20Brasil%20%2D%20abril%2F2021&text=4%2C9%20milh%C3%B5es%2C%20no%20ano%20passado.&text=Elabora%C3%A7%C3%A3o%3A%20DIEESE. Acessado em 03 de out. de 2021.

experimentadas por essas mulheres. O mesmo levantamento dá conta que "MULHERES representam mais de 92% das pessoas ocupadas em trabalho doméstico, das quais mais de 65% são NEGRAS." Finalizando, a Pnad diz ainda que a média semanal de trabalho das empregadas domésticas no Brasil foi de 52 horas e em "todas as regiões, com exceção da Região Sul, houve aumento das domésticas chefes de família" (grifos nossos).

> Se 6,2 milhões de pessoas, entre homens e mulheres, estavam empregadas no serviço doméstico, mais de 4 milhões eram pessoas negras – destas, 3,9 milhões eram mulheres negras. Estas, portanto, respondem por 63% do total de trabalhadores(as) domésticos(as). Ou seja, do ponto de vista do discurso, as mulheres negras 'podem estar onde quiserem'; na prática, porém, a realidade as direciona, de maneira desproporcional, a trabalhos como o serviço doméstico remunerado, com toda a precariedade e exploração que lhe são característicos. Do total de ocupadas no mercado de trabalho, 18,6% das mulheres negras exerciam trabalho doméstico remunerado, proporção que cai a 10%, quando se trata de mulheres brancas. (IPEA, 2019, p.12).

O crescimento do número de trabalhadoras domésticas, em um período de recrudescimento do conservadorismo e de todas as formas de discriminação no país, de taxas de desemprego alarmantes e de constantes ataques ao próprio Estado Democrático de Direitos, precisa ser visto como um indicador de como o país vinha se comportando e para onde estava caminhando, especialmente, em relação a população mais pobre e, como mulheres negras seguiram invisibilizadas e subalternizadas em relação a sua existência. Outrossim, esses dados demonstram que trabalhadoras domésticas já levavam uma vida dura, insalubre, precária, e mais, com a total desrespeito aos direitos trabalhistas que limitam a carga horária semanal de trabalho a 44 horas, por exemplo.

Há dois anos, em 11 de abril de 2021, o jornal baiano, Correio 24 Horas, publicou uma reportagem que trazia o seguinte título: "Empregadas são obrigadas a ficar na casa dos patrões 'enquanto a pandemia durar'" e trouxe dados, no mínimo assustadores, sobre o que muitas trabalhadoras domésticas estariam vivendo naquele Estado, durante o auge da pandemia. No texto, víamos a fala de uma representante do sindicato da categoria na Bahia, dizendo que àquela época, teriam sido contabilizados "28 pedidos de socorro", entretanto, "ainda há muitos casos não descobertos, [...] ofuscados pelo medo das trabalhadoras de denunciar".

> Aila não saiu da casa dos patrões por quase um ano. Eles queriam se proteger do Coronavírus e o preço foi a liberdade dela, empregada doméstica que ficou privada da própria vida desde março do ano passado até fevereiro deste ano. Ela reclamava, era livre. "Mas é para o bem de todos", respondia a patroa. Aila precisava do salário. Foi ficando naquele cárcere, por necessidade.[176]

[176] Disponível em: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/empregadas-sao-obrigadas-a-ficar-na-casa-dos-patroes-enquanto-a-pandemia-durar/. Acessado em 11 de abr. de 2021.

No imaginário da "elite do atraso" – mantendo acesa a chama do higienismo – as trabalhadoras domésticas representariam o risco de contaminação, por levarem vidas insalubres e morarem nos subúrbios e periferias das cidades, o que as obriga a usarem – o precário e deletério – transporte público para chegarem às "*casas de famílias*", que as empregam. Mulheres pobres e negras que precisaram escolher entre a proteção e a sobrevivência. Engana-se quem pensa que essa é uma questão regional, essa é uma questão da sociedade brasileira.

No auge da pandemia, como forma de burlar as recomendações de isolamento social e suspensão de atividades laborativas não essenciais, alguns estados brasileiros declararam o trabalho doméstico remunerado como serviço essencial, "Estados como Pará e Pernambuco classificaram serviço doméstico como atividade essencial, expondo inúmeras mulheres racializadas à doença[177]."

> [...] em meio à grave crise sanitária, o trabalho doméstico e de cuidado remunerado saem da invisibilidade para serem classificados como atividade essencial em alguns Estados, como Pernambuco e Pará, para fins de continuidade da prestação de serviços pelas trabalhadoras, em sua maioria mulheres negras, apesar da quarentena instituída em municípios com curvas de contágio alarmantes como Recife e Belém.
> Este falacioso reconhecimento da essencialidade do trabalho doméstico remunerado nada mais é do que uma expressão da colonialidade do poder e do poder e do ser.[178]

Luiza Batista, presidenta da FENATRAD, teve uma fala muito esclarecedora sobre o tratamento dado ao trabalho doméstico, como trabalho essencial, durante a pandemia, no sentido de problematizar as contradições envolvidas nessas medidas, considerando todo "contexto histórico de desigualdade social e discriminações raciais e de gênero que acometem a categoria":

> Nós sempre lutamos por valorização e a sociedade nunca quis reconhecer a importância do serviço doméstico. Aí neste momento de pandemia, a casa grande que está em quarentena, não quer se dar ao trabalho de fazer as próprias tarefas domésticas. Colocar o serviço doméstico como essencial de forma generalizada é uma crueldade. As trabalhadoras domésticas também têm famílias.[179]

É um cenário desolador para os sujeitos historicamente desumanizados, bestializados e marginalizados. O genocídio inicial, ocasionado pela invasão europeia em territórios indígenas e africanos se confunde na sociedade contemporânea com essa necropolítica praticada hoje, mantendo a imagem da Colônia viva entre nós.

> Eu não pude ficar em casa quando a ordem era que TODOS ficassem! Minha patroa disse que não tinha como pagar meu salário se eu permanecesse em casa! Acabou que ela pegou covid, passou para mim, eu acabei contaminando a minha mãe! Minha mãe

[177]Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/na-pandemia-por-que-servico-domestico-e-classificado-como-essencial/. Acessado em 05 de out. de 2021.
[178]Op Cit.
[179] Disponível em: https://fenatrad.org.br/2020/05/08/fenatrad-protesta-contra-decreto-no-para-que-determina-a-atividade-domestica-como-servico-essencial-durante-a-pandemia-da-covid-19/. Acessado em 01 de set. de 2023.

> não resistiu. Agora estou em casa com um filho autista sem emprego, sem minha mãe e sem comida. [...].[180]

> Família com pai, mãe e dois filhos com COVID; pediu que a empregada doméstica continuasse a ir trabalhar para cuidar deles prometendo 'assinar a carteira' ao final da pandemia. Obviamente todos estão vivos e a empregada com 37 anos e uma ilha de 15 anos, faleceu de COVID.[181]

Em certa medida, reconhecemos a essencialidade do trabalho do cuidado, fundamental para o estabelecimento de condições para que se materialize o processo produtivo, o que não é possível entender é essencialidade da terceirização desse trabalho, a necessidade de repassar (sobretudo num momento sanitário caótico, advindo da pandemia), essa demanda para o outro. "Carimbar tais atividades como 'serviço essencial' significa expor um grupo de trabalhadoras ao risco majorado de infecção."[182] Todos deveríamos ser capazes de cuidar de nossas casas, crianças, necessidades, pets, sem precisar do auxílio do outro.

Diante do estabelecimento do trabalho doméstico, como trabalho essencial, as notícias envolvendo a segurança e saúde dessas mulheres se multiplicaram. Alguns casos se tornaram emblemáticos para quem estuda o trabalho doméstico remunerado e para quem tem empatia pela situação de vida do outro.

Revisando os dados da pandemia, o Ministério da Saúde informou que o primeiro óbito por COVID no Brasil, aconteceu em 12 de março de 2020 e não em 16 de março, como a pasta havia publicizado anteriormente. *Rosana Urbano*, 57, filha, esposa, mãe, portadora de outras comorbidades e ***diarista***, morreu da doença, sem nem mesmo ter sido diagnosticada a tempo, para que qualquer tentativa de salvar sua vida pudesse ser tomada. Seu diagnóstico veio 40 dias após seu óbito.

> No dia 11 de março, por volta das 4h da manhã, a diarista Rosana Aparecida Urbano, 57 anos, saiu de casa em uma das regiões mais pobres de São Paulo e percorreu 25 quilômetros para ver a mãe, Gertrudes, internada com pneumonia no Hospital Municipal Doutor Cármino Caricchio, no Tatuapé, um dos principais distritos da Zona Leste. Ao receber a notícia de que a mãe, de 86 anos, estava intubada, Rosana passou mal. Diabética e hipertensa, acabou internada no mesmo local. Morreu às 19h15 da noite seguinte, 12 de março, após uma parada cardiorrespiratória. Rosana foi a primeira vítima do Coronavírus no Brasil. Nos 148 dias decorridos desde então, a doença matou mais de 100 mil pessoas, na maior tragédia sanitária da História do país. [...] A primeira vítima fatal da Covid-19 no país vivia há 15 anos em um apartamento de 36 metros quadrados no quinto andar de um desses prédios. Dividia a casa com o marido, auxiliar de limpeza, e um filho de 19 anos, que tem atraso de desenvolvimento

[180] Relato disponível no perfil do Instagram @elaesoababa. Publicado em 17 de jan. de 2021. Acessado em 15 de fev. de 2021.
[181] Relato disponível no perfil do Instagram @thikos. Publicado em 16 de jun. de 2021. Acessado em 05 de out. de 2021.
[182] Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/na-pandemia-por-que-servico-domestico-e-classificado-como-essencial/. Acessado em 05 de out. de 2021.

> e epilepsia. Nos últimos anos, Rosana deixou o trabalho de diarista para cuidar do rapaz. Ela tinha ainda outras duas filhas.[183]

Rosana era uma mulher branca, mas pobre e periférica. Era uma trabalhadora doméstica, que mesmo não tendo um corpo racializado, não esteve a salvo das violências e negligencias estatais que não polpa pobres, negros, mulheres, indígenas. O lugar reservado aos trabalhadores domésticos é esse: o da desproteção, da violação de direitos, da negativa a um diagnóstico. Não por acaso, hoje sabemos que os mais pobres foram os mais vitimados pela doença, porque, historicamente, suas vidas estão em risco, antes mesmo da chegada do novo coronavírus.

Já no estado do Rio de Janeiro, a primeira vítima fatal da COVID-19 foi D. Cleonice Gonçalves, 63 anos de idade, negra, mãe, irmã, avó, moradora da cidade de Miguel Pereira, portadora de outras comorbidades e ***trabalhadora doméstica***, daquelas difíceis de encontrarmos nos dias de hoje que dormem no trabalho e retornam, apenas, uma vez na semana para suas casas. Ela morreu em 17 de março dede 2020, pouco tempo depois de dar entrada no hospital de seu município.

Sua patroa – não identificada – chegou de uma viagem feita à Itália (na época epicentro mundial da doença) já sintomática em fevereiro daquele ano e, a manteve trabalhando normalmente, mesmo sabendo da possibilidade de sua infecção, por conta da alta transmissibilidade do vírus. Ainda que a única forma de prevenção possível fosse o isolamento social (a essa altura, isso já era amplamente veiculado na mídia), D. Cleonice foi mantida em sua rotina de trabalho, cumprida nos últimos 10 anos, e seguiu passando a semana no trabalho, por conta da distância de sua residência (cerca de 120Km) até a "*casa de família*" onde era doméstica e voltando para casa nos finais de semana.

No domingo, dia 15 de março, quando retornou para o trabalho para reassumir suas tarefas, começou a se sentir mal; sua patroa solicitou que alguém da família a viesse buscar no Leblon. Como seus familiares não vieram, na 2ª feira, 16 de março, a patroa colocou D. Cleonice num táxi, para que este a levasse de volta a sua cidade, Miguel Pereira. Entretanto, ela já não teve como ir para casa e foi levada direto para o hospital, onde deu entrada em estado grave. Faleceu na madrugada do dia 17 de março, segundo os médicos, teve seu quadro agravado pelas comorbidades pré-existentes[184]. Tudo foi muito rápido e em dois dias, D. Cleonice veio a óbito. Sua patroa sobreviveu a doença.

---

[183] Reportagem publicada no jornal carioca "Extra", em 08 de ago. de 2020. Disponível em: Primeira morte por coronavírus no país: a diarista Rosana deixou um filho com atraso de desenvolvimento e epilepsia (globo.com). Acessado em 21 de mar. de 2021.

[184] Informações veiculadas no artigo "Doméstica idosa que morreu no Rio cuidava da patroa contagiada pelo coronavírus". Publicado pela Folha de São Paulo (on-line). Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2020/03/domestica-idosa-que-morreu-no-rio-cuidava-da-patroa-contagiada-pelo-coronavirus.html. Acessado em: 01 de mai. de 2020.

Concordamos assim, com a fala de Luiza Batista, presidenta de FENATRAD e, também entendemos como "no momento da pandemia do Coronavírus, nós tivemos essa certeza, como o trabalho doméstico é um resquício da escravidão.[185]"

> Eu não pude ficar em casa quando a ordem era que TODOS ficassem! Minha patroa disse que não tinha como pagar meu salário se eu permanecesse em casa! Acabou que ela pegou covid, passou para mim, eu acabei contaminando a minha mãe! Minha mãe não resistiu. Agora estou em casa com um filho autista sem emprego, sem minha mãe e sem comida. [...].[186]

Com sua morte, D. Cleonice mostra que não se trata apenas da doença, mas, de uma estrutura social, que banaliza direitos e, automaticamente, negligencia vidas humanas. Mulheres negras que já são vitimadas de outras formas, estiveram muito mais vulneráveis nesse período, as histórias que tomamos conhecimento, não deixam dúvidas quanto a isso, a questão é pensarmos o conjunto de premissas que levaram ao mais alto nível de violação de direitos, de uma história recente de nossa sociedade, envolvendo o trabalho doméstico remunerado.

> E a empregada doméstica que, hoje, morreu no Rio de Janeiro? Sua patroa voltou da Itália infectada. Ficou de quarentena, mas não avisou à empregada. Contaminou-a e ele morreu. A patroa vai bem, obrigado. Foi no bairro do Leblon, o mais caro do país. (@blogdonoblat)[187].

> A doença não olha classe social, gênero ou raça, quem olha é a própria sociedade que se organiza de forma desigual, distribuindo privilégios históricos para brancos ricos, que estão na classe endinheirada, mais protegida por condições confortáveis que evitam contágio e morte. (@savagefiction)[188]

Lembramos que "o Rio de Janeiro foi o primeiro estado do país a adotar a quarentena"[189]; em 16 de março de 2020, quando fechou serviços não essenciais (indústrias, comércio, escolas, universidades etc.) e restringiu a circulação de pessoas pela cidade (pelo menos, houve uma tentativa de criar essa sensação entre os fluminenses), entre outras medidas preventivas. Mesmo tendo sido uma medida fundamental para preparação da rede pública de saúde (para enfrentar o volume de casos que se anunciava) e achatar a curva de contágio, não foi suficiente para poupar a vida de D. Cleonice, que teve que manter-se no trabalho, mesmo diante do risco evidente.

---

[185] Fala de Maria Izabel Monteiro, presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos do Município do Rio de Janeiro, na live "O lugar de pessoas negras no mercado de trabalho brasileiro", realizada pela AFT, em 18 de jun. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tXPm8yrZE8c. Acessado em 20 de jun. de 2020.

[186] Relato disponível no perfil do Instagram @elaesoababa. Publicado em 17 de jan. de 2021. Acessado em 15 de fev. de 2021.

[187] Publicado em 19 de mar. de 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B9-HzuIpabq/. Acessado em 19 de mar. de 2020.

[188]Publicado em 01 de maio de 2020. Disponível em: Ale Santos (@savagefiction) • Fotos e vídeos do Instagram. Acessado em 01 de maio de 2020.

[189] Disponível em: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/04/07/governador-do-rj-flexibiliza-quarentena-em-cidades-do-interior-sem-registros-do-coronavirus.ghtml. Acessado em 07 de abr. de 2020).

Mais uma vez, precisaremos ser repetitivas. No caso de D. Cleonice muitas são as violações observadas, começando pela ameaça ao direito à vida, já que ela não teve direito a se isolar e se proteger da doença, terminando com a sua desumanização, quando sua morte foi amplamente divulgada pela mídia, tratando-a apenas como a "*doméstica*" ou "primeira vítima de COVID no estado do Rio de Janeiro".

Mas, D. Cleonice não era apenas doméstica, era uma mulher negra, de 63 anos de idade, com rosto, história, ascendentes e descendentes, teve sua existência reduzida a profissão que exercia, *doméstica*. Seu corpo negro, já morto pela doença, foi novamente imolado pelo racismo estrutural, que rege as relações em nossa sociedade, e apaga a existência dos racializados, torna-os apenas números nas estatísticas, sem rosto, sem nome, sem história. "Em tudo que li, não encontrei o nome dela, sempre se referem a ela [D. Cleonice] como 'doméstica'. Fiquei pensando, [...], sobre a solidão institucional" (Djamila Ribeiro, 2020).

Há na morte uma necessidade social de reverenciar o falecido, de cumprir ritos que marquem a ausência dessa pessoa no mundo, ritos que só poderão ser cumpridos se a vida em questão, for reconhecida, e apresentada a seus parentes de direito ou não, para que se cumpram as homenagens fúnebres que se julgarem cabíveis. A não identificação imediata de D. Cleonice, viola a sua memória e todo um grupo étnico, uma classe de trabalhadores que se reconhecem nessa situação e, mais uma vez, se veem tratados como cidadãos de 2ª classe.

Na perspectiva da empatia ou representatividade, outras mulheres negras, domésticas ou não, podem ter sido afetadas ao assistirem essas notícias.

> Voltemos à nossa mulher sem nome que morreu. Eu realmente gostaria de prestar uma homenagem a ela, fazer um obituário. Escrever seu nome e sobrenome. Minha mãe foi empregada doméstica antes de se casar com meu pai, é por isso que essas histórias me tocam tanto.
> [...] Minha mãe se chamava Erani Benedita dos Santos, nascida em Piracicaba, filha de José dos Santos e Antônia Bueno dos Santos. Mãe de quatro filhos, foi casada com Joaquim José Ribeiro dos Santos e dona de casa a maior parte da vida. Inteligente, forte. Lutou bravamente para que os filhos pudessem romper o ciclo de exclusão. Era assim que eu queria escrever sobre a idosa de 63 anos que morreu no Rio de Janeiro, se ela não fosse vítima da solidão institucional. (Djamila Ribeiro, 2020).

Gostaríamos de reforçar, as palavras da pensadora negra Lélia Gonzales que dizia: "negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido ao gosto deles", tratar d. Cleonice apenas como doméstica, apaga sua trajetória como sujeito, uma violência simbólica, que atinge seus pares e seus iguais, um comportamento que é oportunizado pelo racismo. Nem mesmo a morte, confere humanidade aos corpos negros.

Da parte de nossas interlocutoras, pouco temos falas sobre o período pandêmico, primeiro, porque grande parte das entrevistas aconteceu antes da pandemia e, segundo, porque a

maioria de nossos contatos estava no grupo de risco, devido a associação entre idade e doenças pré-existentes, o que inviabilizou o acesso a elas durante o período pandêmico.

Ainda assim, conseguimos alguns depoimentos que dão conta de como elas passaram esse período, especialmente, as sindicalistas, destacando o papel fundamentalmente, do sindicato como instância de representação e busca legitima pela efetivação de direitos.

> Doentes, né? Mortes tive algumas. Mas de adoecer, umas duas ou três vezes... Teve muitas!
> Mas elas falavam assim: 'Mas ele não quer deixar a senhora. Sai daí! Vai pra casa! A senhora vai morrer e não vai ter dinheiro de qualquer jeito'.
> Mas eu preciso desse dinheiro... Mas aí disseram assim: 'Mas e se a senhora morrer, vai adiantar? Vai pra casa! Sai daí. – Ah, mas eles estão com Covid e não querem deixar eu ir pra casa. – Vai pra casa antes que você pegue isso. Ah, eles têm hospital particular, a senhora não tem, a senhora vai ficar numa fila, o povo tá morrendo na fila'. Algumas eu vi, algumas...
> O medo de perder o emprego. Porque paga aluguel, tem criança pequena. Eu falei: 'Você perder, a senhora vai passar a doença pra tua filha pequena'. Nossa! Eu chorava junto com elas no telefone! (*Esperança*, 64 anos).

> É, ela continuava trabalhando, ela continuava no trabalho...
> Só recebia 70 por cento do salário e continuava trabalhando. As que, que achavam que tinha alguma coisa errada, elas ligavam pra cá e a gente falava: 'Vai pra casa! O seu contrato foi suspenso! O governo vai te pagar para ficar em casa e não ficar doente!'. Teve patrão ligando cá como é que ele faz isso? Aí eu falava: 'O senhor vai botar a sua trabalhadora em casa? – Não. Ela vai continuar trabalhando! – Então, o senhor não pode suspender o contrato dela. Isso é fraude! Isso dá cadeia!'. Aí ele: 'Ah, tá. Entendi errado'. Mas muitas, muitas, muitas, muitas... Fora as outras que teve o trabalho análogo à escravidão, que não podia ir pra casa.
> 'Não, você só vai pra casa depois que terminar essa doença'. E umas tavam três meses, a gente tinha que, ela... Liga pra delegacia e pede pra ser resgatada.
> Pagavam o salário! Normal, entendeu? E algumas nem se alimentavam direito, não dormiam em lugar apropriado. Acontecia muita coisa nessa doença que, muita coisa que eu acho muito desumano. (*Marli Pereira*, 54 anos).

Como informamos na introdução deste trabalho, nossas interlocutoras foram localizadas pela técnica de "Bola de Neve" e sempre que as pessoas sabiam do objeto deste estudo, sinalizavam conhecer alguém, cujo a história precisasse ser reconhecida e reproduzida aqui. Foi assim que *Anastácia* (47 anos), ao ser contatada para participar, dando seu depoimento, falou: "você precisa conhecer a minha tia Maria[190], ela foi trabalhadora domésticas a vida inteira", e com essa fala, rapidamente iniciamos um processo de negociações para que pudéssemos entrevistar as duas. Infelizmente, a pandemia chegou e nosso encontro foi, automaticamente, adiado.

Tia Maria era uma mulher negra, idosa, deficiente física, trabalhadora doméstica aposentada, casada, mãe, tia, vivia com o marido em um território deflagrado, localizado na zona norte, do Rio de Janeiro. Contraiu COVID. No dia 23 de abril de 2021, um dia de festejos pela cidade do Rio de Janeiro e para a comunidade negra, em comemoração ao Dia de São Jorge Guerreiro, santo

[190] Nome fictício.

católico que no sincretismo religioso representa o orixá da guerra Ogum, recebemos a notícia de sua internação por conta da doença, já em estado grave.

Anastácia, que posteriormente compartilhou conosco sua história, nos deu a notícia em forma de desabafo, resumindo o que é ser mulher negra periférica na sociedade brasileira.

> A desigualdade social, racial do Brasil, da falsa abolição, dos falsos governantes. Uma 'cidade maravilhosa' onde nas favelas nosso povo preto e pobre vem sendo assassinado diariamente pelas mortes físicas com operações de combate 'ao crime' mortes sociais com à falta de condições dignas de vida. Atualmente morta pelo vírus do Covid-19 e falta de teste, falta de vacinas e falta de Estado. No dia 17 de abril de 2021 minha tia Maria uma mulher preta, 63 anos, ex-empregada doméstica, mãe, esposa e cadeirante. Foi levada para UPA [Unidade de Pronto Atendimento] de Costa Barros (favela do Rio de Janeiro), com sintomas: pressão alta, glicose alta e cansaço, desidratação. Atendida pelo médico que pediu hemograma completo e RX. O hemograma não indicava grandes alterações, o RX mostrou uma dilatação cardíaca, manchas nos pulmões, que segundo o médico pareciam 'antigas'. Pedimos para fazer o teste rápido para COVID-19, à resposta do médico foi: 'Não temos o teste'. Prescreveu antibióticos, ivermectina, controlou a pressão arterial e a glicemia com medicações via venosa encaminhou para casa. Fomos observando que em 4 dias de medicação tia Maria não mostrava nenhuma melhora, no dia 23 de abril trouxemos a mesma para o Hospital Municipal Salgado Filho. Tia Maria já estava com quadro pior, com falas desorganizadas, falta de ar e prostração. Foi imediatamente levada para emergência, colocaram o oxigênio, fizeram uma tomografia, outro hemograma, que diagnosticou o COVID-19. Está internada e ontem fomos informados que o quadro dela é grave e, está entubada. Eu como trabalhadora do SUS defendo e sei à importância do mesmo para todos nós pobre ou rico. Porém, nesse momento de pandemia não podemos descartar os sintomas que em outros tempos consideraríamos possíveis de tratar em casa, e deixar de tratar na unidade de saúde.
> Ontem meu tio, marido da minha tia, cuidador direto dela, fez 38 de febre, pressão alta, glicose alta. Levamos na UPA de Costa Barros, relatamos o quadro da minha tia, mas, a resposta foi que 'Não tem teste', ou seja, como que qualquer profissional consegue trabalhar bem sem os principais instrumentos de trabalho ou sem trabalhar em rede? Não fomos encaminhados a alguma unidade que tivesse o teste. (*Anastácia*, 47 anos).

Em poucos dias, Anastácia nos escreveu novamente, dessa vez, infelizmente, para contar que sua querida tia Maria, não havia resistido e veio a óbito. Ao pedir autorização para publicar sua mensagem, como dado vindo do nosso campo de pesquisa, ela respondeu da seguinte maneira: "[...] pode com certeza, espero que tenha escrito melhor. Uma das coisas que minha tia falou pra mim antes de ser entubada, era que queria um vestido novo para ir na minha formatura. [...] Ela sempre foi minha negona, que só me deu carinho e me ensinou a fazer bolos". (*Anastácia*, 47 anos).

> A pandemia instalada no Brasil desde o mês de fevereiro de 2020, sem previsão de término até hoje, agravou de forma exponencial as vulnerabilidades e as violações de direitos que já atingiam as trabalhadoras domésticas e são cometidas tanto por particulares quanto pelo Estado brasileiro, perpetuando as discriminações de classe, raça e gênero que circundam o trabalho doméstico. Em um ano de pandemia, o Brasil acumula a triste marca de 300 mil mortes pela Covid-19 e mais de 12 milhões de pessoas contaminadas – ficando atrás somente dos Estados Unidos, que registram cerca de 540 mil vidas perdidas. Quase um terço das trabalhadoras domésticas (com ou sem carteira) estão desempregadas, sem renda e à espera de respostas estatais que garantam seu direito de existir, de viver com dignidade e de ter trabalho decente.

> A resposta do Governo Federal em 2021 reforça os malefícios e prorroga por tempo indeterminado a pandemia da Coivd-19, marcada em sua segunda onda por variantes mais letais (dentre elas a variante brasileira que colapsou em dezembro de 2020 o sistema de saúde em Manaus). Deixa o país sem um plano nacional de vacinação para atender toda população até o final de 2021. Reforça a política de austeridade econômica a cada dia e se guia por negacionismos e ataques ao Estado Democrático de Direito, que já conformam uma política de genocídio da população mais vulnerável: da população negra, pobre e periférica. Até o momento, o mesmo Estado que alçou o trabalho doméstico como atividade essencial durante a primeira onda da pandemia tem deixado a categoria no final da fila da vacina contra a Covid-19, podendo chegar ao final de 2021 sem que todas as trabalhadoras estejam vacinadas, com saúde física e mental debilitadas por estarem expostas ao vírus, à perda de entes queridos e às condições extremas de vulnerabilidade econômica. (Matos, 2020, p.68-69).

Anastácia seguiu a vida, concedeu-nos entrevista, compartilhou suas vivências no trabalho doméstico remunerado, falou sobre como se sente enquanto uma mulher negra, mas, a dor de ter perdido sua tia, agravada pela certeza da falta de atendimento digno ela leva consigo, se emocionando todas as vezes que o assunto volta à tona. Nós seguimos buscando entender como todos esses elementos estão relacionados e seguem mantendo mulheres negras no lugar obscuro da invisibilidade e subserviência.

Infelizmente, os casos de D. Cleonice e da tia Maria não foram isolados. Durante os anos de maior gravidade da pandemia, vimos tudo acontecer com trabalhadoras domésticas, sobretudo, as negras. Fome, doença, morte, desamparo, histórias de violações e desrespeitos, cárcere privado, foram situações que emergiram durante o período.

A saúde das trabalhadoras domésticas não foi algo que tenha despertado o interesse ou comoção da sociedade, mesmo com tantos casos sendo noticiados pela mídia. Quando não foram obrigadas a continuar trabalhando, foram dispensadas sem qualquer amparo. Diante do cenário, os movimentos e órgãos representativos da categoria, iniciaram uma mobilização para resguardarem a saúde e vida dessas mulheres.

> Ainda no início de maio de 2020, a FENATRAD lançou, em parceria com mais 40 organizações, a campanha ‘Cuida de Quem te Cuida! Trabalho doméstico não é atividade essencial!’ com o objetivo de alertar a sociedade brasileira sobre a edição dos decretos mencionados(https://www.cuidadequemtecuida.bonde.org/), sensibilizar os governantes locais e provocar a atuação do MPT como órgão fiscalizador desses decretos e de tantos outros que estavam sendo editados ou que os estados sinalizavam que iriam adotar. A mobilização fez o MPT abrir procedimentos investigativos, porém 61 como a tramitação é mais lenta e a duração dos decretos foi curta, o órgão não conseguiu dar resposta satisfatória para reverter os decretos e garantir o direito de quarentena durante o lockdown. Na Câmara dos Deputados, parlamentares sensibilizadas com o tema apresentaram o Projeto de Lei 2477/2020, de modo a alterar a Lei geral da pandemia (Lei 13.979/2020) e deixar evidente que serviços domésticos não são uma atividade essencial, além de terem promovido audiência pública sobre o problema8. Todavia, a pressão das trabalhadoras e organizações feministas e sindicais parceiras não foi suficiente para que o Presidente da Câmara pautasse a proposta, de

> forma que mais uma vez as trabalhadoras sobreviveram ao primeiro período mais crítico da pandemia sem o devido apoio governamental. (Matos, 2020, p.60-61).

De outro lado e, mais uma vez, enfatizamos que diante da gravidade da situação experimentada pelas trabalhadoras domésticas no período da pandemia, seus filhos se mobilizaram e criaram o movimento "*pela vida de nossas mães*", reivindicando o direito a quarentena remunerada para mães trabalhadoras domésticas. Além de uma página nas redes sociais (@pelavidadenossasmaes), onde socializavam depoimentos do não cumprimento das medidas sanitárias recomendadas pelas autoridades, por parte de empregadores, também recebiam doações, visando assegurar uma quarentena, com o mínimo de assistência, às suas mães e organizaram um manifesto, divulgado para toda a sociedade – Anexo D.

Mesmo com todos os sinais de que trabalhadoras domésticas estavam em risco e com os esforços da categoria e seus pares, para proteger essas mulheres, o pequeno *Miguel Otávio Santana da Silva*, não teve a vida protegida, tornando-se um dos casos mais tristes vistos na pandemia, mesmo que não tenha sido vitimado pela doença.

> **A morte de Miguel ilustra o desprezo total que os empregadores têm pelas trabalhadoras, atitude profundamente enraizada no legado do regime escravagista brasileiro, que busca justificar a atribuição de menor valor da vida dos negros em relação aos brancos**. Sinaliza a ausência do Estado para garantir o devido cumprimento do direito à quarentena das trabalhadoras. E concretiza o relato das trabalhadoras de que, com ou sem decreto de lockdown, instituindo o serviço doméstico como atividade essencial ou não, a grande maioria continuou laborando como se não houvesse pandemia e como se todos os empregadores realmente precisassem dos serviços das trabalhadoras domésticas. (Matos, 2020, p.64-65, grifos no original).

Miguel morreu no dia 02 de junho de 2020, com 5 anos de idade. Sua mãe, *Mirtes Renata de Souza*, mulher negra, trabalhadora doméstica, filha de outra trabalhadora doméstica, não teve o direito a quarentena, tão pouco, a quarentena remunerada. Diante da necessidade de manter-se trabalhando e com o fechamento dos equipamentos educacionais de suporte para as mães trabalhadoras, precisou levar seu único filho, Miguel, para o trabalho. Mirtes trabalhava para a família do prefeito de um município próximo a Recife (PE), que morava em um condomínio de luxo – o edifício Píer Maurício de Nassau[191] – na região central da capital.

Ao deixar o filho sob responsabilidade de sua patroa, para ir passear com o cachorro da família pelo quarteirão, a criança ficou choroso, reclamando a ausência da mãe e ficou tentando ir ao seu encontro. A patroa, que estava sendo atendida por uma manicure (outro serviço essencial?),

[191] Vejam as ironias cotidianas de nossa colonialidade, reafirmada diariamente. Maurício de Nassau "foi um conde, militar e administrador holandês. Governou as províncias holandesas no Brasil, instalou a capital do Brasil holandês na cidade do Recife, na capitania de Pernambuco". Disponível em: https://www.ebiografia.com. Acessado em: 05 de out. de 2021.

irritou-se com a criança, que sai do apartamento e entreva no elevador. Câmeras de segurança, mostram que a patroa tentou impedir o menino de circular no elevador, umas 2 vezes. Entretanto, diante da insistência da criança, ela não somente deixa o menino no elevador, no 5º andar, como aperta os botões. O menino, desacompanhado, sai do elevador no 9º andar, sobe em alguns condensadores de ar-condicionado, de onde parece avistar sua mãe na rua. Nunca saberemos como, Miguel despenca do 9º andar buscando os braços de sua mãe.

Quando retorna com o cachorro, Mirtes é informada na portaria do prédio, que alguém havia acabado de cair no pátio. Ao dirigir-se ao local para tentar ajudar, se depara com o corpo agonizante de seu filho. A cena, também registrada pelas câmeras de segurança e divulgada pela mídia, corta o coração de qualquer pessoa, capaz de ter empatia pelo outro.[192]

> Em plena pandemia as mulheres pretas continuam trabalhando e suas patroas não compreendem que seu isolamento também é fundamental. Eu estou me afogando em lágrimas de indignação, luto e raiva. Eu simplesmente não consigo parar de chorar. Porque minha memória ancestral me mostra que essa realidade sempre esteve presente na vida de nossas ancestrais até atualidade. Penso no choro e medo do Miguel, o mesmo choro que nossas crianças choravam quando eram vendidas e separadas de suas mães. (Katiuscia Ribeiro, 2020)[193].

Katiuscia Ribeiro, filósofa negra, referência nos estudos de Filosofia Africana, teve essa fala precisa sobre a morte de Miguel, que ao mesmo tempo que é chocante por sua imprevisibilidade, é chocante pela negligência e descaso com os quais uma criança negra é tratada. Miguel foi deixado naquele elevador por conta das crenças criadas pelo racismo que levam a sociedade a taxar crianças negras como arredias, incontroláveis e insubordinadas, atribuindo-lhes uma culpa, e exigindo uma maturidade que não é necessária para crianças que não são racializadas.

A COVID foi letal, mas, existem valores perpetrados na sociedade brasileira, muito mais fatais que a doença, o racismo e o medo que ele impõe à homens negros, às mães negras e crianças negras, ceifa vida diariamente e, muitos seguem fingindo que não veem.

> Saindo de análises centradas em contextos europeus, 'Necropolítica' fornece ferramentas para pensarmos a forma de constituição de diagramas de poder não apenas nos contextos pós-coloniais de Áfricas, mas também nos processos de colonização, neocolonização, descolonização e nos traços de colonialidade que ainda imperam com força nos contextos latino-americanos, caribenhos e brasileiros. Dessa forma, promove uma mudança tanto analítica quanto na forma de olhar e tomar alguns processos históricos que têm nos contextos europeus o foco territorial e a primazia analítica dos eventos. A partir desse deslocamento, o holocausto deixa de ser o modelo paradigmático de genocídio de povos e populações. O processo de colonização e neocolonização e, consequentemente o extermínio das populações indígenas, dos povos autóctones e o sequestro e escravização dos povos de Áfricas

[192] Dados obtidos em reportagem publicada no G1, o portal de notícias. Disponível em: https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/06/05/caso-miguel-como-foi-a-morte-do-menino-que-caiu-do-9o-andar-de-predio-no-recife.ghtml. Acessado em 05 de jun. de 2020.

[193] Disponível em: instagram.com/p/CBBomZoJgl5/. Acessado em 05 de jun. de 2020.

> passam a ser o centro do debate bio-necropolítico. Nesses devires, a vida (*a bios*) precisa ser tomada de uma perspectiva racializada, levada ao máximo de sua importância, produzindo movimentos de vergonha, culpa, reparação e desinvestindo a máxima que 'nem todos os crimes produzem coisas sagradas'. (Lima, 2018, p.26).

A manutenção do trabalho doméstico durante a pandemia, diz respeito, inicialmente, a manutenção dos privilégios gozados pela branquitude[194], explicitando o quanto este grupo está autorizado a fazer o que quiser e precisar para atendimento de suas necessidades, mesmo que isso signifique seguir desumanizando e expropriando corpos negros.

> A definição do branco e do negro são produções histórico-político-culturais que extrapolam a perspectiva biologizante. Ser socialmente branco no Brasil corresponde a exercer uma função social que lhe confere autoridade, deferência, um respeito automático que possibilita mobilidade social. O negro, portanto, é o outro. O negro é o não branco. (Magalhães apud Farias, 2022).

Sobre o caso Miguel, passados 3 anos e 3 meses de sua morte, a patroa negligente "foi condenada por abandono de incapaz, que resultou em morte, a 8 anos e 6 meses de prisão, mas aguarda recurso, em liberdade, até o caso transitar em julgado"[195]. Enquanto aguarda o julgamento do recurso "[a patroa] foi aprovada no vestibular de medicina de uma faculdade particular"[196].

> Sinceramente acho que [a patroa] está fazendo isso de caso pensado, pois, se presa, pode ser separada e ter regalias na prisão com diploma de curso superior, para garantir a proteção da integridade física. [...] A vida de Miguel foi brutalmente interrompida por negligência e abandono, e agora essa mesma pessoa pretende se dedicar à saúde e ao bem-estar dos outros? Imaginar que essa pessoa, responsável pela morte do meu filho, possa estar diante de outras vidas, fazendo escolhas por elas, afirmou Mirtes.[197]

---

[194]Racializar o branco é fundamental para a discussão sobre branquitude, já que desde o século 16, os racializados, ou seja, as pessoas vistas como uma 'raça diferente' eram as não-brancas. 'O mundo é todo feito para o branco se sentir representado como se ele fosse o padrão universal de humanidade. Como se quem tivesse raça fosse o negro ou o indígena e os brancos fossem genéricos. Isso é um privilégio muito grande', afirma Schucman. Lourenço Cardoso explica que o conceito de branquitude tensiona o que é ser branco. 'Branco é uma invenção de si no momento colonial. Eu me invento na medida em que eu invento o outro', reflete o pesquisador. 'É uma identidade de contraste com uma hierarquia, uma identidade que se faz: eu coexisto com o outro, eu somente existo a partir da sua existência. Essa é a lógica do pensamento ocidental', diz. Racializar o branco é fundamental para a discussão sobre branquitude, já que desde o século 16, os racializados, ou seja, as pessoas vistas como uma 'raça diferente' eram as não-brancas. 'O mundo é todo feito para o branco se sentir representado como se ele fosse o padrão universal de humanidade. Como se quem tivesse raça fosse o negro ou o indígena e os brancos fossem genéricos. Isso é um privilégio muito grande', afirma Schucman. Lourenço Cardoso explica que o conceito de branquitude tensiona o que é ser branco. 'Branco é uma invenção de si no momento colonial. Eu me invento na medida em que eu invento o outro', reflete o pesquisador. 'É uma identidade de contraste com uma hierarquia, uma identidade que se faz: eu coexisto com o outro, eu somente existo a partir da sua existência. Essa é a lógica do pensamento ocidental'. (Farias, 2022. Disponível em: https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/dicionario-jornalistico/branquitude. Acessado em 10 de jul. de 2023).

[195] Dados disponíveis em: Caso Miguel: condenada por morte de menino, Sari Corte Real é aprovada em medicina em faculdade particular | Pernambuco | G1 (globo.com). Acessado em 02 de set. de 2023.

[196] Op Cit.

[197] Op Cit.

O adoecimento e a morte física causam dor, sofrimento, impotência, entretanto, há na *mistanásia*[198], desses sujeitos – a morte desse grupo étnico começa quando lhes é negado o direito a proteção e a prevenção do contágio, com o silenciamento de suas vozes e histórias – algo mais doloroso que a doença, que é a desumanização, a animalização. Cerca de 35% das trabalhadoras domésticas do país, não são negras, logo seus corpos não são atravessados pela lógica racial que potencializou a exposição das negras ao risco da doença. Não foram divulgadas notícias que nenhuma delas tenham passado por situação parecida (cárcere privado, violência, negligência com filhos que precisaram acompanhar às mães ao trabalho), às experimentadas por mulheres negras nessa pandemia. Todas as notícias, notas, postagens dão conta que foram as mulheres negras que estiveram à mercê da elite.

Além das questões estruturais que negligenciam vidas negras, sem dúvidas, o aumento sensível da precariedade das condições de vida dessa população, vai além do racismo, como dito anteriormente, é manter essas pessoas às "margens do Estado", no limiar da barbárie.

> Es enestosprocesos de la vida cotidiana donde observamos cómo se reconfiguranlosmárgenesdel estado. Estosmárgenes no son meros espacios periféricos; a veces, como enel caso de lasfronteras de los estados-nación, determinanlo que está dentro y lo que queda fuera y otrasveces, como enel caso de lospuestos de control, atraviesanelcuerpo político del estado. Como hemos visto, lasfronteras y lospuestos de controlsonespaciosenlos que lasoberanía, como derecho sobre la vida y lamuerte, se experimenta enpotencia, creandoasíun estado de pánico y una sensación de peligro incluso aunque "no ocurra nada". Paradójicamente, estosespacios de excepciónsontambién lugares enlos que es visiblelacreatividad de losmárgenes, al instaurarse formas alternativas de acción política y económica. (Das; Poole, 2008, p.22).

Obviamente, estar em uma sociedade Neoliberal, que esvazia as ações estatais, minimiza os investimentos públicos em serviços e benefícios sociais e empurra os sujeitos para buscarem o atendimento de suas necessidades no mercado, só aprofunda as desigualdades que sustentam os "indesejados" nas margens, de uma sociedade efêmera e racista. Assim, por mais que seja chocante, fica fácil entendermos por que os mais pobres são os mais vulneráveis e os atingidos com mais gravidade pela doença, fica fácil entendermos o que é a necropolítica. O Estado não está preocupado com esses sujeitos, o Estado não tem cobertura para atender dignamente esses sujeitos, a sociedade considera-os potencialmente um ameaça, é um sistema de moer gente pobre, negra e doente.

---

[198] "A mistanásia, também conhecida por eutanásia social, consiste na ocorrência de mortes precoces causadas por fatores políticos, sociais e econômicos. É a exclusão do indivíduo dos processos de inserção social e construção da cidadania. Sobre a origem da palavra mistanásia, Vieira Filho explica que ela tem origem no grego: mis significa miserável; e thanatos significa morte. Dessa forma, mistanásia se refere à morte miserável, infeliz, prematura, fora ou antes do seu tempo". (SOARES; FREIRE, 2020, p.157).

> Sabemos que a crise e a pandemia se retroalimentam, pois as condições de vida cada vez mais precarizadas para a imensa maioria da população aumentam as chances de contágio e de agravamento da doença. A pandemia, por sua vez, exige distanciamento e isolamento social como medida indispensável para a prevenção do contágio, impactando negativamente uma economia já combalida. [...] (Lole *et al.*, 2020, p. 06).

Uma sociedade democrática, que não vê problema em termos sujeitos tratados de forma diferente, mantidos à margem, é uma sociedade adoecida. A sucessão de histórias tristes e trágicas, envolvendo trabalhadoras domésticas, em sua grande maioria mulheres negras, durante o período pandêmico, minimamente, deveriam abrir um grande debate na sociedade sobre como o Estado pode ser mais eficiente, na função de cumprir e fazer cumprir a legislação trabalhistas e os acordos internacionais, para que esse grupo não tenha seus direitos violados com tanta facilidade. Mulheres negras não podem continuar sendo subalternizadas e estarem à mercê de todo tipo de situação aviltante. "Quando mulheres brancas atingirem tudo que almejam na luta contra o patriarcado, as mulheres pretas continuarão limpando para elas." (Ribeiro, 2020).[199]

Tal como relatado por uma de nossas entrevistadas: "Graças a Deus não peguei esse vírus, alguns dos meus, da família pegaram de forma mais leve, sem mortes pois trabalhava na área da saúde, porém, perdi alguns amigos inclusive do sindicato." (*Esperança*, 64 anos), somente o divino para proteger pessoas negras.

Para nós, a questão que prevalece, mesmo nos repetindo, é o racismo, juntamente, com todos as formas de discriminação conhecidas. Não há políticas públicas que nos proteja, não há Constituição que se efetive, não há direitos que sejam respeitados, porque este Estado também é racista e conivente com a sociedade, tomemos como exemplo, a expedição de Decretos que mantinham o trabalho doméstico remunerado como serviço essencial na pandemia, um escárnio. Não há leis que resguarde quem vive do trabalho doméstico remunerado, mesmo que tenhamos esperado 127 anos para que fossem concedidos direitos trabalhistas à categoria.

Vamos nos aproximando do final desse trabalho, mas, não terminaremos sem discutir as relações afetivas que se estabelecem nessa prestação de serviço, e o que é ser "quase da família". Vemos que todos esses pontos estão interligados e favorecem a violação de direitos, muitas vezes encobrindo as violências praticadas no interior das "casas de família", seguimos.

[199] Disponível em: instagram.com/p/CBBomZoJgl5/. Acessado em 05 de jun. de 2020.

4. OS RUMOS DO CUIDADO COMO TRABALHO E POLÍTICA PÚBLICA – SEGUIREMOS ACREDITANDO NO CUIDADO COMO CAROLINA

> A empregada doméstica é uma personagem capaz de contar muito da história do Brasil. (*Ferla, 2011*)

O trabalho doméstico remunerado é um trabalho de cuidado. Trata-se de um cuidado terceirizado por aqueles que possuem recursos materiais, para designar outros para exercerem todas as tarefas relacionadas ao cuidado, mesmo que isso possa trazer perdas para quem assume essa tarefa.

Ao longo dos anos o cuidado foi se especializando, se profissionalizando e se consolidando como um setor econômico que movimenta a sociedade. A questão, é que as ocupações relacionadas ao cuidado, seguem desvalorizadas e consideradas improdutivas (que não produzem valor ou não há possibilidade de acumulação de capital), mesmo sendo, reconhecidamente, fundamentais para manutenção do bem-estar e tranquilidade daqueles que contratam esses serviços. Ser um trabalho improdutivo, coloca seu profissional numa condição delicada, subalterna, desprestigiada, automaticamente, a maioria dos sujeitos não irão querer exercer tais funções. Nessa hora o quesito raça e cor é usado para "determinar", quem ficará nesse lugar.

Os dados e o campo nos mostram que essa subalternidade aponta para mulheres negras que, nesse sentido, além de estarem submersas pelo trabalho do cuidado, não são vistas como merecedoras de cuidados, nem mesmo autocuidado, fruto do processo de desumanização, invisibilidade e silenciamento que pessoas negras experimentam ao longo da vida, tal como tratamos longo dos capítulos anteriores.

Devemos enfatizar, que existem fases na vida, que o cuidado é mais necessário ou momentos pontuais que demandam mais a atenção do outro, outrossim, o cuidado com as tarefas domésticas é infinito. Geralmente, o cuidado é exercido por membros da família, durante muito tempo, ficou à cargo das mulheres, quando a família tinha condições, delegava essa responsabilidade a profissionais. Tratando-se do cuidado de pessoas, na inexistência de familiares ou de condições financeiras para tal, o Estado assumirá essa responsabilidade, através do provimento de políticas públicas.

Para fins de oferta de serviços voltados para o cuidado, atualmente, o Estado brasileiro dispõe da Política Nacional de Assistência Social, que de acordo com a Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) – Lei 8.742, de 7 de dezembro de 1993 – que em seu Art. 1º determina:

> Art. 1º A assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas. (BRASIL, 1993).

Sabemos o quanto a política pública de Assistência Social e, os serviços que oferecem cuidados, são fundamentais, especialmente, para atendimento das necessidades dos desvalidos e socialmente excluídos. Entretanto, nos questionamos se essas políticas são efetivas e eficazes no atendimento dessa população e como as profissionais do cuidado serão atendidas nessa sociedade que cada dia investe menos em políticas sociais e de bem-estar social. Devemos ressaltar as medidas adotadas pelo governo federal – estamos no primeiro ano, do terceiro mandato do presidente *Luíz Inácio Lula da Silva* –, em restabelecer decência às políticas sociais do país e os investimentos feitos para sua ampliação, entretanto, devemos relembrar que na história recente do partido político ao qual é filiado – o Partido dos Trabalhadores (PT)[200] – e também, em sua gestão anterior, não houve rupturas com o ideário Neoliberal[201], pelo contrário.

> Para o pensamento neoliberal não há como fazer juízo de valor acerca das desigualdades criadas pela ordem de mercado, da mesma forma qualquer tentativa de distribuição de renda ou justiça social, devem ser combatidas, pois podem acarretar o totalitarismo e uma desigualdade de tratamento que beneficie apenas grupos determinados. Cada um é responsável pelos resultados de suas ações, mesmo quando o acaso ou a sorte intervêm, qualquer ação que modifique a impessoalidade da economia resulta em injustiças e não justiça social. O limite da ação do Estado está em promover políticas sociais compensatórias, sem promover qualquer tipo de distribuição de renda ou mesmo combater as desigualdades resultantes da economia de mercado, pois neste caso, ao invés de promover a igualdade estaria tratando grupos e pessoas de forma desigual.
>
> Segundo Marques e Mendes (2005), a política social do governo Lula estabeleceu-se em três eixos: Fome-Zero (e o Bolsa-Família), Previdência Social e Seguridade Social. O primeiro eixo é claramente compensatório e limitado, e os dois segundos configuram-se como regressões neoliberais a favor do mercado em detrimento a direitos propostos pela Constituição Federal de 1988 (CF/1988). [...]
>
> Em comparação com a proteção social, universal e de direito, garantida pela CF/1988, os programas sociais do governo Lula convertem-se em auxílios que se colocam muito abaixo de uma garantia de renda-mínima, como a fornecida pela Previdência Social e BPC. Mesmo tendo o Bolsa-Família atingido 23 milhões de pessoas em 2005, o governo não tendo como referência o salário-mínimo não garante em seu programa o que é considerado como o mínimo necessário para a sobrevivência e sustento de uma família, [...].
>
> Como percebemos, programas como o Bolsa-Família têm um claro limite: não mudam as regras do jogo, do jogo do livre mercado. No entanto, esse programa conquistou um apoio vasto ao governo, o apoio das classes mais miseráveis. Em contrapartida, reformas como a da Previdência e as propostas de reforma Sindical e Trabalhista

[200] "Os governos do PT não romperam com estas medidas neoliberais. Nem romperão. Por exemplo, uma das expressões mais nítidas do neoliberalismo nos últimos anos é a Lei do Teto de Gastos. E Lula, mesmo quando critica esta lei, reafirma que irá respeitar o teto de gastos, apenas demarcando que, por ser bom respeitador da responsabilidade fiscal, ele não precisará usar da lei". (Disponível em: O programa de Lula: neoliberalismo ou desenvolvimentismo? | PSTU. Acessado em 02 de set. de 2023.)

[201] "[...] a essência do arsenal do neoliberalismo: uma argumentação teórica que restaura o mercado como instância mediadora societal elementar e insuperável e uma proposição política que repõe o Estado mínimo como única alternativa e forma para a democracia". (NETTO, 2001, p.77)

> retiram do governo o apoio histórico dos trabalhadores organizados. (Tristão, 2011, p. 121-123).

Quando associamos trabalho doméstico, envelhecimento e o cuidado, automaticamente somos levadas às relações criadas entre empregadas e suas "quase famílias", relações que não assegurarão cuidado na velhice e, nem mesmo representarão vínculos de afeto e apoio, essenciais para a vivência da velhice, como vimos no capítulo 2 desta tese.

Mulheres negras desde a escravidão se dedicam a cuidar do outro, mas, nem sempre recebem cuidado e atenção de seus pares, especialmente na velhice. Nesse contexto, as políticas públicas de cuidado serão essenciais para que, essas pessoas tenham, minimamente, dignidade, acolhimento e atenção na velhice.

Pensar o cuidado como trabalho e como política pública, é reconhecer que aquele trabalho invisível que mantem casas arrumadas, crianças alimentadas e anciões confortáveis precisa ser assegurado também para aqueles que não podem exercê-lo, não podem pagá-lo e não tem uma rede de apoio que possa lhe dar suporte, é reconhecer que as pessoas precisam ter suas necessidades atendidas, seja pela via da terceirização seja pela via da oferta pública. Outrossim, é olhar o cuidado com mais prestígio e como, de fato, um trabalho, inserido na divisão sociotécnica do trabalho e que movimenta a economia, gera empregos, demanda novos serviços e produtos.

Desse modo, esse último capítulo, busca examinar como se constituem as relações afetivas, a partir da relação de trabalho, na condição da empregada doméstica, porque o trabalho do cuidado, tende a promover relações de afeto e provocar um turbilhão de sentimentos em suas trabalhadoras. Partindo dessas relações duvidosas, a sociedade brasileira desenvolveu uma categoria peculiar, que ser para designar trabalhadoras doméstica, que é o "quase da família". Vejam, que ser quase não é ser nada e, pior, ser quase, pode te afastar de quem de fato você é, a sua família de origem e complicar sua situação, quando na velhice, você precisa de cuidados, vimos isso no campo. Então, buscamos entender o que significa para as trabalhadoras domésticas, serem tratadas como "quase da família". Tentamos registrar nas próximas páginas um emaranhado de sentimentos e emoções que perpassam as relações que se desenrolam a partir do trabalho doméstico.

4.1. O LUGAR DO CUIDADO NA EXISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS: REFLEXÕES SOBRE AFETO E CUIDADO, INVISIBILIDADE E RENÚNCIA

Carolina Maria é uma mulher preta envelhescente[202], hoje deve estar próximo de completar 50 anos de idade. A conheci na mesma ILPI em que estavam Norma, Elizete (mulheres que guiaram a construção dos capítulos desta tese) e tantas outras. Ela era cuidadora de idosas. Seu trabalho tinha um diferencial, seu compromisso com o bem viver e com a qualidade de vida da pessoa idosa ali acolhida, além, de sua luta pelo reconhecimento da profissão de cuidador, que ainda hoje é tratada como ocupação. É uma pessoa muito entusiasmada e comprometida com a profissão de cuidador e, especialmente, com os que demandam cuidados em tempo integral. Ela entendia o cuidado como um direito.

Assim como tem acontecido com muitas trabalhadoras domésticas, ela migrou do trabalho doméstico remunerado para o trabalho de cuidadora. Carolina Maria iniciou no trabalho doméstico aos 13 anos de idade, por conta das dificuldades impostas pela vida, vinda de uma família de domésticas (fenômeno observado repetidamente entre nossas interlocutoras e entre as trabalhadoras domésticas negras em geral), Carolina viu na chance de ser babá, uma oportunidade de melhorar suas condições de vida.

> [...] de repente, nós não apenas vemos que o mundo é constituído de indivíduos autônomos que perseguem fins racionais e projetos de vida, mas vemos também que ele é feito de pessoas emaranhadas em redes de interesse e comprometidas com o atendimento das necessidades de outras pessoas ao seu redor. (Tronto, 2007, p. 289 apud IPEA, 2016, p.20).

O trabalho doméstico não foi bom com Carolina, ele a feriu em muitos lugares e deixou sequelas físicas e emocionais. Também não foi bom para seus filhos que, ao precisarem, por muitas vezes, acompanhá-la nas casas por onde passou, eram enxotados e destratados. Ainda assim, o trabalho doméstico proveu a sobrevivência da família, trouxe algumas conquistas materiais importantes. Ela reconhece que foi com o dinheiro ganho no trabalho doméstico remunerado que criou os filhos, que comprou casa, carro e se profissionalizou no cuidado. Ela se tornou árdua militante pelos direitos de profissionais e usuários de instituições de cuidado – ILPIS, abrigos, residências terapêuticas, Centros de Atendimento Psicossociais –, saiu da condição subalterna, que a sociedade insiste em nos colocar e assumiu o protagonismo de sua história.

A história de Carolina está aqui por dois motivos: para que possamos pensar seguir pensando o lugar do cuidado na vida de trabalhadoras domésticas, sobretudo de mulheres negras e,

---

[202]"Sempre me disseram que a vida do homem se dividia em quatro partes: infância, adolescência, maturidade e velhice. Quase correto. Esqueceram de nos dizer que entre a maturidade e a velhice (entre os 45 e os 65), existe a ENVELHESCÊNCIA.
A envelhescência nada mais é que uma preparação para entrar na velhice, assim com a adolescência é uma preparação para a maturidade. Engana-se quem acha que o homem maduro fica velho de repente, assim da noite para o dia. Não. Antes, a envelhescência". (Disponível em: .: Portal do Envelhecimento :.. Acessado em 10 de jul. de 2023).

também, para pensar no cuidado como profissão e direito, entendendo o trabalho doméstico remunerado, como uma profissão do cuidado.

> [...] o vínculo entre a economia de cuidado e o trabalho doméstico assume ainda mais relevância em 2021, ano em que se comemora o décimo aniversário da aprovação da Convenção sobre o Trabalho Decente para as Trabalhadoras Domésticas e os Trabalhadores Domésticos (Convenção no 189 – C189), da Organização Internacional do Trabalho (OIT). (Posthuma, 2021, p.26).

A hierarquização social, que leva mulheres negras ao mercado de trabalho ainda na infância e faz com que permaneçam até o fim de suas vidas trabalhando com o cuidado do outro, vivendo pela família do outro, estabelecendo relações afetivas questionáveis e não tendo, muitas vezes, acesso ao cuidado e ao autocuidado, precisam ser questionadas. Expandir o debate sobre trabalho doméstico remunerado e economia do cuidado de maneira crítica, incluindo nas discussões a questão racial, por exemplo, significa pensar como tirar os cuidadores de uma condição subalternizante e de não acesso ao cuidado, reconhecendo o quão fundamental é seu trabalho e humanizando seus corpos.

O que aconteceu com o menino negro Miguel Otávio, filho da trabalhadora doméstica Mirtes Renata, que foi deixado sozinho no elevador, aos 5 anos de idade, pela patroa de sua mãe e encontrou a morte ao sair do elevador no 9º andar do prédio, exemplifica da maneira mais dolorosa, como cuidado e proteção ainda são negados a pessoas negras, desde a mais tenra idade, pois, repousa sobre pessoas negras o mito da força, resistência e do amadurecimento precoce. É difícil imaginar, uma criança branca, na mesma idade, sendo deixada sozinha em um elevador, é a ideia do acesso à "coisas boas", de Buchi Emecheta (1974), pessoas negras não merece o cuidado e a proteção, que são coisas boas, mas, essenciais.

> Voltei a trabalhar e minha patroa permitiu que eu os levasse para o trabalho, porém foi muito sofrimento. Meu patrão se irritava com a presença dos meus filhos. Tive que ver vizinhas que cuidavam de crianças em casa, meus filhos sofreram muito porque algumas casas que passaram eram maltratados. Por fim, consegui que uma vizinha ficasse na minha casa e eles tinham idade de escola. Nessa época meus avos vieram morar no Rio na casa da minha mãe e meu avô e minha tia ajudavam olhando. Eu dormia três dias no trabalho e os outros retornava para casa, mas chegava exausta a viagem era cansativa e as horas de trabalho também. Não acompanhei meus filhos como gostaria; teve festinha de escola que não participei. (*Anastácia*, 47 anos).

> [...] eu sempre olhei esse impacto muito na família. E na minha própria, que a minha mãe, é uma vida de trabalho, eu como irmã mais velha, nesse, auxiliando com o cuidado com os menores. Então, reunião de escola, que eu não entendia nada do que a professora falava, assim, né? A professora das minhas irmãs caçu... Menores deixava por último, e eram sempre situações assim: de reprovação, de nota baixa, de desempenho aquém do esperado... E eu, com 11, 12 anos, eu não tinha a menor noção do que estava se passando ali e eu... Então, esse impacto é muito forte, então a minha mãe sempre teve que estar cuidando de outras famílias para que a gente tivesse o mínimo, né? E eu nunca tinha imaginado na, na velhice, porque a nossa família é uma família de empregadas e conseguiram... A tia Joana conseguiu se aposentar e a minha avó foi para a varrição, minha avó é analfabeta, mas não sei que estalo que deu, ela

> falou: 'Eu vou para a varrição'. E conseguiu se aposentar também. Então, não ficaram, é... Desamparadas, de todo. Mas tem sim um impacto muito considerável na família. Assim, na família... Aí, a minha tia veio, pegou as minhas primas adolescentes e ela teve que lidar com inúmeras coisas que ela já tinha perdido completamente. Né, mãe? À mão assim completamente... E eu sinto que essa ausência nunca foi suprida. Minhas primas, elas têm alguma... Ai... alguma coisa mal resolvida, sentimentalmente, né, por causa dessa ausência aí de quase dez anos, de ver a minha tia duas vezes no mês... (*Tereza*, 43 anos).

> Normalmente a prioridade é o trabalho, pois infelizmente sai da casa da minha mãe muito cedo, aos *14 anos*. E em um determinado momento não tinha com quem contar, aluguel e contas eram unicamente responsabilidades minhas, não tinha muito tempo para diversão ou socialização. A diversão era e é pagar contas e conseguir deixar o aluguel menos atrasado possível. (*Jovelina*, 27 anos)

As falas de nossas interlocutoras, estão aqui para materializarmos nossa percepção: profissionais que se dedicam ao cuidado do outro negligenciam, por conta das características do trabalho, o seu próprio cuidado e o dos seus. "Nós não temos natal, ano novo. Dia das Mães! Eu vou tá, Dia das Mães, de plantão. Dia das Mães eu tô de plantão. Não fico com os meus filhos". (*Anastácia*, 47 anos).

É importante ainda, considerarmos que o cuidado tem uma dimensão objetiva, mas, também tem uma subjetiva, que pode ser lida como o estar junto e se fazer presente. A ausência dessas mães, avós, irmãs nas suas famílias, marca essas crianças, impacta seus processos de vida, assim como o de suas mães e poderá, trazer consequências concretas para essas relações na velhice, momento em que muitas trabalhadoras domésticas precisarão ser cuidadas. Tal como prescreve OIT:

> As atividades dos cuidados são inerentes à condição humana. Todos os seres humanos dependem de cuidados como beneficiários e como prestadores. Estas atividades são necessárias para a existência e reprodução das sociedades e da mão-de-obra e para o bem-estar geral de todas as pessoas. A própria essência de ter cidadãos e cidadãs independentes e com autonomia, assim como trabalhadores e trabalhadoras produtivos, assenta na existência da prestação de cuidados. Em consonância com a literatura, [...] o trabalho de cuidados é definido em sentido lato, como consistindo em atividades e relações que implicam a satisfação das necessidades físicas, psicológicas e afetivas de pessoas adultas e crianças, pessoas idosas e jovens, fragilizados e fisicamente aptos. Os recém-nascidos, jovens, pessoas idosas, doentes e as pessoas com deficiência, e inclusivamente as pessoas adultas saudáveis, têm problemas físicos, psicológicos, cognitivos e emocionais e requerem diversos graus de proteção, cuidados ou apoio. [...] baseado numa definição abrangente de trabalho de cuidados que cobre todo o espectro dos cuidados e inclui as atividades envolvidas na reprodução social. As atividades de cuidados são compostas por duas grandes categorias. Em primeiro lugar, as que consistem em atividades de cuidados diretos, face a face e pessoais (por vezes referidas como cuidados de «educação» ou «relacionais»), tais como amamentar um bebé, cuidar de um parceiro doente, ajudar uma pessoa idosa a tomar banho, realizar check-ups de saúde ou ensinar as crianças pequenas. Em segundo lugar, as que envolvem atividades de cuidados indiretos, que não implicam cuidados pessoais face a face, tais como as limpezas, cozinhar, tratar da roupa e outras tarefas de manutenção do agregado familiar (por vezes referidas como «cuidados não relacionais» ou «tarefas domésticas»), que constituem as pré-condições necessárias à prestação de cuidados pessoais. Estes dois tipos de atividades de cuidados não se podem dissociar e sobrepõem-se frequentemente na prática, tanto nas famílias como nas instituições. O trabalho de cuidados é sempre realizado no âmbito

> de uma relação de cuidados entre o cuidador ou cuidadora e a pessoa beneficiária dos cuidados – entre a mãe e o filho, enfermeira/o e o paciente, trabalhador/a doméstico/a e o empregador, o filho e o pai doente. (OIT, 2019, p.8-9).

O modo de vida e a sociabilidade, criadas pelo capitalismo, atribuiu o trabalho do cuidado (seja com a casa ou com pessoas) à mulher, instituindo essas atividades quase como uma vocação natural, ligada ao feminino, entrelaçando o cuidado ao papel socialmente construído e atribuído na perspectiva de gênero.

> Federici localiza a 'derrota histórica' das mulheres nesta nova divisão sexual do trabalho. Ela argumenta que as mulheres proletárias em particular se tornaram um novo bem comum, o substituto para a terra que havia sido expropriada e fechada. O trabalho das mulheres era como um 'recurso natural', disponível gratuitamente e sem necessidade de consentimento ou compensação. Ela associa essa transformação das mulheres em bens comuns com o 'patriarcado do salário'. A dependência específica das mulheres proletárias em relação aos maridos surgiu não apenas de sua exclusão do trabalho assalariado, mas do fato de que, mesmo quando eram incluídas no trabalho assalariado, seus maridos tinham direito ao seu salário. (Federici, 2004, p.97 apud Dean, 2021).

> O trabalho de cuidados, tanto remunerado como não remunerado, encontra-se no cerne da humanidade e das nossas sociedades. As economias dependem do trabalho de cuidados para sobreviver e prosperar. Em todo o mundo, são as mulheres e as raparigas que realizam mais de três quartos do total do trabalho de prestação de cuidados não remunerado, e dois terços dos trabalhadores de cuidados são mulheres. (OIT, 2019, p.v).

O que aparece para nós como questão é especificamente, o trabalho do cuidado remunerado, viabilizado pela perspectiva da terceirização dessa demanda, com a saída de mulheres – não negras – para o mundo do trabalho, amplia-se o espaço, e as possibilidades, para a terceirização do trabalho doméstico, do trabalho de cuidado. Na verdade, a saída da mulher para o mundo do trabalho causa um impacto na economia e na própria família. e esse impacto também é sentido pelas trabalhadoras do cuidado e suas famílias, seja pela ampliação de sua ausência no meio familiar, seja por sua absorção por esse mercado, específico, de trabalho. Como ficam essas mulheres e essas famílias?

> [...] através de uma divisão racial e sexual do trabalho, onde o poder foi colonizado, o que permite inferir que sobre homens negros e mulheres negras, ainda quando libertos, recaía a imagem de que ainda eram escravos: o homem negro livre encontrou barreiras frente ao imigrante branco, e a mulher negra livre foi integrada ao mercado como trabalhadora doméstica. (Cardoso, 2019, p. 15).

> O papel tradicional das mulheres de realizar o cuidado não remunerado para membros da família está sendo impactado pelo aumento da participação feminina no mercado de trabalho e pela redução no tamanho das famílias, tendo como consequência menos pessoas – mulheres, especialmente – para cuidar de idosos e demais dependentes. Ao mesmo tempo, a transição demográfica para uma sociedade com mais idosos e as necessidades de cuidado com bebês, crianças e pessoas com deficiência estão gerando maiores demandas para um leque de serviços de cuidado, incluindo cuidados de longo prazo prestados, por exemplo, por enfermeiras, assistentes pessoais, serviços de saúde e hospitais. (Phóstuma, 2021, p.27).

Ter um lar como espaço de trabalho, é no mínimo inusitado, porque é isso, parafraseando Federici (2019), "a casa é a fábrica das mulheres" e será a fábrica, a empresa, das trabalhadoras domésticas. É complexo imaginar que o seu local de trabalho é o espaço privado da vida do outro, imagina-se a gama de informações e situações que essas mulheres absorvem no exercício de suas funções, "é estabelecido um modelo de família orientado para a intimidade do lar, onde devem ser praticadas todas as virtudes anteriormente aprendidas no processo de preparação para o casamento" (Pilla, 2008). Se inserir nesse meio, no espaço privado do lar, pode gerar relações sólidas e, também, relações controversas, protegidas pelo espírito da intimidade e inviolabilidade que rege as relações familiares e que protege o lar.

> O processo de urbanização, iniciado no século XIX, e o desenvolvimento das cidades influenciaram a valorização da intimidade calcada na busca de um requinte do cotidiano, na idealização de um ambiente familiar feliz, acolhedor, repleto de filhos saudáveis e educados, mãe dedicada e marido responsável, características que representavam, segundo D'Incao, um 'tesouro social imprescindível'. (D'incao 1997, p.223 apud Pilla, 2008).

A existência de um trabalhador estranho, na intimidade do lar, já indica a existência de uma relação trabalhista diferenciada, contraditória e propícia a situações que fogem do escopo dos processos de trabalho convencionais. Essa proximidade pode levar a relações afetivas (recíprocas ou não), que posteriormente, poderão encobrir abuso, exploração, assédio, racismo, atos praticados por patrões contra suas funcionárias, além de fragilizar a luta da categoria pela efetivação de seus direitos e pelo reconhecimento dessa ocupação como o trabalho que é. Retomamos Lélia Gonzalez (1982):

> [...] Os diferentes índices de dominação das diferentes formas de produção econômica existentes no Brasil parecem coincidir num mesmo ponto: a reinterpretação da teoria do 'lugar natural' de Aristóteles[203]. Da época colonial aos dias de hoje, percebesse uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. (p.15).

Reforçamos que o fato de acontecer no espaço privado da vida do/a empregador/a, faz com que essas relações – de trabalho –, sejam sinuosas e confusas, faz com que o/a empregador/a, muitas vezes, disponha da vida de sua empregada, de maneira autoritária, a mantendo ali naquele espaço como um objeto de sua propriedade, já que está nos seus domínios. Assim, sentimentos como amor, ódio, inveja, admiração, ciúme e desprezo se misturam, em relações pouco claras, que podem

[203] O conceito de "Lugar Natural" criado por Aristóteles "dizia que o mundo é composto de quatro elementos: terra, água, fogo e ar. Todos os corpos são constituídos da mistura dessas substâncias e para cada uma delas, Deus colocou um lugar certinho. A terra, por exemplo, fica abaixo de tudo e o ar, acima. Por isso, concluía Aristóteles, uma pedra, que tem mais terra do que água em sua formação, afunda e cai sempre. Já com uma bola de sabão isso não acontece porque ela é feita de muito mais ar do que dos outros três elementos, portanto, sobe. Quando um corpo se movimenta – sem que ninguém o esteja empurrando – está buscando seu lugar natural e, ao chegar nesse lugar, ele fica em repouso, realizando plenamente sua essência. Em paz." (Dados disponíveis em: https://elikatakimoto.com/2018/01/01/lugar-natural/.. Acessado em 27 de dez. de 2020.)

potencializar situações de opressão e humilhação, como Le Guillant (2006) trata em seus estudos, "seu sentido [de uma trabalhadora doméstica] deslocou-se lentamente, no decorrer da história, de tudo o que era ação de sentir profundamente para designar apenas a lembrança dos ultrajes e não a dos favores." (p.253).

Como já informamos, acompanhar profissionais que relatam suas experiências e de colegas no exercício do trabalho doméstico, nos aproximou ainda mais do campo. Para além das entrevistas realizadas, a análise do conteúdo postado por influenciadoras digitais, que utilizam plataformas digitais e redes sociais para relatar a rotina e as agruras vivenciadas no cotidiano do trabalho doméstico remunerado, possibilitou, o acesso a fontes secundárias, e com isso, uma ampliação do nosso universo de análise. O trabalho da (ex)trabalhadora doméstica, mulher negra, hoje empreendedora, criadora e administradora do perfil no Instagram @faxinaboa é um exemplo disso. Há algum tempo, uma publicação feita por uma influenciadora digital e patroa, sobre como havia feito uma homenagem para a babá de seus filhos, no dia do aniversário da trabalhadora, chamou a atenção de Verônica Oliveira, que analisou:

> 'Hoje eu pedi pra babá fazer um jantar para uns amigos que viriam aqui em casa... Ela não sabia que o jantar era pelo aniversário dela'. Vi isso rolando em outra rede social. Juro que as pessoas estavam aplaudindo e apoiando a 'iniciativa amorosa' do empregador benevolente que OLHEM SÓ deixou a babá comer no dia DO ANIVERSÁRIO DELA a comida que ELA MESMA fez. Tou aqui ainda pensando que babá nem tem que cozinhar afinal de contas ela não é cozinheira, mas isso fica pra outro post. Isso diz muito sobre quem somos e como vemos as pessoas que prestam serviços pra nós. Ainda há muito que se avançar enquanto sociedade.[204]

Esclarecemos que os posts feitos, tanto pela patroa, compartilhando a homenagem prestada, quanto o feito por Verônica Oliveira, comentando a primeira postagem, constava a foto da trabalhadora doméstica, na beira da pia da cozinha da casa de sua patroa, que também aparecia na imagem. Com o registro fotográfico, foi possível verificarmos que a trabalhadora era uma mulher negra e envelhescente, já com seus cabelos brancos e a patroa branca e jovem. A situação, envolvendo a babá é extremamente equivocada e de mau gosto, em muitos pontos. Primeiro, pela exposição feita da imagem da trabalhadora. A empregadora publica o rosto da mulher sem qualquer pudor, não temos como saber se a publicação foi autorizada ou não, mas, podemos dizer que há uma exposição do corpo do outro, numa situação de abuso e não de comemoração. Segundo, como foi ressaltado por Verônica Oliveira, a senhora foi contratada como babá, e babá não cozinha, há aí um desvio de função e um desrespeito aos direitos daquela trabalhadora. Em terceiro, vemos aqui como a branquitude gosta de imprimir, em atos questionáveis, travestidos de afeto e benevolência, a imagem do "*branco*

[204] Disponível em: Veronica Oliveira (@faxinaboa) • Fotos e vídeos do Instagram. Acessado em 20 de fev. de 2021.

salvador"[205], enaltecendo a generosidade de pessoas brancas e mostrando a escassez (material, afetiva, educacional etc.), que eles deduzem ser vivenciada por pessoas negras. Essa situação, bem peculiar e corriqueira, parece-nos ilustrar o que é esse trabalho, que mais parece "ajudinha" e tem a casa de outra pessoa como espaço produtivo.

Essas ações das empregadoras trazem para a relação a doçura da afetividade, que desmobiliza a trabalhadora, pensamos na citação de Das (1999, p.34), em que ela coloca que "apenas a domesticação da violência pode permitir o tipo de apaziguamento [...]". Essas estratégias empreendidas pelas famílias empregadoras, associadas a permanência no ambiente privado de suas vidas cotidianas, pode vir a criar o sentimento do "*quase da família*", uma categoria criada no ideário social brasileiro que serve para dizer muitas coisas, menos que um/a trabalhador/a doméstico/a faz parte daquele núcleo familiar ao qual serve.

> Apesar de indissociavelmente ligado à vida social, o espaço doméstico foi frequentemente pensado como seu avesso: domínio do privado versus o público, do silêncio versus o discurso, de necessidades e não da liberdade, do costume e não do acaso, lugar por excelência de exercício incontrastável do poder patriarcal sobre mulheres, crianças, servos, escravos, animais, terras, bens, recursos e outras coisas. Tradicionalmente pensado como carente de história, sua constituição física, as práticas, relações, sentimentos e sujeitos nele abrigados, as permanências e mudanças que ele exprime da vida coletiva e individual, os processos de memória que sustenta, demoraram a receber a atenção dos historiadores. E dos preservacionistas a propósito. Em detrimento do fato de a própria ideia de habitação ser profundamente marcada por um imaginário de identidade, enraizamento e continuidade. (Nascimento, *et al*, 2012, p.27).

A fala transcrita, a seguir, é da influenciadora, (ex)trabalhadora doméstica e podcaster *Janaína Costa*, feita para o podcast "*Quadro de Empregada*",

> Se as trabalhadoras domésticas acreditarem nesse pertencimento ao grupo familiar dos patrões, isso se torna muito complicado, porque elas entram num modo em que não conseguem enxergar que o que está acontecendo ali é uma relação trabalhista. Ela se sente culpada por quê? Porque durante a semana [a patroa diz] 'ah eu só como se o filé do frango for feito pela Maria! Ah, eu só como se ela fizer assim!', aí de repente ela tá na folga dela em casa [a Maria], aí ela fica de lá se sentindo culpada. 'Ai meu Deus, eu devia ter ficado lá, eu devia...', porque entra nesse modo de não é mais uma relação trabalhista, é uma ajudinha, é um apoio, que a afetividade não entra no holerite do final do mês. Esse se fosse como da família, não tá somando mais R$ 2.000,00, mais R$ 1.000,00 no salário dela, ela tá entregando, ela tá entregando, ela tá entregando e os patrões tão aceitando, tão aceitando, tão cutucando para que isso aconteça cada vez mais e é muito difícil quando uma trabalhadora doméstica acredita que ela é da família porque ela começa a viver em função daquela família. Talvez muitas delas não cheguem a construir as próprias famílias. E não saber se de fato ela

[205] De acordo com Thaís Bernardes (2020), "isso é o que chamamos de 'complexo de branco salvador' (do inglês 'white savior complex'). Quando um branco acredita que pode salvar a miséria do mundo (que seus antepassados ajudaram a construir) e aproveitam dessa situação para expor estes pequenos corpos pretos nas redes sociais [...]. Quando na verdade, a branquitude e seus sistemas de estrutura de dominação e poder são os grandes responsáveis pela desigualdade social e racial no mundo". (Disponível em: O mito do 'branco salvador' exalta a generosidade da branquitude e a miserabilidade da negritude - Noticia Preta - NP. Acessado em 02 de set. de 2023.)

> não quis construir a família dela ou se ela não teve tempo ou ela não teve folga para ir viver a própria vida [...].[206]

A fala de Janaína, mostra como o poder de dominação e domesticação está intrínseco nas relações de afeto estabelecidas entre empregadores e empregadas/os domésticas/os, o que pode facilitar processos violadores e aprofundar a subjugação desses profissionais. Fernandes (2021), fala sobre os excedentes presentes no trabalho do cuidado, algo comum, não contabilizado e não problematizado pela sociedade:

> Esse algo a mais pertence a uma espécie de superávit das relações de cuidado, algo que diz respeito às ações 'fora' desse trabalho, partes não contabilizadas como tal e que mesmo assim são incorporadas como um dever a ser cumprido. Esses excedentes não contabilizados fogem a uma economia utilitarista das relações sociais, ao mesmo tempo em que materializam as bases nevrálgicas do trabalho de cuidado. Uma atividade multifuncional e diversificada que, apesar de envolver uma reflexividade moral, um engajamento emocional e um trabalho corporal, é rebaixada socialmente do ponto de vista político e econômico. (p.09).

Nos questionamos muito o que é ser "quase da família", uma expressão corriqueira em nossa sociedade e que foi experimentada literalmente pelas senhoras que levaram a realização desta pesquisa. Mulheres dedicadas, que foram "quase da família" e terminaram suas vidas em situação bastante delicada, em ILPIs públicas. Essa expressão não soa bem aos ouvidos, para nós, parece haver algo enganoso por trás dela. Concordamos com Valeriano (2017), que argumenta que "a, condição de 'ser quase da família' pessoaliza a relação de trabalho, fazendo com que as subjetividades interfiram na relação contratual e na efetivação dos direitos conquistados".

No nosso entendimento "ser quase da família" é estratégia dos empregadores, instrumento de dominação e subjugação como era o chicote na mão do senhor de engenho. Giselle Marques (2017), escreveu um poema sobre "ser quase da família", que fala sobre quase ser parte de alguma coisa:

> Ser QUASE da família, na maioria das vezes, significa ter seu nome quase lembrado, trocado por 'minha empregada' nas rodas de conversa. Das madames 'bruzundangas' (leia Lima Barreto).
> Ser QUASE da família é sentar-se para almoçar quase na mesma hora com que os donos da casa sentam.
> Ser QUASE da família significa ser quase uma convidada normal, mas ter que lavar a louça no final das festas dos 'patrões', mesmo recebendo convite.
> Ser QUASE da família, significa ser quase paga de forma justa, equivalente ao que se trabalha.
> Ser QUASE da família significa ser quase ouvida quando deixa seus filhos doentes em casa, para cuidar dos filhos dos outros.
> Ser QUASE da família significa ser quase respeitada.
> E… a todxs que lutam por um município, um país humanizado, mas… por ora praticam o QUASE dentro de suas casas…
> Convenhamos, é a mesma coisa que comer caviar com farinha. Não combina!

[206] Quadro de Empregada: Como se fosse da família. Janaína Costa. São Paulo: 02 de jun. Disponível em: Como se fosse da família - Quadro de Empregada | Podcast onSpotify. Acessado em 02 de jun. de 2023.

> Em festa de aniversário meu, eu não faço festa para mim. Isso me incomoda. Só a família da casa. Eu faço para o povo da casa. Vamos supor, eu tenho bastantes amigos, amigas. Amigas de coração que me tratam bem, que eu falei assim: gente eu podia tanto levar esse amigo para almoçar em casa. Mas eu não tenho essa liberdade, eu não sou da família.[207]

Ainda sobre ser "quase da família", gostaríamos de trazer novamente, a obra "*Casa Grande e Senzala*", quando Gilberto Freyre (2003), fala sobre os serviços íntimos que a Casa Grande fez subir da senzala e, também, da presença de crianças mestiças, filhos dos estupros cometidos pelos senhores de engenho, isto é, meninos indesejados, mas, presentes no espaço doméstico da casa e nas relações familiares, os "quase da família".

> A casa-grande fazia subir da senzala para o serviço mais íntimo e delicado dos senhores uma série de indivíduos - amas de criar, mucamas, irmãos de criação dos meninos brancos. Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não o de escravos, mas o de pessoas de casa. Espécie de parentes pobres nas famílias europeias. À mesa patriarcal das casas-grandes sentavam-se como se fossem da família numerosos mulatinhos. Crias. Malungos. Moleques de estimação. Alguns saíam de carro com os senhores, acompanhando-os aos passeios como se fossem filhos. (p.225).

Nos parece que as empregadas domésticas, "quase da família", são esses "moleques de estimação", úteis para a manutenção do espaço doméstico, presentes em momentos de reunião e celebração, para servirem e ausentes em testamentos e outros momentos emblemáticos das famílias.

Durante o processo de incursão no campo, soubemos do caso de uma trabalhadora doméstica que foi beneficiada como única herdeira por seus empregadores. Perto do falecimento deles, tendo em vista o agravamento de sua condição de saúde – tinha um câncer de mama –, providenciaram sua institucionalização em uma ILPI privada de alto padrão, a herança deveria servir para custear sua estadia nessa instituição e, também, garantir-lhe tratamento e um sepultamento digno. Os filhos desses empregadores, os mesmos que ela criou, não só, não pagaram sua estadia, como negaram-lhe tratamentos de saúde e ainda abandonaram seu corpo quando do seu falecimento. Quem seria essa senhora senão um desses "negrinhos indesejáveis" do período colonial?

Ao serem perguntadas sobre o ser "quase da família", nossas interlocutoras foram enfáticas ao falarem sobre essa expressão:

> Assédio moral! É o maior assédio da nossa categoria.
> [...] Mas, é... Isso é uma coisa gritante na nossa categoria. Usa isso pra poder não pagar os seus direito. Usa isso pra não cumprir com a lei, entendeu? Aí fica: 'Não, não era minha empregada, não. Era minha... Eu trouxe ela lá de Minas pra estudar'. Nunca viu um livro! E trouxe uma criança e essa criança cuidava de outra criança, mas não estuda, não se alimenta direito, não come o que a outra criança come e ainda cuida da outra

[207] Depoimento de uma trabalhadora doméstica para os pesquisadores Christiane Leolina Lara Silva; José Newton Garcia de Araújo; Maria Ignez Costa Moreira; Vanessa Andrade Barros, publicado no trabalho "O trabalho de empregada doméstica e seus impactos na subjetividade". Disponível em v23n1a28.pdf (bvsalud.org). Acessado em 30 de abr. de 2023).

> criança. Aí quando você vai lá exigir, né, os direitos: 'Não, é quase da família. Eu considerava...'. Ou quando a trabalhadora decide botar a patroa na justiça, aí a patroa fala: 'Mas ela não era minha empregada. Eu acho isso injusto o que você tá fazendo comigo, você era quase da família'. E a gente não é da família de ninguém, a gente tem a nossa família, a gente quer nossos direitos cumpridos. Mas tem um assédio moral. É uma frase que... É o verdadeiro assédio moral. Faz isso pra poder nos escravizar.
> Entendeu? Então, é uma barbaridade. É a mesma coisa eu disser: 'Você é preta de alma branca'.
> São duas coisas, são duas, é, frases pejorativas, sabe? Que mexe muito com a gente! Entendeu? Mas mexe porque nunca é da família! Até com, que a gente tem, tivemos um congresso só para falar a doméstica menor, né? Que vem do interior, vinha do interior para trabalhar, é, casa e comida, entendeu? Quando essas meninas não se davam bem, iam para a rua se tornar prostitutas, né? Que não tinha para onde ir.
> E vêm, se elas fossem da família, que vai buscar lá no interior. Nunca que ia acontecer uma coisa dessa. Então são duas, duas, duas frases pejorativas que eu acho que me agravam muito. É que a 'doméstica é da família' e que o 'negro é de alma branca'. (*Laudelina*, 84 anos).

> Olha, eu nunca ouvi e se ouvisse eu não aceitaria.
> Que isso não é verdade. Que assim, eu, eu sempre tive essa visão. Entrando no emprego, eu vou lá, o que era tratado ali era horário, 'olha, eu gosto disso aqui assim, ó, casa bem limpa, comida bem-feita', então eu, é o que eu...
> É o que eu executava, é o que eu fazia. Mas nada além disso, porque eu nunca *acreditei nisso. Nunca tive essa intimidade, chegar e falar: Minha vida, estou* passando isso, estou passando aquilo. Nunca teve isso. Você e a patroa estão me pagando, eu preciso do seu salário, você precisa do meu trabalho. Tanto que, quando eu vou falava: não vou ficar mais! '– Ah, Firmina [nome fictício] ...' aumentava até salário. (*Firmina*, 64 anos).

> Acredito que toda empregada doméstica ouviu ou vai ouvir isso, o problema é se internalizarem como verdade, eu nunca internalizei. Pois até onde entendo sobre o conceito de família, comer restos, dormir mal, sofrer racismo, ser vigiada por câmeras 24 horas por dia, não me parece uma atitude muito familiar. Quem acredita nisso, se torna marionete na mão dessa elite, que como escreveu Jesse Souza, a elite do atraso. (*Jovelina*, 27 anos).

> Essa conversa de ser da família acho todas as empregadas já escutaram, minha última patroa falava muito isso pra mim, tinha muito carinho mesmo. Porém, o filho dela não gostava muito só quando precisou de mim após a morte de sua mãe. Durante um tempo, me iludia com isso depois em alguns momentos difíceis de saúde que passei que vi que o que importava era meu trabalho. Aprendi a me colocar como trabalhadora e não amiga. (*Anastácia*, 47 anos).

> Uma retórica... Absoluta. Não tem nenhuma, não consigo ver nenhuma verdade nisso. Para mim, sempre aparece quando a pessoa está sendo questionada por uma forma de tratamento, ou por alguma injustiça que cometeu, aí a pessoa lança essa expressão como uma justificativa: 'Imagina! Nossa, você é quase da família'. Mas, num... num... Eu nunca ouvi. (*Tereza*, 43 anos).

Ao reler os depoimentos, ficamos pensando quantas emoções estão contidas nessas falas, quantas histórias, quantas coisas aconteceram para que essas mulheres chegassem a esse entendimento. Nos parece que não há, entre elas, dúvidas quanto a inverdade contida na expressão "*quase da família*", o que não significa que não possa haver afeto nessas relações, mas, é preciso estar atento para que esse afeto não se torne instrumento de dominação.

E aí, assim, teve muita luta, assim, mas teve muita coisa boa também, né?
D. [...], que foi fundamental.
Ela [a empregadora] comprou tudo e foi descontando do... Ela comprou de uma vez só. A gente ia fazer um cômodo por vez, fez a casa toda.
Tínhamos um terreno! Um terreno de posse, que depois a prefeitura veio e legalizou.
Aí, ela [a empregadora] falou, negociou tudo e, assim, o que mais deu foi dignidade, porque não foi dado.
Foi com o meu trabalho.
Sim, foi com trabalho.
Facilitou e eu posso dizer que eu tive...
Daí, desse trabalho doméstico, eu tive, sabe? Que a gente conseguiu fazer, aí depois quando a [...] se formou, depois quando eu botei, botei a janela simples...
Ela veio trocando tudo, com essa idade... Ih! Ela veio trocando. E as meninas, [...], mas elas, olha, são filhos, assim, maravilhosos. Valeu a pena o preço, tudo! Valeu a mão que, assim, ter passado tudo isso, mas ver que, nessa área aí, valeu a pena ter pago esse preço, porque eles são assim, sabe? Maravilhosos! Eu agradeço a Deus todos os dias, eu falo: 'Meu Senhor, abaixo de Deus, meu bem maior, meu tesouro, são os meus filhos'. Mas não abro mão, pode ter a idade que for, sabe? Eu faço qualquer coisa, eu brigo com qualquer um para defender eles, que eles são benção da minha vida. E eu acho que ter passado tanta coisa e estar de pé foi por causa deles, sabe? Por causa deles, dando força, a gente está sempre junto, sabe? Sempre conversando, se ajudando... Né? (*Tereza*, 43 anos e *Firmina*, 64 anos).

Que é a pessoa não tem estudo, não tem nada, não deveria ter uma carteira assinada. Mas em relação a outras coisas, né, [...]? Salário não era ruim, eu saía cedo, eu tinha total liberdade lá, ele me ofereceu ajuda para escola, para todos, ele que arrumou lá no hospital com o médico amigo dele para me ligar, ele chegava, falava assim, ele me chamava de Marta: 'Marta, traz a relação de materiais das crianças'. Eu levava de todo mundo. Comprava todos, os livros todos. [E não descontava do seu salário?] Não, não. Me dava um dinheiro por fora. Qualquer coisa que eu pedisse para mim... (*Firmina*, 64 anos).

Eu já trabalhava numa patroa que mora a duas ruas daqui para lá. Né? Dona [...]. Trabalhava com ela. Aí, ela disse assim para mim, lá no Humaitá, ela morava no Humaitá nessa época: 'Laudelina, assinou a lei da carteira assinada e como é que fica a sua situação?'. Eu disse, 'Ah, minha consciência!': 'Não, dona [...]'.
'Isso não é para mim, não. Isso é para quem trabalha direto, dorme no emprego, isso não é para mim, não!'.
Essa diarista diz que ela é diarista, trabalha com... Não sei quantos anos e que tinha carteira assinada. Eu disse: 'O quê?' Terminamos foi num domingo. Terminou a reunião...
'Dona..., vem cá. Como a senhora conseguiu assinar a sua carteira como diarista? – Ah, eu conversei com a minha patroa assim, assim, assim...'. 'Segunda feira, segunda eu trabalho: Dona [...], eu quero conversar com a senhora'. Ela disse para mim assim: muitas vezes a doméstica é explorada porque ela não tem consciência do...
Né? 'Então assim, eu quero que a senhora assine a minha carteira'. Não falei nada de, de... Eu falei: 'Eu quero que a senhora assine minha carteira'. Sabe o que ela me responde? 'Puxa vida, né, Laudelina? Quatro anos perdidos! Quando eu falei com você, você disse que não, não tinha direito'. Entende? E ela assinou a minha carteira, ficou contando o tempo para que eu me aposentasse.
[a empregadora] É raridade em tudo! Raridade em tudo, estou devendo muito a ela!
É, há seis anos, a gente não se desligava.
Ela foi, ela, ela foi uma patroa que foi assim: de relação de patrão, empregado, direitos e deveres. Dever da minha parte e dever da parte ela.
Assim, tipo, que a gente parava, o que ela falava, a gente parava para dialogar. 'Laudelina, por que empregada doméstica está lutando para ter direito igual aos outros trabalhadores se ela tem casa e comida? – Pera aí, meu amor. Eu vou largar o ferro para a gente conversar'.
Eu quando fui para a casa dela, a menina mais velha tinha quatro anos e a mais nova, dois. Deixei as duas na faculdade. Certo? Foi muitos anos de trabalho.

> Muitos anos! Parece que foram 23 anos de trabalho. Então, assim...
> Então, assim, 'vamos conversar. Eu entendo da minha casa isso, isso e isso. Eu entendo como o... Como, é... Comida, é o seguinte, direito à casa e comida. Eu entendo que eu teria direito à comida, sabe? Teria que passar pela comida. Se toda, todo prato que eu fizesse, também comesse. Mas muitas vezes, a gente come, a gente, é... Como é que se diz? Faz um, uma determinada comida, né? Um determinado prato. Senão sobrar da mesa, eu não como. Então, não tenho direito à casa e à comida. Eu teria direito à casa e à comida se eu dissesse: 'Hoje, eu não quero comer'...
> É... 'Essa carne assada, eu quero comer um bife!'. Ou eu vou, como a carne assada, ou não como nada. Então, não tenho direito. O direito é tudo aquilo que sobra, se não comer, joga fora. Não é isso? Nós tínhamos esse diálogo. Olha, o nosso diálogo era tão grande, que a dona [...] era muito... Muito rígida com as outras empregadas, né? E esse foi mudando, mudando, mudando, tanto é que a pessoa que entrou no meu lugar, tá? Foi em 89, tá lá até hoje. Entende? É... A patroa, a mãe dela, era uma pessoa maravilhosa também, é, dizia assim: 'Laudelina, você transformou a [...] numa, numa, numa... comunista!' Você transformou a [...], tanto que ela, a mudança dela: 'Laudelina, que que eu...' Não parava empregada, porque ela é muito, muito exigente! Entendeu? E... Ela dizia: 'Que que eu faço?'. Aí, ela tinha, ela pegou uma empregada muito boa, uma baiana, uma menina boa para caramba, ficou com ela pouco tempo. Ela ficou, aí, ela... Deu conta, né? 'Laudelina'...
> '... O que que eu faço para essas pess... Essas meninas pararem aqui em casa?'. Eu digo: "Simplesmente, dona [...] No contrato de trabalho, a senhora vai dizer qual, qual... A forma, prestação de serviço que a senhora quer, mas escuta dela também o que ela precisa que ela faça'. Porque na hora da necessidade, ela tá precisando trabalhar, ela aceita tudo! Mas quando, quando inicia o... (*Laudelina*, 86 anos).

Sobre a experiência de nossas interlocutoras com as crianças das famílias empregadoras, gostaríamos de trazer o seguinte depoimento.

> Eu ouvi uma vez de uma criança [ser quase da família].
> Coincidência, né? Ele fez um trabalhinho, né, assim: a professora falou para colocar o nome da sua família, ele era pequeno, aí ele botou papai, mamãe, parecia aquele bonequinho, tudo esquisitinho, a bolinha, a cabeça, os bracinhos. Então, aí ele botou pai, a figura do pai, da mãe, da irmã, ele e eu. (*Dandara*, 82 anos).

A profa. Jurema Brites (2007), uma das referências para os estudos sobre trabalho doméstico remunerado no Brasil, fala sobre a possibilidade do estabelecimento de relações de afeto entre empregadores e empregadas, especialmente, entre mulheres e crianças, evocando o conceito de "ambiguidade afetiva", pois, não é possível desvincular o trabalho doméstico remunerado das relações de trabalho e as situações que as cercam, mesmo que haja uma troca afetiva ali.

> Apesar das relações de poder evidentemente desiguais que, sem dúvida, caracterizam este relacionamento [entre empregada e patroa], é a ambiguidade afetiva da relação que exige mais análise. É na troca afetiva entre aquelas que podem pagar pela ajuda doméstica e as [mulheres] pobres que oferecem seus serviços que as relações de classe são praticadas e reproduzidas (Goldstein, 2003 apud Brites, 2007, p. 93).

> No Brasil, a manutenção adequada desse sistema hierárquico que o serviço doméstico desvela tem sido reforçada, em particular, por uma ambiguidade afetiva entre os empregadores – sobretudo as mulheres e as crianças – e as trabalhadoras domésticas. Nas negociações de pagamentos extrassalariais, na troca de serviços não vinculados ao contrato, nas fofocas entre mulheres e trocas de carinhos com as crianças é impossível deixar de reconhecer a existência de uma carga forte de afetividade. Esta, no entanto, não impede uma relação hierárquica, com clara demarcação entre chefe e subalterno, isto é, entre aqueles que podem comprar os serviços domésticos e aqueles

> que encontram, na oferta de seus serviços, uma das alternativas menos duras de sobrevivência no Brasil. (Brites, 2007, p.93).

Em sua análise, Brites (2007), fala das trocas advindas da interação entre mulheres oriundas de realidades tão distintas, essas trocas podem ser materiais ou imateriais (como aconteceu com nossas interlocutoras). Para que essas trocas se concretizem é preciso que todos estejam abertos e dispostos. No caso das empregadoras, estar disponível para receber alguém, socialmente lido como inferior, "num ambiente onde cumplicidade e antagonismo andam sempre de mãos dadas e onde a desigualdade subentendida nessas trocas informa um exemplo típico de 'reprodução estratificada.'" (p.93).

> Em meu entender, elas constituem um modo de abordagem indispensável à compreensão do fato psiquiátrico. Com efeito, a situação das domésticas [...] constitui uma ilustração, excepcionalmente demonstrativa, de mecanismos psicológicos ou psicopatológicos muito mais gerais. Na verdade, ela situa-se em uma das dimensões fundamentais da condição humana: dominação versus servidão, dimensão insuficientemente explorada - convém reconhecer - pelo psiquiatra. (Le Guillant, 2006, p. 243).

De fato, as relações estabelecidas a partir do trabalho doméstico remunerado são complexas, de difícil análise e compreensão. De qualquer maneira, a medida para analisá-las e instituí-las deve ser o *trabalho*, o vínculo empregatício que as proporciona, tal como viemos fazendo ao longo deste texto.

Ser quase é estar em um não lugar, é estar na "*zona do não ser*". Segundo Fanon (2008), essa zona está diretamente relacionada ao racismo e a desumanização de negros e negras. Para o autor, "A ponte da desumanização entre indivíduo e estrutura colocada pelos racistas marca o negro, que é, no final, transformado em anônimo de um jeito perverso". (Fanon, 2008, p. 108-109). Para nós, o depoimento dado por uma de nossas interlocutoras, exemplifica o que é estar na "zona do não ser".

> E a pessoa morava lá, dormia lá [no trabalho, vulgo, casa de família], era um quartinho que tinha, de aluguel, sobrava muito pouco, mas eu nunca tinha olhado por esse viés, mas eu sempre observei muito, eu sempre observei muito o impacto na família, de ver ainda pouco, um pouco, até porque eu parei de frequentar, é... Lagoa. De ver ainda, é, mulheres de branco, em pleno domingo. Os pais, é, andando à frente, aquela mulher carregando uma criança 'grande' no colo. E aí, compra um cachorro-quente para um, a criança come, dá o resto: 'Quer fulana, não?'. E eu sempre me perguntava... E as pessoas sempre reclamam tanto de violência, de violência, de violência... Hoje é domingo! 'Ah, mas ela precisa!'. Ela precisa, mas de segunda a sábado, você tem uma empregada para fazer aquilo que você não pode. Domingo na Lagoa de manhã, você pode carregar o seu filho... (*Tereza*, 43 anos).

Esse é o apogeu do racismo[208], fazer com que uma pessoa seja tão desumanizada que a presença dela se torna imperecível, que ver o outro numa situação constrangedora não comove,

[208] "Em uma sociedade racista, dois princípios guiam as relações sociais: (i) seja branco; (ii) evite negros". (Gordon, 2015, p. 40).

permitir que restos de comida sejam oferecidos, para o outro se alimentar, ela faz com que vidas não tenham valor. *Tereza* (43 anos), nossa interlocutora, traz essa fala com muita emoção e ressentimento e complementa dizendo "para ela poder ver os [filhos] dela. No domingo só! Só naquele domingo. Para ela ver um dever, para ela ver uma comida. Então, eu sempre via esse impacto dessa ausência, dessa mulher que ela não vai, ninguém vai ter, não, ninguém vai isentá-la se a família dela não der certo".

É uma pena que nossa análise não comporte a emoção desse momento, tornar-se "quase da família", pode fazer com que a sua família "não dê certo", essa fala foi pesada, porque nos leva a pensar no lado dos que são, de fato, da família e, também na culpa que essa mulher irá carregar se a sua família, a que ela deixou buscando dar o melhor, "não der certo". Ninguém deveria ter que fazer essas escolhas, ninguém deveria ter que estar no terreno inóspito do não-ser.

> Há uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer. A maioria dos negros não desfruta do benefício de realizar esta descida aos verdadeiros Infernos. O homem não é apenas possibilidade de recomeço, de negação. Se é verdade que a consciência é atividade transcendental, devemos saber também que essa transcendência é assolada pelo problema do amor e da compreensão. O homem é um SIM vibrando com as harmonias cósmicas. Desenraizado, disperso, confuso, condenado a ver se dissolverem, uma após as outras, as verdades que elaborou, é obrigado a deixar de projetar no mundo uma antinomia que lhe é inerente. O negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo. (Fanon, 2008, p.26).

À medida que você não é considerado "alguém", você estará suscetível a toda sorte de humilhações, privações e ofensas, inclusive ingressar, ainda na infância, no trabalho doméstico por necessidade. Às pessoas negras é conferido um status inferior, servil. Não importa o que façam, ou mesmo que consigam ascender socialmente, sempre serão avaliadas e julgadas pela cor de sua pele. Segundo Fanon (2008), isso faz com que negros e negras não queiram ser quem são, queiram embranquecer através do casamento com pessoas brancas ou da adoção de comportamentos tipicamente brancos e europeus; pessoas negras passaram a negar quem são, pelas práticas racistas institucionalizada em nossa sociedade. Como? Ao alisarem seus cabelos, homens mantendo-os sempre curtos ou tornando-os inexistentes, ao negar o desejo por roupas estampadas, coloridas, optando por tons sóbrios e nudes, ao afastarem-se de religiões de matriz africana, por serem "coisas do diabo", ao renegarem sua ancestralidade.

> A instalação da violência no cotidiano como efeito das condições sociais se dá de maneira dramática e espetacular, como nas ações que acompanhamos nos noticiários que chocam e provocam horror – embora também pareçam nos atrair – mas também está no cotidiano, nos pequenos gestos, nas escolhas despreocupadas e naquilo que direciona os nossos olhares. A violência e a exclusão, seus efeitos como o sofrimento social e as reações que elas suscitam não podem ser compreendidos, neste

> entendimento, como práticas individuais, mas compartilhadas através da imersão no mesmo cenário de linguagem e de possibilidades instituído pelo imaginário social. O cotidiano encarnado não está fora da linguagem, está imerso na linguagem, ou ainda, está colado nela. A gramática da linguagem é assim instalada a partir desta interface entre linguagem e cotidiano. Dessa forma, é preciso entender que as ações sobre o mundo desempenhadas pelos indivíduos e pelos grupos, nos casos, por exemplo, da violência extrema, não podem ser compreendidas como possuindo um agente. (Carvalho, 2008, p.13).

Vemos que o conjunto de preconceitos que são impostas a alguns indivíduos, tem consequências tão profundas que são capazes de fazer com que os sujeitos mudem suas identidades, renegando quem são, na expectativa de serem aceitos. Quando falamos de trabalhadoras domésticas, que sofrem uma série de preconceitos e humilhações, devemos considerar ainda que estas se encontram na "c*ondição da empregada doméstica*[209]", que designa "a classe a que pertence uma pessoa na sociedade, por sua fortuna, aptidões, empregos e profissão" (Le Guillant[210], 2006, p. 254).

Estudos comprovam que somente o trabalho doméstico remunerado[211] já comporta elementos suficientes para desencadear uma série de transtornos mentais em suas trabalhadoras. Jornadas de trabalho exaustivas, negação de direitos trabalhistas, condições de trabalho indignas e imorais, humilhações, são algumas das situações vivenciadas diariamente por quem trabalha no

---

[209] "Essa condição é que se torna objeto do ressentimento que, associado ao sentimento de humilhação, está bastante presente na fala de suas pacientes. A humilhação se faz visível nos elementos que designam a 'condição' de doméstica: o modo de se vestir, o quarto de dormir, até mesmo a linguagem, além das relações de dependência e submissão. Para o autor, o ressentimento e a humilhação constituem o dado primeiro da existência concreta das empregadas domésticas. Elas são também marcadas por sentimentos ambíguos (admiração, inveja, ciúmes, ódio, amor) em relação aos patrões, à afeição que sentem pelas crianças da família, a um relacionamento de proximidade, mas marcado pela dependência e pelo isolamento que impede qualquer tentativa de oposição organizada, como categoria. Assim, seus conflitos são vivenciados e interiorizados apenas individualmente". (Disponível em: O TRABALHO DE EMPREGADA DOMÉSTICA E SEUS IMPACTOS NA SUBJETIVIDADE (bvsalud.org). Acessado em 20 de abr. de 2023).

[210] O psiquiatra francês *Louis Le Guillant*, desenvolveu estudos relacionados a *Psicopatologia do Trabalho*, "sobre as repercussões patológicas do condicionamento social e da alienação no trabalho".Louis Le Guillant integra também a chamada psiquiatria social francesa e é percebido juntamente com Sivadon como um dos mais importantes expoentes da Psicopatologia do Trabalho na França, embora suas perspectivas teóricas sejam fundamentalmente diferentes (ou mesmo divergentes) em vários aspectos. Ele irá apoiar-se em correntes de inspiração marxista e, principalmente, em Georges Politzer, o fundador da psicologia concreta na França, para elaborar sua teoria sobre os impactos do trabalho no psiquismo humano. (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931998000200003. Acessado em 04 de jan. de 2020).

[211] Considera-se empregado(a) doméstico(a) aquele(a) maior de 18 anos que presta serviços de natureza contínua (frequente, constante) e de finalidade não-lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas. Assim, o traço diferenciador do emprego doméstico é o caráter não-econômico da atividade exercida no âmbito residencial do(a) empregador(a). Nesses termos, integram a categoria os(as) seguintes trabalhadores(as): cozinheiro(a), governanta, babá, lavadeira, faxineiro(a), vigia, motorista particular, jardineiro(a), acompanhante de idosos(as), entre outras. O(a) caseiro(a) também é considerado(a) empregado(a) doméstico(a), quando o sítio ou local onde exerce a sua atividade não possui finalidade lucrativa. (BRASIL, 2015).
Trabalho doméstico: aquele realizado em/ou para domicílio(s). Trabalhador doméstico: (sexo feminino ou masculino) quem realiza o trabalho doméstico no âmbito de uma relação de trabalho, estando excluídos aqueles(as) que o fazem de maneira ocasional e sem que seja um meio de subsistência. (Convenção sobre Trabalho Decente para as Trabalhadoras e Trabalhadores Domésticos (nº 189), Organização Internacional do Trabalho, OIT). Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/05/convecao_189.pdf. Acessado em out. de 2018.

espaço privado e sagrado do lar. Sem qualquer surpresa, a situação se agrava quando se trata de uma trabalhadora doméstica negra, por estar associada a desvalorização produtiva e sexual do trabalho doméstico. Observamos também, a manifestação do racismo, reverberado da maneira mais cruel possível, justamente, por estarmos falando de um espaço íntimo e reservado, que tende a silenciar os acontecimentos.

> [...] No início, as jovens domésticas não são sensivelmente diferentes das futuras vendedoras, operárias de fábrica, funcionárias da administração – sobretudo – e, por exemplo, de nossas próprias enfermeiras. Elas pertencem de forma um pouco mais particular, talvez, a meios rurais e tradicionalistas. Afinal de contas, sua condição de empregada doméstica é que, pelo menos no essencial – e, evidentemente, em relação a esta situação original –, irá criar os problemas; a partir de agora, vou tentar analisá-los.
> [...]
> Eis o que afirma a empregada doméstica do *Square* [jardim público] de Marguerite Duras em sua estranha conversação com o vendedor ambulante: O que faço não é uma profissão. Este nome serve apenas para simplificar; em vez de uma profissão, trata-se de uma espécie de estado, de um estado considerado em seu todo, você compreende, como por exemplo ser uma criança ou um paciente. (Le Guillant, 2006, p.253-254, grifos do original).

Percebe-se que o fato de estar na condição de trabalhadora doméstica já determina uma situação humilhante, constrangedora para quem desempenha tal função, seja pela sua condição social, lê-se aqui pertencimento de classe, seja por suas caraterísticas físicas e comportamentais. O fato de fazer do trabalho doméstico um meio de prover sua subsistência, já confere àquele indivíduo um lugar subalterno.

> Uma vez mais, não pretendo fundamentar a psicopatologia de minhas empregadas domésticas unicamente em dados econômicos, mesmo que estes se encontrem fundamentalmente na origem de tudo; mas, na situação concreta das domésticas, tais dados estão associados, de uma forma estreita e indissolúvel, a seus aspectos psicológicos, refletindo-se neles. (Le Guillant, 2006, p.253).

Observa-se que as análises de Le Guillant (2006), não racializam a "*condição da empregada doméstica*", tão pouco, referencia o uso de ferramentas analíticas como a interseccionalidade, mas, parece claro que a vida e a subjetividade de mulheres que vivem do trabalho doméstico são marcadas por uma existência diferenciada, uma existência atravessada por diferentes formas de opressão. A subjetividade dessas mulheres é forjada na opressão, a elas não é dado o direito de projetar uma imagem de si conectada com sua origem, seus desejos e interesses. Analisando criticamente a relação entre trabalho e subjetividade, observamos que há no trabalho uma condição autorrealizante, onde os sujeitos podem projetar o atendimento de suas necessidades não só pela produção de bens materiais.

> [Marx] ao tratar da categoria trabalho, toma-a, inicialmente, como uma categoria fundante da produção e reprodução da vida humana - a atividade primária, necessária e natural do homem. Precisamente, o que especifica a essência de um ser vivo é a forma como vive, produz e reproduz sua vida. Marx afirma: 'No modo da atividade vital encontra-se o caráter inteiro da espécie, seu caráter genérico, e a atividade consciente livre é o caráter genérico do homem'. A atividade dos demais animais se reduz exclusivamente ao consumo dos objetos de suas próprias necessidades imediatas. Essa forma de atividade, mesmo a mais deslumbrante, é repetição instintiva e quase mecânica, e, por isso, norteada apenas a uma necessidade específica, restrita e impulsionada de acordo com a própria estrutura orgânica. (Chagas, 2013, p.75).

Por uma questão hegemônica, certamente, essas mulheres desenvolveram identidades subalternas, ou seja:

> [...] um reconhecimento do fato de que essas identidades foram colocadas em posição subalterna por uma sociedade colonialista, branca, patriarcal, cisnormativa, heterocapitalista hegemônica. Por exemplo, em uma sociedade branca e racista *(como a nossa!)*, pode-se dizer que as pessoas negras são uma identidade subalterna, ou seja, foram colocadas em situação de subalternidade em relação à hegemonia branca[212].

Veja, "o homem constitui sua subjetividade mediante o processo de apropriação dos conhecimentos construídos historicamente" (Aita; Facci, 2011, p.35), logo, a maneira como uma sociedade está organizada, bem como, os valores que alicerçaram a formação sócio-histórica desta, incidirão no desenvolvimento das identidades e subjetividades dos indivíduos[213]. A sociedade brasileira estruturou-se a partir de uma perspectiva *patriarcal* e *escravagista*, em relações sociais marcadas entre colonizadores e conquistados, escravos e senhores, que leva a um "[...]complexo de inferioridade do colonizado"[214].

Correlacionando os fatos, percebemos que a "condição da empregada doméstica" tem relação direta com a maneira como a sociedade historicamente percebe mulheres pobres, que no caso brasileiro e, não concidentemente, na grande maioria também, são *negras*. Nesse contexto, somos levadas a crer que essas mulheres produzirão identidades e subjetividades subalternas, o que vem de encontro ao que se tornou o trabalho doméstico remunerado, onde "o ressentimento e a humilhação constituem o dado primeiro da existência concreta das empregadas domésticas" (Silva *et al*., 2017, p. 459).

---

[212] Disponível em: https://revistaforum.com.br/blogs/outrofobia/subalternidade-e-outrofobia/. Acessado em 04 de jan. de 2020.

[213] Partindo de uma perspectiva dialética de entendimento do ser humano e de suas relações sociais, é possível apontar que a "identidade" pode ser compreendida como constituição do sujeito, desde que seu significado esteja na direção daquilo que se faz aberto e inacabado. Nesta perspectiva, a subjetividade é uma dimensão deste sujeito, assim como a objetividade que, a partir das relações vivenciadas, se faz construtora de experiências afetivas e reflexivas, capaz de produzir significados singulares e coletivos (Maheirie, 2002).

[214] Os grupos subalternos, na medida em que não possuem ainda uma unidade política concreta e orgânica que lhes permita assumir o poder, têm dificuldades em construir uma unidade ideológica que lhes garanta uma solidez organizativa. Sendo contraditórias as relações sociais, também "é contraditória a consciência histórica dos homens". A ausência de uma unidade política se expressa como "ausência de iniciativa histórica", de modo que a "desagregação é mais grave" e deve ser "mais forte a luta para libertar-se dos princípios impostos e não propostos autonomamente, para se alcançar uma consciência histórica autônoma." (SCHLESENER, 2016, p. 139).

> Era um caminho quase que natural [o trabalho doméstico remunerado], aí com a necessidade, antecipou. E o estudo... A educação adiou um pouco a entrada, porque minha mãe sempre olhou muito, com muito cuidado isso. A gente só via a necessidade, que a gente queria não comprar roupa, sapato, mas até comer mesmo. (*Tereza*, 43 anos)

> É como se, assim: 'Ah, você é semianalfabeto, você não estudou, então você'... Isso seria para uma pessoa que tivesse estudo. 'Você não tem esse merecimento'. Então, ele, terminantemente, isso aí era uma coisa clara.
> Mas, como a gente não tinha muita opção e a necessidade me levava a fazer isso. É o que era mais rápido para mim. Que eu precisava trabalhar e precisava ter o dinheiro na mão para o sustento dos filhos. (*Firmina*, 64 anos).

Fica evidente que estar na "condição da empregada doméstica" não é desejado, tão pouco confortável para nenhuma mulher, porém, é o que se espera de um grupo específico de mulheres, é o lugar idealizado socialmente para elas.

> [...] fica evidente a condição de empregada doméstica como um elemento que atravessa o processo de subjetivação, em uma tensão constante, entre a sua afirmação como sujeito autônomo e uma cidadã de direitos, e a sua submissão ao poder dos patrões, ao sentimento de menos valia, gerado por sua atividade laboral desvalorizada. (Silva *et al.*, 2017, p.460).

Não queremos nos repetir, mas, ao tratar o trabalho doméstico remunerado é inevitável retornarmos as discussões sobre o período de escravidão negra e ao racismo, visto o perfil racial da categoria, como já apresentado no capítulo 1. "O Brasil foi um dos últimos países do mundo a acabar com a escravidão. Se olharmos para quem são as empregadas, veremos que elas tendem a ser pessoas de cor".[215]

> 'Analisando cidades como Rio e São Paulo, percebe-se que as domésticas muitas vezes são pessoas que migraram do Norte e Nordeste para o Sul e Sudeste. E, como se sabe, o Nordeste é para onde boa parte das populações de escravos foi originalmente trazida. *Há uma situação de dinâmica geográfica, histórica e social que continua até hoje*'.
> [...]
> *As domésticas de hoje são majoritariamente afrodescendentes porque 'justamente eram essas pessoas que ocupavam os postos de trabalho mais aviltados na saída da escravidão* e na entrada da liberdade no pós-abolição', [...].
> A ideia de *ter um servo na família* era muito comum, mesmo entre quem não era rico e vivia nas regiões semiurbanas do século 19.
> [...]
> [...] as relações sociais do trabalho doméstico não têm necessariamente vínculo com a escravidão em si, mas, sim, com a dinâmica racial que se estabeleceu após a alforria, a partir de 1888.[216] (grifos nossos).

Acreditamos que devemos pensar na "condição da empregada doméstica" associada ao racismo cotidiano que está entranhado em nossas instituições, sociedade e indivíduos, racismo que acrescenta mais uma camada de inferioridade à vida dessas mulheres. O racismo é algo tão abjeto que

[215] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953. Acessado em 05 de jan. de 2020.
[216] Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953. Acessado em 05 de jan. de 2020.

faz você desejar ser outra pessoa, em função do olhar que o outro tem sobre seu corpo[217]. O outro lhe nega humanidade, lhe confere inferioridade – que já está intrínseca à "condição da empregada doméstica" –, incapacidade, o outro é que faz com negros se (auto)odeiem e desejem a aceitação da branquitude. A questão racial diz respeito a maneira como o outro te vê ou como você quer que o outro te veja objetivamente, você pode tentar aparentar ser menos negro, mas, subjetivamente, será extremamente violador, forjar uma subjetividade em contraste com sua origem. Entretanto a busca por aceitação e pertencimento, muitas vezes, faz com que pessoas negras o façam.

> O racismo faz com que a expressão 'negros' designe de forma diferenciada seres humanos, englobando-os em um 'grupo' e, assim, cancelando suas subjetividades. O cancelamento da subjetividade é comparável a um inferno. Os negros têm o 'benefício' de saber o que realmente é o inferno. O cancelamento da subjetividade e o inferno daí decorrente são mera construção branca do 'grupo dos negros'; porém, violenta e marcante. Significa que, se o negro for humano, ele vem depois da raça dominante, a branca. (Gordon, apud Bello; Oliveira, 2016, p.6).

> Quando mulheres brancas atingirem tudo o que almejam na luta contra o patriarcado e chegarem a um lugar de igualdade com os homens brancos as mulheres pretas ainda estarão limpando para elas. Uma luta de gênero é insuficiente para dar conta das violências que o racismo promove.[218]

Observamos aqui a intersecção entre a "*condição da empregada doméstica*" e a "*zona do não ser*", ambas áreas sociais extraordinariamente estéreis e áridas, ocupadas majoritariamente por pessoas negras e, que convergem no trabalho doméstico remunerado e outras formas subalternas de ocupação. Observamos ainda, que um determinado grupo social, estará histórica, social e economicamente perpetuado nessas áreas, o que, como já dissemos, impactará em suas subjetividades e, certamente, em sua saúde mental.

Uma das percepções iniciais ao entrar no campo era a ideia de que o trabalho doméstico trazia agravos à saúde física, no entanto, ao nos apropriarmos da literatura e nos aproximarmos de nossas interlocutoras observamos também os agravos trazidos à saúde mental, tal como podemos verificar no depoimento de uma trabalhadora doméstica negra, que morava com os patrões e veio do Nordeste ainda na infância para trabalhar com essa família, e tentou se suicidar, uma vez que, não suportava mais os maus tratos, como registrado por Santos-Stubbe (1995): "[...] Eu ainda era muito

---

[217] "*O corpo negro é um corpo encruzilhada. Sua existência é plena realização dinâmica entre a decisão e o sacrifício*". Quando Malungo (2018), trabalha a ideia de que "*o corpo negro é um corpo encruzilhada*", ele faz alusão a Exu, divindade africana responsável pela abertura de caminhos, pela realização do movimento que leva a evolução, pela ligação entre o órum (céu) e o ayiêr (terra) e pelas encruzilhadas, lugares onde ruas, caminhos, o bem e o mal se cruzam. E assim é o corpo negro, um corpo invisível e indesejado, mas que tem uma atribuição riscada no desenho social, um corpo que mesmo sujeito à disciplina, insiste em existir e buscar caminhos, mesmo que seja resistindo naqueles caminhos já percorridos. "*Um corpo encruzilhada, por isso, não é um corpo que age pela recompensa, mas pelo sacrifício*." (Malungo, 2018). Disponível em: https://medium.com/revistaokoto/o-corpo-negro-%C3%A9-um-corpo-encruzilhada-ca8082e34bee. Acessado em 13 de jan. de 2020.

[218] @katiusciaribeiro. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B7Jgpd9BbZ5/. Acessado em 11 de jan. de 2020.

jovem... *meus patrões sempre me trataram muito mal, como se eu fosse um cachorro e ainda me batiam*. Por isso eu queria morrer... Eu queria me livrar desta situação". (p. 528, grifos nossos).

Nas falas de nossas interlocutoras, é possível perceber pequenas mensagens, que não foram verbalizadas objetivamente, mas, que deixam claro que os impactos do trabalho doméstico são sentidos de muitas formas, tais como é possível observar nas falas seguir:

> Eu não conheci o meu pai. E ela era mãe e pai [sobre sua mãe]. Então, por que ela fez esse trabalho mais pesado? Porque era uma forma de ganhar um pouco melhor pro nosso sustento. E como... A mulher era sempre malvista, de todas as formas, né? E ela pra evitar comentários e tudo mais, ela levava o meu irmão, adolescente, para trabalhar junto com ela, pra acompanhá-la, que ela trabalhava junto com os homens. Ela foi trabalhar na lavoura, num espaço que era de homens. Como o espaço era de homens, o salário era maior, um pouquinho melhor.
> Então, pra ela conquistar esse valor maior de salário, ela levava o meu irmão pra trabalhar com ela pra que ele fosse... Forma de respeito, pra ser respeitada. (*Laudelina*, 86).

> Estudei até... a quinta série, só. Não tenho esses estudos todos não, porque tinha que trabalhar também, né? [risos constrangidos]
> Aí, não deu pra estudar mais. (*Antonieta*, 78 anos).

> Minha mãe [Tereza falando de sua mãe, Firmina] tinha que pegar um ônibus para a estação e o trem para Engenho de Dentro. O que que minha mãe fazia? Ela pegava esse dinheiro do ônibus, dava para comprar o pão e aí ia andando até a estação. Só que, é muito longe. Grávida!
> Aí, eu ia pegar o Japeri e saltava em Engenho de Dentro. Aí, tinha aquela escada, aí eu atravessava e chegava no trabalho. Aí eu trabalhava o dia todo, aí saía, aí saía, terminava, aí voltava, fazia o mesmo trajeto de volta. Porque esse dinheiro da passagem. Esse dinheiro da passagem, que eu economizava, era o dinheiro da semana: pão e leite, para eles. E, às vezes, era só o que tinha. (*Tereza,*43 anos e *Firmina*, 64 anos).

Vemos que há por traz do trabalho doméstico uma carga emocional e a presença de variantes sociológicas que estão historicamente presentes nas relações estabelecidas no trabalho doméstico que podem levar ao adoecimento físico e psíquico de suas trabalhadoras, especialmente, às negras, que são maioria nesse segmento[219].

> Muito, muito, muito, porque eu só andava cansada! Eu sinto muitas dores nas minhas articulações. É... Sinto muita dor nas costa, na coluna. Eu sinto, é... Muito cansaço mental, de um tempo pra cá eu tenho sentido dificuldade de guardar as coisas, de lembrar das coisas. A gente não dorme, a gente cochila, tira aquele cochilinho, porque o idoso não pode ficar sozinho, a gente trabalha 24 horas. Então quando a gente pode dar aquele cochilo, aquela pressão que a gente precisa tomar conta, de se acontecer alguma coisa, a gente que é responsável, né? Então, realmente, o nosso envelhecimento, a mente e o corpo envelhecem muito rápido com isso. (*Antonieta*, 78 anos.).

> [...] Em 2009, eu tive uma crise de coluna que eu tava limpando, tava numa faxina, a perna travou. Foi 2009? Foi sim! A perna travou! Aí eu falei: 'Meu Deus! Como é que

[219] "Com todo respeito a Foucault em 'A história da loucura', mas ele se esqueceu que o racismo causa danos psíquicos à população Negra". (Djamila Ribeiro).

> pode?'. E eu varrendo o quintal e a lágrima descendo, com dor, com dor. Eu falei: 'Meu Deus, meu Deus!'.
> Eu sou muito devota de Nossa Senhora e eu: 'Minha Nossa Senhora, me ajuda! Deixa eu pelo menos terminar a minha faxina, deixa eu pelo menos ganhar o meu dinheirinho'. E comecei a ficar desesperada, desesperada. Aí eu estava nessa casa, que eu tô lá há muitos anos. Aí, eu consegui chegar na porta com a lágrima descendo, eu falei: 'Inês, é... eu estou sentindo muita dor'. Muita dor e chorando. Aí ela falou: 'Marli220, fica calma'. Na época, eu era casada, tinha plano de saúde, ela me botou dentro de um taxi e foi junto comigo e nós fomos. Era, eu trabalhava no Jardim Botânico, ela foi na Tijuca, que tinha, eu tinha convênio. Aí fomos lá numa ortopedista, desde então descobri que eu tinha, que eu tinha, descobri que eu tenho duas hérnias de disco. Na época, eu estava trabalhando três vezes na semana e a carteira era assinada, e fazia faxina também. Eu fiquei 45 dias só pelo INSS, depois o INSS não me deu mais. Eu fiz isso ó e a dor continuava, que não tinha descoberto o que eu tinha.
> Era hérnia de disco. Isso. Aí depois, que o médico falou, falou assim: Vai num, num... é... um urologista não. É uma ressonância. E na ressonância me mostrou que eu tenho uma hérnia de disco, que agora eu já tenho mais as duas, né?
> Aí eu fui, eu perdi o trabalho de três meses. E... não consegui me encostar pelo INSS de jeito nenhum e vou, continuei trabalhando de faxina. Quando começo a faxina, tomo um remédio pra passar a dor, quando acabo... E vida que segue. (*Marli*, 54 anos)

A saúde mental da população negra é mais vulnerável, considerando os impactos do racismo sobre ela. Quando falamos de mulheres negras, os fatores que podem atingir a saúde mental são ainda maiores, pois, além de lidarem com o racismo, deverão enfrentar o sexismo, o machismo, o etarismo e a "condição da empregada doméstica".

Santos-Stubbe (1995), apresenta um estudo, em que analisa o alto fator de risco de suicídio entre trabalhadoras domésticas afro-brasileiras, a partir da crítica de "diversos aspectos psicológicos, psiquiátricos e sociológicos". A autora chegou à conclusão de que este grupo profissional representa, em correlação com as condições de trabalho, de vida e de saúde, *um alto risco no que diz respeito ao suicídio*".

> [...] estas empregadas vivem em situações de profundo isolamento do qual muitas delas não veem possibilidades de livrar-se, provocando assim uma sensação de abandono, falta de poder e opressão de fora; é uma sensação de desesperança. Uma segunda forma de isolamento que, da mesma forma se encaixa na interpretação referente às empregadas domésticas, diz respeito ao estreitamento do contexto de valores do indivíduo, apresentando incialmente uma redução do sentimento de autoestima e consequentemente uma desvalorização da pessoa como tal; o indivíduo passa a ver sua existência como sem importância. (Santos-Stubbe, 1995, p. 525)

A ideia da desumanização de pessoas negras fica evidente nos apontamentos de Santos-Stubbe (1995), automaticamente, a autoimagem e a autoestima dessas mulheres estão completamente sabotadas. A sensação de que não tem nada a acrescentar e nada de valor, predomina entre elas (é possível observar esse comportamento também em nossas conversas, como por exemplo, quando *Dandara* diz constrangida: "Aí que entra, sabe, não deu [para estudar]! Eu não sou aquela pessoa, assim, 100% analfabeta." Ou quando o semblante de *Antonieta* muda e ela diz: "Aí, foi esse

[220] Nome fictício atribuído à informante.

sacrifício, mas Graças a Deus trabalhei, não tem problema. Emprego não mata ninguém, né?"). Podemos levantar como hipótese que esse sentimento de desvalor pode ser entendido como a porta de entrada para os distúrbios mentais, visto que elas desenvolvem uma imagem distorcida de si próprias, em função dos tratamentos, muitas vezes aviltantes, recebidos em suas jornadas de trabalho.

Em artigo publicado na *Folha de São Paulo*, Djamila Ribeiro (2019), ilustra brilhantemente, a condição de mulheres negras em trabalhos servis, tal como o trabalho doméstico:

> Mulheres negras em trabalhos de faxineira ou servente são as 'tias da limpeza', as 'tias do café'. Nem sequer são chamadas pelo nome, muitas vezes as pessoas nunca perguntaram. Só sabem que moram longe, mas nunca perguntaram onde. Não as tratam como seres humanos com histórias, significados, aprendizados, mas sempre com o olhar da condescendência para disfarçar a superioridade que sentem em relação a elas. [...][221]

Como resgatar e fortalecer sua subjetividade e preservar a saúde mental se essas pessoas sequer são nominadas? Uma mulher negra, precisará empreender muitos esforços para acessar a humanidade e sair dessa condição (da doméstica) e mesmo que em algum momento ela consiga, ainda será uma *mulher negra*. Uma de nossas interlocutoras, ao ser questionada se gostaria de ter outra profissão respondeu:

> Sim, tanto que estudei para isso, a trancos e barrancos com apoio de políticas afirmativas, me formei em História em 2017, antes da faculdade eu era empregada doméstica, durante a faculdade eu fui empregada doméstica e depois da faculdade sigo sendo empregada doméstica. (*Jovelina*, 27 anos).

O que aprendemos com esta resposta, é que o racismo ainda estratifica as relações e hierarquiza os indivíduos. O racismo é muito mais que um sistema de poder usado para legitimar práticas segregacionistas e preconceituosas, ela adoece, mata, perpetua estigmas. Evoluímos muito pouco como sociedade, ainda nos parecemos muito com o Brasil colônia (em que mulheres negras estavam subjugadas de todas as formas) e o trabalho doméstico remunerado ratifica esta perspectiva, por manter as mulheres negras em um lugar de não humanidade, de não acesso à direitos e do não cuidado. Desde a abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, a população negra espera a liberdade, espera condições para poder existir e socializar em liberdade, espera trabalho digno, saúde, moradia, direitos, mínimos sociais para viver com dignidade, espera ter oportunidades, as mesmas oportunidades que pessoas brancas têm. Em termos existenciais, de cidadania e libertação o dia *14 de maio* chegue de fato para essa população e cumpra a promessa feita há mais de dois séculos.

---

[221] Disponível em: www.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2019/11/a-solidao-institucional.shtml. Acessado em 01 de nov. de 2019.

4.2. POLÍTICAS PÚBLICAS DE CUIDADO E ASSISTÊNCIA PARA VELHICES PLURAIS

Recentemente testemunhamos uma situação de racismo praticada dentro de uma ILPI privada. Um idoso branco, hetero, com grau de dependência II[222], discriminou uma auxiliar de serviços gerais negra, chamando-a de "crioula nojenta". Uma mulher negra, que está na instituição para cuidar, para deixar o ambiente institucional salubre, exercendo sua função, trabalhando, não é vista como alguém digno de respeito e um cidadão de uma geração que não vê racismo em nada, porque não é racista, dependente dos seus serviços, se sente à vontade para insultá-la, usando suas características fenotípicas para fazê-lo.

Acreditamos que é importante iniciar esse trecho final com esse exemplo, para que este suscite a reflexão, sobre a importância dos serviços de cuidado e como seus trabalhadores negros são tratados.

> O debate sobre importantes transformações aceleradas pela pandemia colocou em destaque o trabalho do cuidado e a importância das políticas públicas sociais em todo o mundo. Com a necessidade de isolamento social, as atividades econômicas foram drasticamente desaceleradas ou mesmo interrompidas na maior parte dos setores produtivos da economia.
> No entanto, foram necessárias estratégias que mantivessem em funcionamento atividades como saúde, assistência social, alimentação e educação, por exemplo. Chamaremos aqui de 'economia do cuidado' as atividades econômicas relacionadas a alojamento, alimentação, saúde, educação, assistência social, serviços pessoais e serviços domésticos, que fazem parte das categorias utilizadas nas pesquisas oficiais brasileiras[223].
>
> A economia de cuidado envolve um grande leque de atividades sociais e econômicas. A força de trabalho no cuidado abrange desde quem trabalha em setores de cuidado, que incluem, por exemplo, educação, saúde e serviços sociais, bem como quem realiza o trabalho doméstico. Também inclui o trabalho de cuidado em outros setores, como o serviço de limpeza e cozinheiros em setores não diretamente vinculados com o cuidado (OIT, 2018a). Estima-se uma força de trabalho global no cuidado de 381 milhões de pessoas – sendo 249 milhões de mulheres e 132 milhões de homens. (Posthuma, 2021, p.29).

[222]"O conjunto das alterações fisiológicas e patológicas vivenciadas pelos idosos culmina com a crescente dependência, que consiste em um processo dinâmico, cuja evolução pode se modificar e até ser prevenida ou reduzida, se houver ambiente e assistência adequados. A dependência pode ser considerada, ainda, como um estado em que as pessoas se encontram por razões ligadas à falta ou perda de autonomia (física, psíquica, social), de necessidade de ajuda para realizar as Atividades Básicas e Instrumentais da Vida Diária. É um problema grave de saúde que interfere na qualidade de vida do idoso e do seu cuidador. (Marinho *et al*, 2013, p.105).
Segundo a RDC / ANVISA N 283 de 26 de setembro de 2005, os graus de dependência podem ser divididos em: 1 – **Grau de dependência I** – Idosos independentes, mesmo que requeiram uso de equipamento de autoajuda; 2 – **Grau de Dependência II** – Idosos com dependência em até três atividades de autocuidado para a vida diária; 3 - **Grau de dependência III** – Idosos com dependência que requeiram assistência em todas as atividades de autocuidado para a vida diária e/ou com comprometimento cognitivo. (Brasil, 2005).

[223]Reportagem "Precisamos falar sobre a economia do cuidado nas metrópoles brasileiras", *de Claudia Monteiro Fernandes, publicado em 07 de julho de2022. Disponível:*Coluna | Precisamos falar sobre a economia do cuidado | Brasil de Fato. Acessado em 18 de junho de 2023.

Talvez a pandemia provocada pelo coronavírus tenha explicitado a importância e a necessidade da economia do trabalho para manutenção da ordem pessoal e social, trazendo essa discussão para o centro do debate.

> O tema do cuidado tem ganhado importância e mesmo centralidade na discussão sobre as novas configurações da economia contemporânea, que tradicionalmente vinha deixando de lado uma parcela importante das atividades produtivas, considerando-as equivocadamente como improdutivas ou secundárias.
> A pandemia de Covid-19 precipitou a constatação da vulnerabilidade da humanidade em todos os espaços sociais e as ideias de autonomia e individualidade foram confrontadas com as de coletividade e interdependência entre indivíduos e grupos de indivíduos.[224]

De outro lado, é preciso pensar a quem essa economia se destina e como aqueles que não tem condições materiais para acessar os serviços relacionados ao cuidado serão atendidos.

Para nós, uma das falas mais emblemáticas foi de nossa interlocutora *Tereza* (43 anos), que relata nunca ter pensado no envelhecimento como uma possibilidade para trabalhadoras domésticas, "Eu sempre percebi múltiplos impactos, mas eu nunca tinha olhado por esse viés do envelhecimento, que eu acho que, ao final das contas, após anos de dedicação para uma família, sobrava muito pouco, né?"

Vejam como esse grupo é cerceado nas suas expectativas de futuro, não considerando a possibilidade de envelhecer. Pessoas que trabalham toda uma vida cuidando, não se veem como sendo cuidados, é como se não houvesse chance para que parem de trabalhar em algum momento ou quando isso aconteça, não sobre tempo para mais nada, para viverem suas vidas. Os trabalhadores do cuidado não têm e nem veem a possibilidade de serem comtemplados como usuários por essa economia do cuidado, lutam por políticas públicas eu assegurem a manutenção e a reprodução da vida com dignidade.

Corroborando a necessidade do cuidado consolidar-se como política pública, acessível, gratuita e de qualidade para toda a população um conglomerado de 30 entidades e organizações feministas de mulheres negras, da economia solidária, das lutas pelos direitos humanos, divulgou um manifesto por uma "Política Nacional de Cuidados que enfrente as desigualdades pautadas no bem viver" – Anexo E –, que propôs "[...] um amplo debate sobre o cuidado, principalmente sobre que tipo de cuidado precisamos para reduzir as brutais desigualdades que vivemos como mulheres trabalhadoras, negras, periféricas, do campo, das aldeias, quilombos, das águas e florestas."[225]

---

[224] Idem ao anterior.
[225] Disponível em: Themis - Gênero, Justiça e DH (@themis.org.br) • Fotos e vídeos do Instagram. Acessado em 22 de ago. de 2023.

De acordo com Leonardo Boff (2005), “os filósofos sempre nos advertem, as palavras estão grávidas de significados existências”, em sentido etimológico a palavra ***cuidado*** vem do latim *coera* ou mera e significa *cura*.

> Em seu sentido mais antigo, cura [...] se usava em *um contexto de relações humanas de amor e de amizade*. Cura queria expressar a atitude de cuidado, de desvelo, de preocupação e de inquietação pelo objeto ou pela pessoa amada Outros derivam cuidado de *cogitare-cogitatus* e de suacorruptela *coyedar, coidar, cuidar.* O sentido de *cogitare-cogitatus*éo mesmo de cura: cogitar e pensar no outro, colocar a atenção nele, mostrar interesse por ele e revelar uma atitude de desvelo, até de preocupação pelo outro. *O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim*. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de suas conquistas, enfim, de sua vida. (Boff, 2005, p.29, grifos nossos.).

Entretanto, autores apontam para a polissemia da categoria “cuidado”, representada pela multiplicidade de significados que lhe caber, enquanto conceito e categoria: “[...] trata-se de atividades, serviços e trabalhos que perpassam diferentes domínios da experiência humana: amor, afeto, público, privado, trabalho produtivo, reprodutivo, ajuda, trabalho remunerado, dom e profissionalização” (Debert; Pulhez, 2019; Zelizer, 2009 apud Fernandes, 2021, p.03).

Seguiremos com as definições apresentadas por Boff (2005), na qual o cuidar aparece como expressão de “amor e amizade”, da “importância dada a existência do outro”, acreditamos que assim devemos entendê-lo, mesmo quando se torna uma questão econômica, pois, o trabalho do cuidado exige antes de tudo empatia e disponibilidade. “Cuidado implica um modo-de-ser mediante o qual a pessoa sai de si e se centra no outro com desvelo e solicitude”. (Boff, 2005).

Pensar o cuidado como economia é reconhecer múltiplos fatores sociais e históricos que moldaram, ao longo do tempo, nossa sociedade e as relações sociais que nela se estabelecem, com destaque para as exigências materiais impostas pelo capitalismo e as reinvindicações e conquistas dos *movimentos feministas*, que abriram espaço para que as mulheres – não negras – pudessem terceirizar o cuidado.

Diretamente, as atividades de cuidado, podem não gerar valor, ou seja, não são economicamente rentáveis, mas, são atividades que garantem condições essenciais para a sobrevivência de pessoas, especialmente, as mais vulneráveis e dependentes. Para além do serviço em si, existe toda uma cadeia produtiva em volta, que pode envolver uniformes, treinamentos, agências de recrutamento e seleção, assim como atividades ligadas à formação dessa economia do cuidado e que movimentam o sistema econômico, assegurando condições de produtividade para os demais trabalhadores, além de gerar empregos (o que também movimentam a economia).

> O papel tradicional das mulheres de realizar o cuidado não remunerado para membros da família está sendo impactado pelo aumento da participação feminina no mercado de trabalho e pela redução no tamanho das famílias, tendo como consequência menos pessoas – mulheres, especialmente – para cuidar de idosos e demais dependentes. Ao mesmo tempo, a transição demográfica para uma sociedade com mais idosos e as necessidades de cuidado com bebês, crianças e pessoas com deficiência estão gerando maiores demandas para um leque de serviços de cuidado, incluindo cuidados de longo prazo prestados, por exemplo, por enfermeiras, assistentes pessoais, serviços de saúde e hospitais. (Posthuma, 2021, p.26).

> Em 2019, 23,8 milhões de pessoas ocupadas no Brasil exerciam atividades formalmente classificadas como Economia do Cuidado em seu trabalho principal, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) do IBGE. Dentre elas, 38,6% estavam nas metrópoles brasileiras. Esta é a parte 'visível' das atividades de cuidado, que vão muito além do trabalho remunerado e são exercidas nos lares ou por meio de redes de solidariedade que não entram nas estatísticas oficiais.[226]

Devemos frisar aqui, que a economia não está apenas dentro das quatro linhas da formalidade e, também não se restringe ao trabalho doméstico remunerado ou a ocupação de cuidador de idosos, existem também, nas periferias das cidades, as "casas de tomar conta de crianças", lugares destinados ao cuidado de crianças da classe trabalhadora, para que suas mães possam exercer suas jornadas de trabalho. O cuidado é uma necessidade cada vez mais demarcada pelo mundo moderno, para que os indivíduos sejam e se mantenham produtivos.

> No contexto da elite e das classes médias brasileiras, os elementos considerados como signos de modernidade narrados acima, só podem ser sustentados por meio de um investimento pesado em modelos privatizados e pessoalizados de guarda de crianças, ou seja, dependentes do trabalho de mulheres pobres, negras e racializadas que realizam os serviços de babás, empregadas domésticas, faxineiras e diaristas. (Fernandes, 2021, p.09).

Essa economia do cuidado é historicamente capitaneada pelo trabalho doméstico remunerado, ocupação recentemente formalizada (2015), que figura nos lares brasileiros desde o pós-abolição, em 1888. Logo, o trabalho doméstico remunerado tem papel de destaque no processo de construção da economia do cuidado, inclusive, pelo protagonismo exercido por suas trabalhadoras, na busca por direitos e reconhecimento da ocupação como trabalho.

> Esta discussão sobre o vínculo entre a economia de cuidado e o trabalho doméstico assume ainda mais relevância em 2021, ano em que se comemora o décimo aniversário da aprovação da Convenção sobre o Trabalho Decente para as Trabalhadoras Domésticas e os Trabalhadores Domésticos (Convenção no 189 – C189), da Organização Internacional do Trabalho. (Posthuma, 2021, p.26).

Falta, em muitos aspectos, o reconhecimento e o amparo jurídico legal à economia do cuidado, luta que é vivida intensamente por trabalhadoras domésticas e agora compartilhada por cuidadores de idosos, de pacientes psiquiátricos, entre outros, o que "dificulta a criação e o

[226] Idem ao anterior.

fortalecimento de um marco jurídico para apoiar e proteger as trabalhadoras domésticas e garantir seus direitos trabalhistas.” (Posthuma, 2021, p.27).

Pensando nas necessidades das trabalhadoras domésticas, especificamente as envelhecidas, trazemos novamente Leonardo Boff (2005), para problematizarmos o ser no mundo dessas mulheres e abordarmos a mudança de papéis na vida do grupo, quando deixam o lugar de cuidadoras para estarem no lugar de serem cuidadas.

> Quando dizemos ser-no-mundo não expressamos uma determinação geográfica como estar na natureza, junto com plantas, animais e outros seres humanos. Isso pode estar incluído. Mas ser-no-mundo é algo mais abrangente. Significa uma forma de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coisas do mundo. Nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo o próprio ser, a autoconsciência e a própria identidade. (p.30).

Para além disso, é preciso que se destaque a centralidade do trabalho na vida dos homens, que determina a posição que os sujeitos ocupam na sociedade. “Foi pelo trabalho que os seres humanos formaram as culturas como modelação da natureza em consonância com seus projetos e valores” (Boff, 2015, p.31).

Ao perderem sua capacidade laboral, por conta do envelhecimento, essas mulheres perderão seus postos de trabalho, mudarão de posição na hierarquia do cuidado e a sua referência de ser no mundo, considerando que muitas trabalham desde a infância. Estar fragilizada pelo envelhecimento pode acometer essas mulheres por muitas questões, inclusive a necessidade de acessarem o cuidado através de políticas públicas.

> O conjunto das alterações fisiológicas e patológicas vivenciadas pelos idosos culmina com a crescente dependência, que consiste em um processo dinâmico, cuja evolução pode se modificar e até ser prevenida ou reduzida, se houver ambiente e assistência adequados. (Marinho *et al*, 2013, p.105).

Geralmente, trabalhadoras domésticas não tem capital financeiro para custear serviços de cuidado, sequer pensam em alcançar a velhice, como explicitado na fala de *Tereza.* Muitas delas também não constituíram família ou perderam os vínculos afetivos ao longo da jornada, então, retornar para casa e receber cuidado muitas vezes não é uma opção. Ser “quase da família” também não lhes dá garantia de acesso ao cuidado nessa fase da vida.

Não podemos negar o racismo e como ele pode ser determinante na privação de acesso ao cuidado. Soma-se a esse momento da vida o ageísmo, que é o preconceito praticado contra pessoas envelhecidas.

> A Organização Mundial da Saúde (OMS), desde 1999, já chamava a atenção quando do Ano Internacional das Pessoas Idosas. Em 2016, apontou que o preconceito de idade, em nível mundial, era um dos maiores problemas em termos de discriminação. A discriminação por idade, também chamada como ageísmo ou idadismo, desde 1969, se refere à discriminação sofrida por uma pessoa devido à sua idade avançada. O

> termo foi batizado por Robert Neil Butler, médico, gerontologista e psiquiatra norte-americano. (Côrte, 2020.)

Vimos, no processo de imersão no campo que as políticas públicas de cuidado podem ser essenciais no amparo a essas senhoras, mas que, em muitos aspectos, tal como estão estruturadas hoje, são insuficientes e não cumprem integralmente a proposta de amparo aos vulneráveis.

> A formulação de políticas sociais e urbanas passa necessariamente por pensar as estratégias do cuidado, e não mais da 'assistência social' precária e paliativa. Espera-se que um dos aprendizados da recente crise pandêmica pela qual (ainda) passamos tenha sido a importância dos trabalhadores 'formais' do cuidado, mas também daqueles que exercem atividades de cuidado dentro de seus lares ou ajudando outras pessoas, da mesma família ou não, na maior parte das vezes sem remuneração.[227]

No Brasil às políticas públicas de cuidado incluem serviços direcionados para crianças e pessoas idosas, consideradas pessoas em situação de vulnerabilidade.

> As políticas públicas de cuidado são o mecanismo por meio do qual o Estado participa dos cuidados, reduzindo a pressão sobre as famílias e, especialmente, sobre as mulheres. São políticas públicas por meio das quais recursos são alocados para garantir o reconhecimento, a redução e redistribuição do trabalho não-remunerado de cuidado entre mulheres e homens, e entre as famílias e o Estado relacionados ao acesso à energia elétrica, à água e saneamento básico; além de regulamentações relacionadas especificamente ao mundo do trabalho como licenças e políticas que promovam um maior equilíbrio entre trabalho remunerado e não-remunerado.
> Podemos pensar as políticas públicas de cuidado como sendo executadas por meio da oferta de benefícios financeiros e de serviços públicos de cuidado, e por meio da oferta de outros serviços, que tenham como resultado reduzir o tempo dedicado ao trabalho não-remunerado de cuidado. Essas políticas incluem a oferta de serviços de cuidado para crianças e pessoas idosas; políticas de proteção social que garantam o pagamento de benefícios para trabalhadoras e trabalhadores que possuem responsabilidades de cuidado ou para pessoas que necessitam de cuidado; oferta de serviços de infraestrutura relacionados ao acesso à energia elétrica, à água e saneamento básico; além de regulamentações relacionadas especificamente ao mundo do trabalho como licenças e políticas que promovam um maior equilíbrio entre trabalho remunerado e não-remunerado.[228]

Políticas públicas de cuidado devem ser pensadas com o objetivo de resguardar direitos humanos e o bem viver dos vulneráveis, para tal, é imprescindível que sejam atravessadas por questões de raça, gênero e geração, devem pensar o cuidado de pessoas que cuidam e/ou cuidaram e das que necessitam de cuidados. As políticas públicas devem, nesse sentido, ter como propósito, não só a assistência material ou social, mas, também ter um efeito transformador, que traga efeitos sociais significativos. Tornar-se de fato o cuidado como política pública pode garantir dignidade aos sujeitos, mas, também, modificar o entendimento social que se tem sobre o cuidado, dignificando, finalmente, o trabalho doméstico e outras formas de trabalho ligadas ao cuidado, gerando empregos e qualidade

---

[227]Reportagem "Precisamos falar sobre a economia do cuidado nas metrópoles brasileiras", *de Claudia Monteiro Fernandes, publicado em 07 de julho de 2022. Disponível:*Coluna | Precisamos falar sobre a economia do cuidado | Brasil de Fato. Acessado em 18 de junho de 2023.

[228] Disponível em: wcms_633135.pdf (ilo.org). Acessado em 17 de jun. de 2023.

de vida para a população mais pobre, promovendo a equidade de gênero e, principalmente, promovendo a dignidade trazendo finalmente quem sempre cuidou para um outro lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaríamos de iniciar a parte final deste trabalho com um poema de *Maya Angelou*[229], poetisa negra estadunidense, multitalentos, que materializa em seus livros e versos, o que é existir, como mulher negra, em uma sociedade que também apresenta características como à nossa: machismo, racismo, misógina, aporofobia, etarismo etc. Seu texto reforça os objetivos, as ideias e a força, que acreditamos, que esta pesquisa tem, "a franqueza e sinceridade da Drª. Angelou afirmam o poder da força individual sobre a história coletiva, bem como o poder das vidas individuais para moldar nosso futuro compartilhado".[230]

Eu me levanto...
Você pode me riscar da História
Com mentiras lançadas ao ar.
Pode me jogar contra o chão de terra,
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.
Minha presença o incomoda?
Por que meu brilho o intimida?
Porque eu caminho como quem possui
Riquezas dignas do grego Midas.
Como a lua e como o sol no céu,
Com a certeza da onda no mar,
Como a esperança emergindo na desgraça,
Assim eu vou me levantar.
Você não queria me ver quebrada?
Cabeça curvada e olhos para o chão?
Ombros caídos como as lágrimas,
Minh'alma enfraquecida pela solidão?
Meu orgulho o ofende?
Tenho certeza que sim
Porque eu rio como quem possui
Ouros escondidos em mim.
Pode me atirar palavras afiadas,
Dilacerar-me com seu olhar,
Você pode me matar em nome do ódio,
Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.
Minha sensualidade incomoda?
Será que você se pergunta
Por que eu danço como se tivesse
Um diamante onde as coxas se juntam?
Da favela, da humilhação imposta pela cor

[229]Maya Angelou, figura extraordinária das letras norte-americanas, foi porta-voz dos anseios e da revolta dos negros. Amiga de Martin Luther King e de Malcolm X, a vida inteira dedicou-se à militância pelos direitos civis de seu povo. Nascendo em Saint Louis – Missouri, partindo de uma infância miserável e cheia de tropeços no Sul profundo, educou-se, para consagrar-se a duas causas: a seu povo e à poesia. Viajou pelo país fazendo campanhas onde fosse necessário; posteriormente percorreria também a África, sempre denunciando a injustiça. Artista polivalente, fez teatro, cinema, televisão, dança. Autora de livros de memórias e assessora de presidentes, soube empunhar a poesia como arma de luta pela emancipação. [...]
A partir do momento em que foi publicado em 1978, 'Still I Rise (Ainda assim eu me levanto)' tem sido um dos poemas mais amados e influentes de Maya Angelou. Ele inspirou figuras tão diversas como Bill Clinton e Tupac Shakur e se tornou um marco no cânone da poesia americana. (Disponível em: https://www.geledes.org.br/maya-angelou-ainda-assim-eu-me-levanto/. Acessado em 01 de jun. de 2023).
[230]Op Cit.

> Eu me levanto
> De um passado enraizado na dor
> Eu me levanto
> Sou um oceano negro, profundo na fé,
> Crescendo e expandindo-se como a maré.
> Deixando para trás noites de terror e atrocidade
> Eu me levanto
> Em direção a um novo dia de intensa claridade
> Eu me levanto
> Trazendo comigo o dom de meus antepassados,
> Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.
> E assim, eu me levanto
> Eu me levanto
> Eu me levanto.[231]

Com essa introdução, retomamos a ideia de que esta foi uma pesquisa militante, no sentindo de buscar trazer contribuições mais efetivas para os debates e ações sobre trabalho doméstico remunerado na sociedade contemporânea e o envelhecimento de suas **trabalhadoras negras**.

> Neste caminho criativo de construção de um pensamento crítico latino-americano, no esforço de superação do eurocentrismo e dos limites da ciência moderna, na ânsia de contribuir, de maneira mais ativa e efetiva, para os processos de transformação social, é que se inscreve a Pesquisa Militante. Representa, assim, um continuum em relação ao pensamento crítico, contudo enfatiza, com avanços teórico metodológicos, o imbricamento efetivo entre a teoria crítica e ações e articulações efetivas no campo das lutas sociais. (Versiani; Jaumont, 2016, p. 431).

Acreditamos que a produção de conhecimento é fundamental para mobilização social e elaboração de políticas públicas, políticas essas que são essenciais no trato das desigualdades e, também, no amparo a velhice. Logo, tentamos trazer para o texto a realidade de trabalhadoras domésticas negras que envelhecem no exercício de suas funções, que pode culminar numa velhice triste e solitária, que demandam de políticas públicas de cuidado.

Dito isto, seguimos refletindo sobre as descobertas e lições aprendidas nesse processo de conhecer, vivenciado, intensamente, nos últimos 4 anos. Talvez, as reflexões que se seguem estejam "setorizadas", aglutinadas pelas diferentes direções que fomos atingidas pela investigação, por todas as respostas que alcançamos e todos os questionamentos que foram surgindo ao longo do exercício de imersão no campo e respondidos a partir da interação com nossas interlocutoras, da revisão das fontes levantadas e do aprofundamento na literatura especializada.

Primeiramente, acreditamos ser importante demarcar o quanto o processo de pesquisa exigiu um movimento de desconstrução para acessarmos o lugar do trabalho doméstico remunerado que coloca suas trabalhadoras negras, na subalternidade. Para compreender o lugar do trabalho doméstico remunerado na sociedade contemporânea, o seu significado social e, especialmente, o seu

[231]Op Cit.

significado para as mulheres que vivem dele, foi preciso realizarmos um exercício de abstração e desconstrução de conceitos, preconceitos e sentimentos pré-concebidos, buscando uma visão ampliada de mundo, atravessada por diversos marcadores sociais, mas, essencialmente, pelo marcador raça. Foi difícil.

O processo de levantamento de literatura foi desafiador: recorremos aos clássicos, para fundamentar nosso argumento, mas, buscamos também referências decoloniais, que partem de uma outra epistemologia, como no caso da obra da professora nigeriana Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2021). Para conceber o mundo e as relações que nele se estabelecem e para legitimar as pretensões desse trabalho, nos inspiramos em bell hooks (1995, p. 475), quando ela fala que "nenhuma mulher negra pode se tornar intelectual sem descolonizar seu pensamento."

> Escolher ser uma intelectual negra está ligada à percepção de que usar as ferramentas disponíveis tanto no mundo acadêmico quanto no mundo ativista negro me possibilita criar análises, desenvolver diagnósticos e proposições efetivas para o enfrentamento dos problemas da sociedade. No entanto, essa escolha e tentativa de estabelecer pontes me colocam em um lugar de isolamento e marginalidade nesses dois mundos, especialmente no mundo intelectual acadêmico.
> [...]
> Eu quero me declarar intelectual porque na minha compreensão ser intelectual não significa apenas trabalhar com ideias, mas com ideias que podem sim mudar o mundo. Eu sou uma intelectual porque eu acredito que tenho sim muito com o que contribuir através da minha pesquisa e dos meus pensamentos na luta dos povos oprimidos. Se isso não é ser intelectual, então o que é? (Ferreira, 2023, p.09-10).

Ao nos encaminharmos para o encerramento deste trabalho, podemos ter a dimensão de todos os investimentos (acadêmicos) que foram feitos para alcançarmos os objetivos inicialmente desenhados. A busca por dados e informações foi se ampliando, permitindo que acessássemos mais profundamente o campo, uma realidade que nos entristecia, indignava, revoltava, mas, que precisávamos manter a isonomia, ao mesmo tempo, que nos apropriávamos de uma literatura que percebia olhar para aquela realidade de maneira crítica, mas, diferente.

O processo de entrevista foi o melhor de tudo. A alegria com que as trabalhadoras nos recebia e aprovavam a realização do estudo e demonstravam-se honradas em participar, o carinho, o respeito e a vontade de contribuir foram a marca do processo de entrevistas, onde sempre deixávamos claro que não se tratava de um trabalho para dar voz àquelas mulheres, mas, para dar visibilidade às suas histórias e vivências no trabalho doméstico remunerado, contribuindo para os debates sobre a *economia do cuidado*, *envelhecimento negro* e *trabalho doméstico remunerado*, inclusive pensando nos processos de intervenção profissional junto a esse público.

Nesse sentido, acreditamos que conseguimos dar visibilidade ao envelhecimento dessas mulheres, assim como, publicizar os aviltamentos e violências simbólicas a que essas mulheres – hoje envelhescentes ou velhas – viveram continuamente ao longo de suas vidas. Já soubemos de

pessoas que passaram a olhar o quartinho da empregada de outra maneira ou de pessoas – como uma das nossas entrevistadas – que passaram a pensar que trabalhadoras domésticas também têm o direito a envelhecer. Para nós esses são indicadores que mostram que alcançamos nossos objetivos.

Precisamos fazer um adendo à COVID-19, fato – histórico – que nos atravessou a todos, inclusive a pesquisa e colocou o trabalho doméstico remunerado em evidência, trazendo novos dados e notícias, que foram incorporadas às nossas fontes e desenvolvidos no capítulo 3.

A pandemia mostrou uma face nefasta da nossa sociedade, que segue se regozijando com a servidão de pessoas pretas e, nem mesmo num cenário pandêmico, renunciou aos privilégios raciais e econômicos conseguidos e mantidos ao longo do tempo, mantendo trabalhadoras domésticas no exercício de suas funções, mesmo isso significando risco de contágio e morte.

> Para enfrentar a Covid-19 o isolamento social é necessário, mas, como disse Françoise Vèrger: 'Há os confinados/as e os não confinados/as, esses últimos para garantir a vida dos primeiros'. E nesse processo de exploração máxima do trabalho, que ganham contornos mais sofisticados na democracia, é que vão se aprofundando as ideias de quem são as pessoas que podem ser mortas seja pela polícia, pela Covid-19, ou pelas condições de moradia, de não-acesso a serviços e políticas sociais.
> O pensamento hegemônico capitalista, especialmente em países como o nosso, constitui a sociedade racializada que se volta aos interesses daquelas pessoas que podem ser 'cuidadas por outras'. A possibilidade de ter alguém para limpar sua casa, lavar suas calcinhas/cuecas, fazer a comida, pôr à mesa e ainda cuidar das crianças (ou dos cães criados como crianças) é o que permite o status social da classe média brasileira e a aproxima das classes ricas. (Cruz, 2020, p.27).

Uma combinação entre racismo, classismo, sexismo e o privilégio de ser branco, em uma sociedade racista levou ao adoecimento de muitas pessoas negras[232], incluindo, D. *Cleonice Gonçalves*, primeira vítima fatal de COVID-19, no estado do Rio de Janeiro, 63 anos, mulher negra e idosa, morreu trabalhando. A pandemia levou ainda à morte em vida de *Mirtes Renata*, mãe do pequeno Miguel Otávio, morto pela negligência e descaso de sua patroa, em 02 de junho de 2020, momento de auge da pandemia, quando creches, escolas e demais locais das redes de apoio para mães trabalhadoras estavam fechados, seguindo as determinações sanitárias. Mirtes, então trabalhadora doméstica estava exercendo suas funções, acompanhada de seu filho, que não tinha onde ficar.

---

[232]A pandemia não é a mesma para todos: negros – pretos e pardos, de acordo com a denominação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – morrem mais do que brancos em decorrência da covid-19 no Brasil. A assertiva pode ser verificada a partir de dois estudos realizados neste um ano de pandemia, um do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde, grupo da PUC-Rio e outro do Instituto Pólis.
No primeiro, ficou demonstrado que, enquanto 55% de negros morreram por covid, a proporção entre brancos foi de 38%. Na segunda pesquisa, o Instituto Polis mostrou que a taxa de óbitos por covid-19 entre negros na capital paulista foi de 172/100 mil habitantes, enquanto para brancos foi de 115 óbitos/100 mil habitantes.
O acesso desigual à saúde também se reflete na vacinação. Uma reportagem da Agência Pública de março deste ano apontou para a discrepância entre brancos e negros vacinados: 3,2 milhões de pessoas que se declararam brancas receberam a primeira dose do imunizante contra o novo coronavírus. Já entre os negros, esse número cai para 1,7 milhão. (Disponível em: Negros são os que mais morrem por covid-19 e os que menos recebem vacinas no Brasil | Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (fiocruz.br). Acessado em 17 de jul. de 2023).

Pela morte da criança negra, a patroa branca, segue impune recorrendo de sua condenação em 1ª instância. Já nos processos movidos na justiça do trabalho, por Mirtes e sua mãe, que trabalhavam para a família, ganharam a ação trabalhista, com um sabor especial incorporado à essa vitória: pela primeira vez na história do judiciário brasileiro, um magistrado menciona as consequências do *racismo estrutural* para a vida dos trabalhadores/as negros/as do país.

> As trabalhadoras domésticas são o grupo mais impactado pelo racismo estrutural no país e sofrem consequências que vão além das questões trabalhistas, afirma o ministro Alberto Balazeiro, relator do caso no TST, [...].
> '[A morte de Miguel] é o desfecho de uma cadeia de problemas estruturais envolvendo as violações trabalhistas sofridas pela família de Mirtes'.
> 'A maioria das mulheres que trabalham no serviço doméstico são negras. E as pessoas que estão no poder, contratando, são brancas. Há um pacto da branquitude para que a gente não tenha autoconhecimento e possam usufruir do nosso trabalho de forma até ilegal.'
> Uma decisão histórica por se basear no conceito de 'racismo estrutural'.[233]

No aniversário da morte de Miguel este ano, a profa. Ynaê Lopes (2023),[234] publicou em suas redes sociais: "3 anos que o menino Miguel morreu de racismo". O racismo que matou Miguel é o mesmo racismo que faz com que mulheres negras sigam no trabalho doméstico, sofrendo com toda as formas de violação e humilhações.

Não temos dúvidas que o racismo é letal, ele ceifa vidas, cotidianamente, seja por violência, violência estatal, violência psicológica, negligência, omissão ou pelo simples fato de desumanizar pessoas negras e, assim como acontece a reificação no capitalismo, faz dessas pessoas coisas, sem sentimentos, emoções ou necessidades, tornando-as apenas máquinas de servir à branquitude, como foi dito por uma de nossas interlocutoras.

> Vou te dar um exemplo na época [da pandemia]. Que aí o governo pegou aquela suspensão, que o trabalhador ficava em casa e pagava 70 por cento e o patrão pagava 30. Sabe o patrão fazia? Botava a trabalhadora, suspendia o contrato. A trabalhadora só recebia pelo governo e continuava trabalhando. E não pagava os 30 por cento [o empregador].
> Só recebia 70 por cento do salário e continuava trabalhando. As que, que achavam que tinha alguma coisa errada, elas ligavam pra cá [pro sindicato] e a gente falava: 'Vai pra casa! O seu contrato foi suspenso! O governo vai te pagar para ficar em casa e não ficar doente!'. Teve patrão ligando cá como é que ele faz isso? Aí eu falava: 'O senhor vai botar a sua trabalhadora em casa? – Não. Ela vai continuar trabalhando! – Então, o senhor não pode suspender o contrato dela. Isso é fraude! Isso dá cadeia!'. Aí ele: 'Ah, tá. Entendi errado'. Mas muitas, muitas, muitas, muitas. Fora as outras que teve o trabalho análogo à escravidão, que não podia ir pra casa.
> 'Não, você só vai pra casa depois que terminar essa doença'. E umas tavam três meses, a gente tinha que, liga pra delegacia e pede pra ser resgatada.

[233] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/reporter-brasil/2023/07/04/caso-miguel-tst-considera-privilegio-branco-e-manda-casal-pagar-r-386-mil.htm?cmpid=copiaecola. Acessado em 17 de jul. de 2023.
[234] Disponível em: Ynaê Lopes dos Santos (@nossos_passos_vem_de_longe) | Instagram. Acessado em 02 de jun. de 2023).

> Pagavam o salário! Normal, entendeu? E algumas nem se alimentavam direito, não dormiam em lugar apropriado. Acontecia muita coisa nessa doença que, muita coisa que eu acho muito desumano. (*Marli Pereira*, 54 anos).

E ratificado por *D. Laudelina* (86 anos), "Não, eu ficava lá, dormia lá. Entendeu? É como se eu fosse propriedade deles", que disse sobre seu primeiro trabalho em "*casa de família"*, dos 09 aos 11 anos de idade. Podemos citar aqui também, o caso recém-divulgado em que um magistrado baiano que não viu problema nenhum, uma mulher negra, deficiente auditiva, trabalhar dos 07 aos 53 anos, em uma "*casa de família*", sem receber salários, férias, 13º salário, nada, apenas ser considerada como "*quase da família*".

> A Justiça do Trabalho, na Bahia, rejeitou o pedido de indenização de uma empregada doméstica, de 53 anos, que foi vítima de trabalho escravo por mais de quatro décadas. A mulher, que começou a trabalhar na casa de uma família, em Salvador, aos 7 anos de idade, não recebeu remuneração durante todo esse período. O Ministério Público do Trabalho (MPT) planeja recorrer da decisão, considerada "adequada" pela defesa da família, mas criticada por entidades de defesa dos direitos humanos.
> O juiz responsável pelo caso argumentou que a trabalhadora nunca foi tratada como uma funcionária, mas sim "como um membro da família", o que negaria qualquer relação de trabalho ou vínculo empregatício. Segundo o magistrado, ela não teve oportunidade de estudar, como os filhos biológicos dos patrões, e nunca aprendeu a ler e escrever.
> A ação, movida pelo MPT, pretendia que a empregada doméstica recebesse os salários atrasados, além de benefícios como FGTS, férias remuneradas e 13º salário, totalizando uma indenização de R$ 2,4 milhões. **A fiscalização, realizada em 2021, constatou uma jornada exaustiva de 15 horas diárias, condições degradantes e trabalho forçado, elementos característicos do trabalho escravo**.
> A decisão do juiz, baseada no argumento de que a relação era familiar e não de trabalho, é criticada por especialistas.[235]

Uma verdadeira catástrofe da nossa sociedade, que legitima e autoriza a violação de direitos de pessoas negras, trabalhadoras domésticas, como se ainda fossem escravizadas. Foi importante, para a construção desta tese, buscar outros aspectos que não marcassem a relação do trabalho doméstico remunerado com a escravidão, para além da questão racial, mas foi difícil: para onde íamos a questão racial estava presente e precedia qualquer outra variante, porque eram sempre as negras que estavam no papel servil e análogo a escravidão.

A imersão nas referências e no campo mudaram as percepções iniciais sobre o objeto, muito baseadas, em experiências profissionais e nas projeções cinematográficas sobre o trabalho doméstico remunerado. A vida real é muito mais cruel do que as situações mostradas nas telas e as histórias estão presentes em outros espaços, para além dos espaços de acolhimento institucional, elas estão ao nosso lado e acontecem diuturnamente.

---

[235] Disponível em: Juiz da Bahia não vê trabalho escravo em caso de doméstica sem salário desde os 7 anos - Mídia NINJA (midianinja.org). Acessado em 17 de jul. de 2023.

> Eles me pagavam direitinho, foi o primeiro... É... A partir do meu serviço, né, a minha mãe também já se aliviou bastante, porque eu já me mantinha. Eu ganhava dez mil réis por mês, anota mensal, porque eu já me mantinha, entendeu? O primeiro calçado que eu coloquei no meu pé. Não é? Até então, só, só, só conhecia tamanco de madeira, de pau, que se dizia.
> Então assim, dois anos foi legal. Legal assim...
> Mas, pelo menos, eu não tenho, assim, é lembranças de maus tratos físicos, de violência, isso não. Mas, aí muito bem, chegou-se um determinado momento que o documento fala isso, o documentário fala isso. Chegou um determinado momento que ele começou a ficar em falta comigo com o pagamento. Entendeu? Primeiro mês, não foi o mês, nada de dinheiro, né?
> Nem deu satisfação. Aí eu falei pra mim: Aquilo não era muito estranho da minha casa, não.
> Aí, eis que um dia, reclamei com a minha mãe, eu digo: 'Mãe, seu Gelson não me pagou esse mês'. Ela disse pra mim, filho de filho dela, né? Era o meu irmão, né? [a mãe tinha trabalhava para a mesma família, e criara os atuais empregadores de nossa entrevistada]
> 'Deixa. Não, não se preocupa, não. Mês que vem ele te paga, ele demora. Ele deve estar ruim de vida esse mês'. Essa foi a resposta dela. (*Laudelina*, 84 anos).

As relações estabelecidas a partir do trabalho doméstico são, essencialmente antagônicas, contraditórias, justamente porque elas abrem precedentes para o surgimento de muitos sentimentos e vínculos. "Não me tratavam com desprezo, nem nada. Mesmo porque eu nunca, sabe, eu não saía do meu lugar. Eu sabia que eu era empregada, meu comportamento como tinha que ser, entendeu? Era sincera, pontual... Graça a Deus que eu tenho que eu era pontual". (*Dandara*, 82 anos)

Em uma mesma relação pode existir amor e ódio, admiração e inveja, amizade e inimizade, segundo as reflexões de LeGuilliont (2006), que foram importantes para a construção desta tese. No entanto, foram as autoras negras, que deixaram nítido que nas relações de trabalho, estabelecidas a partir do trabalho doméstico remunerado, o afeto desenvolvido e cultivado, muitas vezes, de forma questionável, pode se torna instrumento de opressão, que legitima a exploração e cria uma atmosfera de culpabilização da trabalhadora quando esta precisar estar ausente ou tenta reivindicar direitos, dado que foi (re)afirmado por nossas interlocutoras.

Importante também reforçarmos como o trabalho doméstico remunerado rouba oportunidades e sonhos, impedindo suas trabalhadoras de viverem o que e como realmente desejaram. Observa-se que 7 de nossas interlocutoras (12 no total), iniciaram suas jornadas no trabalho doméstico ainda na infância, algumas começaram acompanhando suas mães e outras foram enviadas por suas mães para casas conhecidas, quase sempre, na busca por melhores condições de vida e oportunidades, o que não aconteceram e essas mulheres acabaram vivendo o trabalho infantil, que é muito mais que violar direitos, é aniquilar sonhos, alijar sujeitos e privar de oportunidades. Como acontece em muitas famílias negras, o trabalho doméstico remunerado, passa de mãe para filhas, assim que essas meninas conseguem empunhar vassouras e panelas, como se fosse uma herança genética. "Um ciclo de

hereditariedade dentro do trabalho doméstico, no qual está difícil de ser quebrado". (*Jovelina*, 27 anos).

Um ciclo histórico de subalternização e exploração que essas mulheres vivem e que explicam, em parte os 65% de mulheres negras que compõem a categoria. Mesmo quando essas mulheres conseguem quebrar o ciclo, chegar às escolas, graduar-se e ter outra profissão, a oportunidade na nova área não vem, e mais uma vez, encontraremos as justificativas no racismo estrutural. A própria podcaster Janaína Costa é ***mestre*** em História, mas, segue trabalhando como doméstica.

> É, aquela questão de 'geração em geração'. Eu vi como herança. (risos)
> Os filhos dos patrões vão herdando. A minha mãe, ela trabalhou por muitos anos pra uma família, no interior de Minas. Não era no centro da cidade, era numa fazenda. E nessa fazenda, essa família tinha vários filhos, não me lembro o número, e ela criou os filhos desses patrões.
> E nascemos lá. Eu e meus irmãos nascemos lá. A minha mãe foi mãe de onze filhos e só teve o prazer de criar dois: eu e meu irmão. (*Laudelina*, 84 anos).

Tereza e Firmina, nossas entrevistadas, são mãe e filha. Firmina teve outras 4 filhas, Tereza é a mais velha, além de cuidar da casa e dos irmãos para que a mãe pudesse trabalhar, foi a primeira a ingressar no trabalho doméstico remunerado. Suas irmãs tiveram o mesmo destino, ***todas*** passaram por "*casas de família*". Mas, como *Firmina* fez questão de nos contar, todas as suas filhas saíram do trabalho doméstico e se "formaram na faculdade". Na última vez que falei com Tereza, ela estava concluindo o mestrado e procurando emprego em sua área. Uma prerrogativa para viver o trabalho doméstico remunerado é desistir de ser, as que lutam contra e tentam romper com esse ciclo, serão taxadas de insubmissas.

> Era um caminho quase que natural [o trabalho doméstico], aí com a necessidade, antecipou. E o estudo... A educação adiou um pouco a entrada, porque minha mãe sempre olhou muito, com muito cuidado isso. A gente só via a necessidade, que a gente queria não comprar roupa, sapato, mas até comer mesmo.
> 'Poxa mãe, deixa a gente ir, amanhã não vai ter café. Então, a gente tem que ir'. Mas minha mãe sempre com o cuidado um pouco mais à frente. Mas acho que seria um caminho natural e quase que inevitável, um emprego doméstico. Mas a necessidade era a década de 90, uma década muito... Tudo muito difícil. (*Tereza*, 43 anos).

Outra ideia que tínhamos ao conceber esse projeto, era de que as extenuantes jornadas de trabalho pesado e as longas distâncias percorridas entre o trabalho e a casa, eram fatores de agravo na saúde dessas trabalhadoras, comprometendo seu envelhecimento e o bem viver na velhice. Algumas das nossas interlocutoras confirmam essa hipótese e acrescentam um dado interessante, que é o comprometimento de sua saúde mental. Todas as nossas entrevistadas, relataram alguma situação que afetou a sua saúde mental, situações agravadas pelo racismo e sexismo, que sofreram durante o trabalho. As lembranças pesam, as vezes as falas ficam arrastadas, o clima das entrevistas, que seguia descontraído, de repente, fica triste. Logo, percebe-se o quanto o trabalho doméstico traz dores, físicas

e mentais, que são mais fortemente sentidas na velhice, pois, no caso o atendimento das necessidades materiais já não é a maior preocupação dessas mulheres, sobrando espaço para pensarem em si, como observamos no Relatório mundial de envelhecimento e saúde, publicado pela ONU: "A maioria dos problemas de saúde enfrentados por pessoas mais velhas são associados a condições crônicas, principalmente doenças não transmissíveis. Muitas delas podem ser prevenidas ou retardadas envolvendo-se em comportamentos saudáveis".[236]

Essas mulheres estão envelhecendo ou envelheceram carregando muitos fardos: o de serem mães solo ou filhas de mães solo, arrimo de família, de serem sozinhas, de serem mulheres, de serem pobres e negras. Essas são questões que refletirão no seu envelhecimento. Hoje elas estão em ILPIs ou em suas casas, sozinhas ou com suas famílias, mas, terão suas velhices marcadas por tudo o que viram, ouviram e sentiram ao longo de seus trabalhos em "*casas de famílias*". É complexo perceber como esse conjunto de experiências, impostas não só pela vivência do trabalho doméstico, mas, associadas também às questões de raça, classe e gênero impacta na velhice dessas mulheres, afastando-as da ideia de "*bela velhice*", apresentada por Miriam Goldenberg (2017).

> Tinha uma amiga, tá, que foi a fundadora do sindicato das domésticas, da Associação das Empregadas Domésticas, que é a Odete Conceição, que faleceu em dois anos. Certo? E ela foi para uma casa de família aos 14 anos e saiu de lá para ser aposentada. Entendeu? E ela dizia assim: que a patroa, quando fazia jantares e tudo mais, né, e junto das amigas, a patroa diz assim, apresentava ela, 'Odete é da família'. Quando ela dizia, ou quando elas conversavam: 'Odete, você já é da família!'. Ela disse: 'Eu não sou, não. Se eu fosse da família, eu estaria estudando no colégio que a tua filha estuda, eu estaria fazendo isso, assim, que a tua filha faz.' (*Laudelina*, 84 anos.).

As determinações materiais e a urgência por sustento afastam qualquer possibilidade de beleza da vida de pessoas negras e esse é o ponto. Falar sobre racismo e a ligação do trabalho doméstico com a escravidão acaba sendo uma redundância, mas, é o que é. Todos os argumentos que podemos apresentar levarão ao racismo e, é assim que entendemos que essas mulheres envelhecem. Essas mulheres envelhecem/envelhecerão atravessadas por muitas marcas, mas, raça precede qualquer outra delas, seu envelhecimento transcorrera de acordo com o que foi suas vidas. Parafraseando o rapper Mano Brow, elas já estão "*contrariando as estatísticas*" ao envelhecerem, pois, pessoas negras não tem tanto essa oportunidade, mas, há uma peculiaridade nesse processo, as marcas do "*quartinho de empregada"* as acompanharão e ditarão a vivência da velhice para essas mulheres.

[236] Relatório mundial de envelhecimento e saúde. Organização das Nações Unidas, 2015. Disponível em: OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf (sbgg.org.br). Acessado em 01 de jun. de 2023.

REFERÊNCIAS

AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. **Psicologia Revista**, V. 17, N. 1, p. 32-47, abr. 2011. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100005&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 05 de jan. 2020.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. **Coleção Feminismos Plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Racismo estrutural. **Coleção Feminismos Plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, Leonardo Dias. A divisão racial do trabalho como um ordenamento do racismo estrutural. In: **Revista Katálise**, Florianópolis, v.25, n. 2, p. 212-221, maio-ago. 2022. Disponível em: scielo.br/j/rk/a/NVD7NG3FPfcQ5MsmkfCwthd/?format=pdf&lang=pt. Acessado em 25 de jul. de 2023.

ALVES, Luciene Antunes. Dororidade, sororidade e suas influências na potencialidade escolar no contexto da juventude negra no Brasil. In: VIANNA, Douglas; RIBEIRO, Luciana; SANTOS, Patrícia Elaine Pereira dos (Orgs.). **Pesquisadoras da educação na escola pública**: desafios na produção de conhecimento a partir das periferias. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

AMBRÓSIO, Leticia. Raça, Gênero e Sexualidade: uma perspectiva da Terapia Ocupacional para as corporeidades dos jovens periféricos. **Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional)** – Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos. p.165. 2020.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.

ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica. Trabalho doméstico remunerado: contradições estruturantes e emergentes nas relações sociais no Brasil. In: Psicologia &sociedade, V. 32, p. e020008, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psoc/a/hfkrxjk394hGLSK8W8fyCsR/#l. Acessado em 09 de nov. de 2020.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89-117, maio 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/abstract/?lang=pt#ModalHowcite. Acessado em 23 de jan. de 2023.

BELLO, Enzo; OLIVEIRA, Matheus Farinhas de. Uma introdução filosófica à vida e ao pensamento de Frantz Fanon na visão de Lewis Gordon. Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD), V. 8, N. 1, p.108-116, Jan. 2016 Disponível em https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5523865.pdf. Acessado em 15 de abr. de 2021.

BENEDICTO, Taba. Quarto de esquecer. **Um ensaio fotográfico sobre as dependências de empregada**. Revista Piauí, no 191, p.46-51, agosto de 2022.

BENELLI, Sílvio José. Goffman e as instituições totais em análise. In: *A lógica da internação: instituições totais e disciplinares (des)educativas* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 23-62. Disponível em: benelli-9788568334447-03.pdf (scielo.org).Acessado em 20 de fev. de 2021.

BOAS, Franz. Raça e Progresso [1931]. In: CASTRO, Celso (org.). **Franz Boas**. Antropologia Cultural, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Inclusão Social**, V. 1, N. 1, p. 28-35, out. 2005. Disponível em: https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503. Acessado em 17 de jun. de 2023.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BRASIL. **Lei Complementar nº 150**, de 01 de Junho de 2015. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp150. Acessado em 21 de jun. de 2021.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, Distrito Federal: Presidente da República.

BRASIL. **Lei no 10.803**, de 11 de dezembro de 2003. Diário Oficial da União. Brasília, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.803.htm. Acessado em 01 fev. de 2022.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Tipificação nacional de serviços socioassistenciais**. Brasília: MDS, 2009.

BRASIL. **Lei Nº 8.842**, de 4 de Janeiro 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm. Acessado em 02 de jan. de 2022.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**, Lei Nº10.741, 1º Outubro 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm. Acessado em 02 de jan. de 2022.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução RDC no 283**, de 26 de setembro de 2005. Disponível em: bvsms.saude.gov.br. Acessado em 18 de jun. de 2023.

BRASIL. Lei nº 8.742. **Lei Orgânica de Assistência Social** (LOAS). Brasília: 7 de dezembro de 1993. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742.htm. Acessado em 19 de jun. de 2023.

BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cadernos Pagu**, N.29, p.91-109, jul. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/sYvxW4VrSjVfNcPpwmncMfx/abstract/?lang=pt#ModalHowcite. Acessado em 30 de abr. de 2023.

BUENO, Winnie de Campos. Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Tought: Knowledge. **Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Direito, da Universidade do Vale dos Rios dos Sinos. São Leopoldo, p. 167. 2019. Disponível em: Winnie de Campos Bueno (jesuita.org.br). Acessado em 15 de ago. de 2023.

CARDOSO, Sintia Araújo. Lute como uma mulher negra: do SINDOMÉSTICO ao coletivo de mulheres Creuza Maria Oliveira. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2019. Salvador/BA, 2019. 146f.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARVALHO, Gabriel (trad.). Frantz Fanon: de la descolonización al pensamiento crítico. **Ontologia e emancipação.** Publicado em 18 de fev. de 2019. Disponível em: https://medium.com/@offtopic.mvc/frantz-fanon-da-descoloniza%C3%A7%C3%A3o-ao-pensamiento-cr%C3%ADtico-abbccab6048a. Acessado em 21 de fevereiro de 2023.

CASTRO, Celso. Goffman e os militares: sobre o conceito de instituição total. **Revista militares e política**. N. 9. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.lemp.ifcs.ufrj.br/revista/. Acessado em 03 de jul. de 2019.

CEPELLOS, Vanessa Martines. Feminização do envelhecimento: um fenômeno multifacetado muito além dos números. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, n. 2, p. e20190861, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rae/a/9GTWvFfzYFnzHKyBhqGPc4j/#. Acessado em 01 de set. de 2023.

CHAGAS, Eduardo F. O pensamento de Marx sobre a subjetividade. **Revista Trans/Form/Ação**, V. 36, N. 2, p. 63-84, Mai. 2013. Disponível em: https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/3099/2360. Acessado em 25 de ago. de 2023.

CHIZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez Ed., 1995.

COELHO, THIAGO. **Parte I** – A dependência. As histórias de mulheres e seus filhos que lutaram para sair do quarto de empregada. Revista Piauí, no 191, p.40-45, agosto de 2022.

COLLINS, Patrícia Hills; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

CORREIA, Sílvia. O modo de produção capitalista: o exemplo do trabalho feminino. **Revista Formação**, nº 14, Vol 2, 2007, p. 130-140. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/download/651/667/1774. Acessado em 05 de mai. de 2023.

CÔRTE, Beltrina. Ageísmo, o mal do século: repercussões psicológicas. **Blog Orgulho de Ser Velha**. São Paulo, 05 de out. de 2020. Disponível em: https://portaldoenvelhecimento.com.br/ageismo-o-mal-do-seculorepercussoespsicologicas/#:~:text=Estudos%20associam%20o%20age%C3%ADsmo%20com,mais%20velha%20que%20%C3%A9%20discriminada. Acessado em 17 de jun. de 2023.

COSTA, Joice Sousa; POLTRONIEIRI, Cristiane de Fátima; COSTA, Denise Gisele Silva. Velhices, heterogeneidade e classes sociais: a construção do conhecimento do Serviço Social. **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**. ABEPSS. Dez-18: Vitória/ES. 15p. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22373/14875. Acessado em 19 de dez. de 2022.

COUTINHO, Carlos Nelson. Cidadania e modernidade. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**. V. 22, nov. 1999, p.41-59. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/2087. Acessado em 01 de set. de 2023.

CRUZ, Monique de Carvalho. "Eu tenho sofrido muito. O trabalho doméstico é muito pesado." In: **Radar COVID-19 Favelas** – FIOCRUZ. Ed. 3. Out. de 2020. Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/44124/2/radar-03_-final_19.10.2020.pdf. Acessado em 21 de dez. de 2020.

DARDENGO, Cassia Figueiredo Rossi; MAFRA, Simone Caldas Tavares. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação? **Revista de Ciências Humanas**, vol. 18, n. 2, jul./dez. 2018. Disponível em: https://periodicos.ufv.br/RCH/article/download/8923/pdf_1/39268. Acessado em 17 de mai. de 2023.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas. **Cuad. antropol. soc.**, N. 27, p.19-52, jul. 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1850275X2008000100002&lng=es&nrm=iso. Acessado em 24 de fev. de 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEAN, Jodi. Silvia Federici, a exploração das mulheres e o desenvolvimento do capitalismo. Blog da Boitempo. São Paulo, publicado em 25 de mai. de 2021. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2021/05/25/silvia-federici-a-exploracao-das-mulheres-e-o-desenvolvimento-do-capitalismo/. Acessado em 25 de dez. de 2023.

DEBERT, Guita. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. DEBERT, Guita Grin (org.); SIMÕES, Júlio Assis; COHEN, Lawrence; FEATHERSTONE, Mike. **Antropologia e Velhice**, Textos Didáticos. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998.

DIEESE. O trabalho doméstico 10 anos após a PEC das Domésticas. In.: **Estudos e pesquisa**. no 106 – abril de 2023. Disponível em: estPesq106trabDomestico.pdf (dieese.org.br). Acessado em 20 de mai. de 2023.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v. 12, n. 23, p.100-122, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/?lang=pt#. Acessado em 30 de abr. de 2023.

EMECHETA, Buchi. **Cidadã de segunda classe**. Porto Alegre: Dublinense, 1974.

ESCÓSSIA, Fernanda Melo da. **Invisíveis**: uma etnografia sobre brasileiros sem documento. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Erika. Branquitude. Um campo de estudos críticos referentes ao privilégio das pessoas brancas em sociedades estruturadas pelo racismo. In: **Dicionário jornalístico**, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/FIOCRUZ. Publicado em 18 de nov. de 2022. Disponível em: https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/dicionario-jornalistico/branquitude. Acessado em 23 de ago. de 2023.

FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução**: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, Vol. 25, n. 2, p.185-204, maio 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/se/a/QLxWgzvYgW4bKzK3YWmbGjj/#. Acessado em 01 de fev. de 2024.

FERLA, Luís Antônio Coelho. Corpos estranhos na intimidade do lar: as empregadas domésticas no Brasil da primeira metade do século XX. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011, p.01-13. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais202simposios/pdf/201901/1548856588_120e611a09d80d8033e77fa00608509e.pdf. Acessado em 07 de fev. de 2021.

FERNANDES, Maria das Graças Melo; ANDRADE, Ankilma do Nascimento; NÓBREGA, Maria Míriam Lima da. **Determinantes de fragilidade no idoso**: uma revisão sistemática. *Online Brazilian J Nurs* [online]. 2010. Disponível em: http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/j.1676-4285.2010.2847/649. Acessado em 02 de jul. de 2023.

FERNANDES, Camila. Casas de "tomar conta" e creches públicas: relações de cuidados e interdependência entre periferias e Estado. **Revista de Antropologia**, V. 64, N. 3, S. l, p. e189648, 2021. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/189648. Acessado em 18 jun. 2023.

FERREIRA, Laíssa Oliveira. O significado de ser uma intelectual negra. **Revista Ítaca**, N. 37, p.08-16, Mai. 2023. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/download/58995/31920. Acessado em 01 de jun. de 2023.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREITAS, Maria Célia de; QUEIROZ, Terezinha Almeida; SOUSA, Jacy Aurélia Vieira de. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP.** 44 (2), Jun 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reeusp/a/pVX7LsgkVwcD9p8gkLkdhbT/?lang=pt. Acessado em 21 de abr. de 2021.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GATO, Matheus. **O massacre dos libertos**: sobre raça e república no Brasil. São Paulo: Perspectiva Ed., 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2014.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Tereza Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katálysis**, v. 10, n. spe, p. 83–92, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rk/a/VzGmzYXDPdxPgthrfPL4tVP/#. Acessado em 01 de fev. de 2024.

GRANATO, Natália Cristina. Resenha do livro "Na senzala, uma flor. Esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX. In: **Revista NEP** (Núcleo de Estudos Paranaenses-UFPR), Curitiba, v.3, n.2, p. 206-207, junho 2017. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/nep/article/download/53562/32702. Acessado em 18 de set. de 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2014.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

GOLDENBERG, Miriam. A bela velhice. Rio de Janeiro: Record, 2017.

GOLDENBERG, Miriam. Liberdade, felicidade e foda-se. São Paulo: Planeta Brasil, 2019.

GOMES, José Vítor Lemes. Fontes teóricas do Estado Democrático de Direito: a vertente francesa. In: **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, N. 36, 2012, Águas de Lindóia. Anais Encontro Anual da ANPOCS. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrigtEM3NJl6xw1nznz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1708346508/RO=10/RU=https%3a%2f%2fanpocs.org.br%2fanais-dos-encontros%2f/RK=2/RS=WbwCWWwc08N5zcMIabNeIR27tzE-. Acessado em 23 de ago. de 2023.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acessado em 22 de dez. de 2020.

GONZALEZ, Lélia. A mulher Negra na Sociedade Brasileira. In. LUZ, Madel T. (Org.). **O Lugar da Mulher**: Estudos sobre a Condição Feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. **Coleção 2 Pontos**. Rio de Janeiro: Marco Zero Ed., 1982. Disponível em: https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/lc3a9lia-gonzales-carlos-hasenbalglugar-de-negro1.pdf. Acessado em 27 de dez. de 2020.

GUIMARÃEs, Nadya Araújo; ACCIARI, Louisa. Entrevista com Patrícia Hill Collins. **Tempo Social**, 33, V. 1, 2021. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/174340. Acessado em 15 de set. de 2023.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. **A ideologia da velhice**. São Paulo: Cortez, 2016.

hooks, bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, V. 3, n. 2, 1995, p.464-478. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf. Acesso em: 01 de jun. 2023.

IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. São Paulo, Cortez, 1983.

IANNI, Octávio. Dialética das relações raciais. In: **Estudos Avançados**, 18(50), 2004. p. 21-30. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9966. Acessado em 29 de dez. de 2020.

IANNI, Octávio. A construção da categoria. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 397-416, abr. 2011. Disponível em: http://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/ianni-20180413123045714134 0.pdf. Acessado em 28 de dez. de 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Os desafios do passado no trabalho doméstico do século XXI**: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da Pnad

contínua Brasília: Ipea, 2019. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9538/1/td_2528.pdf. Acessado em 25 de jun. de 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Economia dos cuidados: marco teórico-conceitual. Relatório de Pesquisa. Brasília: Ipea, 2016. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/relatoriopesquisa/20161107_relatorio_economiadoscuidados.pdf. Acessado em 25 de jun. de 2023.

JUNIOR, Edivaldo Góis. Movimento higienista e o processo civilizador: apontamentos metodológicos. In: **Anais do X Simpósio Internacional Processo Civilizador**. 2007, Campinas: Unicamp, 2007. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais10/Artigos_PDF/Edivaldo_Gois_Jr.pdf. Acessado em 01 de mai. de 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEÃO, Danuza. O medo, o luxo, a PEC. Folha de São Paulo, São Paulo, 14, abr, 2013. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/colunas/danuzaleao/2013/04/1262468-o-medo-o-luxo-a-pec.shtml. Acessado em abr. de 2013.

LE GUILLANT, L. Incidências psicopatológicas da condição de empregada doméstica. In: LIMA, Maria Elizabeth Antunes (Org.). **Escritos de Louis Le Guillant**: da ergoterapia à psicopatologia do trabalho. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

LIMA, Fátima. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, V. 70, N. spe., 2018, p.20-33. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v70nspe/03.pdf. Acessado em 01 de fev. de 2021.

LOLE, Ana; STAMPA, Inez; GOMES, Rodrigo Lima R. (Orgs.). **Para além da quarentena**: reflexões sobre crise e pandemia. Rio de Janeiro: Mórula Ed., 2020.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014. p.935-952. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755. Acessado em 15 de set, de 2023.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, V. 7, N. 13, p.31-44, jun. 2002. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141329072002000100003&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 25 de out. de 2023.

MANZARO, Simone de Cássia Freitas. Envelhecimento: idoso, velhice ou terceira idade? **Portal do Envelhecimento**. São Paulo, mai. 2015. Disponível em: https://portaldoenvelhecimento.com.br/envelhecimento-idoso-velhice-ou-terceira-idade/. Acessado em 30 de mai. de 2023.

MARINHO, Lara Mota; VIEIRA, Maria Aparecida; COSTA, Simone de Melo, ANDRADE, João Marcus Oliveira. Grau de Dependência de idosos residentes em instituições de longa permanência. **Revista Gaúcha Enfermagem**, V. 34, N. 1, p.104-110, mar. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rgenf/a/ZMcCHLgn79qBZF8cx4PTftS/#. Acessado em 18 de jun. de 2023.

MARSHALL, Thomas H. Cidadania, classe social e status. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1983.

MARQUES, Giselle. Minha empregada? Ela é quase da família. **Revista Catarinas**. Publicado em abr. de 2017. Disponível em: https://catarinas.info/minha-empregada-ela-e-quase-da-familia/. Acessado em 15 de fev. de 2021.

MATOS, Myllena Calasans de. Luta jurídica contra a violação de direitos. In: PINTO, Cleide Pereira; ACCIARI, Louisa; BRITES, Jurema Gorski; PEREIRA, Luiza Batista; CASTRO, Mary Garcia; MONTICELLI, Thays Almeida (Orgs.). **Os sindicatos das trabalhadoras domésticas em tempos de pandemia**: memórias da resistência. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2021.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1935.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MELO, K. M. M. de; MALFITANO, A. P. S.; LOPES, R. E. Os marcadores sociais da diferença: contribuições para a terapia ocupacional social/The social markers of the difference: contributions to social occupational therapy. In: **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S. l.], v. 28, n. 3, p.1061–1071, 2020. DOI: 10.4322/2526-8910.ctoARF1877. Disponível em: https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2452 Acessado em 17 de set. 2023.

MELO, Hildete Pereira de. O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 15, n. 1, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos E. A. (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

MONTESQUIEU. **O espírito das leis**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MORAIS, Fernando De Oliveira. **Os quartos de criadas no pós-abolição da escravatura brasileira**. **E-book VI JOIN**. Campina Grande: Realize Editora, 2020. p. 384-402. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/65176>. Acessado em 01 de jul. de 2023.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre racismo e literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MULLER, Eliane Fransieli; MOSER, Liliane. Economia do cuidado: um debate conceitual. In: **Anais do IV Seminário Nacional**: Serviço Social, Trabalho e Política Social. Florianópolis. 04 a 06 de julho de 2022, p.01-10. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/242785/44%201095.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acessado em 01 de fev. de 2024.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Palestra proferida no 3o Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESBRJ**, realizado em 05 de nov. de 2003. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wpcontent/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-dentidadee-etnia.pdf. Acessado em 31 de jan. de 2021.

NAVES, Flávia (Org.). **Trabalho e trabalhadores nas sociedades contemporâneas**: outras lentes sobre invisibilidades construídas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Flávia Brito do; SILVA, Joana Mello de Carvalho e; LIRA, José Tavares Correia; RUBINO, Silvana Barbosa de. Espaço doméstico: encontros possíveis entre gênero e cultura material. In.: LOPES, João Marcos; LIRA, José (org.). **Memória, trabalho e arquitetura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4414626/mod_resource/content/1/texto%208_NASCIMENTO.pdf. Acessado em 10 de julho de 2023.

NETTO, Paulo José. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO, José Paulo. **Crise do socialismo e ofensiva neoliberal**. São Paulo: Cortez, 2001.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Convenção e Recomendação sobre Trabalho Decente para as Trabalhadoras e os Trabalhadores Domésticos. Série Trabalho doméstico remunerado no Brasil, nota nº. 5. Brasília, DF: Escritório no Brasil, 2011e. Disponível em: http://www.oit.org.br/sites/default/files/topic/gender/pub/trabalho_domestico_nota_5_565_739.pdf. Acessado em 1 de set. 2023.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Prestação de cuidados: trabalho e profissões para o futuro do trabalho digno. Bureau Internacional do Trabalho – Genebra: OIT, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/351330156_Prestacao_de_cuidados_trabalho_e_profissoes_para_o_futuro_do_trabalho_digno_Bureau_Internacional_do_Trabalho__Genebra_OIT. Acessado em 10 de julho de 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasilia: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005. 61p. Disponível em: https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registro/Envelehcimento_ativo_uma_política_de_saude_/362. Acessado em 20 de abr. de 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Resumo Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde**. Genebra: Suíça, 2015. Disponível em: https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf. 15 de ago. de 2023.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. **African Gender Scholar ship: Concepts, Methodologies and Paradigms**. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p.1-8. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4557576&forceview=1. Acessado em: Acessado em 10 de julho de 2023.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PIEDADE, Vilma. A cor da faxina no Brasil. **Blog da Partida**. Publicado em 24 de jul. de 2017. Disponível em: https://partidanet.wordpress.com/2017/07/24/a-cor-da-faxina-no-brasil/. Acessado em 20 de dez. de 2020.

PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. Labores, quitutes e panelas: em busca do lar ideal. **Cadernos Pagu**, N. 30, p.329-343, jan. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/5pWDmvX3LHFLqrYPgqZDqxs/abstract/?lang=pt. Acessado em 20 de dez. de 2020.

PINHEIRO, Luana; TOKARSKI, Carolina Pereira; POSTHUMA, Anne Caroline (Orgs.). **Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade**: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerado no Brasil. Brasília: IPEA; OIT, 2021.

PORFÍRIO, Tamis. **A cor das empregadas domésticas**: a invisibilidade racial no debate do trabalho doméstico remunerado. Belo Horizonte: Letramento; Temporada, 2021.

POCHMANN, Márcio. Estado e capitalismo no Brasil: a inflexão atual no padrão das políticas públicas do ciclo político da nova república. **Educação & Sociedade**, v. 38, n 139, p.309-330, abr. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/nGzLpfZ3XpXFVcWbhTQkFBB/abstract/?lang=pt#. Acessado em 17 de jul. de 2023.

PORFÍRIO, Tamis. **A cor das empregadas domésticas**: a invisibilidade racial no debate do trabalho doméstico remunerado. Belo Horizonte: Letramento; Temporada, 2021.

PÓSTHUMA, Anne Caroline. A economia de cuidado e o vínculo com o trabalho doméstico: o que as tendências e políticas na América Latina podem ensinar ao Brasil. In: PINHEIRO, Luana; TOKARSKI, Carolina Pereira; POSTHUMA, Anne Caroline (Orgs.). **Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade**: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerado no Brasil. Brasília: IPEA; OIT, 2021.

PRETA-RARA. **Eu, empregada doméstica**: a senzala moderna é o quartinho da empregada. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. **CLACSO**, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acessado em 20 de ago. de 2023.

RABELO, Dóris Firmino; SILVA, Josevânea da; ROCHA, Nara Maria Forte Diogo; GOMES, Hiago Veras; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de. Racismo e envelhecimento da população negra. **Revista Kairós-Gerontologia**, V. 21, n. 3, set. 2018, São Paulo, p.193-215. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/44428. Acessado em 03 de ago. de 2023.

RABELO, Dóris Firmino; TAVARES, Jeane Saskya Campos. A dor tem cor e idade: diferenças raciais na capacidade funcional, saúde psicológica e percepção de suporte social. In: FONSECA, Ana Lúcia Barreto; OLIVEIRA, Washington Luan Gonçalves de. (Orgs.). **Múltiplas facetas de saúde**: da sociedade à cultura. Salvador: Devires, 2021.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? In.: **Coleção Feminismos Plurais**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. "Doméstica idosa que morreu no Rio cuidava da patroa contagiada pelo coronavírus". **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14, abr, 2020. (on-line). Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2020/03/domestica-idosa-que-morreu-no-rio-cuidava-da-patroa-contagiada-pelo-coronavirus.shtml. Acessado em: 01 de mai. de 2020.

RIBEIRO, Djamila. "O Brasil é, sem dúvida, um país de realeza negra, é preciso romper com a ilusão". **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21, abr, 2020. (on-line). Disponível em:

https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2020/05/o-brasile-sem-duvida-um-pais-de-realeza-negra.shtml?origin=folha. Acessado em: 01 de mai. de 2020.

SANTANA, Bianca. (org.). **Inovação ancestral de mulheres negras**: táticas e políticas do cotidiano. São Paulo: Imantra Comunicação, 2019.

SANTOS, Gevanilda. **Relações raciais e desigualdades no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **História da África e do Brasil afrodescendente**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro**: Uma história da formação do país. São Paulo: Todavia, 2022.

SCHLESENER, Anita Helena. As novas condições de subalternidade. In: **Grilhões invisíveis: as dimensões da ideologia, as condições de subalternidade e a educação em Gramsci** [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016, pp. 135-149. Disponível em: http://books.scielo.org/id/y3zhj/pdf/schlesener-9788577982349-05.pdf. Acessado em 11 de jan. de 2020.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia** (Campinas), Vol. 25, n. 4, p. 585-593, out. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LTdthHbLvZPLZk8MtMNmZyb/#. Acessado em 05 de mai. de 2023.

SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil de análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1989.

SILVA, Alexandre. O envelhecimento na perspectiva do racismo e de outras formas de discriminação: influências dos determinantes institucionais e estruturais para a vida das pessoas idosas. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, V. 22, n. 4, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbgg/a/sDTHTLQdgb4hXPCHMBvXVZH/?format=pdf&lang=pt. Acessado em 15 de set. de 2023.

SILVA, Alexandre da; ROSA, Tereza Etsuko da Costa; BATISTA, Luís Eduardo; KALCKMANN, Suzana; LOUVISON, Marília Cristina Prado; TEIXEIRA, Doralice Severo da Cruz; LEBRÃO, Maria Lúcia. Iniquidades raciais e envelhecimento: análise da coorte 2010 do Estudo Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento (SABE). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, V. 21, p.01-14, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v21s2/1980-5497-rbepid-21-s2-e180004.pdf. Acessado em 25 de abr. de 2021.

SLENES, Robert. **Na senzala, uma flor. Esperanças e recordações na formação da família escrava**: Brasil Sudeste, século XIX. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

SILVA, Dayane Rose. Trabalho Doméstico no Brasil: Os avanços trazidos pela Lei Complementar 150/15. In: **Jus.com.br**. Publicado em jul. de 2015. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/artigos/trabalho-domestico-no-brasil-os-avancos-trazidos-pela-lei-complementar-150-15/206890453. Acessado em 25 de abr. de 2022.

SILVA, Luana Bezerra Evaristo da; COELHO, Thais Pereira Oliveira. Cidadania e direitos: discutindo o acesso à documentação civil. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharel em Serviço Social). Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 65, 2015.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira**. Quem é e como vive. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. **Tempo Social**, v. 12, n. 1, p.69-100, maio 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ts/a/tDx8Rq3b6Y8H9qMpzZkgR7C/?lang=pt#. Acessado em 30 de abr. de 2022.

SOUZA, Sheila. O envelhecer para a mulher negra. **Portal do Envelhecimento**. São Paulo, mar. 2018. Disponível em: https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/o-envelhecer-para-a-mulher-negra/. Acessado em 22 de dez. de 2020.

TEIXEIRA, Juliana Cristina. Trabalho doméstico. **Coleção Feminismos Plurais**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

TEIXEIRA, Juliana Cristina; CARRIERI, Alexandra de Pádua; NAVES, Flávia. Uma "preta sem cor": a invisibilidade do trabalho doméstico refletido em uma história de vida. In: NAVES, Flávia (Org.). **Trabalho e trabalhadores nas sociedades contemporâneas**: outras lentes sobre invisibilidades construídas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

TRISTÃO, Ellen. A opção neoliberal do primeiro mandato do governo Lula. **SER Social**, Brasília, V. 13, N. 28, p. 104-128, jan. 2011. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=0CDcQw7AJahcKEwiwr5b75I6BAxUAAAAAHQAAAAAQAw&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.unb.br%2Findex.php%2FSER_Social%2Farticle%2Fdownload%2F12684%2F11086%2F&psig=AOvVaw2XbjDTl2KSnQhN--PFggeD&ust=1693831506548493&opi=89978449. Acessado em 23 de julho de 2023.

VALERIANO, Marta Maria. "Elas são quase da família": Trabalho, identidade e trajetórias de domésticas residentes. **Dissertação de Mestrado** (Mestrado). Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Ciências Sociais. Programa de Pós-graduação em Sociologia. Goiânia, 2017, 136f.

VELHO, Gilberto. O patrão e as empregadas domésticas. In: **Sociologia problemas e práticas**, n.º 69, pp. 13-30, 2012. Disponível em:

https://journals.openedition.org/spp/780?gathStatIcon=true&lang=pt. Acessado em 30 de ago. de 2023.

VERSIANI, Renata; JAUMONT, Jonathan. A Pesquisa Militante na América Latina: trajetória, caminhos e possibilidades / The MilitantResearch in LatinAmerica: trajectory, paths and possibilities. **Revista Direito e Práxis**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 414-464, mar. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/21833>. Acesso em: 18 jul. 2023.

VIEIRA, Priscila P. F.; PAZ, Huri; FERNANDES, Camila; SILVEIRA, Leonardo Souza. **Envelhecimento e desigualdades raciais**. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), 2023. Disponível em: https://cebrap.org.br/envelhecimento-de-desigualdades-raciais/. Acessado em 30 de mai. de 2023.

VIEIRA, Oscar Vilhena. Estado de Direito. Enciclopédia jurídica da PUC-SP. Celso Fernandes Campilongo, Álvaro de Azevedo Gonzaga e André Luiz Freire (Coords.). Tomo: **Teoria Geral e Filosofia do Direito**. Celso Fernandes Campilongo, Álvaro de Azevedo Gonzaga, André Luiz Freire (coord. de tomo). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. Disponível em: https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/78/edicao-1/estado-de-direito. Acessado em 01 de jan. de 2023.

VILLATORE, Marco Antônio César; PERON, Rita de Cássia A. B. O trabalho doméstico análogo a condição de escravo como exemplo de trabalho forçado ainda existente no Brasil. In: **Direito Penal do Trabalho**: Reflexões atuais. São Paulo: LTr, 2014, v. 1, p. 107- 118. Disponível: https://dhg1h5j42swfq.cloudfront.net/2017/10/10082910/O-Trabalho-Doméstico-Análise-a-Condição-de-Escravo.pdf. Acessado em 11 de fev. de 2021.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. In: **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014. Disponível em: https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/download/10977/6250/18568. Acessado em 04 de abr. de 2021.

VITAL da Cunha, Christina. **Oração de traficante**: uma etnografia. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

ANEXOS

Anexos A e B – Roteiro de Entrevistas

Roteiro de Entrevistas Semiestruturada – Pós pandemia

Pesquisa: **Das senzalas, aos "quartinhos" e abrigos: reflexões sobre os impactos do envelhecimento na vida da trabalhadora doméstica negra**

1ª parte – Dados Objetivos

Participante/Codinome:

Data de nascimento: ____/_____/____

Estado civil:

Tem filhos? _____ Em caso positivo, quantos? _____

Tem pais e irmãos vivos? _____ Em caso positivo, convive com eles?

_____

Com qtos anos a senhora começou no trabalho doméstico? _____

Tempo de trabalho:

Em qtas casas trabalhou:

Tipo de vínculo: Diarista ( ) Babá ( ) Folguista ( ) Cuidadora ( ) Outra: _____

Grau de escolaridade:

Raça/etnia[237]:

2ª parte – Dados Subjetivos

1) Conte-me um pouco da sua história. Como o trabalho doméstico apareceu na sua vida? Você teve outro trabalho antes de se tornar doméstica?
2) O que o trabalho doméstico significa para a senhora?
3) Como a senhora conciliava o trabalho com sua vida pessoal? Como ficou a relação com a sua família?
4) A senhora acredita que o trabalho doméstico te privou de oportunidades ou te deu oportunidades? Por que?
5) Alguma vez a senhora ouviu a expressão "quase da família"? Foi direcionado para a senhora? Se sim, o que sentiu? O que ela significa para senhora? Se não, sabe de alguém que tenha recebido esse tratamento? Como ela se sentiu?
6) A senhora envelheceu trabalhando como doméstica? Os anos de trabalho, trouxeram consequências para sua saúde/envelhecimento?
7) E a pandemia de COVID-19, como a senhora passou por esse momento? A senhora teve COVID? Como foi?
8) A senhora acredita ser possível ter relações afetuosas recíprocas no trabalho doméstico?

[237] De acordo com os parâmetros utilizados pelo IBGE.

Roteiro de Entrevistas Semiestruturada

Pesquisa: **Das senzalas, aos "quartinhos" e abrigos: reflexões sobre os impactos do envelhecimento na vida da trabalhadora doméstica negra**

1ª parte – Dados Objetivos

Participante/Codinome:

Data de nascimento: ____/_____/____

Estado civil:

Tem filhos? _____ Em caso positivo, quantos? _____

Tem pais e irmãos vivos? _____ Em caso positivo, convive com eles?

_____

Com qtos anos a senhora começou no trabalho doméstico? _____

Tempo de trabalho:

Em qtas casas trabalhou:

Tipo de vínculo: Diarista ( ) Babá ( ) Folguista ( ) Cuidadora ( ) Outra: _____

Grau de escolaridade:

Raça/etnia[238]:

2ª parte – Dados Subjetivos

1) Conte-me um pouco da sua história. Como o trabalho doméstico apareceu na sua vida? Você teve outro trabalho antes de se tornar doméstica?
2) O que o trabalho doméstico significa para a senhora?
3) Como a senhora conciliava o trabalho com sua vida pessoal? Como ficou a relação com a sua família?
4) A senhora acredita que o trabalho doméstico te privou de oportunidades ou te deu oportunidades? Por que?
5) Alguma vez a senhora ouviu a expressão "quase da família"? Foi direcionado para a senhora? Se sim, o que sentiu? O que ela significa para senhora? Se não, sabe de alguém que tenha recebido esse tratamento? Como ela se sentiu?
6) A senhora envelheceu trabalhando como doméstica? Os anos de trabalho, trouxeram consequências para sua saúde/envelhecimento?
7) E a pandemia de COVID-19, como a senhora passou por esse momento? A senhora teve COVID? Como foi?
8) A senhora acredita ser possível ter relações afetuosas recíprocas no trabalho doméstico?

[238] De acordo com os parâmetros utilizados pelo IBGE.

Anexo C – Compilado das entrevistas transcritas

ENTREVISTA TRANSCRITA – DANDARA DE PALMARES, 82 ANOS

AL: Ó, vou deixar aqui
Ent: Uhum...
AL: ... Vou começar a gravar e aí a gente começa a conversar. Tá bom?
Ent: Tá bom! Fica à vontade...
AL: Qual a data de nascimento da senhora?
Ent: Como?
AL: Data de nascimento da senhora?
Ent: Eu... é meio complicado. (risos) É, porque... Eu fui... do... adotada. Já tinha... Fiz um ano, há 16 de fevereiro...
AL: Aham.
Ent: ... De 30... "Peraí". No natal... cinco dia 16 de fevereiro de trinta e...
AL: ... Sete!
Ent: Então já tinha um ano. Aí, a... a famí... o casal que me adotou já me deram outra da... Assim, a data que... que...
AL: ... Que eles te adotaram e assumiram aquela data como sendo a nova do seu nascimento.
Ent: Exato! Não explicar porquê. Então, ficou assim: 30 de...
AL: Trinta de fevereiro... Não, 30 de fevereiro não!
Ent: De março...
AL: "Pera". Vou olhar aqui.
Ent: 30 de março de 1938.
AL: Um ano depois!?
Ent: Esta data.
AL: Um ano depois.
Ent: É... Porque já tinha um ano. É!
AL: É...
Ent: É que ficou complicado, né? Então, a minha idade mesmo é essa aqui que eu falei, né?
AL: Uhum!
Ent: Porém a data, assim, de 16, 16 de fevereiro, eu não tenho registrado. Como se eu tivesse nascido dia 30...
AL: Aquele momento que eles pegaram a senhora...
Ent: Trinta do três. Não era, eu tinha já um ano, entendeu agora?
AL: Entendi! E a senhora trabalhou como doméstica por quanto tempo?
Ent: Quanto tempo?
AL: É, quantos anos? Ou meses, eu não sei.
Ent: A minha vida toda.
AL: É?
Ent: Praticamente. Porque agora eu tenho... Eu fiquei viúva tem 11 anos.
AL: Uhum.
Ent: Então, no dia... No mês de maio. Tem 11 anos.
AL: Uhum.
Ent: De forma que eu casei, fiquei 12 anos sem trabalhar, que meu marido não deixava.
AL: E a senhora casou com quantos anos?
Ent: Ah... Com 21, com 22, algo assim.
AL: Novinha!
Ent: Nova.
AL: É! Eu "tô" com 39 e não casei.
Ent: Mentira...
AL: Verdade!
Ent: Não parece. Que beleza! (risos)
AL: Que bom!

Ent: Viva a nossa conta. (risos) Dizem isso, mas não acho que é isso, não. "Né" não. É a saúde!
AL: É, acho que é como a gente leva a vida.
Ent: Que tem muita gente bem... da nossa "raça" mesmo, né?
AL: Uhum.
Ent: Envelhecido... Sofrido...
AL: Sim, sim.
Ent: Coitadinho... Não passa fome. Não é?
AL: Mas "tá" bem castigado.
Ent: É...
AL: Né?
Ent: Eu acho que isso aí vai dependendo da nossa saúde.
AL: É verdade! Da saúde e da cabeça.
Ent: Isso.
AL: Mas então, mas a senhora, então vamos lá, a senhora começou a trabalhar com quantos anos?
Ent: Com oito anos.
AL: De idade?
Ent: É.
AL: É, a senhora falou que começou a trabalhar com oito.
Ent: É, eu fui como companhia para uma senhora idosa.
AL: Aham.
Ent: Né? Mas eu fazia...
AL: Tudo dentro de casa.
Ent: Arrumava aquelas casas antigas...
AL: Cheias de cristaleira... (risos)
Ent: Doze (inaudível)... Doze andares, né, doze cômodos... e era assim. Aquelas "casa" na Tijuca. Aquela gente da Tijuca é ruim.
AL: Aham!
Ent: Nossa...
AL: É, aquela gente da Tijuca é ruim.
Ent: Nem sei se ainda tem. Nem sei se ainda tem. Entendeu?
AL: Aí, a senhora trabalhou até o casamento, que foi com 21.
Ent: É, eu casei-me. Aí eu trabalhei em fábrica, trabalhei em hospital...
AL: Uhum...
Ent: ... Como, como... serviço domés... (som de muxoxo) gerais. No hospital... Não foi só casa de família. Entendeu?
AL: Uhum, uhum.
Ent: Trabalhei aqui... Em 81, trabalhei aqui, numa fábrica que tinha aqui. E assim, sempre trabalhando, só fiquei em casa 12 anos, porque meus filhos foram nascendo logo, um atrás do outro...
AL: Ah, que bom!
Ent: É, agora eu digo isso. (risos)
AL: Na época foi um pouco difícil.
Ent: O quê, minha filha? Marido ganhando pouco.
AL: A senhora sem poder trabalhar, hein.
Ent: Mas foi bom! Hoje...
AL: Mas tá tudo aí (?), né? Graças a Deus, a senhora, os filhos...
Ent: Não é?
AL: ... Tá todo mundo aí.
Ent: Neto!
AL: Aí!
Ent: O meu neto mais velho tá com 29 anos. (suspiro) O primeiro neto, né?
AL: Aham!
Ent: Né?
AL: Um homem!
Ent: Vinte e nove anos... Vai fazer quase 30.
AL: Então, deu tudo certo, tá tudo certo agora.

Ent: É... É ruim na época, mas depois...
AL: Depois passa... É, Deus é bom o tempo todo
Ent: Tem gente que fica aí... Sofre a vida toda... Passa necessidade.
AL: É...
Ent: Cria filho, depois cria neto, depois cria bisneto e assim, e sempre isso.
AL: Uhum. Não sai daquela situação, né? Não melhora aquela situação nunca.
Ent: É, eu não sei. Não muda o quadro.
AL: E a senhora lembra em quantas casas a senhora trabalhou?
Ent: Ah, não. Muitas casas, porque enjoava. Porque eu nunca gostei de servir de doméstica, fazia porque não tinha outra coisa "pra" fazer.
AL: Ah, é?
Ent: Eu nunca gostei.
AL: E como que...
Ent: Você sabe o que eu queria ser?
AL: O quê?
Ent: Médica!
AL: Hum...
Ent: Sempre gostei de medicina.
AL: E como que a senhora não gostava, a senhora era criança ainda, e como é que a senhora começou a trabalhar assim com o trabalho doméstico?
Ent: Por esse motivo. Eu comecei... Não, aquela história, era companhia. Companhia não era bem companhia.
AL: Entendi.
Ent: Mas fazia. Mas foi bom, aprendi a fazer alguma coisa cedo. Certo?
AL: Uhum.
Ent: E aí foi passando... Depois com, com certa... Fiquei adolescente. E aí comecei... a minha vida normal, né? Mas sempre trabalhando.
AL: Uhum.
Ent: Sempre trabalhando... Em casa de família. Algumas vezes, agora, depois que eu comecei a trabalhar em hospitais, trabalhei em alguns hospitais, trabalhei em fábrica...
AL: E deu tempo da senhora estudar?
Ent: Hum... Ai que entra, sabe, não deu! Eu não sou aquela pessoa, assim, 100% analfabeta...
AL: Uhum.
Ent: E você sabe, sempre trabalhando em casa de família, a gente aprende muita coisa.
AL: Uhum.
Ent: Virou uma escola, né?
AL: É verdade!
Ent: Você aprende. Eu... não sou complexada. Casei... Fiquei quase 40... 40. É... Quase 50...
AL: Cinquenta anos casada!? Não vai nem dar tempo de ficar esse tempo todo casada, gente! (risos) nem vai dar tempo!
Ent: Não dá.
AL: Olha, não vou ter tempo. A sorte é que agora, pelo menos, já encontrei o pretendente, eu comecei a namorar agora. Então, se eu casar com ele, por agora, 50 anos eu já vou ter quantos anos? Oitenta e oito! Não vai dar tempo, não!
Ent: Aproveita o que der, minha filha! (risos) Meu deus. O negocio não é ficar... É sério, aproveita! Não pode é ficar parado. Casou... Também, né (?), peça a Deus que seja uma pessoa boa...
AL: Ah, decente. É, direita. É.
Ent: Que casamento não é tudo, né?
AL: Não... E acho que foi por isso eu não casei até hoje. Porque pra ficar com encosto... Ah, melhor não, né.
Ent: Hoje, nos dias que estamos (?), é a pior coisa que eu já vi. Mas é um desemprego... Não é?
AL: Uhum.
Ent: Falta de emprego, falta de... de, como é? Falta de estudo, né?
AL: Uhum.
Ent: Educação...

AL: Não, e não é... As pessoas hoje em dia, com o perdão da expressão pra senhora, mas as pessoas só querem uma coisa: sexo.
Ent: Certo...
AL: Ninguém quer responsabilidade com nada, com ninguém, com... Sabe? (som ao fundo) Então eu larguei isso pra lá e fui estudar, sabe? Estudei e... e a minha mãe sempre presou muito por estudar, porque eu, pra que eu estudasse...
Ent: Isso!
AL: ... Sabe? E trabalhasse, enfim.
Ent: Nada é demais (?).
AL: É, aí eu larguei e fui pra lá.
Ent: A pessoa fica pensando: "Ah, o mundo já está acabando". Mas não tem que comer, não tem que se vestir, não tem que... (inaudível)
AL: Enquanto não acaba, né?
Ent: Enquanto não acaba, vamos estudar!
AL: Ele pode até estar acabando, mas enquanto não acaba...
Ent: Pois é, não pode é ficar parada. É o que eu falo: "Gente, parado... assim 'Pra que que eu vou estudar? Pra que que eu vou trabalhar? Pra que isso? Pra quê?'". Ué, pelo menos você lutou!
AL: Com certeza.
Ent: Sem luta, não há vitória.
AL: Nenhuma!
Ent: Certo?
AL: Nenhuma... E também tem aquilo, né? Tudo o que é fácil, não sei se vale muito a pena, não.
Ent: Ah, é verdade... é verdade. Cada um vê isso (?). Eu acho... Eu nunca pensei em me casar. Casar, nem ter... Sabe? Eu sempre... Falava: "Ai, meu Deus do céu! Se eu pudesse estudar...". Só que eu tinha a minha mãe, Lena (?), é... Eu fui viver com ela, eu já tinha... Onze, doze anos. Onze anos, né? Por aí, assim. Não me lembro bem (sussurros). Aí comecei, é, a trabalhar pra ajudar.
AL: Uhum.
Ent: Entendeu? Então não tinha condições, né? Era uma pessoa muito pobre. E eu...
AL: A senhora é aqui do Rio mesmo?
Ent: Sou... Por quê? Não parece? (risos)
AL: Não. Curiosidade!
Ent: Hã?
AL: Curiosidade!
Ent: Só tô brincando. Eu sou, ela que era mineira.
AL: Era?
Ent: Ela era de Minas e meu pai era Sergipe.
AL: Hum...
Ent: Mas eles não, não conseguiam viver junto, entendeu? Se gostavam, mas pra viver junto não dava.
AL: É... Aí que as dificuldades aumentaram, né?
Ent: Com certeza.
AL: E pra senhora, o que representa o trabalho doméstico? O que que a senhora acha, fora a parte que a senhora não gosta (risos), o que que pra senhora representa o trabalho doméstico?
Ent: Olha, pra te explicar assim... É uma coisa honesta, não é? Você não, não, não... A pior é trabalhar em lugares como, agora não sei, mas na época tinha muitos trabalhos, as meninas tinha trabalho no rádio, quem tinha um "corpo". Mas isso nunca me atraiu, nunca mesmo.
AL: Uhum.
Ent: Graças a Deus! É um trabalho honesto como outro qualquer.
AL: Uhum.
Ent: Né? Atualmente ninguém mais tá querendo também.
AL: Ih, que nada, tem muita gente.
Ent: Hum?
AL: Tem muita gente! Só que assim, sei lá, porque teve a legislação agora, teve a lei para regulamentar o trabalho, em 2015, garantir carteira assinada, férias, todos os benefícios, né, trabalhistas, mas ninguém respeita...
Ent: É...

AL: Ninguém respeita... E não sei dizer pra senhora, não. (risos) Mas que tem, tem! Aí..
Ent: Eu tenho uma filha de uma sobrinha, ela trabalha a semana toda...
AL: Uhum.
Ent: Tá? Não sei se é uma ca... cada dia numa casa. Assim, duas vezes ou três por semana. Ela, ela não tem queixa, não.
AL: É?
Ent: Ela gosta de cozinhar, né?
AL: Uhum. Eu também gosto, mas não dá muito certo, não. (risos) Gostar eu até gosto, mas...
Ent: É, pra não dizer que eu não gosto de nenhum serviço doméstico, eu gosto de cozinhar. Mas pra mim não... Sabe?
AL: É, eu acho que dá muito trabalho.
Ent: É, e outra coisa. Não precisa saber cozinhar bem. Eu faço por beleza (?)... (inaudível)
AL: É, no dia a dia, né? Um arroz, um feijão...
Ent: É, trivial. Se faz assim, pegar uma casa de luxo, por exemplo...
AL: Uhum, fazer forno e fogão... Pratos sofisticados. Eu me queimo, eu me corto. Boto fogo nos panos de prato todo. A comida fica boa, mas... (risos)
Ent: É, mas ainda dá pra quebrar um galho.
AL: Os panos de prato lá de casa é tudo queimado. (risos)
Ent: Fome, ninguém passa.
AL: Não! Fome não passa, não. Mas...
Ent: Olha, ovo frito, até hoje eu não sei fazer.
AL: Eu também não! A senhora sabe que eu fico toda queimada?
Ent: E fica tudo espalhado...
AL: Até na cara a gordura espirra assim no meu rosto!
Ent: Vem!
AL: Ai gente... A bolha. Ai...
Ent: Ontem mesmo aconteceu. Aquela clara, né, fez "puff". Falei: "Caramba!".
AL: É isso aí! Ah, gente. Eu nem faço mais. (risos)
Ent: É uma vergonha, né?
AL: Que eu nem tô podendo ficar queimada.
Ent: É uma vergonha, mas é verdade. Eu não sei. Que eu trabalhei na... Na Bayer, sabe onde é?
AL: Hum. É lá em Belford Roxo?
Ent: É, é uma firma alemã, né?
AL: Uhum.
Ent: Um mundo, aquilo ali é uma cidade. Aí, eu via aquilo ali, enchia a frigideira de óleo... Aí colocava os ovos ali, botava, daqui a pouco voltava boiando... Cheio, mas cheio de gordura! (risos) Falei: "Que horror!". Eu não sei fazer ovo frito, não.
AL: Ó, se serve de consolo, eu também não. (risos) Ficava toda queimada, meu pai reclama horrores: "Como é que pode, não sabe cozinhar um ovo". Eu falo: "Ah, não sei!".
Ent: É, mas não é fácil, não!
AL: O negócio espirra na minha cara e fico com a cara toda queimada.
Ent: Meu ovo frito só vira um ovo mexido. (risos)
AL: É bom que não espirra.
Ent: Eu como de manhã, agora que eu tô com esse hábito. Todo dia de manhã.
AL: Comer um ovo...
Ent: ... Um ovo. Mas o bichinho não fica alimentício (?) de jeito nenhum.
AL: Ah, eu nem tento mais. Eu nem tento.
Ent: Já não tenho paciência, já deixo logo...
AL: Que que eu vou? Ih, nem. Nem tento! Deixa eu perguntar outra coisa pra senhora. E aí, depois que seus filhos nasceram, a senhora ficou um tempo em casa...
Ent: É!
AL: Mas depois voltou a trabalhar.
Ent: Exato!
AL: Quando a senhora voltou a trabalhar, foi pro trabalho doméstico?

Ent: Foi. Quando eu vim morar aqui. Foi há 42 anos, como eu já te falei, uma amiga minha... não trabalhei na fábrica de camisas, mas... serviços gerais.
AL: Uhum
Ent: Mas dá no mesmo.
AL: Só era maior.
Ent: Como?
AL: Só era maior.
Ent: Eu vi que... eu vinha pra cá, muito bom, era pertinho. Depois a fábrica fechou, né. Eu saí antes dela fechar... Nem lembro porque eu saí, logo depois ela fechou.
AL: Uhum.
Ent: Entendeu? Aqui mesmo na Fazenda Botafogo eu trabalhei...
AL: É?
Ent: Em casa de família.
AL: E com quem ficava os seus filhos quando a senhora ia trabalhar?
Ent: Não, aí já tavam crescidinhos, né?
AL: Uhum. Ai eles ajudavam a senhora a tomar conta uns dos outros.
Ent: É, porque não era muito grande a... Não era muito grande o... A diferença, entendeu? Que o mais novo... o mais velho... tem, fez 57. Arnaldo, 56. Alice... Alice já é um... Cinquenta e cinco ou quatro, será que eu esqueço? (risos) Um filho atrás do outro...
AL: Tá tudo ali na faixa dos 50.
Ent: Cinquenta! A Manuela (?)...
AL: Que é a mais nova.
Ent: É a caçula, tem 52. A caçula... (risos)
AL: A senhora nunca então teve esses trabalhos, só quando a senhora era menor, de ficar a semana inteira e voltar pra casa só no domingo...
Ent: Tive!
AL: ... Só no sábado? Teve?
Ent: Oh... Era... comia
AL: Mas nessa época a senhora era solteira ainda?
Ent: Sim!
AL: Como é que era? Como a senhora se sentia?
Ent: Em casa!
AL: É?
Ent: Eu me abato com muita facilidade, minha filha. Não tem isso, não.
AL: É.
Ent: É diferente de hoje em dia. A gente tinha o quê? A gente tinha um o pequeno espaço, uma cama, um guarda roupa, um banheirinho... É mais o que dava, dormia (?). Não sentia diferença, não.
AL: Mas ficava a semana inteira?
Ent: Semana inteira!
AL: Devia trabalhar à bessa, hein.
Ent: Ué, trabalhava... trabalhava, mas não era trabalhava mais ou menos, entendeu? Cê não era... Eu era noiva, eu trabalhei... eu trabalhei muito na Zona Sul, eu gostei de trabalhar, ganhava melhor.
AL: É?
Ent: Ganhava melhor... Na Zona Sul?
AL: É!
Ent: É... Ganhava melhor. Aí eu trabalhava uma vez por semana. Tinha um jogo lá... Eles eram até franceses...
AL: Uhum.
Ent: Então tinham jo... jogos deles lá, entre eles lá, né? Tinham pessoas amigas, aí me botavam uma bandeja na pia... Assim. De manhã tava cheia de dinheiro. Beleza! (risos) É...
AL: E ai a senhora podia pegar esse dinheiro?
Ent: (som baixo) Não, mas não é não (?)... "Isso aqui é seu!".
AL: Ah!
Ent: Na primeira vez que eu aquela bandeja lá...
AL: Deixou pra lá.

Ent: Não entendi nada, né? Aí ela veio, me parou. Aí ela me explicou que era a gorjeta. “Gente, muito obrigada”.
AL: Ah, que bom!
Ent: Uh, beleza... (risos) E era noiva também, né?
AL: Aí já ajudava, né? Já ajudou pro casamento. Olha que beleza!
Ent: É...
AL: E a senhora ouviu, enquanto a senhora trabalhava nessas casas que a senhora trabalhou, enfim, a senhora ouviu a expressão “é quase da família”?
Ent: Como é que é?
AL: A senhora ouvia, enquanto a senhora trabalhou nessas casas em que a senhora trabalhava, a expressão “é quase da família”? Ou como se fosse da família?
Ent: Se eu já ouvi?
AL: É.
Ent: Eu ouvi uma vez de uma criança.
AL: Aham.
Ent: Coincidência, né? Ele fez um trabalhinho, né, assim: a professora falou para colocar o nome da sua família, ele era pequeno, ai ele botou papai, mamãe, parecia aquele bonequinho, tudo esquisitinho, a bolinha, a cabeça, os bracinhos...
AL: Aham.
Ent: Então, aí ele botou pai, a figura do pai, da mãe, da irmã, ele e eu.
AL: É?
Ent: É! Quer dizer, uma criança que não tinha malícia...
AL: Uhum.
Ent: Era inocente, né? Pra não dizer que nunca, mas... Em todas as casas que eu trabalhei me tratavam bem.
AL: Uhum
Ent: Né? Não me tratavam com desprezo, nem nada. Mesmo porque eu nunca, sabe, eu não saía do meu lugar.
AL: Uhum.
Ent: Eu sabia que eu era empregada, meu comportamento como tinha que ser, entendeu? Era sincera, pontual... Graça a Deus que eu tenho que eu era pontual. Eu nunca me senti diminuída, não.
AL: É?
Ent: ... Inferior não.
AL: E quando a senhora se viu no desenho do menino, como é que a senhora se sentiu?
Ent: Emocionada!
AL: É?
Ent: Eu o abracei, agradeci: “Brigada! Eu sou da sua família? Ele: ‘É!’”. Esse menino hoje já será pai. Coincidentemente, o pai dele que empregou a minha filha, a mãe dela...
AL: É?
Ent: ... Se aposentou agora.
AL: Que bom!
Ent: Perguntou... Por quê? Ele não tinha educação.
AL: Uhum.
Ent: Um casalzinho de criança.
AL: Uhum.
Ent: A Renata discutia com a mãe como se fossem... Duas inimigas. E o menino, quando queria as coisas, tinha que fazer. “Eu quero comer biscoito!”. Se não desse ele ia lá na mesa e “shhhia”, virava tudo. Aí, fez isso uma vez, chamei, falei com ele, seriamente, entendeu?
AL: Uhum!
Ent: Aí depois comecei a fazer amizade com ele, deixava meu serviço lá na cozinha, tudo, que ia brincar, que a mãe trabalhava, né? Aí eu ia, brincava com ele. É aquela coisa de pessoas que trata, talvez, trate mal uma criança, né?
AL: Uhum.
Ent: Então, fui séria, eu fui “severa” com ele, logo após eu fui brincar com ele, fiquei amiguinha dele, ele meu amiguinho, aí eu chegava oito horas e ele ficava me esperando pra eu servir o café, porque só

eu sabia fazer o café pra ele, aquela coisa de amor, né? Aí, e o pai notou a diferença, né? Então ele foi grato, se bem que ele não pagava para educar os filhos dele...
AL: Sim!
Ent: Mas ele reconheceu. Ele me perguntou se eu tinha filhos... (som baixo) Aí eu falei: "Tenho duas filhas". Aí ele: "Não quer trabalhar em banco?". Aí eu contei a História da minha filha pra ele. Aos cinco anos, ela falou que ela trabalhar no banco, no caixa. Com meu filho como testemunha. Aí, ele ainda brincando: "Ah, vai trabalhar no banco da praça!".
AL: Uhum.
Ent: Aí ela começava a chorar. (risos) Aí falava: "Não liga, não, que ele tem inveja! Que ele não vai trabalhar no banco e você vai!". E acabou que foi mesmo.
AL: Aí ele levou ela pra trabalhar no banco.
Ent: Foi!
AL: E ela trabalhou a vida inteira até se aposentar?
Ent: Ficou uns 30 anos lá, tava só esperando o banco mandá-la embora. Lá, ela conversa com ele...
AL: Que bacana!
Ent: Olha, são coisas que é difícil de acreditar...
AL: É! É difícil de acontecer. Não é nem de acreditar, é de acontecer!
Ent: É... Uma criança falar que ia trabalhar naquele...
AL: ... E foi!
Ent: Sinceramente, eu nunca... Sinceramente, eu nem fiz expectativa nenhuma. E achava difícil. Mas não... Graças a Deus!
AL: Que bom!
Ent: É.
AL: E... A senhora trabalhou como doméstica até quantos anos?
Ent: Ah...
AL: A senhora lembra?
Ent: Já trabalhei muito... Ah, tem bastante tempo. Até os cinquenta e... Cinquenta e cinco, por aí. Trabalhei assim, né?
AL: Uhum.
Ent: Depois...
AL: Mas ai a senhora se aposentou?
Ent: Não!
AL: Não.
Ent: Não. Assinei carteira em firma. Em casa de família não.
AL: Nunca?
Ent: Nunca!
AL: E a senhora acha que ter feito trabalho doméstico, ter trabalhado como doméstica, trouxe alguma consequência ruim para a sua saúde? Impactou na sua saúde? Trouxe alguma consequência?
Ent: Não!
AL: "Não", que a senhora tá bem mesmo. Tá melhor que eu!
Ent: A única doença que eu tive foi o mesmo que eu posso ter em casa, sem fazer nada. (risos). Resfriado, cólica, né?
AL: A senhora não teve, assim, nenhum problema de coluna?
Ent: Não!
AL: Nada de... (risos)
Ent: Agora eu tenho, mas não dou confiança. (risos)
AL: Mas também já tem um tempo que a senhora já parou de fazer, né?
Ent: Tem!
AL: Desde os 55 anos.
Ent: Mas acontece, que eu... o que eu fazia no meu trabalho em fazia em casa. Eu arrasto a geladeira, arrasto fogão...
AL: A senhora arrasta geladeira?
Ent: Arrasto!
AL: Mas meu Deus!
Ent: Como não? Tenho problema só nas vistas e no ouvido.

AL: Joga uma agua embaixo! Passa um pano... Não?
Ent: Não dá, menina! Não dá!
AL: Não limpa!
Ent: Não limpa. O chão também ajuda... (risos) O piso ajuda também. Ele escorrega.
AL: Escorrega fácil, né? Tá certo! Deixa eu ver aqui. Hã... A senhora acredita, que de alguma maneira, as mulheres negras são levadas ao trabalho doméstico?
Ent: Não! As negras?
AL: É.
Ent: Não! Tem tantas negras que são professoras, "advogada"... Não só as negras... As brancas também, é só ser pobrezinha não ter instrução, trabalha quem não quer (?).
AL: A senhora acha que é isso: a falta de instrução, a falta de oportunidade, de repente, que leva pro trabalho doméstico?
Ent: Claro! Não estuda...
AL: Uhum.
Ent: É o primeiro passo. Não tem condição, agora então, tá pior do que nunca. Você vê que as meninas, "meninas", sem censura, meninas "novinha", já estão grávidas, estão morando com rapazinho...
AL: É verdade!
Ent: Entendeu? Eu acho que se eu estivesse nessa época, oh, é aquela história que eu falo, sou até franca demais, se eu achasse que eu tivesse que praticar sexo, como elas pensam, tudo bem! Não tinha nada! Mas não ia deixar de estudar, não ia deixar engravidar...
AL: Ah, é verdade!
Ent: ... Atrapalhar minha vida.
AL: ... É verdade...
Ent: Tá entendendo? Não tem nada a ver uma coisa com a outra.
AL: Com 18 anos já tem três filhos...
Ent: Ah...
AL: Eu com 38 tenho nenhum. (risos)
Ent: Não tem nenhum, mas pode ter. Vai lá, tem muita criança aí precisando de uma mãe. (risos)
Ent: Hoje mesmo, eu tenho minhas filhas com cin... Quase 60 anos...
AL: Uhum.
Ent: ... Mas não dou, quando eu vejo que tá demais... Eu dou um chega pra lá... Claro!
AL: É claro! A senhora pode ter 100 anos, a senhora vai continuar sendo a mãe.
Ent: Porque eu digo, olha, enquanto eu estiver, claro que tem falha, né? É normal!
AL: Com certeza.
Ent: Às vezes eu esqueço o que que eu comi ontem. Mas eu fico, né? O que foi, que foi... Não, pera aí.
AL: Deixa eu concentrar aqui.
Ent: Ah, "Um ator, ou atriz que eu não vejo há mais de 10 anos, ai meu Deus, como é o nome dele?" Mais ou menos, bota (?), lembra!
AL: Vem!
Ent: Não deixa!
AL: Demora, mas vem!
Ent: Não deixa! Não deixo! Que você tem, tem que se esforçar, né? Então, aí enquanto eu estiver conseguindo eu aceito opinião. Aceito! "Mãe, que tal a senhora fazer isso? Não, que tal a senhora...". Eu sei que estou sendo levada na conversa, mas tá falando com educação...
AL: Aham, a senhora tá aceitando...
Ent: Eu tô... (risos)
AL: A senhora tá fingindo que não tá entendendo e tá aceitando.
Ent: Mas assim, dizer: "Ah, vai fazer! A senhora vai fazer! A senhora vai fazer!". Eu digo: "Não, não! Não é por aí".
AL: Uhum. A mãe é a senhora, né?
Ent: Hã?
AL: A mãe é a senhora, né?
Ent: Não, é... Eu digo assim: tem condições de refletir ainda, de raciocinar, então vamos aproveitar o que nos resta.
AL: Sim, sim...

Ent: Agora, vou ficar aqui, ela me ajuda muito, já falei isso pra você. Mas fique, faz uma "malcriada" (?), toma decisão antes de falar comigo, eu reclamo.
AL: Uhum.
Ent: sabe, não faz isso comigo que isso me aborrece. Mesmo que eu vá aceitar. Claro que ninguém tá fazendo isso pra me ajudar. Eu reconheço.
AL: Mas vamos participar, vamos conversar. (voz ao fundo)
Ent: "Mãe, vamos no médico! Mãe, vamos fazer? – Vamos!". Se tá me ajudando.
AL: Tá bom...
Ent: Só isso.
AL: A senhora, a senhora se... A senhora se sente melhor ou se sente mais feliz, ou se sente... Ah, não sei dizer direito, agora, ou quando a senhora trabalhava?
Ent: Olha "feliz", eu me sinto.
AL: Mas feliz agora?
Ent: Sim, porque... não me aborreço. Eu tenho problemas, como toda família tem.
AL: Sim, sim.
Ent: Mas é questão (?) de saúde.
AL: Uhum.
Ent: Entendeu?
AL: As coisas da vida, né?
Ent: Da vida! Acontece com os filhos, a gente sofre...
AL: Uhum, se preocupa.
Ent: Claro! Mas... eu sou feliz. Graças a Deus.
AL: Que bom!
Ent: Sou feliz porque, não é o que eu queria...
AL: Uhum.
Ent: Entendeu? Nunca pedi a Deus pro meu marido morrer pra eu ganhar dinheiro. Nunca mesmo! (risos)
AL: Mas aconteceu.
Ent: Aconteceu... (risos) Não, é. Deus sabe disso. Eu nunca, jamais, meu Deus! Jamais! Né?
AL: Uhum.
Ent: Mas... Agora, eu posso comprar um presente, eu dar de... Ah, eu posso fazer o que eu quiser sem ter que pedir licença, né?
AL: Uhum.
Ent: Mas se... Eu precisasse voltar atrás, né? Depender do dinheiro do meu marido, quando ele quisesse, mas em paz... Eu não ia ter problema, porque eu sempre trabalhei!
AL: É! E o dinheiro da senhora, (voz ao fundo) a senhora podia gastar como que quisesse.
Ent: Justo! Ajudei a criar os meus filhos.
AL: Uhum.
Ent: Né? Graças a Deus. Então...
AL: E pra gente terminar, que que a senhora, qual a lição, assim, que o trabalho doméstico deixou para a senhora?
Ent: Como?
AL: Que que o trabalho doméstico deixou pra senhora, assim, de ensinamento? Que que ficou da experiência pra senhora de trabalhar nessas casas de família que a senhora trabalhou?
Ent: Olha... Educação, muita coisa que eu aprendi, né?
AL: Uhum.
Ent: E... Experiência, né? A experiência, principalmente, no que diz respeito à organização de uma casa.
AL: Uhum.
Ent: Eu não gosto, mas eu sei fazer...
AL: Uhum!
Ent: Entendeu? Eu sei arrumar um armário, eu sei é... Conservar uma casa arrumada. É que eu detesto, não gosto, detesto. Mas gosto de ver as coisas arrumadas.
AL: Uhum.

Ent: Às vezes você chega aqui, tira a roupa, deixa ali, eu vou lá, pego e boto lá dentro. Não gosto de roupa no banheiro, não gos... tem muita coisa que eu não gosto, mesmo. É meu isso. Não gosto! Porque a gente não tem muita coisa, né? Sou pobre! Fica tudo bagunçado?
AL: Fica ruim, né?
Ent: Eu tenho até nome de acumuladora, porque...
AL: Mas não é aqui que a senhora tá acumulando, não, né?
Ent: Vai lá no meu quarto.
AL: Ih!
Ent: É porque eu fico, tenho um rolo de, de, de linha, né? Aí fico com medo de jogar fora. (risos)
AL: Aí deixa lá.
Ent: Deixo lá. Ah, porque tenho uma... Sabe? Então, é acumuladora, mas não é, porque eu tenho pena de jogar as coisas fora, né? Aí, eu... Aí eu falei: "Ó...". Outro dia mesmo eu tava me lembrando que aqui na associação...
AL: Uhum...
Ent: Tinha um grupo de senhoras que faziam artesanato. Falei: "Poxa, agora que devia ter que eu ia dar isso tudo pra elas!".
AL: Mas a senhora não fazia, não?
Ent: Fazia! Fazia! Mas não sou "aquela" pessoa que, sabe?
AL: A artesã... (risos)
Ent: Ah... Eu sabia. Comprava uma revistinha.
AL: Fazer ali um negócio.
Ent: Tinha nada pra fazer.
AL: Fazia o outro.
Ent: É... É isso! Eu tenho coisas pra mim e coisas boas.
AL: É...
Ent: Coisas boas...
AL: A senhora trabalharia de novo?
Ent: Hã?
AL: A senhora trabalharia de novo?
Ent: Trabalharia. Porque o que mais é pessoa necessitada...
AL: Uhum.
Ent: Sabe? Então seria mais um dinheiro que eu iria ganhar pra poder ajudar mais pessoas. Porque o meu maior prazer eu poder ajudar. Tenho, ó, eu tenho ao todo... sete... oito... nove...
AL: Eita!
Ent: Protegidos...
AL: Eita!
Ent: Graças a Deus!
AL: Gente à bessa!
Ent: Entre netos, amigos... Faz aniversário, aí já não sou, vou mais na rua, aí dou dinheirinho ali pra comprar alguma coisa, entendeu?
AL: Uhum.
Ent: Eu tenho satisfação.
AL: A minha avó também me dava.
Ent: Ah, eu gosto.
AL: Aí eu: "Ah!". Mas era uma alegria. Mas minha mãe não gostava disso, não. Não queria deixar ela dar, não. Mas ela dava. Dava pra mim e pras minhas primas.
Ent: Eu também eu vou morrer, não vou deixar aí. Não vou levar pra terra mesmo.
AL: Verdade. Eu acho que nem vai levar uma blusa lá.
Ent: Depois vou morrer, não recebo mais. Né, minha filha? No fundo, não tem intenção mesmo.
AL: Acho que lá do outro lado... É, pois é. Acho que lá do outro lado nem precisa.
Ent: É, então já dá enquanto tu estiver viva. Ah, eu gosto! Gosto mesmo! (risos)
AL: Minha mãe também... Minha avó dava e gostava de dar dinheiro pra gente, mas minha falava... Pra mim e pras minhas primas. Porque eu sou filha única, né? Na verdade, pras minhas primas não: pra mim e pra minha prima mais nova, que é essa que mora aqui.
Ent: Uhum.

AL: Ih, mas minha mãe falava: “Você não tem que aceitar!”. Eu falava: “Mas ela quer dar, gente!”.
Ent: Ah, não...
AL: “É feio! É desfeita!”.
Ent: Ah, é...
AL: Né, não?
Ent: Que isso...
AL: Eu, hein, gente!
Ent: Até entristece.
AL: Era a pensão também do meu avô. O ruim de tudo é a herança! Né, não?
Ent: É, aí o que eu falo: isso aí, é a herança (risos) que, às vezes, o filho precisa (?)... (som baixo).
AL: É, gente! É a herança! Se a senhora tem, se a senhora pode, se a senhora tem prazer em fazer...
Ent: Eu tenho!
AL: ... Faz, gente!
Ent: Eu sim!
AL: Né?
Ent: Não é só da família, não, estranho também, amigo, filho... “Ah, o fulano fez aniversário”. Ah, eu gosto.
AL: Minha mãe, minha avó dava, no natal, no aniversário e às vezes, quando minha mãe dava uma bobeira. Que era a minha mãe que tomava conta do dinheiro dela, né? Então às vezes minha dava uma bobeira: “Ah, toma aqui um dinheirinho pra comprar as balas”. Ah, eu adorava.
Ent: Ah, sim. Eu não tenho dinheiro para deixar. Tenho esse apartamento aqui. Tenho um terreno que já passei, não passei: dei! Oral, não passo (?) prum filho e dou pro outro, mas enfim. Eu já falei pra eles: “Olha, olha Anderson (?), eu já tô aqui demais, já tô cansando! Aí eu vou morrer agora mesmo (?), ai vocês não vão poder vender”. Porque nem sempre, ora, por exemplo, lá em Caxias tenho uma casa lá, o terreno lá da família, né...
AL: Uhum.
Ent: Eu, não falo com orgulho, prefiro o meu cantinho...
AL: Uhum.
Ent: ... Aqui. Mas meus dois filhos moram lá.
AL: Em Caxias?
Ent: Lá em Caxias! Tenho dois netos, cada a, a... o mais velho tem dois filhos, o outro tem dois filhos, entendeu?
AL: Uhum.
Ent: Moram lá! Fez cada um, se mudou. Quer dizer, eu não vou morar lá. Pra que vou morar lá? Vou sair daqui pra morar lá?
AL: É mais longe né?
Ent: Não, não é só por isso... Ah, eu não gosto de ir...
AL: E também a senhora já tá aqui há 40 anos.
Ent: ... Subir escada, né? Às vezes tenho que fazer encima daquela... (som baixo)
AL: Ah, não. Já sobe aqui, continua subindo aqui.
Ent: É! E quase não saio daqui.
AL: É?
Ent: Depois que eu tive esse problema na visão, do “vira a vista”, nunca mais. Eu saio assim, quando vem a Alcione amanhã, vem aqui. Aí, pego o... Aqui embaixo, o carro, vem, me traz, me deixa aqui...
AL: Uhum.
Ent: ... Raramente. Primeiro não (?), porque quando eu era muito pequena eu muito lá pra casa dela. Ah, mas eu gosto, sabe que eu sou muito, eu sou muito chata...
AL: É?
Ent: Sou! Eu sou chata...
AL: Ah, eu não posso nem falar nada da senhora, que eu também...
Ent: Que eu sou chata no sentido de que: vaso sanitário, gosto dele limpinho...
AL: Uhum!
Ent: ... Ficar com essa urina, não dar descarga. Aquilo me... Eu não falo nada...
AL: Mas aquilo vai te chateando, né?
Ent: Vai chateando... Entendeu? Em que ponto que eu falo?

AL: Uhum.
Ent: Adoro, adoro, ah, tem as coisinhas minhas...
AL: É, e também a senhora vivendo sozinha, a senhora quer fazer, faz! A senhora não quer fazer, não faz!
Ent: E é por contrário. A Maia (?) às vezes não quer que eu faça, porque: "Ah, se a senhora fizer, a gente não fazia". Aí fico olhando... Então, não dá pra mim. Não...
AL: É...
Ent: Eu tenho o que fazer, não vou desrespeitar a ordem da mãe, né?
AL: Uhum!
Ent: Então, fica... (som baixo)
AL: É melhor, evita aborrecimento.
Ent: Entendeu? Eu gosto, gosto muito dos meus netos. Mas é aquilo, quando eu comecei tão novinha, que eu me adaptei da fazer as coisas. Eu agora não se usa mais isso. A Maia às vezes tá lá fora, ela chega em casa pra fazer isso, pra fazer aquilo... Aqui mesmo, tinha uma família aqui que eu olhava, daqui né (som ao fundo), eu falava: "Ó, limpar o vidro, hein! Limpar o vidro!". Aí a outra vinha, né, começou a fazer também. Entendeu?
AL: Uhum.
Ent: Minha mãe chegava 11 e meia, trabalhava a semana toda, falei: "Não! Que isso? Não! Vamos trabalhar! A casa não é só minha".
AL: É!
Ent: Que quando viemos pra aqui, pro exemplo, ah, minha filha, só jogar bola, queimado, sei lá o quê, chegava aqui (som de bater de palmas) "Que é isso daí? – Quer que eu desça?". Não! Ninguém queria que eu descesse. (inaudível)
AL: Melhor não, né.
Ent: Melhor não...
AL: Melhor não, melhor não.
Ent: Mas é, quer dizer...
AL: Mas é o que eu falo pra senhora: hoje em dia, ah, é tudo muito difícil.
Ent: É verdade! É verdade! A mãe não tem, nem "tem" condições e também algumas não receberam.
AL: É, e aí é aquilo, né? Como é que você vai passar aquilo que você não tem?
Ent: Justamente!
AL: Eu fico apavorada, porque a minha mãe, ela nem falava. A minha mãe, ela, eu podia ir onde fosse, com quem fosse, ela nem precisava nem falar, era só me olhar. Se eu viesse aqui na casa da senhora, eu podia ficar sentada aqui igual a uma múmia. Parecia que eu era uma criança doente, que eu não me mexia. A senhora ia me oferecer comida: "Não". "Não quero, pelo amor de Deus!". Duvido!
Ent: Eu já passei por isso. Olha, uma vez eu fui numa festa, com a minha madrinha, que era prima da minha mãe.
AL: Uhum.
Ent: E eu ficava algumas vezes, eu fiquei com ela. Eu de lá, eu comecei a ir pra casa dessa, dona, senhora que eu trabalhei a primeira vez, que era irmã da patroa dela. Ela veio de Minas pra casa da irmã dela, nisso a irmã da patroa dela...
AL: Deixa eu perguntar uma coisa pra senhora: sua mãe também foi empregada doméstica?
Ent: Foi! A vida toda, minha filha.
AL: É?
Ent: Então, eu... Ah, fugiu o assunto, hein.
AL: A sua, a senhora foi na festa com a sua madrinha, que era prima da sua mãe.
Ent: ... Tá vendo? (risos) Aí, as minhas falhas. Aí, eu fiquei horas e horas sentada.
AL: Uhum. Lá na festa.
Ent: É, e ela lá dentro conversando.
AL: Aham.
Ent: "Vamos embora Yasmin(?) ?". Aí, quando chegou em casa: "Gostou da festa? – Gostei! – Comeu bolo? – Não...
AL: Nem vi! (risos)
Ent: ... "Tomou refrigerante? – Não. – Por quê? – Ninguém me chamou...". Olha só.

AL: Mas era. Era assim. Tanto que quando minha mãe deixasse eu ir por acaso, "por acaso" deixasse eu ir numa festa sozinha, assim, que era do lado da minha casa, ou porque... As pessoas elogiavam porque eu não comiam, eu não pedia nada. Eu ficava ali igual a uma múmia!
Ent: Morria de fome.

AL: É, mas Deus me livre. Deus me livre! (risos)
Ent: Oh, e você é nova, hein.
AL: Olha, as crianças chegam lá em casa, meu afilhado, então... Come tudo o que a senhora possa imagi... Dindinha (?), eu quero a jujuba, acaba com a jujuba todinha... Dindinha, eu quero banana, e aí ele tem um irmão que é quase da mesma idade, pra mim e pro meu irmão.
Ent: Tá vendo?
AL: Aí, tá, tá...
Ent: Aí, então. Diferença.
AL: ... Tá, que eu ia pedir banana na casa da minha madrinha. É ruim, hein!
Ent: Ah, uma vez nós fomos eu, mãe adotiva...
AL: Uhum.
Ent: Ela tinha um conhecido lá em Caxias, era um homem, o senhor tinha dinheiro, né? Então, o nome dele era Dr. Afonso. Não sei se era doutor, por que que era doutor.
AL: Mas era doutor?
Ent: Conhecido como Dr. Afonso. Aí, então, ele tinha plantação de laranja...
AL: Uhum.
Ent: Você fica olhando assim, via que era lindo!
AL: Doida pra chupar uma laranja, hein!
Ent: Escuta. Aí um dia ela parou pra conversar com uma pessoa, não sei se era da família, ou se era empregado, era conhecida dela. Fiquei conversando, aí veio com uma senhora que veio com um prato, que o pessoal do interior colhe muito angu, né?
AL: Uhum.
Ent: Com leite. Aí ela veio, eu com uma fome...
AL: "Não quero, não. 'Brigada'!".
Ent: Nem tinha almoçado, ainda ia almoçar.
AL: Aham.
Ent: "Quer comer filhinha? – Não, senhora. 'Brigada'!".
AL: "Não tô com fome, não!". (risos)
Ent: O estômago... (inaudível)
AL: Pular no prato da criatura.
Ent: Ela deu pra criança, que tava... Deveria ser filha, neta, não sei. Uma criança, né.
AL: Aham.
Ent: Aí eu falei assim: "Não, 'brigada'!". Com uma fome. (risos) Pra você ver, né?
AL: Deixa eu perguntar pra senhora, não tá aqui no roteiro, não, mas a senhora falou. Mais alguém da sua família foi, trabalhou como doméstica?
Ent: Bom, a minha família mesmo era "bem" pequena. Tinha essa senhora, que era minha madrinha, que era prima da minha mãe.
AL: Que também foi doméstica.
Ent: É, minha era empregada doméstica, né? Meus irmãos, eu tinha três irmãos, né? Aí, um, tem nada a ver. E... Na minha família mesmo não tem muito. Na minha família mesmo.
AL: E a família adotiva?
Ent: A minha família mesmo é a família da minha mãe, claro.
AL: Aham.
Ent: São tudo de Minas, mas ela falava sobre eles, que eles tinham condições financeiras boas.
AL: É?
Ent: É! Pobre mesmo era minha mãe... (risos)
AL: E sua madrinha.
Ent: E a irmã da minha mãe também, a minha tia, que era doméstica. Exatamente! E só... (risos) Ah, lá. Graças a Deus, sabe?
AL: "Tamo" aí!

Ent: “Tamos” vivendo!

ENTREVISTA TRANSCRITA – DANDARA DE PALMARES, 43 ANOS E MARIA FIRMINA, 64 ANOS

AL: Tudo bem?
PA: Tudo bom. (risos)
AL: Então, e aí... Nesses atendimentos, nos abrigos, tinha um abrigo, que era muito grande, a gente atendia cerca de 300 pessoas, idosas, homens e mulheres. Mas entre as mulheres, eu comecei a observar, é, que muitas tinham sido empregadas domésticas, ao longo da vida, e que, por conta desse trabalho doméstico, que muitas vezes exigiu que elas se afastassem da família, ou que não tivessem condições de constituir sua própria família, ou, enfim... Elas iam sendo descartadas no abrigo. Tipo: "Ah, não tenho mais condição de trabalhar, a família para quem ela trabalhou, para quem elas trabalharam uma vida inteira, pegava elas e deixavam lá no abrigo. Desse jeito. E isso começou a aparecer muito começou a aparecer muito nos atendimentos, né? E aí... Aquilo começou a me inquietar, teve uma história que foi muito marcante, que tinha uma idosa, que ela, ela... Ela foi trazida de situação de rua, ela morava nas ruas, aí a equipe de abordagem foi lá, fez o que tinha que fazer e trouxe ela para o abrigo. E aí, no abrigo, ela... Ela falava demais, ela falava umas coisas muito desconexas que a gente não conseguia entender o que ela estava tentando dizer para a gente, o que ela estava tentando verbalizar, mas ela falava sempre de um tal de um lugar que chamava "Largo do Soldado". "Largo do Soldado", eu ouvindo, "Largo do Soldado, Largo do Soldado, Largo do Soldado...". Um dia, pegaram ela e levaram até o Largo do Soldado, ela foi direitinho e ela foi na casa onde ela havia trabalhado muito tempo no Largo do Soldado. Aí, na casa, ela dizia que tinha uma criança X, uma criança Y, etc e tal. E aí, a ma... Aí, a menina, do casal de crianças que ela criou, já é uma mulher, aí veio atender, e ela não tinha nenhum documento de identificação pessoal e ela não conseguia dizer de onde ela tinha vindo para a gente pensar (?) a segunda via dos documentos dela. E aí, a menina veio, aquele encontro super sem emoção, sabe? Super frio... Aí, ela falou: "Ah, não. Realmente, a certidão de nascimento dela tá aqui. Só que eu não posso entregar para vocês agora que quem sabe onde está a certa é meu irmão, meu irmão tá trabalhando, quando meu irmão chegar, eu pego com ele, depois eu mando para vocês pelo correio". Beleza! O tempo foi passando e a certidão não foi chegando. E aí, a assistente social do caso fez contato por telefone com ela, e ela falou que não ia entregar, não, para ela não entrar na justiça contra a família. E aí, essa senhora continuou, porque aí, tudo bem, a equipe acionou lá os meios para ela ter as, a segunda via dos documentos, mas aí é um processo, né?
PA: Uhum...
AL: E também, para acionar a justiça para intimar essa gente para entregar a documentação dela, também é outro processo. Né? Enfim, então foram essas coisas que foram se acumulando, e que aí eu decidi por investigar como o trabalho doméstico influencia, né, ou impacta, no processo de envelhecimento dessas pessoas, dessas mulheres, né? Mas aí, para fazer um comparativo, entre as pessoas que são institucionalizadas e as pessoas que não são já institucionalizadas, pessoas já idosas e as pessoas que não estão na faixa etária da terceira idade, ou foram, ou são trabalhadoras domésticas para conseguir entender isso. Como que esse trabalho impacta, na verdade, como ele impacta na vida do sujeito, né? Porque é um trabalho que tem umas características muito peculiares, né? Muito particulares, em relação aos outros trabalhos. Né? E que muitas vezes, as pessoas não reconhecem como trabalho porque justamente é um trabalho que acontece no ambiente privado...
PA: Uhum.
AL: Da casa. Então, foi assim que nasceu essa pesquisa.
PA: E no mestrado, você fez alguma coisa relacionada?
AL: Nada, menina. No mestrado, eu discuti o trabalho da assistente social no sistema penitenciário. Porque eu comecei a trabalhar, na verdade, no sistema penitenciário. Eu fui estagiária da Penitenciária Industrial Esmeraldino Bandeira, lá no Complexo de Gericinó, depois passou um temp... Aí terminou a faculdade, passou um tempo, teve processo seletivo, aí eu voltei para o sistema, fui para a coordenação de serviço social, e eu comecei na coordenação ir para várias unidades prisionais. Então, eu conheci unidade prisional de Itaperuna, de Volta Redonda, de Campos... De, quase todas de Bangu, unidade feminina, unidade masculina... Enfim.
PA: Muito interessante.
AL: Segurança máxima. E aí então, eu discuti o trabalho do assistente social neste espaço. Né? Só que, aí depois eu saí do sistema e acabei indo para abrigo.

PA: Uhum.
AL: E que, ambas as instituições, tanto o abrigo quanto a cadeia, são realidades que paralelas, né? À nossa, assim.
PA: Totalmente, totalmente...
AL: Né? A primeira vez que eu entrei numa galeria de cadeia, tá, estou entrando tal, o chefe de segurança, aquela movimentação, que é totalmente estranha para a gente, totalmente, tinha uma carreira de carrapatos subindo pela parede. Uns carrapatos, assim, enorme.
PA: Nossa!
AL: E muito, assim... Nunca me esqueci disso. Era um atrás do outro, subindo assim na parede. E pelo tamanho, tudo bem que tem cachorro na cadeia, mas aquilo não está se alimentando só de cachorro.
PA: Nossa!
AL: Aquilo gruda nas pessoas também, né? O cheiro, é... Tudo! Eu... Se eu ficar aqui o resto dia falando a respeito, não dá a dimensão do que é uma cadeia. Assim como qualquer, qualquer abrigo, qualquer, né, asilo, por melhor que seja, porque tem abrigo que custa 13 mil por mês sem nada, só estadia, estadia e alimentação, e você paga 13, 15 mil reais por mês, não é bom. Não é bom porque não é a sua casa.
PA: Uhum.
AL: Então, são realidades muito distintas e quando a gente começa a viver isso, a gente começa a dar valor ao simples. Tipo: "Ah, eu estou na minha casa agora, estou com fome, levanto, vou na geladeira, pego um negócio para comer". No abrigo não é assim. Ainda mais no abrigo público.
PA: Uhum.
AL: "Ah, hoje eu quero comer uma laranja". Não tem laranja no cardápio hoje. "Ah, eu queria um doce". Não tem doce. "Ah, eu quero ver um filme que vai passar no Super Cine". Não tem "ver filme", porque X horas você tem que desligar tudo. Desliga rádio, desliga televisão, desliga tudo. Então...
PA: É uma privação do simples, né?
AL: Sim! É uma privação de você ser, na verdade, que você não tem autonomia para ser. Não tem... Você quer, mas você não pode.
PA: Se parar a madrugada, uma coisa simples, um filme atrás do outro...
AL: Não. Não. Uma coisa simples, você quer ver? Teve uma idosa que botou fogo no quarto. Porque ela levantou, e a pessoa fumante que está em casa tem total liberdade para fazer isso, né? Ela levantou duas horas da manhã com vontade de fumar, só que não pode sair porque está tudo trancado, (som ao fundo) porque seis horas, todo mundo tem que entrar, tranca a unidade. E aí, você tem direito de ficar fora do quarto até as 22. Vinte e duas tem que ir para o quarto.
PA: Uma cadeia, mais ou menos.
AL: Só não tem grade, né? Mas... E aí, quando ela levantou duas horas da manhã, ela queria fumar. Mas ela vai fumar aonde? Que não podia sair. Aí, ela foi fumar dentro do quarto, quase que, escondida dentro do armário. Caiu, no escuro, incendiou tudo, lambeu tudo, lambeu o quarto todo, quase que mata todo mundo. (som ao fundo) Porque é o simples, porque se você está: "Ah! Acordei, quero fumar". Você vai para a janela, fumei, beleza, voltei para dormir. Que é o que você faz na sua casa.
PA: Uhum.
AL: Né? E você começa a valorizar o simples, né? "Ah, hoje eu não quero almoçar", se o idoso não almoça, vem nutricionista, vem psicólogo, vem médico, vem não sei quê, vem não sei quem, que já acha que tá morrendo. "Não, gente! A pessoa não quer comer, porque não tá afim. Quer comer um pão ao invés de comer comida. Não!". Na particular, isso é menos, talvez...
PA: Um pouco mais flexível.
AL: Isso! Mas se você levantar duas horas da manhã, você não tem onde fumar, porque está tudo trancado. Até porque, tem a questão de você não fugir.
PA: Uhum.
AL: Né? E ou você ou outro idoso que tem Alzheimer, que tem algum outro tipo de comprometimento, e daí... É trancar. É isso! É isso, é isso... Teve um idoso, que ele tinha um amigo, e aí ele saiu, ele foi um final de semana para ir...
PA: Eu sempre percebi múltiplos impactos, mas eu nunca tinha olhado por esse viés do envelhecimento, que eu acho que, ao final das contas, após anos de dedicação para uma família, sobrava muito pouco, né?
AL: Uhum.
PA: E a questão previdenciária era muito complicada. Então assim...

AL: Que não tem, né?
PA: Não tem! É! E a pessoa morava lá, dormia lá, era um quartinho que tinha, de aluguel, sobrava muito pouco, mas eu nunca tinha olhado por esse viés, mas eu sempre observei muito, eu sempre observei muito o impacto na família, de ver ainda pouco, um pouco, até porque eu parei de frequentar, é... Lagoa. De ver ainda, é, mulheres de branco, em pleno domingo...
AL: Ah, eu tenho um horror a roupa branca.
PA: Em pleno domingo. Os pais, é, andando à frente, aquela mulher carregando uma criança "grande" no colo. E aí, compra um cachorro quente para um, a criança come, dá o resto: "Quer fulana, não?". E eu sempre me pergun... E as pessoas sempre reclamam tanto de violência, de violência, de violência... "Hoje é domingo"! "Ah, mas ela precisa!". Ela precisa, mas de segunda a sábado, você tem uma empregada para fazer aquilo que você não pode. Domingo na Lagoa de manhã, você pode carregar o seu filho...
AL: Sim.
PA: Para ela poder ver os dela...
AL: Carregar os filhos dela.
PA: No domingo só! Só naquele domingo.
AL: Uhum.
PA: Para ela ver um dever, para ela ver uma comida. Então, eu sempre via esse impacto dessa ausência dessa mulher que ela não vai, ninguém vai ter, não, ninguém vai isentá-la se a família dela não der certo.
AL: Sim!
PA: Se os filhos dela forem para o tráfico, ou der alguma coisa, se a filha dela engravidar com 14 anos, ainda sim, ela vai ser...
AL: A responsabilidade vai ser dela...
PA: Vai ser dela e ela tá cuidando do... E eu falei assim: "Gente, por que essa mulher no domingo precisa ficar carregando essa criança grande? Tem que tá comendo o cachorro quente babado da outra, maior?". E eu sempre tinha prestado a atenção neste impacto na família, mas nunca tinha prestado a atenção no envelhecimento dessa pessoa. Porque... A História da tia Tânia, né mãe? A tia Tânia saiu muito cedo, ela teve um relacionamento muito, é, violento, abusivo, esse esposo dela foi encarcerado por um bom tempo, é, nem sei se o que ele fez foi tão grave, mas você conhece a justiça...
AL: Uhum.
P_A: No nosso país, ainda mais se tratando de pessoas pretas e pobres. Então, ele ficou muito tempo...
AL: Aí, ela funciona bem mesmo.
PA: Naquela época, então, que não tinha nem AD (?), não tinha nem esse recorte... Eu nem, tenho até medo de "cavucar", para procurar saber. Sei que ele ficou muitos anos, essa minha tia saiu para trabalhar, Nova Iguaçu e Zona Norte sempre pagou muito pouco e exigiu "muito"...
AL: Uhum.
PA: E acho que ela foi trabalhar na Zona Sul. A dona Cristina (?) é Zona Sul? Dona Cristina... Aquela, é, patroa dela. (som ao fundo) Trabalhava na Zona Sul, tinha duas filhas que ela deixou aos cuidados de uma irmã e ela vinha de 15 em 15 dias em casa. Quinze em 15 dias... E aí, ela trabalhava, e aí nesse 15 em 15 dias que ela vinha, era um sábado já de tarde, minha tia era muito jovem, muito bonita, e esse sábado ela saía, no domingo ela dormia, porque no domingo mesmo ela tinha que voltar.
AL: Dormia de sábado para domingo e domingo já voltava.
PA: Ela trabalhou para essa senhora, acho que por nove anos, deixou as filhas pequenas, voltou, as ilhas estavam adolescentes e essa relação de trabalho terminou porque a minha tia não quis mentir para encobrir a patroa. Numa situação lá de divórcio e ela demitiu a minha tia sem um direito, como você sabe...
AL: Uhum.
PA: A minha tia voltou para casa e encontrou as filhas já adolescentes. E o impacto era a questão da autoridade, que a minha tia não tinha (som ao fundo) nenhuma. Essas meninas foram incrivelmente prejudicadas na escola, porque a irmã da minha tia, que não é a minha tia, (risos) poupava as filhas dela e sobrecarregava as filhas da minha tia.
AL: Uhum.
PA: Né? Então, a minha tia encontrou essa dificuldade. Então, esse, então eu sempre olhei esse impacto muito na família. E na minha própria, que a minha mãe, é uma vida de trabalho, eu como irmã mais velha, nesse, auxiliando com o cuidado com os menores. Então, reunião de escola, que eu não entendia

nada do que a professora falava, assim, né? A professora das minhas irmãs caçu... Menores deixava por último, e eram sempre situações assim: de reprovação, de nota baixa, de desempenho aquém do esperado... E eu, com 11, 12 anos, eu não tinha a menor noção do que estava se passando ali e eu... Então, esse impacto é muito forte, então a minha mãe sempre teve que estar cuidando de outras famílias para que a gente tivesse o mínimo. Né? E eu nunca tinha imaginado na, na velhice, porque a nossa família é uma família de empregadas e conseguiram... A tia Joana conseguiu se aposentar e a minha avó foi para a varrição, minha avó é analfabeta, mas não sei que estalo que deu, ela falou: "Eu vou para a varrição". E conseguiu se aposentar também. Então, não ficaram, é...
AL: Desamparadas.
PA: Desamparadas, de todo. Mas tem sim um impacto muito considerável na família. Assim, na família... Aí, a minha tia veio, pegou as minhas primas adolescentes e ela teve que lidar com inúmeras coisas que ela já tinha perdido completamente. Né, mãe? À mão assim completamente... E eu sinto que essa ausência nunca foi suprida. Minhas primas, elas têm alguma... Ai, alguma coisa mal resolvida, sentimentalmente, né, por causa dessa ausência aí de quase dez anos, de ver a minha tia duas vezes no mês...
AL: Mas depois ela não voltou a trabalhar mais nesse esquema?
PA: De dormir não. Mas no emprego doméstico, ela...
AL: Sim.
PA: Ela continuou, ainda pegou uma casa que tinha duas meninas, filhas da Edileusa (?), que minha tia era muito dedicada a essas meninas. Incrivelmente dedicada a essas meninas. E depois foi, não, depois disso foi pequenos restaurantes, mercado... E quando ela faleceu, ela não estava mais trabalhando, assim. Tinha saído do mercado. Esse, esse, esse primeiro emprego de dez anos e depois dessas duas garotas que ela cuidou... Ah, também tinha Olaria. Né, mãe? (som ao fundo)
AL: Mas ela dormia?
PA: Não, ela não dormia. Mas essa dona Cristina, que ela ficou quase dez anos, foi...
AL: O único que ela dormiu.
PA: O único que ela dormiu. Teve um impacto muito forte que eu considero quase que irreversível.
AL: Uhum.
PA: Assim, para a criação das filhas dela e o que ela ganhava... Era só para comida. Né, mãe?
AL: Nossa!
PA: Minha tia quando saiu desse da dona Cristina, ela veio para morar num quarto, que não tinha nem banheiro, não era um quarto com banheiro, não. Era um quarto, sem banheiro, com as duas filhas. Quase dez anos dormindo, só comida... Nada mais que isso.
AL: Gente... (pausa)
PA: É...
AL: E você imagina essa, que o trabalho dessas pessoas que dormem tem isso. Ou você perde o vínculo afetivo, com a sua família, que provavelmente foi o que aconteceu com a sua tia e com as suas primas, a referência de mãe, de autoridade, de afetividade, de... Se perde. Ou você não tem, como é, você é muito jovem e quando começa nessa rotina, você não tem chance de constituir a sua família. Né?
PA: É...
AL: Porque a sua família de origem, que é pais, mães, pai, mãe, irmãos morrem e seguem os seus destinos, e você saindo de 15 em 15 dias que não, não é nem um dia.
PA: Não, porque ela chegava sábado à tarde.
AL: Para domingo à tarde já ir...
PA: Domingo à tarde já voltava.
AL: Que família que você constitui?
PA: Eu lembro da minha prima, a maior, a que é a mais velha, Cristina. Assim, entrando assim, na adolescência, assim, achava ela tão... Perdida, assim. Sem referência, né?
AL: Uhum.
PA: Só tinha a irmã da minha tia e a irmã da minha tia tinha muitos filhos. Então, sobrava para elas duas só o ser, o trabalho. O... Arrumar a casa, as outras iam para a escola, elas não iam, e ela tinha muitas crianças, então...
AL: Tudo muito difícil.

PA: Tudo muito difícil. Né? Ela, ela até podia ser negligente nessa parte do afeto, porque delegar trabalho, ela delegava. Mas por que também ela não parava para dar um pouco... Porque as minhas primas não ficavam com ela de graça.
AL: Uhum.
PA: Porque a minha tia tinha que fazer a compra não só para as filhas, mas a compra...
AL: Para essas crianças todas.
PA: Para casa toda, entendeu?
AL: Por isso que o dinheiro acabava todo.
PA: Mas eu acredito que a minha tia não devesse receber muito, não.
AL: Nem um salário, provavelmente.
PA: Acredito que não. Acredito que ela não era devidamente remunerada, não. Era muito pouco. Se via muito pouco. As meninas não tinham mais do que um chinelo de dedo. Roupas muito gastas. Não iam à escola. Não tinha nenhum cuidado, assim, nem básico. E, ao final, a minha tia também, não juntou nada, mas também acho que não tinha o que juntar. Ao final de dez anos, ela voltou para morar nesse quarto.
AL: Uhum.
PA: Sem banheiro, não tinha um banheiro nesse quartinho.
AL: Gente, fazia como?
PA: Ah, usava latas, né?
AL: Gente, que situação...
PA: E quando era, precisava tomar um banho, era no banheiro da irmã. E minha tia não tinha uma situação diferente, não. Porque a minha tia ainda foi para o trabalho doméstico, essa irmã dela...
AL: Não, não.
PA: Tinha as crianças, mas não tinha nenhuma renda fixa. O marido tinha problemas com álcool, uma vida muito... Sacrificante.
AL: Difícil...
PA: Difícil.
AL: Tereza (?), me fala a sua data de nascimento, por favor.
PA: Três do um, de 1976. (risos)
AL: Quanto tempo você trabalhou?
PA: Olha, eu trabalhe...
AL: No trabalho doméstico.
PA: Eu trabalhei pouco e de forma intermitente. Porque eu comecei a fazer faxinas, na vizinhança. Porque eu lembro que a gente era muito assediada, as pessoas chegavam lá em casa e viam minha mãe com essas meninas todas: “Firmina, bota essas meninas para trabalhar!”.
AL: Eram quantas?
PA: Éramos... Em idade, assim de trabalho, éramos três. Ao todo, éramos seis, ela era a caçula. Então assim, para trabalhar já era... A Elaine com nove, a Sônia com 11 e eu com 12.
AL: Uhum.
PA: Eu me lembro que era, ai, a fissura das pessoas, principalmente pessoas da... Então, eram da igreja que vinha pedir, gente da rua. E minha sempre com essa coisa de proteger de alguma forma...
AL: Uhum.
PA: E de manter a gente na escola. Então assim, se quisesse oferecer trabalho, ela ia. A gente não. Só que a gente era muito empurrada pela necessidade, então a gente pedia a ela: “Mãe, deixa a gente ir, só uma faxina, que que tem? Deixa a gente ir...”. Aí, minha mãe, às vezes, deixava a gente ia, já trabalhei na casa de pastor, já trabalhei na vizinhança...
AL: Uhum.
PA: E... Quem trabalhou mesmo, assim, na casa foi a Sônia. Né, mãe? Ela chegou a sair da escola e ir para o período noturno, porque minha mãe queria que ficasse na escola...
AL: Tinha como condição para ir, era continuar estudando.
PA: Ela foi, se transferiu para a noite, começou acho que com 14. Né, mãe? Eu, dos 12 até os 24, intermitente.
AL: Uhum.
PA: Só faxina... Levar a criança na escola... Arrumar a casa. Mas como eu estudava de tarde, todo dia, então isso era um dificultador.
AL: Uhum.

PA: Nunca entrei, nunca me transferi para a noite. E fazia complementos nos lugares em que minha mãe trabalhava, e fazia, é... Uma faxina, "Ah, vão vir aqui conhecer o bebê", aí eu ia para ajudar a minha mãe a servir, e faxina mesmo, esporádica. Onde eu trabalhei um pouco foi à Odaleia (?), e levar a criança na escola, que isso eu fazia. Fazia faxina e levava a criança na escola sim, mas no bairro... Só com, e... Ajudar a servir, ajudar a minha mãe...
AL: Uhum.
PA: Assim, por volta dos 24 anos, parei.
AL: Com tudo.
PA: Com tudo! Que eu também já estava na faculdade...
AL: Uhum.
PA: Né, aí eu pa... Aí, foi na época que eu também saí das Lojas Americanas e fui fazer um estágio no Banco do Brasil, que era o dobro do meu salário. Então, não precisava fazer aquele complemento.
AL: Uhum. Que aí você começou a trabalhar.
PA: Mesmo trabalhando, eu continuei até 24...
AL: Uhum...
PA: Mas já estava na faculdade desde os 22, mas eu fazia complemento, que a gente pagava aluguel.
AL: Uhum.
PA: É, éramos seis filhos e só a minha mãe não dava conta.
AL: Todas meninas?
PA: Só tem um menino. Depois vou te mostrar a foto dele.
AL: Uhum.
PA: E, ainda fiquei até os 24. Aí, eu saí das Lojas Americanas e fui para um estágio no Banco do Brasil e lá tinha o meu... O estágio pagava mais do que eu ganhava nas Lojas Americanas e eu ganhava um ticket muito bom e eu já não precisava...
AL: Desse complemento.
PA: Não precisava, aí eu deixei o emprego domés...
AL: Uhum.
PA: Assim, né? Mas a minha irmã continuou, a Sônia. Depois você vai ter oportunidade de conhecer e entrevistar se você quiser.
AL: Eu quero, eu quero.
PA: Ela continuou, ela continuou na casa que minha mãe, minha mãe era cozinheira e arrumadeira. Né, mãe? E a Sônia era babá, né? (som ao fundo) Ana Maria! Aí, eu, e assim, das faxinas que eu lembro, a faixa dos 13, 14, existia esse... "Ai, bota para trabalhar", "Manda essas meninas lá para casa"... Parecia, inicialmente, que era uma questão de ajuda: "Vai te e ajudar!". Mas o que a gente recebia, que era um prato de comida três horas da tarde...
AL: Não é nada, né?
PA: E o que a gente recebia no final do dia, nove horas da noite, o equivalente, eu digo seguramente a você, a dez reais. Porque eu lembro que a gente comprava um pão e um leite de saquinho e trazia para casa.
AL: E acabou o dinheiro.
PA: E acabou o dinheiro. Então, não era ajuda, era...
AL: Exploração mesmo.
PA: Exploração mesmo. E não era nenhuma preocupação em, em: "Ah, bota para trabalhar, vai te ajudar...". Era exploração, pura e simplesmente, inclusive por pessoas da igreja.
AL: E você lembra, mais ou menos, em quantas casas você trabalhou?
PA: Acho que em quatro ou cinco casas... Lembra do pastor Stone (?), aquelas janelas?
AL: Tinha que limpar a janela?
PA: Tinha! (som ao fundo) Dona Leia... Lá com aquela patroa da Sônia, aquela lá do conjunto, dona... Esqueci o nome dela. (som ao fundo) Dona Cristiane (?)...
AL: Cinco... Bom, então agora vamos lá para as perguntas. É... Mas essa aqui você meio que já respondeu, que era como o trabalho doméstico apareceu na sua vida. Foi assim, né? Nessa, nessa pressão das outras pessoas: "vai, para ajudar...".
PA: É, a minha avó já tinha sido, a minha mãe era...
AL: Uhum.
PA: Mas, e... A gente, era um caminho quase que natural, porque as nossas primas...

AL: Também eram.
PA: Se... Se... É. Era um cami

ho quase que natural, aí com a necessidade, antecipou. E o estudo... A educação adiou um pouco a entrada, porque minha mãe sempre olhou muito, com muito cuidado isso. A gente só via a necessidade, que a gente queria não comprar roupa, sapato, mas até comer mesmo.
AL: Uhum.
PA: "Poxa, mãe. Deixa a gente ir, amanhã não vai ter café. Então, a gente tem que ir". Mas minha sempre com o cuidado um pouco mais à frente. Mas acho que seria um caminho... Natural e quase que inevitável, um emprego doméstico. Mas a necessidade era a década de 90, uma década muito...
AL: Tudo muito difícil.
PA: Tudo muito difícil.
AL: Você já participou de algum movimento político-social para resguardar ou melhorar os direitos da trabalhadora doméstica?
PA: Dois mil e treze, pau quebrou, né? Com a PEC das domésticas.
AL: Você estava envolvida? Você foi, assim?
PA: Eu não estava diretamente envolvida...
AL: Uhum.
PA: E eu não posso falar para você que eu "militei", mas eu acompanhei as discussões de perto, né? Totalmente a favor. Só que o que que acontece, eu estava em, em ambientes, o banco onde eu trabalhava, que eu era gerente e no MBA Company, em que os professores discutiam...
AL: A questão.
PA: A questão!
AL: E todos contra, né? Claro.
PA: Todos contra, e o pessoal do meu trabalho me segurando, e eu falando: "Não me segura!". (risos)
AL: "Eu vou lá falar!".
PA: Porque eu não vou ouvir: "Ah, onde já se viu isso? Esse povo querendo assinar a carteira! Querendo direito!". Eu falei: "Não vou ouvir esse tipo de coisa dentro de uma instituição de ensino e vou ficar quieta, eu sendo filha de uma empregada doméstica". Porque, você, é um trabalho como qualquer outro. Você gostaria de trabalhar 30 anos e depois, e depois você perder suas forças, a sua empresa falasse "tchau, muito obrigada"? Que nem isso a gente recebe, então...
AL: Uhum.
PA: Eu estava nesses ambientes e no ambiente das manifestações. Então, foi a época que eu fiz o facebook, que eu comecei por ali. Mas eu não estava ligada a nenhum grupo. Eu estava acompanhando a discussão mais por interesse mesmo, próprio, né?
AL: Mas você fez um facebook para essa questão?
PA: Não.
AL: Facebook seu.
PA: O facebook era meu e ali eu...
AL: Militava.
PA: É. Mas não estava envolvida por causa... Eu não estava em nenhuma unidade, eu não tinha contato.
AL: Não, gente. Você estava num ambiente totalmente diferente.
PA: Um ambiente totalmente diferente. Eu estava dentro de um banco privado, né? Que eu vi elas reclamando de quatro meses de licença à maternidade, sendo que a minha mãe tinha que voltar em dez dias. E elas reclamando de, de licença à maternidade, chorando, enquanto que minha mãe tinha que espremer o seio na pia, e elas contra isso? Então, a minha mãe é uma mulher igual a elas, que diferença que tinha? Aí, eu... Minha mãe foi trabalhar em Saquarema, para cozinhar para 30 pessoas, meu irmão nasceu em janeiro, minha mãe foi em fevereiro trabalhar, ficar dez dias em Saquarema. Tinha que espremer o, o peito na pia, sem qualquer cobertura previdenciária, sem licença a nada, e eu vendo aquelas mulheres reclamando de, de licença à maternidade.
AL: Que o tempo era curto...
PA: Que o tempo era curto, e elas apoiando que uma doméstica não tenha tempo nenhum? Então, eu quebrava o pau lá, onde eu trabalhava. Quebrava o pau lá no Ibmec.
AL: Tu estudava no Ibmec?
PA: Estudava. Fazia o MBA em Company...

AL: Uau.
PA: Nessa época.
AL: Tá, tudo bem... No Ibmec?
PA: No Ibmec! (risos)
AL: Tudo bem... Tá! Não sei nem o que te dizer... Tá! Aqui, o que o trabalho doméstico representa, ou representou, para você?
PA: Num âmbito, assim, geral?
AL: É, para você, o que que é trabalho doméstico, o que que significou na sua vida? Sim, o que que "significa" na sua vida.
PA: Olha... Significou a sobrevivência durante muito tempo foi a única fonte de renda que a gente tinha, por causa dessa ausência da cobertura deles não olharem a trabalhadora doméstica como ser humano. Então, eu acho que, foi muito duro os períodos de maternidade da minha mãe, porque toda vez que a minha mãe ficava grávida, a gente sabia que seria um longo período de privação absoluta, porque ela não tinha nenhum tipo de cobertura.
AL: E a senhora continuava trabalhando mesmo grávida?
PA: O da Késia (?)...
AL: Até o fim?
RO: A Késia (inaudível)... (suspiro)
PA: A Késia é aquela lá. E era CBTU (?).
AL: Aí, tipo, a senhora foi, fez as coisas do dia todo, aí depois no final do dia a senhora foi ter bebê?
RO: É, eu fiz as coisas do dia todo e fui me preparando em casa: enxoval, alimentação, guardando dinheiro, porque lá, eu... Era uma casa... Muito, assim, eles eram boas pessoas. Mas nesse sentido aí, eles não aceitavam, ele achava que assinar a carteira para uma empregada doméstica era muita coisa.
AL: Uhum.
RO: É como se, assim: "Ah, você é semianalfabeto, você não estudou, então você...". Isso seria para uma pessoa que tivesse estudo.
AL: Você não tem esse "merecimento".
RO: É, "você não tem esse merecimento". Então, ele, terminantemente, isso aí era uma coisa clara.
AL: Uhum.
RO: Mas, como a gente não tinha muita opção e a necessidade me levava a fazer isso. É o que era mais rápido para mim.
AL: Uhum.
RO: Que eu precisava trabalhar e precisava ter o dinheiro na mão para o sustento dos filhos.
AL: Uhum.
RO: Aí, fiquei grávida da Késia, então era Engenho de Dentro e tem aquela escada. Para o outro lado, se eu não engano, Adolfo Bergamin (?).
PA: É, Adolfo Bergamin.
RO: Aí, eu subia aquela escada, eu vinha de Japeri, saltava...
AL: Todo dia?
RO: Todo dia...
PA: Amanda, sem contar que a estação mais esperto era Morro Agudo, e a gente não morava em Morro Agudo. A minha mãe caminhava, que esse dinheiro (?), para ela pegar só uma passagem...
AL: Uhum.
PA: Ele dava duas passagens.
AL: Tipo ida e volta.
PA: É.
RO: Ele dava completa.
PA: Completa. Minha mãe tinha que pegar um ônibus para a estação e o trem para Engenho de Dentro. O que que minha mãe fazia? Ela pegava esse dinheiro do ônibus, dava para comprar o pão e ai...
AL: Ia andando até a estação.
PA: E ia andando até a estação. Só que, é muito longe.
AL: Grávida!
PA: Grávida!
AL: Meu Deus!
PA: E aí, voltava.

RO: Aí, eu ia pegar o Japeri e saltava em Engenho de Dentro. Aí, tinha aquela escada, aí eu atravessava e chegava no trabalho. Aí eu trabalhava o dia todo, aí saía, aí saía, terminava, aí voltava, fazia o mesmo trajeto de volta. Porque esse dinheiro da passagem...
AL: E a senhora pegava o trem já no meio do caminho lotado.
RO: Pegava!
PA: CBT... Não era Supervia, não. Era CBTU. É há 30 anos atrás.
RO: Esse dinheiro da passagem, que eu economizava, era o dinheiro da semana: pão e leite, para eles. E, às vezes, era só o que tinha.
AL: Uhum.
RO: Até chegar o fim do mês para...
AL: Receber, aí poder comprar as coisas.
RO: Fui, fui trabalhando, trabalhando, trabalhando e é, assim, fazendo compra, dando um dinheiro...
AL: Uhum.
RO: Nunca usando tudo, sempre botando... É, preparei o enxoval, preparei tudo.
PA: Era a licença à maternidade dela.
RO: É.
AL: Aí, a senho... Aí, beleza, ela nasceu, aí a senhora ficou em casa quanto tempo?
RO: Aí, eu fiquei... Eu não lembro se eu voltei para a mesma casa, eu não me lembro, eu não me recordo.
PA: Porque isso era, isso era um acordo. Porque era, girava assim: "Você consegue ter o bebê e voltar em quanto tempo?". Então, tinha patroas dela que falavam: "que eu posso te esperar"...
AL: Um mês...
PA: "Um mês", "dois meses", "20 dias". E tinha patroas que falavam: Firmina, infelizmente, não posso ficar sem ninguém aqui casa". Mesmo que ela falasse assim: "Volto em dez dias! – Não, não posso ficar dez dias sem ninguém aqui". Então...
AL: Variava.
PA: Variava, dependendo da casa. Então, a maternidade era sempre um período...
AL: Difícil.
PA: Dificílimo por causa dessa, dfa falta de cobertura. Eu não estou falando da maternidade...
AL: Uhum.
PA: Em si, não estou sendo contra, não! Eu estou falando...
AL: É esse processo que você não tem nenhum amparo...
PA: Nenhum amparo! Mas ela era uma trabalhadora como qualquer outra.
AL: Sim, deveria ter quatro meses lá, coberto pelo INSS.
PA: Ela é uma trabalhadora como qualquer outra, não é assim: "Ué, não tem carteira assinada e ainda quer ter filho?". Não é assim.
AL: Até porque, a pessoa trabalha.
PA: Então, esses períodos, e essa casa em que ela trabalhou, em que teve a minha irmã, a última, foi, esse trabalho veio por conta de quando ela foi trabalhar em Saquarema. Né, mãe? Seu Silas, você o conheceu lá.
RO: Seu Silas, eu conheci lá.
PA: Que ela foi, teve meu irmão em janeiro, e foi trabalhar em fevereiro para ficar dez dias longe do filho dela.
AL: De um mês.
PA: De um mês, ou menos.
AL: E ele ficou com quem?
RO: Acho que era menos.
PA: Era menos.
RO: Era menos. Aí, fui para lá...
AL: Para Saquarema?
RO: Para Saquarema!
AL: O que que a senhora foi fazer lá?
RO: Eu fui cozinhar. Eram 30 pessoas na casa, e eles tinham uma casa de praia lá, e, na verdade, era a minha prima que trabalhava nessa casa. Como teve uma situação lá que eu não pôde ir, aí ela falou de mim: "Ah, tá. Então traz!". Aí, eu fui. Chegou lá, tratei tudo e fui, preparei a mala, as coisas e fui com

eles para lá. E aí, na... Nesse período eles gostaram, e acabaram, é... Ela não pôde retornar e me chamou para lá, para ir poder trabalhar lá, aí eu fui.
AL: Gente, a senhora, a senhora fez Cesária? Não, foi parto normal?
RO: Foi normal, eu estava até com uma... Até com uma ligadura para fazer. Só que não, ela nasceu antes.
AL: Uhum.
RO: Aí, não...
AL: Acabou não fazendo.
RO: Acabou não acontecendo. Aí, fui para lá, fiquei. Aí, que eu acho assim, o que tinha de ruim era isso. Eu acho que ele pensava isso, né?
AL: Uhum.
RO: Que é a pessoa não tem estudo, não tem nada, não deveria ter uma carteira assinada. Mas em relação a outras coisas, né, Andréa? Salário não era ruim, eu saía cedo, eu tinha total liberdade lá, ele me ofereceu ajuda para escola, para todos, ele que arrumou lá no hospital com o médico amigo dele para me ligar, ele chegava, falava assim, ele me chamava de Marta: "Marta, traz a relação de materiais das crianças". Eu levava de todo mundo.
AL: E ele comprava para a senhora.
RO: Comprava todos, os livros todos.
AL: E não descontava do seu salário.
RO: Não, não. Me dava um dinheiro por fora. Qualquer coisa que ele pedisse para mim...
AL: Uhum.
RO: Ele dava dinheiro por fora. Tudo assim.
PA: Ele que arrumou a ligadura.
RO: Ele arrumou.
PA: Só que essa ajuda, assim, essa pessoa que se preocupou minimamente com a nossa educação, uma ligadura para uma mulher sem companheiro, com 33 anos e seis filhos, chegou na minha "última" irmã...
AL: Uhum.
PA: E ele chegou através de uma pessoa e não através de uma política do Estado...
AL: Sim, sim...
PA: Então, a gente já tinha passado tudo o que a gente tinha que passar.
AL: Uhum.
PA: Entendeu? Ao... É, ao contrário de que se minha mãe tivesse uma cobertura mínima lá atrás...
AL: Desde sempre.
PA: Desde sempre, porque ela sempre trabalhou.
AL: Uhum.
RO: Então, foi essa pessoa que se preocupou minimamente. Não assim, ao ponto de assinar carteira, ter direito, aí também não, já é demais.
AL: Uhum.
RO: Mas se preocupou minimente. E, e eu também fiquei pensando muito que dessa ida dela para Saquarema resultou num trabalho, numa relação de trabalho, que não fosse só uma faxina esporádica, que minha mãe foi trabalhar mesmo. Mas eu fiquei pensando nessas pessoas que estavam lá, 30 pessoas, minha mãe cozinhava, minha acordava cinco horas da manhã para descascar...
AL: Quilos, né...
PA: Quilos de batata, bules de café, 30 pessoas lá, vendo uma mulher que acabou de ter um filho, espremendo leite na pia e nenhum... Sabe?
AL: Normal.
PA: Normal! Povo, nada demais. Povo está lá só para se divertir, enquanto que elas fazem um berreiro, que elas ficam quatro meses em casa com todo tipo de assistência...
AL: Que nem são quatro meses, né? São quatro meses, mais as férias. Mais 15 dias da amamentação.
PA: Amamentação! E a empresa cidadã agora dá seis meses, né? A empresa cidadã não é, não é, não são todas, mas dão e dão até um benefício, né? Então assim, resultou disso, e eu fico lembrando muito do quanto, do dinheiro que minha mãe ganhou para ficar lá, acho que dez dias, acho que foi antes do carnaval, né, mãe? Que você foi, e passou o carnaval todo?
RO: Não, eu fui, eu fui, não lembro mais, mas foi na época do carnaval sim.
PA: Foi no carnaval todo, mas um pouco antes e um pouco depois que ela voltou. Aí, eu lembro que minha voltou e fez uma compra.

AL: E acabou o dinheiro.
PA: Uma compra assim, bem... Quase que deu para quase um mês. Então, sei lá, minha mãe ganhou 400 reais...
AL: É.
PA: Quinhentos reais... Entendeu? Então...
AL: Quase nada, né?
PA: Quase nada! Para ela ficar longe de um filho que tinha 20 dias de nascido.
AL: Não, ficar longe de todos os filhos.
PA: Todos, né! Mas meu irmão...
AL: Recém-parida.
PA: Carnaval de 84. Exatamente no resguardo.
AL: No resguardo, né?
PA: E ainda fazer esse esforço todo de descascar cinco quilos de batata, de levantar cinco horas da manhã.
RO: Cinco? Dez quilos, gente! De levantar dez quilos de carne e as panelas...
AL: Por dia?
RO: Por dia, 30 pessoas...
AL: E a senhora tinha que fazer almo... Não, café da manhã, almoço e jantar.
RO: Eu fazia o café, sete horas eles levantavam para ir para a praia, que atravessava era praia, a mesa já estava posta com todas essas coisas.
AL: Pão, bolo, suco...
RO: Aí, tinha um que levantava mais cedo, não sei se é o seu Silas, ia mais adiante, em Jaconé, parece, um pouco mais adiante para comprar o pão. Então, ele trazia aquela sacola de pão, a mesa já estava posta, aí eles começavam a levantar para ir para a praia, aí tomava aquele café, mas nesse meio tempo, eu já estou adiantando, por quê? O almoço, porque era uma quantidade muito grande de comida.
AL: Trinta pessoas...
RO: E na maioria das vezes já deixava as carnes temperadas de noite para ele ir pegando aquele coisa e tal. Aí, quando era assim uma hora, eles estavam voltando da praia para aquele almoço.
AL: Ave maria, imagino a louça que a senhora tinha que lavar. Misericórdia!
RO: A maioria das pessoas ali, tinha pessoa que não comia carne, era comida diferente, tinha judeu no meio, era outro tipo de comida diferente, tinha gente que à noite não jantava, só tomava sopa, um chá, ou um café com leite.
AL: Aí, a senhora tinha que fazer essas especiarias todas.
RO: Aí, fazia essas coisas todas. Alguém pedia uma sopa, entendeu? Seu Silas, por exemplo, pedia uma sopa, então. Aí, já fazia isso tudo. Entendeu? Mas assim, eles, acho que comiam no almoço, né, à noite era mais...
AL: Não tinha um jantar.
RO: É, já não era aquela coisa tão...
AL: Uhum.
RO: Pesada, carregada não.
AL: E a senhora costumava dormir que horas, assim?
RO: Olha, eu durmo cedo... Eu dormi, eu sempre tive o costume de dormir cedo. Então, como eu não tinha muito, essa coisa da janta de noite, coisa rápida...
AL: Uhum.
RO: Então, logo assim que eu... Fazia isso, lá eles ficavam por lá conversando, vendo televisão, essas coisas lá, então eu ia para o meu canto e... Porque no outro dia tinha que levantar cedo, né? E dali, depois dessa hora, ninguém mais incomodava, pedia mais nada, não.
AL: Uhum.
RO: Aí, eu... Terminando isso eu... Era difícil (som ao fundo) também dormir por conta do barulho. A maioria jovem, você já viu. Mas aí, eu deitava lá, ficava conversando com as meninas, eu ia ler, que eu gosto muito de ler até o sono chegar. Aí, tal, pensava em casa. (risos)
AL: Ai, como é que ficava esse coração?
RO: É, assim, essa foi a única vez que eu fiquei fora, que eu nunca fiquei.
PA: Nunca ficou.
RO: Mas como havia uma necessidade muito grande e apareceu essa oportunidade...

AL: Uhum...
RO: Então, tinha que deixar. Como eu tinha muito leite, e eu trabalhava, ficava trabalhando o dia todo, sentia doer o seio. Começou a empedrar. Aí, tinha uns banheiros, em volta da piscina, aí eu entrava, fechava a porta e começava a espremer para poder aliviar. Para eu poder trabalhar.
AL: Continuar trabalhando.
RO: Aí, sempre botava alguma coisa, porque ficava vazando. Porque não tinha como...
AL: É, porque a senhora estava no auge, né? Tinha acabado de nascer o bebê.
RO: É. Aí, foi assim.
AL: Meu Deus! (risos) É, vamos lá, tu terminou de falar o que o trabalho doméstico representa para você.
PA: Inicialmente, foi a sobrevivência, mas depois foi tomando umas formas que eu considerei mais perversas, né, mais excludentes, né? Então, foi sobrevivência, mas foi perverso, demonstrou sua face perversa, a sua face excludente, é... Essa questão das pessoas olharem a gente só para o trabalho é uma coisa que me incomodava muito. Mas foi, em alguns momentos, a tábua de salvação, esse seu Silas, há pouco tempo, quase que a gente tinha feito um altar aqui para ele, né? Porque ele foi o que a gente considerou mais... Mais humano assim, dessa relação.
AL: Uhum.
PA: Ele que viu a ligadura, minha mãe não pôde fazer porque ela estava com anemia na época.
AL: Mas aí tratou a anemia?
PA: É, não, não. Mas aí, ela também não... Tratou.
RO: Mas cheguei a fazer assim mesmo. Porque ele fez, ele fez, doutor Fernando pediu os exames, aí eu fiz, aí ele perguntou assim: "Anjo, você deixou o sangue, deixou em casa? Até o dia da sua operação já tem que... (inaudível)". Então, eu comecei a fazer o tratamento, tomar os remédios tudo. (som ao fundo) É, e tudo estava decorrendo normal, só que a Késia nasceu antes.
AL: Uhum.
PA: Nasceu antes. Não sei se foi por causa também desse...
AL: É... Essa "subição" de escada, caminhada...
RO: Não tinha como parar e quando estava em casa a gente tinha que ajeitar um bocado de coisa e organizar e tal. Então, assim, muita atividade. Não é aquela coisa de gravidez...
AL: Tranquila.
RO: Parada...
AL: Estou enjoada...
RO: Não sei nem o que quer dizer isso.
AL: Todos na praia (?). (risos) "Ah, estou indisposta hoje".
RO: E aí, o que que acontece. Aí, ela acabou nascendo, assim, é, antes do dia marcado e não dava nem tempo...
PA: De chegar lá. Porque a gente morava em Nova Iguaçu e esse hospital era para cá, né, mãe?
RO: É, em Mesquita. Ali o...
PA: Aí, minha mãe chegou, aí falou assim: "Ó, fecha a porta, não abre a porta para ninguém, que eu estou indo ter a Késia...
RO: Que já tinha nome.
PA: É... E daqui a dois, três dias, eu volto. Tu olha as crianças aí". Aí, eu falei: "Tá". Aí, eu fui com a minha mãe até o ponto, né? Aí, quando veio o ônibus, a bolsa da minha mãe estourou, (suspiro) aí minha mãe subiu, naquela época tinha cobrador...
AL: Ajudou ela a subir.
PA: Aí, o cobrador falou para o motorista: "Ó, vai rápido, que a bolsa dela estourou". Aí, eu voltei para casa, fiquei com as crianças, daí, em três dias, a minha mãe voltou com a Késia. E eu fiquei com as crianças. Era a Tati tinha um ano, um aninho, João tinha três e eu era a mais velha, tinha 13.
AL: Uhum.
PA: O resto tudo com... (inaudível)
AL: E a senhora, depois que a Késia nasceu, a senhora voltou para essa casa?
RO: Não, para a mesma casa não. Porque, é, eram as crianças, com ela novinha... Aí, não poderia deixar.
AL: Uhum.
RO: Aí, eu tinha uma reserva, tinha amigos, né? Nos visitou, nos apoiou, ajudou e com dinheiro, com, com enxoval. A gente estava amparada por esse lado.

AL: Uhum.
RO: Amigos que nos conhecia e conhecia na nossa História. Então, eu tive um bom tempo. Quando eu voltei, eu já não fui para longe, eu já fiquei mais próximo.
AL: Uhum.
RO: Nova Iguaçu. Sabe? Fazendo outros trabalhos pela redondeza, o que aparecia. Aí, eu fu... Já não tinha, porque tinha que dar, como não podia deixar uma criança, né? Era criança com criança recém-nascida.
AL: Uhum.
RO: Aí, eu não sei assim, não sei assim dizer quanto tempo eu saí para mais longe. Mas eu lembro...
AL: Levou um tempo.
RO: Que eu fiquei por ali por perto mesmo, Nova Iguaçu, aí aparecia uma coisa e eu ia fazer, uma chamada aqui, uma chamada ali e assim a gente foi...
AL: Foi levando, né? Tereza, como é que você... Não, não, não. Alguma vez você ouviu a expressão "faz parte da família"? Se você ouviu, foi direcionado a você? E o que que você sentiu?
PA: Não, nunca ouvi essa expressão "quase da família", sei que ela é recorrente...
AL: Uhum.
PA: Mas como eu não tinha, eu nunca trabalhei...
AL: Fixa, numa casa.
PA: Fixa numa casa, nunca ouvi. Nunca ouvi essa expressão.
AL: E o que que tu acha dela?
PA: Uma retórica... Uma retórica... Absoluta. Não tem nenhuma, não consigo ver nenhuma verdade nisso. Para mim, sempre aparece quando a pessoa está sendo questionada por uma forma de tratamento, ou por alguma injustiça que cometeu, aí a pessoa lança essa expressão como uma justificativa: "Imagina! Nossa, quase da família". Mas, nun... Nun... Eu nunca ouvi.
AL: Uhum.
PA: Eu acho que eu nunca... E os últimos lugares, assim, que eu trabalhei, já estava uma relação, já tinha muito atrito nessas relações...
AL: Uhum.
PA: Eu, com 24 anos, era ano 2000, assim, já era, essa relação já era bastante conflituosa. É... As empregadas domésticas não aceitavam tudo de cabeça baixa mais. Já questionavam algumas coisas. Não tinha, assim, tanta autonomia, né? De falar "não vou vir, mais", mas eu já via as patroas com um pouco mais de cautela. E... O que me fez, assim, é... Sair, assim, de vez, e não querer mais... Claro que eu tive um estágio, mas delas se reunirem para ficar falando mal de empregada, achando que a gente é surda, ou que a gente não está entendendo.
AL: Uhum.
PA: Entendeu? Como se a gente fosse um móvel. E eu achava aquilo um absurdo, sabe? Que precipitou a saída da minha irmã dessa casa que ela trabalhava como babá. Que a minha irmã, ela passou no vestibular e ela começou a estudar, e continuou sendo empregada doméstica e não aceitava mais a forma como...
AL: Como era tratada.
PA: Como ela era tratada. Então, isso precipitou...
AL: Todos vocês estudaram?
PA: Todos... Só o meu irmão é que não.
AL: Mas porque ele não quis?
PA: É... Meu irmão teve algumas coisas assim. Ele era muito inteligente, muito inteligente mesmo. Esforçado até um certo tempo. Mas, já aconteceram duas coisas: ele não soube lidar com o racismo...
AL: Uhum.
PA: Que, certamente, ele iria encontrar gente que teve um couro mais duro. Por exemplo, a minha irmã Sônia, ela batia em todo mundo.
AL: Uhum. Maravilhosa.
PA: A minha irmã Elaine chorava. E eu deixava só o corpo e me abstraía. Mas a minha irmã arrebentava...
AL: Ai, maravilhosa.
PA: Meu irmão não teve isso. Então, ele se evadiu quando meninos, né? Se evadiu muito cedo da escola. E meu irmão tinha também um problema de vista, que no meio dessa criançada toda, a gente se preocupando com a alimentação, não tinha como se preocupar com o óculos dele, que ele não enxergava

direito. Então, aquele problema dele de vista foi se confundindo com desleixo, dificuldade de aprendizado, coisa que não tinha.
AL: Uhum.
PA: Não era. Aí, juntou que a escola não era um ambiente amigável...
AL: Uhum.
PA: Aí ele saiu. Não... De Fundamental incompleto. Né, mãe? Fundamental incompleto, mas as meninas todas...
AL: Todas estudaram.
PA: Todas estudaram! Todas, ela está terminando, a minha irmã do... Que foi empregada doméstica está no penúltimo ano de pedagogia e a outra, no penúltimo de nutrição. E a Elaine, a assistente social, trabalha no Albert e eu com a família...
AL: Arrasaram. É... Você acredita que de alguma maneira, por alguma forma, as mulheres negras são levadas para o trabalho doméstico?
PA: Acredito... Acredito que é, até um certo tempo, quase que inevitável um caminho natural. Quase. A educação, eu acho que rompeu um pouco desse ciclo. Apresentou um caminho, uma brecha, uma pequena saída. Mas, fora do serviço doméstico, e aí já se deparando com o racismo, que também está dentro das empresas, elas não... As mulheres negras, ou meninas negras não vão avançar muito. Com certeza, uma possibilidade de sair do emprego doméstico sim, totalmente. Mas não esperem grandes coisas dentro das empresas, porque parece que é esse o nosso lugar, é, e... Você passa a vida, eu passei 17 anos: "Você é funcionária? Não, você é terceirizada, né? – Não, sou funcionária. – Não, mas tu é funcionária mesmo? Funcionária mesmo do Bradesco, ou de outra empresa? – Não, do Bradesco. – Sério?". Então assim, parece que você está reservado um lugar para você, e se a pessoa te ver sem a vassoura na mão, é sem... Foi sempre um espanto todo.
AL: "O que que você estava fazendo aqui?".
PA: É. "Ih, caraca! Uma negra, mas cadê a vassoura? Não é da copa, não é? Então, você é terceirizada?". E uma dificuldade muito grande de mobilidade, de ascender, apesar da escolaridade. Apesar de você ser escolarizada. Então, essa é, ainda é, uma barreira. Mas esse ciclo de você ir, automaticamente, para o serviço doméstico, né? E, até porque, veio o, o, esses serviços de limpeza, de caixa de supermercado, que, que não exige muita escolaridade, absorveu um pouco dessa massa, apesar de, de pagar um pouco, mas absorveu. Conheci várias meninas com o Fundamental incompleto que já tinham passado pelo serviço doméstico e diziam: "Deus me 'free' de voltar!". Mas estavam lá, trabalhavam na empresa, com carteira assinada, um salário mínimo, mas tinham seus direitos resguardados.
AL: Tá! Obrigada.
PA: Ah, de nada.
AL: Acabei. Dona Firmina, vamos nós agora? Pera aí... (som ao fundo) Obrigada, amor... Dona Firmina, qual a data de nascimento da senhora?
RO: Vinte e três, do dois, de 55. (som ao fundo)
AL: Quanto tempo que a senhora trabalhou?
RO: Muitos anos, né?
PA: Desde que saiu do colégio interno.
RO: Não! Ah, bastante tempo. Muitos anos. Desde que se houve a separação.
PA: Antes de ser casal, você trabalhava como doméstica.
RO: Ah, sim.
PA: É? Você nem me tinha e você já trabalhava.
RO: É verdade, verdade. Desde a adolescência eu já... Não, desde os 18 anos.
PA: Quando ela saiu do colégio.
RO: Quando eu saí do colégio interno. Meia noite.
AL: A senhora hoje não trabalha mais.
RO: É, queria. (risos)
PA: "Queria", porque ela tem a força ainda, de trabalho.
AL: Uhum.
PA: Mas não sabe mais negociar um contrato de trabalho. Que minha mãe, é aquela empregada antiga, tipo, engole tudo (?).
AL: Uhum.
PA: E hoje não é mais assim.

AL: Não, é outra geração.
PA: Outra geração. Então, ela, tudo, ela está vendo que é abuso, mas ela é aquela, ela foi ensinada lá atrás a não...
AL: Que está tudo bem.
PA: Que tem que ser assim, que é injusto, mas tem que ser assim. Aí, o último trabalho dela eu falei assim: "Mãe, se eu tiver que sair daqui do Rio...". Minha mãe trabalhava em Nova Iguaçu, né? Foi 2014...
RO: Foi na fábrica (?),o último?
PA: Não! O último de emprego doméstico.
RO: Ah! Sim, sim.
PA: Falei: "Mãe, olha só, se eu tiver que sair daqui do Rio", que eu tinha sido transferida para o Rio, "e ir aí em Nova Iguaçu, eu vou botar o prédio dessa mulher abaixo". Que em 2014, patroa nenhuma joga pão em cima de empregada e fala: "Não vou comer essa merda". "Então, você, por favor...
AL: Pega suas coisas.
PA: Pega suas coisas e sai daí, que vai dar ruim. Vai dar ruim". Que, gente, eu já estava no Bradesco há 15 anos, tudo que a gente passou na nossa vida, eu já era gerente. Eu vou ficar, minha mãe, a pessoa jogar, vai ficar?
AL: Não vai!
PA: Não vai! Ela vai falar que a gente é preto, barraqueiro, ela vai falar com razão, vai dar até polícia aí. "Pega suas coisas, deixa essa mulher aí". Aí, ela é a "capeta", que a gente botava o apelido nela. (risos) "Pega suas coisas, deixa esse palmiteiro aí", que era o marido dela. Ele era um homem negro casado com uma mulher loura. "Larga, essa...
AL: Endemoniada.
PA: Larga mãe, sai. Pelo amor de Deus, sai, minha mãe. E saiu". Porque ela é aquela empregada lá de trás. Inclusive ela era da, das primas dela, que era: "Não, manda a Firmina!". Era sempre a recrutada, porque a gente tinha umas primas que já eram insolentes...
AL: Uhum.
PA: Desde a época lá de trás...
AL: Uhum.
PA: Eu não aturava, ela falava: "É o quê?". E minha mãe sempre falava: "Olha, gente. Não sabe o que que Leia (?) fez, não sabe o que que fulano fez...". Então, minha mãe, ela sabe que é injusto, ela sabe que...
AL: Que está errado.
PA: Sabe que está ocorrendo um abuso, mas não fala. E, em 2014, claro que a gente precisava se ela podia, pudesse contribuir, mas não era mais um caso
AL: Uhum.
PA: De sobrevivência igual era há 30 anos atrás.
AL: Uhum.
PA: Eu falei: "Mãe, não tem necessidade", aí minha mãe saiu. Realizou um sonho dela, que era trabalhar numa fábrica, de brir uma planta. Né, mãe?
RO: Uhum.
PA: Uniforme. E sendo valorizada por aquilo que ela sempre soube fazer muito bem, que era cozinhar. Mas, infelizmente, com a crise, que já começou ali, em 2015, essa fábrica fechou. Né, mãe? Ou se reformulou.
AL: Poxa, que pena!
PA: É, mas minha mãe, nossa, ela é elogiadíssima. Né? Equipe de trabalho e tal. Mas até 2014, essa "senhora"...
AL: Continuou no trabalho doméstico.
PA: Continuou no trabalho doméstico.
AL: Com ela, a "capeta".
PA: Com ela, a "capeta"! (risos) Eu ainda vou encontrar com essa miserável um dia, ela não perde por esperar.
AL: Mas ela, a "capeta", era lá de Nova Iguaçu, ou era daqui?

PA: Nova Iguaçu! Nova Iguaçu... Comprei um uniforme para a minha mãe e tudo. Eu falei: “Mãe, empregada não trabalha mais de roupa, arrastando o chinelo”. Comprei uniforme para a minha mãe, para ela ver que era uma coisa profissional.
AL: Uhum.
PA: E essa Arya (?) assinou carteira, mas acho que ela achou assim: “Assinei a carteira...
AL: “Posso tudo!”.
PA: “Posso tudo! É um contrato ilimitado”. Eu falei: “Um-um”.
AL: E quanto tempo a senhora ficou lá na Arya?
RO: Eu fiquei pouco tempo, fiquei uns dois meses. Que as meninas falavam tanto, a Tania falava tanto. (risos) Mas... Assim, era uma coisa, que quando eu fui fazer a entrevista com ela, ela foi super educada, agradável.
AL: Uhum.
PA: Aí, ela falou comigo: “Ah, gostei de você e tal”, mostrou o apartamento todo... E ela falou assim: “Você vai ficar só na parte da cozinha”. Como cozinhar é uma coisa que eu gosto de fazer, falei: “Para mim, é um prato feito”, e perto de casa. Aí fui, mas não sei o que que mudou. Porque ela falou assim: “Eles eram pessoas muito difíceis”. Né? Em questão de alimentação, de comer, ela, o marido e os dois filhos. Mas cada um...
AL: Come uma coisa diferente.
RO: Uma comida diferente.
AL: Ai, que abuso!
RO: Por isso que era só cozinhar. Por isso que era só para cozinhar.
AL: Uhum.
RO: É como se eu ficasse ali, e eu era o diferente. O menino chegava, estudava no Rio, chegava meio dia, o outro saía meio dia, o Lincoln, o marido, chegava cinco horas, ela chegava duas horas, tudo horário diferente.
AL: Uhum.
RO: Então tinha que... Entendeu?
AL: As refeições de cada um tinham que estar prontas nos horários.
RO: Aí, eu que escolhia. Então, assim, eu não sou “chefe” de cozinha, mas o trivial, eu faço, né? Estou acostumada.
AL: Tranquilamente.
RO: Aí, eu fui. Aí, ela: “Ah...
AL: Gente abusada, né?
RO: ... É muito difícil porque, é muito difícil agradar o Lincoln, os meninos”... E ela mesmo entojada. Por isso que a gente botou a apelido de ela é o “capeta”. (risos) Entojada! Aí, ela, eu fui, tudo, me preparei e fui. Aí, ela começou a perguntar os meninos: “Estão gostando?”. Os meninos falando: “Não, estou gostando sim, da Firmina, da comida... – Ah, que bom que vocês estão comendo”. Aí, perguntou ao Lincoln, que é o marido, ele também falou.
AL: Pronto, ela pegou um ranço da senhora.
RO: Pegou! A mulher queria ver o diabo, mas não queria me ver. Era botar o pé na cozinha. Mas olha, Amanda, não tinha nada que eu fizesse...
AL: Que estivesse bom.
RO: Não... Tinha nada que eu fizesse.
AL: Ah, mas a senhora fez muito bem de ir embora. Abuso!
RO: Nada, nada, nada! O suco era passado na hora. Laranja... Botava assim, tinha botar o espremedor na bancada e ela vendo. Coisa! “Ai, estou de dieta!”. Aí, o marido pedia uma coisa, eu ia preparar e servia na mesa. “Ué, mas por que você fez para ele e não fez para mim?”.
AL: Mas não estava de dieta?
RO: “Mas a senhora não estava de dieta?”. Aí, pronto! “Ah, que eu não vou comer isso...”. Foi... Fui deixando passar, fui deixando passar. Aí, sempre, era uma coisa era outra, mas com os meninos não. Os meninos e o marido... Aí pronto! O marido começou: “Hoje é a comida, tomara que dona Firmina fique com a gente. Nossa, está dando muito certo!”. Aí, eu escutei, eu escutava. Às vezes eu entrava e ela não me via. Aí, eu estou lá para dentro, estou lá no banheiro, ela perguntava e a outra menina: “Ah, ela arrumou mesmo? E aí, meu filho? E a comida?”. Aí o menino foi: “Não mãe. Estou gostando sim, a comida dela é boa”.

AL: Ela é louca, né?
RO: Aí...
AL: Ah, ela é louca!
RO: Dando certo, as outras meninas que também trabalhavam na casa, que ela tinha passadeira, ela tinha essa menina arrumadeira, aí: "Nossa, poxa! Está dando certo, Firmina. Nossa, a comida está super boa". E aquilo ali...
AL: Acabou para ela.
RO: Acabou.
AL: E a senhora tinha que ir de segunda a sexta?
RO: É, a princípio, ela tinha falado, eu só falei: "Sábado, eu não trabalho". Porque eu não trabalhava sábado, nem feriado, nem dormia fora. Isso é desde que as crianças eram pequenas. Porque essa história aí de, exatamente que eu ficava preocupada com esse vínculo de família.
AL: Uhum.
RO: Então, eu falava: "Eu preciso trabalhar, ter, é, trazer o sustento, mas eu não posso abandonar meus filhos".
AL: Uhum.
RO: Então, negociar para dormir fora, nada. Feriado, não. Fim de semana, não. Era sempre para estar ali.
AL: Uhum. E segunda a sexta, indo e voltando para a casa todo dia.
RO: É, indo e voltando, indo e voltando. Então, isso daí eu não negociava com ninguém. Nem com a Igreja, nem com ninguém.
AL: Uhum.
RO: "Ah, hoje tem reunião na Igreja", eu disse: "Não". Hoje eu sinto que, tem acontecendo alguma coisa e as meninas estão precisando de mim. Eu vou para o mercado, eu vou comprar algo e vou para casa preparar um jantar. E sempre assim, eu tinha o cuidado de comprar alguma coisa, um copo, uma canequinha. Lembra das canequinhas com carinhas, Andréa (?)? Uma de cada cor para cada uma, sempre com esse tipo. Porque eu entendia que, com a separação, eu não podia suprir tudo. E eu não podia estar ali, que eu tinha que estar fora para trabalhar.
AL: Uhum.
RO: Então, eu procurava compensar isso de alguma forma: protegendo, estando perto... Falei: "Se tiver o que comer, a gente vai estar junto, se não tiver, a gente também vai estar". Então, sempre foi assim.
AL: Uhum.
RO: Aí, eu não negociava isso de jeito nenhum. Aí, eu falava: "Sábado, eu não trabalho, não". "Ah, tá bom", ela disse, "Você não trabalha sábado, mas sexta feira você tem que deixar tudo pronto...
AL: Para o final de semana.
RO: Para o final de semana". Eu fazia isso: preparava as lasanhas, o empadão, preparava tudo, deixava tudo lá. Mas assim, ela levantava de lá, era só comigo, não era com as outras, não. Ela batia o olho em mim, pronto!
AL: Começava...
RO: Começava... Aí, não tinha nada. Parece que o que o marido e os filhos falavam, aquilo mexia com ela. Se ela mesma falou para mim que as pessoas lá não estavam dando certo, e ela queria muito, porque ela trabalhava fora e ela queria. Aí, começou. Comecei a ver os abusos, porque, aí eu falei: "Ó, o meu horário de entrar, eu chego oito e saio cinco. – Ah, não. O caso da babá, da outra menina, eu queria que você saísse um pouquinho mais tarde, pode ser seis horas? – Ah, tudo bem, seis horas não tem problema". Daí, minha filha...
PA: Nove...
RO: Dez horas chegava em casa. Eu chegava de manhã, era um porteiro, quando eu saía...
AL: Já era outro.
RO: Já tinha trocado o...
AL: Mas ela pagava hora extra à senhora?
RO: Pagava nada. Aí, a princípio, para fazer o bilhete único demora, demorou um pouco, né? "Olha, eu vou deixar o dinheiro com você. – Dona Arya, a senhora faz o seguinte, quando a senhora sair, já deixa o meu dinheiro da minha passagem ali".
AL: Por que ela dava o dinheiro da passagem da senhora por dia?
RO: É, porque estava fazendo o bilhete.

AL: Aham.
RO: Aí, eu falei assim: “A senhora já deixa ali, porque deu a minha hora, eu vou para casa”. Ih, nove horas ela estava entrando no prédio!
AL: Ai, para ela deixar o dinheiro da senhora para poder voltar para casa?
RO: É. Ela segurava o dinheiro. Ela só saía daquela bendita loja nove horas da noite, era a hora que ela estava entrando no prédio. Eu e a outra menina presa lá. Aí, tinha dia que era tão desgastante que eu usava o meu mesmo. Aí, fui, aí comecei a chegar em casa nervosa, estressada... Aí, não gosto muito de comentar, mas acabava comentando com as meninas: “Mãe, não tem necessidade disso. O que a senhora está fazendo lá?”. Mas aí, eu olhava tanta coisa minha à minha volta, que não era só a gente, como Andréa falou: “Nós não tínhamos mais essa necessidade”.
AL: Uhum.
RO: Mas existem pessoas na minha família. Minha mãe...
AL: Que a senhora ajudava.
RO: Que eu tenho muita preocupação, que isso é coisa de família.
AL: Uhum.
RO: Aí, eu falei: “A gente quer ajudar, como que a gente, né?”. Aí, por isso...
AL: Foi continuando.
RO: Fui continuando. As meninas falando: “Vou botar um ponto final”. Aí, foi até num dia, a explosão toda se deu num dia, ela era uma pessoa perversa, Andréa. Que assim, ela esquentou tanto a minha cabeça, ela me confundia tanto, perseguia tanto, aflingia tanto a minha alma, que a coisa, coisa simples que eu estou acostumada a fazer todos os dias...
AL: Começa a fazer errado.
RO: Começava a dar errado. Aí, falou: “Ó, você vai fazer o macarrão aí, quatro queijo”. Aquele que a gente está acostumado a fazer. Aí, pega, quando bota lá queijo, qual o queijo que ela botou lá? Que estava lá para fazer: muçarela. Quando botou no molho, o que que... A muçarela, ela não pode ir no fogo, ela vira um plástico.
AL: Ela vira um plástico.
RO: Cara, o negócio não deu certo. Aquele dia foi a gota d’água para mim. Aí, eu falei para a Mari assim: “Mari, chega! É o último dia, para mim não dá. Eu não tenho necessidade disso”. Aí, ela ligou para ela, aí ela ligou lá da loja, aí começou a falar lá comigo: “Não, olha, nós gostamos de você”. Aí, a coisa apertou: “Não, porque eu ligo, porque os meninos...”. Eu disse: “Dona Arya, não dá! Para mim não dá!”. Aí, isso era uma quarta, eu vim para casa e não voltei mais. Aí, fiquei em casa na quinta feira, aí ela não me ligou, não. Mandou a Mari me ligar. Mari lá desesperada com tudo, porque o apartamento era imenso.
PA: Quatro vezes isso aqui.
RO: É, “imenso” o apartamento.
PA: Naquele dia que ela chegou, minha mãe falei assim: “Mãe, e aí, como é lá? – Só tive uma certeza: que nós éramos muito pobre”. (risos) O apartamento era um luxo.
RO: É. Aí, eu peguei, Mari desesperada: “Não, olhe, não pode fazer isso”.
AL: “Já fiz”.
RO: Eu falei: “Posso! Não vou voltar mais porque eu não tenho necessidade disso”. Aí, ela ficou uma arara. Segurou o dinheiro lá por um tempo, um bom tempo...
PA: Carteira...
RO: É, carteira.
AL: Jura?
RO: Segurou.
PA: Segurou.
AL: Barata (?), hein, mesmo.
RO: Aí quando eu, o dia em que me ligaram depois de muito tempo, eu falei: “Ah, nem se ela achar, a carteira sim, mas o dinheiro... Se ela achar também...”. Aí, descansei. Fui cuidar da minha vida, família, casa.
AL: Uhum.
RO: Aí, lá, passaram bastante tempo mesmo, aí Mariana me ligou: “Arya falou para você estar aqui às cinco horas”. Aí, quando eu cheguei lá, cinco, oito horas eu estava sentada lá na portaria. Que ela não deu as caras, o Lincoln chegou tarde, passou por mim, ele não autorizou a minha subida. Eu fiquei lá na

portaria com o porteiro. Aí, bem tarde, o Lincoln chegou: “Ai, dona Firmina está aí? Ai que pena. Sinto muito, a senhora continuar com a gente, estava dando muito certo”. Aí, eu pensei: “Você que acha!”. Aí, foi, me pagou, entregou a carteira e fui para casa. Aí, depois a gente fica com aquela sensação de... Frustração, de... Aí, eu recebo um telefonema da amiga da Elaine, é, me chamando para cobrir uma... Férias, na fábrica, da cozinheira, aí fui para lá. Falar com essa fábrica, que era férias dela, e ela ia tirar uma licença para fazer uma cirurgia também, então estava de licença médica, e logo após era férias do ajudante dela, né, de cozinha. Então, eu ia cobrir...
AL: Esse processo todo.
RO: E aí, foi. Mas para mim veio como uma cura. Aí, quando eu cheguei lá, eu vi o povo do dinheiro, eu cozinhava para o dono da fábrica, o seu Sobral, que não tem pouco dinheiro. Ele tem loja até em Cabo Frio, né? Quando a gente viajou, vimos a loja, das coisas que eram fabricadas lá. O filho, todo, as autoridades que vem mais, não sei da onde e tanta gente que ele conhecia. E terça e quinta eles estavam lá, almoçaram no mesmo refeitório lá com eles. Da mesma comida e sempre elogiavam. Então, aquilo ali, para mim, veio assim como um refrigero (?), como...
AL: Uhum.
RO: Porque além de uma pessoa... É, perversa, tinha alguma coisa de maligno nela, que parecia que a todo tempo ela queria me marcar com alguma coisa, sabe? Assim, deixar uma marca, alguma coisa, assim, terrível, porque, é impossível, você dá o seu melhor. Porque o que mantém as portas abertas, porque tem essas questões todas, não assina a carteira, tem isso, mas teve também, teve casas que eu trabalhei que eu fui, assim, me dei muito bem, que eu tive bom salário...
AL: Uhum.
RO: Que eu tive reconhecimento... E sempre deixei a porta aberta. Agora, eu não, eu não, quer ver aí: “Ah, a pessoa aceita tudo, porque tem medo de ficar desempregada”. Eu nunca tive esse medo. Eu não tive nenhuma segurança, mas eu nunca tive esse medo. Quando eu tinha que falar as coisas, eu falava. E quando eu decidia “não vou vir mais”, podia me implorar, mas...
AL: Mas a senhora não ia mais.
RO: Eu não voltava.
AL: Mas a senhora tinha tido outras experiências ruins assim, como essa?
RO: Olha, eu tive duas. Uma foi em Botafogo...
PA: Um pouco antes dessa.
RO: Um pouco antes. Que o, é, assim... Fiz uma entrevista, assinava a carteira, tinha bilhete, tinha tudo.
AL: Uhum.
RO: Só que o combinado de salário depois, eu vi que ela estava tirando uma vantagem. Isso daí eu não gostei. E outra coisa: não dava comida.
PA: E minha mãe não levava.
AL: E nem vale.
PA: E minha mãe não levava. Olha só o absurdo, que minha mãe tinha medo dela achar que...
AL: Aquela comida era a comida dela.
PA: Que aquela ali comida era a comida dela. E ela não comia.
AL: E como fazia, gente?
PA: Ficava o dia inteiro sem comer.
AL: Nada?
PA: Tomava café ó em casa.
RO: É porque lá, na verdade, eu não era todos os dias.
AL: Uhum.
RO: Que depois, assim, que a gente começou a construção de casa, essas coisas, que as coisas foram melhorando, porque nesse, nesse trajeto aí que a Andréa contou, nós não tínhamos casa própria.
AL: Uhum.
RO: Então, aí eu, eu mudei, porque o trabalho todos os dias pagava menos, diarista pagava mais. Se eu conseguisse de segunda a sexta...
AL: Cada dia numa casa diferente.
RO: Tiravam.
AL: Uhum.
RO: Aí, eu mudei. Então, nessa casa, eu acho que eu ia duas vezes. Mas somando, no fim do mês, ela estava me pagando bem menos para trabalhar em duas casas, que era para a mãe dela, em Copacabana,

e para ela, em Botafogo. Além de não dar, se eu não cozinho: “Mas o que que eu não entendi, que eu não cozinho. Eu não cozinho! Se você quiser, você pode fazer, mas não era isso”. Eu não cozinho...
AL: Nem você também, não come.
RO: Porque não faz comida! Porque não faz. Aí, a princípio, eu fui, às vezes eu levava um lanche na bolsa. Às vezes, eu comia só quando eu saía, ou tomava um café em casa, assim. Mas aí, quando eu descobri, aí ela viajou.
AL: Aí, a senhora descobriu esse lance do dinheiro, que ela estava pagando.
RO: Do dinheiro. Do dinheiro... Aí, ela foi e viajou com a filha. Aí, falou assim: “Ai, eu queria fazer um negócio com você”, foi que a coisa pegou, “Eu vou ter que viajar”, ia viajar com a filha, “Vou ficar uns dias fora para descansar, eu queria tratar com você que os dias, que você vem dois dias aqui, dois para a minha mãe, se você pode vir todos os dias”. Porque ela tinha um gato, Emanuel, um gato encapetado, (risos) que te atacava e te arranhava. Você não podia nem olhar para ele. Você passasse o aspirador assim, ele já está armando. Aí, eu falei: “Eu não entendi por que o nome Emanuel, num gato oprimido (?) desse”. Aí, ela pegou, aí eu: “Não, porque você vai ter um dinheiro por fora”. Aí, eu: “Tudo bem!”. Comecei a ir, ela disse: “Só vai entrar aqui, botar a comida para o Emanuel e molhar as plantas”. Aí, depois eu pegava o ônibus e ia para Copacabana. Na mesma... Aí, passou esse tempo todo, aí eu falei, aí eu comecei assim: “Gente! Ela viajou, só que o meu mês vai vencer...
AL: No meio da viagem.
RO: Ela está viajando. Como ela arranjou dinheiro para pagar todo mundo, e ela não deixou dinheiro...”. Podia deixar com a mãe e com o irmão. Ó, está aqui, vencimento, se achava que não tinha confiança, vencimento não.
PA: O vencimento paga.
RO: Ela deixou dinheiro para tudo, menos para ela me pagar.
AL: E ela que pagava, ela pagava a senhora para a casa dela e para a casa da mãe?
RO: É. Aí, mas só que eu descobri o quê? Além de eu estar ganhando menos, ela pagava com o dinheiro da mãe e não o dela. Aí, “tá, não deixou”, aí eu fiz as contas e falei: “Ih! Olha só, vai vencer e ela não está aqui”. Exatamente! Dez dias depois.
AL: Que ela chegou.
RO: Que ela chegou! E eu contando, que ela chegou de manhã, com as malas: “Filha! Tá, tá tudo no lugar! Tá tudo no lugar!”. Emanuel lá, deitado, (risos) com a cara dele de mau. As plantas, tudo em ordem. Deve ter perguntado ao porteiro, se eu fui mesmo. “Tudo em ordem! Eu vou tomar banho e vou descansar – Hum, tudo bem”. Foi descansar, fiz o meu serviço lá à toa. Quando foi dando a hora, umas quatro horas, a hora de sair, que eu esqueci o nome dela, aí falei com ela: “Ah, eu... Já estou indo. – Ah, tá bom! – Ué! Tá bom o quê? Tá bom não! Já passaram dez dias do meu pagamento. Ó! (som ao fundo) – Ah! Estou cansada, não vou! – O quê? Não, não foi esse o combinado, não. Eu tenho contas para pagar. – Ah. Então, eu vou te dar o... Você vai lá no banco receber”. Ah, quando ela falou, que ela não me deu, né? Deixei a bolsa lá, eu desci, eu fui lá tirar, eu falei: “Última vez que eu boto os pés aqui! Você vai ter uma surpresa!”. Peguei o dinheiro e vim para casa. Lá de casa, eu liguei para ela. Falei: “Não vou mais! Fica você sem empregada e fica sua mãe também! Não vou mais, que o combinado não foi esse”. Então, as dificuldades dela... Ah, eu vi, sabe? Eu vi as dificuldades para pagar, como se ela estivesse com pena me dar meu dinheiro. Sabe? E era assim, às vezes também, ela... Eu estou esperando, porque tem aquela, aquele tempo para fazer o bilhete, eu estou aqui esperan... Aguardando o dinheiro da passagem, “Ah! Estou presa no trânsito”. “Eu estou presa no trânsito”, eu falei: “Cara, se eu acabou quatro horas”, que eu sempre fui muito ágil para fazer as coisas, e tinha uma coisa: eu gosto de chegar cedo no trabalho.
AL: Uhum.
RO: “Então, quatro horas, eu já estou de banho tomado, cadê a mulher com o dinheiro? Por que que não deixou?”. Então, eu já via uma, sabe? Uma maneira de prender...
AL: Uma má fé.
RO: É uma má fé, mesmo. Para te prender. Tipo assim, não importa se você é ligeiro, não importa se você deu conta do recado.
AL: Você tem que ficar.
RO: Você tem que ficar. Entendeu? Aí, peguei, saí de lá. Foram só essas duas. Agora, o resto não. O resto... Foi meia sola. (risos) Meio a meio. Meia sola, nem tão bom...
AL: Nem tão terrível.
RO: É, é.

AL: E a senhora lembra, mais ou menos, em quantas casas a senhora trabalhou?
RO: Ah, muitas! Essa, eu fui para uma, a Arya, a Maria, dona Zilma...
PA: Dona Zilma, Ana Cláudia.
RO: Ana Cláudia.
PA: A mãe da Ana Cláudia e da...
RO: Fernanda.
PA: Fernanda! A esposa do Paulo André, Sandra...
RO: Sandra! É.
AL: Umas dez, né?
RO: Umas dez. (som ao fundo)
PA: Trabalhou lá para aquelas parentes, lá onde a Ana Lúcia trabalhava, mãe. Ana Lúcia que arrumou a Maria.
RO: Foi, foi a Ana Lúcia. É, dona Heloísa...
PA: Dona Heloísa.
RO: Mãe da Flávia.
PA: Mãe da Flávia.
RO: É, mais de dez. Umas 12 casas. Assim, que eu me lembre, né?
PA: É.
RO: Silas.
PA: Silas! Treze.
AL: A senhora estudou?
RO: Até a quarta série. Muito pouco.
AL: E como é que a senhora começou no trabalho doméstico? Como é que aconteceu isso?
RO: Eu vim do... A minha mãe colocou a gente num colégio interno. A gente foi para um colégio interno. Lá eles tinham muita boa vontade, mas pouca condição, não tinha essa visão de hoje. Então, para eles, ajuda para eles, era colher essas crianças que não tinham pais, de mães solteiras (som ao fundo) e dar a comida. E um estudo muito... Precário, fraco, né, lá. Na maioria das vezes, não eram nem professoras formadas mesmo.
AL: Não?
RO: Não! Então, eu fiquei lá, acho que de 11...
PA: De 11 a 18.
RO: Onze a 18 anos. Aí, quando eu saí de lá, que houve uma situação lá, então ele resolveu pegar as meninas mais velhas e devolveu para as famílias. Então, eu fui devolvida para casa. E aí, eu encontrei uma miséria pior, maior e fiquei muito decepcionada porque a minha mãe havia falado que todo esse sacrifício seria para poder a gente ter uma vida melhor. E quando eu voltei, nem casa nós tínhamos. Tínhamos nada. Então, seu eu, eu só estudei até a quarta série lá, que eu já fui para lá, entrei com 11 anos, mas eu não sabia ler. Eu não sabia ler. Então, é, que a gente não frequentava escola, não tinha essas coisas. E aí, eu me vi na necessidade de ir trabalhar. A única coisa que tinha...
AL: Era o trabalho doméstico.
RO: Era o trabalho doméstico. Aí, dali que eu comecei.
AL: E o que que o trabalho doméstico representa para a senhora?
RO: Ó, naquele momento ali, de falta de tudo que nós tínhamos, de roupa, de alimentação, no momento, foi a tábua de salvação. Toda essa, essas coisas contrárias, essas coisas ruins, mas era o que garantia o sustento, era que eu tinha um salário. É que eu pôde comprar roupa, sapato, é que eu podia ajudar em casa. A minha mãe, a... Meus avós... Aí, foi isso aí.
AL: A senhora tinha outros, outras irmãs?
RO: Tenho.
AL: Que também trabalhavam no trabalho doméstico?
RO: Sim.
AL: A senhora meio que já falou isso, que era uma pergunta meio que para saber como é que a senhora conseguia conciliar o seu trabalho com a criação dos seus filhos, com a relação com a sua família. Que era isso da senhora trabalhar nos finais de semana, nos feriados, dormir...
RO: É, não, isso daí não. E tinha dias, assim, que... Ah, eu trabalhei também em Botafogo, na casa de uma pessoa que eu saía cedo. Como eu falei, eu chegava muito cedo, eu sempre dei conta do recado. Nossa, a hora que se terminava... Aí, duas horas. Aí, dali eu arrumava outra casa para passar roupa. Aí,

eu ia, passava roupa até oito horas da noite, ali eu já ganhava dinheiro, aí levava dois pares de chinelo, levava leite. Levava... Sabe?
AL: Algumas coisas.
RO: É. Às vezes, eu chegava em casa uma hora da manhã e elas estavam dormindo, porque como elas ficavam sozinhas, falava: "Não vai para a rua e tranca o portão".
AL: Uhum.
RO: Aí, eu chegava uma hora da manhã, eu chamava e não escutava. Tinha que pular.
AL: Ai!
RO: Jogava a bolsa e pulava. Aí, entrava, conseguia entrar, elas estavam dormindo.
AL: E a senhora saía de casa que horas?
RO: Cedo, sempre saí cedo. Chegava, chegava antes das oito no trabalho.
AL: Tudo na Zona Sul?
RO: É. Antes das oito, sempre cheguei cedo. E aí, que eu ia acordar, na maioria das vezes, às vezes, quando eu saía, eu não tinha o que dar para eles...
AL: Uhum.
RO: Alimento, assim, né? Comida... Eu falava: "Ó, vocês ficam quietinhos aí, quando eu voltar, eu vou trazer isso, isso e isso". Ainda tinha que receber e ir para o mercado. Aí, quando eu chegava, chegava com as bolsas. Aí, acordava um por um. Essa aqui, ela falou que, a Sônia acordava ela e falava: "Olha, eu já cheguei. Acorda! Vou esquentar o leite". Aí, eu comprava assim, uns pratinhos e a caixa, uma caixa, assim, de rosquinha Mabel, que eles gostavam.
AL: Ai, maravilhosa.
RO: Aí, eu botava naqueles pratinhos, cada um tinha um prato...
AL: Uhum.
RO: E uma canequinha igual.
AL: E aí, recebia essa rosquinha com leite.
RO: É, esquentava aquela que eles iam comer. "Acorda! Já cheguei!", acordava todo mundo. Aí, era um pratinho e rosquinha, uma caneca de leite morno. Aí, todo mundo comia, se alimentava e dizia: "Amanhã eu estou em casa". Aí, ia todo mundo dormir. Aí, no dia seguinte é que eu ia cozinhar feijão, dava aquele almoço reforçado, lavava a roupa da escola, ia ver meia. Que na escola chegava todo mundo impecável, fita branca, que eu sempre, "trança", que trança para a gente é maravilhoso, trança, laço de fita branca, meia clarinha, saia passada prega...
AL: E aquela saia de prega, né?
RO: É. Prega, blusa bem branquinha! Aí, era isso, às vezes era duas casas por dia. Mas valeu a pena.
AL: Já está todo mundo bem, né? Graças a Deus!
RO: Poxa!
AL: E a senhora já ouviu essa expressão "quase da família"?
RO: Olha, eu nunca ouvi e se ouvisse eu não aceitaria.
AL: É? Por que?
RO: Que isso não é verdade. Que assim, eu, eu sempre tive essa visão. Entrando no emprego, eu vou lá, o que era tratado ali era horário, "olha, eu gosto disso aqui assim, ó, casa bem limpa, comida bem feita", então eu, é o que eu... O tratado ali...
AL: Uhum.
RO: É o que eu executava, é o que eu fazia. Mas nada além disso, porque eu nunca acreditei nisso. Nunca tive essa intimidade, chegar e falar: "Minha vida, estou passando isso, estou passando aquilo...". Nuca teve isso. Você e a patroa estão me pagando, eu preciso do seu salário, você precisa do meu trabalho. Tanto que, quando eu vou falava: "não vou ficar mais! – Ah, Firmina...", aumentava até salário.
AL: E a senhora não ficava.
RO: Eu não ficava! "Não, eu te pago tanto", "Ah, eu estava de cabeça quente". Não! Eu sempre deixei a porta aberta. Porque eu sei, semianalfabeta, estudei pouco, sou empregada doméstica, mas eu sou boa no que eu faço. Eu me garanto, então eu não dava mole para elas, não.
AL: Uhum.
RO: Entendeu? Eu fazia com que elas sentissem a minha falta, dessem importância e valor ao que eu estava fazendo ali, embora eu precisasse do salário. Agora, eu nunca tive essa coisa de medo. "Ah, que você está separada, você não tem marido, você tem seis filhos, então você abaixa que eu vou pisar em

cima de você por conta de que você precisa do salário". Não! Jogava tudo para o alto. Eu falei: "Se eu sei trabalhar, eu vou arrumar outro".
AL: Sim, como o trabalho aqui, vai trabalhar em qualquer lugar.
RO: Com certeza! Entendeu? Então, eu nunca acreditei nisso. Ninguém nunca me falou, se falasse também, eu não acreditaria. Não tem essa "é da família", não! Eu sempre soube qual era o meu lugar... "Qual era o meu lugar" não: lugar em que elas nos coloca. Né?
AL: Uhum.
RO: E que não existe isso. Em que você está ali enquanto você tenta, você tem saúde, você é pontual, você chega cedo...
AL: Faz tudo direitinho, né?
RO: Pede um favor, você faz... Você é "limpinha", como elas costumam falar. Mas não passa disso, então eu também tratava de igual modo. Nunca abri mão de estar com os meus filhos para estar com o filho dos outros.
AL: Uhum.
RO: Eu fazia o meu trabalho, já trabalhei de babá sim. Cuidava bem, cumpria o meu horário, mas isso aí eu não abria mão, não.
AL: E a senhora acha que os anos do trabalho doméstico trouxeram algum, algum prejuízo para a sua saúde? Sei lá, um problema de coluna, uma pressão alta... Sei lá.
RO: Olha, propriamente o trabalho, não. Assim, do trabalho eu não tive...
AL: Nenhuma consequência, assim, ruim de saúde.
RO: Não. Trabalhei muito, mas eu não tive, não.
AL: Graças a Deus.
PA: Nenhuma consequência física. Mesmo nos transportes. Né, mãe?
RO: Não, não.
PA: Jacarepaguá, pegar três ônibus.
AL: Nossa!
PA: É!
RO: Eu trabalhava depois da Andréa. Né, Andréa?
PA: É, depois dela. É, eu no Bradesco e minha mãe numa casa.
AL: Mais para frente.
PA: É! Bonsucesso também, no Bonsucesso, minha mãe e minha tia em Olaria.
AL: Pertinho.
PA: Pertinho. Até no primeiro dia elas me levaram, que eu não sabia andar lá em...
AL: Lá em Olaria.
PA: É. Que é sempre em Nova Iguaçu, mas nenhuma consequência física, não.
AL: Ah, que bom! Graças a Deus! É, essa pergunta é igual a que eu fiz para a Tereza. A senhora acredita que, por alguma maneira, as mulheres negras são empurradas para o trabalho doméstico, são levadas para o trabalho doméstico?
RO: Ah, com certeza! Eu acho assim, são várias situações que acabam empurrando, né? Eu, assim, por exemplo, como a Andréa falou, né? A minha mãe... A minha mãe não sabe ler. Aí, a gente já veio, já vim disso. Aí, não culpo ela, mas não houve aquele ensinamento, né? Eu vejo que nós, meus irmãos hoje, eles são, eles tem problemas gravíssimos, porque a gente foi para um colégio interno, eu já reagi de uma maneira diferente.
AL: Uhum.
RO: Então, houve ali meio que um abandono, uma omissão, né? Quando eu saí de lá, eu já não saí com uma, uma bagagem muito boa. E aí, por ter estudado pouco, encontrado essa miséria, eu fui trabalhar, lá, por causa disso. Porque o que ela havia prometido, ela não cumpriu.
AL: Uhum.
RO: Quando eu cheguei, eu vi uma miséria maior, então eu fui empurrada para lá.
AL: É aqui no Rio mesmo?
RO: É aqui no Rio! Aí, eu fui porque... Fome, não tinha casa. Aí, 18 anos, você quer ter as coisas. O que era mais fácil para mim? Ir para casa de família! Né? Trabalhar... E sem aquele vínculo porque eu passei muitos anos lá.
AL: É!
RO: Com os meus irmãos. Então, ela lá, a visita era uma vez por mês.

AL: Só?
RO: É! Todo o primeiro domingo de cada mês. E as férias era em julho e dezembro. Essa de dezembro era três meses em casa. E nenhum desses dias a minha mãe aparecia. Nenhum!
AL: Nem a senhora ia passar esses três meses em casa?
RO: Não, e nem recebíamos visita. E era horrível, porque era uma escola grande, aí menino de um lado, menina do outro. Aí, nesse primeiro domingo do mês...
AL: Reunia todo mundo.
RO: Eles abriam um portão grandão para reunir todo mundo e para receber.
AL: Uhum.
RO: Então, quando dava uma certa hora, não sei, não me lembro bem se era duas horas, abria aquele portão, para as visitas entrarem. E eu estava sempre, porque eu era a mais velha, que eu tinha 11 anos, sentada, o meu irmão desse lado e a minha irmã desse. Então, eles deitavam a cabeça aqui, e eu ficava aqui. E eu ficava olhando para aquele portão, mas não era por causa de mim, era por causa deles.
AL: Uhum.
RO: Que eram pequenos, né? Cobravam, perguntavam... Eles deitavam e a gente via a hora passar. Abria duas e fechava cinco. E aquele portão fechava, e não aparecia ninguém, nem minha mãe, nem prima, nem tia, nem ninguém aparecia! E eles, até hoje, tem problema sério com isso, eu não! Eu não. Fiquei, quando eu saí... Entendeu? Mas eles não, tem mágoa (?) profunda.
AL: Seguiu a vida.
RO: Não tem vínculo, assim. A gente vê que tem uma certa hostilidade quando se refere a ela, quando é alguma coisa para ela, sabe?
AL: Uhum.
RO: O tempo passou. Eu perdoei, eu ajudo, eu visito, eu estou lá... Faço o que eu posso fazer!
AL: Ela é viva ainda?
RO: Ela é viva.
PA: Fez 85 anos dia... Primeiro!
RO: Em mim não ficou marcas, mas neles ficaram. Sérias!
AL: Uhum.
RO: Sérias, sérias! Esse meu irmão que foi para lá, foi trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar... Conseguiu construir uma casa enorme, parece que...
PA: A gente só se via uma vez por mês. Ela passou a ver o meu tio uma vez por mês na visita, porque é separado.
AL: Ah! Porque mesmo durante o restante do tempo, não tinha contato entre (som ao fundo) meninos e meninas.
RO: Só, não, mas a gente via Andréa sim. De manhã, por exemplo, no pátio...
PA: Não. Ah, no pátio.
RO: No pátio grande, na hora de ir para a escola, reunia todo mundo para cantar o hino nacional e hastear a bandeira.
PA: Aí, via nessa.
RO: Aí, via. Aí, ele trabalhou, trabalhou, construiu uma casinha enorme. Faz, faz, aquilo tudo é para satisfazer...
AL: Uhum.
RO: Sabe? Compra, compra, compra e compra um carro, mas assim, uma pessoa completamente...
AL: Não é feliz.
RO: Não é! Marcado! Não tem amigo, não se relaciona com a família. Não dá a menor importância para a minha mãe. E a minha irmã também, pelo mesmo caminho. Então... O outro que faleceu não falava com ela.
AL: Não?
RO: Morreu dormindo (?).
PA: Ele já estava já para partir, a gente perguntou se a gente podia levar minha avó lá, ele falou que não.
AL: E ela?
PA: No leito do hospital. Não sei, né, mãe? Como que ela...
AL: Ela lida com isso.
RO: Ela amargou, sei lá. Agora...
PA: Que minha avó é lúcida.

AL: Uhum.
PA: Ela é lúcida, né? Ela tem 85 anos, não tem nenhum problema de saúde, não toma nenhum remédio.
AL: Jura?
PA: Não!
RO: Não usa óculos. Eu uso, ela não usa.
AL: Gente, está melhor do que eu! (risos)
PA: É, então não sei como é que ela...
AL: Mas também, ela não fala a respeito.
PA: Ela não fala a respeito de nada! Ela não fala. Eu sei que vendo lá, que ele faz... É a... A avó dela, eles são aqui de Valença. Então, eles são daquela região ali.
AL: Uhum. (som ao fundo)
PA: Muito provavelmente... Provavelmente não, certamente! É, netos de ex-escravos, que foram descendo aqui: Japeri, Paracambi, Morro Agudo...
AL: Nova Iguaçu...
PA: Austin e Nova Iguaçu. Eles viviam, o avô dela tinha um... Uma aposentadoria rural e eles viviam de... Eles tinham um sítio, que plantava.
AL: Uhum. Eles comiam o que plantavam.
PA: E comiam o que plantavam e complementavam com...
AL: Com essa aposentadoria.
PA: Com essa aposentadoria. Eles não tinham luz elétrica, não tinham nada. Tiveram 11, mãe? Onze filhos?
RO: Dez!
PA: Dez filhos.
AL: Gente à bessa.
PA: Aí, desses dez, uma era a minha avó.
AL: Uhum.
PA: Que não se casou, assim, não tinha um companheiro fixo, tinha esses cinco... Teve cinco filhos. O mais velho, ela deu para uma irmã dela cuidar. Eles, ela colocou num colégio interno, eles três, esse caçula, esse que faleceu, ela botou Fun... Funabem? Naquela companha do governo: "Venha, seu filho...
AL: Uhum.
PA: Vai ser doutor, que ele vai comer". Então, ela não botou nesse mesmo deles.
AL: Botou num outro.
PA: Botou num outro, que ele era o caçula. E ela ficou para trabalhar e construir uma casa, porque quando eles saíram para um colégio, eles moravam num barraco, mãe?
RO: Num barraco.
PA: Num barraco.
AL: Lá nesse sítio.
PA: Lá nesse sítio, junto com os pais dela.
AL: Uhum.
PA: Mas uma mulher negra, analfabeta, entendeu? Ela, ela trabalhou em casas... Trabalhou, né, mãe?
RO: Trabalhou. Só que nesse e tempo não era bem isso, né? A gente estava aqui, no começo falou sobre a Tania, do começo da, da unção, né? Do... Da comunidade (?).
PA: É! Minha avó Mas assim, eu não estou fazendo o "advogado do diabo", não.
AL: Uhum.
PA: Sabe, Amanda (?)? Mas eu só estou falando que ela, para aquela... Aquela época, ela era uma pessoa que transgredia.
AL: Uhum.
PA: Porque as irmãs dela eram empregadas domésticas, mas eram casadas, tinham seus filhos e tinham uma casa. Minha avó não tinha companheiro fixo...
AL: Uhum.
PA: Tinha um monte de filho, morava num barraco, e eu acho que ela deve ter tido dificuldade de parar por esse temperamento dela, de parar numa casa.
AL: Uhum.
PA: Que nessa época todo mundo trabalhava para... Dona Iracema?
RO: É.

PA: Entendeu? As irmãs!
AL: Todas trabalhavam para uma mesma família.
PA: Uma mesma família!
RO: Isso.
PA: Dona Iracema ali, em Vila Isabel. Então, minha avó...
AL: Era a única que, que destoou disso.
PA: Destoava! É aquele, aquele mínimo, moralmente aceitável, não tinha. Então, minha mãe sempre ouvia dela, do comportamento dela, tempo...
AL: Uhum.
PA: Ela era aquela que tinha mais filhos, sem companheiro fixo. Um filho de, de... E, e todo mundo é registrado no nome dela só.
RO: É, no nome do pai dela.
PA: No nome do pai dela, que naquela época se registrava no nome do meu pai.
AL: Do avô.
PA: Do avô, é.
RO: Aí, respondendo à pergunta, para eu sair de lá, eu encontrei essa situação.
AL: Uhum.
RO: Porque lá, para mim, não estava bom. Não estava bom, né? Para a gente. Mas eu era a mais velha, eles eram menor. Então, eu protegia eles, e era assim: funcionava como, igual cadeia. Aí, um menino conseguia sair, assim, dar a volta, aí não foi bem lá que começou essa história. Essa história começou lá. Porque no meio de tantas meninas, eles escolheram e falaram assim: "Ah! Você trabalha muito bem, mas não sei se foi por isso". Ou se, não quero nem dizer que isso seja uma marca, mas...
PA: Aí, ela foi recrutada lá para a casa...
RO: Fui lá, no colégio mesmo. (som ao fundo) Falou: "Você vai para a casa do diretor, que você trabalha bem". Aí, isso me facilitou.
AL: Uhum.
RO: Como?
AL: Mas a senhora já saiu com o emprego?
RO: É, não. Mais do que isso, porque eu não tinha um salário.
AL: Nesse trabalho que a senhora foi?
RO: É, mas no colégio interno mesmo.
AL: Ah, no colégio mesmo a senhora já trabalhava.
RO: Fui na casa do diretor, do dono do colégio, que ele era pastor também da Igreja. Eu fui para lá. Nisso, eu já vi, o que eu vi de bom nisso aí? Porque eram 350 crianças, os meus irmãos eram os menores, então, você pagava a proteção.
AL: Uhum.
RO: E eu, eu pagava com o quê?
AL: Trabalho.
RO: Com o pano, com comida. Aí, o menino dava a volta de falava: "Jogaram pedrinha na janela". Aí, eu chegava na janela, olhava para um lado, olhava para o outro, aí ele falava assim: "Ó, o 'leopoldo'", que lá eles chamam pelo sobrenome, era o meu irmão, "ele falou que é para você mandar um pedaço de pão para ele". Aí, olhava para um lado, olhava para outro lado... (risos)
AL: Era a bisnaga.
RO: Pegava a bisnaga e... (som ao fundo) Ia na marmelada, no doce, no meio. Olha para o, ele disse: "Aí, esse daqui é o dele, esse daqui é o seu", eu disse, "Tá entendendo?".
AL: Uhum.
RO: Você pagava a segurança.
AL: Uhum.
RO: Como...
AL: Uhum. Para ficar melhor, né?
RO: Como a minha irmã era menor e, e o meu dormitório era das maiores, ela... Ela não ficava junto comigo e ela chorava muito. Aí...
PA: Ela era muito doente.
RO: Aí, eu arrumei uma pessoa lá dentro, aí eu falei: "Se você tomar conta da minha irmã e proteger, todo dia eu te dou a minha comida".

AL: E a senhora ficava sem comer?
RO: Eu negociava.
AL: Ah, tá.
RO: E quem que vai sentir num lugar desses? Eu sempre tive dificuldade com comida, assim, de se alimentar. E quando eu via tudo aquilo ali, eu sempre me sentia bloqueada, reprimida, então não conseguia. Eu disse: "Não, eu te dou". Aí, eu levantei uma pessoa lá dentro que...
AL: Tomava conta dela.
RO: Tomasse conta dela porque ela era menor. E eu pagava: "Ó, eu te dou um pouco de açúcar", "Eu te dou um Kisuco (?)", que na época era moda. Aí, as meninas lá, passavam alisante, era aquela pasta milho, (risos) e fazia toca. Aí eu dizia: "Eu te dou uma dúzia de grampo". Era pagamento, era moeda de troca.
AL: Para elas tomarem conta da sua irmã?
RO: Tomavam conta, então elas tomavam conta, tomavam conta dela e os meninos tomavam conta do Luís (?) Carlos lá do outro lado.
AL: Essa tia, é a tia das primas que trabalhava no lugar que dorme?
RO: Não. Essa é minha irmã.
PA: Essa é irmã dela mesmo...
RO: Uhum.
PA: Minha tia não é irmã da minha mãe.
RO: Não é, não. É de consideração, assim.
PA: De consideração.
RO: Aí, eu, eu negociava.
PA: É que nesse processo na nossa família, que ficou muito fragmentada. A nossa família é... A minha avó, depois que ela passou por esse processo, então eles não tem muita afinidade com a gente.
AL: Uhum.
PA: Não tem. Tem pouca afinidade. A gente teve se aproxi... A aproximação foi por insistência nossa, não deles.
RO: É.
AL: Que por eles...
PA: Por eles... Não. Porque aí, essa minha tia também já foi para um emprego doméstico, chegou a dormir. Lembra, mãe? Na casa da Margot.
RO: Lembro.
PA: Quando ela cumpriu o tempo dela lá na...
AL: No colégio.
PA: No colégio, ela também saiu e foi para o emprego doméstico.
AL: Uhum.
PA: Então, a gente, a gente é que procura eles, assim.
AL: Uhum.
PA: Sabe? Mas aí sempre foi uma relação...
AL: Um pouco afastada.
PA: Afastada e conflituosa, né?
RO: Aí, quando eu fui, saí de lá, aí ela havia prometido isso. "Olha, vocês vão ficar aqui", foi muito triste esse dia. A gente via ela saindo do portão, indo embora, a Lucia desesperada, chorando, eu não chorava, segurando ela e o Luís Carlos, Lúcia chorando, ela se afastando, sumiu, virou a esquina e foi embora. E ela estava indo embora mesmo, porque ela não nos visitava, e a gente viu porque a gente chegou lá sem nada. Cheguei lá, eu não tinha calcinha para vestir. Era uma calça amarrada, uma maiô que ficou grande, elástico frouxo, cortei do lado e amarrei. Era assim que nós chegamos, sem nada mesmo! Então, a gente já chegou por baixo, diminuído pelos outros que estavam lá, que tinham pessoas que eram visitadas todo mês, eram vestidos, sapatos... Qualquer festividade, nós não tínhamos roupa para botar. E aí ela prometeu uma coisa, dizia que a gente estaria fazendo aquele sacrifício, porque ela ia trabalhar, porque ela não tinha condição
PA: De trabalhar...
RO: De estar com todo mundo. Mas que ela ia trabalhar, quando ela ia voltar para pegar a gente com uma casa que a gente ia ter algo decente. E aí, eu não sei o que que ela fez naqueles anos, mas nada do que ela prometeu ela fez. Porque quando eu saí aos 18, a miséria era pior. E, com isso, eu já tinha uma

experiência lá de trabalhar, de limpar casa, tomar conta de criança, fazia de tudo. Só entrava lá de noite para dormir no, no refei... Lá, no, no...
PA: Dormitório.
RO: No dormitório. Então, quando eu saí dali aos 18, o que fazer? Aí, fui empurrada para lá. Aí, estudei pouco, saí de uma, entrava outra. E a coisa ainda continuou, porque o dinheiro que eu dava por mês também. Aí, continuou. Cedo, entrei nesse casamento furado, sem orientação nenhuma, não pelos filhos, que meus filhos são uma benção, né? Sempre foram! Que me le... Que me deu forças. Né? Sempre para estar de pé. E aceitar o desafio, que todo mundo dizia que não. Todo mundo dizia que não, não vai, não sai, fomos abandonados por todos. Mas a gente foi ali, junto, né? Eu me lembro, uma vez, que numa situação bem difícil, a Elaine, a dona dessa casa, ela era pequenininha e eu estava chorando muito, uma madrugada, a gente estava do lado de fora, e chorando sem saber para onde ia. E ela pegou: "Chora não, Firmina. Levanta, sacode a poeira. (risos) Dá a volta por cima". A gente tem essas coisas marcadas, hoje em dia a gente ri, a gente fez disso, assim: "Gente, a palavra é de 'vitória'", aí ela era pequenininha. "Chora não, Firmina. Levanta...", eu falei: "É, pois é".
AL: Aí, a senhora teve até que levantar depois dessa, né?
RO: Aí, eu falei: "Poxa, não posso ficar chorando na frente das crianças". Aí, enxuguei as lágrimas e tudo bem. Aí, foi passando, né, tudo isso. Todo mundo abandonou aquela rejeição danada.
PA: É, que minha mãe era aquela que... Aí, a minha mãe já virou como se fosse a minha avó.
AL: Uhum.
PA: A minha mãe virou a minha avó, porque era aquela mulher que tinha muitos filhos, os filhos sempre famintos, né, barulhentos. Aí, minha avó já tinha uma casa, os filhos dela ainda solteiros, né, que eram esses meus três tios. Dois pelos caminhos já saíram (?), então eles não queriam a gente lá. Precisava desse apoio, né?
AL: Uhum.
PA: Né, porque ela já tinha casado. Tinha tido os filhos, não tinha dado certo.
AL: Uhum.
PA: Então, a minha mãe virou a minha avó. Só que minha mãe não abandonou, sempre cuidava, sempre trabalhou, enfim, não tinha nem comparação.
AL: Uhum.
PA: E minha mãe era uma pessoa muito casta, né? Que minha mãe não tinha um monte de... Como a minha avó. A minha mãe, ela casou mesmo...
AL: Uhum.
PA: É o certo.
AL: Uhum.
PA: Aí, minha virou aquela pessoa...
AL: Levando estigma, né?
PA: Levando o estigma, aquilo, como, do jeito que as irmãs da minha avó faziam com ela. Que minha avó, aspas, dava razão, minha mãe virou essa pessoa: sem uma casa, é, andando, errante... Só que minha mãe falou: "Eu não vou botar meus filhos no colégio, nem vou dar para ninguém", como minha avó fez, entendeu?
AL: Uhum.
PA: Ela manteve ali, mas a gente era muito assim, minha avó não gostava. Quando ela de... Aceitava, minha falava: "Mãe, não precisa nem, a senhora não precisa nem deixar eu entrar, né? Não precisa entrar, mas dá uma comida para as crianças porque elas estão dias sem comer". Minha avó botava a gente para sentar no chão, não deixava a gente sentar no sofá. Aí, a gente batendo o prato: "Para de bater o prato! Faz, vocês não tem educação, esfomeados!". Aí, comia, tinha que ir embora.
AL: Acabou de comer, vai embora correndo.
PA: Das vezes que a minha mãe engravidava, ela falava: "Aqui, só pode ficar se trabalhar. Então, você pode arrumar alguma coisa para você fazer, uma, um quintal para você capinar". E meus tios também, eu ouvia eles falando. Sabe? E minha mãe. Aí: "Vê se arruma alguma coisa para você fazer. Aqui, se não trabalhar, não vai ficar". Da onde a minha mãe foi passar esses dias todos em Saquarema, tendo acabado de ter um filho, porque a condição para ficar era trabalhar.
AL: Uhum.
PA: Aí, tinha dias que a minha mãe saía, assim, procurando, assim. Minha mãe não pedia, não pedia nada. Saía procurando, aí, ela às vezes ela encontrava trabalho, assim, de um dia, aí era condição para

ficar. Aí, era muito engra... Aí, minha avó conheceu um moço que foi até o que ela ficou, assim, e o resto da velhice dela, né? Aí, ele estava conhecendo a minha avó e começou a frequentar lá, Misael. Como a minha avó sempre foi, né? (risos) Alvoroçada, né? Aí, eu cheguei, eu falei: "Ah, você é o Misael?". Aí, ele falou: "Sou", tinha sete anos. "Você vai ser o namorado da minha avó?", falou: "Vou". Eu falei: "Só queria te avisar que tem o Antônio". (risos) Aí, o pessoal: "Meu Deus! Andréa está lá fora, contando para o Misael que minha avó...".
AL: O que não tem que contar.
PA: O que não tem que contar, só que criança não tem filtro, né? Então, era assim, era uma vida muito, sabe? Aí, eu falei: "Caraca, minha mãe virou a minha avó, só que minha mãe fazia...
AL: Totalmente diferente.
PA: Totalmente diferente!". Ela precisava de um apoio, da mesma forma que eles criticavam a minha avó, sem compreender como é difícil uma mulher negra, analfabeta, cheia de filhos, eles também não tiveram essa...
AL: Essa compreensão.
PA: Essa compreensão. Aí, minha tia, tinha uma tia solteira, nossa, ela tinha umas coisas, aí minha avó: "Eu? você quer o quê? Que eu bote minha filha, que é moça, para fora para você ficar? Tu já tem filho, não sei o quê"". Então, era uma relação muito conflituo... Fragmentada e, e conflituosa. Da mesma forma que ela reforçava, é, porque em vez de dar... Ah, mas ela também nunca deu, né? Mas quando ela podia, ao invés de aconselhar a minha mãe, de aconselhar no sentido de autonomia, de minha mãe buscar uma autonomia, até emocional, ela incentivava...
AL: Não.
PA: Que minha mãe aceitasse essas coisas que meu pai fazia. Aquele, aquele pensamento machista, sabe?
AL: Uhum.
PA: "Ah, mas ele, ele é bom. Deixa faltar nada". Meu pai, pô, sumia, mas se ele voltasse, ela incentivava...
AL: A continuar a relação.
PA: A continuar naquilo, mas ela não dava qualquer apoio, qualquer. Eu era a mais velha, que o pessoal falava: "Ah, ela adora a Andréa. – Nossa, imagina se não...". (risos)
AL: Imagina se ela não gostasse.
PA: Imagina se ela não gostasse, que ela brigava, botava assim, se ela cismasse, ela botava a gente para fora assim.
RO: Botava.
PA: Uma hora...
AL: Do nada?
PA: Do nada: "Pega suas coisas, seus filhos e sai da minha casa!". A gente já saiu assim, pelo meio da rua assim. Entendeu? Era assim. Hoje, a gente procura eles, essa relação é muito mais... Minha avó hoje é outra pessoa.
AL: Ela hoje mora com quem?
PA: Ela mora sozinha.
AL: Sozinha?
PA: Não está morando com a minha mãe, porque ela não quer.
AL: Uhum.
PA: Porque a gente não tem qualquer reserva com a minha avó. Nenhuma reserva.
RO: Isso ficou ano passado.
PA: Totalmente, tudo o que a gente pode fazer por ela, a gente faz. Não faz mais porque ela não deixa.
AL: Uhum.
PA: Porque já era para ela estar lá em casa, minha mãe cuidando dela. Ela só vai para lá se ela tiver, é, teve uma gripe forte, ela ficou lá em casa. Aí, durante três dias ela dormiu, comeu...
RO: Hoje ela quer dar tudo. Né, Andréa?
PA: Hoje ela quer dar...
RO: Quer dar dinheiro, quer dar fogão...
PA: Hoje é outra relação, mas lá atrás era muito conflituoso.
AL: Foi difícil chegar nesse estágio.

PA: Foi difícil chegar nesse estágio e está por insistência nossa. Que a gente viu que o sofrimento endurece...
AL: Ah, muita coisa.
PA: As pessoas, entendeu? A gente viu, e ela também... Todas essas, há um tempo atrás, quando a gente passou dessa questão, uma necessidade mais premente, começou a estudar, já tinha uma casa, aí ficou uma coisa assim: "Tudo dos filhos dela é melhor". Sendo que a gente nunca teve nada! Né, gente? Nada! Então: "Ah! Tudo dos filhos dela é melhor, só os filhos dela é que servem", e nunca teve essa questão.
AL: Uhum.
PA: Né? Aí, isso também ficou, passou... E hoje a gente tem uma relação, né, mãe?
AL: Boa.
RO: É, temos assim, ontem mesmo eu estive lá para vê-la...
PA: A gente não vai muito lá, a gente, porque eu não consigo ver a minha avó naquela condição que ela vive...
AL: Uhum.
PA: Sabendo que ela podia estar melhor.
AL: Uhum.
PA: Eu falo: "Mãe, olha, tudo o que você precisar, eu te ajudo".
AL: Ela mora no mesmo lugar, no sítio ainda?
PA: No mesmo lugar, Amanda! Então, assim, aquilo ali me traz muita, me remete a muita coisa.
AL: Uhum.
PA: Mas minha vai, minha mãe enfrenta. Minha mãe vai, liga... Eu falo: "Mãe, ó, para mim...".
RO: Eu, no aniversário, fiz um bolo, fui para lá...
PA: Todo aniversário, minha mãe... Ela fica cerando.
RO: Faço almoço, faço a ceia, vou lá, me dei de lá para casa (?). Não tem, nem com os meus irmãos ela não tem. Nenhuma...
AL: Nenhum ressentimento.
RO: Não.
PA: Não.
RO: E aí, até por conta que a gente passou tudo isso, mas veio o lado bom, né? Veio o lado, que as meninas tiveram muita força de vontade, havia dias muito difíceis. Tinham dormido sem janta. Não tinham café, não tinha merenda.
PA: Minha mãe falava: "Não vai hoje".
RO: Faltava o material da escola.
PA: Aí, eu falava...
RO: Eu fazia "uma folha", fazia trabalho. Eu ficava com medo delas passarem mal, desmaiar...
AL: Uhum.
RO: Né? E aí, eu falava assim: "Não vai hoje, não". Aí, ela: "Não, não vou faltar a aula". Nunca ficaram reprovadas. Estudaram, Andréa se formou. Eu já falei que de faculdade de curso, se pesar dinheiro, já estava rica. (risos) Aí, aí, porque o currículo leva para pesar. Mas a Elaine, né, a Sônia, que vem aí também, a Tatiane, né? Kesinha (?) e... A gente construiu a nossa casa.
PA: Saímos do aluguel.
RO: Saímos do aluguel, daquela coisa de humilhação, né?
PA: Dos fundos de Igreja.
RO: Fundo de Igreja. Às vezes morava em casas doadas e sofria tanta, assim, humilhação. Não pela pessoa que cedia, mas por outras pessoas.
AL: Uhum.
RO: Isso foi um sonho que a gente conquistou e eu conquistei trabalhando na casa de família.
PA: Tem até IPTU, minha mãe.
AL: Ih, arrasou! (risos)
RO: Foi na casa de família, fui trabalhar em Bonsucesso na casa da Cristiane (?), e a Cristiane que fez todo o financiamento lá da nossa casa.
PA: Foi descontando do salário, foi tipo um crédito.
RO: E foi descontando, em um ano já tinha pago essa dívida. Ela foi um, assim, uma parte muito importante da nossa vida, aonde nós chegamos agora. E ela com o marido...
AL: É porque ter uma casa, né?

RO: É.
PA: Poxa.
RO: E eu trabalhava de carteira assinada e ela preocupou com isso aí. Então, não é de tudo ruim, né? Ela... Falou para mim: "Não, dona Firmina. A senhora não vai fazer um puxadinho, a senhora vai fazer uma casa! Vai fazer um quarto para a senhora, para o seu filho e para as meninas". Então, a minha casa hoje tem sete cômodos, né? É uma casa que dá para receber os amigos. (risos) Aí, Andréa se formou, foi lá e gastou... Botou vidro na entrada. Ih! Se fui pobre, nem me lembro. (risos) Botou vidro...
AL: Um luxo só!
RO: Trocou minha geladeira, me deu jogo de quarto, micro-ondas novo. Ih...
AL: Ih, arrasou!
RO: Quê? Menina, de dentro nem sai (?).
AL: É uma mansão isso agora.
RO: Viaja, a gente viaja, né?
PA: É, agora que deu uma... (inaudível)
AL: Foi fazer mestrado, né, irmã?
PA: É!
RO: Aí, como eu estava falando das coisas que marcaram, foi essa da Elaine, né?
AL: Uhum.
RO: Eu chorando, ela pequenininha lá: "Chora não, Firmina. Sacode a poeira e dá a volta por cima". Eu falei: "Tudo bem!". E uma outra também, que hoje a gente ri muito, foi a do Luís, né? Que foi a pessoa que fui casar, "pai" dessa daí! (risos) E aí, quando eu já...
PA: Isso aí virou, a gente fez legenda, né?
RO: Foi, foi.
PA: Fez aquela frase da Bio (?).
RO: Foi, foi. Aí, quando o... Esse, o... João, né? Estava novo ainda, depois de ter voltado de lá de Saquarema, ele estava pequeno ainda, né? Ele tinha separado e foi para a casa da minha sogra. Aí, eu levantei, assim, por volta de umas sete horas, fui lá, que a gente morava perto, né, quase na mesma rua, bati na porta e falei para ele: "Estou precisando do leite", que era para ele, né, "Estou precisando do açúcar". Aí, ele olhou para mim e falou assim: "Leite e açúcar? O mundo é largo, se aperta quem quer", falou isso para mim. "O mundo é largo e aperta quem quer", o que ele estava falando para mim? Dá-se um jeito e se vira!
AL: É, se vira que o mundo é largo.
RO: É, "o mundo é largo, se aperta quem quer". Falei: "Tá, tá bom. O mundo é largo, se aperta quem quer". Saí de lá, passou esses anos todinhos, né, Andréa? Esse tempo todinho, aí rolou...
AL: Aconteceu foi coisa...
RO: Ih! A coisa foi mudando, foi mudando... Lugares que as meninas não entravam porque não tinham roupa, não tinham como se apresentar. Agora elas já tinham para andar. E, e... Se arrumaram, ficaram bonitas, ficaram lindas, maravilhosas, viajaram...
PA: Cortaram o cabelo. (risos)
RO: Viajou...
PA: Cortei o cabelo.
AL: Ô!
RO: Nossa! E quando Andréa chegava assim: "Mãe, sabe o que que eu vi lá no Ibmec?". Aí, eu: "Glória a Deus! Deus é fiel! Senhor falou que ia nos exaltar – Mãe, estava falando de tal hora (?) – Glória a Deus!". Fui na formatura da Elaine, lá na Cândido Mendes, né? E, essas coisas todas, aí fui passando, passando, passando... Depois ele veio falar, o contrário, né? Se arrependeu, brigou com a família, com os filhos, que não tinha dado certo, os filhos bem criados, não dava nenhum tipo de problema, estavam formados, trabalhando e cuidando de sua vida e que o maior arrependimento dele era esse. Então, eu pensei: "O mundo é largo...
AL: ... Não se aperta, não. (risos)
RO: Se aperta quem quer". (som ao fundo)
AL: Se aperta não, que o mundo é largo.
RO: Então, são coisas assim que marcaram, né, Andréa? Essa...
PA: Essa trajetória.

RO: Mas aí, não foi o tempo todo assim. Houve um tempo de chorinho, mas também houve um tempo de muito esforço, de fé em Deus, de busca, né? Porque aí, para elas estudarem, eu tinha condição de levar comida, mas não de pagar uma faculdade.
AL: Uhum.
RO: Faculdades, na verdade, foi toda paga, não era como é agora.
PA: É que como eu me formei antes das políticas...
RO: É.
PA: Que são afirmativas.
AL: Você estudou onde?
PA: Noventa e oito, estudei numa faculdade autorizada, não era nem reconhecida.
AL: Eita!
PA: Que era o que eu podia pagar.
AL: Mas lá em Nova Iguaçu?
PA: Lá em Belford Roxo.
AL: Belford Roxo... É perto? É, né?
PA: Era em outro município, pegava um ônibus.
AL: Um ônibus era relativamente perto.
PA: É.
RO: Aí, não foi o tempo todo assim. Nós tivemos, hoje, né?
AL: Teve os seus momentos.
RO: Poxa! Quando eu abro, assim, o meu guarda-roupa...
AL: Mas a senhora paga até IPTU.
RO: Hã?
AL: Hoje a senhora paga até IPTU. Olha como é que prosperou à bessa, gente!
RO: Muito! Cara, eu abro assim o meu guarda-roupa, só vejo assim, lá cheio de roupa de etiqueta ainda, eu: "Glória a Deus!". (risos) Sapatos, bolsas, joias... Semi-joias, né? Rommanel é semi-joia, mas é.
AL: É de que isso? É joia!
RO: Mas é tudo, olha, hoje mesmo eu estava mexendo, vejo uma porção de vestido, saia, aí tudo com etiqueta, compra... Né? Quero trabalhar, né? Mas... Quero voltar ao trabalho.
AL: Quer?
RO: Quero, quero. Não consigo, gente... Mas elas ficam numa pressão em cima.
AL: Para a senhora não voltar.
RO: É. Qual é a conspiração e também eu arrumo coisa, assim, que já está na, aí não... Assim, não sei. Deus sabe de todas as coisas.
AL: É verdade.
RO: E aí, assim, teve muita luta, assim, mas teve muita coisa boa também, né?
AL: Teve vitória também.
RO: Teve, o... Essa passagem do, do, do seu Silas, mesmo não, ele, assim, não assinando a carteira, mas teve uma participação, né? Cristiane, que foi fundamental.
AL: Cristiane foi a que financiou a casa?
RO: A casa! Por que sem aquele investimento ali...
PA: Ela comprou tudo e descontando do... Ela comprou de uma vez só. A gente ia fazer um cômodo por vez, fez a casa toda.
AL: Ela tinha um terreno?
PA: Tinha um terreno! Um terreno de posse, que depois a prefeitura veio e legalizou.
AL: Ah, que bom!
RO: Aí, ela falou, negociou tudo e, assim, o que mais deu foi dignidade, porque não foi dado.
AL: Sim!
RO: Foi com o meu trabalho.
AL: Sim!
PA: Sim, foi com trabalho.
AL: Ela só facilitou.
RO: Facilitou e eu posso dizer que eu tive...
AL: Ela te aceitou, mas...

RO: Daí, desse trabalho doméstico, eu tive, sabe? Que a gente conseguiu fazer, aí depois quando a Andréa se formou, depois quando eu botei, botei a janela simples...
AL: Uhum.
RO: Eu botei tudo assim. Aí, quando ela se foi, fomos lá que ela já estava cheia da "mufuca"...
AL: Ih, a lá!
RO: Ela veio trocando tudo, com essa idade... Ih! Ela veio trocando. E as meninas, Elaine, mas elas, olha, são filhos, assim, maravilhosos. Valeu a pena o preço, tudo! Valeu a mão que, assim, ter passado tudo isso, mas ver que, nessa área aí, valeu a pena ter pago esse preço, porque eles são assim, sabe? Maravilhosos! Eu agradeço a Deus todos os dias, eu falo: "Meu Senhor, abaixo de Deus, meu bem maior, meu tesouro, são os meus filhos". Mas não abro mão, pode ter a idade que for, sabe? Eu faço qualquer coisa, eu brigo com qualquer um para defender eles, que eles são benção da minha vida. E eu acho que ter passado tanta coisa e estar de pé foi por causa deles, sabe? Por causa deles, dando força, a gente está sempre junto, sabe? Sempre conversando, se ajudando... Né?
AL: Eu acho que muito essa opção que a senhora fez de não...
PA: Não se ausentar.
AL: É, exatamente! É isso...
RO: Aí, a gente vê até o que choca, como a Andréa falou. Que eles entram em choque por causa disso, dessa união. Porque eu falei assim: "Eu não posso viver a fatalidade dos outros".
AL: Uhum.
RO: Eu tenho que ser feliz com as coisas que eu busquei e conquistei, não posso me anular. Eu tenho porque a gente lutou e eu quero ser feliz, e vou ser.
AL: Com certeza.
RO: Entendeu? Eu não vou me deixar paralisar por causa dessa situação deles, porque a gente está ali, ensinando e mostrando um caminho. (som ao fundo)
AL: Uhum.
RO: É o estudo, é o trabalho, né? Mas, se eles não querem, né? Se eles não querem, então a gente faz tudo para ajudar. E a gente serve como exemplo, olha de onde a gente saiu, e a minha mãe hoje reconhece isso.
AL: Uhum.
RO: Porque ela sabe que parte das atitudes que ela poderia ter feito, que não fez, que negou, perseguiu, que rejeitou e hoje ela tenta compensar. Eu chego lá, ela quer me dar panela, quer me dar dinheiro... (risos)
Késia: Dá um dinheiro igual "traficante" (?). (risos)
RO: "Não, eu não quero... – Pega, menina, esse dinheiro. – Mãe, pelo amor de Deus! – Menina, pega! – Mas, para que que eu quero panela? Mas para...". Aí, é assim.
PA: Ela tem um fogão, minha avó.
RO: É.
AL: Foi lá, comprou o fogão.
KE: Ela me deu uma lata de leite. (risos)
RO: "Ah, leva esse leite para a Kesinha".
PA: A "novinha de rosa". Que ela é a última daqui, né? Aí, ela fala que é a novinha da, da...
RO: É, aí hoje ela tenta... A gente vê que é uma maneira dela pedir desculpa é assim, entendeu? E graças a Deus, sofremos muito, e isso não ficou em nossos corações.
AL: Não ficou. Acho que isso é o mais importante.
PA: É, a gente não fala: "Ain, mas a senhora podia ter feito". Não, nunca.
RO: Eles procuram entender também o...
AL: O lado dela.
PA: É, o lado dela. É!
RO: O que ela recebeu para dar.
PA: O que ela recebeu.
AL: É isso, né? Que a gente não pode dar o que a gente não recebeu.
RO: É. E com a gente foi diferente, porque isso não fez a gente ficar...
PA: Ficar amargo.
RO: É, pessoas duras não. Isso nos ensinou.
PA: Isso nos ensinou a ter empatia pelo outro (?).

AL: Por ela, até por ela mesmo.
RO: É...
PA: Por ela, pelo meu tio...
AL: Mas eu acho que é isso. É a união de vocês desde sempre.
PA: É, desde sempre.
AL: Assim, a gente está sofrendo, a gente vai sofrer? Beleza! Mas vamos sofrer juntos.
PA: É, enchente, né, mãe?
AL: Vocês tiveram enchente também?
RO: A gente era engraçado porque...
PA: Fogão explodindo junto... (risos)
RO: Fogão explodiu. Andréa foi trabalhar numa barraca que o salário era um pão, lembra, Andréa?
PA: Era um pão.
RO: Era no tempo dele...
AL: Meu Deus!
RO: Era bisnaga... Aí, ela tinha vergonha, de vez em quando ficava com ela no balcão. Quando passa... (inaudível)
AL: Que ela não queria que ninguém te visse.
RO: Aí, ela trabalhava até 11 horas, daqui a pouco vinha a Andréa com um pão, enrolado.
PA: Era o salário.
RO: Era um pão. Aí, eles eram muitos, aí todo mundo queria o "bico" do pão. (risos)
AL: Só tinha dois.
RO: No pão, só tinha dois bicos, era muito engraçado, gente. E, às vezes, era tão pouco, não dava para mim comer, tinha que dar só para eles.
PA: nesse dia que o fogão explodiu, que a gente morava na avenida, era um quarto, um banheiro, era comum.
RO: É.
PA: Para todos os moradores da avenida. Minha mãe tinha acabado de ter o João, esse que tinha acabado de nascer em 84...
AL: Uhum.
PA: Ela já tinha voltado de Saquarema e... Tinha lá, pagou a minha avó com compras, né? Que ela... Como a gente ficou lá...
RO: Mas ela me pediu dinheiro.
AL: Nesses dez dias.
PA: É, esses dez dias. Ela pediu dinheiro, minha mãe deu uma parte.
RO: Esse daqui é o João.
PA: É.
AL: Ih, João é bonito. Com todo respeito, dona Firmina, mas João é bonito. Achei!
PA: Aí, ele, aí minha mãe deu uma parte, falando para ela, né? E, fez uma boa compra para ela, aí a gente foi pagando a Remilde (?). Né, mãe?
RO: Fomos.
PA: Dona Remilde. Só que, não tinha comida, que dirá móvel, né, Amandinha? Aí, tinha um fogão lá que já estava...
AL: Nas últimas.
PA: Nas últimas. Menina, o fogão deu uma explosão... (risos) A gente saiu correndo.
RO: Caiu preto (?) para todo o lado.
PA: Eu peguei o João...
AL: Pequenininho?
PA: É, acho que tinha um mês. Eu tinha oito, que eu era a mais velha, eu, oito.
RO: Correu...
PA: Sônia, sete, Elaine, três, a dessa época minha mãe tinha quatro. O fogão explodiu, a gente saiu correndo, só saímos correndo. Sônia com o cabelo assim, né, mãe? Chegou lá na rua, a rua encheu, né? Porque aquele barulhão
AL: Gente, mas explodiu real?
PA: Explodiu real mesmo, a rua encheu. Aí, minha mãe contou... Quando ela contou o último, ela desmaiou. (risos)

AL: Hoje a gente ri, mas na hora.
PA: Hoje, na hora...
AL: Na hora.
PA: Na hora.
AL: Ai.
RO: É verdade.
PA: Aí, depois a gente ficou, assim, na rua até umas onze horas...
RO: Eu acordei com o pessoal botando álcool, assim...
PA: É! Aí, depois a gente entrou lá, botou o fogão para fora. Né, mãe? Foi dormir.
AL: Os restos do fogão.
PA: Os restos do fogão vermelho, de asa ainda. Né, mãe?
AL: Meu Deus!
PA: Para você ver como era antigo, o bicho.
RO: Foi a Marta que deu. É, na rua de trás, o pessoal escutou e veio correndo.
PA: A rua encheu, assim, numa rapidez.
RO: Nós éramos abençoados, muito nessa área de ter amigos.
AL: Uhum.
RO: Cada lugar e nós tínhamos o Moisés ali do lado (?), né? E nos ajudou muito. E veio e falou: "Não, por vocês não, eu conheço vocês". Aí, se prontificou a ajudar, Nininha (?), todo mundo, ali o pessoal. E sabia que a gente era sozinho, né? Eu era uma mulher casada, sem marido, tinha mãe, ninguém via a família, todo mundo sabia que a gente era sozinho. Então...
AL: Uhum.
RO: Assim, cada lugar que a gente morava, Deus levantava alguém que realmente, né, tinha consideração.
AL: Dava uma assistência, né?
PA: Os três tem empatia, muita empatia, que assim, tem uma época que iam umas crianças lá em casa, né? Eu sempre tive ticket. E biscoito, essas coisas, não ligava mais, né? E as crianças adoravam biscoito, aí todo mês eu fazia uma bolsa de biscoito...
AL: Mandava os biscoitos para as crianças.
PA: Mandava os biscoitos. Até minha mãe falou: "Não precisa mais, Andréa. A lá, o pai, o que ele está fazendo". Eu falei: "Mãe, não faz assim, porque ninguém para ajudar a gente, as pessoas que ajudavam nunca falavam assim: 'Ah, mas o pai...'". Entendeu?
AL: Uhum.
RO: Tá lá no samba.
AL: Não ajudava e pronto.
RO: Na música.
PA: Não ajudava e pronto.
AL: E o pai, gente? Tá onde?
PA: Vivinho da Silva.
RO: Tá vivo.
AL: É?
PA: É!
AL: Lá em Nova Iguaçu também?
PA: Lá em Nova Iguaçu! A gente fala com ele normalmente, não temos nenhum ressentimento.
RO: É, ele que foi lá falar.
PA: A gente só não tem, assim, vínculo.
AL: Uhum.
PA: Se ele sentar aí, ele vai conversar, não tem muito assunto, mas não tem nenhum ressentimento.
AL: Não vai ser descartado, nem nada.
PA: Agora, não tem vínculo, porque ele me ensinou a ir de bicicleta e foi embora, né?
AL: Uhum.
PA: Definitivamente, né? E, dos cinco aos 13 anos, é, minha mãe teve os meus irmãos.
AL: Uhum.
PA: Mas ele foi embora mesmo, eu tinha cinco anos. Depois ele só vinha: "Firmina, aluga uma casa para eu cuidar de você e das crianças".

AL: Uhm-uhm.
PA: Aquilo não durava dois meses, Amanda. Daqui a dois meses a gente já estava sendo despejado. Aí, minha mãe falava: “Mãe, deixa eu guardar meus móveis aí. – Não!...
AL: “Não!”.
PA: Não tem lugar”. Mas se falasse “vou vender a preço de banana”, aí tinha lugar. Então, assim, a nossa vida era assim: ser despejado, morar em fundo de Igreja. Aí, quando...
AL: Nessas idas e vindas dele.
PA: Nessas idas e vindas dele. Quando, depois que a Késia nasceu, minha falou: “Acabou!”.
RO: Quatro meses de gravidez da Késia tem 30 anos.
PA: É. Então, minha mãe falou: “Acabou, não quero mais”.
RO: Aí, foi quando eu estava no Silas.
PA: Foi!
RO: Foi, os últimos dias.
PA: Últimas vezes.
RO: Disse o seu José ao Silas: “Você está liberado. Pode ir”.
PA: “Pode ir”.
RO: Aí, ele achou que não. No dia em que eu fui para o hospital, que eu passei para ganhar a Késia, eles estavam no centro de cerâmica, no centro da cerâmica, num bairro lá próximo, e numa lanchonete chamada “Tia Meg (?)”, numa roda de samba.
AL: E a senhora passando mal?
RO: Do outro lado da rua, eu vi ele, mas eu não o chamei. Também não avisei que as crianças estavam em casa. Só saí e falei: “Fecha a porta, não abre para ninguém, eu estou indo no hospital e não vou voltar. Eu vou ficar lá”. A minha bolsa já estava pronta, eu peguei e fui. Aí, o motorista parou na porta do Hospital da Posse, eu desci, eles vieram com uma maca, entrei na sala de exame, na sala de exame vendo, eu...
AL: Já...
RO: Ganhei a Késia.
AL: Teve o bebê.
RO: E subi, e subi... Só peguei e orei a Deus: “Senhor, guarda meus filhos. Não tenho como avisar”. Aí, eu fiz aquelas orações e fiquei tranquila. Nunca fui, também, tão dura assim a vida, a vida foi tão dura, que eu não tive tempo de chorar, não tive ninguém para chorar no ombro...
AL: Uhum.
RO: Porque eu olhava: tenho seis filhos, tenho que dar conta. Existe uma formação de caráter, não é só da comida.
AL: Uhum.
RO: Eles não são capim que nasce, eles precisam de presença, precisam de aconselhamento, de entender as coisas. Então, eu fazia tudo isso, mas para mim, eu não tinha, porque não tinha mãe, não tinha irmã e eu não tinha marido.
AL: Uhum.
RO: Eu só tinha meus irmãos em Cristo da Igreja. É que me ouvia, não no sentido de se lastimar da minha vida.
AL: Uhum.
RO: Mas porque conhecia, assim, da minha situação, sempre levava palavras de conforto, uma coisa para conversar. Mas eu procurava nunca chorar na frente das crianças, chorava de madrugada e... Não tinha essa pessoa para desabafar. Então, eu passei a minha vida assim: só me preocupando. Depois eu tomei uma decisão, né? Depois que eu estava separada, eu vi que a minha casa eram cinco meninas. Quem que eu ia botar ali na minha casa? Quem que eu ia me relacionar? Depois eu me enchi tanto dessa história, que eu falei: “Não vai ter quem recompense isso. Vai ser a pensão do juiz que vai pagar esses danos? Não é. Quem é que vai me recompensar disso. Não é. Então, também não quero mais ninguém!”. Então, vou viver com os meus filhos, com a minha casa e sou muito feliz com isso.
PA: Aí, com essa recusa da minha mãe, ele não registrou a Késia. Aí, a gente, aí a Késia foi crescendo, minha mãe só o papel da maternidade, e a gente só falando: “Mãe, registra só no seu nome”.
RO: Não pude na época.
PA: Aí ela falou: “Não, não vou registrar só no meu nome, porque ela tem pai”.
RO: Mas eu não pude, Andréa, na época.

PA: É? “Ela tem pai, isso é um absurdo...
AL: É um absurdo mesmo.
PA: Isso é uma safadeza dele”. Eu sei que 1996, a Késia nasceu em 89, em 1996, um dia ele apareceu lá, quando ele viu que não ia ter jeito, que minha mãe não ia mais...
RO: Dez anos depois.
AL: É.
PA: “Aceitar ele”. Não, 96! Noventa e sete.
AL: Ela nasceu em 89, né?
PA: Ela nasceu em 89. Aí, por causa disso, a gente tinha que negociar com as escolas particulares, porque ela não tinha certidão, né?
AL: Uhum.
PA: Minha mãe guardava esse papel da maternidade há sete anos. (risos) Acima das enchentes, de tudo. Aí, um dia ele foi lá, deu na telha dele, e também muita oração. Né, mãe?
RO: Muita oração.
PA: Aí, ele foi, falou assim...
AL: “Vou registrar”.
PA: “Vou registrar!”. Aí, falou assim: “Eu vou te registrar”. Aí, falou assim para ela: “Qual o seu nome?”. Aí, ela falou: “Késia Cristina!”. Aí, ela mesma já escolheu o nome dela, né? Porque... Aí, ele foi lá e registrou, e o meu irmão, que a gente chama de “João”...
AL: Não era “João”.
PA: Não, era “João”, que era o nome do avô dela.
AL: Aham.
PA: Ele foi e botou “Luís (?) Alberto Júnior”, que é o nome dele. Ele também não tinha registrado.
RO: É que o João cresceu e ele não queria “João”, ele queria se chamar “Júnior”. Para se chamar “Júnior”, tinha que ser o nome do pai.
AL: Aham.
RO: Aí, é Luís Alberto Júnior.
AL: Mas todo mundo chama de “João”.
PA: Todo mundo chama de “João”, até hoje.
RO: A gente chamava. Aí, ficou: todo mundo chama de “João”. “Onde está? Onde está o Luís? Ninguém sabe, nem eu”. (risos) Que até a ficha cair.
AL: Quem é Luís?
PA: “Ah, é o João. Ô João!”, “É João ou Luís?”... (risos)
PA: Ele já tinha o quê? Quase dez, né?
AL: Também?
RO. Tinha, tinha.
PA: Porque ele também não queria registrar.
RO: Aí, depois, muita oração de pedir a Deus...
PA: De suplicar...
RO: Aí, um dia, assim, ele veio.
AL: E também assim, do nada, né? “Cheguei, vamos lá no cartório registrar”.
PA: É!
RO: Registrou! Aí, registrou ela...
AL: É de Deus mesmo.
PA: É, menina...
RO: Aí, porque um dia eu falei: “Ai, Senhor. Tem tantas causas nas tuas mãos, meu Deus, me ajuda”. Só que, assim, só com o papel, não tinha impedimento: ia para o médico, tomava vacina, entrava na escola para estudar...
AL: Fazia tudo.
RO: Fazia tudo, só com aquele papel. Aí, eu fui, aí orei e tal. Aí, eu entreguei na mão de Deus. Aí, sonhei que eu estava dentro de uma prisão, com a Késia, ela pequenininha, daquelas pernas fininhas, (risos) segurando na mão... Segurando na mãozinha dela, mas tinha muita gente ali. Aí, escutei aquele barulho no portão, parecia portão automático. (som ao fundo) Deu aquele estalo, a coisa foi abrindo assim ó. Aí, o rapaz rolou o portão da prisão abriu, aí eu saía para a fora, com a Késia dando a mão, mas eu tinha ficado tanto tempo no escuro ali dentro, que eu estava assim, ó, na claridade, que eu mal acreditava. Aí,

ele apareceu: “Vou registrar”. Aí, registramos. Aí, quando eu registrei, eu disse assim: “Meu último vínculo”. Porque, quando eu fui lá, na defensoria, ela fa... Explicou para mim e falou. Então, naquele tempo, esses anos todos atrás, a coisa era muito atrasado.
PA: Muito atrasado.
AL: Era muito mais difícil.
RO: Aí, ela pegou e falou assim: “Olha, você não pode fazer isso. Se você fizer isso com a sua filha, depois, como é que você vai provar”.
AL: É, ia ter que fazer exame, ia ter que fazer várias paradas.
PA: É, imagina (?) naquela época.
RO: Aí, só, só os outros é que vão ter direito, eu falei, pensei: “Não tem nada, não”. (risos)
AL: Direito para quê?
KE: (inaudível) ... Só se for de pagar o enterro dele, né?
AL: No caso, você foi incluída já, na partilha.
KE: É! A gente é para isso, né? Ser servo.
RO: Aí, eu peguei e falei assim: “Meu Deus, não vai, não. Não aconselho você a fazer isso”. Aí, ficou. Aí, ele falou assim: “Mas ele tinha a mania de torturar, sabia que estava nas mãos dele”. Fui levando, fui levando, orando, passou esse tempo todo. Aí, tive esse sonho da prisão, e ele chegou, muita oração, aí ele chegou, eu falei...
AL: Ah, foi muita oração, mesmo.
RO: Foi! Aí, eu falei: “Agora cortou, acabou!”. Que era a única coisa dele que eu insistia. Mas não ia atrás e falar assim: “Compra um litro de leite”. E isso que deixava ele... Aí, ele sumia, sumia, sumia, fazia uma ronda. Aí, quando ele chegava, ele via cinco pregos, ele quase morria. Porque ele acreditou que ele ia deixar a gente lá arruinado, que a gente ia ficar lá.
AL: E ele, para quando ele voltasse, ia aceitar ele de volta.
RO: Exatamente. Quando ele chegava, “estamos sobrevivendo sem você”, aquilo ali.
AL: E quando ele visitou a casa?
RO: Ih, ele quase morreu. Quase morreu...
PA: Só pode ter defeito, Amandinha.
AL: Jura?
RO: Agora mudou, Andréa, o discurso. Foi lá, foi lá na minha mãe, encontrou a minha tia na feira, a minha tia veio me falar: “Firmina, encontrei o Luís. Olha... Mas ele me encheu a paciência. (risos) Falou que se arrependeu, que família é uma só, que o resto é ‘contrato de risco’, que você era uma esposa excelente, mulher de Deus... Só tem isso para falar de você, e eu assim...
AL: Tá!
RO: Os filhos são maravilhosos, que os filhos são formados, não dá trabalho, não dá isso, que é a maior loucura, que é a maior besteira... – Tá, e aí, tia? E daí? – É, pois é. Eu falei com ele: ‘Agora não adianta chorar pelo leite derramado’”. Falei: “Não adianta mesmo. Não adianta mesmo”. Porque, assim, ensinei. A Andréa não, e as outras não tinham dificuldade, não, mas a Sônia tinha um pouco de dificuldade.
AL: Uhum.
RO: Que a Sônia... A Andréa era assim: estuda e trabalho. Ela concentrava isso em trazer conforto para a gente, bem estar, e ao ver o quanto eu lutei, que todo o meu salário não tinha coragem de comprar um chinelo para mim, comprava o primeiro para eles, era alimentação, era material escolar, então hoje eu recebo isso, porque eu falo com ela: “Andréa, para de me mandar coisa para cá, para casa. Eu nem tenho tempo de usar aquele sapato, nem deu tempo de usar aquela roupa”. (risos) E elas todas são assim, a Sônia, ela é de uma delicadeza, assim. Ela, outro dia, chegou com uma bolsa, Andréa, era tanta tiara de cabelo, creme, óleo, shampoo, condicionador, essas coisas, assim, mínima, sabe? É a Késia que manda pulseira, anel, sabe? Os mínimos detalhes.
AL: Uhum.
RO: Fala: “Ó, estou precisando disso”. Então, eu vejo a recompensa de tudo isso. E ele começou a falar isso para a minha tia. Falar, falar, falar... E daqui a pouco vai ter reunião lá em casa e... “Ei, vim aqui conversar”. Eu falei: “Gente, isso tá estranho!”. Que essa pessoa nem está acostumada a vir aqui, de vez em quando está assim querendo falar alguma coisa. “Ah, pois é, o seu Luís esteve lá”, aí eu: “E daí?”. “Eu vi lá conversando com o Diniz. Aí, Firmina, pensa bem” Eu falei: “Vem cá, pensar o quê?”.
AL: Pensar o quê? Para voltar, não, né?

RO: É. “Ele falou que: ‘Ah, se você quisesse que...’ – Ó, não fala isso com ninguém, não, hein, gente!”. (risos)
PA: Ó... Igual Ferdinando.
RO: Ó, eu não comentei isso com ninguém, Andréa.
PA: Ah, meu pai...
RO: Aí, ele falou assim: “Se ela quisesse casar de novo”. Aí, eu...
AL: Não! Uma vez foi suficiente.
RO: É, pois é. Aí, eu falei assim: “Porque o... Ele não quer deixar a pensão dele para ninguém, nem para o governo”. Eu falei: “Olha só, Luís. Eu não preciso de pensão nenhuma, não. Já cheguei até aqui, quando a gente precisou”...
AL: Pois é! Ele quer deixar a pensão para senhora agora, por quê?
RO: Eu sei lá. Porque agora ele se arrependeu, os filhos estão criados, estão formados...
AL: É!
RO: Agora só é boas notícias. Ele falou que está todo mundo bonito, que a Késia está linda. É, não lembra que ele abandonou com quatro meses de gravidez. Aí, eu falei: “Eu, eu...”. Eu falei: “Olha, Luís, eu não tenho interesse nenhum em pensão, não. Eu não... Trabalhei, cheguei até aqui, quando a gente precisou dele, ele não estava lá”.
AL: Uhum.
RO: Então, eu não desejo o mal para ele, que ele seja feliz...
AL: Siga o caminho dele.
RO: É, siga o caminho dele, ele chega lá em casa, ninguém falta com respeito, ninguém falta com educação. A Sônia tinha alguma coisa com ele, eu conversei, eu falei: “Um dos princípios da Bíblia é esse., um rapaz (?). Mas ele não fez a parte dele, ele dar conta dele, você faça a sua”.
AL: Uhum.
RO: Graças a Deus, a Andréa não, as demais não tiveram, a Késia que de vez em quando fica ouriçada, a gente segura ela, (risos) ela quer falar um monte de verdade. E ela ficou tudo em paz, eu falei: “Não! Não tem razão para isso, não”. E agora, a gente lutou muito parta construir essa casa, deixou a gente desamparada, a casa onde nós tínhamos... Perdemos, por conta dele. E... Minha filha, isso não tem jeito, não. Porque isso não foi comigo, foi com os meus filhos. Ele fez os filhos sofrer, com coisas que foram desnecessárias.
AL: Uhum. Filhos dele, né?
RO: Tinha um bom emprego, tinha um bom salário...
AL: Sem necessidade de... (inauídivel)
RO: Tomou um caminho ali, que era desnecessário, por abandono, por humilhação, por tudo.
AL: Ô, meu amor. Muito obrigada. (som ao fundo)
PA: Ele era bombeiro hidráulico, ele tinha o segundo grau completo. Aí, então, naquela época...
AL: Uhum.
RO: Tinha salário bom.
PA: Claro que não seria um “mar de rosas”, mas muita coisa que a gente passou...
AL: Não teria passado.
PA: Não teria passado.
RO: Aí, hoje, tá chega, tá, converso e falo, mas bem longe.
PA: Então, eu vejo o passado...
AL: É, gente! Qual a necessidade de... Não que eu queira me meter na vida da senhora, pelo amor de Deus. (risos) Mas qual a necessidade da senhora voltar com ele, gente?
RO: Nenhuma.
PA: Nenhuma. Zero!
RO: Nenhuma, nenhuma, nenhuma... Aí, eu falei, aí, tá aí um casalzinho de neto, que é a filhinha do João, a filha do Caio e da Tati. Também são netos das nossas vidas. E estamos aí.
AL: É isso.
PA: Maitê!
KE: Mônica, quer café?
RO: Não, meu amor. (som ao fundo)
KE: Tem café para tu.
PA: As primas da minha mãe era tudo avó, minha mãe até 52 não tinha neto.

AL: Não tinha neto. Um sofrimento.
PA: Ai, ai...
RO: Não tinha, não. Aí, hoje é assim, né... Muitos, muitos, alguns da nossa família nos respeitam, reconhece...
AL: Uhum.
RO: Viu a nossa História, onde Deus nos tirou, Deus nos colocou...
AL: Sim.
RO: E... Outros tem uma certa resistência, né? Por conta até de a gente ter vencido, ser diferente hoje, né?
AL: Uhum.
RO: E, mas estamos aí. Foram bastantes coisas ruins, mas também veio bastante vitória, coisas boas. Eu vejo eles hoje, com saúde, uma coisa assim, o sofrimento era tão intenso que eu falei: "Senhor, não deixa eu morrer. Permita eu ver meus criados, a ponto que saibam se defender". A gente não podia contar com ninguém.
AL: Uhum.
RO: Não tinha família, não tinha marido, então meu receio. Deus... Me deu saúde para viver. Não é que agora eu possa ir não, né? (risos)
PA: Não! Que isso!
AL: Acho que não, né? Melhor não.
RO: Vamos escrever o nosso livro ainda.
PA: O mínimo aqui é 85. O mínimo, para a gente começar a conversar.
AL: De 80 para lá.
RO: Aí, nada de "CPF cancelado" agora. (risos) E aí, foi assim, Deus... Tivemos muitos amigos, né, Andréa? Muitos anjos, que Deus levantou. Incrível como eu fui ter a Késia lá, sozinha. Gente, que médico aquele. Parecia que o anjo tinha descido na Terra. Cara com um amor, com uma intensão, falou: "Ah, você não está sentindo dor, não", porque sempre fui "casca grossa". Acho que por conta disso...
AL: Estava calejada já da vida.
RO: Não é fazendo um escândalo na Terra.
AL: A senhora lá como se nada estivesse acontecendo.
RO: "Ah, não tá na hora, não? Não é possível!". Dá trabalho em nada. Aí, fiquei muito bem assistida. Deus levantou pessoas dele, assim, de Deus. Eu vi a Késia, nossa, que coisa linda! Pequenininha, né?
PA: Muito linda (?).
RO: Amou a atenção da enfermaria, todo mundo doido, os médicos ficavam doidos com ela. Briguenta! (risos) Eu fui muito generosa: pequenininha e brava. Né, "piu"? Era tão pequenininha que a gente botou o apelido dela de "piu". O pinto, né? (risos)
PA: Até hoje...
RO: Até hoje ficou "piu". Piuzinha não é mole, não. Mas graças a Deus, aí é o ponto que a gente estava esperando, aí pô. Eu tive os filhos porque eu quis, eu tive os filhos porque eu sabia que eu ia ter, tive os filhos porque foi benção de Deus, entendeu, para a minha vida. "Ah, mas você teve os seus filhos", eu falei: "E daí?". Não é isso que...
AL: Criou e fez.
RO: É, pois é. Tem gente que dois, um, e não chega a lugar nenhum.
PA: É.
AL: Exatamente.
RO: É mais difícil. Mas... Eu falei: "Cara, eles vieram para me dar força, que eu não aguentava esse tranco, não". Trabalhava lá pensando em desistir, eu falei: "Ah, não".
AL: "Não posso! Tem seis na minha responsabilidade".
RO: "Vou defender, vou...", hoje a Tatiane fala: "É, minha mãe, deixava a Késia ir para 'festa' nenhuma!". Eu falei: "Ah! Eu não me arrependo, não, minha filha. Você está doida? Vê as histórias de hoje aí para ver como é que é". Agora vocês estão grandes, sabem se defender, mas não é assim, não. Deixar a casa dos outros, é porque: "Ah! O que acontece? Eu fui infeliz, meu marido me abandonou, e aí abandonou os filhos, coloca qualquer pessoa dentro de casa.
AL: Uhum.
RO: Mas diz para os teus filhos que se eu arrumasse um segundo marido e ele levantasse a voz para um, nem sei o que que eu faria, gente". E eu fico boba hoje, que as mães não defendem.

AL: Ih, que nada!
RO: Defende não.
AL: Se ainda tiver que jogar a criança para ir...
RO: É.
AL: Enfim que a gente não pode julgar as pessoas criaturas, mas que é difícil de entender, é difícil de entender.
RO: É verdade! Eu falei: "Não, vem em primeiro lugar". Aí depois com essa estrepa (?), com uma manifestação para ele, eu falei: "Eu não". Bonito rio, que chegasse antes também. (risos)
AL: Que agora também. Ah!
RO: Nem entrando vai um mais bonito e rico lá. Ainda mais com seis filhos, eu vou é correr. Então, bom, eu falei: "Já que não é assim, eu vou ficar...".
AL: "Também não quero! Ah, também não quero! Só por causa disso".
RO: Aí, muitas manifestações, nada de encher os olhos, não. Eu gosto muito da liberdade, sabia? Se o Luís chega lá em casa cinco minutos, já fico aflita. (risos) Fala muito.
PA: Fala muito e alto.
RO: Porque assim, eu tive uma vida assim, de dedicação, eu sempre soube que eu ia ter uma família grande. Eu sempre gostei dessa coisa de família, então eu investi pesado. O camarada tinha tudo, tinha uma vida de rei, agora... Agora tu não entra, não, meu filho. Nem que a vaca tussa. Mas não entra mesmo!.
AL: Não deixa, não, dona Firmina.
RO: Não entra, não. "Ah, porque eu tinha... – Ah, teve mesmo".
AL: Então, teve, passou.
RO: Ele fala: "Eu não vou deixar tudo". Não fala, Andréa?
PA: O quê?
RO: Não vai deixar o dinheiro para a Eliete.
PA: É, porque ele tem uma companheira, mas ele não... Fala que não vai deixar o dinheiro para ela, vive arrumando confusão com os filhos dela, que ela tem filhos adultos, aí ele vive arrumando confusão. Aí, eu falei: "Pai, o senhor para, que o senhor já tá com...", 70, né, mãe? Setenta?
RO: É, fica com a Eliete mesmo, né, gente?
AL: É o que tem de melhor no momento.
PA: "Se o senhor fica falando essas coisas, esses garotos vão te dar um murro, vai ficar, porque...
AL: É, porque vai se desmontar inteirinho.
PA: Vai ficar desmontado.
AL: Vai ficar lá desmontado.
PA: Então, o senhor, né?".
RO: Aí, brigou com o coisa lá...
PA: Aí, foi brigar com a minha irmã.
RO: Aí, chegou lá em casa. Aí, sentou no sofá e entrou, chegou cedo: "Gente... Que que a pessoa tá chegando a essa hora aqui... (inaudível)". Sentou no sofá: "Pois é. E aí, Tati – E aí, pai. Tudo bem? – Não, não tá bem, não! Desentendi lá com a Eliete".
AL: Já começou a desabafar.
RO: Aí, eu vi e falei: "E eu com isso?", eu pensando, "Eu com isso?". Sério, ele sentado no sofá, ele começou a falar: "Eu estou procurando um lugar para ficar", e olharam para mim. E eu: "Vixi!". Falei: "Não vou nem me mexer!". Porque qualquer mexida (?) aqui, ele vai entender que eu estou aceitando isso. Aí: "Eu posso ficar lá, Tati?". A Tati: "Pode, pai. Aí, foi para lá ficar com a Tati. Mas sempre jogando uma indireta. Deus me livre!".
AL: Querendo voltar para a senhora.
RO: Ele voltava para cá.
PA: E a gente já falou, o que ele precisar, a gente como filho...
RO: Ajuda, ele passou mal lá, as meninas, a Tatiane foi lá, Sônia foi...
PA: Levou para a UPA.
RO: Levou para o UPA.
PA: Mas nada mais do que isso. Quer, Amandinha? Quer, Amandinha?
AL: Quero não, meu amor. Obrigada. Se a senhora voltar, não volta, não.
RO: É muito bom. Sossego e é paz. Deus me livre!

AL: Não volta, não, que nem vale a pena.
RO: O quê?
AL: Depois desses anos todos...
RO: Vai dar trabalho, né, Andréa?
PA: Nossa! Agora, isso teve uma influência, assim, quase que direta, assim. A gente observando a forma como ele agia, a minha nunca falou... Precisou falar: "Não vai atrás de fulano, que fulano não presta".
AL: Uhum.
PA: A gente fez uma leitura, assim, aquilo... Essa fala, essa ausência da figura masculina, paterna, não criou na gente uma... Teve a ausência, mas não a ponto de deixar a gente vulnerável a esse tipo de pessoa, a esse tipo de homem.
AL: Uhum, uhum.
PA: A gente falava: "Uhm! Outro Luís? Não". Minha mãe nunca se preocupou: "Ah, Fulano não vai vir?". Ih... A gente olha assim, ó, ó, "do tipinho do seu pai, hein". (risos)
AL: "Vai querer?".
PA: "Vai querer?". "Do jeitinho do seu pai".
RO: Elas quando chegam, sabe? Pode namorar. Traz aqui para a gente conhecer, para mim conhecer, aí elas traziam. Aí... A gente olhava e observava. Aí, a gente ficava conspirando entre nós, né?
AL: Aham.
RO: Aí, elas mesmas vão falando os planos: "Não, não...". É, realmente, nunca precisei mesmo. Agora, existiam pessoas que entrou para namorar, e a gente gostou, né, Andréa? Mas não... Teve que sair assim um pouco doloroso...
AL: O namoro não foi adiante.
RO: Mas elas são bem firmes nessa...
PA: Ah, é. Não tem isso...
AL: Já passou o que tinha que passar.
PA: Já passou, se não aprender com um homem desse, vai aprender com quem? Não vai ser com terapia! Então, não tem esse negócio de ficar insistindo, com... Sabe? Com gente que... Não!
RO: Aí, tudo isso também que levou elas a se esforçarem, a estudar, sabe? A conquistar...
PA: E romper com essa mentalidade de que a mulher só pode existir...
AL: Se tiver um homem.
PA: Se tiver um homem, bem esse negócio.
AL: É.
PA: A gente tem esse negócio. Apesar de que, a gente tem um atravessamento, uma História de relacionamentos, na nossa família, né?
AL: Uhum.
PA: Então, quando não são relacionamentos abusivos, são mal sucedidos, não são recíprocos...
AL: Uhum.
PA: É, e mulheres sozinhas... Mas isso é uma questão de um recorte racial.
AL: Sim.
PA: Mas nem por isso, a gente este aqui para aceitar...
AL: Certas coisas, né?
PA: Não! Não. "Não vem com velho bêbado, 30 anos mais velho só para não ficar sozinha", que não tem esse negócio.
AL: Não, não.
PA: A gente fica sozinha, então. Porque minhas primas...
AL: Passam por isso.
PA: Passam por isso.
RO: Passam.
PA: Passam por isso. Qualquer um que encostar ali. Tem uma prima que se casou com um rapaz que é homossexual.
AL: Jura?
PA: É.
AL: Mas ele é homossexual assumido?
PA: Agora é. (suspiro) Tem dois ou três, mãe? Da Michelle, dois, né?
AL: Meu Deus!

RO: Acho que ela teve um outro...
PA: Acho que é três meninos agora.
RO: Ele foi embora.
PA: Foi embora, e o sogro é que ajuda ela. Ele se assumiu e foi. E tem uma prima que casou com um rapaz que, quando ele tira muito, ele tira 20 reais por dia.
AL: Hã?
PA: Tem três filhos. Isso tudo empurrado pela nossa situação.
AL: Aham.
PA: Mulher negra...
AL: Uma coisa foi levando a outra, uma coisa levando a outra.
PA: Mas a gente aqui em casa, a gente vai ficar sozinha, vai morrer...
AL: Ah, gente! Para ficar com 20 reais, eu fico com os meus 20 reais.
PA: Quê? Não...
RO: Ela voltou a trabalhar, a Lucinha (?).
PA: É, mas tem que voltar.
RO: Sustentar a casa.
PA: Porque não, ele, o marido não...
AL: E tem três crianças?
PA: Três crianças, teve três filhas. E foi muito engraçado, sintomático, dessas coisas que vai empurrando, principalmente a negra, para a falta de autonomia, que minha prima, ela era a prima mais bonita que a gente tinha. Aí, foi dando a idade, aquela dos bilhetinhos, os bilhetinhos não vieram, a idade dos namoradinhos não apareceram.
AL: Não vieram.
PA: Mesmo ela bonita.
RO: Muito bonita.
PA: Muito bonita! Né? Aí, veio esse "tribufu", e ela com 19 anos.
AL: Se agarrou nele.
PA: Se agarrou nesse tribufu e se afundou. Aí, ela foi, teve duas meninas, logo no, novinha, logo no início da vida, quando podia estar batalhando por alguma coisa.
AL: Uhum.
PA: E aí, não foi para o emprego doméstico porque essa relação quase que já não tinha mais, na nossa família quase já não tinha mais. Só ela e as primas tinham pego, a gente que estudou já não pegava mais, mas foi para subemprego.
AL: Uhum.
PA: Aquela coisa de caixa de supermercado...
AL: Bem precarizado.
PA: Bem precarizado, "domingo a domingo", mais você tendo duas filhas...
AL: Tem que ir.
PA: Tem que ir! E aí, o que que aconteceu? Quando essas meninas dela estavam... Uma com, com... Treze e a outra com 14...
AL: Ela engravidou de novo?
PA: Ela engravidou de novo, mas antes disso, o que que aconteceu?
AL: O quê?
PA: Minha prima entrou para a Igreja, virou aquelas... De mente fechada, aí lá: "Irmã, Deus não opera na sua vida porque irmã, né? Irmã está 'amancebada', irmã tem que fechar essa brecha". Que que minha prima fez?
AL: Casou?
PA: Foi lá e casou com o traste! De papel.
AL: Meu Deus!
PA: Assinou a derrota dela.
AL: Para dividir um quilo de açúcar.
PA: De ter brigas lá, que aí as meninas já começaram com aquela coisinha de namorar e teve um dia que ele brigou com uma das filhas lá, e a filha chamou ele de "viciado". (suspiro) Porque ele é viciado. Minha prima foi lá...
AL: Gente! E ela casou com ele sabendo...

PA: Casou!
AL: Porque se até a filha sabia, ela sabe.
PA: Ela sabe também! Casou! Aí, o que que aconteceu? O fruto do amor, minha prima com duas meninas grandes...
AL: De 14 anos, gente.
PA: De 14 anos... Engravidou! Criança sem força até para chorar, de tanto pó que o homem... Heleninha, né, mãe?
RO: Ela nasceu doente.
PA: Vingou! Porque agora fez cinco anos.
AL: Lutou.
PA: Lutou! E minha prima, empregada, mesmo no mercado, empregada, mas o tanto que ela tinha que faltar que essa, essa menina era tão doente. Né, mãe? Aí, a minha mãe conversava com a mãe dela e a mãe dela falava assim: "Ó, vai ser mandada embora, o mercado não vai aturar isso, não". Dito e feito.
AL: Mandou embora.
PA: Mandou embora, e agora a Heleninha fez cinco, né? Ela voltou...
AL: Tá melhor de saúde.
PA: Tá melhor de saúde e ela voltou a trabalhar.
AL: Porque a criança que é filha de dependente, ela nasce dependente também.
PA: É, ela foi muito doente. Né, mãe?
RO: Ela dava umas crises assim, quase morria no braço da mãe, da Lucinha.
AL: É, a síndrome de abstinência.
PA: É. Aí, você vê a minha prima, a minha prima era tão bonita.
AL: E quantos anos ela tem?
PA: Olha, eu tenho 43, agora em dezembro vai fazer 41.
AL: Nova!
RO: Ela era bonita quando...
PA: Desde os 19 anos nessa amarração.
RO: Aí, depois que ela se, se... Elacasou com o home, ela foi ter essas filhas, engordou, engordou, engordou, engordou para caramba.
PA: Sem dente, sabe?
RO: Ele sem dente. O cabelo maltratado.
PA: É, porque não tem. Ó, ela conseguiu o Minha Casa, Minha Vida...
AL: E ainda casou com esse homem?
PA: Casou! Ela conseguiu um lá Minha Casa, Minha Vida, menina, ela tinha que vir andando de lá...
RO: Era emprestado.
PA: Era emprestado, mas ela tinha que vir para a casa da mãe dela e passar duas semanas porque não tinha comida. Então, tinha que vir para a casa da mãe, com as filhas...
AL: Para poder se alimentar...
PA: Para poder ter o que comer!
AL: E o homem?
RO: Ele falou que aqui não tem família que passa fome.
AL: É! Isso aí!
RO: Não tem, não. Aqui, não tem.
PA: O homem, é 20 reais, aí dez (?) no vício, entendeu?
AL: Mas enquanto ela estava na casa da mãe, o homem estava por aí, pela pista.
PA: Estava pela pista! Estava pela pista porque eles também não tem um...
RO: A família dele mora lá perto. Aí, ele ficava na casa da família, Luciana ficava com as meninas na mãe dela. Aí, ficava duas semanas lá, porque as meninas tinham que se alimentar.
PA: É.
AL: Gente, que situação!
PA: É. Pois é.
AL: E uma moça nova.
PA: Nova! Aí, ela... Até ela, ela a gente se dá, assim, muito bem. Mas parece que ela ficou, né, mãe? Ficou naquele meio de caminho e a Igreja, o que eu acho interessan... Curioso, é que a Igreja endureceu, cristalizou esse pensamento nela.

AL: Uhum.
PA: Além de não jogar luz na questão racial, ainda cristalizou isso. Depois que ela foi para a Igreja, eu acho que ela piorou.
RO: Piorou sim.
PA: Piorou, porque uns pensamentos assim que...
AL: Não dá nem para entender.
PA: Não dá nem para entender! Eu fico pensando muito no papel da Igreja, sabe? Nessas questões, o quanto que eles...
AL: Que deveria ser para tirar a pessoa dessa situação.
PA: Deveria ser para tirar a pessoa, para dar autonomia para a pessoa.
AL: Não da pessoa... "Vai lá, gente. Se afunda mais!".
PA: "Se afunda mais", falar que tudo o que aconteceu na vida da minha prima é porque minha prima...
AL: Não estava casada.
PA: Não estava casada, por causa de um papel com um traste desse? Ai, pelo amor de Deus!
AL: Ai, aí já vai fazer logo um convencimento para acabar com o casamento. "Sai disso, menina! Sai disso enquanto é tempo".
PA: "Você que já se cuida sozinha, cuida das suas filhas...".
AL: Exatamente! Não precisa desse homem para nada!
PA: Mas aí...
RO: A mãe dela não queria, não. Falou para caramba!
AL: Desgarrar, né?
PA: Mas aí, ô, Amandinha, num contexto em que ela olha para a tia, e vê a tia com um velho bêbado 30 anos mais velho; olha para, para todo mundo, para a maioria, e só ela não consegue.
AL: E num contexto em que a Igreja "apoia" e "incentiva".
PA: Apoia! Incentiva!
AL: Não é nem apoia, incentiva!
PA: Incentiva!
AL: Ela vai casar mesmo.
PA: Vai casar.
AL: Vai ficar com esse homem aí até... Deus ter misericórdia.
PA: É. Então...
AL: Isso, sem falar de todos os riscos que corre, né? Com uma pessoa viciada junto.
PA: É. Uma pessoa viciada. Uma pessoa que com certeza não a respeita. Não tem nenhuma reciprocidade. Não sei para quê.
AL: Não.
PA: Minha prima passa semanas na mãe dela e ele... Né, mãe?
AL: Nada, ele está alucinado.
RO: Para ele, ele nunca quis, Andréa. Ele nunca quis.
AL: Ela que quis, ela que quis, né?
PA: É. Também acho que foi...
RO: Ele nunca quis. Que ele já estava entre ele mesmo, porque a pessoa que já está no vício...
AL: É verdade!
PA: Aí, ele é mais velho na época. Né, mãe? Ela foi tipo assim...
RO: Ele era, aí ela trabalhando, juntou o dinheiro, e o dinheiro para construir a casa que nunca saiu.
AL: Olha, gente!
RO: As coisas da casa, foi ela que comprou geladeira, porque trabalhava.
PA: Isso.
RO: E já estava na segunda filha, e também por pirraça, porque a mãe também se opôs a esse relacionamento.
AL: Aí, ela: "Agora, eu quero!".
RO: Confrontou a mãe.
AL: Eu, hein, gente. Tá doida!
RO: E a mãe falava que não, ela passou por cima e foi. Sabe? Aí, foi. E ele foi ficando cada vez ficando pior. Porque, no começo, ele ainda tinha uma certa coerência. Agora, está sem dente, por causa do vício, barrigudo, magro, estranho, lerdo, parado... Não tem ação para nada.

AL: Também, já deve, a droga já deve ter corroído tudo por dentro.
PA: É.
AL: Ai, posso ir no banheiro?
PA: Pode, meu amor.
AL: Aliás, posso ir no banheiro e vou embora, né? Porque...
PA: Ah... (risos)

ENTREVISTA TRANSCRITA – ANTONIETA DE BARROS, 78 ANOS

AL: A senhora se importa de botar perto da senhora?
DI: Aqui?
AL: Isso!
DI: É assim, mesmo?
AL: É!
DI: Tá!
AL: Obrigada.
DI: Nada.
AL: É, qual é a data de nascimento da senhora?
DI: Data de nascimento?
AL: É.
DI: É dia 20, 20 do quatro de 41. (sussurro)
AL: A senhora trabalhou quanto tempo no trabalho doméstico?
DI: Pô, em duas casas que eu trabalhei, trabalhei, uma eu trabalhei 20 e pouco...
AL: Ih, muito tempo!
DI: A outra também trabalhei, trabalhei 20 e pouco também.
AL: Se aposentou?
DI: É, aí depois foi só... Eu me aposentei e continuei trabalhando. Nessa última agora, eu me aposentei, mas continuei trabalhando. Mas aí caiu que ela morreu, tadinha, e tal, aí eu peguei, parei de trabalhar, falei: "Não vou mais! Quero mais trabalhar canto nenhum".
AL: Mas a senhora como...
DI: Sempre trabalhei. Sempre... Quando era jovem não. Quando era jovem, eu trabalhava em fábrica, nessas coisas assim, sabe? Depois que eu passei a maior... A não arrumar mais emprego (?), aí eu fui pra casa de família, que eu precisava muito de um... Não tinha que trabalhar tanto na minha mãe...
AL: Uhum.
DI: ... Aí, foi esse sacrifício, mas Graças a Deus trabalhei, não tem problema. Emprego não mata ninguém, né?
AL: Ah, com certeza!
DI: Besteira! É coisa...
AL: Aí, quem disse que a senhora trabalhou nesse tempo também? Aí, nem diz...
DI: É, eu trabalhei três anos, é!
AL: E é um trabalho pesado, né?
DI: Foi muito boa pra mim.
AL: É?
DI: Eu tive sorte. Nas duas que eu trabalhei, ih, era uma mãe pra mim.
AL: Ah, que bom!
DI: Muito boas!
AL: Ah, que bom! Que tem cada gente por aí, né?
DI: Não, eu fui bem tratada, Graças a Deus! Tanto que eu trabalhei esse tempo todo por quê? Porque eu gostava! Lá era minha segunda (?) casa, só que eu tinha que fazer o serviço. Tudo bem! Tinha que trabalhava, fazia as coisas. Mas eu falava: "Vamos na minha casa!". Comia com ela na mesa...
AL: Ah, que bom!
DI: Não tinha essas palhaçadas.
AL: "Isso a senhora não pode comer...".
DI: É, não tinha nada disso. Tudo que eles comiam, eu comia! Tá bem. Na primeira casa eu trabalhava ali no Flamengo, né? (som ao fundo) Ela tinha, ela, o marido e os dois filhos. Um casal: Thayssinha (?), Marcelo, e dona, dona Helô (?) e o seu Fernando.
AL: Eles eram pequenos ainda?
DI: Quando eu fui trabalhar lá, ela tava grávida do Marcelo, de quatro meses.
AL: Ih! Então a senhora pegou ele bebê!
DI: Bebê! É, aí, aí ela tava grávida, aí quando nasceu o garoto, o garoto, aí eu fiquei lá, né, cuidava do menino, aquela coisa toda, foi isso assim.
AL: Uhum. E a senhora então, mas a senhora dormia lá?

DI: Dormia! Eu vinha pra cá na sexta feira, ou então sábado.
AL: E voltava na segunda.
DI: Voltava na segunda, é! É, isso mesmo!
AL: A senhora estudou, dona Antonieta?
DI: Estudei até... A quinta série, só. Não tenho esses estudos todos não, porque tinha que trabalhar também, né? (risos) Aí, não deu pra estudar mais.
AL: É, é verdade. E como é que a senhora, a senhora falou que, primeiro trabalhou em fábrica...
DI: É, eu tinha 14 anos, trabalhava numa fábrica de, de bala. Aí...
AL: A senhora começou a trabalhar criança ainda...
DI: É, comecei a trabalhava. Antes disso, eu trabalhava. E, com 12 anos, trabalhava numa pensão.
AL: Fazendo comida?
DI: Não, lavando prato, lavando louça, lavando panela...
AL: Aham.
DI: Outro dia eu tava comentando isso não sei pra quem, acho que foi pra Naiane, que eu tava comentando isso aqui. Lavava aquelas panelas grandona assim...
AL: Quase do seu tamanho.
DI: É, minha filha... Eu trabalhei muito! Desde pequena que eu trabalhei. Agora não, que eu tô folgada. Graças a Deus! Eu me aposentei...
AL: Agora tá só curtindo.
DI: É, não quero saber de trabalho nenhum pra mim, Deus me livre. (risos)
AL: Tá bom, né?
DI: Que que há?
AL: Desde os 12, tá bom! (risos) Já bateu!
DI: Já bateu, é... Não dá mais, né?
AL: Mas aí a senhora começou na pensão, foi pra fábrica...
DI: ... Foi, é. Aí, eu saí da pensão... Que mamãe achou que eu tava lá, eu tava enferru... Eu tinha uma... Um dia mamãe chegou lá, eu tava molhada daqui pra baixo. Sabe criança de 12 anos tinha que botar um avental, não botava nada, e queria lavar tudo de quanto é... Aí, minha filha, toda molhada, aí mamãe: "Ah, não! Você não vai ficar mais, não. Pode pegar uma doença, não sei o quê! Aí, aí vai piorar tudo, que vai ficar doente...".
AL: É, aí nem uma coisa, nem outra.
DI: É, mamãe não quis, né?
AL: Aham.
DI: Aí, me ti... Aí me tirou. Aí, me tirou, que ti... Aí eu fui estudar depois, quando eu fiz 14 anos... Que aquele, aquela época, era mais fácil tu arranjar emprego. Agora é meio difícil.
AL: É verdade.
DI: Eu pegava o Jornal do Brasil, que vinha o negócio de emprego, né, aí tirei três empregos que precisava de, pra trabalhar. Tirei emprego... Três! Aí fui. O primeiro que eu fui, eu me lembro que eu nunca tinha ido pra cidade. Eu trabalhava por ali perto, ali, na cidade, mas nunca tinha ido, assim, lá pra dentro, não sei pra onde. Aí, eu peguei, fui. Falei: "Vou nesse aqui que é mais perto". É aquela, ali perto do Souza Aguiar...
AL: Uhum.
DI: Ali, na, na, aquela rua ali. É... Que a gente passa pelo Souza Aguiar...
AL: Moncorvo Filho.
DI: É Constante... Não, não. Como é? Não é Moncorvo Filho, não.
AL: Frei Caneca.
DI: É, acho que era Frei Caneca. É isso mesmo! Aí fui lá, e tal.
AL: A senhora morava aonde?
DI: Eu morava aqui em Magalhães.
AL: E foi sozinha?
DI: Fui sozinha! Sem saber, nunca tinha ido pra cidade, sem saber muito, não. Nunca tinha ido na cidade, não. Mas aí, eu fui. Mamãe ficou preocupado e tudo, mas eu fui assim mesmo. Cheguei lá, aí, no que a moça, a chefe veio, falou comigo: "Não, senhora. Tá precisando sim, tá precisando, senhora!". Aí eu falei pra ela: "Eu só não continuar no...". Aí ela, ela: "Se quiser começar hoje, a senhora pode começar!". Era uma fábrica de bala, assim.

AL: Uhum!
DI: Que a gente enrolava bala. É... Como é que se diz? Bombom! Negócio de enrolar bombom, aqueles negócios tudo de enrolar, tudo de doce, é.
AL: Uhum!
DI: Só enrolar os docinhos. Tinha, era, fazia "o coisa", a gente era, a gente era uma porção de meninas trabalhando, né? Era "uma rapaz" e moças, né? Tudo trabalhando. Aí eu fiquei. Aí, eu sei que entrei lá, minha filha, com 14 anos e saí com 18. Eu sei que nos meus empregos eu durava. Não sei por quê? (risos) Graças a Deus, esse ponto, isso eu tenho, conto até hoje. Que tem gente que trabalha e não para em emprego nenhum.
AL: É verdade! Todo mês tá num emprego diferente.
DI: Né, eu não! Aí, minha filha, eu saí de lá com 18, porque trabalhava, só entrava menor e saía depois que passasse a maior.
AL: Uhum. Tinha que sair.
DI: Tinham que sair. Entrava gente, e tinham que sair.
AL: Ah, que bom!
DI: Foi o que aconteceu comigo, né?
AL: Uhum.
DI: Aí, graças a Deus, que eu saí de lá, fui indenizada, ganhei um dinheiro, ainda comprei umas coisas pra minha mãe que tava precisando. As coisas que minha mãe não tinha, eu comprei com o dinheiro indenizado. Eu sei que foi muito ótimo pra tudo (?). (risos)
AL: Foi até bom fazer 18 anos!
DI: Foi até bom fazer 18 anos! (risos) Ai, meu Deus do céu.
AL: Aí, a senhora saiu...
DI: Aí, eu saí de lá. Eu sei que foi difícil à bessa de eu arrumar emprego. Aí, eu arrumei um emprego aqui, aqui no coletivo, não sei se você não acha, eu acho que você não deve ter conhecido, não, onde existe uma fábrica de carteira. Aqui, aqui... Tem o coletivo...
AL: Uhum!
DI: Atrás tem umas casas, assim, umas colada na outra, assim, uma rua ali perto do coletivo, não sei o nome agora, não. Aí... Aí uma colega minha falou assim: "Antonieta, tem um senhor ali que ele faz, faz... É, ele tem nos fundos da casa dele uma fábrica de carteira. Por que você não vai lá ver? Quem sabe que ele... Você não fica lá trabalhando? É aqui pertinho". Era em Realengo, eu trabalhava em Magalhães, né?
AL: Uhum.
DI: Aí, eu peguei, fui olhar e cheguei lá ele tava senta... Aí, eu fiquei. Arrumei até pro Dudu. Dudu Ivanir tava desempregado na época, falei: "Ah, Dudu vai lá, que ele também tá precisando de meninos novos, não sei o quê". Aí Ivanir mandou e Dudu ficou. Aí trabalhava eu e Dudu. Aí ele fazia carteira, né? Enrolava a sacola, não sei de que, nas carteiras, põe... Vira assim, virar, passar, esses serviços assim.
AL: Aí, depois acabou a vaga.
DI: É, aí depois que acabou, minha filha, e aí foi difícil de arrumar emprego. Não arrumava emprego em canto nenhum, aquela coisa toda...
AL: Ih, então a senhora ficou lá muito tempo, nas carteiras.
DI: Não, fiquei lá o quê? Acho que foi, foi um ano e pouco acho, que eu fiquei lá.
AL: É, ficou um tempinho.
DI: É, fiquei um ano e pouco. Aí, quando eu saí de lá, minha filha, ele acabou com a fábrica, né?
AL: Uhum.
DI: Aí, teve que sair. O Dudu já tinha saído antes, que o Dudu já foi para outro emprego melhor, uma coisa assim, agora não me lembro. Aí, eu fiquei! Mas quando acabou, aí foi aquela coisa de arrumar emprego. Eu tirava nos jornais uns emprego e via aqui... E eu precisando de emprego porque eu precisava trabalhar pra ajudar minha mãe, tinha que trabalhar pra ajudar minha mãe. Aí, eu falei: "Quer saber de uma coisa?". Comecei a ver a casas de família. Falei: "Eu, eu... A gente, quando quer trabalhar, não pode escolher emprego". Ainda mais a gente precisando.
AL: Com certeza!
DI: Não é?
AL: Sendo honesto.

DI: Sendo honesto, né? Num lugar bacana e tudo... Aí eu peguei e fui, tirei, aí vi dona Helô... Aliás, não foi nem no jornal. Agora... Meu primo, fazia faxina... Não, fazia faxina não! Ia, pintava, assim, a casa daquela gente lá debaixo, do, do Flamengo, ele ia lá pintar, ele ia lá limpar vidro, meu primo. Aí eu falando com ele e tudo, aí eu falei: "Ih, Edson, tô doida pra trabalhar, mas tá tão difícil. Você arrumasse uma casa de família lá pra mim, lá pra baixo, no Flamengo...". Aí, ele falou: "Não, Antonieta...".
AL: Na Zona Sul é mais fácil, né?
DI: É! Aí ele viu e calhou dele ir lá na dona Lourdes, não era dona Helô. Calhou dele na dona Helô, dona Elô tava precisando mesmo de uma pessoa pra trabalhar na casa dela, que ela não falava "empregada", ela falava "secretária". "Tô precisando de uma secretária". Não era "empregada", era "secretária"! A outra a mesma coisa, que eu trabalhei. Aí, aí ela pegou, aí ela falou ass... Aí ele falou, ele falou com ela: "Dona Elô, tem minha prima, ela é de confiança e tá querendo trabalhar, né... – Ah, então traz ela aqui". Aí, comecei lá no dia 01 de abril, né, Dia da Mentira. (risos)
AL: Mas foi verdade!
DI: Foi verdade!
AL: É. Aí comecei 01 de abril, aí eu falei: "Ih, meu Deus do céu, será que vai dar certo? Começar dia primeiro de abril, Dia da Mentira, não sei o quê, e tal". Menina, você sabe que com isso, eu fiquei lá 20 anos, 20 e poucos anos, sei lá, já nem me lembro mais. Mas eu tenho as carteiras, né?
AL: Uhum.
DI: Olhando ali, eu vejo lá quanto anos...
AL: Lá, a dona Helô assinou a carteira da senhora, tudo direitinho...
DI: Assinou! Assinou tudo. Pagava meu INSS, pagando nessa época... Não era INSS, não. Era...
AL: Inamps...
DI: Uma coisa assim, que era diferente de agora.
AL: É!
DI: Aí ela assinou minha carteira e tudo. Só sei, minha filha, que aí ela tava grávida de quatro meses, o Marcelinho nasceu, eu fiquei lá cuidando dela com ele também, ajudei, eu sei que eu fiquei esse tempo todo. Aí...
AL: Por que que a senhora saiu de lá?
DI: Aí, saí aí de lá porque ela tinha cachorro, ela tinha um cachorro só, e o cachorro eu tinha que sair ele na praça e eu não suporto sair com bicho assim que senão eu me irrito. Fica me puxando... Aí eu falei pra ela: "Ah, dona Helô, não vou ficar mais aqui na casa da senhora, não. Não vou ficar porque esse negócio de bich...". Aí veio, comprou mais outro cachorro: "Dona Helô, não posso!".
AL: Hummm... Dentro do apartamento?
DI: É, dentro do apartamento. Eu falei: "Não posso!". Oitavo andar, que ela morava, que ela mora até hoje. De vez em quando eu me comunico com ela.
AL: Uhum.
DI: Aí, eu falei com ela: "Ah, não. Não vou ficar, não senhora. É muito cansativo, ainda tem que levar cachorro na praça, voltar, é dois agora, eu não posso, a senhora tem um gato pequeno, eu... Não, não, não, não, não...". Aí, quando eu saí de lá, Marcelinho já tava maiorzinho, assim, já não tava mais aguentando. Reclamando, mas aguentando.
AL: Levou um tempo pra você sair.
DI: Ainda levou um tempo pra mim sair. Eu sei que eu fiquei lá, acabou que eu fiquei lá muito tempo mesmo. Aí, depois que eu saí de lá, aí o Marcelinho chorou, aí depois ela já tinha tido a Thayssa, e Thayssinha começou a chorar. Thayssa era pequenininha. (suspiro) Marcelo já era maiorzinho, né?
AL: Uhum.
DI: Aí, foi quando eu arrumei também essa em Copacabana, dona Lourdes, em Copacabana. Era sozinha, era ela e o pai dela, o pai dela era doentinho, tinha que ficar numa cama, não sei quê. Aí, eu fiquei lá no pai dela, né? Aí, eu fiquei, trabalhando, ela trabalhava fora, saía de manhã só chegava de noite, ficava eu e o pai dela, nós dois sozinho.
AL: A senhora dormia também?
DI: Eu dormia! Só vinha pra casa ou sexta, ou sábado. Aí, aí ela pegou, aí, ele morreu, calhou que também depois morreu, né, aí tudo e eu lá com ela, e tudo direitinho. Aí, coitada, se eu, se ela não tivesse morrido, eu tava com ela até hoje. Ela também era... Ô, meu Deus, ela era... Ia lá pra casa...
AL: Porque depois ficou só a senhora e ela, né?

DI: É, ficou nós duas. Aí, ela ia lá pra casa, ficava com a gente lá, almoçava lá comigo, minha mãe. Ela... sabe? Gente que não tinha dinheiro não é gente que é toda... Tem pessoas que nem tem, e são todos metidos.
AL: É verdade!
DI: Não, ela tinha, mas não era desse jeito. Era muito, era amiga mesmo, sabe? Amiga! Aí, isso é tanto, que esses dias eu até falei: "Mas eu tenho que ir lá na dona Helô, que nunca mais eu fui lá, tenho que ir lá pra fazer uma visita a ela". Er... Dona Helô não! É, dona Helô quando eu saí. Agora, dona Lourdes, ela faleceu. Dona Helô... Dona Lourdes!
AL: Tem muito tempo que ela faleceu?
DI: Tem uns... Cinco ou seis anos, que ela faleceu ou mais, que ela faleuceu. Aí de lá pra cá, não trabalhei mais. Aí, eu já tava aposentada, mas continuei trabalhando. Eu me aposentei, mas eu continuei trabalhando.
AL: Que a senhora tava com saúde ainda, né?
DI: Eu já tinha minha aposentadoria, já tinha meu coordenado, que ela me pagava muito bem. E ele pagava bem. Tanto eu ganhava bem na dona Lourdes, como eu ganhava bem na dona Helô. Eles me pagavam muito bem mesmo, naquela época ganhava bem, ainda me davam o dinheiro da passagem pra eu vir-me embora, no dia que eu tinha que vir-me embora.
AL: Que bom!
DI: Era marav... Era sério mesmo!
AL: Era, muito bom!
DI: Foi assim. Era muito bom! Tive sorte, graças a Deus! (risos) Porque tem lugar que você trabalha, você é maltratado...
AL: É verdade!
DI: ... Não te dá nome (?), não te dá comida, você faz isso, faz aquilo. Comia do bom e do melhor. O que eles comiam, eu comia. Tinha esse negócio, não. Antes de ir pra mesa, quando às vezes tinha visita lá de dona Helô: "Dona Helô, eu não vou, não, tá? Vou ficar aqui". Ela: "Não! Então tira tua comida primeiro! Tira, tira aqui, pois vamos comer tudo e você vai ficar aí". Dona Lourdes a mesma coisa, as duas. Aí, quando fui me aposentar, quem me aposentou foi dona Lourdes. Dona Lourdes que correu atrás da minha aposentadoria também, sabe? Correu atrás, foi ali, foi aqui.
AL: Que aí foi por idade.
DI: Por idade! Não, tempo de trabalho. Eu me aposentei cedo.
AL: Ah, é?
DI: Me aposentei cedo. Cinquenta e poucos anos já estava aposentada.
AL: Nova!
DI: Foi. Me aposentei cedo, porque elas correram atrás. Tanto dona Helô por lá, que ela... Lá onde eu trabalhava, eu continuava (?), sabe?
AL: Uhum. Se falando, né?
DI: É, aí a gente se falando.
DI: É, aí se falando com dona Lourdes pra aí ajudar a resolver a minha aposentadoria, aquela coisa toda. Eu sei que elas correram atrás e eu me aposentei.
AL: Novinha! Por isso que a senhora continuou trabalhando ainda.
DI: É. Aí, eu peguei, continuei trabalhando, me aposentei, continuei. Porque eu já tinha o dinheiro da minha aposentadoria, já tinha o dinheiro da minha, né... Eu precisava, não sou rica, eu era pobre. (risos) Eu tinha que... Não é?
AL: O pão com pedaço é um pão e meio, né?
DI: É, isso é. Aí, eu continuei trabalhando. Depois eu só parei de trabalhar porque ela morreu. Aí, eu sempre falei pra dona Lourdes: "Deus lhe guarde, Deus dê muita saúde à senhora, muita, muita, porque a senhora é tão boa pra mim... Pra minha família também". Eu levava meus sobrinhos pra lá, os meninos, Jorginho pequeno, menino, levava pra lá, essa semana lá comigo, ela cuidava dos meninos! Dava isso, dava aquilo pros garotos! Tinha ali só (?). Gente boa, gente boa mesmo! Aí, quer dizer, aí, aí eu falei pra ela: "Se Deus, a senhora morrer" – que eu via aquela já tava doente, sabe? – "Que Deus lhe guarde, que eu não quero, que a senhora vai melhorar, se Deus quiser, que Deus é pai, Deus é tudo". Mas ela já tava com câncer. Já, já tava passando já pra medula, não tava nem mais andando.
AL: Ih...Nossa!

DI: Não tava nem mais andando! Aí, eu falei: "Ah, não vou mais ficar, aí eu não vou querer mais trabalhar". Que aí eu tenho a pensão do meu pai, também. Meu pai morreu, eu fiquei com a pensão. Aí, falei, falei, digo, eu já tinha a pensão do meu pai, minha aposentadoria, e eu falei: "Não preciso mais...
AL: ... A senhora pode descansar.
DI: ... "Trabalhar mais". Ih, desde novinha, né, menina? A gente também vai cansando.
AL: Com certeza.
DI: Desde novinha que eu trabalho, sempre trabalhei. Sempre trabalhei! Ivanir sabe, Ivanir sabe disso. Ivanir casou com Jorge, mas Ivanir sabia. Às vezes saía do serviço, passava pra cá e passava direto pra casa dela. Dia de sexta feira, quando vinha me embora.
AL: Uhum.
DI: Aí, Ivanir, pedia a ela pra enrolar meu cabelo, pra fazer minha unha, essas coisas, que Ivanir fazia antigamente, agora que Ivanir parou, né? Aí, passava direto, vinha aqui, era assim. Mas... Aí eu falei assim: "Não vou mais trabalhar, não!".
AL: Vai não, né?
DI: Será que eu vou encontrar uma casa que eu tive sorte, na dona Helô e na dona Lourdes?
AL: Nada que a senhora encontrar, né?
DI: Sei lá. Tem gente que nem você... Eu, uma vez, antes de eu trabalhar pra dona Helô. É, agora que eu tô me lembrando, antes de eu trabalhar na dona Helô, na dona Helô, aí, uma amiga da mamã... Da minha mãe trabalhava lá pra Bar... Trabalhava na Tijuca, aí ela disse assim pra mamãe: "Ah, essa menina tá precisando de uma empregada". Que mamãe dizia que eu queria trabalhar, né, eu tava parada ainda, né? Aí... Aí, eu fui. Minha filha, eu cheguei lá tive a maior decepção da minha vida. Eu sei que eu não tava acostumada com isso. Comida, você quase não comia, fazia aqueles "tiquins" de comida só pra eles, eu comia mal, passava mal, não comia direito, eu falei: "Ah, não! Não vou ficar aqui, não!". É ruim, hein. Eu sou uma pessoa pobre, mas como direito, eu como bem.
AL: É verdade.
DI: Aí saí fora. Aí foi quando pediu <u>essa da mão da (?)</u> dona Helô, pra mim.
AL: E pra senhora, o que que significou o trabalho doméstico? O que significa assim?
DI: Pra mim, foi ótimo, porque eu sei que eu não precisava também, né? Eu, pelo menos, eu gostei, né? Eu, pelo menos, as duas casas pra mim foram maravilhosas! Né? Então, pra mim foi bom, não foram ruins, sabe? Agora, eu sei que tem muitas casas por aí que não é fácil, eu já peguei uma na Tijuca e eu vi que não era bom.
AL: Como é que... Pra senhora era difícil, era ruim esse negócio de passar a semana toda no trabalho?
DI: Não! Isso até... Olha, no princípio, logo assim que eu não tava acostumada, logo assim que eu entrei pra casa de família pra dormir, eu, no princípio, eu até chorava, eu sentia falta da minha casa. Aí, seu Fernando vinha assim: "Antonieta, minha filha, por que que cê tá chorando?". Meu patrão, ele era muito bom, morreu, tadinho. Deus te ponha num bom lugar que ele merece mesmo! Aí eu falava assim: "Ah, seu Fernando. Eu tô sentindo uma dor de cabeça e não tô bem". Mentira! Eu tava sentindo falta...
AL: Saudades de casa...
DI: ... Da minha casa e eu não estava acostumada a dormir fora de casa. Eu era muito agarrada com a minha mãe, a gente dormia, a gente junta numa cama de casal, dormia eu e minha mãe.
AL: Ih, ficar a semana inteira longe, hein.
DI: É, aí isso no princípio, menina...
AL: Entendi.
DI: Eu, sabe, eu sofri um pouco. Foi quando eu digo: "Meu Deus, eu preciso trabalhar e eles são bons pra mim". Ver isso e saiu tudo na minha cabeça também, né? Eu preciso de ficar, porque: "Já pensou eu arrumar outra casa e lá ser horrível?". Aqui eles são bons pra mim. Meu patrão, minha patroa é boa! Eu vou ficar chorando, vou ficar coisa porque to chorando. Aí no princípio eu falava: "Eu tinha que arrumar um emprego, ir e voltar todo dia". Mas aí era muito cansativo indo lá pra Copacabana.
AL: É, tem isso também.
DI: É, no Flamengo, ir e voltar todo dia era muito sacrifício!
AL: É verdade. Morando aqui em Magalhães.
DI: É! Aí eu vinha, às vezes, quando não vinha, quando podia vir sexta feira, aí eu vinha no sábado de manhã. Era assim que eu fazia. Nunca trabalhei domingo. Era só de, de... Só, assim, só às vezes só em dia de sábado. Só vinha sábado e ia embora de manhã. Pra mim foi, pra mim, eu gostei.
AL: E...

DI: As patroas foram maravilhosas. A dona Lourdes foi a que, dona Helô ainda tá viva. Eu tô querendo fazer lá uma visita a ela. Tô chamando Ivanir pra ir comigo, sabe, porque eu não queria ir sozinha. Aí, vou chamar Ivanir, para Ivanir ir comigo.
AL: Que é lá no Flamengo.
DI: Que é lá no Flamengo! É!
AL: Ah, vai sim, que a senhora ainda passeia.
DI: É, é. Dar um passeio. Eu falei com ela, ela ficou toda contente. "Poxa, você gostava muito de mim. Poxa...". E gosta de mim ainda.
AL: A senhora...
DI: Sempre me comunico com ela e tudo, ela é muito boa também. Agora dona Lourdes, tadinha, ela foi tão boa também, Deus levou ela, tadinha.
AL: Mas a senhora ficou com ela até ela falecer.
DI: Até ela falecer! Fiquei ali, com ela doente, ali. Eu cuidando dela (som ao fundo). Tá vendo? Fazendo tudo por ela. Ela depois me agradeceu. "Antonieta, minha filha, muito obrigado pelo o que você tá fazendo comigo. O que fez pelo meu pai e agora tá fazendo por mim". Eu digo: "Mas aquele lá de cima ajuda a gente. O que a gente faz pro bem, só ganha o bem!". Eu falava isso pra ela, sabe?
AL: É verdade.
DI: Eu sinto falta dela, tadinha. Eu sinto que ela era muito boa pra mim. Muito boa mesmo! Uma mãe pra mim. Uma mãe! Tinha minha mãe e tinha ela como mãe!
AL: E a senhora ficou uma vida com ela também, né?
DI: É! E eu emagreci, menina, por causa disso. Porque eu sentia uma falta dela, eu fiquei magra. Minha mãe, ela morreu, eu fiquei magra, minha mãe morreu, eu fiquei... Eu fiquei na pele do osso, porque a gente sente a morte, sabe?
AL: É, a gente sente, quando é gente, assim, muito próxima de vida.
DI: Ainda mais quando é uma pessoa querida. Me tratava tão bem, até minha família ia lá. Tratava bem. Quando eu fazia aniversário, pergunta à Ivanir, eu fazia aniversário ela mandava chamar a minha família. Ela fazia festa pra mim lá na casa dela. Se caísse num dia de terça, quarta, quinta feira, ela dizia: "Antonieta, chama o pessoal pra vir pra cá".
AL: E ia todo mundo.
DI: Ia! Havia uma colega minha que mora em Magalhães também foram, que ela mandou chamar.
AL: Que maravilhosa!
DI: Era, fazia festa pra mim. Ganhava tanto presente das amigas dela, do dinheiro, me davam até aqueles dinheiro assim, no, aquele coisa de fazer carta...
AL: Envelope.
DI: Envelope! Tinha dinheiro ali dentro pra mim, que elas me davam de presente.
AL: Maravilhosa!
DI: Puxa vida! Eu ganhava tanto perfume e eu não gostava de perfume, aí eu dava tudo pro Jorginho, falecido meu sobrinho, meu e da Ivanir, eu dava pra ele que ele gostava de perfume, eu dava tudo pra ele, que eu não gostava de perfume. A gente ganhava um presente, a gente não ia dizer...
AL: "Não, não quero!".
DI: ... "Não quero!". Não vou fazer isso, né? Ah, mas ela era uma flor e fazia aquele almoço pra gente, que ela fazia bobó de camarão, outras coisas... (?)
AL: É, comida boa!
DI: ... Muitas sobremesas, pasteizinhos de disso, daquilo, é... Ih, vou te contar. Pergunta a Ivanir. Aí, Ivanir: "Ih, comida gostosa!". (risos)
AL: Comia bem mesmo!
DI: Se comia bem mesmo! Era assim. Ó, os meninos iam pra lá, da dona Helô, os garotos do Nino e Dudu...
AL: Aham.
DI: ... Ou do Nino e Jorginho, iam pra lá. Chegavam aqui: "Mãe, lá é tão bom onde minha tia trabalha! (risos) É bom, que ela trata a gente bem, a gente come bem, do bom e do melhor!". Eles falavam, os garotos, criança se conta...
AL: Quando fala, fala mesmo.
DI: Criança, se fosse coisa, assim, de maltratar, eles falavam. "Me maltratou", "eu não comia", criança fala mesmo!

AL: Não guarda, não.
DI: Não guarda, não. Criança não guarda. E ela: "Antonieta, traz seus sobrinhos pra cá. Assim, tá de férias...". Quando eles tiravam férias da escola, né, aí eu levava eles e ficavam um tempo...
AL: Levava eles com a senhora.
DI: Ficavam uma semana lá comigo, que aí em dia de sexta feira, quando vinha-me embora, eles vinham comigo. Pronto!
AL: Que maravilha!
DI: Às vezes, eles me levavam de carro até o Largo São Francisco. Aí pegava o 392 e vinha-me embora de ônibus.
AL: Que beleza!
DI: Eles faziam isso, né? Muito bom, né? Muito bom, mesmo!
AL: É.
DI: Isso, graças a Deus, tem hora que eu tenho tanta saudade, eu sinto.
AL: Que era bom, né?
DI: É. Eu sinto saudade disso, que eles eram muito bom pra mim. Poxa, com a minha mãe também. Mamãe fazia aniversário, tinha presente pra mamãe. Era Páscoa, era ovo de Páscoa que ela comprava: "Antonieta, leva pra dona Ione". Aí ligava pra mamãe dando "Feliz Páscoa", mas gente, sabe, gente maravilhosa, mesmo, é difícil. Isso é difícil! A gente conta assim parece até que é mentira, mas é "verdade". Deus tá vendo que eu não to mentindo.
AL: É verdade! É sim! É difícil encontrar gente, pessoas assim.
DI: Tanto que eu parei de trabalhar, eu só parei por causa disso. Eu digo: "Não vou pegar em casa mais nenhuma, não, que eu não preciso mais". Graças a Deus, eu não ganho muito, mas pelo menos tenho o meu dinheiro...
AL: ... Direitinho...
DI: ... Minha aposentadoria e tem a pensão do meu pai. Moro sozinha, pago aluguel, que eu tenho dinheiro pra pagar, porque se não tivesse... Né? Por quê? Porque eles correram, ela falou: "Não, Antonieta. Você já tá na época de você se aposentar", Dona Lourdes. "Já tá na época de você se aposentar, sim. Ó, você já paga desde novinha". Pagava mesmo, desde nova.
AL: É, começou muito cedo.
DI: Comecei com 14 anos.
AL: Aí!
DI: Não é? Aí ela disse que tava na hora de eu me aposentar. E ela correu atrás com a dona, com dona Helô, e eu consegui... Eu me aposentei cedo. Cedo, cedo.
AL: E a senhora acha que o trabalho atrapalhou a sua convivência com a sua família?
DI: Não.
AL: Não, porque iam todos pra lá.
DI: Não, porque eu podia ir, eles podiam ir.
AL: Iam!
DI: A Ivanir foi não sei quantas vezes lá, me fazer uma visita. Tá? Ivanir ia muito lá. Então, quer dizer, pra mim foi, eu não tenho nada... A única coisa que eu tenho de me, que eu sigo me queixei foi essa da Tijuca. Essa não achei, não.
AL: Mas também lá, a senhora...
DI: Mas eu fiquei lá uns dois dias ou três. (risos)
AL: Mas não demorou mesmo, né!
DI: Ah, não, minha filha! Assim eu não fico, não! Não fico mesmo! Já pensou, tu tá num lugar desse? Você não tem regalia nenhuma, você não tem, como é que se diz, você não tem... Assim, até pra comer, você tinha medo de pegar um prato de comida pra cá... Ah, não! Que que isso!
AL: É, tem gente que não pode nem beber água.
DI: É, é. Tem muitos que são assim.
AL: Que não pode, que tipo assim, tem que trabalhar o dia inteiro pra comer uma coisinha assim cinco horas da tarde.
DI: É! É sim.
AL: Um negocinho assim. Uma besteira.
DI: É. Uma besteirinha!
AL: Nem um prato de comida.

DI: Não, lá não. Até no meu aniversário ela faria era jantar. Era muito comida, pergunta à Ivanir só. Jantar mesmo!
AL: Ah, nem eu nunca fiz jantar, gente. (risos)
DI: Fazia o jantar, aí convidava as colegas, aí era todo dia. "É aniversário da minha secretária, vamos pra lá"... Vou fazer o almoço pra gente...
AL: Vinha todo mundo com presente...
DI: As vizinhas tudo. Aqui minhas vizinhas... É, vinha todo mundo com presente, me davam dinheiro e tudo. A vizinha do terceiro andar também, que ela não era lá do quarto e a cozinha é no terceiro, e as vizinhas iam tudo para lá, que ela convidava. Pô, muito bom!
AL: É porque eu já conversei com gente que falam que não, não podiam nem beber água.
DI: Eu não. Essa da Tijuca foi assim! Até papel higiênico, a senhora falou assim: "A senhora, você tinha que trazer papel higiênico!". Que eu tinha que levar papel higiênico pra casa dela pra mim usar.
AL: Como que é isso?
DI: É mole?
AL: Se a senhora tava dentro da casa dela.
DI: Da casa dela e eu ia levar papel higiênico.
AL: Ah, é muito desumano.
DI: Ela falou isso pra mim, na minha cara! Falou que era pra eu levar papel higiênico, eu disse isso pra ela: "Não, não vou ficar mais, não! A senhora não precisa nem, coisa, que eu tô saindo!". Três dias só, ou dois, eu nem me lembro. "Já estou saindo! – Ah, vai embora?"...
AL: "Não volto mais!".
DI: Falei: "Não volto mais". Pra mim não serve!
AL: É verdade!
DI: Eu falei: "Deus que...". E eu acostumada, né? Que na dona Helô é maravilhosa. Dona Helô, tadinha, trouxa. Depois que eu fui pra lá, então, foi maravilhoso.
AL: Só com muita necessidade, né, que a pessoa se sujeita a isso.
DI: É mesmo! Mas foi muito... Eu sinto falta, sabe? Com eles lá, me distraía, né? Ficava lá e tudo. Mas sinto falta, mas...
AL: Que agora a senhora mora sozinha?
DI: Agora eu moro sozinha.
AL: E a senhora ouviu a expressão "quase da família"? "Como se fosse quase da família", "Como se você fosse quase da família", "Ah, você é quase da minha da minha família", a senhora já ouviu isso?
DI: Já, já. Eles falavam isso. Falavam que eu era da família.
AL: E como que a senhora se sentia?
DI: Eu me sentia bem, eu gostava.
AL: É?
DI: É! Não é...
AL: Mas...
DI: É da família. Poxa, que beleza!
AL: Mas era, tinha até jantar, gente, de aniversário!
DI: Tinha até jantar. É sim. Todo ano ela fazia meu aniversário. Todo ano! (som ao fundo) A não ser que caísse num sábado e domingo, eu vinha pra casa, né? Aí passava aqui na minha casa, com a minha mãe. Mas quando caísse em dia de semana, poxa! Tinha festa...
AL: Tinha comemoração lá.
DI: Tinha comemoração! Se caísse na segunda, na terça, na quarta...
AL: Uma família de verdade.
DI: Uma família de verdade! Deus que eu diga. Ela dizia mesmo: "Antonieta, você não é minha empregada, você é minha secretária!". Ela não me chamava de empregada, nem ela nem dona Helô, nenhuma das duas. Era secretária!
AL: Dona Helô foi a primeira, né?
DI: Dona Helô foi a primeira, depois é que foi dona Lourdes. Mas é isso, tá?
AL: A senhora acha que o trabalho doméstico trouxe, fez, causou algum mal, trouxe algum problema de saúde pra senhora?
DI: Não!
AL: Não?

DI: Não! Pra mim não. Agora, depois de velha, é que eu tô sentindo isso, tô sentindo isso. (risos) É dor no joelho. Mas não tinha nada disso. Não tinha, não. Não tinha, não. Se, qualquer coisa, eu pegasse uma gripe, eu corria com ela pro médico. Me levava pro médico.
AL: É mesmo?
DI: Eu não podia estar espirrando, espirrando: "Antonieta, você vai se grupar, minha filha. Vamos que eu te levo pro médico, eu vou te dar uma vitamina". Era algo assim. Ela comprava um remédio, ela mesmo que comprava, quando me levava no médico.
AL: A dona Lourdes era idosa?
DI: Dona Lourdes, ela, ela... Naquela época ela tinha o quê? Uns 50 e poucos anos.
AL: Nossa!
DI: Ela não tinha 60 anos, não. Ela morreu cedo. Novinha, tadinha.
AL: Eita! Nova à bessa.
DI: É, nova. Gostava muito de praia! Curtia muita praia. Ela era bem branca! Eu lembro que ela era e o irmão dela, via que ela era bem branca. Mas de tanta praia, que ela morava ali perto da praia, na Constante Ramos, né, ali perto da praia. Ela curtia tanta praia, que ela chegava a ser bem moreninha, bem morena de queimada de praia, sabe? Ai, muito boa! E me levava lá pra praia. E me levava pra jantar fora. A gente, antes de eu vir-me embora, em dia de sexta feira quando eu vinha-me embora, antes de eu vir a gente saía pra almoçar pra depois, então, aí ela ia pra casa e eu pegava meu ônibus pra vir embora.
AL: Que beleza!
DI: Jantava fora e tudo com ela. A gente ia jantar fora, lanchar fora com ela.
AL: Ah, muito bom!
DI: Me levava pro teatro. Naquela época, a Claudia Raia, no "Saia da Raia", no "Caia da Raia", sei lá, eu ia pro teatro com ela assistir Claudia Raia, puxa... Eu passeava muito. Com a dona Helô também fui ver no Canecão o Ney Matogrosso com dona Helô e seu Fernando. Depois me levaram, no, no, na Mangueira. Seu Fernando fazia revista lá na Mangueira, aí já tinha a mesa dele lá, preparado, esperando a gente, lá na Mangueira. Nós fomos no samba lá na Mangueira. Ih! Só tu vendo, minha filha, muito bom!
AL: Aproveitou, hein!
DI: Eu aproveitei. Graças a Deus! Eu sinto falta por causa disso...
AL: Ah, é verdade!
DI: Que hoje em dia não saio tanto... (risos)
AL: Quanto tava trabalhando.
DI: Quanto tava trabalhando, minha filha. Não saio mais, que Deus sab... E sempre a gente ia. Às vezes, dia de sexta feira, eu tava me arrumando pra vir embora, aí ela: "Antonieta, vamos almoçar primeiro, vamos, vamos almoçar, depois, então, você pega o ônibus pra ir embora, que você tem que ver sua mãe". Que ela que "tem que ver sua mãe", ficava a semana sem ver sua mãe. Aí a gente ia almoçar, depois ela me botava no ônibus, vinha me embora...
AL: Maravilhoso!
DI: E era assim.
AL: Muito bom!
DI: Muito legal! Eu tive sorte, graças a Deus!
AL: É, teve sim!
DI: Tive sorte sim! E minha irmã mesma coisa. Minha irmã que morreu, também trabalhava em casa de família, a Antonietate. Antonietate também, a casa que ela trabalhava era gente maravilhosa, dona Vanir (?). Era prima da dona Helô, eram primas.
AL: Ah, era tudo da mesma família! Por isso!
DI: A Antonietate também trabalhou muitos anos lá na dona Vanir. Depois dona Vanir também morreu, né?
AL: Uhum. Aí, ela também parou de trabalhar?
DI: É, aí parou. É... Aí, parou. Aí, depois ela engravidou também, teve que ter Sabrina, aí não pôde mais trabalhar.
AL: Uhum!
DI: Mas foi isso. A gente teve sorte, Antonietate também teve.
AL: É porque tem cada história que é... Surreal.
DI: Tem muitas casas que você não tem liberdade, nem pra ver televisão, você não pode.

AL: É!
DI: Eu tinha uma televisão, eu tinha televisão, eu tinha televisão no meu quarto, mas ela dizia: "Antonieta, vem aqui pra sala, vamos ficar aqui sala, vem ver comigo". E a gente ficava ali sala, e eu com TV ali no quarto. Só quando, que eu ia me deitar, é que eu ligava a televisão pra mim.
AL: No seu quarto?
DI: No meu quarto.
AL: E dona Antonieta, pra gente encerrar, é... A senhora acha, na opinião da senhora, por alguma razão, as mulheres negras são empurradas pro trabalho doméstico? São levadas pro trabalho doméstico?
DI: Eu não acho, não.
AL: Não? Por quê?
DI: Eu não acho, não. Não acho, não... Eu, na minha opinião.
AL: Não, é! É a opinião da senhora!
DI: Eu que acho, que sempre fui dessa cor e tudo, mas nunca, porque eu era preta, tinha nada dessas coisas.
AL: Uhum.
DI: Seu Fernando, então! Uma vez, me lembro como se fosse hoje. Meu patrão, não sei pra onde nós fomos, tinha um rapaz bem preto, bem pretinho, gostou de mim, sabe? Aí, eu: "Ah, eu não quero aquilo, não, nem sei quê". Aí ele: "Você tem preconceito de cor, Antonieta? (risos) O que é isso, Antonieta?". Eu falei: "Não, seu Fernando! Não é nada disso, não, que eu também não sou branca!". (risos) "Não, não é isso, não. Eu porque não gostei, seu Fernando. Ah, não é nada, não. Não é porque ele é preto, porque eu também não sou branca!" – eu pra ele. Aí, ele riu tanto e eu também ri, ah, mas era uma graça! Era tão bom! (som de muchocho) A gente se divertia, sair assim, na Mangueira. O dia em que nós fomos na Mangueira, uma porção de "neguinho" pra cima de mim. (risos)
AL: Mas a senhora não ficou com ninguém?
DI: Não! Não fiquei, não.
AL: Mas dona Antonieta!
DI: Não fiquei com ninguém.
AL: Mas por quê?
DI: Sei lá, não sei. Não gostei, não. Eu falei: "Ah, é samba. Esse negócio de samba"...
AL: "Essa gente de samba não presta, não". (risos)
DI: ... "Não sei sambar...". Nem de... Não são todos, não. Que tem uma amiga minha...
AL: Aham!
DI: Que ela conheceu esse marido dela na, na, na Portela. Na Portela, né?
AL: Aham!
DI: É, até hoje. E, casou, agora que ele ficou viúvo, que ela morreu, né, a minha amiga.
AL: Aham!
DI: Agora ele ficou viúvo, pode terminar com outra, mas deu certo. Deu certo...
AL: É, até ela morrer.
DI: Até ela morrer, sempre foi legal. Foi no samba, lá na Portela, que ela conheceu ele, portelense.
AL: É, vou falar pra senhora: é difícil! É raro isso aí.
DI: É raro! É difícil, né, mas... Com a Vanda (?) aconteceu isso, com a minha amiga. Ela morreu, tadinha, tem acho que dois ou três anos que ela morreu. Mas é isso, ela conheceu o Jorge lá. O nome dele é Jorge. Aí ela falava: "Ai, Antonieta! Esse negócio de arrumar namorado de samba... Será que vai dar certo?". Eu falava: "Ah, tenta! Quem sabe". (risos)
AL: Não custa nada tentar.
DI: É, quem saiba o que vem? E deu certo, mesmo! Deu certo! Casou com ela, casada, casaram direitinho e tudo... Compraram um apartamento ali, ali... Acho que é Senador Camará, parece, que ele comprou um apartamento. Eu fui muitas vezes lá na casa deles pra almoçar lá com eles, né?
AL: Uhum.
DI: Eu fui muitas vezes lá pra passar lá com eles, depois que ela morreu é que eu não fui mais. Então, viviam muito bem, eu ia lá, um casalzinho maravilho, tiveram um filho, um garoto, o Marcelo, o nome do menino é Marcelo, um garoto, um rapaz, né? Já tá um rapazinho já! E, eu sei que viviam muito bem e conheceu na Portela, lá na Mang... em Madureira. É na Por... Como é que fala?
AL: É Portela.
DI: É Portela, mesmo? É, fala "portelense", "portelense".

AL: É que lá antigamente.
DI: Antigamente era portelense, não sei se ainda é, ainda.
AL: É, é.
DI: Mas é isso.
AL: Mas ela deu sorte, porque é difícil.
DI: É difícil, foi isso que eu falei. E ela tava meio assim que ela tava quando era ela meio... Coisa. Ela gostava muito daquele que não saía lá da, da Portela, era esse que hoje em dia é... Quem canta essa música: "Foi o Rio que passou em minha avenida...".
AL: Aham, Paulinho da Viola!
DI: Bonito, menina! Ele era mesmo bonitão! Na Portela, a gente chegava lá e... Mas também era metido, minha filha, não olhava na cara de ninguém.
AL: É, não dava confiança para ninguém. (risos)
DI: E Vanda doidinha por ele, a minha colega. Nem vimos, "esse" vê se pode.
AL: Ele bem queria. Mas então, quando a senhora vinha pra cá, a senhora aproveitava e ia sair?
DI: Não, eu saía com as minhas amigas, a gente saía, a gente ia pra Portela, a gente ia... Pra uma porção de lugar quando eu tava em casa, a gente saía. Carnaval eu vinha pra cá, saía com as minhas colegas.
AL: Ah, que bom! A senhora passava o Carnaval em casa.
DI: Passei! Às vezes quando dona Lourdes viajava, que ela viajava muito, né, ela viajava, às vezes eu ficava em casa 15 dias no carnaval, ficava 15 dias, até mais, que ela ficava, ia pra fora, viajando. Ela tem a família dela que mora, ainda tem na Bahia e, e em São Paulo.
AL: E alguma vez a senhora viajou a trabalho? Não?
DI: Não! Não, nunca viajei a trabalho, não. Só daqui, por aqui mesmo. Uma vez ela queria me levar pra Portugal.
AL: Meu Deus!
DI: Aí, eu falei: "Não vou, que eu tenho medo de andar de avião". (som ao fundo)
AL: Ai, dona Antonieta!
DI: Não, eu falei: "Eu tenho medo de andar de avião, minha filha. Eu tenho pavor". Ela queria me levar pra mim conhecer: "Vamos, Antonieta. Tem meus amigos lá, tem meus amigos, que moram lá em Portugal, vamos passear...". E não ia como empregada, não. Eu ia pra passear mesmo!
AL: Aham!
DI: Conhecer Portugal, conhecer tudo.
AL: A senhora não queria?
DI: E eu não fui! E também na Bahia, também. A família dela, a Vera, queria me levar pra Bahia. A prima dela vinha aí, às vezes vinha pra aí, passar uns dias aí, quando vinha: "Antonieta, vamos passar uns dias lá pra Bahia – Ah, não! Você vai de avião? Não vou nada!". (risos) Não, que eu tenho medo de avião.
AL: Ai, dona Antonieta!
DI: Não conhecia essas coisas porque tudo pro medo. Eu podia... (risos)
AL: Ah, tomava um remédio pra dormir dentro do avião, que não ia nem ver, nem sentir e ia chegar.
DI: Sabe que o avião voa lá em cima e eu tenho pavor de altura.
AL: Não, a senhora ia de olho fechado.
DI: Ah, menina... "Vamos, Antonieta". Ela fez tudo pra mim ir pra Portugal e pra Bahia. Mas eu não fui, não.
AL: Não se animou?
DI: Não! Ela ia muito também pra, pra Europa, pra, pra, pra, pra Estados Unidos, ela viajava muito, a patroa. Produzia (?) mesmo, né? Ela trabalhava nesse nicho todo aí, com negócio de política... Ela ganhava dinheiro.
AL: É?
DI: Ela ganhava bem pra caramba!
AL: É?
DI: Ela ganhava muito bem!
AL: Ai, e a senhora não foi?
DI: Não fui. Aí, não deu pra mim ir. Aí, eu falei: "Ah, pra mim não. Se vocês fossem de ônibus... – Ônibus? Que ônibus!". (risos)
AL: Nem chega!

DI: Aí, a Ivanir, a minha irmã, e a Antonietate queriam ir pra Bahia de avião. Eu falei: "Se vocês for, eu não vou!". Que eu tenho família lá, que meu pai era baiano, né? Meu pai.
AL: Uhum.
DI: Eu tenho parente lá na Bahia.
AL: Nem assim a senhora se animou de ir?
DI: Ah, a Ivanir disse que ia com a Antonietate, com aquela outra minha irmã que faleceu, a Antonietate, aí, aí eu falei: "Então, tu vai com Antonietate! Tu vai com, com... Que eu não vou. Eu não gosto de avião. Se vocês quiserem, vocês vai, vocês duas, que eu não vou!". Aí, ficou nisso. Acabou que minha irmã faleceu também, não deu pra ir. Ih, Antonietate era doida pra ir à Bahia.
AL: É, porque ela faleceu de repente.
DI: De repente, foi de repente. Ela era doida pra ir pra Bahia. Mas aí, minha filha, quando ela aconteceu de ir, eu falei: "Eu não vou, mas vai você com Ivanir! Eu não vou, não!".
AL: Mas se a senhora for, vai ônibus.
DI: Pois é. "Mas aí quando você chegar lá o ônibus, a gente já tá voltando". (risos)
AL: E isso é verdade!
DI: O ônibus já tá voltando.
AL: Quando vai ser o tempo de desembarcar se o avião voltar?
DI: Ah, mas foi isso, menina. Eu tenho, eu sou medrosa. Tenho pavor de altura. Tenho pavor.
AL: Mas no avião, a gente nem sente que tá no alto.
DI: Sei lá, menina.
AL: E a senhora toma um remedinho pra dormir que a senhora, ó. Nem vê. Quando vê, já chegou o teu voo. Ué.
DI: Chegou lá.
AL: É.
DI: Não, mas a Vera, a Vera...
AL: Ainda mais no avião, que no avião é rapidinho.
DI: ... A Vera, a Vera quando vinha passar em Copacabana com a gente aí, na casa da prima dela, ela vinha de avião também, né? Aí, num dia que ela ia embora, não ficava aí dez dias, 15 dias aí conosco aí na dona Lourdes. Aí quando ela ia embora, aí ela dizia: "Quando eu chegar lá, eu ligo pra vocês!". Menina, quando eu pensava que ela tava viajando: "Oi, Antonieta! Cheguei!". Que ela tinha aquela coisa de falar, né? "Antonieta, já cheguei, tô aqui na minha casa!". Aí, eu: "Fez boa viagem? – Fiz! Graças a Deus!". (risos)
AL: Pra Bahia é rapidinho.
DI: É! É, num instante, é.
AL: Duas horas.
DI: É, duas horas. É rapidinho.
AL: É o mesmo tempo que a gente leva pra chegar no centro.
DI: Daqui, da cidade?
AL: É, se a gente for pela Brasil...
DI: É?
AL: É, a Brasil toda parada.
DI: Ah, é. Com esse movimento todo aí, é horrível.
AL: Leva duas ou três horas pra chegar na cidade...
DI: Pra chegar, é mesmo!
AL: É o mesmo tempo. A senhora indo lá, quando, depois que ele... Enquanto ele tá subindo não, a senhora sente que ele tá subindo...
DI: É?
AL: ... Dá uma pressão no ouvido que é desagradável. Mas depois que estabiliza...
DI: É, né?
AL: ... Não sente nada.
DI: A Antonietate: "Ih, deixa de ser medrosa. Avião tem nada disso! Ah! É... Não sei o quê. Se te acontecer alguma coisa, acontece com um carro, com um ônibus, com isso, com aquilo". (risos) Pior que ela falava assim mesmo.
AL: O problema do avião é que se acontecer...
DI: É...

AL: ... Não tem meio termo: vai morrer!
DI: É, não tem mesmo, não.
AL: Não tem isso. "Ah, vou me quebrar e vou me...". Não, morreu!.
DI: Qual o nome daquele ator? Coitadinho! Aquele cantor, tava agora, agora que tava fazendo sucesso. "O nome dela é 'Jéssica'"...
AL: Aham.
DI: "Tadinho", pegou o "aerocóptero", sei lá...
AL: Era um... Monomotor. Que é um aviãozinho pequenininho.
DI: Pequenininho, né? Coitado, caiu e o rapaz não foi embora?
AL: Avião não tem...
DI: Agora que ele tava fazendo sucesso, coitado.
AL: Pegou o avião, avião não tem meio termo, não.
DI: Ah, meu Deus do céu, muito triste, menina!
AL: Caiu, já era.
DI: Coitado, foi muito triste!
AL: Mas não cai!
DI: É, né...
AL: Só cai, quantos a senhora viu de acidente de avião?
DI: É muito difícil, é! Isso é muito difícil!
AL: É difícil! Tem muito mais acidente de carro.
DI: De carro, é. Ônibus, é... Sim.
AL: Eu acho que a senhora devia criar coragem e ir pra Bahia.
DI: Eu queria que tenho parente lá...
AL: Então!
DI: ... Por causa da família do meu pai.
AL: Pra senhora ir lá ver o pessoal, pra senhora passear lá, conhecer, depois de trabalhar tanto.
DI: Mas aí, a filha da dona, eu contei até pra Ivanir isso, a filha do seu Fernan... Do seu João, um amigo nosso...
AL: Uhum.
DI: Ele, a mulher dele, a família dele, também é baiana, a família dele toda é baiana, as filhas dele são professora, não sei quê, são tudo já estudada elas, né?
AL: Uhum.
DI: Aí, elas tiraram férias de fim de ano, natal, assim, quando elas foram passar lá. "Vou pra casa das minhas tias, das minhas primas". Aí foram pra, pra passar o natal lá na Bahia. Natal, ano novo, uma coisa assim. Minha filha, elas disseram assim: "Eu no Rio, Antonieta, eu nunca fui assaltada. Eu fui pra Bahia, me assaltaram dentro do ônibus. Me carregaram meu relógio, meu cordão, meu celular, me carregaram tudo!".
AL: Aham, na Bahia é pior do que aqui.
DI: E ela disse que aqui nunca foi assaltada, aqui no Rio.
AL: Lá na Bahia é pior do que aqui.
DI: É, diz que é, diz que assalta à bessa. Ela, eu fui saber disso, foi ela que me falou, a filha do seu João.
AL: Ela, lá é assim, sim. Eu me lembro que uma vez a gente foi, fui até com Priscilla.
DI: Hã...
AL: Aí a gente foi naquele negócio do Farol da Barra...
DI: Sei!
AL: O pessoal veio com uma faca assal... Assaltar a gente.
DI: É, menina?
AL: Com uma faca assim. E a gente saiu correndo. A sorte é que não tinha revolver, porque se tivesse...
DI: Se tivesse revólver, atirava, né?
AL: Aqui, atirava daquele jeito.
DI: É, é mesmo! É.
AL: Aí, depois a gente foi num carnaval, aí a Priscila tava com a máquina, a máquina fotográfica, tirando a foto do trio elétrico...
DI: Hum!
AL: Levaram a máquina dela, novinha.

DI: É, menina?
AL: Aquelas máquinas...
DI: Sei!
AL: ... Digital.
DI: Hã...
AL: Levaram! Ela nem viu.
DI: É, pegam, diz que lá é horrível. "Pra tu vê Antonieta" - Ela conversando comigo – "Antonieta, eu to aqui no Rio, eu vou trabalhar e tudo, e nunca fui assaltado. Agora, fui lá pra Bahia com as irmãs do meu pai e roubaram tudo da gente!". Roubaram dinheiro... (risos)
AL: Ó, só não levaram da gente no Farol da Barra porque o negócio era com faca...
DI: Hã.
AL: ... Mas se fosse com revolver... E aí, quando a gente viu a faca, a gente começou começou a correr, correndo, correndo, correndo, quase que a gente chega no Rio de Janeiro também.
DI: Mas todo lugar tem essas coisas, né?
AL: É.
DI: Eu ouço falar do Rio Grande do Sul, eu tenho uma amiga que é de lá e ela diz que lá assalta muito também.
AL: Mas é aquilo, por exemplo, aqui eu nunca fui assaltada, graças a Deus.
DI: Eu também, eu também! Graças a Deus, nunca fui. Graças a Deus!
AL: Nunca passei isso de ter que fugir, de ter que... Não.
DI: Eu também, eu também. Nunca aconteceu! Até agora, nunca aconteceu. A gente espera de tudo.
AL: E continuar assim.
DI: Se Deus quiser. E Deus quer.
AL: Eu tava lá passeando assim, num ponto turístico, né?
DI: É!
AL: Então, tipo, lá tava cheio, e o pessoal com uma faquinha assim, querendo enfiar a faquinha na gente.
DI: Pra poder assalt...
AL: Assaltar a gente, e não tinha mais a gente. Eu vim embora no dia seguinte de manhã, tinha nem mais dinheiro, tinha nem mais nada.
DI: É, menina...
AL: ... <u>Quase que chego aqui ainda (?)</u> correndo.
DI: Menina... É chato! Ainda mais que a gente não conhece muito o lugar...
AL: Exatamente!
DI: Não conhece muito.
AL: Não conhece, não sabia nem pra onde correr direito.
DI: É, menina.
AL: E a gente ficou correndo toda vida, justamente por isso, por nunca conseguir chegar num lugar que a gente reconhecesse.
DI: Sei!
AL: Então a gente continuou correndo e correndo. Gente, eu não tenho corpo pra correr... e tinha correr. Aí ela falando: "Corre, corre, corre, que eles estão atrás da gente". ... A gente nem olhou pra trás. (risos) Olha...
DI: Dá medo, não dá?
AL: Pô, dá sim.
DI: Dá medo sim, dá.
AL: Principalmente por isso...
DI: Ela disse: "Antonieta, nós ficamos apavoradas!". Disse que dentro do ônibus...
AL: Você não tem noção onde você tá.
DI: ... Disse que uma turma de ladrão dentro do ônibus. Que ela falou. Disse que assim de ladrão dentro do ônibus. Dizem que eles fazem aquele cerco assim pra poder tirar bolsa. É...
AL: Outro lugar que fui que é mega perigoso assim, mas não dava nem pra ir pra praia assim direito é o Maranhão.
DI: É, menina?
AL: É muito perigoso!
DI: É, menina?

AL: Tinha que tá no hotel, aí o pessoal do hotel: “Vai sair? – Vou! – Ó, não pode isso, vai por ali, não vai por aqui...
DI: É...
AL: ... Não anda na rua, não sei quê, não sei quê...”. Aí, não pode nem sair do quarto de hotel...
DI: É, aí não pode nem passear.
AL: Não aproveita!
DI: É, não aproveita nada.
AL: Não aproveita nada!
DI: Que isso, gente...
AL: E aí, tipo, é o que eu falo: “Aqui é perigoso? É perigoso sim! Mas se tiver que sair eu saio!”.
DI: Eu também, também saio. Se eu tiver que passear num lugar assim, eu vou sem problema nenhum.
AL: Não, quando eu fui pro Maranhão...
DI: Não, a gente fica, a gente fica com receio. Porque tá tudo bem e tem tanta coisa acontecendo, mas a gente sai assim mesmo.
AL: Ao invés de voltar dez, você volta oito, mas você foi. Mas nesses lugares não, você não vai. E aí você nesses lugares pra passear, enfim... Dona Antonieta, muito obrigada. A gente terminou.
DI: Ô, minha filha...
AL: Eu agradeço muito à senhora.
DI: Obrigada a você também. (risos) Já separei tanta coisa que eu tava com vontade de falar da minha, da minha família... Ui, ui, quebrou, quebrou?
AL: Quebrou não.
DI: Ah, pensei que era aquela coisa de quebrar. Ai, minha filha.
AL: O ruim, deixei eu só salvar...

ENTREVISTA TRANSCRITA – CAROLINA MARIA, 86 ANOS

DA: Você gostou de mim, que me...
AL: Gostei muito! A história da senhora é maravilhosa! Vamos começar, então? Quando a senhora nasceu, dona Carolina?
DA: Dezoito de setembro de 1933.
AL: A senhora solteira?
DA: Sou. Só criei os filhos dos outros. Não tive tempo pra mim, não.
AL: Teve não?
DA: Não.
AL: Por que tava trabalhando?
DA: Comecei pelos irmãos...
AL: Aham.
DA: ... Que minha mãe ficou viúva cedo com 6 filhos...
AL: Nossa! A senhora era a mais velha?
DA: Não era segunda.
AL: Aham.
DA: Mas ajudei a criar meus irmãos e fui começando, trabalhando, trabalhando... Nunca fui de farra, nunca fui de nada. Criação, aquela criação de baiano.
AL: A senhora é baiana?
DA: Sou baiana!
AL: Arrasou! Eu adoro a Bahia.
DA: Hã?
AL: Eu adoro a Bahia. Já fui pro Carnaval lá. É bom!
DA: É, o Carnaval lá é muito bom.
AL: Ah, gente... É maravilhoso!
DA: Eu sou baiana.
AL: A senhora ainda tem... Os seus pais são falecidos?
DA: Meus pais são.
AL: E seus irmãos?
DA: Irmãos eu tenho... dois.
AL: Dois irmãos!
DA: Quer dizer, vivos.
AL: Morreram três? Nossa! E a senhora tem contato com eles?
DA: Tem!
AL: Tem contato?
DA: Não me deixam, não.
AL: Mas eles estão aqui no Rio ou tão lá na Bahia ainda?
DA: Não! Tem um que mora aqui no Rio...
AL: Uhum!
DA: Não, todos os dois moram aqui no Rio. Não deixam de me procurar, não.
AL: Com quantos anos, dona Carolina, a senhora começou no trabalho doméstico?
DA: Eu acho que com 20, 20 e pouco. Porque minha profissão mesmo é bordadeira.
AL: É?
DA: Costurei no Senai.
AL: Arrasou! Meu sonho é aprender costura.
DA: Eu aprendi a bordar...
AL: Costurar também?
DA: Costurar, eu costuro. Mas muito pouco. Cortar, principalmente, não. Mas na máquina, eu trabalho.
AL: E borda na mão?
DA: Bordo na mão e bordo na máquina.
AL: Arrasou! É... A senhora trabalhou em quantas casas?
DA: Só nessa, só. Que eu vim pra casa dela, justamente, para bordar o enxoval da filha dela mais velha...
AL: Uhm!

DA: ... Que casou. Aí, ela a, a segun... A caçula, que era a caçula, ela tinha quatro filhos, ela tava, tava... A menina, a mais velha ia casar e ela apareceu grávida.
AL: Hum... Tendi.
DA: Quando o bebê nasceu, eu sempre gostei muito de criança, minha paixão sempre é criança. Aí ela achou que eu gostava de criança, pediu à minha mãe, porque a minha mãe não queria deixar eu ficar, né?
AL: Que a senhora vinha bordava o enxoval e voltava para casa.
DA: ... Eu ia embora pra casa.
AL: Uhum!
DA: Aí ela falou pra mamãe, que a minha criação foi uma criação muito reservada, né? Não tem bagunça, não ia a Carnaval. Aquela educação antiga, né?
AL: Uhum! Uhum!
DA: Então minha mãe falou se ela tomasse conta de mim, que eu podia ficar. Senão, devolvesse a filha dela. Eu fiquei, fui ficando, quando a menina nasceu sempre fui louca por criança, comecei a tomar conta.
AL: Uhum!
DA: Aí, um dia ela me chamou: "Você vai parar tudo o que você faz e vai tomar conta de Silvinha".
AL: Ah, da Silvia.
DA: É! Tudo que for dela, tá nas suas mãos.
AL: E a senhora ficou.
DA: E eu fiquei.
AL: Até hoje.
DA: Até casar... Não, depois a mãe dela ficou doente, teve artrite reumatoide. Eu fiz, assim, não fiz um curso completo, mas aprendi... Fazer as coisas.
AL: Uhum.
DA: Mais rápida...
AL: Uhum.
DA: Que o marido dela era médico e me orientava em casa. Fiquei tomando conta dela, fui pros Estados Unidos com ela, que ela foi ver médico lá, fui três vezes, fiquei lá com ela, a gente voltava...
AL: Ai, que bom!
DA: E eu ali ao lado dela. Aí, quando ela faleceu, eles fizeram a reunião disse que eu ia me embora pra Bahia. Já, minha mãe já tinha falecido e meu irmão que morava, que é mais velho do que eu, que mora em Salvador, ele falou que ele não ia ficar, porque, porque não ia ficar aqui na casa dos outros.
AL: Mas a senhora era jovem ainda? Quantos anos a senhora tinha, mais ou menos?
DA: Já tinha desde uns 50 e pouco, quando minha mãe morreu.
AL: Uhum.
DA: Aí, eu fiquei, fui ficando e tô com eles até hoje.
AL: Então tá, né!
DA: Ela casou... E eu tô com eles até hoje.
AL: Que coisa! Agora ela que toma conta de mim. (risos) Ela é que toma conta de mim. Se eu tô aqui lavando louça: "Largue isso aí! Já falei que você não pode lavar louça!".
AL: É, né! Já lavou bastante, né!
DA: É!
AL: Ah, eu acho. A senhora, dona Carolina, a senhora estudou?
DA: Estudei!
AL: Até que série?
DA: Eu fiz o primeiro... Lá na Bahia, a gente faz o primeiro ano e o segundo. Aqui é grau, né?
AL: Isso!
DA: Primeiro e segundo grau.
AL: Aí, a senhora fez até o segundo?
DA: Fiz, até o segundo. (pausa)
AL: Dona Carolina, me conta, por favor, como é que era... A senhora veio pra cá com 20 anos, com 20 e poucos anos, lá na Bahia a senhora já trabalhava. E a senhora já trabalhava, a senhora trabalhava com o quê?
DA: Primeiro, eu comecei bordando.

AL: Aham. Então, a senhora borda desde sempre?
DA: Já, desde sempre. Acho que com 15, 16 anos (som ao fundo) já tava aprendendo. Comecei bordando, depois fui trabalhar numa, numa firma... De montar brinquedo, montava brinquedo.
AL: Que barato!
DA: É! Na firma, eu trabalhei muito tempo, parece que uns seis anos. E de lá, foi que eu vim pro Rio.
AL: E como é que chegou o convite pra senhora vir pro Rio?
DA: A minha mãe lava roupa pra fora.
AL: Aham.
DA: E a família que... O pessoal lá que, é... Tinha dinheiro, a mãe dessa menina lá, que eu tô falando, a Silvia (?), era baiana...
AL: Ah, entendi!
DA: ... Ela foi pra Bahia, aí, queria trazer uma bordadeira, justamente...
AL: ... Pra fazer o enxoval, da filha. Entendi!
DA: Aí, minha mãe trabalhava com a irmã dela, que também se chama dona Silvia. Dona Silvia falou: "A filha de Candinha (?) borda, quer que eu chame pra ver?". Aí ela mandou me chamar. Sabe, porque mamãe... Tudo que era pra fazer, era minha mãe.
AL: Uhum.
DA: Que eu só tinha irmão homem, era aquela prisão. Antigamente o negócio era difícil.
AL: Uhum! Eu imagino.
DA: Os filhos fazem o que quer. Aí chamou mamãe, falou: "Você quer ir?", dona Célia falou, "Aí dona Silvia, se você quiser, ela lhe leva". Aí, eu fui, ela fez a entrevista comigo, sobre o que que eu fazia de bordado, ela mandou eu fazer uma amostra...
AL: ... Ela gostou.
DA: Perguntou à mamãe se podia trazer, meu irmão mais velho não queria deixar. Aí, ela mandou chamar meu irmão. Nessa época, o cunhado dela era governador da Bahia. Que era o Luiz Viana (?). Aí, mandou chamar, mandou falar que o cunhado dela era governador da Bahia, que arrumava emprego, que fazia tudo o que quisesse, mas que ela me trazia, que se eu gostasse, ficava, se não gostasse, ela me devolvia.
AL: Uhum.
DA: E ela assinou contrato com a minha...
AL: Dizendo isso.
DA: Foi. Se ela, ela... Eu gostasse, eu adorei. Chegando aqui, uma filha de cinco anos, pra mim foi uma maravilha. (risos) Que eu sempre adorei criança.
AL: Uhum.
DA: Ih, meu Deus! Era delicioso pentear o cabelo de "Melissinha" (?), dar banho, levar pro colégio, buscar...
AL: Aí, a senhora fazia o bordado do enxoval da Silvia, e tomava conta...
DA: Não, eu fazia o enxoval da Solange, que era...
AL: Ah, entendi! Aí, depois veio a Silvia.
DA: Aí, a Silvia foi a que eu criei.
AL: Entendi!
DA: Aí, fiquei, fui ficando, a mãe foi ficando doente também, teve artrite reumatoide, ele me botou pra fazer um curso, pra enfermagem.
AL: Uhum.
DA: Quer dizer, no fim...
AL: Que a senhora já ficava como cuidadora já, da mãe dela.
DA: Aí fui cuidando, fiquei com a mãe dela. Peguei porque podia pegar.
AL: Muita dor, né?
DA: Uma coisa horrível. Aí, fiquei com ela, fui ficando. Aí, quando ela faleceu eu fiquei com ele, elas vieram tudo encima de mim. "Você não vai deixar papai, porque papai não sabe fazer nada. Não sabe nem o que que tem dentro de casa".
AL: Porque aí, a essa altura, elas já tavam crescidas, já tinham saído de casa...
DA: Já tinham saído de casa, já tavam tudo casada.
AL: Uhum.
DA: Aí, você tem que ficar como mãe. Quer dizer, o papai, quem vai tomar conta agora é você. Já... trabalhava...

AL: São quantas filhas?
DA: Tinha Silvia, "Silvinha", tinha Solange... E Cessé (?), Cessé já faleceu.
AL: Aham!
DA: ... É Célia, o nome dela. A Célia já faleceu. Só tem Solange, Silvia e Célia. E tem o filho, que é o Eduardo. Eu chamo ele de Dudu.
AL: Então, eram cinco crianças.
DA: Eram cinco crianças, mas aí, eu só tomava conta da Silvia. Porque Cessé era doente, era a enfermeira que tomava conta. Foi ficando, ele faleceu, aí fiquei pra tomar conta da casa, que era a Cessé.
AL: Uhum.
DA: Porque... A menina que tomava conta, tomava conta dela. Em casa, ficou por minha conta.
AL: E aí, ficou a senhora, o pai...
DA: Não, o pai faleceu.
AL: Ah, o pai faleceu.
DA: O Pai faleceu e eu fiquei tomando conta. O marido da Silvinha casou, mas a pouco faleceu... Mas ela já tinha os dois filhos, aí fui tomar conta dos filhos dela. Os meninos me chamam de vó.
AL: É mesmo? (risos) Que barato!
DA: É... Pedro e Luluca (?). Todos os dois já são casados também. Ele é casado até com uma doutora que trabalhou aqui, a Bruna. Ele casou, não, Melissinha casou. Tem três filhos... Tem... Três. Não, é Flora, Luan e como é o outro (som ao fundo)... Miguel!
AL: Miguel! Fugiu o nome, mas voltou.
DA: É.
AL: Aí, a senhora mora com a Silvia até hoje.
DA: Até hoje! Agora quem cuida de mim é ela. (risos) Eu cuidei dela, agora ela cuida de mim.
AL: É isso! Maravilhosa!
DA: Mas ela pra mim é tudo na vida. Mas é muito boa pra mim. Não briga. Não é uma pessoa nervosa.
AL: Uhum.
DA: Ela é calma.
AL: Também, a senhora pegou ela bebezinha, né?
DA: É, barriga da mãe!
AL: É verdade!
DA: Porque a mãe dela, quando ficou grávida: "Quando nascer, quem vai tomar conta é você, que sua mãe disse que você sabe tomar conta de criança!". (risos)
AL: É uma vida inteira. Literalmente! É uma vida.
DA: Uma vida... E os meninos. Eles são muito amorosos comigo, eu não tenho o que falar.
AL: Uhum... Ela tá com quantos anos?
DA: Silvinha tá com 50 e... É, Silvinha tem 60 anos.
AL: É uma vida. É uma vida inteira! E a senhora gostaria de ter trabalhado com outra coisa? Ter feito outra coisa?
DA: Não, hoje em dia, eu ainda bordo assim, pra não esquecer, né?
AL: Aham.
DA: Eu ainda faço, assim, um bordadozinho, depende de alguém, que eu faço um pouco. Na Bahia é o "ponto se movo", pra vestidinho de criança. Às vezes alguém, alguém... "Ah, Alberta. Faz um vestidinho pra minha filha". Aí a Silvia diz assim: "Só você tiver paciência, que ela agora não pode trabalhar de noite". Aí, eu faço.
AL: A senhora enxerga bem?
DA: Enxergo. De óculos, eu enxergo. Mesmo assim, sem óculos eu enxergo.
AL: Aham. Mas aí pra bordar tem que ser com óculos. Acho que com óculos eu não ia conseguir, que eu não enxergo direito nem com óculos.
DA: É?
AL: Falar pra senhora: não enxergo direito nem com óculos.
DA: É, eu enxergo bem à bessa.
AL: Arrasou! A senhora tá ótima. Tá melhor que eu. (risos)
DA: Com 80 e poucos anos, mas...
AL: A gente ainda tá colocando o... Passando a linha na agulha, fazendo um desenho.
DA: Pera aí que eu trago pra cá, que eu vou fazendo...

AL: Gente, arrasou! Acaba que a senhora vai pra casa só no final de semana. (som ao fundo)
DA: Eu nem sei, minha filha. Porque ela disse, ela ia, ela foi viajar.
AL: Uhum.
DA: E como ela foi viajar, a gente aqui já sabe, em casa que a gente já trabalhou muitos anos, se eu não tenho o que dizer, se eu não tenho o que falar mal de ninguém, se eu falar é porque é verdade.
AL: Uhum.
DA: Mas as meninas que trabalham comigo, me tratam muito... Me respeitam!
AL: Uhum!
DA: Não é só nem pra cá (?). Elas me respeitam pela minha pessoa.
AL: Uhum.
DA: Nunca a gente brigou. Quando eu falo "isso não pode", elas não fazem. Eu tento dizer, mas ela não gosta de deixar.
AL: Deixar a senhora sozinha com essas pessoas.
DA: É, essas pessoas.
AL: Que tem outras pessoas trabalhando lá agora.
DA: É. Ela sempre teve uma menina.
AL: Aham.
DA: Eu falo menina por dizer, mas é mãe de filho...
AL: Aham! Já é um pouco mais que menina. (risos)
DA: É, um pouco mais que menina. Então ela acha que eu aqui...
AL: Fica melhor cuidada do que em casa.
DA: Do que em casa.
AL: Entendi!
DA: E ela disse que eu sou muito teimosa, que aí eu vou querer fazer as coisas...
AL: É verdade, né! Vai querer lavar a louça. Né?
DA: Querer lavar a louça, varrer casa...
AL: Mas não precisa...
DA: Ela não quer de jeito nenhum.
AL: Mas a senhora não precisa, dona Carolina.
DA: Viu, você não vai se casar, porque lá você não vai trabalhar. Você é muito teimosa.
AL: É, gente! E ainda é arriscado a senhora cair. Se machucar...
DA: É, cai e quebra o pescoço.
AL: É, exatamente! Não pode, gente.
DA: Aí, ela me traz pra aqui. Da outra vez eu vim, ela perguntou se eu gostava, que ela pergunta...
AL: Aham!
DA: Ela faz como eu quero, então também não vou dizer o que não é. Fala a verdade. Se eu soubesse que sou maltratada, eu ia dizer que sou maltratada.
AL: Sim. Não vai mentir, né?
DA: Não vou mentir. Lá pra mim é bom, me trata bem. Eu vou pro banheiro, ela me ajuda. Se eu preciso de alguma coisa, eu peço. Nunca fez cara feia pra mim!
AL: Uhum!
DA: Então, eu vou falar que essa menina aí, essa morena, que ela fala, elas são amigas. Aí, ela falou: "Vai, eu arrumo outro lugar pra ela". Aí, eu vim pra cá.
AL: E a senhora gosta?
DA: Eu adoro aqui (?). (risos) Eu gosto, fico lá sentada. Se tiver o bordadinho, fico fazendo.
AL: Conversa com alguém.
DA: Converso! Que eu gosto de conversar.
AL: Ver um movimento diferente.
DA: É, isso mesmo! É. Vejo um ou outro sair... (?) "Carolina, que que tá fazendo aí?". (risos) Eu fico dando risada.
AL: E em casa? O que que a senhora faz? O que que a senhora gosta de fazer? (som ao fundo) Ver televisão.
DA: Ver televisão, nem televisão! Ela botou televisão no meu quarto. Vou botar televisão aqui, que você não quer ficar aqui, às vezes o menino, que tinha 26, 27 anos: "Vem ver televisão comigo". Aí eu digo: "Mas por que vou ver televisão contigo, meus irmãos sabem me ensinar, quem sabe é vocês!".

AL: Ah, mas tem as crianças. As crianças já diverte.
DA: É, já diverte. Mas não fica todo dia.
AL: Ah, entendi. Eles vão de visita, né? Entendi.
DA: ... Já saiu tudo do colégio. Depois da aula, então... Esse mais velho, quase não sai. Porque ele também já com quase 15 anos. Ele tá na... Sempre gosta de sair, ir pra praia, jogar futebol e a mãe não quer, né? Então, tem que ficar no ouvido dos pais.
AL: Eeeeeeiii. Que é a fase mais difícil, né? Eu acho... Com esse negócio de adolescência.
DA: Adolescente.
AL: Se bem que eu não trabalho pra minha mãe, não. Senão a vara comia solta.
DA: É... Com ela o negócio é sério. O do meio é mais calminho, chama João.
AL: Aham!
DA: É até meu afilhado.
AL: É?
DA: É!
AL: Que barato!
DA: Quem batizou fui eu. É o eu que sinto, né? Pelo modo em que me trata, eles me tem muita consideração, todos eles. Ela, a filha, o filho... Não tenho... Quando fico mais longe, me encontram e me abraçam, me beijam.
AL: Que coisa boa, né?
DA: ... Parada. (risos) Pra mim é bom.
AL: Quando a senhora tava... Desculpa cortar a senhora. Quando a senhora tava mais jovem, tava trabalhando e tudo, a senhora... Saía, passeava?
DA: Saía, passeava. Eu tinha uns amigos que moravam ali em Cascadura, eu ia pra casa deles.
AL: A senhora morava aonde?
DA: Quando eu... Sempre morei com ela.
AL: Mas em que bairro?
DA: Copacabana. Quando eu trabalhava com a mãe, eu morava em Copacabana. Nasci pra vir (?).
AL: Aham!
DA: Depois que eu passei pra ela, que a dor (?) é no Leblon. Mas sempre trabalharei pra ela, pra mãe dela, depois foi com o pai.
AL: Aí, você ia ver seus amigos em Cascadura, passeava.
DA: Passeava. Viajei muito com a mãe dela, que ela tinha artrite reumatoide...
AL: Aham.
DA: E eu que tomava conta. Aí, vinha pra Salvador. Que ela não andava, né?
AL: É?
DA: Ela andava na cadeira de rodas. Fui pros Estados Unidos, fomos pra São Paulo...
AL: Aproveitou nos Estados Unidos?
DA: Aproveitei.
AL: Passeou?
DA: Passeei. Passeei porque ela botou uma criatura pra passear.
AL: Jura?
DA: Juro!
AL: Gostou dos Estados Unidos?
DA: Adorei!
AL: Ah, eu também! Quando eu fui pra Nova York, dona Carolina... Ah, eu não queria nem voltar...
DA: É muito boa.
AL: ... Nunca mais! Ah... Dona Carolina, não queria voltar nunca mais. Quando cheguei, até chorei.
DA: Ah, eu ia. Ela botou Rosa pra me levar, que ela trabalhava lá, né?
AL: Aham.
DA: Rosa me levava pra passear, me levava pro, pro cinema, e aí...
AL: Que maravilha! Ai... E a senhora ficou muito tempo lá?
DA: Não, eu ia sempre, às vezes passava um mês,
AL: Aham.
DA: ... Foi o máximo que eu aproveite.
AL: Ah, mas dava pra aproveitar um mês, hein.

DA: É, que ela ia pro médico, só nos dias que ela tava na clínica que eu não podia sair.
AL: Aham. Que a senhora ficava acompanhada ela e não podia sair.
DA: Ela não confiava em ninguém...
AL: Uhum.
DA: Mas ele ia também, que ele também era médico e ele também não confiava.
AL: Uhum.
DA: Ele ia pra ver todo o tratamento. Às vezes seu Alberto (?): "Hoje, hoje é o seu dia, vai passear que a Rosa tá vindo aí".
AL: Que maravilha!
DA: Eles foram muito bons pra mim também.
AL: Ah, que bom, né?
DA: É... Não posso falar que não foi. Não deixava de ter um "pega-pacapá" aqui, que eu também não sou muito boa, não. Se não gostavam, eu to faltando pra trás. (risos)
AL: A senhora fala mesmo?
DA: Ô, se falava... Mas no ponto de me tratar, me tratavam... Me tratam bem. Vê a família, né, a Silvia. Enquanto ela não veio, não conversou com ela pra não me deixar em casa. Que ela disse: "Se eu deixo você em casa, você vai fazer as coisas".
AL: É verdade!
DA: Ela trabalha também, né?
AL: Durante a semana, você fica com a menina aqui...
DA: ... É, fico aqui...
AL: ... Que trabalha lá também.
DA: Aí...
AL: Mas a senhora obedece a menina, quando ela fala pra senhora não lavar a louça?
DA: Quando ela não tá em casa... Quando ela tá em casa, eu obedeço. Quando não tá, meu amigo... (risos) Vou lavar a louça, vou fazer comida.
AL: Meu Deus! E ainda faz comida, dona Carolina.
DA: Ainda faço comida.
AL: Ai, gente. Eu quero ver... Eu quero correr da cozinha, gente.
DA: Ela, ela quando chega, quando vai almoçar, ela fala assim: "Essa comida quem fez foi a babá. - risos - Se você for pra cozinha fazer comida, em cinco minutos te boto pra fora de casa". Aí, eu digo: "Ah, eu tava ali, não tava fazendo nada, aí fui fazer comida".
AL: (ruído) "Não tá fazendo nada"? Vem aqui, fazer um bobó de camarão. Uma feijoada. (risos)
DA: Agora eu tô fazendo bordado. Ela diz: "Você tem seu bordado, vai bordar! Não tem que fazer nada na cozinha".
AL: É, gente...
DA: Mas a gente, quando trabalha, não sabe ficar parado, não. Sabe?
AL: É verdade. É chato, né?
DA: É chato!
AL: É chato...
DA: Você ficar vendo os outros fazendo e você ali sentado. Não dá...
AL: É chato... É sim! Você tá acostumada numa rotina, né?
DA: Uma rotina... Você não para. A gente sabe que o que os outros estão fazendo, talvez, é melhor do que o que a gente faz, mas a gente não se conforma.
AL: Conforma não. Mas não pode abusar da forma. Deixa eu perguntar um negócio pra senhora. É... Enquanto a senhora tava trabalhando, como é que a senhora fazia pra ver a sua mãe e seus irmãos lá na Bahia, a senhora ia?
DA: Ia! Ia, que a família também era baiana, então sempre ia também. Aí, de vez em quando me levava. E quando a Silvinha era pequena, onde a Silvinha ia, eu ia.
AL: Ah, é?
DA: É! Ela não levava Silvinha pra lugar nenhum se eu não fosse.
AL: Ah, é?
DA: É, aonde Silvinha, eu ia.
AL: Entendi. Então, quando ela ia passar férias na Bahia, a senhora ia junto.
DA: Ia junto.

AL: Aí, a senhora aproveitava pra ver sua mãe...
DA: ... Ela ficava com a irmã dela, que era casada, e eu levei minha mãe, dormia em casa. Levava ela pra minha casa!
AL: Jura? Que bom!
DA: Levava ela lá pra casa, ela adorava, brincar lá com o meu sobrinho.
AL: E a senhora ainda tem contato com esses sobrinhos ainda?
DA: Com os sobrinhos, eu tenho. Pera aí, aqui não tenho sobrinhos... Tenho! Tenho uma sobrinha.
AL: Aqui?
DA: Tenho uma: Xuxa.
AL: E ela... Xuxa? (risos) E ela vai visitar a senhora?
DA: Vai, ela não me deixa.
AL: Os seus irmãos também visitam a senhora?
DA: Meus irmãos, meus irmãos... Tem um que é doente, da cabeça...
AL: É?
DA: É! Esse aí não sai, pra sair... A mulher também... Ele já tá mais idoso. E o outro, de vez em quando vai. Com dona Violeta, vai. Agora, tem essa Xuxa que foi uma mãe que criou... (risos) E essa daí não me deixa. Quando eu vim pra aqui, ela me passou três dias lá na casa dela.
AL: É?
DA: É! Silvinha também gosta muito dela.
AL: Ah, porque é uma convivência muito próxima, né?
DA: Muito próxima. É! Xuxa não deixa. Os outros sobrinhos, não... Não vai muito, não. Mas sempre procuram saber.
AL: Uhum.
DA: Mas a Xuxa não me deixa. (risos)
AL: O nome dela é "Xuxa" mesmo?
DA: Não, é Valdete.
AL: Valdete, Xuxa é melhor! (risos) Da "Xuxa" é... Gostei mais.
DA: Já tava... Xuxa já tava, parece, com 49, 50 anos...
AL: É?
DA: É!
AL: Xuxa já tá com idade, né?
DA: É... (risos) Já tá velhinha. Mas ela é muito calma. Ela vai, fica. Faz as coisas... Se fizer errado, ela conserta. (risos) Mas ela sempre vai me ver. Os outros não. Os outros são mais difíceis.
AL: Uhum.
DA: Que são assim, gosta muito, que vão, que ficam incomodando. São mais difícil, são de ficar junto. Mas telefonam, sempre procuram saber.
AL: Entendi! Sua mãe já faleceu há muito tempo?
DA: Já, mamãe já. Mamãe já deve ter uns 10 ou mais anos...
AL: É, já tem bastante tempo.
DA: Ela tava aqui no Rio.
AL: Ah, ela tava aqui no Rio, quando faleceu?
DA: Que na Bahia agora eu só tenho um irmão... Não, só tenho um sobrinho.
AL: Todo mundo veio pro Rio...
DA: É.
AL: Que coisa...
DA: Só tenho um filho do meu irmão mais velho, que é falecido (?), só tem um, que mora aqui também, e só.
AL: Ai, eu acho a Bahia tão melhor...
DA: É...
AL: ... Do que aqui.
DA: Mas eles vieram pra cá. Mamãe veio, [todo mundo veio]...
AL: ... Todo mundo veio junto.
DA: E quem não veio junto, veio depois. (risos) Negócio de família é difícil.
AL: É verdade. Ela veio pra trabalhar?
DA: Não.

AL: Ela veio pra viver mesmo aqui?
DA: [Pra trabalhar].
AL: Pra viver mesmo aqui. Entendi! E pra senhora, o que significa esse trabalho?
DA: Pra mim é ótimo. (risos) Pra mim ótimo que eu já tô acostumada, faço o que quero, quem conta, quem toma conta de tudo sou eu...
AL: Ah, é?
DA: É... Quem toma conta de tudo sou eu.
AL: Mas dona Carolina, a senhora agora tem que descansar...
DA: Mas eu durmo de tarde.
AL: Cinco minutos! (risos)
DA: É... Chega de tarde, eu deito lá no meu quarto, que o meu quarto é separado, sozinho, com a minha televisão, ligo a minha televisão, fico lá... Quem quiser se virar, que se vire. (risos) É assim...
AL: E a senhora namorava? Dava tempo de namorar?
DA: Ah, dava! (risos) Já namorei. Namorei sim. Quando não prestou, mandei ele voar. Já tava velha já, já tava velha já pra aturar homem chato. Aí, mandei voar.
AL: Mas gente... Mas a senhora via esse namorado quando?
DA: Hum?
AL: A senhora via esse namorado quando? No final de semana?
DA: Não, eu podia sair. Se eu quisesse sair, eu saía.
AL: Ah, se a senhora precisasse sair durante a semana, a senhora podia sair?
DA: Podia!
AL: Ah, tá!
DA: Ficava dentro de casa não. Eu preparava, se tivesse que ir jantar, eu preparava o jantar, botava lá na mão da copeira e ia-me embora.
AL: Arrasou! Mas a senhora morava lá?
DA: Morava com eles! E depois que ela ficou doente, é que eu fiquei um pouco mais presa.
AL: Uhum.
DA: Eu tomava conta dela. Ela não andava...
AL: É, ficou mais complicado.
DA: Ia com a mão dela (?) e nem todo mundo sabia fazer. Que ela tinha muitas dores, que a perna dela era horrível... Que ela tinha muitas dores e você não podia pegar ela assim, se você apertasse ela aqui, a sua mão ficava direitinho no braço dela.
AL: É?
DA: É! Ela tinha fragilidade capilar.
AL: Gente...
DA: É horrível. E aquilo era... Ela gritava de dor... (inaudível)
AL: Que sofrido...
DA: (inaudível) ... Dizem que foi câncer nos ossos. Como eles eram médicos lá, eu entendo.
AL: Uhum.
DA: Mas que ela sofria, sofria muito.
AL: Muito sofrido isso.
DA: Então, foi o tempo que eu fiquei mais presa. Que às vezes eu saía, quando eu saía ela ficava chorando. Aí, eu ficava com pena, voltava.
AL: Igual criança, né?
DA: É, igual criança. Era chato, eu ficava com medo de alguém pegar ela, derrubar e o médico só ficava recomendando. Que se ela quebrasse um osso, não tinha como...
AL: ... Não ia colar mais. Ela ficou assim quanto tempo?
DA: Ela ficou uns oito, ou dez anos... No começo não foi tão terrível, mas o final foi.
AL: Foi, né? Ai, gente... Que coisa sofrida...
DA: Viajava, ia pros Estados Unidos, ia, voltava... Era aquela agonia. Muito puxado!
AL: É...
DA: E ela foi uma pessoa muito boa.
AL: É, né?
DA: É! Mas a vida é assim, né?
AL: É verdade. A gente não sabe.

DA: Não sabe.
AL: Mas que é triste, é triste. Ainda mais pra quem fica acompanhando, né? (som ao fundo) Não pode fazer muita coisa.
DA: É, tinha dia que eu ficava olhando assim pra ela com uma pena, ela dormindo... Mas não tinha jeito. Outra pessoa, ela não queria.
AL: Ah, não, né? Porque a senhora imagina: a pessoa já tá sofrida com a doença...
DA: É...
AL: ... Aí, vem uma pessoa que a gente não sabe quem é, às vezes não tem paciência...
DA: ... Não tem paciência.
AL: ... Não tem cuidado.
DA: Queria pegar, quando pegava, menina, mesmo assim, não pode. Se esticar muito ela, as vértebras dela vão descolar todas. (suspiro) Não pode suspender. "Você quer mandar muito. – Eu não tô mandando, eu tô te explicando". Né?
AL: Exatamente.
DA: Por isso, o marido dela, que é médico, me ensinou o que devia fazer.
AL: Pra ela ficar o melhor possível, né?
DA: Possível! E ele confiava de eu sair, se eu não estivesse dentro de casa, ele não saía.
AL: Tá certo, né?
DA: Não é? Eu tinha que ficar em casa.
AL: Porque a pessoa doente... Rapidinho, deixa eu ver se tá gravando mesmo. Que a pessoa doente, ela fica muito frágil já, né?
DA: Fica! Mas como fica!
AL: Ainda mais a pessoa sem poder se mexer, não pode se defender.
DA: Se defender... E ela foi muito ativa. Trabalhava com esse negócio de E-Social (?) [dava uma pequena cruzada]. Fazia roupinha pra criança. No final de natal, no final do ano ela dava roupinha para as crianças...
AL: Uhum.
DA: Ela foi muito ativa pra se ver encima de uma cama virada pela mão dos outros.
AL: É muito triste...
DA: Muito triste! Eu e imaginava isso.
AL: É... Muito triste.
DA: Eu ficava pensando e ela era uma pessoa alegre. Ela mesmo doente, ela não demonstrava.
AL: Uhum.
DA: Mas quando saía, às vezes eu saía, aí falava assim: "Você vai sair? – Dizia – Não, vou só ali buscar o seu remédio, daqui a pouco eu tô de volta".
AL: Uhum.
DA: "Não demore, não. Viu?". (risos)
AL: Agora eu entendi porque que a senhora ficou mais presa, né?
DA: É... Aí eu ficava presa.
AL: Eu entendi...
DA: O que que eu ia fazer?
AL: Nem dá pra dizer "não". Dá?
DA: Não dá.
AL: Não dá.
DA: E depois que a gente se apega, então, é pior! Porque não dá pra você deixar.
AL: Não dá, não.
DA: Porque você se acostuma com o sofrimento daquela pessoa, que não dá pra você sair, que acha que tá fazendo maldade.
AL: Sim... E você deve ficar pensando: "Que que vai ser daquela pessoa se eu não estiver? O que que vai acontecer?".
DA: "O que vai acontecer? O que será que vão fazer com ela?".
AL: Isso! "Vão fazer alguma maldade?".
DA: Maldade... Às vezes ela tá querendo se virar, vai querer pegar, não sabe pegar, pega errado, ela também não sabe onde tá...
AL: Uhum! É isso.

DA: Aí, já viu. [Eu não]...
AL: Ai, não fica em paz, não.
DA: Não fica, não. A filha mais velha dela ficava assim: "É, só você mesmo pra tomar conta da minha mãe". Porque nem os filhos, ela deixava... Pegar nela. Não deixava. As meninas chegavam, a mais velha vinha de Salvador, todo mês ela vinha, ela ficava quatro, cinco dias.
AL: Que responsabilidade, dona Carolina! Pesado isso.
DA: É, pesado.
AL: Pesado...
DA: Por isso que agora elas cuidam, ela cuida de mim assim. Ela nasceu, ficou pequena, eu criei, fiquei a vida inteira, depois fui ficar com ela, pronto! Aí, ela não quer que eu "faça", não quer que eu "aconteça".
AL: Tá certo, né! Mas a senhora trabalhou assim mesmo até quantos anos?
DA: Com ela?
AL: Não, até quantos a senhora trabalhava assim mesmo? Tomava conta da casa, arrumava a casa, fazia a comida...
DA: Até hoje. (risos) Com 85 anos.
AL: Mas hoje a senhora faz porque quer, dona Carolina.
DA: Mas não tem jeito, se eu quiser lavar a roupa, eu vou lá e boto a roupa na máquina...
AL: Meu Deus! Pelo amor de Deus!
DA: Se a comida, se a carne estiver encima da, da... Dentro da pia, eu não gosto de ver carne dentro da pia, eu vou logo lá e vou tirando.
AL: Meu Deus!
DA: Eu vou logo fazendo a comida!
AL: Meu Deus!
DA: Não tem jeito! Não sei ficar parada. Por isso que me trouxe pra aqui.
AL: É, né...
DA: Ela disse: "Não - Eu não sei o nome dela -, tem uma vaga pra você ir lá, que só assim você vai ficar deitada".
AL: É, gente. Vai sentar, vai ver televisão, vai conversar, vai fazer o bordado.
DA: Bordado... Ela não deixa. Aí ela: "E eu vou viajar e vou deixar você aqui em casa? Vou não! Não tem quem venha ficar com você, porque eu sei que você vai querer fazer tudo".
AL: Não vai nem ouvir a pessoa, né?
DA: Não.
AL: A pessoa vai falar: "Dona Carolina, não faz isso, não. Não precisa!".
DA: "Não precisa", e eu já tô fazendo. (risos)
AL: "Ah, não sabe de nada!". Tá certa ela, né? A senhora acha que esse trabalho trouxe oportunidades pra senhora?
DA: Eu acho que trouxe.
AL: É?
DA: É! Que eu não sei... Casar, eu não casei. Tive uma pessoa... Seis anos. Mas não dava certo. No final, não dava mesmo.
AL: Uhum.
DA: Eu tinha o meu trabalho e ele tinha o dele. Às vezes quando eu tava em casa, ele não tava. Quando ele tava, eu não tava.
AL: Uhum.
DA: Então, foi... Sabe aquela coisa que vai acabando...
AL: Uhum.
DA: E aí acabou. Aí, eu não queria mais ninguém.
AL: É?
DA: Não queria mais ninguém.
AL: Não ficou com mais ninguém?
DA: Não!
AL: E com quantos anos a senhora tinha?
DA: Nessa época eu tinha uns 30 e pouco.
AL: Nova!

DA: Não queria, não queria mais ninguém. Achei que era chato porque eu tava atrapalhando ele e ele me atrapalhando.
AL: Uhum.
DA: Ele achava que: "Não... Isso e aquilo".
AL: Ele implicava com o seu trabalho.
DA: É! Aí...
AL: Não dá, né?
DA: Não dá.
AL: Aí, não dava.
DA: Não dava. Antes só do que mal acompanhado. Eu não posso deixar de trabalhar, porque tem que ajudar a minha família, porque minha mãe era viúva e meus irmãos eram todos menores.
AL: Uhum.
DA: Eu pensava muito nos meus irmãos. Que eu tinha medo de dar pra vagabundo, pra isso, pra aquilo...
AL: Uhum.
DA: ... Queria que estudasse.
AL: Uhum.
DA: Tinha que ajudar minha mãe. Então, às vezes quanto eu podia ter um tempinho, eu ia ver minha mãe. Disse, ele não gostava.
AL: Ué? Ah, não dava, não...
DA: Não dava.
AL: Entendi a senhora.
DA: [Não tem.] "Mas seus irmãos já estão grande, tudo é homem – É homem, mas são meus irmãos".
AL: Uhum.
DA: "Minha mãe é viúva, se ela tivesse, era diferente. Mas não é! Ela é sozinha!".
AL: Sim, ela ficou com seis filhos, né?
DA: Pra criar sozinha, não dava. Eu tenho que ajudar minha mãe. E... Não deu certo.
AL: Acabou, cada um pro seu lado.
DA: Aí, não quis mais ninguém. Vou sossegar minha cabeça. Já tava com uns 50 e pouco, ou mais... Sei que
AL: Ah, largou pra lá.
DA: Larguei pra lá.
AL: Vou falar pra senhora, que a senhora nem perdeu nada. Só pioraram.
DA: Só pioraram.
AL: De lá pra cá: só pioraram.
DA: Só pioraram. Que não melhora, mesmo.
AL: Não melhora, não. Só piora.
DA: Quando começa a desenrolar, é difícil de enrolar outra vez. Aí, eu deixei, fui ficando... Mas não perdi, viajei... Quer dizer, se fosse na época que eu tinha que viajar com dona Célia, ele não ia deixar. Porque ele não ia ficar...
AL: Mas era seu trabalho!
DA: ... Uma semana, duas, um mês sozinho. Achava que ele tava abandonado.
AL: Eu, hein, gente!
DA: Deixa pra lá. Quando ela falou que eu ia pros Estados Unidos com ela, eu tomava conta dela, eu não ia dizer "não".
AL: Uhum.
DA: E depois que eu precisava trabalhar, precisava ter dinheiro.
AL: Sim. Também era uma oportunidade da senhora ir para os Estados Unidos.
DA: Conhecer um lugar que... De jeito nenhum podia ir por minha conta.
AL: Exatamente.
DA: Porque é difícil!
AL: Sim!
DA: Ainda está recebendo um salário.
AL: Ih, pra comprar várias coisas lá?
DA: Ah, várias coisas. Porque ela trocava pra mim pra comprar tudo em dólar (som ao fundo)... Pra eu comprar o que eu quisesse.

AL: Ah, que maravilhosa! Fala pra senhora que quando eu fui lá, eu comprei até comida... (risos)
DA: ... Eu também.
AL: ... Pra trazer.
DA: E eu não comprei também?
AL: Olha, eu acho que teve em seis meses (inaudível). O quê? Acho que teve em seis meses de comida dentro da minha casa. Eu comprei tudo o que senhora possa imaginar. Eu comprei ketchup (inaudível), eu comprei batata, eu comprei tudo pra trazer. Depois tive um medo de ficar presa na imigração.
DA: Trazer pra minha mãe ver, mais meus irmãos.
AL: Eu trouxe, eu trouxe.
DA: Dona Célia falava assim: "Mas Alberta (?), você vai levar comida?".
AL: "Vou!".
DA: "Vou levar pros meninos ver". Que eu chamava meus irmãos de "meninos".
AL: Aham.
DA: "Eu vou levar pros meninos ver, mais mamãe". (risos) Ah, eu tadinha... Eu trouxe vinho...
AL: Eu também (?).
DA: ... Eu trouxe azeite.
AL: Eu também, embrulhava tudo nas roupas...
DA: ... É. E vinha trazendo.
AL: Vinha trazendo. Um medo de ficar presa na imigração, de não poder entrar. Mas vinha linda. "M&M" era saco de quilo.
DA: Às vezes eu trazia, botava na mala dela, porque a mala dela não era registrada...
AL: Aham.
DA: ... Porque era doente...
AL: Aham.
DA: ... Ela tava numa cadeira de rodas e ela tinha "muitas amizades" e a minha também não registravam, não. Porque ia no meio das delas, aí muita coisa botava no meio da mala dela. (risos)
AL: Era a senhora que ia desfazer depois, mesmo, né?
DA: Não era? Eu mesma que depois ia desfazer. Sabia que no aeroporto, eles não iam mexer...
AL: Uhum.
DA: ... Que ela era doente.
AL: Uhum.
DA: E lá nos Estados Unidos eles respeitam muito lá essas coisas, né? A pessoa tem tratamento, qualquer coisa, eles tem muito respeito, né?
AL: Uhum.
DA: Aí...
AL: Ia ser bem tranquilo.
DA: É, bem tranquilo. Porque eles já passam com polícia em tudo, né? Aí, ela vinha na cadeira de rodas e a doutora vinha acompanhando. Então, a gente passava ali...
AL: Gente, fez isso tudo em não resolveu o problema?
DA: É uma doença que não tem jeito.
AL: É, gente... Que coisa!
DA: Ainda não acharam o tratamento.
AL: Que coisa mais triste...
DA: Não sei hoje em dia. Mas há cinco ou seis anos quando eu deixei, não acharam, não.
AL: Que tristeza...
DA: O marido dela ficava desesperado. Fazia junta médica...
AL: ... Pra ver...
DA: ... Pra ver o que faziam. Porque ele era professor. Ele fazia junta médica.
AL: Isso era o quê? Anos 80, anos 90?
DA: Não, ela quando morreu já tinha 67 anos.
AL: Ela?
DA: Ela!
AL: E a senhora tinha...
DA: Eu devia ter uns 50 e pouco. Eu era mais nova do que ela.

AL: Então, era mais ou menos 2000 e... (inaudível) É! Mais ou menos 80, 90. Que coisa! É, mas deu a oportunidade pra senhora, pelo menos, de viajar, né?
DA: É, viajar, né? Distrair a cabeça. E ela era uma doente que ela não era triste. Ela conversava com você, que você não soubesse que ela tinha aquela doença, não via que ela era...
AL: ... Ninguém dizia.
DA: Nem dizia! Jogava biriba.
AL: Maravilhosa.
DA: Levava ela pra, pra... "Célia, hoje vai ter jogo"...
AL: "Vamos pro jogo!".
DA: "Carolina, vai se arrumar que você vai me levar... (inaudível) Pra ver a fulana jogar (?). Tal hora você vai me buscar". Tinha a casa à vontade com motorista.
AL: É?
DA: É! É, ela tinha o carro dela com o motorista, pra onde quisesse ir.
AL: Aí, a senhora pegava o carro, botava ela, levava, deixava ela...
DA: ... Ela lá.
AL: Depois buscava de volta.
DA: E trazia, chegava na hora, ele ia me levar e me trazia com ela. Aonde eu quisesse ir, ele tinha que me levar. (risos) Às vezes eu gritava: "Nelson, tá na hora do remédio de dona Célia! Eu vou descer, hein!". Isso, eu gritava lá de cima do sétimo andar. Dizia: "Tá bom, dona Alberta. Eu vou tirar o carro". Ia buscar o remédio dela. Ele me levava, ele me trazia.
AL: Que beleza!
DA: Era assim. É por isso que eu digo: não foi um tempo mau. Trabalhei... Perdi muitas noites... Mas que em certos pontos, fui bem recompensada. Porque tratar de uma pessoa doente, tem que ter consciência de que certas coisas tem que ser pesadas.
AL: Sim!
DA: E outras tem que ser recompensadas.
AL: Sim!
DA: Não é?
AL: Quando ela ficou doente, a senhora deixou de fazer os serviços de casa.
DA: Deixei...
AL: Só cuidava dela.
DA: Só cuidava dela! Não podia nem entrar na cozinha. Não podia por causa do cheiro de comida...
AL: Uhum.
DA: O médico falou logo.
AL: Então, a senhora era só cuidadora dela.
DA: Só cuidadora dela.
AL: Mas pesado também.
DA: Pesado. Ficava ali sentada de olho.
AL: Pesado...
DA: É...
AL: Muita responsabilidade pra senhora.
DA: Tomava conta assim da casa, porque da casa ele disse que não sabia fazer. Negócio, de pagamento, pra, pra pagar as empregadas, ver luz...
AL: ... Ver compras...
DA: ... Fazer compras... Isso era comigo.
AL: Uhum. E tomar conta dela.
DA: E tomar conta dela!
AL: Então, a senhora era tipo uma governanta.
DA: É...
AL: É... Governanta, mais cuidadora.
DA: É cuidava dela e tomava conta da casa.
AL: Aham.
DA: Aí, chegava, pegava a copeira, a gente ia com o motorista fazer compra. Aí, fazia as compras. Aí, quando chegava em casa, eu subia, entrava no banheiro, tomava banho e acabou.
AL: Voltava pro quarto.

DA: Voltava pro quarto. Era puxado.
AL: Era puxa... Era difícil! Difícil...
DA: Tô aqui hoje, minha filha, atéi hoje, com 85 anos, nunca tive nada.
AL: Jura?
DA: Não tenho dor de coluna, não tenho dor no braço. Só tenho velhice. (risos) Só chegou a velhice.
AL: Não tem pressão alta...
DA: Não tenho nada.
AL: Que coisa boa. Tô falando, a senhora tá melhor do que eu. Que de vez em quando, eu vou pro hospital pra pressão alta.
DA: É? Eu não.
AL: A senhora se sente da família?
DA: Mais ou menos, né?
AL: É? Por quê?
DA: Que me pego muito. Essa mesmo que eu criei, eu fico, ela sai e eu já fico apreensiva.
AL: Uhum.
DA: Que do jeito que anda o Rio de Janeiro, né? (inaudível) Ela é estilista. Aí, eu disse: "Ih, Meu Deus! Silvinha tá demorando, você não precisa se preocupar". Mas não há.
AL: Não tem como, né? Não tem como não se preocupar. (som ao fundo)
DA: Não tem como. Eu... (inaudível) dela, eu queria saber: "Vai pra onde? – Ah, vó. Eu vou pra onde você quer. – Você vai pra onde?". (risos)
AL: Mas a senhora é arretada, hein.
DA: Aí é: "Eu vou pra casa de fulano. Eu vou demorar um pouco". Aí, eu: "Pedro tá aí? Em casa? – O que foi? Dona Carolina, Pedro tá lá na sala brincando com fulano. Quando ele tiver de vir, me liga pra saber que ele tá vendo".
AL: Então, é como se a senhora tivesse duas famílias.
DA: Duas famílias. Eles eram mais minha família, do que a minha família própria.
AL: É, porque a senhora viveu com eles quantos anos?
DA: Hã?
AL: Sessenta e tantos anos.
DA: Sessenta e tantos anos.
AL: Vivendo...
DA: E tô até hoje. Não tinha isso. Saiu, eu queria saber: "Vai pra onde? Vai sair com quem?". (risos)
AL: "Que horas volta?".
DA: É... Quer dizer, a gente se preocupa. Tomava conta mesmo. Eu tô sempre, até hoje. Aí, hoje eles tomam conta de mim. Não tem jeito!
AL: Tá certo! É o que a senhora falou: a cuidou, agora a senhora é cuidada, né?
DA: Agora eu sou cuidada. Então... Eles fazem por mim o que eu fiz por eles.
AL: Agora, pra gente terminar, dona Carolina, é a última pergunta: a senhora acha que mulheres negras são levadas pro trabalho doméstico?
DA: Não... Eu não tenho essa, esse pensamento, não. Acho que a gente vai se adaptar àquilo que a gente constrói.
AL: Uhum.
DA: Se você vai trabalhar numa casa e é bem tratada...
AL: ... Você fica.
DA: Não é? Você fica. Ali você não tá presa, se você gosta, você fica, se você não gosta, você sai. Não como uma coisa que você tem que ficar preso. Aí, sim, seria difícil, né?
AL: Uhum.
DA: Mas eu não acho, não. O que eu vejo é muita gente, muitas amigas que eu tenho e que também trabalhou e doméstica, é casada, tem carro, tem filho, tem tudo, eu não acho, não. Agora, quem não quer (som ao fundo), porque você tem que ter uma consciência trabalhando na casa dos outros. Você tem que respeitar! Que se você não respeita, você não pode ser respeitado.
AL: Exatamente!
DA: Você tem que respeitar pra ser respeitado.
AL: Sim...
DA: Eu acho isso... (risos)

AL: A senhora ainda tem a as amigas quando, de quando trabalharam com a senhora?
DA: Tenho. Não tenho contato, assim, com todos. Mas...
AL: ... Algumas ainda tem.
DA: Ainda tem.
AL: Que legal!
DA: Ainda tem muitas das meninas, ainda. Ainda tem Delza (?). Ainda tem... Mariá (?). Mariá não, Betinha!
AL: Que barato!
DA: É, que a gente ainda se telefona.
AL: Ah, que legal! Que legal, mesmo, dona Carolina.
DA: Ainda tenho.
AL: Muito legal.
DA: Eu sempre fiz amizade. Graças a Deus, não tenho inimigo.
AL: Aham.
DA: Isso eu não tenho. Graças a Deus!
AL: Já é muita coisa.
DA: Você vê que as meninas aqui como é que me tratam. Eu vou pra lá, eu vou pra cá. Eu fico toda "boba".
AL: Ê, que beleza!
DA: Beleza...
AL: É mimada à bessa, hein! (risos)
DA: É mimada mesmo, né? Então, não posso falar mais... (inaudível)
AL: Ah, que bom.
DA: É... Porque, não pode ter... A vida tem que ser como ela é e a gente tem que se adaptar a ela. Não adianta você querer ser melhor do que aquilo que não pode.
AL: É...
DA: Aí, fica ruim pra você mesmo.
AL: É aí que acontece muita coisa, muita desgraça que poderia ter sido evitada, né?
DA: Ter evitado. Quer dizer, é muito bom.
AL: Que bom! Dona Carolina, a gente acabou. Eu queria agradecer muito à senhora.
DA: Ah, eu que agradeço...

ENTREVISTA TRANSCRITA – LAUDELINA DE CAMPOS, 86 ANOS

AL: Então, dona Laudelina (?), diz pra mim, por favor, qual a sua data de nascimento.
DL: Vinte do seis, de 1933.
AL: A senhora... Qual o seu estado civil?
DZ: Viúva.
AL: A senhora tem filhos?
DZ: Tenho!
AL: Quantos?
DZ: Até cinco meses atrás, tinha seis. Agora tenho cinco.
AL: Ai... Sinto muito.
DZ: Imagina.
AL: Que Deus conforte o seu coração.
DZ: Ah... (pausa)
AL: A senhora tem pais, ou irmãos, vivos?
DZ: Não.
AL: Com quantos anos a senhora começou a trabalhar no serviço doméstico?
DZ: Nove anos.
AL: A senhora é daqui do Rio mesmo?
DZ: Não, eu sou mineira.
AL: Quanto tempo a senhora trabalhou?
DZ: Durante todo esse período? Eu trabalhei de nove anos a... Quinze anos atrás.
AL: Nossa!
DZ: Nove anos a uns... Quinze anos atrás.
AL: Dois mil e quatro, mais ou menos...
DZ: Isso.
AL: Em quantas casas a senhora trabalhou? A senhora lembra?
DZ: Sim, assim... Eu praticamente trabalhei em poucas casas. Sabe?
AL: Uhum.
DZ: Eu já trabalhei em duas casas, tive um histórico (?) sobre isso e eu, aqui no Rio, eu trabalhei... Deixa eu ver. Trabalhei em, praticamente, em quatro casas.
AL: Nesse tempo todo?
DZ: Todo!
AL: E a senhora era aquela empregada que dormia na casa?
DZ: Não!
AL: Sempre ia e voltando.
DZ: Sempre ia e voltando. Minha obrigação na casa sempre era doméstica, lavadeira e passadeira.
AL: Uhum.
DZ: Diarista. (pausa)
AL: A senhora tem uma porção de graduação que eu já vi. (risos) Que eu soube. É isso mesmo?
DZ: Algumas.
AL: A senhora tem um montão de graduação que eu bem vi isso. A senhora é pedagoga...
DZ: Sou pedagoga!
AL: ... E assistente social.
DZ: E psicopedagoga.
AL: E psi... Então, pera aí. Então, pera aí! Então, pera aí! A senhora é pedagoga. Aí, a psicopedagogia é especialização.
DZ: Especialização.
AL: É pós! E depois a senhora foi pro serviço social.
DZ: Exato!
AL: Tá de parabéns, hein, dona Laudelina!
DZ: Ah... São as loucuras da vida. (risos)
AL: Qual sua raça, ou etnia?
DZ: Negra, mil vezes negra! (risos)
AL: Tá, agora vamos pra conversa. Quanto pra gente, como o trabalho doméstico apareceu na sua vida.

DZ: Olha, você começou, no início da nossa conversa...
AL: Uhum.
DZ: ... É, aquela questão de “geração em geração”.
AL: Uhum.
DZ: Eu vi como “herança”. (risos) Os filhos dos patrões vão herdando..
AL: Exatamente! Exatamente...
DZ: A minha mãe, ela trabalhou por muitos anos pra uma família...
AL: uhum.
DZ: ... No interior de Minas. Não era no centro da cidade, era numa fazenda. E nessa fazenda... Essa família tinha vários filhos, não me lembro o número, e ela criou os filhos desses patrões.
AL: Certo.
DZ: E nascemos lá. Eu e meus irmãos nascemos lá. A minha mãe foi mãe de onze filhos e só teve o prazer de criar dois: eu e meu irmão.
AL: E os demais?
DZ: Todos faleceram.
AL: Nossa!
DZ: Eu conheci dois, dois dos meus irmãos, é... Aliás, dos que faleceram, eu conheci três. Um já faleceu adulto. Um faleceu, na mesma semana os dois faleceram. Um morreu na segunda feira, enterrou quarta, outro na quinta e outro sexta.
AL: Mas Meu Deus...
DZ: ... E eu fui mal pro hospital e ela não quis me internar, com medo que eu também... fosse.
AL: Mas eram todos crianças.
DZ: Todos crianças! Um de dois, outro de cinco, e eu tinha mais ou menos uns oito.
AL: Meu Deus!
DZ: Entendeu? Então, minha mãe nos criou nessa fazenda.
AL: Uhum.
DZ: Certo? Então, ela criou os filhos desses patrões, nessa fazenda. Ela trabalhou muitos anos dentro dessa fazenda, trabalhando... Depois quando o meu irmão, quando os meus irmãos mais velhos cresceram, ficaram adolescentes, ela passou a trabalhar pra essas mesmas família, pra essa mesma família, mas na lavoura. Na lavoura de café, capinando, roçando, trabalhando...
AL: Um trabalho mais pesado...
DZ: Um trabalho mais pesado! Por quê? Eu não conheci o meu pai.
AL: Aham!
DZ: E ela era mãe e pai. Então, por que ela fez esse trabalho mais pesado? Porque era uma forma de ganhar um pouco melhor pro nosso sustento.
AL: Entendi.
DZ: E como... A mulher era sempre mal vista, de todas as formas, né?
AL: Uhum.
DZ: E ela pra evitar comentários e tudo mais, ela levava o meu irmão, adolescente, para trabalhar junto com ela, pra acompanhá-la, que ela trabalhava junto com os homens. Ela foi trabalhar na lavoura, num espaço que era de homens.
AL: Uhum.
DZ: Como o espaço era de homens, o salário era maior.
AL: Entendi.
DZ: Um pouquinho melhor.
AL: Entendi.
DZ: Então, pra ela conquistar esse valor maior de salário, ela levava o meu irmão pra trabalhar com ela pra que ele fosse... Forma de respeito, pra ser respeitada.
AL: Uhum.
DZ: E aí, ela trabalhou lá por muitos anos, e quando esses meus irmãos morreram, ela decidiu se mudar pra cidade... Rua, mudar pra rua. Decidiu mudar pra rua.
AL: Mas lá em Minas mesmo?
DZ: Lá em Minas mesmo. Mas ela se mudou pra cidade, mas ela continuou trabalhando nas lavouras. Já não mais com esse mesmo patrão, mas pra vários outros patrões. Certo! Mas esse patrão que ela trabalhou, criou os filhos e tal, ela tinha um vínculo muito grande com essa família.

AL: Ah, uma vida, né?
DZ: Uma vida! Uma vida. E... A filha, eles adoeceram. Eles adoeceram com hanseníase, que na época era, esses anos todos atrás, mais de 50 anos atrás...
AL: Uhum.
DZ: ... Sessenta, sei lá. Ela era uma doença que tinha que se afastar da cidade. E eles foram afastados da cidade por esse motivo, né? E minha mãe já estava fora deles, mesmo, né? E os filhos foram morar na cidade também.
AL: Uhum.
DZ: Filho não morava mais na fazenda. Não sei nem o que foi feito da fazenda. E os filhos foram morar na cidade. E, quando ela foi pra cidade, eu tinha nove anos de idade, foi quando os meus irmãos morreram, né, aí ela me colocou pra trabalhar na casa de uma dessas... "Crias"!
AL: Aham! Aham!
DZ: Dessas crias dela. Ele que era o cria dela. Tive que cuidar de duas crianças. Uma de dois anos e um bebê.
AL: Nossa! Mas aí a senhora só cuidava dessas crianças, ou cuidava das crianças, da casa, de tudo?
DZ: A princípio, eram só as crianças.
AL: Aham.
DZ: Lavava, passava, cuidava dessas crianças. Só não conzinhava.
AL: Aham.
DZ: Depois eu passei a fazer também tipo um serviço da casa, que eu fazia nessa, nessa casa, não era o serviço pesado da casa, mas era tanto quanto. Por quê? Ele tinha uma loja, né? E ele, quando a noite, ele deixava a loja a maior bagunça.
AL: E a senhora tinha que ir arrumar.
DZ: Tinha que arrumar pela noite. Como assim? A minha mãe quando ela me coloca com essa família...
AL: Uhum.
DZ: Eu fui a primeira pessoa da minha família a entrar num grupo escolar. Então, ela não sabia o formato do "A". Mas quando me coloca nessa família, já estava na cidade, sempre que ela ia vendo criança, vendo criança, indo e voltando da escola, não sei, ela exigiu que eu estudasse.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Então, o que eu fazia? Eu estudava na parte de manhã, eu levantava muito cedo, pra preparar todo esse espaço de trabalho dele, pra quando ele levantasse era só pra...
AL: ... Enfiar a jaqueta (?).
DZ: ... Abrir a loja e tá tudo pronto.
AL: Aham!
DZ: Entendeu? E cuidar dessas duas crianças. Eu trabalhei nessa família por dois anos. Eu era muito criança, muito infantil mesmo, entendeu? É... Sempre gostei muito, eu sempre gostei, eu sempre muito feminina, entendeu? E eu sempre gostei muito de brincar de boneca. As minhas bonecas era a minha mãe que fazia... Hoje as "boêmis (?) da vida", não é? Entendeu?
AL: Aham.
DZ: É... É, então a minha mãe exigiu que eu estudasse. Então, eu não tinha tempo pra brincar.
AL: Que aí, a senhora levantava cedo, arrumava a loja, ia pra escola, (som ao fundo) voltava da escola e cuidava das crianças.
DZ: Isso!
AL: E tudo das crianças.
DZ: Tudo das crianças. Entendeu? Dessas duas crianças. Que que eu fazia? Eu escondia minhas bonecas, minhas bonecas eram escondidas, e eu ia brincar de boneca dentro do banheiro.
AL: E deixava as crianças pra lá.
DZ: As crianças dormiam...
AL: Ah, e a senhora aproveitava pra ir no banheiro.
DZ: Ela dizia assim, dizia: "Eu tinha tanto medo de você". Pirralha, hoje em dia uma criança de nove anos...
AL: Uhum. Espertas! Descoladas.
DZ: Não, e todo o desenvolvimento né?
AL: É! Um achado.

DZ: E ela dizia: “Eu tenho medo de você”. Eu digo “Por quê?”. “Porque você fala muito sozinha dentro do banheiro”. “Ihhhhhh”. (risos) Eu tava conversando com as minhas bonecas.
AL: Mal sabia ela que a senhora tava brincando.
DZ: Exato. Entendeu? Então, nessa família eu fiquei por dois anos.
AL: Uhum.
DZ: Eles me pagavam direitinho, foi o primeiro o... É... A partir do meu serviço, né, a minha também já se aliviou bastante, porque eu já me mantinha. Eu ganhava dez mil reais por mês, anota mensal, porque eu já me mantinha, entendeu? O primeiro calçado que eu coloquei no meu pé...
AL: Foi comprado com o seu dinheiro.
DZ: Não é? Até então, só, só, só conhecia tamanco de madeira, “de pau”, que se dizia.
AL: Aham.
DZ: Então assim, dois anos foi legal. Legal assim...
AL: ... Eles tratavam a senhora bem.
DZ: Tratam bem, não me lembro mais o que era “tratar bem” naquela época, sabe?
AL: Aham!
DZ: Mas, pelo menos, eu não tenho, assim, é... Lembranças de maus tratos físicos, de violência, isso não. Mas, aí muito bem, chegou-se um determinado momento que o documento fala isso, o documentário fala isso...
AL: Aham.
DZ: ... Chegou um documento, um determinado momento que ele começou a ficar em falta comigo com o pagamento. Entendeu? Primeiro mês, não foi o mês, nada de dinheiro, né?
AL: E nem deu satisfação pra senhora.
DZ: ... Nem deu satisfação. Aí eu falei pra mim: “Aquilo não era muito estranho da minha casa, não.
AL: Aham.
DZ: Sabe? A gente morava numa parte bem... Bem humilde da cidade, mas era próximo onde eu trabalhava.
AL: Uhum. Nessa época a senhora ia e voltava todo dia?
DZ: Não, eu ficava lá dormia lá. Entendeu? É como se eu fosse propriedade deles.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu?
AL: É, literalmente.
DZ: Mas assim, vira e mexe, assim, final de semana não estava em casa. Minha mãe não me deixava, minha mãe... Muito presente até. Aí, eis que (?) reclamei com a minha mãe, eu digo: “Mãe, seu Gelson (?) não me pagou esse mês”. Ela disse pra mim, filho de filho dela, né? Era o meu irmão, né?
AL: Aham. “Ah, deixa, né? Daqui a pouco ele te dá”.
DZ: “Deixa. Não, não se preocupa, não. Mês que vem ele te paga, ele demora. Ele deve estar ruim de vida esse mês”. Essa foi a resposta dela.
AL: Aham.
DZ: Tá, continuei. No mês seguinte...
AL: ... Nada.
DZ: Nada! Reclamei com ela, a resposta foi a mesma. No terceiro mês, não reclamei mais.
AL: Pegou suas coisas...
DZ: Esperei até a noite, não me pagou, que não eram muitas, né? Deixei que ele se distraísse, fui embora.
AL: Nem se despediu.
DZ: Não, eu fugi! (som ao fundo)
AL: Dona Laudelina, arrasou! E a senhora estava com 11 anos.
DZ: Com 11 anos. Aí, eu digo, eu fui pra casa, aí eu falei pra mamãe, né? Falei: “Mãe, não vou mais trabalhar sua Sueli (?) e seu Gelson”. Porque eles não querem me pagar. Ela também não disse “vá”, “volta”...
AL: Nem sim, nem não.
DZ: “Volta, eu quero que você fique”. Minha mãe era uma pessoa muito sensata, sabe? Mulher que nasceu, é... Um ano após a abolição. Entendeu? Mas tinha uma cabeça muito, uma cabeça muito... Era uma mulher que sabia viver... Que sabia viver e conviver.
AL: Uhum!

DZ: Certo? Aí, eu fiquei. No dia seguinte, à noite, ele chegou na minha casa. Cheio, cheio de... Moral, né?
AL: De autoridade.
DZ: De autoridade... "Vim buscar o que é meu", né? Aí, sim: "Maria, eu vim buscar a Laudelina. Ela fugiu lá de casa ontem".
AL: Como é que pode? Que mal agradecida!
DZ: É! "Eu vim buscar". Aí, a minha mãe disse pra mim: "Ela não quer voltar". Ela disse: "Não vou mais trabalhar com eles, não vou mais voltar, não vou voltar". Aquela coisa, "não vou voltar".
AL: Vai, não vai, vai, não vai...
DZ: Aí, ele falou, me deu uma resposta que ficou muito mal ali (?), sabe? Na minha cabeça. "Se você não volta, também não te pago!". (suspiro)
AL: Cara de pau, né? Aí, essa gente é muito suja.
DZ: Isso... Olha, isso ficou muito mal. Eu era uma pirralhinha de nada. Hoje eu vejo meus netos, com cinco, seis anos com a estatura que eu tinha naquela época.
AL: Uhum.
DZ: Então eu falei: "Não vou!". Então ele disse: "Não pago!". Bem, não voltei. Mas aí, eu ia pra escola... Eu vou interromper aqui um pouco para falar dessa questão da escola.
AL: Sim.
DZ: Tem muito a ver com isso, com esse... Momento. É... Eu trabalhei, eu estudava, acho que isso me ajudou muito a ser o que eu sou hoje.
AL: Uhum.
DZ: Onde eu estudava numa escola, onde a classe média, numa sala, onde a classe média estava ali.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Filho do prefeito, filho do seu fulano, do seu ciclano, enfim...
AL: Isso era numa escola pública?
DZ: Escolar, era numa escola pública. E a gente, eu tinha esse relacionamento com essas crianças.
AL: Uhum.
DZ: Mas tinha uma coisa que me incomodava muito. Me fazia... Hoje em dia se faz sofrer. (som ao fundo)
AL: Aham.
DZ: Mas era o material escolar que eu possuía...
AL: Aham.
DZ: ... Em relação ao que eles possuíam. Porque hoje o que a gente vê aqui é bolsa. "Ah, eu era bolsista". Não, eu era da Caixa Escolar.
AL: Entendi.
DZ: Então, meu material era, eu, era...
AL: Era dado por essa Caixa Escolar.
DZ: ... Dado por essa Caixa Escolar.
AL: Então, era diferente do deles.
DZ: Material, merenda... As merendeiras dava aqueles lanches gostoso e tal, que eu ficava assim, né?
AL: Uhum.
DZ: Aí ficava com aquele pãozinho, não era pão com manteiga e queijo, não. Era pão, pão puro!
AL: É?
DZ: Era! Era um pão.
AL: Era?
DZ: E o material escolar é deles, né? Eu ia na secretaria, duas vezes ou mais no mês, pegava caderno, porque uma matéria, para uma matéria, eu tinha que usar três ou quatro cadernos.
AL: Que o teu caderno era fininho.
DZ: Fininho. E uma cor que eu até eu... Era um azul, mais escuro que esse aí.
AL: O caderno?
DZ: O caderno! A capa do caderno.
AL: Mas, meu Deus!
DZ: Olha, eu detesto! (risos) Eu tenho um trabalho com criança, né?
AL: Aham.
DZ: Um projeto.

AL: Aham.
DZ: E eu pedi para fazer um pintor no banheiro.
AL: Vieram com o azul! (risos)
DZ: “Ah, não acredito. Pelo amor de Deus! Passa outra tinta em cima dessa! Essa não”.
AL: Qualquer uma.
DZ: Porque eu, eu sonhava em ter aqueles materiais. É... Lápis de cor, lápis de... Parecia que só existia só uma gráfica nessa época, que era o meu tesouro, marca dos cabe... Dos materiais escolares. E na minha cidade...
AL: E o pessoal todo tinha o material dessa marca.
DZ: Sim, tinha o material dessa marca. E eu...
AL: Com o caderno da capa azul.
DZ: Eu não me lembro se tinha na minha sala outras crianças humildes como eu.
AL: Aham.
DZ: Não me lembro, não me lembro se tinha hoje eu não tenho lembrança. Se tinha, tinha isso.
AL: Mas assim, a senhora... As outras crianças discriminavam a senhora?
DZ: Não! Não, não, não, não...
AL: De alguma maneira?
DZ: A gente tinha uma relação muito, porque a minha era muito conhecida na cidade.
AL: Hum...
DZ: Entendeu? Muito conhecida, porque ela quando foi pra cidade, ela sempre, sempre cozinhou muito bem, que ela trabalhava, ela sempre foi doméstica. Ela sempre cozinhou muito bem e ela tinha conhecidos na cidade. Então, quando foi pra cidade, é... Ela, ela, ela é contratada para trabalhar nos hotéis quando tinha, é, pessoas de fora, como a gente recebe aqui turistas, essas coisas.
AL: Uhum.
DZ: Então, quando tinha pessoas de outro Estado...
AL: Ela ia para o...
DZ: Contratavam para que ela fosse cozinhar. É, casamentos lá no, na roça, né? Muitos amigos que ela tinha, no casamento, muito tempo antes da data do casamento, ela já era contratada para fazer o almoço do casamento, o doce, o que for. Então, isso era o que a tornou uma mulher muito conhecida na cidade. E acho que isso fez a questão, acho que isso influenciou muito desse respeito...
AL: Uhum.
DZ: Sabe? Das crianças a mim, comigo. O que eu te digo que me ajuda muito hoje. Ah, então assim, na cidade, os armazéns, os bares lá, vendia tudo junto, tudo numa loja só. É, material de alimentação, roupa, calçado, material escolar... Numa loja só, entendeu? E ele era o freguês de uma dessas casas, mas eu não me contentava. Eu passava, eu passava em frente à casa dele todo dia antes de ir para a escola, indo e voltando, mas eu não ia...
AL: Nos devia aquele dinheiro.
DZ: Não esquecia! Ah, um certo dia deu um... “Boom” na minha cabeça, entrei na loja. Nessa loja, ele fazia compras pra pagar no final do mês, assim, tipo assim, né?
AL: Uhum.
DZ: Aí, eu cheguei, minha filha, “me fiz”. (suspiro)
AL: Comprou tudo...
DZ: Em nome dele!
AL: Uns 20 mil réis.
DZ: O seu Gelson me pediu, me mandou comprar, é, uns materiais de escola, nunca tive, nunca usei material, era outra linguagem, de escola. Aí, comecei a escolher. Menina, eu comprei tudo o que eu queria. Tabuada que existia na época...
AL: Uhum.
DZ: É...
AL: Mas a senhora era danada, hein. (risos)
DZ: ... Tabuada que existia na época. É... Tudo, tudo, tudo. Cadernos grossos... Tudo aquilo que eu precisava.
AL: Lápis de cor.
DZ: Lápis de cor, não foi crime (?) eu levar uma caixa de lápis de cor grande. Eu sei que eu “me fiz”. E eu não tinha mochila. Era uma bolsa que minha mãe fazia, né?

AL: Aham.
DZ: Fazia uma sacola, né? Que abotoava de lado para segurar os materiais. Cheguei em casa com aquela bolsa cheia. E minha mãe nessa época...
AL: E como é que explica para a mãe?
DZ: Mamãe nessa época trabalhava na catação (?) de café
AL: Aham.
DZ: Certo? E aí, cheguei, ela, mostrei, ela: "Que que houve? Que que isso?". E um dos, da, dos irmãos dele era o meu padrinho de batismo, mas ele morava numa fazenda, né, que tinha um morro de onde avistava a casa, a fazenda. A gente avistava as janelas abertas e tal. Quando a gente descia daquele morro, descia um córregozinho, chamava, chamava, chamava e não tinha ninguém. Eles pensaram que a minha mãe ia pedir alguma coisa.
AL: Uhum.
DZ: Então, ele era esse pessoal que nunca esteve presente na minha vida.
AL: Uhum.
DZ: Quando eu cheguei, ela perguntou, eu falei assim: "Ah, foi o padrinho João que me deu". Ela disse: "Até que enfim, ele se lembrou de você". Acreditou!
AL: Que ótimo!
DZ: "Até que enfim ele se lembrou de você". E eu feliz da vida com aquele material, né? Só que quando ele foi pagar...
AL: E quando ele descobriu a dívida? DZ: Jesus! Só ele. (risos) Bateu na minha porta, né?
AL: Aham. Mas a senhora tinha gasto o dinheiro referente...
DZ: Referente ao seguinte: é, eu comprei tudo o que eu precisava e para completar os 30 mil réis que ele me devia...
AL: Ah, é. Porque eram três meses.
DZ: Três meses! Eram três meses! No terceiro mês eu fui embora.
AL: Aham.
DZ: Para completar os 30 mil réis na época, né, a mim era uma infantilidade e a gente sempre foi muito ligada à Igreja, né? E naquele dia, tinha alguma coisa na Igreja que eu e minha prima iria. Na nossa idade, é preparativo.
AL: Aham.
DZ: Então, assim, eu comprei um coco pensando que "esse coco, eu vou guardar, a gente vai para, para a Igreja, tinha a praça, né, tinha a praça pertinho da Igreja "e a gente vai comer esse coco na praça". Entendeu? "Nós duas vamos comer esse coco na praça".
AL: É um lanche.
DZ: Foi para completar os 30 mil réis. Foi para comprar esse coco. Aí, quando ele chega, uma fera. Mas chegou botando...
AL: Falando fogo pelas ventas.
DZ: Muito, hein. "Maria! Você que fez uma dívida para mim no seu fulano. Que eu fui pagar agora a minha conta, não sei o quê... Tem... Falou, falou, falou, falou... E eu, mentira, negando: "Não fui eu". "Não fui eu, eu não comprei nada, não fui eu, não fui eu, não fui eu" e minha mãe nem se ligou naquela...
AL: Aham. DZ: Entendeu?
AL: Naquele material que apareceu.
DZ: Acreditou que meu padrinho tinha me dado.
AL: Aham.
DZ: Mas enfim, "não fui eu, não fui eu", mas a pressão foi tão grande...
AL: Que a senhora acabou...
DZ: Que eu acabei dizendo: "Fui eu sim, mas só gastei 30 mil réis, que é o dinheiro que o senhor me deve".
AL: Aham.
DZ: Entende? Essa foi minha resposta.
AL: A senhora era uma criança sensacional.
DZ: Essa foi minha resposta, né? Aí, a minha mãe, também muito sabia, né? "Ela gastou quanto? – Trinta mil réis, Maria! Trinta mil réis na minha conta! – E quanto você deve a ela?".
AL: Aí...
DZ: "Você deve a ela três meses, né? Então fica elas por elas".

AL: Está tudo certo.
DZ: Ele voltou uma fera. (risos)
AL: Mais raiva ainda ele ficou.
DZ: Só que... Depois vai voltar no início... Só que no decorrer mamãe mandou entrar (?) na questão das domésticas, né, que, que, como eu analiso esse momento da minha vida? Vim para o Rio, com 15 anos, já vim, já saí...
AL: Veio com a sua mãe?
DZ: Não, a minha mãe, isso é uma outra história, né? A minha mãe veio na frente, por um motivo assim veio assim, meu irmão já estava aqui há cinco anos...
AL: Aham.
DZ: ... No exército e não deu notícia.
AL: Entendi.
DZ: E ela viveu esses cinco anos de saudades e de reclamações...
AL: Sem saber que...
DZ: Sem saber onde é que ele estava e como ele estava. Entende?
AL: Aham.
DZ: Aí, foi uma pessoa, uma família, amiga da gente, eram moradores de lá que haviam se mudado aqui para o Rio...
AL: Uhum.
DZ: ... Que foi visitar a família. E na conversa vai, conversa vem, eles disseram para a minha mãe que sabia onde o meu irmão morava. De um dia para o outro, ela conseguiu lá um dinheiro e veio junto com eles. Eles estavam de volta, para voltar, e veio junto com eles. E aqui encontrou o meu irmão.
AL: E a senhora ficou lá sozinha?
DZ: Não, eu fiquei já, já era um outro momento.
AL: Ah, tá.
DZ: Já era um outro momento, já... Aí, conclusão: eu... parei, assim, vim para o Rio...
AL: Já com 15 anos.
DZ: Com 15 anos! Depois, depois, é... Já vi com um emprego. Já...
AL: Certo.
DZ: Certo! A filha do meu dentista. Com 16 anos eu me casei...
AL: Nova demais!
DZ: Casei com 16 anos não, comecei a namorar. Casei com 17. O que eu quero dizer é seguinte: essa luta das domésticas para mim, quando inicio essa... Começa a despertar em mim essa preocupação para acompanhar a trabalhadora doméstica, em que a gente inicia uma luta que chega até onde chegou, que é a fundação do sindicato.
AL: Uhum.
DZ: Eu volto atrás e essa foi a minha primeira reivindicação.
AL: Com certeza! Com certeza! E a senhora foi de uma sabedoria, assim...
DZ: Essa foi a minha primeira reivindicação. Certo? Então, assim, né. Como eu estava te falando, eu fiquei voltando atrás, eu fiquei esses dois anos com ele, e quando eu saio, eu vi a irmã dele, também cria da minha mãe, entendeu? Ela também não tinha muita saúde e... Pediu para eu trabalhar com ela. Aí, eu fui para essa outra casa, para ir irmã dele, irmã dela.
AL: Ainda criança, né?
DZ: Fui com 11 anos.
AL: Onze anos.
DZ: Onze anos.
AL: De uma casa para a outra.
DZ: É, de uma casa para a outra. Com onze anos fui para essa casa. Lá eu fiquei de cuidar de, de quatro crianças, sendo os dois mais velhos, mais velhos que eu. Certo? Lavava, passava, aí fritava (?)...
AL: Já foi tudo.
DZ: Não, aí, aí... Lava, passava, arrumava casa, fazia tudo. Eu, quando vim para o Rio, tinha as mãos cheias de calo, assim, é, de esfregar chão, é, com rodo, né?
AL: E deviam ser aquelas casas enormes, né?
DZ: Enormes! Eles tinham o piso, era o piso, era umas “tabuinhas” muito cuidadas...
AL: Aham! Tinha que bris... Esfregar para brilhar.

DZ: É! Eu levantava. Como já via, já tinha já o hábito, como eu tenho até hoje, eu tenho de levantar, seja a hora que for, não preciso de despertador.
AL: Uhum.
DZ: Basta... Vou dormir, vou me levantar a essa hora...
AL: Por acaso, né?
DZ: Mas eu levantava cedo, eu continuei estudando. Entendeu?
AL: Dormia nessa casa também?
DZ: Dormia! Também dormia. Eu continuei estudando, entendeu? Então, eu tinha aos sábados, por exemplo, qual era a minha função aos sábados? Eu durante a semana eu passava, lavava, dava banho nas crianças, entendeu? Trabalho, serviço, quem fazia tudo era eu.
AL: E ainda tinha que cuidar da moça doente?
DZ: Não! Ela tinha problema de saúde, mas ela era uma pessoa...
AL: Independente.
DZ: Independente! É! Então assim, levantava de madrugada, madrugada no bom sentido, né? Cinco, seis horas, quase quatro e meia, cinco horas da manhã.
AL: Uhum.
DZ: Aos sábados, minha tarefa: levantava, tinha que, aqui a gente come pão com café já, eu tinha que torrar o café, o café...
AL: O frutinho, o bolinha...
DZ: O frutinho que ele passa por um processo de, de... De limpeza.
AL: Gente, não sei nem como é isso. É assim, o café ele é a seguinte...
AL: Tem aquelas bolinhas...
DZ: Vamos dizer a seguinte aquela arvorezinha ali é um pé de café.
AL: Sim!
DZ: Você conhece pé de café?
AL: Sim, é aquela tripinha, cheia de bolinhas.
DZ: Isso!
AL: Aham.
DZ: Aqui, ele coitado, ele é muito mirrado.
AL: Aham.
DZ: Mas lá no local dele, no habitat dele, ele ele cria uma, ele cresce, não muito assim, mas ele cresce, ele cria, assim, uma... As folhas dela como se fosse uma saia.
AL: Uhum. Fica carregadinho.
DZ: Carregadinho de café. Entendeu? Então como é o processo? Quando ele está maduro, a forma de cuidar dele é como se fosse um canteiro.
AL: Uhum.
DZ: Tá? Um canteiro que faz um... Um pouco de... Um monte de terra aqui e aqui, e o canteiro no meio... No meio. Então, quando ele está maduro, é o momento de colheita, né? Hoje, hoje, a colheita é de outra forma. Naquela época...
AL: Uhum.
DZ: Naquele tempo era de içar (?) o café, içar o café significa tirar do galho, do pé, para o chão. Depois dele içado, ele passa por um outro processo, juntar aquele café...
AL: Aquele que está no chão.
DZ: ... Os montes, fazer os montes...
AL: Aham. DZ: Entende? Fazer vários, vários montes naquele canteiro, eles passam, eles passam e fazem aqueles montes.
AL: Aham.
DZ: Certo! A pessoa que trabalha, né, que... Faz essa função, a trabalhadora, a colheita do café, ela faz esses montes, tá? Quando chega no final de semana, ela peneira esse café, porque ele sai com terra, com tudo, peneira esse café todinho...
AL: Uhum.
DZ: Ele... É, é, tem um... De balaios. É... Chama-se “alqueire”, né? Ali, ela vai medir quantos alqueires de café ela colheu. Certo?
AL: Que mão-de-obra!
DZ: Quantos alqueires de café ela colheu. Então o fazendeiro vai pagar pela colheita que ela fez.

AL: Aham. Pela quantidade de “alquer”?
DZ: Isso, isso!
AL: Gente!
DZ: Dali, ele sai para a fazenda com os meeiros para secar.
AL: Uhum.
DZ: Né? Ele é colocado assim, num espaço assim grande, num terreiro (?) grade, dá uma trabalheira muito grande. Tem todo dia! É com rodo, com esse rodo que a gente usa para tipo limpeza de casa, né?
AL: Uhum.
DZ: De manhã... Mas é uma coisa muito gostosa de fazer.
AL: Vai espalhando assim.
DZ: É, mas não é espalhando, você tem que ter um processo.
AL: Aham.
DZ: Tipo assim, tá aqui, né? Você tem que pegar aqui, onde está os cafés todos espalhados, você com o rodo daqui, daqui você volta para lá...
AL: Ai, ai... Meu Deus! Que mão-de-obra.
DZ: Aí, ele seca. Quando ele seca, ele vai para os armazéns, para limpar aquela palha do café, ele fica limpinho, só um grãozinho, só um grãozinho cinza, ele fica limpinho.
AL: Uhum.
DZ: Aí, ele vai... Para ser torrado. Então, as famílias lá, a gente lá usava isso, comprava o café.
AL: Comprava esse grão limpo para torrar em casa.
DZ: Torrar em casa! Moer no moinho, para fazer o pó de café.
AL: Meu Deus!
DZ: Não, hoje, hoje não. O processo é bem outro, que eu não sei explicar.
AL: Aham. Começa a vivência.
DZ: Eu vou voltar lá em janeiro. Quando eu voltar lá, vou querer saber dessa história. Entendeu?
AL: Gente, mas que mão-de-obra!
DZ: É. Trabalhadora era escrava!
AL: Era.
DZ: Ainda é escrava, mas naquele momento, naquele tempo...
AL: Era real.
DZ: Era real.
AL: É...
DZ: Entendeu? Então, ele levantava cedo. Eu torrava dois... Quer dizer, gastava-se dois, era, sabe, torradores. Era um globo que fechava, colocava o café ali e fechava. Tá? O café ficava preso ali dentro e tinha uma alça, a gente fazia um fogo de lenha e rodando, rodando, rodando...
AL: A senhora é que tinha que buscar essa lenha também?
DZ: A lenha não. A lenha, eles compravam.
AL: Aham.
DZ: Aí, eu tinha que ir... Torrando.
AL: Na beira do fogo. Fogo moendo...
DZ: Moendo! Rodando. A gente conhece porque ele começa a estalar um pouquinho e o cheiro.
AL: Aham.
DZ: Pelo cheiro.
AL: Que aí tá ficando bom.
DZ: É. É o aroma do café torrado. Bom. Então, tinha que fazer dois...
AL: Que loucura (?).
DZ: Tinha que torrar dois desse... Toda semana que era o, a quantia que se gastava. Depois tinha um, tipo, tipo uma máquina de moer carne.
AL: Uhum.
DZ: Sabe?
AL: Uhum.
DZ: Mas era um moinho de moer café. Aí, tinha que se moer o café todinho naquele moinho...
AL: Para fazer o pó da semana.
DZ: Para fazer o pó. É, é... Concentrá-lo num pote, né?
AL: Aham.

DZ: Para ir usando durante a semana.
AL: E isso a senhora ganhava quanto nessa época?
DZ: Na dona "Olivinha"? Ganhava o mesmo valor.
AL: Dez mil reais.
DZ: Dez mil reais.
AL: Meu Deus do céu. E o trabalho só aumentou.
DZ: Só aumentou! Não, e aí, aí, eu fazia isso, levantava cedo...
AL: No sábado.
DZ: No sábado. Quando eu terminava, eles estavam ainda dormindo. Entendeu? Que que eu fazia? Tinha as, é... Tinha uma, três quartos, sala, cozinha, tudo grande, né?
AL: Uhum!
DZ: Aí, o que que eu fazia?
AL: Ah, imagino aquelas casas enormes, com aquele janelão.
DZ: Tudo grande!
AL: Tudo de, de... Taco.
DZ: Vish!
AL: Piso de madeira.
DZ: Piso de madeira, assim.
AL: Tábua corrida.
DZ: Tábua corrida. O que que eu tinha que fazer depois?
AL: Deus me livre, né, gente.
DZ: Tinha, eu tinha essas latas de tinta.
AL: Aham.
DZ: Que a gente chamava de lata de 20. Pegava aquela lata botava mais ou menos (?), preparava, naquela lata, água, soda cáustica com água. Dissolvia soda cáustica na água, espalhava nos cômodos todinhos e, enquanto eu espalhava nos cômodos todinhos, eu ia ajeitar alguma coisa na cozinha até eles levantarem. Quando eles se levantavam, aí eu ia, esfregava aquele piso, sabe? Ele ficava um brilho.
AL: No espelho.
DZ: Essa aí era a minha função de todo sábado.
AL: Gente, quando acabava esse sábado... Ai.
DZ: E assim, a cozinha, hoje aqui no Rio, é... A gente vê hoje, é... Azulejo. Lá não. Era uma parede, tipo assim, embolsada, né? Mas limpinha, limpinha. Um barro que é tipo argila, né?
AL: Aham.
DZ: Chama-se "barro branco". Todo final de semana, tinha que passar barro branco naquela parede todinha da cozinha, entendeu? Essa era a minha função.
AL: De sábado e domingo?
DZ: De sábado e domingo.
AL: Ou do domingo...
DZ: Só sábado, só sábado.
AL: Ah, domingo a senhora ia para casa.
DZ: Eu levantava de madrugada sábado para fazer isso.
AL: Gente, mas só de moer esse porção (?) de café já acabou o dia.
DZ: Hoje não faço mais nada (?)... Não sei como.
AL: Meu Deus!
DZ: Não sei como, eu dava conta. Então, assim, né? Então, com essa família, eu fiquei... Eu fiquei até os 15 anos quando vim aqui para o Rio.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? E era uma briga muito grande, que minha mãe que sempre vinha para o Rio, que tinha que encontrar meu irmão e a minha patroa dizia: "Você vai, mas Laudelina não vai. Ela não vai". E aquela briga...
AL: É o lance da propriedade...
DZ: "E vai porque é minha filha!".
AL: É...
DZ: E aquela coisa, né?
AL: Não, ela é minha, é posse (?)...

DZ: De vez em quando, eles entravam nesse ataque de...
AL: Aham.
DZ: Entendeu? Mas aí, aconteceu, quando a minha mãe veio, né? Eu tive que ficar lá. Minha mãe veio para voltar com 15 dias.
AL: Não voltou.
DZ: Não voltou e eu escrevendo para ela, para ela voltar e tal. E ela chegou aqui, que, até hoje, eu tenho meus primos, eu visito... Eu passei nove anos sem ir lá. Primeiramente, eu passei, passei 39 anos sem ir na minha cidade. Depois passei, passei...
AL: Aí, foi.
DZ: Fui, há nove anos atrás. Janeiro eu voltei lá, por questão de saúde de uma das minhas primas. Então, assim, é... Eles acham que quem mora no Rio...
AL: É rico.
DZ: É rico. Tem dinheiro. E minha mãe veio com essa ilusão.
AL: Uhum.
DZ: De que meu irmão teria dinheiro para ela voltar...
AL: E não teve.
DZ: ... Quinze dias. Teve nada! Ele morava com uma senhora mais idosa que ele, ela é que bancava ele. Entendeu? (risos)
AL: Aí, ficava os dois aqui, encalhada aqui.
DZ: Olha... O meu irmão, ele morreu faz sete anos. Que homem! Que cabeça. Meus filhos tem ele como ídolo. É o segundo pai. Não sei como ele mudou tanto. Casou-se... Minha cunhada era a irmã que eu tinha. A minha mãe tinha ela como filha, entendeu?
AL: Uhum.
DZ: O meu sobrinho, o meu único sobrinho, depois de nove anos de casado, teve um filho. Sobrinho é tudo na minha vida, é tudo na vida dos meus filhos. É o primo do coração.
AL: Aham.
DZ: Entendeu? Mas ele era muito safado! Entende? Então, ele vivia com essa senhora.
AL: Aham.
DZ: Ali, em São Cristóvão. Onde é a refinaria de petróleo, ali.
AL: Uhum.
DZ: Ali, tinha uma favela pequenininha ali. Pequenininha e sem nenhum conforto, totalmente humilde, totalmente... Entendeu? Mas era, esse espaço para mim foi maravilhoso quando eu vim para o Rio.
AL: Que a senhora foi para lá também?
DZ: Não, foi para lá morar lá.
AL: Na casa dessa senhora?
DZ: Na casa dele! Quando eu vim do Rio.
AL: Com a senhora?
DZ: Com a minha mãe.
AL: Meu Deus! (risos)
DZ: Porque a minha mãe, o que que acontece? A minha mãe teve que arrumar um emprego...
AL: Uhum.
DZ: Para conseguir um dinheiro para voltar. E naquela época, assim que pessoas que vem...
AL: Meu Deus! Que situação!
DZ: Pessoas que vinham do interior eram muito bem aceitas, porque vinham com todo o pique de serviço (?).
AL: Ah, sim! Podia trabalhar em qualquer coisa, é mole.
DZ: Ela foi trabalhar na casa de uns portugueses que eram os mais exploradores.
AL: Pronto!
DZ: Mas foi para ficar um mês só, para conseguir o dinheiro e eu... Ir embora!
AL: Uhum.
DZ: Entende? Mas só que ela... A patroa adorou o serviço dela, né? Fez, fez um contrato com ela. De, de pagar a passagem do meu irmão, para que ele fosse me buscar e minha passagem de, de...
AL: Volta para cá.

DZ: Vinda para cá. E ela aceitou não só porque, é... Era oportunidade e a oportunidade era maior, era bem mais maior porquê? Porque com todas as condições difíceis de serviço, era menos que a escravidão lá da roça.
AL: Ah, imagino!
DZ: Entendeu? Que aqui já era, já tinha, já havia uma enceradeira...
AL: Ah, sim, sim.
DZ: Já havia uma...
AL: De repente, não tinha que pegar uma água num poço.
DZ: Não!
AL: Não tinha uma eletricidade. É...
DZ: Exatamente. Então, já tinha toda uma diferença e o salário, seis vezes melhor do que na roça.
AL: É?
DZ: É. Entendeu?
AL: Gente, mas então lá no interior pagava muito muito mal.
DZ: Mal? Paga ainda muito mal.
AL: Meu Deus!
DZ: Que todas as vezes nos locais que eu vou, fora do Rio, fora do Brasil, seja onde for, a primeira coisa que eu procuro saber é a situação da empregada doméstica.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Faz só dois anos, que eu estive numa cidade no interior de Minas chamada... Conceição do Mato Dentro. Um lugar que não tem nem carro, nem transporte. Transporte lá é bicicleta e não tem, não tem ônibus, não tem nada, a cidade não tem nada.
AL: Tem nada.
DZ: Entendeu?
AL: Mas tem empregada doméstica.
DZ: Tem empregada doméstica. E assim eu fui... Você conhece Reimont?
AL: Não.
DZ: Vereador. Ele é de lá.
AL: Ah, sim! Um daqui do Rio! DZ: Isso!
AL: Aham.
DZ: Ele é de lá e a cidade de Reimont é uma maravilha, se todos os políticos fossem igual a ele a gente estava bem de vida.
AL: Uhum.
DZ: A gente estava bem sucedido. E ele é de lá. Entendeu? E ele lá é muito bem quisto. Então, entendeu? E... Eu faço parte de uma pastoral que é a pastoral... A pastoral afro.
AL: Uhum.
DZ: E na festa da Nossa Senhora do Rosário há dois anos atrás, ele convidou a pastoral afro daqui do Rio para ir coordenar a liturgia desse dia...
AL: Lá.
DZ: Lá! Aí fomos, entendeu? É... Foi muito legal e tal, mas ele tinha... É muito querido, na medida que a gente, muito querido, querido, de conversar sobre as domésticas, sabe? Então, na véspera de virmos embora, ele fez um discurso de nos reunirmos na casa da mãe dele e lá tinha uma senhora, uma senhorinha...
AL: Uhum.
DZ: Senhora bem, né?
DZ: Aí, comecei a conversar com ela, trabalhava de doméstica...
AL: Na casa da mãe dele?
DZ: Não!
AL: Noutro lugar.
DZ: Noutro lugar! Acho que do que eu conheço dele, ou não tem, ou então não é tão explorado.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Pode não pagar o valor que...
AL: Uhum... Que deveria, né? Mas...
DZ: Mas a questão da carteira assinada, dos direitos, ele não nega isso, não.
AL: O mínimo é garantido.

DZ: O mínimo é garantido. Então, assim, conversando com essa, essa menina, ela me disse o seguinte: ela trabalhava por dez nessa família, tá? Ela tem um pedacinho de terra, que é o meeiro, né? Tem um pedacinho de terra. Trabalhava a semana toda, na casa dessa família, e aos domingos ela ia para a roça para cuidar desse pedacinho de terra dela. Então, não tem descanso, né?
AL: Não. Só trabalha!
DZ: E aí, eu perguntei o quanto ela ganhava, é... Acho que era a metade do salário mínimo da época.
AL: Aham.
DZ: Entendeu?
AL: Devia ser uns 300, 400 reais.
DZ: É. Bem, bem pouco. Bem pouco. E eu perguntei: "mas minha filha, você só ganha isso? – Ah! Mas tá muito bom!". "Tá muito", ela disse... Entendeu?
AL: Aham.
DZ: Ela disse: "Tá muito bom, porque eu ainda cuido da minha terrinha". Eu digo: "Gente...".
AL: E eles são bons para mim, deixa eu, né?... DZ: Dez anos, dez anos... Entendeu? Então, a exploração ainda continua.
AL: Sim.
DZ: Continua e grande. Entendeu? Mas assim, né? É, nesta família, segunda família, eu ali, eu acho que... Eu tive ali um, uma... Como é que eu posso dizer? Que ali eu vivi assim: "como criança". Trabalhava muito cedo. Eu estou te dizendo, durante a semana, levantava cedo, ia para a escola, entendeu? Eu levantava cedo para ir à escola.
AL: Eles também nunca impediram a senhora de estudar.
DZ: Não, me incentivava. O horário... O que que eu estou querendo dizer a você? O horário das crianças sentar, estudar, fazer o trabalho de casa, era o meu também!
AL: Uhum.
DZ: E "ai de quem" não, não...
AL: Não respeitasse isso.
DZ: E eu também... Todos nós éramos iguais. Se eu saísse, se eu pisasse fora do tapete...
AL: Uhum.
DZ: Eu tinha meu castigo. Era dormir cedo. Sabe porquê? Nós tínhamos à noite, se reunia tudo na, numa mesa, e jogava tudo: jogava baralho, jogava dominó, a gente conversava... Entendeu?
AL: Uhum.
DZ: Eu, o casal e as crianças.
AL: E a senhora podia também estar.
DZ: Também! Eu também ali.
AL: Uhum.
DZ: Então, se o dia que eu, qualquer coisa, que não...
AL: Fez de errado, né, não agradasse...
DZ: ... Não agradava, ela: "hoje você não vai jogar". "Ou filho (?), você, eu e não vai". E a gente ficava no quarto sofrendo de ver as gargalhadas...
AL: Porque minha mãe (?) estava trancada no quarto...
DZ: Isso era uma das questões.
AL: Aham.
DZ: A outra questão foi como é, o respeito a mim, assim, à vida religiosa, por exemplo, ela era muito religiosa também... Desde que eu nasci sou católica, né?
AL: Uhum.
DZ: Minha mãe, meu primo, que me dei minha identidade de criança, é um primo que me conduziu a ir para a Igreja.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Então, tinha, tinha um acordo: eu era da Cruzada Eucarística e ela era do Apostolado de Oração. Nós trocávamos a missa lá. A primeira missa era ás cinco da manhã. Uma semana ela ia às cinco, eu ia às sete. Na outra semana, a gente...
AL: Uhum.
DZ: Uma semana... Entendeu? Então, isso aí para não ter, ir todo domingo muito cedo.
AL: Uhum.
DZ: Outra questão é que como ela...

AL: Ela não era ruim, né?
DZ: Não, ela era ótima. Não era, não. Uma pessoa assim que... É, entendeu? E assim, e o problema dela é que ela tinha um problema no sistema nervoso, não sei, sei que ela tinha um problema...
AL: Uhum.
DZ: Tinha, tinha um transtorno qualquer. Um distúrbio qualquer. Então, o que acontece? Ao domingo, quem saía com as crianças era o patrão.
AL: Uhum.
DZ: Sabe, ela era meio de sair. Era o patrão. Às vezes, à noite ia todo mundo, que ele tinha um bar, saía todo mundo, a gente fazia um lanche no bar para ela também ir junto, né? Mas para passear com as crianças, era ele.
AL: Era ele.
DZ: Qual era o nosso passeio? "Tourada", que eles chamam de... Rodeio, né?
AL: Aham.
DZ: Havia muita tourada.
AL: Tinha?
DZ: Tinha! Muito! Tourada, cinema, teatro...
AL: E a senhora ia também no cinema, no teatro, tudo?
DZ: Tudo, com eles.
AL: Que bom!
DZ: Aonde ele levava os filhos, eu estava junto.
AL: A senhora ia junto.
DZ: Entendeu? Minha mãe era aos domingos, né? E a minha mãe ia para lá fazer o meu serviço. Entendeu? Para eu poder sair. O domingo que a minha mãe não podia ir, aí ela fazia um acordo comigo: "Olha, eles vão passear, a sair com o Pedro e você vai andar de bicicleta na praça, a praça era próxima. Eles estão voltando cinco horas, cinco horas eu quero você aqui também. Então, foi toda uma coisa muito... Sabe?
AL: Uhum.
DZ: Com ela foi assim.
AL: Era combinado, né?
DZ: Tudo combinado. E como criança, eu não me via assim, como se diz, tolhida do meu direito, não. Que a gente brincava muito...
AL: Uhum.
DZ: ... Que a gente era criança. A gente brincava muito, tinha muita árvore, a gente brincava de Tarzan, era uma infância muito legal.
AL: Tinha um tempo para estudar, para brincar, mas tinha que trabalhar também.
DZ: E também do respeito também. Então assim, foi esses anos lá com ela, até os 15 anos, né?
AL: Uhum.
DZ: Quatro anos.
AL: Uhum.
DZ: E, então, acho que Deus me ajudou muito mesmo. Eu queria que meus filhos tivessem a infância que eu tive: a gente brincava, à noite ia para a praça, brincava, é, tomava conta do namoro dos outros...
AL: Aham.
DZ: Aquela coisa infantil...
AL: Curtir.
DZ: Infantil mesmo. Entendeu? E quando eu venho para o Rio, quando o meu irmão vai me buscar, foi um choque, né?
AL: Que a senhora não sabia que ele estava indo buscar a senhora
DZ: Não, não sabia.
AL: Ih, chegou de repente.
DZ: Ele nem chegou de... Lá era assim: tinha transporte uma vez na semana. No Rio... No, no, noturno a chegava às sextas feiras à noite, ia até Nova Iguaçu, que é a cidade seguinte, e voltava no sábado. Ele chegou sexta feira e vim embora no sábado com ele. Entende?
AL: Pega tudo o que é seu e vamos embora.
DZ: Vamos embora. E todo bonito, minha filha. Ele era um homem alto, né? Ele tinha a pele mais clara que a minha.

AL: Aham.
DZ: Entendeu? Ele era um homem alto, todo, chegou todo posudo, né? De terno, para mim. Para mim é um homem de bem, bem mesmo (risos), eu falei: “meu irmão tá muito bem”.
AL: Bem rico.
DZ: Falando, falando, falando tanta mentira. (risos) Tanta mentira, uma ilusão tão grande.
AL: A senhora até se animou de vir para o Rio de Janeiro.
DZ: Sim, ele dizendo que ele morava, é, num espaço no Rio de Janeiro, num lugar muito bom. É, que ele, na casa dele... Aquilo, falando as vantagens da casa dele...
AL: Aham.
DZ: Mas uma delas que não me esqueço nunca e que eu comento sempre é: “Ah, assim, um dia que eu tenho muito calor, é, eu chego em casa, abro o meu chuveiro”. Não tem água em casa. Lá, nunca soube o que é ter água em casa, o que é ter um banheiro em casa. “Abro meu chuveiro...”.
AL: Que deslumbre... Meu Deus!
DZ: “Abro meu chuveiro...”, e todo bonito, né? Sabe porquê que estava bonito? Ele não trabalhava. Isso quem mantinha ele era a mulher. Só que...
AL: E o quartel?
DZ: Ele já tinha saído.
AL: Ele já tinha saído do quartel.
DZ: É, já tinha cinco anos que ele estava aqui, o quartel foi um ano só.
AL: Entendi.
DZ: Entendeu? Arrumou logo essa mulher e foi viver com ela. Mas uma pessoa muito bacana.
AL: Aham.
DZ: Muito bacana mesmo, sabe? O que acontece? (risos) Naquela época, os cemitérios daqui do Rio...
AL: Aham.
DZ: É uma... também acontecia uma coisa dessa limpeza dos cemitérios para o ambiente finado, para o... As pessoas...
AL: Para o pessoal chegar e estar tudo direitinho.
DZ: É, ver lá o seu defuntinho bem cuidado.
AL: Aham.
DZ: E pagava, né? E era um dia de trabalho, mesmo. E ele já tinha, já o...
AL: Habituado.
DZ: Habituado já, e o... Já trabalhava no cemitério. Então, ele foi trabalhar no cemitério...
AL: Hã...
DZ: E com o dinheiro que ele ganhou, ele se equipou para me buscar.
AL: Para fazer aquela presença. (risos)
DZ: Aí viemos, menina. Aí viemos, quando chega aqui em... Triagem. Maria Fumaça... Dois dias de viagem. Mas chega aqui em Triagem, ele aponta assim: “Ó, eu moro ali. É ali que eu moro”. (risos) Vi aquelas casas todas.
AL: Era...
DZ: Saltamos na Leopoldina, pegamos o bonde de volta. Aí, saltamos na rua principal, que era...
AL: A senhora está acreditando ainda.
DZ: Aí, tinha umas casinhas todas bonitinhas, que eram umas construções do Getúlio, né?
AL: Uhum.
DZ: Casinhas populares que o Getúlio havia construído, né?
AL: Uhum.
DZ: Saio dali, entramos numa rua, tem uma praça, acabou a rua. Aí, um matagalzinho, assim. (risos) Tem trilha, entramos naquele matagalzinho, aquele pedacinho de chão para pegar. E tinha uma subidinha, né? E o trem que passava para o Caju. Trem de... Levando minério, essas coisas.
AL: Aham.
DZ: Quando olhei, ele disse assim: “É ali que eu moro”. Menina...
AL: Que decepção! (risos)
DZ: Uns barraquinho de tábua de caixote.
AL: Meu Deus!
DZ: Coberto com umas telhas pretas. Tipo assim, as telhas eram feitas não sei de quê, porque era um produto, é, eles chamam... Inflamável.

AL: Aham. É?
DZ: É!
AL: Que perigo!
DZ: Porque uma das famílias amigas aconteceu o incêndio, né? Com as crianças dentro de casa. E aquela coisa pingando. Tem uma menina que até...
AL: Ficou toda queimada.
DZ: Ficou as marcas da queimadura, né?
AL: Ai...
DZ: Era inflamável. Quando eu olhei aquilo...
AL: Que desespero!
DZ: Não, falei: "Quero ir embora! Eu quero voltar João, não quero ficar aqui, não". Entendeu?
AL: E o...
DZ: E era muito pequeno, não era muito grande, não.
AL: Isso que eu ia perguntar, era pequenininho?
DZ: Era um espaço muito pequeno.
AL: Meu Deus! Tacar vocês todos dentro de casa.
DZ: Ah, a favela era pequena. Não era tão grande.
AL: Aham.
DZ: Entendeu? Tá entendendo? Eram poucos moradores. E ele tinha o barraco dele, era muito doido, ele era muito doido naquela época, tinha um barraquinho, dele não, era da mulher dele, (risos) de tábua, entende? E tinha dois cômodos, era uma sala, que ele considerava como sala, mais ou menos grande...
AL: E o quarto deles.
DZ: E o quarto deles e uma cozinha, do tipo deles, tudo dividia do jeito deles lá. O que que ele faz? Ele divide o quarto dele com a minha mãe. Bota uma, uma, uma...
AL: Uma cortina.
DZ: Cortina nada. Bota uma parede de tábua, faz uma parede tábua.
AL: Aham.
DZ: Separa com, com caixotes. "Taubinha" de caixotes.
AL: Meu Deus!
DZ: de uma alturinha que a minha mãe conversava com a minha cunhada, assim, subia no caixote e conversava. Entendeu? E meu primo resolveu vir com ela, né? Quando ela veio, o meu primo veio com ela. Voltava com 15 dias, ele veio com ela.
AL: Para passear.
DZ: E ele não voltou.
AL: Meu Deus!
DZ: E meu primo morava com ela nesse, nesse quartinho.
AL: Ficou: seu irmão, com a mulher, sua mãe, o primo e a senhora?
DZ: Isso! Ele e a mulher tinha a parte deles, é, independente.
AL: Aham.
DZ: Entendeu? Mas a minha mãe tinha a cama dela, a cama do meu primo. Entendeu? Se ela esticasse o pé, colocava o pé encima do meu primo. Era, era... Entendeu? Hoje quando falo com os meus filhos, a minha filha quando anda, as minhas filhas, quando eu me mudei para Bangu, a gente diz assim, às vezes quando levava para a escola, passava perto de um barraco, era muito bonitinho: "Ai, mãe. Eu tenho tanta vontade de morar numa casa de tábua. (risos) – Eu tenho tanta vontade de dar um tapa em você quando você diz isso". (som ao fundo) Deixa eu atender.
AL: Você não sabe o que que é isso.
DZ: Entende? Aí, aí, era isso. Não era piso, era...
AL: Era chão.
DZ: Era chão. Lá é mangue. Era um manguezal.
AL: E quando chovia?
DZ: Não era quando chovia, não. Às vezes a gente estava conversando tudo dentro de casa, aí, a terra começava a... Caranguejo brotava dentro de casa.
AL: Meu Deus!
DZ: Entendeu? Hoje...
AL: Meu Deus!

DZ: ... Dentro de casa. Mas eu era feliz.
AL: A senhora ficou morando nessa casa quanto tempo?
DZ: Eu não fiquei morando porque eu já vim de Minas...
AL: Predestinada para o trabalho.
DZ: Eu cheguei no domingo, segunda feira eu já fui para o trabalho. Entendeu? Lá em Laranjeiras. Foi uma decepção... Assim, para mim, foi um choque, porque na minha cidade, os prédios mais altos eram dois, três andares. Aqui, eu fui trabalhar no oitavo andar. Entendeu? E eu só ia para casa só final de semana, se a minha mãe e o meu irmão fosse me buscar... Com a patroa.
AL: Senão...
DZ: "Não deixa sair para lado nenhum. Só deixa sair se eu ou o irmão vier buscar".
AL: Se eles não fossem, a senhora tinha que passar o final de semana no trabalho.
DZ: Passar o final de semana lá. Entendeu? Mas eu me identifiquei muito, porque eu me identifiquei aquela comunidade com a minha cidade. Onde eu morava...
AL: Lá no mangue.
DZ: Lá, é... Quando eu morava em Minas.
AL: Aham.
DZ: Então, eu me identifiquei muito com a minha moradia lá em Minas que é questão política, né? O prefeito lá havia dado umas, como é que é, uns pedaços de terra, né?
AL: Aham.
DZ: Para quem não tinha onde morar, porque minha mãe morava de aluguel, mas no alto do morro, sabe, do lado era o cemitério.
AL: Ninguém queria ir, aí ele deu esses lotes.
DZ: Ele deu esses lotes, só construiu uma casinha melhor do que tem aqui.
AL: Aham.
DZ: Casinha de estuque, né? Aquela de barro... Nós crianças não brincávamos do lado de fora de jeito nenhum de noite, que eu tinha medo do cemitério. Então, eu me identifiquei muito com aquela pobreza dali...
AL: Aham.
DZ: Dali...
AL: Aham.
DZ: Eu me identifiquei de onde eu vim. Entende?
AL: Aham.
DZ: Me identifiquei muito. Mas... E assim, moramos ali, a gente ficamos ali dois anos e tudo mais. Nesse período, trabalhando com essa família, muito boa para mim, era uma pessoa para, para, que a gente já conhecia, né? Crescemos juntas e tudo, né?
AL: Uhum.
DZ: A filha do meu dentista, o marido era, era... Piloto de avião, né? Sofreu um acidente...
AL: Morreu.
DZ: Morreu e ela voltou para Minas. Nisso que ela voltou para Minas, eu fui trabalhar para um amigo da patroa da minha mãe, né? Dessa senhora que fez a nossa vinda para o Rio.
AL: Uhum.
DZ: É, que foi trabalhar com ela. Trabalhei pouco tempo com ela. Esse pouco tempo que eu trabalhei, por quê? Porque a minha mãe adoeceu. No emprego dela, ela adoeceu e foi... Teve que se internar. Se internou na Santa Casa ela pediu para mim para sair de onde eu estava (som ao fundo) para ir segurar o emprego dela.
AL: Ah, para ir para o emprego dela?
DZ: O emprego dela.
AL: Aham.
DZ: Entendeu? Enquanto ela estava internada. É... Aí, foi um problema muito sério, que, o que acontece com empregada doméstica, de muito é... Um certo dia, eu vou para casa, que lá na favela, na favelinha, a favela da alegria, né?
AL: Uhum.
DZ: É. A favela da alegria. Lá, eu fiz amizade com as meninas da minha idade...
AL: Uhum.
DZ: Aí, eu ia para casa, passa pente quente (?) no meu cabelo, pintava minhas unhas... Entendeu?

AL: Uhum.
DZ: Aí, um certo dia, eu cheguei no serviço, né, com a unha pintada e...
AL: A patroa não gostou...
DZ: E tinha mais gente lá...
AL: Aham.
DZ: E, ela passou pente quente (?) no meu cabelo, aí ela perguntou para mim assim...
AL: A senhora chegou toda linda, né?
DZ: "Com que dinheiro você pagou?". Eu falei... Não tinha nem, nem estilo meu de manicure. "Que dinheiro você pagou – ela disse – para pintar sua unha?". Eu digo: "Não, é minha colega lá, que pinta a minha unha". "E seu cabelo?", eu digo: "Ela também, que passou pente no meu cabelo". Para ela, eu tinha pago alguém para fazer, né? Eu não estou entendendo o porquê dessas perguntas.
AL: É, né? Que inclusive, tinha sido com o dinheiro da senhora, se tivesse sido pago.
DZ: ... Do resumo: tinha desaparecido o dinheiro dela. Entende? Aí, a filha vem, a filha vem, e diz para mim: "Você pegou o dinheiro, você pegou um dinheiro tal qual em tal lugar. Não foi?". Eu digo: Não, eu não. "Pegou, pegou, pegou...".
AL: Isso na casa de Laranjeiras? Ou no trabalho da sua mãe?
DZ: No trabalho da minha mãe, no trabalho da minha mãe. Minha mãe... Laranjeiras eu fiquei pouco, depois fui embora.
AL: Uhum.
DZ: Minha mãe. E eu: "Não, não, não...". E a delegacia em frente, quase. E a mãe insistindo comigo, e ela também dizendo, e ela também me acusando. Aí, insistiram, insistiram que eu tinha pego, eu, me falaram: "Você vai falar que você pegou". Me levaram para a delegacia. Entendeu? Para que eu dissesse e que eu tinha, para me... E eu chorava...
AL: Para "confessar", né?
DZ: Eu chorava muito, eu chorava muito, eu não... Que eu não tinha... Entendeu?
AL: Uhum.
DZ: Mas as coisas, graças a Deus, que minha mãe ensinou a mim e meu irmão é realmente honestidade.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Aí, conclusão: não deu em nada, foi só vexa... Foi só vexame.
AL: Uhum. A humilhação.
DZ: Humilhação que eu passei, né? Entende que muitas de nossas companheiras passam.
AL: Diariamente.
DZ: Aí, voltei, mas quando fui visitar mamãe, eu disse: "Mamãe, eu não vou ficar mais lá, não". Aí, já estava, estava para ter alta e tudo mais, né? Aí, ela veio, eu fui trabalhar numa família, já mais próximo lá da... Da favelinha, onde morava. Um casal, um... Dois casais, tinha uma irmã que morava junto, uma pessoa maravilhosa.
AL: Uhum.
DZ: Mas tinha também esses problemas também, né? Que, quando eu varria a casa, eu achava...
AL: O dinheiro escondido...
DZ: Achava dinheiro embaixo da cama, achava um anel embaixo da cama, embaixo do móvel...
AL: Aham.
DZ: Entendeu?
AL: Perdido, esquecido.
DZ: Esse era o teste que os patrões faziam antigamente.
AL: Aham.
DZ: Mas me tratavam com muita, é, tanto é que eu saía da casa, faltavam três dias para eu me casar. Certo? Aí, continuamos amigas por muitos anos, até ela morrer... AL: Uhum. DZ: Continuamos amigas.
AL: Uhum.
DZ: Então, foi esses empregos que eu tive aqui no Rio. Você me perguntou se eu trabalhei em muitas casas, né?
AL: Uhum.
DZ: Esses empregos que eu tive. Eu saí da dona Vera, me casei, é... Parei de trabalhar uns tempos, né? Meu marido trabalhava, era o trabalho, é... De menor remuneração, era o que ele fazia. Que era caixeiro de armazém.
AL: O que era caixeiro de armazém?

DZ: Caixeiro de armazém é o seguinte: hoje tem os supermercados, né?
AL: Aham.
DZ: Os grandes mercados. Então havia os armazéns e tinha pessoas que trabalhavam para eles, né? Os funcionários...
AL: Uhum.
DZ: Mas eles entregavam compras nas casas.
AL: Entendi!
DZ: Entendeu? As pessoas iam lá...
AL: Iam lá, escolhiam o que comprava e aí... No caso, o seu marido pegava e ia de carro.
DZ: Mas não era de carro, não. Era de cabeça! (suspiro) Ia entregar. Tá?
AL: Longe, ou perto?
DZ: Ah, é...
AL: Pouca, ou muita compra?
DZ: Por exemplo, morro de Mangueira, meu marido subia e descia, que era perto. Entendeu?
AL: Que a senhora casou e continuou morando em São Cristóvão?
DZ: Em São Cristóvão! Então, eu morava, a favela onde eu morava, que era ali o, a... Refinaria de petróleo, era em frente ao morro de Mangueira, né?
AL: É.
DZ: Entendeu? Morava ali. Entende? Aí...
AL: Que luta!
DZ: Quando eu me engravidei da minha primeira filha, aí eu fui trabalhar.
AL: Aham. Grávida?
DZ: Grávida! Trabalho de lavadeira, lá no Caju. Com sete meses eu perdi a minha neném, né? E aí, vem do meu...
AL: Mas a senhora perdeu por conta do trabalho, do esforço do trabalho...
DZ: Não, não. Não foi essa questão mesmo. Não, não, foi questão mesmo... Orgânica minha.
AL: Aham.
DZ: Entendeu? E sim, aí sim, então morando ali, quando eu me casei, a tia dele tinha um dos barracos, melhorzinho que o meu, entendeu? E ela cedeu uma parte da casa dela para a gente.
AL: Aham.
DZ: Entende? Então, assim... É... Era só um quarto, entendeu? Para não, manter aquele quarto limpo, fez uma cobertura do lado de fora e a cozinhava o fogão era de carvão, do lado de fora. E ali, a gente vive, moramos ali, eu perdi minha neném, depois engravidei do meu filho mais velho, né? E...
AL: Continuou trabalhando de lavadeira.
DZ: Continuei trabalhando de lavadeira. Entendeu? E aí, que veio meu processo de remoção, né, o processo... Quando veio o projeto de construção da, da refinaria, né? E veio também o processo de remoção da favela.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu?
AL: Uhum.
DZ: Mas nós nos sentíamos tão bem ali, que...
AL: Que não queriam sair.
DZ: Não, chegou um advogado para que, tomar a causa.
AL: Aham.
DZ: Só que tinha outras pessoas mais experientes, né? Mas conclusão: veio a questão da remoção, ali que eu fui removida para, foi a primeira... Passei por duas remoções. Dali, fui removida para a Penha, o Parque etário (?) da Penha, e do Parque etário (?) da Penha para Bangu, onde eu moro até hoje. Certo? Então, essa foi a minha, a minha trajetória de doméstica e, assim, nesse período, né, que a gente sai da Penha para Bangu, entende? Até aí, então, eu era somente dona de casa, hã... Cuidava dos meus filhos, entende?
AL: Nessa época, a senhora parou de estudar?
DZ: Ah, não. O estudo foi o seguinte: eu terminei meu primário aos 13 anos.
AL: Uhum.
DZ: Hoje, o... Como se chama? O fundo...
AL: O Fundamental.

DZ: O Fundamental, aos 13 anos! Sonhando...
AL: Novinha!
DZ: Sonhando voltar a estudar. Sabe? Eu tinha, assim...
AL: Que a senhora terminou e parou?
DZ: Parei por consequência.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Por quê? Porque lá em Mãe Mirinha (?), minha cidade, só tinha duas, duas escolas. Sabe? Que era o ginásio, que hoje é o...
AL: O Médio.
DZ: O Médio. Era... E todas as duas pertenciam à Igreja. Era... O seminário... Dos padres. Onde estudavam os meninos.
AL: Uhum.
DZ: E a escola normal, que era das irmãs, era, era...
AL: Era das meninas.
DZ: Era administrada pelas irmãs, que era das meninas.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu?
AL: Uhum.
DZ: Só que a escola normal não aceitava menina negra. Entende? Então, a minha mãe não tinha...
AL: Não tinha onde estudar.
DZ: ... Condições de pagar. E para estudar numa escola gratuita, eu tinha que, que passar de uma cidade para a outra, quase, minha mãe não tinha como...
AL: Uhum. Arcar com isso.
DZ: Sofri muito quando parei de estudar, sofri muito, muito, muito. Porque meu sonho era continuar.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Então, eu vim para o Rio, é... Com todos os processos que eu já falei...
AL: Trabalhando, casou.
DZ: Trabalhando, me casei e tal. Aí, como é, veio os filhos, né? E eu sou dona de casa, cuidando de filhos. Não é?
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? É... Qual o processo que me faz chegar onde cheguei com a questão das domésticas? A Igreja! Sabe? Porque ao ir para Bangu, a gente recebe uma casa...
AL: A senhora foi para Bangu, mais ou menos, com quantos anos?
DZ: Eu fui casada, né? Já com, com quatro filhos. Entendeu? Que a remoção de, de...
AL: Da Penha...
DZ: Da Penha para Bangu. Tá? Meus quatro filhos nasceram na Penha.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Mas assim, eu nunca tive, é... Água encanada, água limpa, nem água encanada, (risos) nem de jeito nenhum, nem poço, nem nada dentro de casa.
AL: Não tinha água!
DZ: Não tinha água! Então, tinha um bicão, onde todo mundo pegava água, a gente botava, ia de madrugada, botar a lata na fila para poder encher e dar dez águas para casa, para lavar, para cozinha, para tudo. Eu não tive...
AL: Onde é que tomava banho?
DZ: Era banho de banheira, de bacia ou de...
AL: Não era essa mesma água que ia buscar lá...
DZ: Era essa mesma água, essa água era para tudo. Para cozinhar, para tomar banho, para tudo.
AL: Meu Deus, que luta!
DZ: A gente tinha, né, aqueles volumes que a gente...
AL: O chuveiro do seu irmão nunca teve.
DZ: Nunca teve! (risos) Ele não, o chuveiro não. Tinha, tinha aquela peça que ele fez no chuveiro, que ele chamava de “tino”.
AL: Aham.
DZ: Que eram uns barris que eles com... Serravam ao meio.
AL: Uhum.

DZ: Entende? Aí, era para lavar roupa.
AL: Uhum.
DZ: Entende? Servia de bacia. Lavar roupa, de tanque, isso assim. Entendeu? Então, não tinha nada disso dentro de casa. E quando fui removida para Bangu, a gente acha, assim, que pegou um paraíso. E daí minha família toda foi. Entendeu? Minha família toda foi.
AL: Aí, a senhora, nessa remoção, já tinha água encanada, tudo direitinho.
DZ: Ah, aqui (?) uma água, pia na cozinha...
AL: Ô, meu Deus!
DZ: Banheiro...
AL: Uma mansão!
DZ: Banheiro com descarga. Luz...
AL: Uma mansão.
DZ: Entendeu? Gente, eu fiquei... Aquela casa no meio do terreno, que o meu terreno lá é 15 por oito.
AL: Aham.
DZ: A casa no meio do terreno.
AL: Com quintal!
DZ: Com quintal! Volta, atrás...
AL: Na frente...
DZ: É o paraíso. Que a minha, é... A Penha, não foi, vários lugares aí que foi remoção, teve lugar que nem, nem construir mais com Pasmado, né?
AL: Uhum.
DZ: Aqui, é... Ô, meu Deus do céu... Esse teatro não, como é que é o...
AL: Planetário?
DZ: Planetário!
AL: Aham.
DZ: Planetário. O planetário foi construído, as pessoas foram removidas para a construção do planetário.
AL: Ah, é?
DZ: É! Entendeu? Então, mas, mas a Penha não foi nesse sentido, era a pauperização da, da favela. Então, assim, as ruas que estavam sendo impedidas, onde precisava entrar em obra e tinha barraco impedindo...
AL: Uhum.
DZ: Essas pessoas seriam removidas para Bangu.
AL: Que aí, foi o caso da senhora.
DZ: Não, não foi o meu caso. E quando eu... A gente percebe que... A maioria (?) das assistente social passa, mas faz o meu cadastro também. Se caso houvesse necessidade, a gente tinha o cadastro pronto. Entende? Mas o meu pulo (?) foi assim: uma família, que não tinha condições (som ao fundo), de quê? Quando vai para Bangu, já vai com tudo com... Já, já orientado como vai ser o processo.
AL: Uhum.
DZ: Tá? A casa paga em 120 meses, entendeu? O valor acre, acrescento a partir do crescimento do salário, né? Aumento de salário, aumento de valores.
AL: Aumento de valores.
DZ: De valor...
AL: Da prestação.
DZ: Então, foi tudo indicado para a gente, entendeu? E tem pessoas, e tem pessoas que não tinham... Essa senhora, que ficou com a minha casa, com o meu barraco, já estava construindo tijolo por fora, sabe? Já tinha que melhorar o barraco (?), dentro do barraco já estava cheio de caixote (?), de forra... Ele era todo forrado de jornal por dentro para as pessoas do lado de fora não enxergarem lá dentro.
AL: Não ver, meu Deus!
DZ: Mas o meu marido já estava construindo do lado de fora. Então assim, essa senhora não tinha condições de ir porque ela tinha perdido o marido há pouco... Perdeu o marido nesse período, perdeu o marido, ela com muitos filhos, ela disse que não tinha condições de arcar com uma responsabilidade dessa.
AL: Uhum.
DZ: Então, a gente troca o barraco. Ela vem, o dela é demolido...
AL: Aham.

DZ: E ela vem morar no meu.
AL: Ok! E a senhora parte para Bangu.
DZ: E eu fui para Bangu. Foi a minha segunda remoção: Bangu. Então, eu chegando lá, ai, ai que maravilha, gente.
AL: Gente, um paraíso! Um palacete.
DZ: Aí, minha família e meus primos, né? Tínhamos o meu marido, trocávamos os barracos deles com quem não foram para poder ir para lá.
AL: Aham.
DZ: Só que...
AL: É Bangu aonde que a senhora mora?
DZ: Vila Aliança!
AL: Perto do colégio Bangu?
DZ: Sim!
AL: Aham.
DZ: Mas esse sistema nosso, político, ele é muito perverso. Ele nos ilude de todas as formas.
AL: Com certeza!
DZ: Entendeu? Porque com o tempo, a gente começa a perceber onde nós estávamos.
AL: Uhum.
DZ: Nos deram a casa, mais nada.
AL: Mais nada em volta.
DZ: Não tinha iluminação pública.
AL: Uhum. DZ: Se você, eu trabalhava, né? Tinha que sair muito cedo de casa?
DZ: Tinha que sair muito, tinha que chegar cedo no trabalho! E em casa, para poder não chegar no escuro!
AL: Aham.
DZ: Porque, até uma determinada hora, os moradores botavam uma lampadazinha do lado de fora e eu dormia, apagavam. Nós não tínhamos luz elétrica, nós não tínhamos asfalto. Como era uma construção nova, dá aquele, aquele...
AL: Aquela cor era vermelha (?).
DZ: Aquela cor era vermelha, aquele barro grudento. Quando chovia, quantas pessoas já perderam calçados para poder (som ao fundo)... A gente tinha que ir pelo meio fio para chegar no ponto do ônibus. Não tinha transporte.
AL: Tinha que ir andando até a estação?
DZ: Tinha que andar até a rua principal, que era a Rua Augusto Figueiredo, só passava um ônibus ali.
AL: A senhora andando de lá até lá a...
DZ: Até a Augusto Figueiredo.
AL: Até aonde depois dá no Waldyr Franco?
DZ: Isso! (suspiro) Que ela vai do Waldyr Franco até o Senador Camará. Era assim.
AL: Caraca, mas andava muito!
DZ: Entendeu? E não tinha nada... Escola, construíram uma escola para as nossas crianças lá perto do Waldyr Franco, que era para ser a escolinha João da Silva.
AL: Aham.
DZ: Lá perto do Waldyr Franco, mas não tinha nada! Só a casa!
AL: E ponto!
DZ: E ponto! Aí, começou é... Começamos assim, é...
AL: A se movimentar.
DZ: A se movimentar. Com que a troca, acho que a gente só cresce com a troca de experiência.
AL: Com certeza!
DZ: Sabe? Qual foi a primeira troca de experiência? Pessoas que foram daqui do Pasmado, é...
AL: Que aí foram para lá.
DZ: Para lá!
AL: Acabaram chegando em Bangu também.
DZ: Chegando lá, isso! Lá nós tínhamos o Pasmado... No dia que eu me mudei do parque, do Parque da Gávea, tá? Parque da Gávea que era aqui.
AL: Aham.

DZ: Tinha do Pasmado, Parque da Gávea e Penha. Tá? Que eu fui da Penha. Entendeu? Mas havia umas pessoas em que já tinham, tinham uma experiência de Igreja...
AL: Aham.
DZ: De uma organização de Igreja, então tinha uma senhora chamada "dona Olga" e ela começou a implantar essa organização lá. É, não tinha nada, não tinha Igreja, não tinha nada, a gente não tinha!
AL: Aham.
DZ: Aí, ficamos assim...
AL: É verdade. Não devia ter nada mesmo.
DZ: Aí: "Nós temos que ter algumas celebrações aqui, gente". Tinha a praça, né?
AL: Aham.
DZ: Ela começou a fazer contato com as Igrejas lá, né? Aí, começou a convidar padres para ir celebrar. A gente faziam um altar de caixote na praça, entendeu? E chamavam os padres, de vizinhos (?), para celebrar. Isso aí, a gente começa a pensar e a gente cria um clube de mães. Elas, né, criam um clube de mães e eu vou para esse clube de mães. Ali, a gente começa a... Artesanato, trabalhos manuais, essa coisa toda, mas começa a trocar ideia.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu?
AL: Uhum.
DZ: Nessa troca de ideia, a gente percebe que, que a gente precisa fazer alguma coisa.
AL: Para melhorar aquele lugar.
DZ: Aí, entra para lá também um poster (?) da Leão XIII.
AL: Aham.
DZ: Aí, a gente começa a trabalhar com a questão da Leão XIII em relação às crianças. Que as crianças ficavam soltas!
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Em relação às crianças.
AL: É, não tinha nada, né!
DZ: Não tinha nada! Entendeu?
AL: Não tinha nada aí, realmente.
DZ: Aí, tinha um matagal no entorno, que era, era um matagal não, era uma chácara de manga, de manga e laranja, né? Era uma chácara de manga linda! Entendeu? Maravilhosa em torno de um... De um lado era uma chácara de manga, do outro lado era uma chácara que tinha, assim, jamelão, bambu...
AL: Tudo o que era fruta.
DZ: Entendeu? E as crianças se perdiam ali. Então assim, com isso, a gente começa a pensar no que fazer, né? Fundação Leão XIII, a gente começa a trocar ideia, a gente descobre que Vila Kennedy já era mais velha. Vila Kennedy já tinha uma organização que era um, era um...
AL: Que Vila Kennedy também era remoção.
DZ: Remoção, foi do mesmo período: Vila Kennedy, Vila Aliança e Cidade de Deus.
AL: Aham.
DZ: Aí, Vila Kennedy, que lá tinha um... Um, como é que chama...
AL: Um líder comunitário, é...
DZ: Tinha, tinha...
AL: Associação de moradores...
DZ: Não, não era associação, não. Eu me lembrei disso agora, mas era uma organização de bairro.
AL: Aham.
DZ: Lá tinha uma organização de bairro. E a gente cria essa organização também em Vila Aliança, na época, Conselho de Moradores. Entendeu? Nesse Conselho de Moradores...
AL: E a senhora já estava envolvida nessa organização.
DZ: Nessa organização. E nesse Conselho de Moradores, nós temos em Vila Aliança 44 ruas, certo? A gente cria o quê? Representante de rua. Tá? Duas pessoas para representar cada rua. Nessa representação de rua, a gente começa a articular, né?
AL: Cada um encaminha a demanda da sua rua...
DZ: Pegamos experiência de Vila Kennedy, como eles estavam se organizando...
AL: Uhum.

DZ: Entendeu? Só para que, a gente não tinha nada ainda. A gente começa a perceber na medida em que a gente começa a reivindicar o asfalto, começa a reivindicar a iluminação, o Conselho não tem poder reivindicativo. A gente cria Associação de Moradores.
AL: Uhum.
DZ: A Associação de Moradores, eu pertencia à Associação de Moradores até três anos atrás. Desde àquela época até três anos atrás. Tinha a Associação de Moradores e a gente começa a reivindicar, a primeira coisa que a gente consegue é o asfalto, depois vem a iluminação, depois o asfalto.
AL: E aí, paralela a isso, a senhora continua como diarista trabalhando.
DZ: Continuo diarista trabalhando. Entendeu? É... Saía de casa de madrugada...
AL: No escuro.
DZ: Pegava o trem porque eu sempre gostei de chegar cedo no trabalho para poder, eu sempre gostei de... A minha mãe cuidava dos meus filhos, mas a minha parte eu sempre quis assumir. Duas coisas que eu sempre quis assumir: é a situação dos meus filhos.
AL: Uhum.
DZ: Né? Escola! Médico! Tem reunião na escola, eu negociava com a patroa: "eu vou chegar mais tarde", ou "eu não venho".
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? É, para poder...
AL: Para poder acompanhar...
DZ: Para poder acompanhar! Entende? Então, assim... Então, eu vinha cedo para voltar cedo. Entendeu? Então, a gente consegue, conseguimos uma linha de ônibus, levamos 15 anos para conseguir uma linha de ônibus. Aí, nesse período entra...
AL: Quinze anos andando até a principal?
DZ: Até... Não, vinha...
AL: Para se deslocar.
DZ: A gente pegava ônibus que vinha da Vila Kennedy...
AL: E ir para a Brasil?
DZ: Não, ele vinha da Vila Kennedy, pegava a Augusto Figueiredo, essa que vem do Waldyr Franco e ia até Bangu.
AL: Aham.
DZ: Chama-se "Cata mendigo", porque passava entulhado, sabe?
AL: Aí, já chegava com ele lotado.
DZ: E pegava um lá, na, na dentro da comunidade lá, da Coral, que vinha do Coqueiros.
AL: Ah, do Coqueiro!
DZ: Do Coqueiros.
AL: Esse ônibus é velho igual a chuva(?).
DZ: É, mas agora não tem mais. Pegava no Coqueiro.
AL: Mas tinha.
DZ: É, tinha no Coqueiros. Esse dois tinham transporte, na Vila não tinha transporte. E hoje não tem, novamente.
AL: Não?
DZ: Tudo o que nós conquistamos, não temos. Nós conquistamos essa linha de ônibus que é a 389, o Coqueiros que passava lá por dentro, depois lutamos muito, lutamos...
AL: O 790...
DZ: Lutamos muito para ter uma linha até o Méier.
AL: Aham.
DZ: Aí, a gente consegue o 790 de Bangu...
AL: E o 1084.
DZ: De Campo Grande...
AL: Não tinha, 1084, Vila Aliança?
DZ: Não, o 1084...
AL: Tinha o Catiri e tinha o Aliança.
DZ: Não, 1084, 1084 é... Mil oito quatro é Vila...
AL: Padre Miguel, né?
DZ: Não, é Vila Kennedy. Foi no, como é que é, não, 1084... É o final 84.

AL: É 784.
DZ: Sete oito quatro! Mas é Vila Kennedy.
AL: Mas ele não passa lá.
DZ: Não passa!
AL: Não...
DZ: Entendeu? O nosso era o 389...
AL: Aham.
DZ: Entendeu? E o... Noventa e cinco passava lá, então o 395.
AL: O 395 era o Coqueiro.
DZ: Coqueiros.
AL: Aham.
DZ: Depois lutamos muito e conseguimos a linha, né? Que é o 790.
AL: Isso! Não tem mais 790?
DZ: Sete noventa, acho... A nossa luta foi para que a gente conseguisse até o Méier. Aí, conseguimos o 790 até...
AL: Até Madureira?
DZ: Até Cascadura.
AL: Ah, ele vai até Cascadura.
DZ: Depois vem uma outra linha, 731, que vai até Magalhães...
AL: Sete três um...
DZ: Vai até Marechal.
AL: Sete três um passava na porta da minha casa.
DZ: Então, ele vai até Marechal.
AL: É.
DZ: Houve... Perdãos...
AL: É, o 731 que era o 820, Vila Aliança e Catiri. Isso aí!
DZ: Nenhum deles passa mais por dentro da Vila.
AL: Que isso!
DZ: Nós não temos comissão dentro da Vila. Temos que andar até o Coral, (som ao fundo) ou até Augusto Figueiredo. Dentro da Vila nós não temos uma Comissão, as que passavam não tem mais.
AL: Mas por quê?
DZ: Não sei...
AL: Cortou e acabou!
DZ: Cortou tudo. E nós corremos atrás para recomeçar e nada disso. Nada. A gente sabe que a questão hoje...
AL: Gente!
DZ: A questão do transporte hoje tem uma, tem uma máfia tamanha, né? Entendeu? Então assim, conseguimos...
AL: Que luta!
DZ: Aí, vem a Igreja, a gente consegue, é... Vem a dona Olga, maravilhosa, consegue através das relações dela com a Igreja, né, um terreno, né?
AL: Uhum.
DZ: Para construir a Igreja. Aí, constrói a Igreja, foi também com muita luta, com muito coisa, e vai um padre para lá, italiano, com uma cabeça...
AL: Para frente...
DZ: Revolucionária. Entendeu? E ele é o fundador da comunidade. Ele faz um trabalho muito bom, é também uma época em que a Igreja está muito, muito, que é a época da ditadura, né?
AL: Aham.
DZ: Que vem a comunidade eclesiástica de base.
AL: Aham.
DZ: É, vem várias organizações, os jovens trabalhadores, os homens trabalhadores e as pastorais, então aí começa, é, já estou envolvida na comunidade... Na estruturação da comunidade. E, através da Igreja, começa a minha vida como domés... É, atuação com as domésticas.
AL: Uhum.

DZ: Porque, quando se cria lá a pastoral do trabalhador, a gente entra três mulheres. Padre Bruno (?)... Hoje, a gente tem uma paixão por ele, hoje ele tá em Caxias, né? Ele: "Dona Laudelina, eu quero que a senhora participe do grupo do Conselho do Trabalhador enquanto trabalhadora doméstica".
AL: Uhum.
DZ: Aí, eu chamei mais duas meninas, uma delas era irmã dele, e fomos para o grupo da pastoral. Só que, a linguagem deles não era a nossa linguagem. A desconhecida por nós. Se falava em data base (?), subsídio coletivo, era simplesmente um palavrão. Entendeu? E nós começamos a analisar isso, porque a gente ficava ali calada, porque não tinha, não tá ali, não tá entendendo, não tinha nada para colocar.
AL: Uhum.
DZ: Aí, nós começamos...
AL: Coisa de outro mundo.
DZ: Começamos: "Olha só, vamos criar um grupo de empregada doméstica? Vai ser maior do que o deles. Que enquanto um 'homem' aqui faz parte da pastoral, ele tem a mulher e duas, três filhas que é domésticas".
AL: Sim...
DZ: E a gente, então, pensa nisso, nós três, tá? E, primeiro de maio, de 1976, a gente faz o primeiro encontro de domésticas na Vila Aliança.
AL: Bombou!
DZ: Mais ou menos umas 20, 25 domésticas numa sala.
AL: Muita gente! Nós ficamos felizes da vida. Mas e agora? A gente marcou reunião, a gente convidou as mulheres... Falar o que para essas mulheres agora? (risos) AL: Isso, vocês não pensaram.
DZ: Não pensamos. Menina! As mulheres estão e a gente: "Gente, o que que vamos falar para elas? Por onde começa? Que que a gente fala para elas". Eu falei: "Gente, vamos falar mal das patroas?". Foi primeiro tema.
AL: Pronto! Rendeu a noite inteira.
DZ: E assim... Por isso que eu digo, é a troca de experiência e convivência que a gente cresce, né? Isso de falar mal das mulheres, hoje eu tenho plena consciência que foi uma troca de experiência.
AL: Sim... E não é falar mal, né? É falar o que acontece.
DZ: Não, mas a gente colocou "falar mal", mesmo. Entendeu? Falar mal das patroas. Entendeu?
AL: É "falar a verdade". Começa a falar mal das patroas... A gente, quando nós encontramos ali, pessoas que, que tinham, eram respeitadas...
AL: Uhum.
DZ: Enquanto trabalhadora.
AL: Encontrou de tudo, né?
DZ: Encontrou de tudo. E eu encontrei uma diarista, porque nosso primeiro, é, primeira conquista trabalhi... De, de... Primeira conquista nossa em relação à lei, foi o direito à carteira assinada em 1972.
AL: Uhum.
DZ: Eu já trabalhava numa patroa que mora a duas ruas daqui para lá. Né? Dona Mônica. Trabalhava com ela. Aí, ela disse assim para mim, lá no Humaitá, ela morava no Humaitá nessa época: "Laudelina, assinou a lei da carteira assinada e como é que fica a sua situação?". Eu disse, "Ah, minha consciência!": "Não, dona Mônica...".
AL: "Tá tudo bem!".
DZ: "Isso não é para mim, não. Isso é para quem trabalha direto, dorme no emprego, isso não é para mim, não!".
AL: Aham.
DZ: Não tem, ao menos, dialogar.
AL: Não, nem procurou saber também o que que era, para que que era.
DZ: Nada, "não tem direito, não". E nesse dia...
AL: Essa diarista...
DZ: Essa diarista, é, cada uma falando das suas vidas e tal...
AL: Aham.
DZ: Essa diarista diz que ela é diarista, trabalha com... Não sei quantos anos e que tinha carteira assinada. Eu disse: "O quê?".
AL: "Dona Mônica, vai, vem cá!".
DZ: Terminamos foi num domingo. Terminou a reunião...

AL: “Dona Mônica, faz favor?”.
DZ: “Dona..., vem cá. Como a senhora conseguiu assinar a sua carteira como diarista? – Ah, eu conversei com a minha patroa assim, assim, assim...”. “Segunda feira, segunda eu trabalho: Dona Mônica, eu quero conversar com a senhora”. Ela disse para mim assim: muitas vezes a doméstica é explorada porque ela não tem consciência do...
AL: É...
DZ: Do...
AL: É verdade.
DZ: Né? “Então assim, eu quero que a senhora assine a minha carteira”. Não falei nada de, de... Eu falei: “Eu quero que a senhora assine minha carteira”. Sabe o que ela me responde? “Puxa vida, né, Laudelina? Quatro anos perdidos! Quando eu falei com você, você disse que não, não tinha direito”. Entende? E ela assinou a minha carteira, ficou contando o tempo para que eu me aposentasse.
AL: A dona Mônica é... Raridade.
DZ: É raridade em tudo!
AL: Dona Mônica é raridade.
DZ: Raridade em tudo, estou devendo muito a ela!
AL: É.
DZ: É, há seis anos, a gente não se desligava.
AL: Aham.
DZ: Ela foi, ela, ela foi uma patroa que foi assim: de relação de patrão, empregado, direitos e deveres. Dever da minha parte e dever da parte ela.
AL: Uhum.
DZ: Assim, tipo, que a gente parava, o que ela falava, a gente parava para dialogar. “Laudelina, por que empregada doméstica está lutando para ter direito igual aos outros trabalhadores se ela tem casa e comida? – Pera aí, meu amor. Eu vou largar o ferro para a gente conversar”.
AL: Que a senhora vinha aqui só para lavar e passar.
DZ: Só duas vezes na semana. Eu quando fui para a casa dela, a menina mais velha tinha quatro anos e a mais nova, dois. Deixei as duas na faculdade. Certo? Foi muitos anos de trabalho.
AL: Muita coisa!
DZ: Muitos anos! Parece que foram 23 anos de trabalho. Então, assim...
AL: Aí, a senhora saiu aposentada?
DZ: Não, me aposentei depois.
AL: Saiu antes?
DZ: Não, eu saí aposentada porque eu me aposentei, eu me atrasei muito a me aposentar.
AL: Aham.
DZ: Senão, eu teria saído antes aposentada. Então, assim, “vamos conversar”. Eu entendo da minha casa isso, isso e isso. Eu entendo como o... Como, é... Comida, é o seguinte, direito à casa e comida. Eu entendo que eu teria direito à comida, sabe? Teria que passar pela comida. Se toda, todo prato que eu fizesse, também comesse. Mas muitas vezes, a gente come, a gente, é... Como é que se diz? Faz um, uma determinada comida, né? Um determinado prato. Senão sobrar da mesa, eu não como. Então, não tenho direito à casa e à comida. Eu teria direito à casa e à comida se eu dissesse: “Hoje, eu não quero comer...”.
AL: Isso!
DZ: É... “... Essa carne assada, eu quero comer um bife!”. Ou eu vou, como a carne assada, ou não como nada. Então, não tenho direito. O direito é tudo aquilo que sobra, se não comer, joga fora. Não é isso? Nós tínhamos esse diálogo. Olha, o nosso diálogo era tão grande, que a dona Mônica era muito... Muito rígida com as outras empregadas, né? E esse foi mudando, mudando, mudando, tanto é que a pessoa que entrou no meu lugar, tá? Foi em 89, tá lá até hoje. Entende? É... A patroa, a mãe dela, era uma pessoa maravilhosa também, é, dizia assim: “Laudelina, você transformou a Mônica numa, numa, numa... Comunista”. Você transformou a Mônica, tanto que ela, a mudança dela: “Laudelina, que que eu...”. Não parava empregada, porque ela é muito, muito exigente! Entendeu? E... Ela dizia: “Que que eu faço?”. Aí, ela tinha, ela pegou uma empregada muito boa, uma baiana, uma menina boa para caramba, ficou com ela pouco tempo. Ela ficou, aí, ela... Deu conta, né? “Laudelina...”.
AL: “O que que eu fiz?”.

DZ: “... O que que eu faço para essas pess... Essas meninas pararem aqui em casa?”. Eu digo: “Simplesmente, dona Mônica. No contrato de trabalho, a senhora vai dizer qual, qual... A forma, prestação de serviço que a senhora quer, mas escuta dela também o que ela precisa que ela faça”.
AL: Uhum.
DZ: Porque na hora da necessidade, ela tá precisando trabalhar, ela aceita tudo! Mas quando, quando inicia o...
AL: Mas quando começa o dia a dia...
DZ: É que ela percebe que ela não tem nem condições de dar conta. Então, a senhora tem que se expor, mas também ouvir.
AL: Chegar num comum acordo.
DZ: Entendeu? Olha, foi assim, eu estou devendo ela por quê? Porque nesse documentário, eu falei mal, né? E ela estava. (risos) Eu calculo... E ela estava. Então, tu vê. Porque esse documentário foi desenvolvido de uma forma muito interessante. Foi, foi o, a comemoração do Dia do Assistente Social. E a minha professora, os meus professores, principalmente a Sueli, as Rogérias que eu falei que iam com ela agora, começaram a falar: “Laudelina... Eu não sabia de nada!”. Eu fui saber, desta homenagem, pelo jornal do, da PUC.
AL: Uhum.
DZ: Ah... Convidamos as pessoas para fazer a...
AL: Fazer lá o depoimento.
DZ: E vamos homenagear uma aluna e diz meu nome. “Que isso? Vão homenagear meu nome sem eu saber?”. Entendeu? Mas antes disso, elas começaram a, a... Elas colegas de trabalho, de turma, também, né? Tem o Eli, que ia fazer, fazia vídeo, dizia: “Laudelina, dona Laudelina, tudo bom? Eu estou fazendo umas entrevistas com as alunas mais idosas, é, das universidades, e eu vou...”.
AL: “Queria entrevistar a senhora”.
DZ: “A senhora aceita?”, eu digo...
AL: “Tá!”. DZ: “Tudo bem!”, aí eu fiz a entrevista. É... Aquela coisa toda que vocês viram, né?
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Eu estou crente que é para esse objetivo, que o objetivo seja esse. A Sueli me chama e diz: “Laudelina, olha só... Fala para mim, essas suas andanças, aí e tal, você passou pela pastoral operária, você passou por isso, passou por aquilo”. A Sueli é a Luiz Helena, que também é uma pessoa muito bacana. Aí, eu comecei a falar, né? “A pastoral operária eu trabalhei com fulano, a pastoral de favelas eu tive fulano, ciclano...”. Eu falei todas... Resumindo, no dia, da entrevista, no dia da, da...
AL: Da atividade social.
DZ: Da atividade, ela me diz que não sabia nem o que ia acontecer. “Aí, ó, fala para a sua família que a gente vai mandar uma condução para trazer eles”. Aí mandaram, aí veio meus filhos... Tá! Minhas noras...
AL: Eles sabiam, ou não?
DZ: Não. Não, sabiam! Pelo menos uma das minhas filhas sabia, porque ela foi entrevistada, né? Falando...
AL: Ah, sim, sim.
DZ: Que também não falou nada. Entendeu?
AL: A senhora que não sabia que ela tinha...
DZ: Entende?
AL: Entendi!
DZ: Aí, eu cheguei cedo, eu sou muito atrasada, né? Que eu sempre saio correndo, né? Esse dia, eu cheguei cedo, eu estava andando por aqui e tal, a Sueli me liga: “Laudelina, você... Onde você está aqui?”. Eu digo: “Estou!”, não estou sabendo de nada. (risos) “Você não quer tomar um chá ou coisa assim?”. Eu digo: “Sueli, não quero, não. Eu estou bem. Estou bem, Sueli. Não preciso de mais nada, não”. Aí, chega a hora, né? Eu vejo aquele povo todo que conviveu comigo na década de 80... Entendeu?
AL: E o filme, depois, na sequência?
DZ: Nossa! Aí, eu vejo dona Mônica.
AL: Gente! Em tempo e matar a senhora do coração.
DZ: Por isso que queriam oferecer chá. Aí, eu vejo dona Mônica, aí, o que que ela falou do trabalho, eu falei: “Mônica, nossa convivência, para mim, ela não foi patroa, ela foi uma amiga... Tínhamos nossos momentos, assim...”.

AL: Aham.
DZ: “Nossos momentos de ter o nosso diálogo enquanto atuei como empregada e o momento também de conversarmos como amigas”.
AL: Aham.
DZ: Somos até hoje assim. Nesses seis anos, não sei como é que está a gente, não. Eu calculo que a gente, essa, essa nossa... Afastamento desse período, uma que eu me sinto culpada e outra que eu acho que ela se sentiu ofendida. Entendeu? Porque sou falei meio mal e ela estava ali, né? Mas ela sabe... Mas ela percebeu isso no vídeo.
AL: Aham!
DZ: Porque antes de, antes de terminarem ali as apresentações que aí que era minha fala, ela precisou (?) de sair.
AL: Uhum.
DZ: Que nesse momento, talvez eu estando lá, eu estaria...
AL: Aham.
DZ: Entendeu? É... Então, assim... Para mim foi assim: “Meu Deus, que coisa! Né?”. Dessa... E foi assim, um relembrar da minha fala, quando eu iniciei a minha fala, eu falava assim, eu digo: “Gente!...”.
AL: Aquilo...
DZ: Que eu falo uma coisa... A Luísa (?) Helena na década de... Sessenta, por aí, tinha os, os, os... A Barra da Tijuca era só manguezal.
AL: Uhum.
DZ: Não tinha aqueles prédios...
AL: Não.
DZ: Só manguezal.
AL: Não tinha nada...
DZ: E vinha os nordestinos para trabalhar aqui...
AL: Uhum.
DZ: Super explorados. Eles tinham, eles faziam uma vila de barracão para que eles pudessem ali, sobreviver ali, não tinham um banheiro, não tinha nada. E eu junto com Luísa Helena, pastoral operária: “Vamos conscientizar esses homens lá, né? Esses operários lá”. A gente fazia um cântico (?) com esses homens, né? E ela falando tudo isso. Entende? Eu falei: “Gente, mas olha, eu caminhei tanto. Vocês falavam tanto, eu estou cansada, só de ter caminhado”. Então, foi assim, né? É... E a gente faz esse encontro com as domésticas desde 76, em 78 já não é mais Domésticas de Vila Aliança, Domésticas da Zona Oeste. Nós já tínhamos...
AL: A coisa foi crescendo...
DZ: Tínhamos, tínhamos um grupo de domésticas de Marechal e Santa Cruz, tá? Com tudo organizadinho quando a gente se encontrava toda. Quando a gente se, se... Se organiza, né? A gente procura conhecer a Associação de Empregadas Domésticas, que existia desde a década de 70 e eu não sabia.
AL: Uhum. Entende?
DZ: Quando a gente vem para, conhece a Associação, a gente se filia à Associação, com todas nós, nos filiamos. Entendeu? Nos filiamos. E começa a caminhada dentro das construções mesmo da, da... Do direito, né? É... Em Sessenta e, em 62, em 81, eu fui convidada a participar de um Congresso em Porto Alegre, que até então esses Congressos eram só a direção que participava, as, a base não participava.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Mas aí me convidaram para ir junto com a diretoria e eu fui. Uma nova experiência e nessa época eu já estava em outros lugares, né? Movimento de mulheres... A CUT! Sou fundadora da CUT! Sou fundadora do PT. Então já estava em todas essas, em 84 eu sou eleita presidente da Associação. Mas assim, com uma bagagem sindical que já vem da CUT... AL: Sim, sim. DZ: Entendeu?
AL: Muito aguerrida, né? E de muita luta.
DZ: Exato! Eu já vim com essa, com essa bagagem.
AL: E quando que a senhora voltou a estudar nisso tudo?
DZ: Sim, aí é o seguinte.
AL: Que eu já até saí do roteiro, mas já estou curiosa. Como é que a senhora voltou a estudar no meio desse negócio todo.
DZ: É, assim. As minhas filhas quando elas chegam na adolescência, né?

AL: Uhum.
DZ: Aí, vem muita coisa na cabeça, a gente fica preocupado com muita coisa, a minha filha mais velha, quando fez 15 anos, eu entrei em parafuso no dia em que ela me apresentou o namorado.
AL: Ih!
DZ: Ih, pronto! Eu queria que ela estudasse. A gente, quando a gente quer que os filhos se realizem... Quer que os filhos realizem nossos sonhos. Até a gente ter a consciência que a vida é dele...
AL: Leva um choque.
DZ: Sofre muito. (risos) E eu, volto para a sala de aula 30 anos depois de terminado...
AL: Para acompanhar suas filhas?
DZ: Não! Que eu achei que assim. Eu não tinha... É, como é que se diz, à noite lá em casa, meu marido chegava do trabalho, ligava a televisão, era, era jornal, não sei o quê, não sei o quê, e eu ficava assim: "Vou ocupar meu tempo. Eu vou estudar!". Aí, eu falo para o meu primo.
AL: Gente, mas já estava ocupado, já estava, né, na pastoral, já estava num monte de coisas, gente.
DZ: Aí, eu falo: "Meus amores, eu estava livre!". (risos) Aí eu falo para o meu primo: "Ah, isso não é para nós, não. Isso é para os nossos filhos". Aí, eu volto, né?
AL: Uhum.
DZ: Faço seis meses de... Recordando, né? E terminei, terminei meu segundo grau em 83, é... Aí, parei um pouco. Depois eu tento, eu tento pela Estácio. Pela Estácio não, pela... Pela Castelo, Castelo Branco, né? Sociologia.
AL: Uhum.
DZ: Eu fiquei na... (sussurro) Não passei! Fiquei nas casos de desistência...
AL: Uhum.
DZ: Também, não, não, não... Não me esforcei muito, não lutei e tal. Aí, depois, eu vou trabalhar e venho a trabalhar com a Fundação Bento Rubião, com criança e adolescente, uma instituição que trabalha onde...
AL: Mas aí nisso a senhora já tinha deixado de ser diarista?
DZ: Diarista, ainda.
AL: E ainda ia fazer o traba... Ah, tá.
DZ: Diarista ainda!
AL: Tá!
DZ: Entendeu? Aí, a Fundação Bento Rubião é o seguinte, todo o pessoal que estava na pastoral de favelas...
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Bento Rubião foi um advogado de favelas e foi que o grande responsável pelo Vidigal hoje de estar aqui, né? Ele foi o advogado que defendeu o Vidigal hoje de estar aqui. E então, e Eliana Ataíde (?) também, que também era uma advogada, né? Também, a gente trabalhava junto na pastoral de favelas.
AL: Uhum.
DZ: Mas aí, se surgiu a... A seguinte ideia, né? Avaliação, né? Enquanto pastoral, tem um limite, né? Até aqui, você vai.
AL: Uhum.
DZ: Daqui para cá, não pertence mais...
AL: Com você...
DZ: É mais a Igreja. Então, se viu que estava crescendo muito a questão da moradia, entendeu, habitacional, onde se cria a Fundação Bento Rubião como uma instituição para levar em frente além da pastoral essa questão social.
AL: O direito à moradia. DZ: E com, compõe essa, essa equipe os moradores de favela que eram da pastoral, compõe essa equipe da Fundação Bento Rubião.
AL: Uhum.
DZ: Eu, Vila Aliança, é, Martim da Rocinha, é, Itamar do Vid... Do Santa Marta, entendeu? Compõem. E a gente tinha, fomos trabalhar como voluntários, hein. Ia para Niterói para esse canto (?) todo aí, então. Cada um de nós, tínhamos um trabalho na comunidade com criança.;
AL: Uhum.

DZ: E nossas reuniões semanais ficava: “Ah, domingo a gente fez isso, fez isso com a criançada...”. E lá na Vila Aliança, é... Com a Campanha da Fraternidade do Menor, eu fiquei preocupado... Tem tanto mosquito, será que lá dentro tem tanto mosquito assim?
AL: Não deve ter, mas o barulho.
DZ: Ah, tá.
AL: Vai atrapalhar a gravação.
DZ: Aí, eu que, assim, na minha rua sempre teve muita criança, e era um problema muito sério. Comigo isso não acontecia, porque comigo eu tinha a minha mãe, e minha mãe tinha toda uma na vida... Um sistema de vida, né?
AL: Uhum. Que criou os meus filhos sem rua.
DZ: Mas uma briga tão grande, criança durante o dia...
AL: É?
DZ: As crianças brigavam durante o dia, os pais brigavam de noite. Porque quando os pais chegava do trabalho, as crianças fazia queixa e os pais discutiam com outro.
AL: Uhum.
DZ: E com isso, a Campanha da Fraternidade mexeu muito comigo, da criança, eu comecei a demonstrar um trabalho de criança aqui na rua. Conversei com as mães, qual era o objetivo desse trabalho, tal, tal, tal... Que minha coisa é a seguinte, eu faço minha coisa no chute.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? E o seu trabalho...
AL: Intuitivo, né?
DZ: Intuitivo. Aí, eu falei com o padre da paróquia na época, que não era mais o padre... (inaudível) Eu disse: “Eu vou começar uma catequese na minha casa”. Mas não é a catequese da Igreja, não. É uma catequese que eu vou usar a questão religiosa, a questão do evangelho, para a sociedade, para a questão social.
AL: Para educar, né? Instruir essas crianças.
DZ: Comecei com 13 crianças na minha casa, certo? Essas treze crianças, nós começamos...
AL: Isso à noite, durante a semana, final de semana?
DZ: Num domingo! Num domingo, todo domingo à tarde, a gente reunia essas crianças. E tinha um menino na esquina, que o menino não se dava com ninguém. Eles brigavam muito, esse menino não aceitava as brincadeiras, aquele era danado mesmo. Não era, não era... Era aquela criança...
AL: Agitada.
DZ: Agitada! Tinha os seus motivos para ser, tá?
AL: Hum! DZ: Aí, nesse, no, no, é... Logo nos primeiros dias de, nos primeiros domingos de reunião, eu falei com eles: “Vocês tem que brincar”. Falando com eles nada demais.
AL: Ele foi?
DZ: Não, ele não foi. Aí, começamos, comecei a... Trabalhar com eles o pai nosso, entendeu? Isso surge na minha cabeça.
AL: Uhum.
DZ: “Por que a gente lia (?) Pai nosso, não Pai meu?”. Você não fala “Pai meu”, “Pai nosso” é todo mundo! Quem é bom, quem é ruim...
AL: Uhum.
DZ: E tal, tal, tal... Aí, vira uma pequenininha assim, aí eu falei “nós somos todos irmãos”, a pequenininha falou assim: “Ah, mas o Marcelinho não o meu irmão, não. Ele é um atentado”, não sei o que tem. Aí, todo mundo começou a falar do Marcelinho, né?
AL: Aham.
DZ: Aí, eu conversei para ela: “Mas então, vocês convidam o Marcelinho para brincar com vocês? Ou vocês só expulsam o Marcelinho?”. Vocês... Aí, tá! Aí, vou fazendo isso com eles, primeiro foi na minha casa, um passando para o outro, passando para o outro.
AL: Na semana seguinte, vai ver, apareceu uma multidão.
DZ: Primeiro Não tinha mais espaço na minha casa, aí para a... A gente ia para a praça, fazer nossos encontros na praça, pedir à Associação de Moradores...
AL: Cada dia vinha mais crianças.

DZ: Mais crianças! Né? Então, quando a gente começava a comentar, na Fundação, né, comentar esse nosso trabalho, hoje com as crianças eu fiz isso assim, assim, essa semana eu fiz assim, assim, então todo mundo na Rocinha tinha...
AL: Uhum.
DZ: Santa Marta tinha...
AL: Começou a multiplicar.
DZ: Aí, surge a Eliane Ataíde, então eu fazia um projeto, mas um projeto é de trabalho e livre e municipal, certo? Então, ela faz, faz esse projeto perto dos homens, o projeto é aprovado, né? Então, unifica...
AL: E a senhora continuou como diarista?
DZ: Conta, como diarista! Entendeu? Opa, olha só. Eu parei de trabalhar em 90 e... Eu falei com você foi em 89, não?
AL: Não, foi em 2004. A senhora trabalhou até 2004.
DZ: Então, o projeto começou em 90. Certo? Começou em 90. Aí sim, é... Começamos a trabalhar com essas crianças, entendeu? E essa instituição deu toda uma estrutura para essas oito casas, oito comunidades que nós tínhamos, desde uma casa a...
AL: Que barato!
DZ: Desde uma casa a, a... À condição humana de trabalhar com essas crianças com: biblioteca, cozinha, fogão, geladeira... Montamos a casa! Sabe, inclusive, entre elas, uma biblioteca. Então, assim, eu comecei a trabalhar com essas crianças, né?
AL: Aí, nessa época, a senhora continuava como voluntária, ainda não?
DZ: Não, como voluntária.
AL: Continuou como voluntária.
DZ: Como voluntária. Não, quando o projeto é aprovado, aí já tem uma, uma... Como se diz? Uma ajuda de custo, né? Para cada...
AL: Como se fosse um educador social.
DZ: Isso! Que a gente tinha que... (inaudível) Que a gente tinha que trazer mais pessoas, de outras, com os coordenadores, tudo junto, tá! Então assim, é, trabalhando com esse projeto, não sei porque que eu entrei no projeto.
AL: Para falar da pedagogia.
DZ: Ah!
AL: Quer dizer, eu acho, né? (risos)
DZ: E a Luísa Helena, que foi chefe do serviço social por muitos anos, do departamento de serviço social, ela vivia me chamando. Falava assim: "Laudelina, eu ainda quero, eu ainda vou ter você lá na PUC, hein. Ainda vou ter você quando eu vir". Aí, eu pensei, eu digo: "Quer saber de uma coisa?". Eu via como ela se dava, trabalhando com as crianças, trabalhando com os pais, aquelas realidade, né?
AL: Uhum.
DZ: Eu senti ali: vou fazer serviço social. E isso sai, né, um edital para cidade dando uma certa oportunidade. Eu tinha uma menina, que trabalhava comigo, era maravilhosa, é maravilhosa até hoje, a relação lá com as crianças, professora, entendeu? Aí, eu disse assim: "Ô...". E eu sempre falava com ela: "Você vai longe! Por que você não faz uma faculdade?". Mas eu mesmo não estou...
AL: Aham.
DZ: "Por que você não faz uma faculdade?". Quando chega essa oportunidade, eu falo para ela assim: "Sheila, olha, eu vi o jornal isso, isso e isso, a universidade Cidade está com inscrição aberta para o vestibular. Por que que você não tenta?".
AL: E a senhora não, né?
DZ: "Ah, dona Laudelina, se a senhora for, eu vou!".
AL: "Então, 'vamo bora'!".
DZ: "Vamo bora!". Fomos fazer.
AL: Vocês fizeram.
DZ: Passamos as duas.
AL: Para pedagogia?
DZ: Para pedagogia! Eu, quando eu me vi, eu me vi lá, na lista dos aprovados, eu chamei o funcionário: "Isso aqui é verdade, ou não?". (risos) Entendeu? Aí, fiz a pedagogia por conta desse trabalho.
AL: Uhum.

DZ: E aí, à medida que a gente vai conhecendo, aprofundando mais, né, nas, na questão teórica da coisa, né, aí eu me senti débil (?). Eu senti a necessidade de fazer uma pós. AL: É, porque vai... Expande, né!
DZ: O horizonte.
AL: Expande!
DZ: Eu só não estou fazendo, eu não fiz uma pós-graduação, cheguei a um mestrado em serviço social por causa da minha idade, entendeu? Eu acho que... Agora vou ver se eu aproveito o que eu já fiz. Entendeu? Aí, eu fiz...
AL: Vai descansar um pouco, né?
DZ: Aí, fiz! Fiz a pós-graduação. Né? A Luísa Helena...
AL: Continuou trabalhando no projeto?
DZ: Trabalhando no projeto todo. O projeto terminou, foi falindo, falindo... Dois mil e dez, ele já não "profissionou" (?) mais como devia, mas eu estou com o prédio lá, ainda. Continuo com criança, entendeu? Mas sem essa...
AL: É lá na Vila Aliança?
DZ: Lá na Vila Aliança! Mas aí, a Luísa Helena ficou uma fera comigo: "Eu falei que eu queria você comigo", e tal. E passa o tempo, né? Um certo dia a Fundação tem, tem, tem uma ligação muito grande com a PUC, a Fundação Bento Rubião quando existia(?), hoje a Fundação não existe mais. Tinha uma ligação muito grande com a PUC e começa, a PUC, isso surge...
AL: Até por conta da religião, né?
DZ: Também! E assim, isso foi uma pesquisa, parece que foi feita e nós começamos a, um senso crítico a pesquisa. Os pesquisadores entram na nossa comunidade, adquirem conhecimento através dos nossos conhecimentos e não tem que dar nada em troca. AL: Exatamente. DZ: E daí, a PUC começou a fazer uma nova pesquisa com a gente... Não sei se foi por isso, né?
AL: Aham.
DZ: Chamam lá para... (inaudível) Para começar a oferecer, né, oportunidades, para as instituições. Entendeu? De... De bolsa! Cem por cento de bolsa. Então, ela passou a ceder para a Fundação um determinado número de vagas.
AL: Uhum.
DZ: E era muito importante para a época. Era o cheque e você não pagava nada.
AL: Era vir e estudar.
DZ: Era vir e estudar. Passou, lá! É tudo por conta da PUC. Hoje não, você se paga a inscrição, na época anão. Entende? E... Eu tentei duas vezes, fui reprovada. Entende? Aí, desisti. Um certo dia, é, a Luísa Helena chama e diz... Não sei como foi que eu tomei conhecimento de que, é... Ah! Através da Fundação! De que estavam abertas as inscrições e que ia ter uma reunião lá em Caxias, no, no... No campus de Caxias, né, para toda uma orientação de como ingressar. E eu levei uns jovens comigo.
AL: "Ah, vamos lá!".
DZ: Eu falei: "Ah, vamos lá!". Aí, eu levei uns jovens comigo. Aí, eu cheguei lá, Luísa Helena toda "emfestada" (?): "Ah, que bom que você veio. – Vim , mas não é para mim, não. Eu vim trazer os jovens". Ah, mas...
AL: "Vim só de acompanhante".
DZ: "Não, mas depois, depois, depois de tudo você vai conversar com fulano, que não sei o quê, não sei o quê". Aí, depois que teve a reunião e tal, fui conversar com a menina que hoje é, professora que hoje é... Coordena o departamento, né?
AL: Uhum.
DZ: "Não, Laudelina. Você entra lá e...", deu toda a orientação, né? Aí, eu acabei me inscrevendo como contadora de diploma. Sabe? Tem um...
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? A, a, a inscrição foi até dia 11 de fevereiro, eu fiz minha inscrição na véspera. "Vou...".
AL: Dia 10.
DZ: "Vou, não vou...". E aí, hoje eu estou aqui. (risos)
AL: Olha, dona Laudelina, acho que a senhora respondeu até quase tudo. Que que significa o trabalho doméstico para a senhora?
DZ: Olha só, o trabalho doméstico ele, para mim, significa... É um trabalho digno, como qualquer outra categoria, seja ela qual for, sabe? Eu não vejo esse trabalho doméstico de forma "diminuitiva" como

qualquer outro trabalho. Entendeu? É um trabalho digno, que precisa ser respeitado! Sabe? E além dele precisar ser respeitado, eu acho assim, é... E ele é um trabalho que dignifica as pessoas.
AL: Uhum.
DZ: Porque você vê, que ele é trabalho direto, porque a doméstica forma sociais. Forma o povo, forma é... Pessoas para a sociedade. Entendeu?
AL: Sim!
DZ: Entendeu?
AL: Sim.
DZ: Às vezes, eu consigo é... Às vezes, eu falo para as minhas próprias companheiras o seguinte: "Nós somos responsáveis, sabe, pelos nossos opressores: a gente é babá, a gente é governanta, a gente, a gente é que prepara. Enquanto que os nossos filhos...".
AL: Sim.
DZ: "Nossos filhos ficam na nossa comunidade...".
AL: Deixados...
DZ: "Deixado nas mãos. O menor na mão do maior, ou então por alguém da família, ou então por alguém da comunidade que nos ajuda, a gente está formando, formando cabeças para que amanhã nos oprimem". Então assim, eu vejo o trabalho doméstico um trabalho digno, digno como qualquer outra categoria, que precisa ser reconhecido tal qual todas as categorias são. Entendeu?
AL: A senhora gostaria de ter tido outro trabalho, outra profissão?
DZ: Eu tive! Eu tive um sonho de ser enfermeira.
AL: É?
DZ: Sim. Cheguei até fazer curso e tudo. Eu nem sabia que eu tinha feito curso de enfermeira, enfermagem. Outro dia eu estava mexendo lá nas minhas coisas e estava lá o certificado. (risos) Não levei adiante pelo seguinte: o certificado não, algumas coisas lá do curso...
AL: O material, né?
DZ: Isso! Porque quando eu fui fazer, já estava no sindicato, né?
AL: Aham.
DZ: Aí, quando eu fui fazer meu estágio, fui fazer num hospital que tinha ali em Madureira, é o Hospital Brasil-Portugal.
AL: Aham.
DZ: Certo? E eu vi tanta, assim, como é que eu posso dizer? As mesmas coisas, assim, mais ou menos, que eu tinha que lutar, enquanto trabalhadora doméstica por dignidade, por respeito, por direito, eu via acontecer ali. Entendeu? Tipo assim, paciente ficava jogado, quando é no dia da visita era enfeitado. Aí, era o banho, era tudo para poder a visita chegar e ver...
AL: Uhum. Funcionava bem, para os demais.
DZ: Era, era salário defasado, eu digo: "É, para lutar. Por isso o luto é a minha categoria". (risos)
AL: "Continuo onde estou".
DZ: "Continuo onde eu estou!". Entendeu? Então, eu tive muitos sonhos de ser enfermeira.
AL: A senhora acha que o trabalho doméstico privou a senhora de alguma oportunidade ou lhe deu alguma oportunidade?
DZ: Eu acho que ele me deu oportunidades.
AL: É?
DZ: Entendeu? O trabalho doméstico me deu oportunidades para ser até o que eu sou hoje. Entendeu? Essa pessoa, assim, que, é, você pega muitas experiências, né? Não só, eu fui assim, durante o meu tempo na, na categoria, eu tive oportunidade de conhecer outros países, a situação da doméstica em outros países.
AL: Mas a senhora foi indo representando o sindicato?
DZ: Alguns pelo sindicato, outros pelos movimentos.
AL: Entendi (?).
DZ: Por exemplo, o sindicato, eu fui para representar o sindicato, é, que foi assim um grande fruto, foi em, 90 e... 96. Nós tínhamos o congresso em 95, foi em 96. Estava... (inaudível) em 96, foi em Bogotá, na Colômbia. Primeira vez que eu saio do Brasil. Era um, uma conferência de serviços legais.
AL: Uhum.
DZ: Onde participava dessa conferência apenas os, tipos assim, no, no, na... Tem as instituições, né? É os advogados, os assistentes sociais, mas não, não a base. E a gente recebe esse convite e quase a gente

perde, eu vejo também a questão de nós domésticas, que a gente perde também muita oportunidade por se sentir inferior. Porque, quando chega esse convite para a gente, porque chega esse convite? Porque quando eu assumi o sindicato, nós começamos a articular muito com os países.
AL: A senhora presidiu o sindicato do Rio?
DZ: Presidi, e outra, sou fundadora do sindicato.
AL: Do Rio?
DZ: Do Rio!
AL: Gente!
DZ: Eu sou uma das fundadoras. Entendeu?
AL: Aham!
DZ: Então, assim, quando a gente recebeu esse convite, que é a primeira vez que eu ia sair do Brasil e tudo, eu sempre gostei muito de, até hoje, eu acho que a gente não trabalha sozinho.
AL: Uhum.
DZ: Questão democrática comigo é uma coisa que ela é tudo! Reuni a categoria, né? A diretoria para discutir, porque quando assumi o sindicato, a gente começou muito a articular com a América Latina. Com todos os, com vários países da América Latina. Entende?
AL: Uhum.
DZ: Por causa dessa articulação é que sai esse convite para Bogotá. E aí, foi assim, um: "Ai, eu não vou. Eu não". E aquela coisa, ninguém queria ir.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? E sobre para mim. E quando decidi, e quando decidi que eu vou: "Que você vai fazer o que lá, Laudelina? Você não sabe falar inglês, não sei o que que tem, num meio de só branco...". Eu digo: "Olha só, eu sei de tudo isso, mas quando eu respondo as cartas que me chega, quando eu articulo com os Esta... Com os países, eu nunca disse que eu era branca, que eu era uma...
AL: Uhum (inaudível).
DZ: Uma intelectual...
AL: É...
DZ: Eu sempre, sempre me relacionei como eu sou e como eu sou é que eu vou.
AL: Aham.
DZ: E foi muito importante, assim sem que, ao chegar no aeroporto é...
AL: Estavam esperando a senhora com aquela plaquinha.
DZ: Sendo a organizadora de lá, a gente já conhecia aqui da Fundação. Então assim: "Ah, agora vai sair a conferência, a Laudelina veio!". Essa é coisa que enche a gente de um... Não enche de orgulho, não. Mas dá uma fortaleza, né? Entendeu? E nós tivemos uma, uma semana...
AL: A certeza em que estivemos no caminho certo, né?
DZ: E assim, eu sempre gostei muito de olhar o que está em torno de mim, né? Que assim, quando eu me organizei para ir, nós domésticas somos vistas como aquela que é incapaz mesmo. Por quê? Eu achava que tirar um passaporte era coisa de outro mundo.
AL: Uhum.
DZ: Então, ficou para a assistente social, da época, que ela era de classe média aqui de Copacabana. Teve uma grande importância na categoria, entendeu? Ela assumiu a categoria desde o início, da fundação, então as meninas tinham, eu também tinha muito respeito por ela, mas uma pessoa assim que a gente não tinha condições.
AL: Uhum.
DZ: Então, ficou para ela ir comigo tirar o meu passaporte. E ela acha que não gostou muito, que a pessoa que, ela queria que outro fosse outra pessoa.
AL: Entendi.
DZ: Entendeu? Mas aí, não gostou...
AL: Não gostou da opção.
DZ: É isso! Que não foi nem opção, mesmo porque ninguém quis.
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Então assim, vou hoje, vou amanhã, e quando é que nós vamos na Polícia Federal? Vou hoje, vou amanhã, foi, o tempo foi passando.
AL: E o tempo tá chegando, da viagem.

DZ: Aí, chegou um momento que eu disse assim: “Olha”, pensei, “eu vou na Polícia Federal!”. Fui, me informei, me organizei, tirei meu passaporte.
AL: Sem precisar da ajuda dela.
DZ: Na semana da viagem, ela chega para mim: “Laudelina, e seu passaporte?”. Eu disse: “Ele está nas minhas mãos!”. “Quem tirou para você?”, eu digo: “Eu!”. Entende?
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Então assim, é, fui, e neste, nesta Conferência, é, não tinha ninguém de base. Só era, essa, os representantes, só eram prestadores de serviços. E assim, quando eu chego no aeroporto, cuidei de tudo, mas quando eu chego no aeroporto, que eu viajava bastante, mas por aqui, né? Quando eu chego... (inaudível) pelo nosso país...
AL: Uhum.
DZ: Pelo Nordeste, Norte, Nordeste, por aqui. Quando eu chego no aeroporto, aí que a ficha cai. Eu digo: “Gente! E agora?”. Eu sozinha por lá. Mas quando eu entro, eu encontro Eliane Ataíde, que já vinha desde...
AL: Uhum.
DZ: Desde a pastoral de favelas, ela já estava lá.
AL: Uhum.
DZ: Encontro Leila Linhares, que a gente já vinha do movimento de mulheres há um tempo. Aí, quando encontro com elas, é a segunda conferência, tá? Quando encontro com elas, a Eliane pergunta assim: “Laudelina, você vai para onde?”. Aí, eu... (inaudível) Eu não disse assim: “Eu vou a Bogotá!”. Eu disse: “Vou. – Ah, adoro essa conferência”. Mas Eli... A, a, aí fomos dez brasileiros, de vários Estados. Aí, a, a, estávamos nós três lá e a Leila tem uma dicção muito boa e fala expressiva assim espanhol perfeito. E já saímos daqui com os grupos já determinados. Elas iriam para o grupo de direito e eu ia para o grupo de mulheres. Eu digo assim: “Vamos fazer um negócio? São duas advogadas para o grupo de direito do mesmo Estado. A Leila vai comigo...”.
AL: “Vamos trocar?”.
DZ: “A Leila vai comigo no grupo de mulheres e você vai para o do direito”.
AL: Uhum.
DZ: “Sabe por quê? Porque a Leila vai traduzir para mim o espanhol e vai traduzir para eles o português”.
AL: Pronto!
DZ: “Fechado! Fechado!”.
AL: Foi sucesso.
DZ: Olha, a gente ainda estava naquele gás do congresso, é, do nosso Quinto Congresso, do congresso, o maior congresso que nós já fizemos até hoje, né? Nós achávamos que nós éramos capazes de fazer um projeto e de fazer ir em frente. Ninguém de fora participou de nossa plenária, entendeu?
AL: Uhum.
DZ: E assim, foi uma discussão muito boa para um grupo de 20 mulheres, entendeu? Eu colocando a experiência do Brasil, é, tudo aquilo que eu tinha como doméstica, né? Tudo bem. Quando chega no último dia, eu digo assim para a Eliana, que eu me lembro quarto: “Eliana, amos fazer o seguinte, vamos sair para comprar alguma coisa que o dinheiro, o valor, a moeda aqui é peso, e eu não tenho valor no Brasil”. Como dizem e vamos comprar algumas coisas para o sindicato porque assim...
AL: Uhum.
DZ: Vamos sair. Lugar muito bonito, chamado Vila de Leiva (?), a três horas da capital. Mas quando a gente volta, que o último dia é a plenária final, né? Quando a gente volta, esse amigo, que é conhecido daqui, ele diz assim: “Laudelina! Eu estou procurando você, Laudelina! Onde é que você estava?”. Eu digo: “Que que houve?”. Esse: “Não, é o seguinte...”, que eles fizeram o relatório, eles fizeram a coisa toda lá, né? É... “Os conferencistas querem que você passe para todos eles a experiência que você passou no grupo”. Eu digo: “Não! Eu passei para 20 pessoas. Para 120 é muita coisa!”. Eram 120 conferencistas. Aí...
AL: “Vamos, vamos, não vamos, vamos, não vamos...”.
DZ: Aí, a Eliane disse assim: “Você vai falar sim. Você é capaz! Você vai falar sim”. Eu digo assim: “Eliana, não vou falar... – Vai!”. Ponto!
AL: Foi.

DZ: Fui! Quando eu começo a falar, aquele burburinho, eu digo: “Pronto! Já falei besteira!”. Mas é o que estava falando em português, né?
AL: E as pessoas... (som ao fundo)
DZ: Aí, o menino do Paraná, também com uma dicção maravilhosa em espanhol, ele disse assim: “Laudelina, você fala o português, eu vou traduzir”. Entendeu? E no final foi assim, muito interessante. Foi assim, do... Fiquei assim... Foi aplausos de pé, né? E eu ainda disse: “Não, é porque vocês estão com pena de mim”. Entendeu? Mas não foi nem porque... O fruto não foi nem esse. Porque nessa conferência, foi uma doméstica. E a experiência que eu trouxe de lá e a experiência que ficou lá...
AL: Uhum.
DZ: Na conferência seguida, que foi dois anos depois, foram cinco Estados. Sabe? Foi Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Recife e...
AL: Já foi bem diferente.
DZ: Porto Alegre! Entendeu? Foram cinco! E disso aí, dessa, dessa articulação foram surgindo outras articulações, que surgiu a... As organizações da doméstica como última organização de moral (?) livre nacional e internacional, que é feito, foi surgindo aos pouquinhos.
AL: Uhum.
DZ: Tá?
AL: Ah, imagino. Deve ter sido uma luta bem assim, bem...
DZ: Bem! Uma questão importante também: que a doméstica não era visível. Não tinha visibilidade. E por não ter visibilidade, ela era muito, muito envergonhada de ser doméstica.
AL: Uhum.
DZ: E quando eu assumi, eu... Quis diz assim, dia 27 de abril é dia das trabalhadoras domésticas, né?
AL: Aham.
DZ: Dia Nacional da Trabalhadora Doméstica. E sempre, como ele é comemorado? É a patroa indo à missa, que essa missa ainda tem. Ela continua sendo até hoje, na Avenida de Copacabana. Tinha um grupo de doméstica em Copacabana, tinha um grupo de doméstica, mas um grupo de domésticas. Então, o que que elas faziam? Ela siam à missa, a doméstica ficava em casa cuidando do serviço, né? Elas iam à missa...
AL: Para agradecer.
DZ: Recebiam uma rosa, que essa rosa é distribuída até hoje.
AL: Aham.
DZ: Chegava em casa, dava a rosa de presente para a empregada. Aí, como é, eu levei para a... Reunião diretora: “Gente, vamos mudar isso? Vamos ver se a gente faz umas camisetas, com a ‘CUT’, com a ‘PUC’, com a ‘CUT’”. Nova, nova também, cheia de gás, né?
AL: Aham.
DZ: “Vamos fazer o seguinte...”.
AL: Cheia de novidades.
DZ: “Vamos fazer, vamos fazer umas camisetas, vamos fazer uns bottons”. Ai, aquilo: “Não! Onde é que você... Você tá maluca!”.
AL: “Onde é que você viu isso?”.
DZ: “Doméstica não vai botar uma camiseta identificando que ela é doméstica! E não sei o quê...”. Então, eu falei para ela: “Então, vamos fazer o seguinte: vamos...”, eu propus uma manifestação em praça pública, né? E nisso ela falou...
AL: Aqui na Zona Sul? (inaudível) DZ: Decidi fazer uma manifestação em praça pública. “Deus me livre! Não vai para a rua, Laudelina! Não vai!”. Eu falei: “Olha só, nós somos um grupo de oito pessoas. Vamos fazer uma assembleia, vamos marcar uma assembleia e discutir com a categoria!”. AL: Que eles acham.
DZ: E nós tínhamos um número muito grande de filiados, né? “O que que eles acham? Se eles não aprovarem, não faz, se aprovarem, a gente faz”. Menina...
AL: Foi uma aprovação massiva!
DZ: Olha, e foi assim de uma forma, é, aceita: “E que dia a gente faz?”. AL: “É agora? Cadê a camiseta?”. DZ: Dia 27 ia cair numa sexta feira. AL: Aham! DZ: “A gente faz num domingo, para falar para...”. Aonde? Faz aonde? “Praça dos paraíbas”, em Copacabana. É ali na, na... Siqueira Campos. Praça dos paraíbas, que é lá onde as domésticas se reúnem, onde as babás estão lá com as crianças...

Mas que dia da semana a gente faz? “Ah, no domingo. – Para falar para quem? Só para a gente mesmo?”. No domingo...
AL: “Só para gente mesmo”.
DZ: No domingo, os trabalhadores estão em casa, as domésticas também, aquelas que estão de folga também estão em casa... “Para quem a gente vai falar? – Vamos fazer na sexta feira. – Ah! Mas e a patroa. – Tem tempo para vocês irem negociando com a patroa de vocês”.
AL: É, diz que vai na missa.
DZ: “Você fala, fala a verdade mesmo! Fala para a patroa de vocês que dia 27 é Dia da Empregada Doméstica, que tal horário, de tal horário a tal horário vocês têm, vocês estão...”.
AL: Um encontro, né?
DZ: “Vão ter um encontro de, tal, tal...”. Menina...
AL: Lotou!
DZ: As camisetas que fizemos não deram para todo mundo (?). Entendeu? Fizemos botton, fizemos faixa, tazos... Eu tenho...
AL: Lotou.
DZ: Eu tenho tudo isso, está na mão da menina que está escrevendo alguma coisa aí. Da Valéria... Da Rogéria! É a imprensa que eu tinha, assim, uma abertura muito grande com o jornal... O Dia, né?
AL: Uhum.
DZ: É imprensa... Olha! Foi uma maravilha...
AL: Movimentou Copacabana.
DZ: Praça de Copacabana, com a CUT, com os jornalistas, não sei o quê e eu gritava, falava igual a uma louca: “Desce companheiras! Venham ver a gente!”. A Odete... A nossa assistente social...
AL: Aham.
DZ: Morrendo de medo. (risos) E foi muito bom! Quando viemos embora, uma amiga minha, que mora em Campo Grande, que é uma dessas três que fundamos, né?
AL: Aham.
DZ: Eu digo: “Aparecida, se eu morrer hoje, eu morro feliz!”.
AL: Realizada.
DZ: Porque a minha categoria hoje, não é mais uma categoria escondida. É uma categoria que ela está...
AL: Vista, né?
DZ: Vista!
AL: Conhecida.
DZ: Tanto que hoje ela é visível. Aí, tá, fizemos esse ano, que foi o ano de... Foi 93, 83! Eu tinha assumido em 82, foi em 83. Oitenta e quatro, fizemos outra, mas foi que, foi no Largo do Machado. Oitenta e cinco estava preparando para fazer outra, mas as, a assistente social, ela hoje já morreu, mas ela, ela trabalhava por trás...
AL: Uhum.
DZ: Porque ela não aceitava esse tipo de coisa.
AL: Uhum.
DZ: Ela não aceitava essa forma de...
AL: Uhum.
DZ: Entendeu?
AL: Predisposição.
DZ: É, católica, aquela católica, aquela pessoa de Igreja. É, muito, é... Tradicional, essa coisa toda. E assim, quando foi em 85, a gente estava organizando, organizando, mas nada dava certo. E aí, a gente ia fazer na Praça Saens Pena. E na nossa, na nossa... O que que sai de proposta e aprovada por todos? Que nós puséssemos, expuséssemos uma banquinha, umas banquinha, na Praça Saens Pena, e fosse colhendo assinatura e informando sobre o sindicato, eu falei: “Isso é retrocesso! Porque a gente vai para a rua...
AL: Uhum.
DZ: Duas vezes.
AL: Uhum.
DZ: E na terceira vez a gente faz um negócio desses?”. Aí, eu digo: “Então, é melhor que a gente não faça nada! Vamos receber as domésticas aqui na, na, na sede, (som ao fundo) onde botamos uns bancos aqui e tal”. Manifestação, não fizemos. Mas aí, tivemos uma justificativa: foi a morte de Tancredo. Nós

justificamos para a imprensa que estávamos organizadas, que nós íamos fazer nossa manifestação pública e tudo, mas como o Brasil estava de luto, nós também.
AL: Não ficou, não ficava bem, né? E aí veio a calhar. (risos)
DZ: Só que o Rio de Janeiro foi o primeiro a fazer, depois o Brasil, quase todos os sindicatos também.
AL: Aderiram.
DZ: Era associação na época, Pernambuco faz até hoje. Parece que Campinas faz até hoje. Entendeu? E foi uma coisa muito interessante. Foram essas coisas que a gente foi construindo, né?
AL: A senhora já ouviu a expressão: "Quase da família?". Assim, dirigida à senhora.
DZ: Já!
AL: E o que a senhora acha?
DZ: Não só quase. "Eu sou quase da família". Eu acho uma barbaridade! Tá? Tinha uma amiga, tá, que foi a fundadora do sindicato das domésticas, da Associação das Empregadas Domésticas, que é a Odete Conceição, que faleceu em dois anos. Certo? E ela foi para uma casa de família aos 14 anos e saiu de lá para ser aposentada. Entendeu? E ela dizia assim: que a patroa, quando fazia jantares e tudo mais, né, e junto das amigas, a patroa diz assim, apresentava ela, "Odete é da família". Quando ela dizia, ou quando elas conversavam: "Odete, você já é da família!". Ela disse: "Eu não sou, não. Se eu fosse da família, eu estaria estudando no colégio que a tua filha estuda, eu estaria fazendo isso, assim, que a tua filha faz...". Colocava toda...
AL: Comparativo.
DZ: Comparativo. Entendeu? Então, é uma barbaridade. É a mesma coisa eu disser: "Você é preta de alma branca".
AL: Aham.
DZ: São duas coisas pe... São duas coisas, são duas, é, frases pejorativas, sabe? Que mexe muito com a gente! Entendeu? Mas mexe porque nunca é da família! Até com, que a gente tem, tivemos um congresso só para falar a doméstica menor, né?
AL: Uhum.
DZ: Que vem do interior, vinha do interior para trabalhar, é, casa e comida, entendeu? Quando essas meninas não se davam bem, iam para a rua se tornar prostitutas, né? Que não tinha para onde ir.
AL: É?
DZ: Sim! Entendeu? E vêm, se elas fossem da família, que vai buscar lá no interior...
AL: Nunca que ia acontecer uma coisa dessa.
DZ: Nunca que ia acontecer uma coisa dessa. Então são duas, duas, duas frases pejorativas que eu acho que me agravam muito. É que a "doméstica é da família" e que o "negro é de alma branca".
AL: "Negro de alma branca".
DZ: É, essas são.
AL: Dona Laudelina, para a gente terminar, é a última, é, a senhora acha que as mulheres negras são empurradas para o trabalho doméstico?
DZ: Sim! São.
AL: Por quê?
DZ: Porque, porque assim: primeiro, é o trabalho, né, mais vulnerável que a mulher, de maior vulnerabilidade, que a mulher...
AL: Uhum.
DZ: É, tem como profissão. E ela é um resquício da escravidão. Por que que eu digo isso? Porque para nós trabalhadoras domésticas, eu digo, muda a forma do acontecimento naquela época para você ver naquela época, mas na prática as coisas acontecem na mesma coisa. É como no do... É como eu falava naquele documentário, né? Domésticas que, a, a mulher escrava, que tinha seu filho, mas não tinha o direito de criar seu filho poder amamentar o filho da sinhá.
AL: Uhum.
DZ: Hoje, a mulher que mora lá... Onde são senzalas hoje, é as nossas favelas.
AL: Sim.
DZ: Tá? É nossas periferias. Então muda a forma...
AL: É.
DZ: Certo?
AL: Mas o contexto...

DZ: O conteúdo é o mesmo! Tá? Então eu, eu acho assim: a empregada doméstica, ela tem muito a ver com a questão da escravidão. Ela é um resquício da escravidão.
AL: Uhum.
DZ: E é por isso que ela, ela ocupa uma profissão que, que não é, para ser reconhecida foi preciso muita luta. Para ser vista pelos próprios outros trabalhadores, que eu dizia muito isso no meu tempo, que os próprios sindicatos, muitas vezes, desde apoiar as lutas das domésticas, entendeu? Então, ela não reconhecida, muitas vezes, pelos trabalhadores da mesma categoria. Entende? E, e assim... E, e ela ainda é discriminada enquanto ser mulher, na, na competitividade com os homens.
AL: Uhum.
DZ: Porque é uma questão assim, falei com uma família alemã, que trabalhei por 13 por essa família, aqui no Humaitá, é muito rica! Entendeu? Tinha jardineiro, tinha copeiro, tinha, tinha três ou quatro homens trabalhando. Entendeu?
AL: Uhum.
DZ: Tinha arrumadeira, tinha eu que que era arrumadeira e passadeira, tinha a cozinheira... Mas o salário delas não era...
AL: Como dos homens.
DZ: Como dos homens. E outra questão, esses homens também, é de muita luta para a categoria, esses homens não são registrados como domésticos, eles são registrados pela empresa do patrão. Entendeu?
AL: Uhum.
DZ: São trabalhadores domésticos que poderiam estar fortalecendo a luta...
AL: Sim.
DZ: Entendeu? Mas ele faz parte de outra categoria. E se a gente fala em categoria, o... O motorista particular, o piloto particular, ele é doméstico. Certo? Então, é... O faxineiro, ele é doméstico. Mas nenhum, a maioria deles...
AL: Não se veem...
DZ: Não se veem como e nem é, é visto pela luta trabalhista como tal.
AL: Como tal.
DZ: Entendeu? Então, assim, então a mulher, além dela ser, essa é uma categoria que é de mulheres negras, tá? Onde ela trabalha de uma forma bem mais vulnerável do que o homem negro, entendeu? E não tem nesses homens, que a maioria também são negros, de não ter esses homens negros fortalecendo a categoria e tal. Né?
AL: Até porque, eu acho que tem muita coisa do gênero, né? Então, quando fala "trabalho doméstico", foca automaticamente (?) associa à mulher. Então, ou vai ou não (?).
DZ: tem muito a ver com gênero. Com gênero e raça.
AL: Sim.
DZ: Porque o trabalhador doméstico branco, homem, também tem outro patamar de que o, o negro.
AL: Sim.
DZ: Entendeu?
AL: E até no coisa salarial.
DZ: Exato. Entendeu? E você vê assim, hoje a gente vê também, é, hoje não, a gente percebe isso ao longo dos tempos, dentro da própria categoria, a diferença que existe em relação, tanto o trabalho é...
AL: Remuneração.
DZ: Remuneração! A mulher negra, onde é que você vê a mulher negra, a gente fala da mulher negra, mas você não vê uma mulher negra no banco. Não vê uma mulher negra na caixa do banco, se vê uma só é para poder dizer...
AL: É para poder dizer: "bateu cota".
DZ: "Bateu a cota". Então, você não vê em determinados espaços trabalhistas. Não é isso? De trabalho. Mas você também não vê em determinados espaços no trabalho doméstico. Hoje, você não vê, dificilmente você vê a mulher negra sendo babá. Dificilmente, você vê a mulher negra governanta.
AL: Sim!
DZ: Que são as categorias que lidam mais próximo dos patrões, né?
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Então, isso aí. É...
AL: Que estão mais visíveis, né?
DZ: Exato! Dessa intera... Entendeu? Então você vê isso. Então a mulher negra...

AL: Mais visíveis e mais poder, né? A governanta manda na casa toda, a babá é quem cria a criança...
DZ: Exato!
AL: É fato! A babá é quem cria.
DZ: Entendeu? Então, isso é uma conscientização que temos que trabalhar muito com as nossas domésticas. Muitas delas não enxergam assim...
AL: Não. Ó, a senhora sabe que eu fui conversar com uma, que falou assim: "Eu fico muito feliz de ser chamada de 'quase da família', porque eu me sinto da família".
DZ: Imagina.
AL: Ela disse isso para mim.
DZ: Eu tive dona Mônica que eu poderia dizer: "Dona Mônica é minha família!". Porque ela ajudou a criar minha família.
AL: Uhum.
DZ: E também quando eu falo da família dela, a gente, de vez em quando, a gente fazia umas conversinha pelo, pelo Facebook...
AL: Aham.
DZ: Ela... Agora, quando a minha filha morreu, ela falou: "Mas não é mais aquela coisa que...". Mas aí quando eu falou: "Ô, dona Mônica. Mas como está linda a sua família. Né, dona Mônica?". Ela diz assim: "Família que você ajudou a criar".
AL: Uhum.
DZ: Entendeu? Então, o respeito está acima de tudo.
AL: Sim.
DZ: Entendeu?
AL: Sim.
DZ: Então, assim...
AL: Não, e eu acho que a consciência ajudou a criar, não é a "sua" família.
DZ: É.
AL: Você contribuiu...
DZ: Exato!
AL: Mas não é a sua família. A sua família é outra coisa, é outra parada.
DZ: Entendeu? E foi uma pessoa assim, que eu vejo assim, foi muito humana, não só ela, a família dela, a mãe dela... Esses dias estava pensando, o meu filho mais velho, o primeiro emprego dele foi com a mãe dela. Assim, aos 15 anos de idade. Poxa, esse menino acho que ele tomou amor ao trabalho...
AL: Com ela.
DZ: Pela convivência que teve com ela, dona Elza. Entende? Até hoje, é um homem de 65 anos, quando ele fala "dona Elza", ele endeusa. (tosse) É assim.
AL: É... (tosse) Dona Laudelina, tem nem como lhe agradecer.
DZ: Aham. Eu que acho que falei demais.
AL: Que isso! A senhora dedicou, (tosse) me deu sua tarde. Muito obrigada!
DZ: Não, eu falei demais. Quando eu, eu me empolgo, eu vou... (risos).
AL: Foi de uma riqueza!

ENTREVISTA TRANSCRITA – JOVELINA PÉROLA NEGRA, 27 ANOS

AL: Conte-me um pouco da sua história. Como o trabalho doméstico apareceu na sua vida?
ESB: Sou a Janaina, tenho 26 anos e sou natural de uma comunidade Quilombola do Vale do Jequitinhonha chamada Macuco, localizada em Minas Gerais. Sou a caçula das mulheres, de um total de 7 mulheres, tenho 11 irmãos e infelizmente até o presente momento sou a única a cursar uma universidade. Todavia isso não me fez sair da função de babá.
Mesmo vivendo em outro país, sigo na função de babá é com um diploma de licenciada em História, guardado na gaveta.
Iniciei no trabalho doméstico aos 17 anos, mas sem grandes surpresas, afinal tenho 6 irmãs que já está na função há muito tempo, além da minha vó, mãe, tias e primas que também desempenharam ou desempenham a função ainda hoje.
Um ciclo de hereditariedade dentro do trabalho doméstico, no qual está difícil de ser quebrado.
AL: Você teve outro trabalho antes de ser doméstica?
ESB: Não, nunca tive outro trabalho antes desse.
Comecei trabalhar profissionalmente aos 17 anos como babá, mas ao 12 já cuidava de vizinhos, de maneira informal.
AL: Gostaria de ter outra profissão?
ESB: Sim, tanto que estudei para isso, a trancos é barrancos com apoio de políticas afirmativas, me formei em História em 2017, antes da faculdade eu era empregada doméstica, durante a faculdade eu fui empregada doméstica e depois da faculdade sigo sendo empregada doméstica.
AL: Você já participou de algum movimento político social para resguardar/melhorar os direitos da trabalhadora domésticas? Se sim, como foi sua participação? Em caso negativo, por que, você nunca participou?
ESB: Não sei exatamente se isso entra como sendo um movimento político, mas em 2017 criei uma página no Facebook chamada "ela é só a babá" onde, ainda hoje discuto a relação do trabalho doméstico com a herança da escravidão que o Brasil carrega nas costas, e que a elite branca faz questão de recordar diariamente.
Discuto questões como racismo e capitalismo, sendo as bases de sustentação para que mulheres negras como eu, sigan sendo invisibilidas e apagada da história, sendo narradas apenas como sendo meras propriedades.
AL: O que o trabalho doméstico significa/ou para você?
ESB: Trabalho doméstico para mim significa, perpetuação de um ideal escravagista, significa manutenção e modernização da escravidão. Pois se pegarmos dados de pesquisas, quem desenvolve essa função numa maioria esmagadora, são mulheres negras, nada muito diferente do que se passava no Brasil colonial.
AL: Como você concilia ou conciliava o trabalho com sua vida pessoal?
ESB: Normalmente a prioridade é o trabalho, pois infelizmente sai da casa da minha mãe muito cedo, aos 14 anos. E em um determinado momento não tinha com quem contar, aluguel e contas eram unicamente responsabilidades minhas, não tinha muito tempo para diversão ou socialização.
A diversão era e é pagar contar, e conseguir deixar o aluguel menos atrasado possível.
Como ficou a relação com a sua família, seus filhos, seus pais?
A relação não foi muito diferente, pois como eu disse anteriormente, trabalho doméstico não foi novidade para mim, tampouco para eles. Viemos de um ciclo, de uma hereditariedade que não determina outros espaços para nós.
AL: Você acredita que o trabalho doméstico te privou ou te deu oportunidades? Por quê?
ESB: Dizer que meu deu oportunidade seria acreditar que há algo por ser grata, e de verdade não há.
Pago minhas contas, porém sei que sou muito mais que o que faço, tenho capacidade para ir além, todavia, estou sendo mantida em um espaço que diariamente digo que não me gosta, e principalmente um espaço que luto muito para sair, mas que me engole, a sociedade racista é o copo de água que empurra essa realidade na minha garganta e faz descer.

AL: Alguma vez você ouviu a expressão “quase da família”? Foi direcionada a você? Se sim, o que sentiu? O que ela significa para você? Se não a ouviu, sabe de alguém que tenha recebido esse tratamento? Como ela se sentiu?

ESB: Acredito que toda empregada doméstica ouviu ou vai ouvir isso, o problema é se internalizarem como verdade, eu nunca internalizei. Pois até onde entendo sobre o conceito de família, comer restos, dormir mal, sofrer racismo, ser vigiada por câmeras 24 horas por dia, não me parece uma atitude muito familiar. Quem acredita nisso, se torna marionete na mão dessa elite, que como escreveu Jesse Souza, a elite do atraso.
AL: Você acredita que mulheres negras, de alguma maneira, são levadas ao trabalho doméstico? Por quê?
ESB: Não são levadas, são jogadas e exiladas na função. Nada de novo quando pensamos e vemos diariamente nos meios televisivos, a afirmativa de que isso é o máximo que podemos chegar. Não é surpresa, não é novidade, é a permanência e a reformulação da escravidão moderna.

ENTREVISTA TRANSCRITA, MARLI PEREIRA, 54 ANOS

AL: Então, eu vou... Primeiro explicar para a senhora de onde que surgiu a pesquisa sobre o que "que" é a pesquisa, enfim. Eu sou assistente social e trabalhava num abrigo de idosos, e aí, durante os atendimentos sociais, começou a chegar várias trabalhadoras domésticas que, quando trabalhavam a vida inteira numa casa, geralmente na mesma casa desde a infância até a velhice, e aí elas chegavam no serviço social com uma série de demandas por não ter documentação, não ter auxílio, não ter benefício, não ter nada. E aí, num dado momento, eu percebi que a maioria dessas mulheres eram mulheres negras. E aquilo começou a me causar muita inquietação "pro" doutorado me propondo a pesquisar... O envelhecimento da trabalhadora doméstica negra. Porque isso, essa é uma ocupação, majoritariamente, de mulheres negras. E aí, cá estou eu aqui para ouvir o depoimento da senhora (risos)... Que é assim que é assim que surge a pesquisa, né!? Acho que é importante, o traço importante da pesquisa é justamente pensar neste envelhecimento numa tentativa de contribuir para as políticas públicas para que essas mulheres não cheguem nessa situação, porque é uma situação de abandono, na verdade, o que elas vivem em si. E... De ter um outro suporte, uma outra proteção, pensando nessas trabalhadoras já envelhecidas. Então, é basicamente isso. Eu estudo no CPDOC, e aí eu conheci, inclusive, o sindicato aqui de Nova Iguaçu, antes de conhecer a senhora lá no IFCS pela pesquisa da Elaine, Eliane... Esqueci o nome dela... Que foi feita aqui. Ela usou o sindicato de Nova Iguaçu e as trabalhadoras daqui do município como ponto...
CS: Como é que é o nome?
AL: Elaine, Eliane... Que é professora da Rural. Que também professora da... Não sei.
CS: Não é Eliane, não. É... Yasmin, é...
AL: Não. Yasmin é da UFRJ.
CS: É... E da Rural é... Ai, gente...
AL: É essa, da Rural! Aí eu fui na defesa dela...
CS: Yasmin é a outra. A família dela é até de Volta Redonda, não é isso?
AL: Isso. É isso mesmo! A Yasmin foi quem me levou no IFCS, no dia da fala, que a senhora "tava" lá. Enfim, é isso. Eu vou fazer umas perguntas rapidinho, para que a senhora me contasse um pouco...
CS: Deixa eu só achar aqui, que é tanta gente que coloca dinheiro na sua... Me estressa muito.
AL: Primeiro de tudo, eu queria de saber como é que o trabalho doméstico começou na sua vida, é... com quantos anos a senhora iniciou no trabalho doméstico... Inicialmente é isso. Ah, deixa eu perguntar quanto, qual a sua data de nascimento, por favor.
CS: Nove do sete de 68 (09/07/1968). Ih, tem uma pessoa me ligando... (conversa no telefone)
AL: (Risos) É... Basicamente isso.
CS: "Tá" bom.
AL: (Risos).
CS: Meu nome é Marli Silva Pereira Pinto. No momento estou presidenta do Sindicato Estadual das Trabalhadoras Domésticas de Nova Iguaçu...
AL: Quanto tempo a senhora está presidenta?
CS: Dois "mandato". Oito anos, oito não. Quatro, cinco, seis, sete anos... Quatro, cinco, seis, sete anos.
AL: Nossa, quanto tempo... Dessa loucura!
CS: Não, de presidente... De sindicato, não!
AL: Já tem muito mais.
CS: Tem muito mais! Eu praticamente fui nascida aqui dentro. Assumi bem depois!
AL: Bem depois... "Tendi", "tendi". Bacana!
CS: E... sou também da Federação... Da FENATRAD, Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas. No momento, eu "tô" secretária de ata.
AL: E como é que começou, assim, o envolvimento da senhora com o movimento sindical?
CS: Então, eu sou filha de sindicalista, né? Eu praticamente fui nascida aqui dentro do sindicato. Mas não queria ser doméstica, né? Eu só falava que eu fui ser doméstica por rebeldia, porque minha... minha... eu não gostava de estudar. Aí minha mãe falou assim: "Se você não gosta de estudar...
AL: (Som ao fundo) Então você vai ser...
CS: ... Então eu vou botar você para te, trabalhar".
AL: Aham.

CS: Porque ao invés de ir para a escola, eu ia para a rua com uma turma, né? Ia pra parque, ia pra praça, ia pra shopping... E pra escola não. E como... comunidade, né? Todo mundo se conhece, falavam para ela quando ela chegava do trabalho. Aí ela: "Já que você não quer estudar, você vai trabalhar". Aí...
AL: Sua mãe era doméstica também?
CS: Minha mãe é doméstica! Aposentada, mas era doméstica. Eu sou neta e filha de trabalhadora doméstica. Aí o, o... filho da patroa dela estava precisando de uma babá. Porque ele tinha um filho de um ano e oito meses e um filho de oito meses. Então, aí ela falou assim: "Então vou levar você para tomar conta dos filhos do filho da minha patroa". Aí eu ficava lá, ela me deixava lá, eu tinha uns 13, 14 anos, ela me levava no domin... Na segunda e me pegava no sábado de manhã.
AL: A senhora passava a semana cuidando dessas crianças.
CS: A semana de babá! É... Uma de um ano e oito meses e outra de oito meses. Mas a "a" mãe não trabalhava. Era só pra ajudar. E eu praticamente não tenho uma história de doméstica, de escravidão, de nada disso não.
AL: Uhum.
CS: O meu, o meu foi normal, foi muito...
AL: ... Foi muito tranquilo!
CS: É, tranquilo. Porque minha mãe teve esse cuidado de botar numa casa de uma pessoa...
AL: Conhecia...
CS: Que ela sabia que não ia me maltratar. E ali eu passava o dia inteiro brincando com as "criança", praticamente, né?
AL: Aham.
CS: Jogava videogame, brincavam, ia para o "play" com eles, jogava bola... Era praticamente isso que eu fazia. E... foi assim que eu comecei a ser trabalhadora doméstica. Mas eu não queria! Eu falava: "Não, vou ser trabalhadora doméstica, só por enquanto". E tinha vergonha, como a maioria tendo vergonha de ser trabalhadora doméstica. Passei um bom período tendo vergonha de ser trabalhadora doméstica. Eu falava assim: "Eu só 'tô', mas não sou trabalhadora doméstica!". E... tinha um padre da minha comunidade, que ele foi culpado da minha mãe entrar pro movimento também, e quando eu ia para jóquei, ele ficava dizendo: "Vai ajudar sua mãe no sindicato! – Não vou para lugar nenhum, não! – Vai ajudar sua mãe no sindicato!". E não ia. Mas eu vinha para cá, né, com a minha mãe de vez em quando. Aí a Francisca, que na época era presidente, falou assim: "Marli, entra na direção só para completar o quadro, porque 'tá' faltando gente". (risos) Aí eu falei: "Tá bom! Se é para ajudar, 'tá' bom! Se é pra ajudar, tá bom!" (som ao fundo). Aí, como eu estava falando, estava trabalhando nesta casa onde, quer dizer, praticamente eu trabalho até hoje. Trabalhei muito tempo como babá e depois como diarista.
AL: Entendi! Ah, então a senhora continua trabalhando.
CS: Continuo, como diarista nessa casa. No movimento...
AL: Isso tem muito anos!
CS: Tem. Eu tenho 53. O menino tem 38 anos.
AL: Aquele que tinha um ano e meio.
CS: É, tinha um ano e oito meses. É...
AL: Quando a senhora chegou.
CS: É, é. É uma vida!
AL: É...
CS: É uma vida!
AL: É uma vida... E quase o que tenho quase de idade (risos).
CS: Aí, aqui no movimento, foi o Padre Salvador, Padre Salvador ficava insistindo, aí a Francisca: "Só completa o quadro". Falei: "Tá bom"... Que besteira que eu fiz!
AL: Nunca mais (risos)!
CS: Não! Aí, assim, o que "que" ela fez, falou assim: "Marli, vai fazer um cursinho na Escola Sete, da CUT, lá em Belo Horizonte, de gestão...
AL: Isso porquê a senhora vinha só complementar o quadro...
CS: É só para completar o quadro. "... De gestão, não sei o que... Vai lá! São quatro dias, quinta, sexta, sábado e domingo, mas vai, vai e fica tranquilo, que vai dar tudo certo". Aí eu, igual a uma boba, peguei a minha malinha, fui de ônibus...
AL: Ah, fui, né? Vou aproveitar, né? (risos)

CS: Com a cara e a coragem e fui. Chego lá, cheguei era quase noitinha, quando foi de manhã teve aquela roda, né? Mais homem do que mulher, porque era um curso para presidente tesoureiro para os sindicatos...
AL: Geral.
CS: Geral. Todos os sindicatos filiados à CUT. Aquela "amontoeira" de homem, tinha mais homem do que mulher, começaram a se apresentar. Isso ficou marcado na minha vida sindical! Aí eles começaram: "Ah, eu sou o fulano de tal, sou do sindicato dos médicos, eu tenho faculdade não sei o que, faculdade não sei de que lá, faculdade não de sei que lá e meus olhos foram "abugalhando", né?
AL: O que que eu estou fazendo aqui?
CS: Na época, eu tinha só o... Antigamente era sétima série, né? Até aí só.
AL: Do fundamental.
CS: Isso. Aí eu comecei a ficar apavorada e era muita gente.
AL: Mas a senhora foi sozinha representando...?
CS: Fui sozinha, representando... Pra aprender gestão lá, né?
AL: Aham.
CS: (Tosse) Aí, eu falei assim, aí tá. Começaram a apresentar, apresentar, foi falando, falando... O menos que tinha, tinha uma faculdade. Aí começaram a falar umas palavras estranhas, entendeu? Palavras difíceis, aí eu falei: "Meu Deus, o que significa isso? O que que eu 'tô' fazendo aqui?". (Risos) "O que que a Francisca fez comigo?". Naquela época tinha muito orelhão, né? E era ficha! Aí eles falaram assim: "Vamos dar um intervalo?". Aí, a metade se apresentou, a metade se apresentou, não chegou em mim.
AL: A senhora deu graças a Deus!
CS: Dei graças a Deus! A metade se apresentou, aí eu peguei e falei assim. Aí ele: "Vamos tomar um cafezinho, depois a gente continua a apresentação". Fui para o telefone, Francisca aqui no sindicato atendendo.
AL: Francisca!
CS: "Francisca, eu vou embora agora! Vou pegar o ônibus e vou voltar para casa! Francisca, só tem doutor aqui! O que que eu estou fazendo aqui, Francisca? Eles falam umas palavras que eu não entendo nada. Francisca tinha uma sabedoria maravilhosa, ainda tem, né? É, "Marli, fica calma, respira, respira. Ninguém aí vai te maltratar, ninguém aí vai te diminuir. Aí tudo é sindicalista, tudo povo nosso, fica tranquila!". Falei: "Não quero ficar tranquila, não. Eu quero ir embora!" (Risos).
AL: Quero nem ficar aqui (Risos)!
CS: "Calma, Marli, calma! Fica calma. Tá?". Aí voltei pra roda. Aí quando chegou a minha vez, aí eu fui, me apresentei, falei da onde eu era, né? E falei o que ela me mandou falar: "Fala assim, ó: 'Você tá aí pra aprender, eu vim aqui para aprender. Eu não sei nada, eu vim aprender". Foi isso o que eu falei. Quando acabei, quando acabou a apresentação, quando acabou a minha fala, veio todo mundo para cima de mim: "Nossa! Que legal! Você é do sindicato das domésticas? Eu tenho uma dúvida não sei o quê...". Ih, gente! Os doutores vieram me perguntando as coisa. E eu pensando que não sabia de nada e comecei a explicar. Da minha categoria eu sabia, já tava ali.
AL: Todo dia ali.
CS: Eu comecei a falar, me senti bem. E sentia a necessidade de voltar a estudar. Aí oi quando eu terminei meu Ensino Médio e o Fundamental. O Fundamental e o Médio, e ainda fiz, assim, um curso de técnico de contabilidade. Tentei trocar de profissão, mas vi que não tinha nada a ver comigo, porque dentro do escritório sentada, sou muito hiperativa. Ganhava menos do que eu ganhava na minha diária. Porque eu já estava fazendo faxina para poder conciliar com o sindicato. Fiz um curso também de agente comunitário de saúde, também vi que que...
AL: ... Não ia dar.
CS: Não, porque eu subia nas comunidades, as pessoas doentes, chegava em casa com as mesmas dores, com tudo, sentia tudo, não é pra mim. Aí eu falei: "Quer saber? Eu vou abraçar mesmo a minha profissão, que eu é trabalhadora doméstica. Porque eu gosto do que eu faço!".
AL: Que no fim a senhora passou a gostar, né?
CS: É que no fim, não, eu gostava, só tinha vergonha. Que a sociedade diz que trabalho doméstico não é trabalho, né? Trabalho doméstico é...
AL: ... É uma ajuda.

CS: É, vem da servidão. Vem toda essa construção, que a gente está desconstruindo com a nossa luta, com a nossa vivência como sindicato e como federação. Mas antes não, antes passavam só isso pra gente, que era um trabalho... não era nem trabalho.
AL: Não!
CS: Eu, então, isso tudo, você ficava com vergonha. Agora, eu vou em todo o canto e não tenho canto e falo: "Não tenha vergonha! Você pode ser o que você quiser." Você não pode é abaixar a cabeça, você não pode se deixar se humilhar, só não pode trocar o seu trabalho por qualquer coisa, você só pode se valorizar. Você pode ser trabalhadora doméstica e ter dignidade. Você não precisa ser... E estuda! Eu conheço muita gente que estudou e continua trabalhando como doméstica. Fez normal, dá aula e ainda faz também trabalho doméstico, porque gosta. É pra caramba (inaudível). Eu gosto...
AL: Não! Pode falar, pode falar! Que é um trabalho essencial. A senhora acha que, eu imagino que a senhora conheça, não sei se seja o seu caso, conheça uma série de situações e uma série de histórias, enfim, a senhora acha que, de alguma maneira, o trabalho doméstico, pensando tanto, é... no esforço que é feito, porque é um trabalho muito pesado muitas das vezes, e as situações de humilhação e aviltamento, a senhora acha que o trabalho doméstico compromete o processo de envelhecimento?
CS: Muito! Muito... Em 2009, eu tive uma crise de coluna que eu tava limpando, tava numa faxina, a perna travou. Foi 2009? Foi sim! A perna travou! Aí eu falei: "Meu Deus! Como é que pode?".
AL: E aí?
CS: E eu varrendo o quintal e a lágrima descendo.
AL: Com a dor...
CS: Com dor, com dor. Eu falei: "Meu Deus, meu Deus!".
AL: E a senhora é nova...
CS: Eu sou muito devota de Nossa Senhora e eu: "Minha Nossa Senhora, me ajuda! Deixa eu pelo menos terminar a minha faxina, deixa eu pelo menos ganhar o meu dinheirinho". E comecei a ficar desesperada, desesperada. Aí eu estava nessa casa, que eu to lá há muitos anos. Aí, eu consegui chegar na porta com a lágrima descendo, eu falei: "Inês, é... eu estou sentindo muita dor". Muita dor e chorando. Aí ela falou: "Marli, fica calma'". Na época, eu era casada, tinha plano de saúde, ela me botou dentro de um taxi e foi junto comigo e nós fomos. Era, eu trabalhava no Jardim Botânico, ela foi na Tijuca, que tinha, eu tinha convênio. Aí fomos lá numa ortopedista, desde então descobri que eu tinha, que eu tinha, descobri que eu tenho duas hérnias de disco. Na época, eu estava trabalhando três vezes na semana e a carteira era assinada, e fazia faxina também. Eu fiquei 45 dias só pelo INSS, depois o INSS não me deu mais. Eu fiz isso ó e a dor continuava, que não tinha descoberto o que eu tinha.
AL: Para fazer o tratamento adequado.
CS: Era hérnia de disco. Isso. Aí depois, que o médico falou, falou assim: "Vai num, num... é... um urologista não. É um..."
AL: Reumato?
CS: Não. Ah, esqueci qual era a especialidade. Aí que ele mandou fazer uma aqui...
AL: Ressonância.
CS: Ressonância. E na ressonância me mostrou que eu tenho uma hérnia de disco, que agora eu já tenho mais as duas, né?
AL: Nossa!
CS: Aí eu fui, eu perdi o trabalho de três meses. E... não consegui me encostar pelo INSS de jeito nenhum e vou, continuei trabalhando de faxina. Quando começo a faxina, tomo um remédio pra passar a dor, quando acabo...
AL: ... Termina toma outro.
CS: ... E vida que segue.
AL: Mas agora a senhora não trabalha muitos dias na semana?
CS: Não, não! Não trabalhei muito, não. Porque quando eu trabalhei, comecei a sentir essas dores todas, porque eu tenho: tendinite, é... desvio na coluna, hérnia de disco. Então, os meus filhos ficam preocupados. Graças a Deus, ao Prouni, eu tenho dois filhos formados.
AL: Ai, que bom!
CS: Aí quando eu comecei a ficar muito doente, eles não eram casados ainda, aí eles falavam assim: "Mãe, você diminui, faz a sua luta lá no sindicato, que você gosta e se distrai e... a gente te ajuda, entendeu?". E foi assim. Depois que eu tive essa doença eu diminuí, porque eu trabalhava de faxina de

segunda a sexta. Sexta à noite, eu fazia torta de limão, empadão. E no sábado de manhã eu fazia unha no salão, até meia noite. Quer dizer, eu acabei com a minha coluna.
AL: Dona Marli!
CS: Acabei com a minha coluna. Aí meus filhos: "Não, mãe. A senhora diminui isso tudo, diminui que a gente vai te ajudar".
AL: ... E ainda, ainda se dedicava ao sindicato.
CS: E ainda "se" dedicava ao sindicato... Aí ele falou assim: "Não, mãe. Fica mais no sindicato, fica com poucas faxinas que a gente vai te ajudar". Agora eles estão casados, formados, graças a Deus, mas me ajudam até hoje a mim não trabalhar, não.
AL: Ah, nem, nem. Pelo amor... Eu fiquei cansada só da senhora falar (Risos).
CS: Nossa! Eu trabalhava muito. Mas eu era mais nova, né? Agora é que o corpo está sentindo.
AL: É... Uma sobrecarga, né?
CS: É, é. Foi quando aconteceu isso tudo. Foi antes de acontecer isso tudo que aconteceu isso comigo. E começou a minha coluna a travar. Que eu fazia esses trabalhos: eu saía de um ia para o outro, saía de um ia para outro, saía de um ia para o outro...
AL: Sim, e trabalho pesado.
CS: É, nos dois.
AL: Que faxina é pesado, cozinha é pesado, unha você fica naquela posição o dia inteiro...
CS: É.
AL: ... Que acaba com qualquer coluna.
CS: Aí agora eu faço, faço até faxina, mas não faço muitas, entendeu?
AL: Mas a senhora faz faxinas.
CS: É, as faxinas me ajudam.
AL: Entendi.
CS: Financeiramente.
AL: E... a senhora entende que ainda hoje, o trabalho doméstico, no Brasil, tá associado à questão de raça?
CS: Com certeza! Com certeza! E ainda tem aquela discriminação: se você é negra, eles querem pagar menos...
AL: É?
CS: ... Se você é mais "clarinha", eles pagam mais.
AL: É mesmo?
CS: É. Se tem duas "função" dentro da casa, tem uma negra e uma preta... uma negra e uma branca, a branca...
AL: Ganha mais.
CS: ... Fica com o trabalho mais...
AL: ... Mais leve.
CS: É... E a negra fica com o trabalho mais, ganha menos e mais pesado.
AL: Gente, que coisa absurda!
CS: Fora o trabalho análogo à escravidão, que tá gritante agora.
AL: Sim, sim. Que parece que depois da pandemia, parece que toda semana aparece, explode um caso.
CS: É... parece que... eu divido (?) também as divulgações. Que a gente se uniu (tosse), a Frenatrad se uniu com o Ministério Público e tá, né, fazendo campanhas. Isso ajudou muito também. As pessoas antes ficavam com medo de se meter. Mas tendo alguém por trás, fazer denúncia anônima, isso tudo, as pessoas tão com mais coragem de mostrar o que realmente está acontecendo.
AL: Eu acho que a própria veiculação da questão do trabalho doméstico, da trabalhadora doméstica na mídia...
CS: É. Isso mesmo. Ajuda!
AL: ... Tem tido um outro movimento e muito mais repercussão.
CS: As parcerias também que a Fenatrad tá fazendo, né, com órgãos públicos, com algumas ONGs, né, o trabalho que também está fazendo de conscientização das trabalhadoras domésticas, né, dando curso de informática, dando curso de direitos...
AL: E a adesão delas é grande? A esses cursos...

CS: É, nós formamos mais de 300... Acho que foi mais de 300, não foi Mari? O último curso... (voz ao fundo) O último da Themis (?)? Foi mais de 300, não foi? (Voz ao fundo) Mais de 300 trabalhadoras pelo Whatsapp!
AL: Ih, legal!
CS: Whatsapp!
AL: Legal...
CS: Elas tiveram muita dificuldade. Aí, a gente, como dirigente, ficava: "Não, ó, eu vou ensinar, vem aqui". Aí a felicidade era elas falarem assim: "Não, dona Marli. Não precisa, não. Agora já consegui fazer sozinha!".
AL: Já entendi (risos). Ah, que bom!
CS: Isso dá uma felicidade tão grande! Muito grande! Um empoderamento das trabalhadoras que só viviam de cabeça baixa: "Sim, senhora. Não, senhora!". Agora eu sempre falo com elas: "Levanta, vocês não tem o nariz empinado, mas empina ele. Levanta assim que ele fica! Fala de olho a olho. Você não tá, ninguém não tá fazendo favor para você, não. Você tem o trabalho e patrão tem o dinheiro, então é troca! ...
AL: Sim!
CS: ... Não "baixa" a cabeça, não. Então, levanta!". E dá certo, dá certo... Que elas, a maioria... Ai, é isso aí mesmo.
AL: Tá chegando junto.
CS: Elas chegam: "Olha, Dona Marli, eu consegui falar com a minha patroa e pedi aumento". Eu fico numa felicidade...
AL: Com certeza.
CS: É... Sinal de, de, de dever cumprido. De, né... eu passei.
AL: Tá fazendo o trabalho certo, né? Alcançando os objetivos.
CS: Isso aí... Isso aí.
AL: E, assim, acho que o reconhecimento do quanto seu trabalho é importante.
CS: Puxa vida. Eu fico muito feliz. Ó, eu tava falando com o, com o... menino da comunicação da Fenatrad, que ele tava falando: "Ah, Marli, você foi isso, aquilo, não sei o quê...". Aí eu falei: "Ô, Pedro. Eu me preocupo não é falar bonito, não. É até bom você ter concordância, isso tudo, que na nossa categoria isso é complicado. Que na nossa categoria, a maioria 80 por cento é (inaudível) semianalfabeta. Mas eu me preocupo de passar o recado pra elas, entendeu? Que elas me...
AL: Sim, tem que ser acessível pra elas.
CS: ... Se espelhem em mim... se espelhem em mim e bota pulso quando for falar com o patrão, quando for negociar um emprego, um trabalho, entendeu? Minha preocupação é empoderar elas mesma! Eu quero ver elas assim, sabe? Se assumindo, entendeu? Sou trabalhadora doméstica, sou uma mulher negra, moro em comunidade, mas posso ser o que eu quiser. Se eu quiser ser uma deputada, como Benedita da Silva. Se eu quiser ser doutora... Nossa, quando eu vejo aquelas mulheres negras lá... "doutora"... Ah, eu fico muito feliz! A mulher tem que ser o que ela quiser, independente da cor, ou da sua classe social...
AL: Uhum.
CS: A gente pode tá em qualquer espaço...
AL: Com certeza, com certeza. E aí não tenho dúvidas que a senhora é um exemplo para elas. Com certeza!
CS: Eu falo para elas, eu tenho, tenho até vontade de fazer faculdade, mas não vou largar minha profissão, não. Agora já era. Gosto de ser doméstica. E gosto de ajudar minhas trabalhadoras. É que aquela é minha irmã, olha que bonitinha (?)...
AL: É? Gosta de ser doméstica e não tem mais vergonha em ser doméstica.
CS: Não tenho mais vergonha.
AL: Boa tarde, tudo bom com a senhora? (Conversa paralela) É... deixa eu ver aqui. Mas a senhora acha que essa questão de muitas trabalhadoras ou ainda estarem, ou já terem estado, nesta condição, sempre com a cabeça baixa aceitando tudo, né, dos seus patrões, tem relação com a raça?
CS: Com a raça só não. Tem relação com aquele, que o trabalho doméstico vem lá da senzala, da casa grande. Com certeza tem raça, classe, gênero... Tem tudo a ver porquê... Botaram isso na nossa cabeça, entendeu? Que nós somos trabalhadoras domésticas a gente tem que servir. Para desconstruir isso é só

muita luta. Porque acha que vem lá e tem que continuar. E muita elite branca que fazer isso com a gente, né? Que humilhar, quer ofender!
AL: Ah, só querem.
CS: É!
AL: A elite deste país é podre.
CS: E se a gente não se impor, se a gente não se impor... fica assim mesmo, querendo passar por cima da gente porque somos negras, porque somos pobres.
AL: E ainda mulheres.
CS: Mulheres... e ainda trabalhadoras domésticas, né?
AL: E o trabalho doméstico não parece que é o caso da senhora, mas eu vou perguntar, pois eu preciso perguntar. É, o trabalho doméstico, de alguma maneira, atrapalhou a sua vida pessoal? O cuidado dos seus filhos, a manutenção do seu vínculo com a sua família?
CS: Eu não! Eu não porque eu, é... Eu acho que minha mãe teve esse cuidado, pra isso não acontecer. E eu não deixei de, de viver a minha vida em função do outro, de outra família. Eu sempre botei na minha cabeça que eu tenho que ter a minha família e lá é meu trabalho. Mas eu conheci muitas trabalhadoras que abandonou a sua vida...
AL: Pra dar conta da vida do outro.
CS: ... Pra dar conta da vida do outro, viveu a vida do outro, entendeu? Tenho casos que ela, ela não teve outra família, mas a família dos patrões fez questão de proteger ela mesmo morrendo, né? Que deixo no testamento que ela ficaria ali, não vou citar nome, ficaria ali enquanto ela "tiver" viva e ela tá lá dentro da casa até hoje. Nenhum filho mexe com ela, entendeu? E tenho casos de que, de uma trabalhadora que o marido levou as duas filhas e no dia que acharam ele tava em algum lugar, acho que tava até pedindo dinheiro, usando até as crianças pra pedir dinheiro, ligaram pra ela dizendo aonde tava as crianças e a patroa não deixou ela sair. E nunca mais ela voltou a ver a filha, as filhas.
AL: Meu Deus!
CS: Naquele dia eles ligaram eles falaram: "Ó, seu ex-marido tá não sei aonde...
AL: ... Corre pra...
CS: ... Corre, vai lá que você acha. Arruma alguém, sei lá, leva a polícia, qualquer coisa". A patroa não deixou ela sair...
AL: Que absurdo!
CS: "Não, tem que fazer as coisas, não sei o quê". Nunca mais ela viu os filhos.
AL: E ela continua com essa patroa?
CS: Não, não! Aí ela já tá, eu nem sei mais onde ela tá...
AL: ... O desfecho, né?.
CS: Entendeu? Mas depois disso, ela continuou anos e anos, continuou trabalhando ali naquela casa e não achou, nunca mais achou as filhas nunca mais.
AL: Meu Deus!
CS: Agora ela deve ta mais velha que a minha mãe. Que ela trabalhava na mesma casa que a minha mãe...
AL: Aham.
CS: ... Entendeu? São casos assim que a gente fica apavorada. Aqui vinha uma senhorinha, muito idosa, que ela ganhava 50 reais... por mês. Que pra reverter esse caso...
AL: Gente! Como que vive?
CS: Não sei! Para reverter esse caso, é... nós tivemos muito trabalho. A advogada teve muito trabalho pra reverter esse caso pra ela conseguir todos os direitos. E você, ainda corre o risco de pegar um juiz que é patrão...
AL: Aham... E não ver problema nenhum nisso.
CS: ... Não. "Não, vamos dar a metade". Entendeu? As advogadas daqui fala: "Marli, por que você não faz direito?". Eu falo: "Vocês vão me ver me... me... tirando da cadeia..."
AL: ... Vai ser presa! (risos)
CS: Porque quando um juiz falar para mim isso...
AL: Um absurdo.
CS: ... Eu vou encarar ele. Porque eu não vou aceitar...
AL: Gente, que barbaridade...
CS: Ele vai dizer que é autoridade máxima e eu tô desacatando ele.

AL: Uhum.
CS: Entendeu? Então é melhor eu ficar quietinha aqui mesmo. Porque vai dar ruim! Vai me tirar da cadeia?
AL: (risos).
CS: Não, deixa aqui mesmo.
AL: Haja dinheiro para fiança!
CS: É, não. Não dá, não. Não aguento! Quando falar que "Ah, vou dar metade", eu vou questionar: "Por que metade? Não é direito dela?".
AL: Se o trabalho for inteiro?
CS: É! Entendeu? É, não, não. Quero não. Deixa pra lá, melhor não.
AL: Gente... Eu to passada com essa senhorinha...
CS: Olha, é tanta, tanta coisa absurda que você vê. A dona Lourdes, ela já quase apanhou de um patrão, porque o patrão quase ia avançar na trabalhadora, quando eles vêm fazer acordo. Vinham fazer acordo, alguns tempos atrás...
AL: Aham... Na frente de vocês, dentro do sindicato?
CS: Isso, dentro do sindicato, junto com a advogado dele.
AL: Gente, é muito desrespeito!
CS: Aí ele veio encima, veio encima da trabalhadora, e... a minha mãe, eu puxei ela, né? Aí ela foi na frente assim e ele recuou, quer dizer. Aí ela: "O senhor sabe que eu posso chamar a polícia pro senhor, o senhor sabe, né?". Aí o advogado apavorado: "Não, não! A senhora me desculpa, me desculpa, me descontrolei, me perdoa. – Tudo bem, mas o senhor se controla, porque eu posso chamar a polícia".
AL: Que coisa absurda!
CS: É... a gente pega cada coisa aqui que só Jesus.
AL: Então, em termos de direito, a PEC das domésticas, muito pouco se avançou...
CS: Não, teve!
AL: Pra efetivação desses direitos...
CS: Teve! É mais fácil de você cobrar "tando" no papel...
AL: Entendi!
CS: Mas pra respeitar.
AL: Uhum.
CS: ... Eles não, acham que pode tudo, entendeu? Quando o patrão, não generalizando, mas quando há má índole, ele acha que pode negociar, molhar a mão de alguém e sair impune, né, da situação em que está. Então, muitos não, não...
AL: ... Não cumprem.
CS: Não cumprem, entendeu? ... A PEC, os direitos, foi bom. Mas nesse desgoverno que a gente está, me desculpe...
AL: É, é. Nem esse...
CS: ... Que o errado é o certo e o certo é o errado, então isso aumentou muito, entendeu, o descaso, não querer pagar, ou enrolar e não pagar. Aumentou muito! Ajudou, mas é, é... Com esse desgoverno eles acham que pode fazer qualquer coisa.
AL: Ah, eles não tão seguindo nem as, as...
CS: E quando é advogado e contador, é pior!
AL: É?
CS: É, é pior! Porque eles conhecem a lei e acham que conseguem enrolar.
AL: Ludibriar e enrolar mais ainda
CS: Vou te dar um exemplo na época...
AL: Que gente suja!
CS: Que aí o governo pegou aquela suspensão, que o trabalhador ficava em casa e pagava 70 por cento e o patrão pagava 30. Sabe o patrão fazia? Botava a trabalhadora, suspendia o contrato...
AL: Aham!
CS: ... A trabalhadora só recebia pelo governo e continuava trabalhando...
AL: E os 30 por cento?
CS: Não... Era para a trabalhadora ficar em casa...
AL: Sim! No período da pandemia.
CS: É, ela continuava trabalhando, ela continuava no trabalho...

AL: Além de correr o risco...
CS: Isso...
AL: ... de contaminação...
CS: E não pagava os 30 por cento.
AL: Só recebia os 70 por cento do salário
CS: Só recebia 70 por cento do salário e continuava trabalhando. As que, que achavam que tinha alguma coisa errada, elas ligavam pra cá e a gente falava: "Vai pra casa! O seu contrato foi suspenso! O governo vai te pagar para ficar em casa e não ficar doente!". Teve patrão ligando cá como é que ele faz isso? Aí eu falava: "O senhor vai botar a sua trabalhadora em casa? – Não. Ela vai continuar trabalhando! – Então, o senhor não pode suspender o contrato dela. Isso é fraude! Isso dá cadeia!". Aí ele: "Ah, tá. Entendi errado". Mas muitas, muitas, muitas, muitas... Fora as outras que teve o trabalho análogo à escravidão, que não podia ir pra casa.
AL: Isso aí é cárcere privado.
CS: "Não, você só vai pra casa depois que terminar essa doença". E umas tavam três meses, a gente tinha que, ela... Liga pra delegacia e pede pra ser resgatada.
AL: Mas assim, elas que foram mantidas em cárcere privado, isso é cárcere privado, se aproveitavam também pra deixar de pagar?
CS: Não! Não...
AL: Pagavam o salário!
CS: Pagavam o salário! Normal, entendeu? E algumas nem se alimentavam direito, não dormiam em lugar apropriado. Acontecia muita coisa nessa doença que, muita coisa que eu acho muito desumano.
AL: E a senhora aqui, pelo o que a senhora acompanha aqui da movimentação do sindicato, tiveram muitas mortes de trabalhadoras domésticas?
CS: Doentes, né? Mortes tive algumas. Mas de adoecer, umas duas ou três vezes... Teve muitas!
AL: Nossa!
CS: E eu pegava Covid mais de uma vez.
AL: Dona Marli...
CS: Mas elas falavam assim: "Mas ele não quer deixar a senhora. Sai daí! Vai pra casa! A senhora vai morrer e não vai ter dinheiro de qualquer jeito".
AL: Uhum... Como a dona Creonice morreu, né?
CS: Mas eu preciso desse dinheiro... Eu falei, mas eu preciso desse dinheiro. Mas aí disseram assim: "Mas e se a senhora morrer, vai adiantar? Vai pra casa! Sai daí. – Ah, mas eles estão com Covid e não querem deixar eu ir pra casa. – Vai pra casa antes que você pegue isso. Ah, eles tem hospital particular, a senhora não tem, a senhora vai ficar numa fila, o povo tá morrendo na fila". Algumas eu vi, algumas...
AL: Gente, que situação!
CS: O medo de perder o emprego. Porque paga aluguel, tem criança pequena. Eu falei: "Você perder, a senhora vai passar a doença pra tua filha pequena". Nossa! Eu chorava junto com elas no telefone!
AL: Eu imagino.
CS: Dava um desespero.
AL: Vontade de invadir a casa pra tirar de lá, que a vontade é essa, né?
CS: A vontade é essa mesmo! Aí ela: "Ai, meu Deus! Mas não posso perecer". Eu falei: "Senhora, vai pra casa. A senhora viva ainda consegue fazer alguma coisa pela sua família, a senhora morta não conseguir fazer nada. Vai passar por um aperto agora, mas vai ter saúde pra trabalhar depois". Aí, a gente chamava, a gente arrumava uma cesta básica: "Vem aqui que a gente vai arrumar uma cesta básica! Pelo menos, alimento vai ter". Nossa! Olha... Foi a pior época.
AL: ... Muita coisa.
CS: Foi a pior época. Foi horrível! Foi a época em que a gente mais trabalhou.
AL: É?
CS: É! A gente do sindicato? ´
AL: Aham.
CS: É! A gente era agente humanitário, porque vendo essas trabalhadoras passando fome, perdendo emprego, perdendo casa, perdendo tudo...
AL: E qual é a média de idade, mais ou menos, dessas mulheres, Marli?
CS: Ah... 50, 40 e poucos... Tão envelhecidas. Não tão novas, não. Tem carinha de novas...
AL: (risos).

CS: ... Mas tão envelhecidas. Ó, essa daqui tem 53, aquela ali tem 60 e alguma coisa.
AL: Jura?
CS: Juro! Essa daqui tem 50 e alguns. (risos e som ao fundo) Viu? Mais nova sou eu.
AL: Gente...
CS: Eu tô falando.
AL: Vocês tão muito bem. (som ao fundo) Parabéns atrasado. (som ao fundo) "Cês" tão ótimas! (som ao fundo)
CS: Mas a nossa... (som ao fundo)
AL: Conservada? (risos e som ao fundo) Ah, é verdade!
CS: É melanina que deixa assim. (risos)
AL: Olha, eu tô confiante nisso aí, hein.
CS: É melanina! Quantos anos você tem?
AL: 41.
CS: Que isso! E aí tá falando da gente? (risos) 41... Eu dava uns 29. (som ao fundo) Eu dava uns 29 pra ela. (som ao fundo)
AL: É?
CS: É!
AL: Ah, gente... Eu ganhei o dia!!!
CS: Aí, viu. (som ao fundo)
AL: Eu to enganando. (risos) – Pausa – E aí, são mulheres maduras que você sente matar o processo de envelhecimento delas. (som ao fundo) E a senhora tem muitas sindicalizadas aqui?
CS: Não.
AL: Não?
CS: Não. Engraçado que com essa doença e elas estarem precisando de ajuda, elas vieram procurar ajuda no sindicato, mas antes era sacrificante você conseguir fechar o quadro de diretoras para o sindicato ficar de pé, entendeu?
AL: Gente, mas nem pra direção, assim?
CS: Minha direção tava muito envelhecida. Muito mesmo! Agora que eu to conseguindo gente para substituir, graças essa, essa doença. A Amara não, ela já tava lá, mas as outras não. E ainda tem umas da cesta básica que eu conheci.
AL: Ah, legal... Pelo menos um lado positivo, né?
CS: Aí, eu praticamente me alojei ali, pra não ficar indo pra casa e voltando, pegandopegando doença dentro de condução. Aí o que que eu fiz, eu fiquei aqui. Aí eu fale, um belo dia eu falei: "Gente, a minha casa tá criando bicho". Aí menina falou: "Peraí, vou lá te ajudar!". "Peraí, vem me ajudar aqui no sindicato". Aí, um belo dia começou assim. Agora elas vem me ajudar aqui no sindicato, elas ajudam no plantão.
AL: Igual a dona Francisca fez com a senhora lá no passado: "Vem aqui só pra completar o quadro". (risos)
CS: Aprendi com ela. (risos) E elas caíram e tão aí. (som ao fundo) É... (risos) Mas é uma armadilha boa. Que aqui a gente, é... aprende...
AL: Uhum.
CS: ... Se diverte, entendeu? Tem um curso de informática aos "domingo", depois a gente faz aquela "mesona" de almoço e a gente conversa, né Lydia (?)?
AL: Ah, bacana... O curso de, de informática... (som ao fundo) É, é... (risos)
CS: É, de vez em quando a gente bota, é...
AL: Karaokê.
CS: ... Karaokê! Tem umas "cantora" aqui boas, que eu acho que até vou inscrever elas no The Voice Brasil.
AL: Eu acho que é uma oportunidade... (risos)
CS: É... (som ao fundo)
AL: E o curso de informática é aberto pra categoria?
CS: Não! O curso de informática foi um projeto do fundo Elas e a gente botou para a formação de diretoras.
AL: Ah, entendi.

CS: Entendeu? Porque esse ano eu tenho que trocar a direção. O meu mandato acaba, então eu tenho que formar outra direção. Aí dentro desse projeto, colocamos esses, esses "curso" pra elas pra formar a nova diretoria.
AL: Entendi. Mas a senhora continua, pretende continuar como presidenta?
CS: Não posso. Tenho quatro "ano", oito...
AL: São dois mandatos, né?
CS: São dois mandatos! É! Antes não. Depois que a gente fez a reforma no estatuto, a gente botou só dois mandatos.
AL: Entendi.
CS: Aí, eu tenho que formar outra pra ficar no meu lugar, ou posso trocar de cargo. Mas eu mesmo não posso continuar na diretoria...
AL: Na diretoria.
CS: É, mas posso trocar de cargo.
AL: Pra gente finalizar, dona Marli, sobre a expressão "quase da família"...
CS: Assédio moral! É o maior assédio da nossa categoria.
AL: A senhora já ouviu essa expressão?
CS: Eu não!
AL: A senhora...
CS: Eu não! Mas, é... Isso é uma coisa gritante na nossa categoria. Usa isso pra poder não pagar os seus "direito". Usa isso pra não cumprir com a lei, entendeu? Aí fica: "Não, não era minha empregada, não. Era minha... Eu trouxe ela lá de Minas pra estudar". Nunca viu um livro! E trouxe uma criança e essa criança cuidava de outra criança, mas não estuda, não se alimenta direito, não come o que a outra criança come e ainda cuida da outra criança. Aí quando você vai lá exigir, né, os direitos: "Não, é quase da família. Eu considerava...". Ou quando a trabalhadora decide botar a patroa na justiça, aí a patroa fala: "Mas ela não era minha empregada. Eu acho isso injusto o que você tá fazendo comigo, você era quase da família". E a gente não é da família de ninguém, a gente tem a nossa família, a gente quer nossos direitos cumpridos. Mas tem um assédio moral. É uma frase que... É o verdadeiro assédio moral. Faz isso pra poder nos escravizar.
(Pausa)
AL: Agora, eu queria pedir... Obrigada, dona Marli! Pra a tese, era isso. Eu queria pedir uma ajuda pra senhora, uma opinião. É... O projeto, a Fundação Itaú Bem Viver fez um processo de seleção de projetos de pesquisa pra financiamento. E aí eu submeti um projeto que fala sobre o deslocamento das trabalhadoras domésticas pela cidade e como isso impacta é... no seu processo de envelhecimento delas, dessas mulheres. Porque é, é... Já um pouco envolvida nas pesquisas sobre o trabalho doméstico, o que eu percebi é que muitas dessas mulheres, a maioria das trabalhadoras, né, moram distante dos seus trabalhos e perdem de ida...
CS: Dois, três anos...
AL: Mais duas ou três de volta.
CS: Quanto tempo você faz, Mara, até Niterói? (som ao fundo) Eu trabalhava no Jardim Botânico.
AL: Mas a senhora morava aqui em Nova Iguaçu?
CS: Moro em Mesquita.
AL: Nossa! E a senhora ia como? De trem, de ônibus?
CS: Trem, é... Eu pegava Kombi, ali da comunidade até a estação, da estação até São Cristóvão, de São Cristóvão até o Jardim Botânico.
AL: Que horas que a senhora saía de casa pra cumprir esse trajeto?
CS: Cinco, quatro e meia... Pra poder chegar cedo e sair cedo.
AL: Nossa... Então, aí eu submeti essa pesquisa, a pesquisa foi aprovada, e aí qual é a minha dificuldade agora? Encontrar pessoas que pudesse conversar a respeito, enfim, dar seus depoimentos assim bem nesse sentido aí que a senhora falou. E aí, a mentora da pesquisa sugeriu que eu fizesse isso por Whatsapp. Que localizasse essas pessoas e enviasse um questionário por Whatsapp pra conseguir mapear aí...
CS: Você já tem duas, precisa nem do Whastapp. (risos) Tu trabalha onde, ô, Fátima? (som ao fundo) Tijuca, aí... Mora onde, ô, Fátima?
AL: Peraí, calma aí, dona Marli. Calma aí, dona Marli, deixa eu mudar aqui o telefone. (risos)
CS: Todas as duas "mora" longe.

AL: É...
CS: Eu vou beber uma água, você quer também? Sempre joga bola para alguém. (risos)

ENTREVISTA TRANSCRITA – ESPERANÇA GARCIA, 64 ANOS

AL: Conte-me um pouco da sua história. Como o trabalho doméstico apareceu na sua vida?
MC: Vim do interior de Amargosa indicada por uma amiga do meu avô, para casa de uma senhora amiga dele para brincar com os filhos dela, com promessas de que iria me colocar na escola, porém nada disso aconteceu.
AL: Você teve outro trabalho antes de se tornar doméstica?
MC: Não, eu morava na roça e ajudava meus pais na plantação e com a casa.
AL: O que o trabalho doméstico significa para a senhora?
MC: É um trabalho como outro qualquer, porém não é valorizado como as demais categorias.
AL: Como a senhora conciliava o trabalho com sua vida pessoal? Como ficou a relação com a sua família?
MC: No início trabalhava direto na residência e dormia no local e, a cada seis meses eu retornava ao interior para visitar minha família e passava 15 dias por lá, após ficar adulta minha mãe veio para a capital ai eu pude visitá-la com mais frequência que era de 15 em 15 dias.
AL: A senhora acredita que o trabalho doméstico te privou de oportunidades ou te deu oportunidades? Por quê?
MC: Sim, na maioria das casas que fui trabalhar os empregadores só queria empregada que não estudasse e isso me privou de ir para a escola, fato que me prejudicou até hoje pois não desenvolvi aprendizagem.
AL: Alguma vez a senhora ouviu a expressão “quase da família”? Foi direcionado para a senhora? Se sim, o que sentiu? O que ela significa para senhora? Se não, sabe de alguém que tenha recebido esse tratamento? Como ela se sentiu?
MC: Sim, aconteceu comigo mesmo, minha patroa dizia que eu fazia parte da família, eu sen que não era verdade pois não podia sentar no sofá da sala e nem almoçar na mesa, sentava em banquinho no corredor e às vezes assistir a TV.
AL: A senhora envelheceu trabalhando como doméstica?
MC: SIM, sempre trabalhei como doméstica, às vezes quando desempregada, vendia balas no ônibus e lanches na praia e lojas.
AL: Os anos de trabalho trouxeram consequências para sua saúde/envelhecimento?
MC: Sim, no decorrer da minha jornada de trabalho fui muito prejudicada pois era muito puxado e isso me ocasionou lesões nas mãos, coluna (bico de papagaio) e também artrose nos joelhos a LER (dedo de gatilho), bursite e alergia por conta de produtos agressivos de limpeza, comecei fazer tratamento de fisioterapia e continuo até hoje.
AL: E a pandemia de COVID-19, como a senhora passou por esse momento? A senhora teve COVID? Como foi?
MC: Logo no começo foi muito difícil entender pois tinha que ficar isolada de todos e da minha família, não podia visitar minha mãe nem os parentes, principalmente porque eu já estava com 62 anos de idade; Graças a Deus não peguei esse vírus, alguns dos meus da família pegaram de forma mais leve, sem mortes pois trabalhava na área da saúde, porém, perdi alguns amigos inclusive do sindicato.

ENTREVISTA TRANSCRITA – ANASTÁCIA, 47 ANOS

AL: Conte-me um pouco da sua história. Como o trabalho doméstico apareceu na sua vida?
AG: Minha infância foi com meus avós maternos na minha cidade natal, Santo Eduardo (13° distrito de Campos). Minha mãe veio trabalhar no Rio quando completei cinco anos. Aos 13 anos, presenciei todas as dificuldades que meus avós tinham em manter a casa mesmo com ajuda mensal que minha mãe enviava. Minha avó era diabética, passou por duas cirurgias de catarata e acabou perdendo parte da sua visão, naquela época não tinha o risco cirúrgico. Enfim devido todas essas privações, queria ter as minhas coisas, poder me arrumar como minhas amigas que tinham pais e uma vida pouco melhor. Minha vó ficou muito triste quando minha mãe foi me buscar, mas sempre que podíamos íamos vê-la. Aos 13 anos surgiu uma oportunidade de trabalhar como auxiliar de serviço doméstico e babá de três meninas, foi quando comecei a trabalhar com trabalho doméstico
AL: Você teve outro trabalho antes de se tornar doméstica?
AG: Trabalhei na fábrica da antiga Inega como jovem aprendiz como estoquista sem carteira assinada ganhando uma miséria.
AL: O que o trabalho doméstico significa para a senhora?
AG: Tudo, foi dele que tirei meu sustento, dos meus filhos e da minha família. Quando meus filhos nasceram foi muito difícil conciliar o trabalho, fiquei uns meses em casa, mas depois não aguentei ficar passando e vendo meus filhos passarem por privações pois só o salário do meu companheiro na época não dava para manter a casa.
AL: Como a senhora conciliava o trabalho com sua vida pessoal? Como ficou a relação com a sua família?
AG: Voltei a trabalhar e minha patroa permitiu que eu os levasse para o trabalho, porém foi muito sofrimento. Meu patrão se irritava com a presença dos meus filhos. Tive que ver vizinhas que cuidavam de crianças em casa, meus filhos sofreram muito porque algumas casas que passaram eram maltratados. Por fim, consegui que uma vizinha ficasse na minha casa e eles tinham idade de escola. Nessa época meus avos vieram morar no Rio na casa da minha mãe e meu avô e minha tia ajudavam olhando. Eu dormia três dias no trabalho e os outros retornava para casa, mas chegava exausta a viagem era cansativa e as horas de trabalho também. Não acompanhei meus filhos como gostaria; teve festinha de escola que não participei.
AL: A senhora acredita que o trabalho doméstico te privou de oportunidades ou te deu oportunidades? Por quê?
AG: O trabalho doméstico me privou de oportunidades porque trabalhávamos mais de oito horas por dia, sem horário de almoço, com um extremo cansaço físico e mental. A oportunidade de ter algum direito garantido veio depois da PEC das domésticas que garantia direitos como outros trabalhadores, quando minha patroa começou pagar o FGTS que consegui mais tarde comprar meu apartamento pelo financiamento da caixa no primeiro governo Lula.
AL: Alguma vez a senhora ouviu a expressão “quase da família”? Foi direcionado para a senhora? Se sim, o que sentiu? O que ela significa para senhora? Se não, sabe de alguém que tenha recebido esse tratamento? Como ela se sentiu?
AG: Essa conversa de ser da família acho todas as empregadas já escutaram, minha última patroa falava muito isso pra mim, tinha muito carinho mesmo. Porém, o filho dela não gostava muito só quando precisou de mim após a morte de sua mãe. Durante um tempo, me iludia com isso depois em alguns momentos difíceis de saúde que passei que vi que o que importava era meu trabalho. Aprendi a me colocar como trabalhadora e não amiga.
AL: A senhora envelheceu trabalhando como doméstica? Os anos de trabalho, trouxeram consequências para sua saúde/envelhecimento?
AG: Eu consegui sair do trabalho de doméstica aos 33 anos com a morte da minha patroa, mas fiquei fazendo congelados pra fora, faxinas para depois trabalhar como cuidadora de idosos. Minha saúde foi afetada por minhas varizes de carregar muito peso e horas em pé.
AL: E a pandemia de COVID-19, como a senhora passou por esse momento? A senhora teve COVID? Como foi?
AG: Tive covid na pandemia, fiquei internada por vinte dias porque desenvolvi uma trombose na perna esquerda. Foi horrível, só pensava nos meus filhos e como essa sociedade é injusta com a classe trabalhadora.

AL: A senhora acredita ser possível ter relações afetuosas recíprocas no trabalho doméstico?
AG: Eu gostava muito da minha segunda e da última patroa e elas também gostavam de mim, a segunda eu ainda era uma adolescente de 16 anos; ela me incentivava a estudar e terminar o ensino fundamental a noite na escola perto do trabalho. Naquela época ficávamos a semana toda no trabalho e só voltava para casa no sábado depois de servir o almoço. Ela morreu e senti muita falta dela pois conversávamos muito ela dizia que eu deveria buscar outras coisas porque era inteligente, minha última deixou em testamento que quitassem meu apartamento caso ela falecesse os filhos fizeram.

Anexo D – **MANIFESTO DAS FILHAS E DOS FILHOS DE EMPREGADAS (OS) DOMÉSTICAS (OS) E DIARISTAS**

Ao poder público, empregadores e empregadoras de domésticas e diaristas, e toda sociedade civil.

Esta carta manifesto tem como objetivo acionar a política do bem comum, em que ações individuais são primordiais para o bem-estar da coletividade. Levamos em consideração que, segundo a OMS, estamos inseridas(os) em uma pandemia, com recomendações internacionais de ficarmos em isolamento se quarentenas voluntárias, sendo necessária, momentaneamente, a restrição do convívio social. E ao constatarmos que nossas familiares que são empregadas domésticas e diaristas continuam trabalhando normalmente, salientamos a **EMERGÊNCIA** de atender à quarentena estipulada pelas autoridades e reivindicamos a **DISPENSA REMUNERADA** das empregadas domésticas e diaristas pelos empregadores para que, assim, cumpram com as exigências de precaução no combate à propagação contagiosa do COVID-19. O isolamento social é crucial e vai muito além da relação trabalhista. É uma maneira eficaz de evitar a exposição à aglomeração em transportes públicos e outras situações que favorecem a contaminação em massa, levando ao contágio comunitário, como já vem acontecendo. Fato que traz riscos aos empregadores e aos empregados. Em Miguel Pereira, sul do Estado do Rio de Janeiro, uma senhora de 63 anos veio a óbito infectada pelo novo coronavírus. A mesma continuou a trabalhar como empregada doméstica na casa de sua empregadora, no RJ, que já havia sido diagnosticada como COVID-19, ao voltar de uma viagem à Itália. As empregadas domésticas pertencem a uma categoria de trabalhadoras que representam o Brasil. Segundo o IBGE, profissionais que prestam serviços domésticos – o que pode incluir jardineiros, caseiros, empregadas domésticas e diaristas – representam um total de 6,3 milhões de trabalhadores. Todos esses profissionais estão economicamente ativos no País. Desse grupo, 1,5 milhão trabalham com carteira assinada. Outros 2,3 milhões de trabalhadores atuam sem carteira assinada e 2,5 milhões são diaristas, o que as torna um grupo vulnerável diante do cenário atual. A situação de pandemia indica que o maior número de trabalhadores neste momento (de grande risco de contágio) estão desamparados por leis trabalhistas. As diaristas estão em situação ainda mais precária e vulnerável, sem contratos legais que possibilitem, por exemplo, negociar adiantamento de férias. Por isso, encontram ainda mais obstáculos em se manterem e garantirem a segurança de seu coletivo familiar, pois recebem por dia trabalhado. Há anos nossas mães, avós, tias, primas dedicam suas vidas a outras famílias, somos todas(os) afetadas(os) por essa

“relação trabalhista” de retrocesso e modos escravistas. Tivemos nossas vidas marcadas por esse contexto, que precisa ser repensado por toda sociedade, sobretudo, pelos empregadores. Nesse contexto, nós, filhas e filhos de empregadas domésticas e diaristas, vivenciamos os incômodos relatados por nossas parentes:

1. “No meu caso, minha vó trabalhou anos em uma casa de família. Ela tinha seus 63 anos, chegava lá às 6h duas vezes na semana, depois passou a cozinhar, a passar, a lavar terraço… Ganhando apenas R$100, sem a passagem. Em janeiro ela veio a óbito e a mensagem recebida pelo WhatsApp foi “Dona Conceição, arrumei outra pessoa para pôr no seu lugar, já que a senhora não veio mais, a minha casa tá toda suja porque as paredes foram pintadas.” **Nicole Nascimento, Japeri/RJ**;

2. “Minha mãe trabalha desde os 6 anos de idade como doméstica e diarista, e a vi muitas vezes ir trabalhar doente para manter seus compromissos. Mesmo falando sobre os riscos do Corona, ela não tem como faltar com risco de ser demitida. As domésticas estão correndo grandes riscos e também são uma grande possibilidade de contágio, principalmente nos transportes nas metrópoles”. **Marcelo Rocha – Mauá/SP;**

3. “Mainha é diarista todo dia uma casa diferente, nesta segunda feira quando explodiu o lance do coronavírus meu irmão me manda um zap dizendo que a nossa mãe não queria entrar em casa pois a patroa teria dito a ela que estava com febre e que era para minha mãe ficar atenta. Esse episódio fez mainha tomar um banho de álcool em gel, não por desinformação era por DESESPERO de alguém que ela ama dentro de casa pegar o coronavírus. **Yane Mendes, 28 Anos- Totó-Recife PE;**

4. “Me recordo de várias histórias, do trabalho excessivo, da sobrecarga e ainda presencio ela trabalhando com 66 anos de idade mesmo aposentada. Uma vez aconteceu uma situação, uma não, várias vezes, ela precisou se ausentar do trabalho por motivo de doença e pediu para que ligasse avisando da sua falta, assim fiz e ouvi: “Mas quando sua mãe vai voltar?” Na hora minha resposta foi certeira: “Simples, quando ela melhorar!”. **Laura Cristina, 29 anos- Santa Luzia/MG.**

Dito isto, apresentamos medidas concretas que podem e precisam ser cumpridas pelos empregadores, visando o bem comum, sendo elas:

- Dispensa remunerada imediata de domésticas, com carteira assinada ou informais, e de diaristas;
- Adiantamento das férias em sua totalidade ou de forma parcial;
- Caso o empregado more na casa do empregador e esteja em grupo de risco, o mesmo não poderá ser colocado em situações de risco de contágio, como: ir a supermercados, farmácias, shoppings e demais espaços públicos, evitando assim, quaisquer tipos de aglomerações.

Esta carta é assinada por filhas e filhos de empregadas domésticas e diaristas que prezam pela saúde, cuidado, coletivo e para além de tudo a vida de suas mães!

Brasil, março de 2020

#QuarentenaRemuneraJa
#PelaVidadasDomesticas
#PelaVidadeNossasMães

Anexo E – **MANIFESTO POR UMA POLÍTICA NACIONAL DE CUIDADOS QUE ENFRENTE AS DESIGUALDADES PAUTADA NO BEM VIVER**

MANIFESTO

Por uma Política Nacional de Cuidados que enfrente as desigualdades pautada no Bem Viver

Quem somos

Somos mulheres organizadas em movimentos diversos, aliadas e parceiras em muitas lutas. Desde o início deste novo ano e ciclo de esperança e de confiança na reconstrução do Brasil, nós temos nos reunido para refletir e elaborar conjuntamente o que deve compor uma política pública de cuidados, desde uma perspectiva feminista antirracista para o Bem Viver.

Porque

Construímos este espaço porque queremos discutir a política nacional de cuidados, ser parte de sua elaboração e desenvolvimento. A história de luta dos movimentos feministas antirracistas e de mulheres negras tem denunciado insistentemente a divisão sexual, racial e social do trabalho. O trabalho doméstico e de cuidado realizado pelas mulheres, majoritariamente pelas trabalhadoras negras, periféricas, rurais, tem sido invisibilizado, desvalorizado, naturalizado e super explorado.

Denunciamos que a exploração do nosso trabalho doméstico e de cuidado se sustenta em relações de dominação/subordinação - gênero, classe, raça e etnia - que falseiam resultados macroeconômicos em termos de gasto, receita e endividamento públicos dentro da lógica da austeridade fiscal. Resultados falsos porque, como bem revela a economia feminista, escondem a imensa contribuição do trabalho de cuidado realizado pelas mulheres e adolescentes. Segundo dados da OXFAM 2019, mulheres e meninas em todo o mundo dedicam 12,5 bilhões de horas, todos os dias, ao trabalho de cuidado não remunerado – uma contribuição de pelo menos US$ 10,8 trilhões por ano à economia global. No Brasil essa realidade não é diferente, trata-se de uma enorme injustiça cometida contra as mulheres, desresponsabilizando as corporações empresariais, as finanças e políticas públicas das suas obrigações com a promoção da justiça e da igualdade para e entre as mulheres e com a garantia do direito das pessoas ao cuidado.

Como?

Reivindicamos pois, que o enfrentamento das desigualdades vividas pelas mulheres sejam elemento central não só da Política Nacional de Cuidados, mas também uma diretriz orientadora do novo Plano Plurianual 2024-2027 e de todo o Ciclo Orçamentário. Diretriz e política que reivindicamos sejam construídas com a participação dos movimentos de mulheres, feminista, antirracista, de trabalhadoras domésticas e cuidadoras. E, da mesma forma, sejam monitoradas e avaliadas em suas estratégias e metas, bem como na execução dos recursos públicos investidos para o seu desenvolvimento. Não faz sentido seguirmos aceitando uma política de cuidado onde continuemos sendo as exclusivas encarregadas dos cuidados, meros instrumentos para os fins dos outros, sem direitos nem reconhecimento.

Para quê?

Para promover a justiça e à igualdade, o enfrentamento da pobreza e da fome, nossos movimentos se articulam para exigir o indispensável reconhecimento e compartilhamento pelo Estado das atividades de reprodução social, possibilitando que o trabalho não remunerado, realizado na esfera doméstico-familiar e no âmbito comunitário quase que exclusivamente pelas mulheres, seja efetivamente assumido e reconhecido pelo Estado.

O cuidado é uma necessidade humana. Somamos nossas forças para assegurar a instalação de infraestrutura social do cuidado, em caráter prioritário, a responsabilidade do Poder Público com a garantia de direitos trabalhistas, previdenciários, sociais, econômicos, culturais e ambientais, sobretudo e urgentemente para as mulheres racializadas, sujeitas a múltiplas formas de discriminação e exploração é indispensável.

É bom lembrar que durante a pandemia, predominantemente, fomos nós as mulheres, como ativistas, profissionais, ou como pontos fundamentais das redes de afeto e de solidariedade que garantimos a sustentação da vida nas nossas famílias e comunidades, tecendo e mantendo vínculos e coletividades, sustentando e construindo alianças para assegurar o cuidado indispensável à sobrevivência no cotidiano e para esperançar o Bem Viver.

Não custa lembrar que a primeira morte causada pela Covid-19 no Estado do Rio de Janeiro, foi de uma mulher negra trabalhadora doméstica de 63 anos, sua morte ocorreu pelas ausências de cuidados durante toda sua vida, incluindo direitos trabalhistas e previdenciários, o direito de ficar em casa em quarentena remunerada, protegendo sua saúde.

Não podemos esquecer que, nesse mesmo período, as mulheres foram gravemente afetadas pelo aumento da jornada de trabalho e sua precarização incentivada pela ausência do Estado, o crescimento do desemprego nas periferias pretas, o agravamento das violências a que mulheres e meninas ficaram expostas, presas em casa com seus agressores, sem qualquer investimento federal para abrir canais de denúncia e garantir mecanismos de proteção.

A realidade do trabalho das mulheres do campo, das florestas e das águas que cotidianamente enfrentam as adversidades em seus territórios, sacrificando a saúde física e mental para sobreviver à crise gerada pelo capitalismo extrativista que avança sobre os bens coletivos, causando desastres, envenenando a terra, a água os alimentos e a vida.

O que defendemos e reivindicamos:

É neste sentido que o feminismo antirracista que nos reúne nos organiza em luta contra todas as formas de opressão e exploração, para sustentar o debate sobre a criação da Política Nacional de Cuidados como política pública capaz de garantir às pessoas este direito e reduzir drasticamente as desigualdades sociais, de gênero, raça, etnia, de condição física e mental, geracional e tantas outras. Para que isso aconteça, é fundamental o fortalecimento de políticas públicas estruturantes como:

- A ampliação da rede de educação em tempo integral com a garantia de oferta de atividades de esporte, cultura e alimentação adequada e saudável e o cumprimento das metas do Plano Nacional de Educação de, até 2024 disponibilizar 50% de vagas para crianças de 0 a 4 anos.
- Na saúde, o fortalecimento do SUS voltado para linha de cuidados e prevenção às doenças em todas as fases da vida, buscando o acúmulo das políticas para as mulheres já preconizadas no **PNAISM**; na Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN); Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (Pnaspi), entre outras, são políticas fundamentais para proteger populações e setores vulnerabilizados.
- A geração de trabalho com direitos, o fortalecimento da economia solidária e feminista majoritariamente realizada por mulheres.
- Políticas de habitação que contemplem o conceito amplo de morar viver e conviver, livres das violências na perspectiva de direito à cidade com mobilidade, saneamento e infraestrutura nos territórios.
- É necessário assegurar acesso público à água potável, o direito à alimentação adequada e saudável; o fortalecimento da agricultura camponesa, das cozinhas comunitárias e a ampliação de restaurantes populares nas regiões em situação de vulnerabilidade e insegurança alimentar.
- Assistência social com capacidade de acolher e atender a quem dela necessitar de forma articulada às outras políticas.
- Criação de equipamentos públicos de convivência e cuidado para pessoas idosas.
- Políticas públicas de atenção e cuidado com as pessoas com deficiência de todas as idades.
- Instalação de infraestrutura pública social de cuidados, dirigindo e priorizando investimentos das agências de fomento (BNDES, CEF, Banco do Brasil entre outros) e recursos dos Orçamentos Públicos para o seu financiamento, bem como desenhando a política de geração de emprego para atender também a este objetivo.
- Garantia de proteção trabalhista e previdenciária às trabalhadoras que vivem do trabalho informal, retomando esforços para o cumprimento dos direitos das trabalhadoras domésticas Articulação da Política Nacional de Cuidados às políticas de proteção da sociobiodiversidade porque são as mulheres negras, periféricas, camponesas e indígenas que são as principais vítimas das do racismo ambiental e das consequências do aquecimento global.

FÓRUM FEMINISTA ANTIRRACISTA POR UMA POLÍTICA NACIONAL DE CUIDADOS

FÓRUM FEMINISTA ANTIRRACISTA POR UMA POLÍTICA NACIONAL DE CUIDADOS

Articulação de Mulheres Brasileiras

Articulação de Mulheres do Amapá

Articulação de Mulheres Negras Brasileiras

Associação das Donas de Casa da Bahia

Campanha Nacional pelo Direito à Educação

Casa 8 de Março de Tocantins

Centro de Referência Indígena do RS

CFEMEA

Coletivo de Economia Solidária Afro Aya RS

Coletivo de Economia Solidária D'versas RS

Coletivo Feminista Helen Keller

Coletivo de Mulheres do Calafate

Coletivo Feminino Plural

Coletivo Filhas da Mãe

30 anos Criola

Curumim – Por todas as mulheres · Por todos os direitos

Fenatrad – Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas – Fundada em 1997

Federação de Doulas do Brasil

Fórum Estadual das Mulheres Negras Trabalhadoras da Economia Popular Solidária do Rio Grande do Sul - FESPOPE

Fórum de Mulheres Maranhenses

Inesc

Núcleo/SC

MMC Brasil – Movimento de Mulheres Camponesas

mieib – Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil

Movimento Alequê

Querela

Jornalistas Feministas

Rede Nacional de Mães e Familiares de Vítimas de Terrorismo do Estado

Rede Nacional Feminista de Saúde – Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos

CUT Brasil

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – Brasil

SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia

30 Themis – Gênero Justiça Direitos Humanos

União Brasileira de Mulheres – UBM